

"Sanderson continua provando que é um dos
melhores autores de fantasia da atualidade."
— *Library Journal*



autor best-seller do *New York Times*

B R A N D O N S A N D E R S O N

MISTBÖRN

S E G U N D A E R A

OS BRACELETES DA PERDIÇÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



No confronto final entre Vin e o Senhor Soberano, os Braceletes da Perdição – como são conhecidas as mantes de metal do tirano – desapareceram. Depois da morte de seu antigo dono, os Braceletes se tornaram lenda e mistério – acredita-se que quem os tiver controlará todos os poderes do Senhor Soberano.

Agora, séculos depois, um pesquisador kardia finalmente encontra pistas do paradeiro do artefato, mas é brutalmente atacado e perde a sanidade. Tudo o que consegue apresentar são imagens parecidas com os Braceletes e textos em linguas desconhecidas. Cabe então a Wax e sua equipe a tarefa de descobrir a identidade dos agressores e encontrar a relíquia antes que ela caia em mãos erradas.

Em meio a tudo isso, agravada pelos eventos de *As sombras de si mesma*, a relação entre as cidades externas e Elendel vai de mal a pior. Cansadas de pagar tributos a Elendel e ao seu governo corrupto, elas tramam uma separação definitiva.

Lendas antigas e desordem política dão ignição a este volume explosivo de "Mistborn – Segunda Era". O que ele revela transformará todos os conceitos que temos sobre esse mundo. Afinal, sempre há outro segredo.



MISTBORN:
SEGUNDA ERA
OS BRACELETES DA PERDIÇÃO

Títulos passados na Cosmere

Elantris

Mistborn – Nascidos da Bruma

O Império Final

O Poço da Ascensão

O Herói das Eras

Mistborn – Segunda Era

A liga da lei

As sombras de si mesmo

Os Braceletes da Perdição

BRANDON SANDERSON

MISTBORN:
SEGUNDA ERA
OS BRACELETES DA PERDIÇÃO

Tradução
Alexandre Martins



Copyright © Dragonsteel Entertainment, LCC, 2016, conforme edição original.

Todos os direitos reservados.

© Brandon Sanderson

Os direitos morais do autor foram afirmados.

Tradução para a Língua Portuguesa © 2017 Casa da Palavra/LeYa, Alexandre Martins

Título original: *The Bands of Mourning: A Mistborn Novel*

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Preparação: Elisa Nogueira

Revisão: Pedro Staite

Diagramação: Filigrana

Capa: Leandro Dittz

Ilustração de capa: Marc Simonetti

Curadoria: Affonso Solano

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

S198b

Sanderson, Brandon, 1975-

Os braceletes da perdição / Brandon Sanderson; tradução Alexandre
Martins. – Rio de Janeiro : LeYa, 2017.
(Mistborn : segunda era)

Tradução de: The bands of mourning

Sequência de: As sombras de si mesmo

ISBN 978-85-441-0649-5

1. Ficção fantástica americana. I. Martins, Alexandre. II. Título. III. Série.

17-45785

CDD 813

CDU 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados à

EDITORIA CASA DA PALAVRA

Avenida Calógeras, 6 | sala 701

Para Ben Olsen,
que continua aturando um bando de amigos escritores malucos e
ainda encontra tempo para tornar nossos livros melhores.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE

1

2

3

4

SEGUNDA PARTE

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

TERCEIRA PARTE

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

EPÍLOGO

POST-SCRIPTUM

ARS ARCANUM

AGRADECIMENTOS

Este livro sai [nos Estados Unidos] no ano que marca o décimo aniversário da série Mistborn. Considerando todas as outras coisas que tenho feito, parece que seis livros em dez anos é uma realização grandiosa! Ainda me lembro dos primeiros meses, escrevendo furiosamente, tentando produzir algo que realmente demonstrasse o que posso fazer como escritor. Mistborn: Nascidos da bruma se tornou uma de minhas melhores séries, e espero que considerem que este volume merece ingressar no cânone.

Como sempre, este livro envolveu os esforços de um grande número de pessoas. Há a excelente arte de Ben McSweeney e Isaac Stewart — mapas e ícones de Isaac e toda a arte dos jornais feita por Ben. Ambos também ajudaram muito com o texto do jornal, e o próprio Isaac escreveu a matéria sobre Nicki Savage — já que a ideia era ter Jak vendendo seus serviços, queríamos dar a isso um novo tom. Acho que o resultado foi ótimo!

O trabalho editorial foi feito por Moshe Feder na Tor, com Simon Spanton controlando o projeto na Gollancz, no Reino Unido. Entre os agentes no projeto estão Eddie Schneider, Sam Morgan, Krystyna Lopez, Christa Atkinson e Tae Keller na Jabberwocky, nos Estados Unidos, tudo supervisionado pelo impressionante Joshua Bilmes. No Reino Unido, vocês podem agradecer a John Berlyne, da Zeno Agency, um cara incrível que trabalhou duro por muitos anos até finalmente colocar meus livros no Reino Unido.

Na Tor Books, a editora americana que publicou este livro, eu também gostaria de agradecer a Tom Doherty, Linda Quinton, Marco Palmieri, Karl Gold, Diana Pho, Nathan Weaver e Rafal Gibek. A preparação do texto foi feita por Terry McGarry. O locutor do audiolivro é Michael Kramer, meu narrador predileto, e um que sei que provavelmente estou deixando enrubescido neste momento, já que ele terá que ler esta frase para todos vocês que escutam. Na Macmillan Audio, eu gostaria de agradecer a Robert Allen, Samantha Edelson e Mitali Dave.

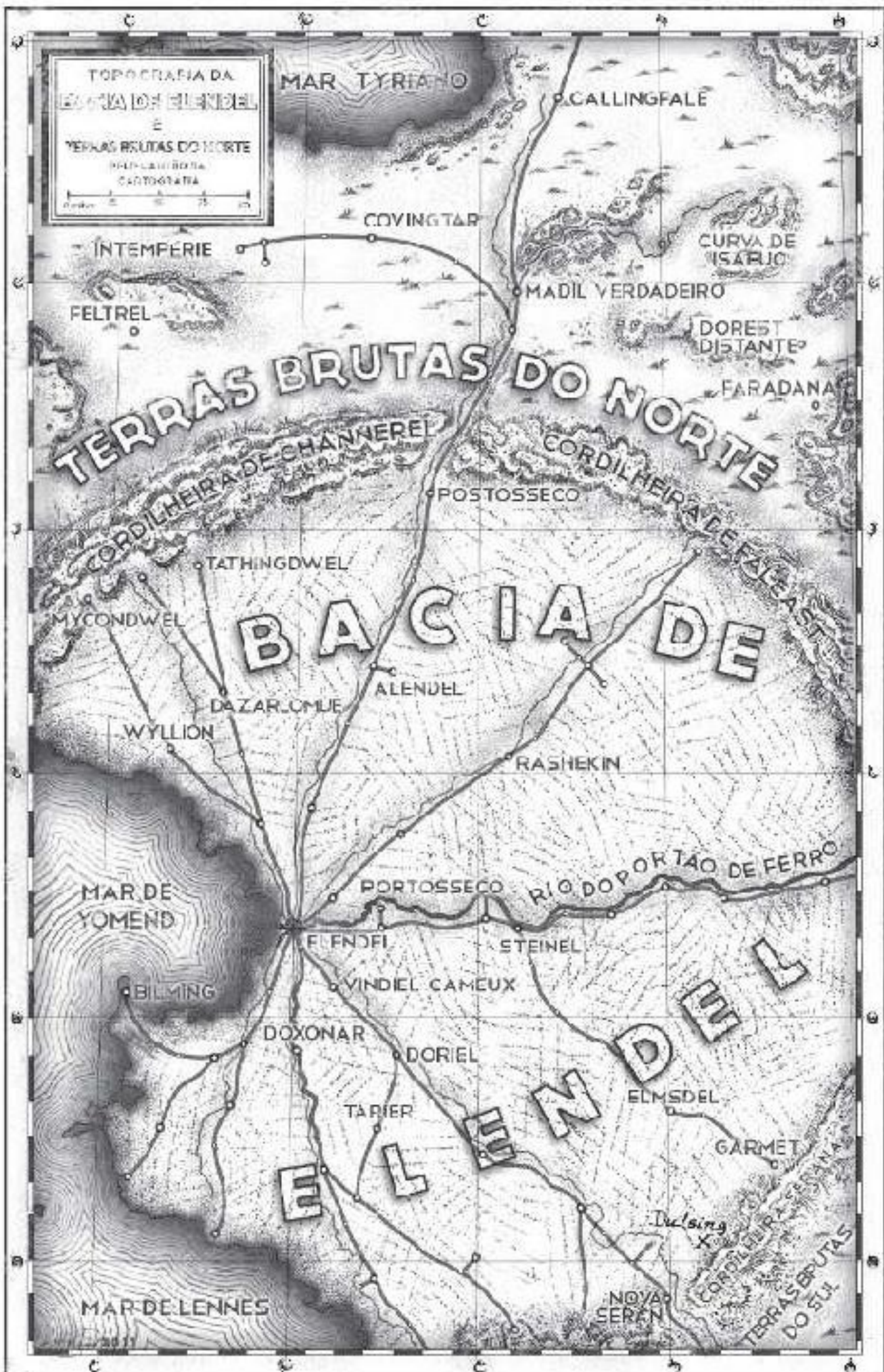
Continuidade, *feedbacks* sobre todos os assuntos e inúmeros outros trabalhos foram feitos pelo imaculado Peter Ahlstrom. Também trabalham na minha equipe Kara Stewart, Karen Ahlstrom e Adam Horne. E, claro, minha adorável esposa, Emily.

Nós nos apoiamos ainda mais em meus leitores beta para este volume, já que o livro não teve a oportunidade de passar pelo grupo de escrita. Essa equipe é composta por Peter Ahlstrom, Alice Arneson, Gary Singer, Eric James Stone, Brian T. Hill, Kristina Kugler, Kim Garrett, Bob Kluttz, Jakob Remick, Karen Ahlstrom, Kalyani Poluri, Ben “uau, este livro é dedicado a mim, vejam como sou importante” Olsen, Lyndsey Luther, Samuel Lund, Bao Pham, Aubree Pham, Megan Kanne, Jory Phillips, Trae Cooper, Christi Jacobsen, Eric Lake e Isaac Stewart. (Para quem estiver se perguntando, Ben foi um dos membros fundadores do meu grupo de escrita original, junto com Dan Wells e Peter Ahlstrom. Ele é um cara de computador e o único de nós que não pretendia trabalhar com a publicação de livros, além de um leitor valioso e um amigo de muitos anos. Ele me apresentou à série Fallout, então também tem isso.) A comunidade de revisores incluiu muito dos nomes citados acima, e mais Kerry Wilcox, David Behrens, Ian McNatt, Sarah Fletcher, Matt Wiens e Joe Dowswell.

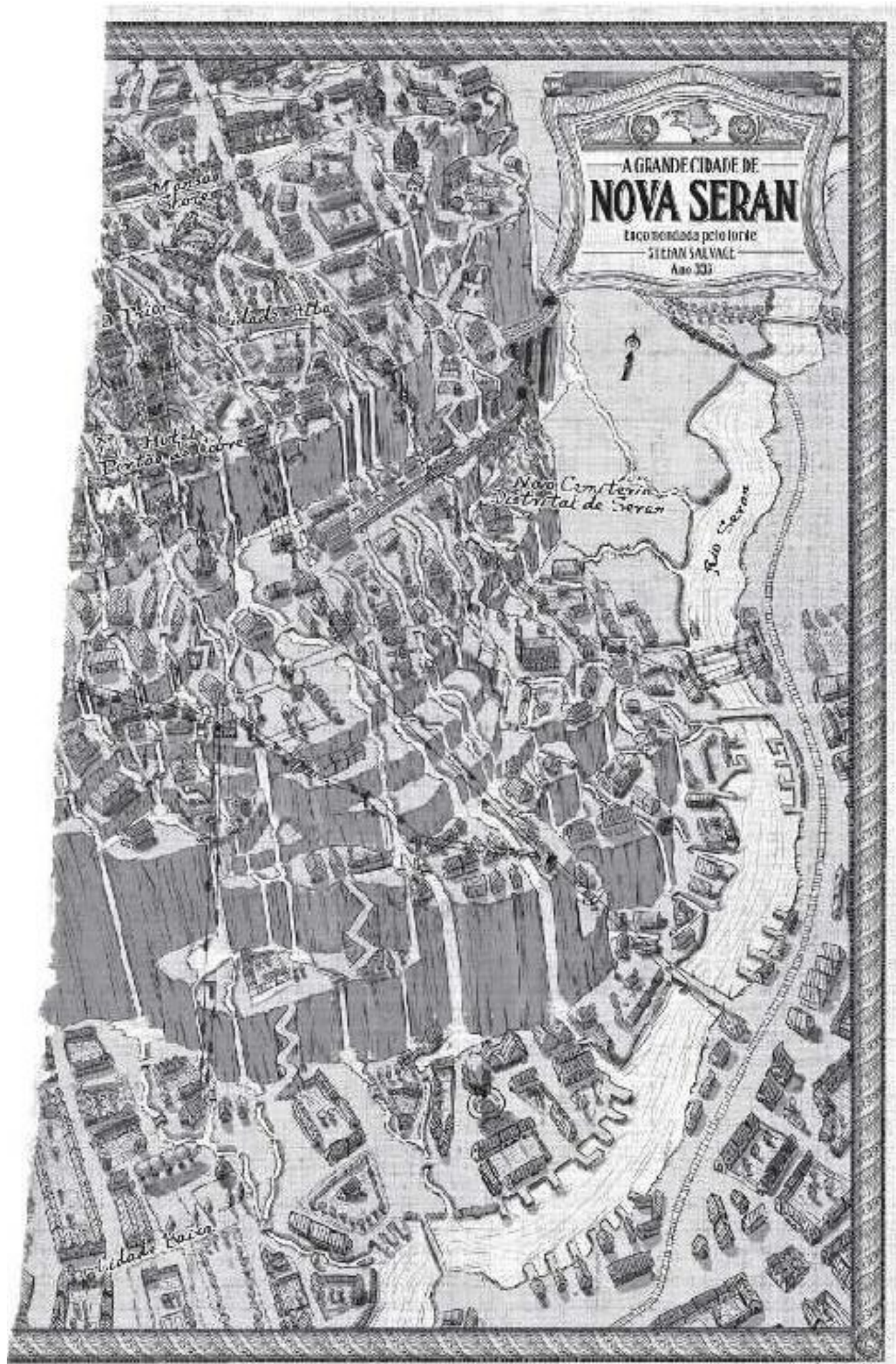
Bem, já falei bastante! Esse pessoal é maravilhoso, e se você comparar meus primeiros livros com os seguintes, acho que descobrirá que a ajuda dessas pessoas tem sido inestimável não apenas acabando com erros de digitação, mas também me ajudando a amarrar as narrativas. Finalmente, eu gostaria de

agradecer a vocês, leitores, por ficarem comigo por esses dez anos, dispostos a aceitar as ideias estranhas que apresento a vocês. A série Mistborn: Nascidos da bruma não chegou nem à metade da evolução que planejei para ela. Mal posso esperar que vocês vejam o que vem pela frente, e é neste livro que parte disso finalmente começará a ser revelado.

Aproveitem!







PRÓLOGO



— Telsin! — sussurrou Waxillium, esgueirando-se para fora da cabana de treinamento.

Olhando para trás, Telsin se encolheu e agachou mais. Com dezesseis anos, a irmã de Waxillium era um ano mais velha que ele. Seu cabelo escuro comprido emoldurava um nariz arrebitado e lábios apertados, e desenhos coloridos em V cobriam a frente de sua túnica terrisana tradicional. Elas sempre pareciam cair bem nela, de um modo que as dele nunca conseguiam. Em Telsin eram elegantes. Waxillium se sentia como se vestisse um saco.

— Vá embora, Asinthew — disse ela, contornando lentamente a lateral da cabana.

— Você vai perder a recitação noturna.

— Não vão notar que fui embora. Eles nunca conferem.

Dentro da cabana, mestre Tellingdwar tagarelava sobre as corretas atitudes terrisanas: submissão, humildade e o que chamavam de “dignidade respeitosa”. Falava para os alunos mais jovens; os mais velhos, como Waxillium e sua irmã, deveriam estar meditando.

Telsin afastou-se, movendo-se pela área arborizada de Elendel identificada apenas como a Vila. Waxillium se sentiu desconfortável, mas depois se apressou atrás da irmã.

— Você vai se colocar em apuros — disse ele ao alcançá-la. Seguiu-a enquanto contornava o tronco de um enorme carvalho. — Você vai *me* colocar em apuros.

— E? — retrucou ela. — Qual é o problema com você e regras?

— Nenhum — respondeu ele. — Eu só...

Ela entrou na floresta. Ele suspirou e foi atrás. Finalmente, encontraram três outros jovens terrisanos: duas garotas e um garoto alto. Kwashim, uma das garotas, examinou Waxillium de alto a baixo. Tinha pele escura e era esguia.

— Você trouxe *ele*?

— Ele me seguiu — retrucou Telsin.

Waxillium sorriu para Kwashim, esperançoso, e depois para Idashwy, a outra garota. Tinha olhos bem separados e a idade dele. E, por Harmonia... era deslumbrante. Ela notou a atenção dele, piscou algumas vezes e desviou os olhos, um sorriso tímido nos lábios.

— Ele vai nos delatar — disse Kwashim, desviando a atenção de Waxillium. — Você sabe que vai.

— Não vou — retrucou Waxillium.

Kwashim olhou feio para o garoto.

— Você pode acabar perdendo a aula noturna. Quem vai responder a todas as perguntas? Vai ficar um silêncio ferrado na sala sem ninguém para bajular o professor.

Forch, o garoto alto, estava de pé nas sombras. Waxillium não olhou para ele, não encarou seus olhos. *Ele não sabe, certo? Não tem como saber.* Forch era o mais velho deles, mas raramente dizia muito.

Ele era um Duplonato, como Waxillium. Não que qualquer um deles usasse muito sua Alomancia

naqueles dias. Na Vila, era seu lado terrisano — sua Feruquemia — que era valorizado. O fato de que tanto ele como Forch eram Lançamoedas não importava para os terrisanos.

— Vamos indo — disse Telsin. — Chega de discutir. Provavelmente não temos muito tempo. Se meu irmão quiser ir junto, tudo bem.

Eles a seguiram sob as copas das árvores, os pés fazendo as folhas estalarem. Com tanta folhagem, era fácil esquecer que estavam no meio de uma cidade enorme. Os sons de homens gritando e de cascos com ferraduras batendo nos paralelepípedos estavam distantes, e não era possível ver ou cheirar a fumaça ali. Os terrisanos se esforçavam muito para manter sua parte da cidade tranquila, silenciosa e pacífica.

Waxillium deveria amar aquilo.

O grupo de cinco jovens logo se aproximou do Salão do Sínodo, onde os anciãos terrisanos mais importantes tinham seus escritórios. Telsin acenou para que o grupo esperasse enquanto ela corria até uma janela específica para escutar o que acontecia lá dentro. Waxillium se viu olhando ao redor, ansioso. A noite chegava, a floresta ficava escura, mas *qualquer um* podia passar por ali e flagrá-los.

Não se preocupe tanto, disse a si mesmo. Ele precisava participar das travessuras deles, como a irmã fazia. Então o veriam como um deles. Certo?

Suor escorria pelas laterais do seu rosto. Perto, Kwashim se apoiava numa árvore, totalmente despreocupada, um sorriso debochado brotando em seus lábios ao notar como ele estava nervoso. Forch permanecia nas sombras, sem se agachar, mas, *ferrugem!*, com toda a emoção que demonstrava, ele poderia muito bem ser uma das árvores. Waxillium encontrou os olhos grandes de Idashwy, que enrubescceu, desviando o olhar.

Telsin se esgueirou de volta até eles.

— Ela está lá dentro.

— Aquele é o escritório da nossa avó — disse Waxillium.

— Claro que é — concordou Telsin. — E ela foi chamada ao escritório por causa de uma emergência. Certo, Idashwy?

A garota calada anuiu.

— Eu vi a anciã Vwafendal passar correndo pela minha sala de meditação.

Kwashim sorriu.

— Então ela não estará vigiando.

— Vigiando o quê? — perguntou Waxillium.

— O Portão de Estanho — respondeu Kwashim. — Podemos sair para a cidade. Vai ser mais fácil dessa vez!

— Dessa vez? — reagiu Waxillium, olhando para Kwashim e depois para a irmã, horrorizado. — Vocês já fizeram isso *antes*?

— Claro — respondeu Telsin. — É difícil conseguir uma bebida boa na aldeia. Mas há ótimos pubs a duas ruas daqui.

— Você é *de fora* — disse Forch ao se aproximar dele. Falava lenta e deliberadamente, como se cada palavra exigisse consideração distinta. — Por que deveria se importar se saímos? Olhe, você está tremendo. Do que tem medo? Você passou a maior parte da vida lá fora.

Você é de fora, disse Forch. Por que sua irmã sempre conseguia se enturmar em qualquer grupo? Por que ele sempre tinha que ficar de fora?

— Não estou tremendo — retrucou Waxillium. — Só não quero me meter em apuros.

— Ele *vai* nos entregar — insistiu Kwashim.

— Não vou — devolveu Waxillium. *Pelo menos não por isso*, pensou.

— Vamos — disse Telsin, liderando o bando pela floresta até o Portão de Estanho, um nome elegante para algo que, na verdade, era apenas outra rua, embora tivesse um arco de pedra com gravações dos antigos símbolos terrisanos para os dezesseis metais.

Além dele havia um mundo diferente. Luminárias a gás brilhantes ao longo das ruas, meninos que vendiam jornais se arrastando para casa à noite com exemplares não vendidos debaixo dos braços, operários indo aos pubs agitados para beber algo. Na verdade, ele nunca conhecera aquele mundo; crescera numa mansão luxuosa, cheia de roupas finas, caviar e vinho.

Algo naquela vida simples o atraía. Talvez encontrasse *aquilo* ali. A coisa que ele nunca descobrira. A coisa que todos os outros pareciam ter, mas que ele não conseguia sequer identificar.

Os outros quatro jovens escaparam rapidamente, passando pela construção com janelas ensombrecidas onde Waxillium e a avó de Telsin normalmente estariam lendo àquela hora da noite. Os terrisanos não colocavam guardas nas entradas de seu domínio, mas *certamente* vigiavam.

Waxillium não foi, não ainda. Olhou para baixo, enrolando as mangas da túnica para expor os braceletes que usava como mentes de metal.

— Você vem? — chamou Telsin.

Ele não respondeu.

— Claro que não. Você nunca quer correr o risco de ter problemas.

Ela liderou Forch e Kwashim para fora, mas, surpreendentemente, Idashwy ficou para trás. A garota calada olhou para ele, inquisitiva.

Eu consigo fazer isso, pensou Waxillium. *Não é nada de mais*. Com a provocação da irmã soando em seus ouvidos, ele se obrigou a avançar e se juntou a Idashwy. Sentia-se mal, mas ficou ao lado dela, apreciando seu sorriso tímido.

— Então, qual foi a emergência? — perguntou a Idashwy.

— Ahn?

— A emergência que exigiu a presença da minha avó?

Idashwy deu de ombros, tirando a túnica terrisana, chocando-o brevemente até que visse que, por baixo, ela vestia saia e blusa convencionais. Ela jogou a túnica nos arbustos.

— Não sei bem. Vi sua avó correndo para o Salão do Sínodo e ouvi Tathed perguntando sobre o que tinha acontecido. Alguma espécie de crise. Estávamos planejando escapulir esta noite, então imaginei, sabe, que este seria um bom momento.

— Mas a emergência... — insistiu Waxillium, olhando por cima do ombro.

— Alguma coisa sobre um capitão da polícia vindo interrogá-la — respondeu Idashwy.

Um *policia*l?

— Vamos, Asinthew — disse ela, tomando sua mão. — Sua avó provavelmente se livrará logo daquele intruso. Já pode estar voltando para cá!

Ele ficou paralisado onde estava.

Idashwy o encarou. Aqueles olhos castanhos animados tornavam difícil pensar.

— Vamos — insistiu ela. — Escapulir não é nem mesmo uma infração. Você não *viveu* lá fora durante

catorze anos?

Ferrugem!

— Eu tenho que ir — disse ele, virando-se para correr de volta para a floresta.

Idashwy ficou parada enquanto ele a deixava. Waxillium entrou no bosque, correndo na direção do Salão do Sínodo. *Você sabe que agora ela achará que você é um covarde*, pensou parte dele. *Todos acharão.*

Waxillium agachou-se do lado de fora da janela do escritório da avó, com o coração acelerado. Ele se colou na parede e, sim, *conseguia* ouvir algo pela janela aberta.

— Nós mesmos nos policiamos, capitão — disse a avó Vwafendal do lado de dentro. — Você sabe disso.

Waxillium ousou se erguer, espiando pela janela e vendo a avó sentada à sua escrivaninha, um retrato da retidão terrisana, cabelo trançado e túnica imaculada.

O homem em pé na frente dela mantinha o chapéu de policial sob o braço em sinal de respeito. Era um homem mais velho, com bigode comprido, e a insígnia no peito o identificava como capitão e detetive. Alta patente. Importante.

Isso!, pensou Waxillium, procurando suas anotações no bolso.

— Os terrisanos se policiam porque raramente precisam de policiamento — disse o capitão.

— E não precisam agora.

— Meu informante...

— Então agora o senhor tem um informante? — reagiu a avó. — Achei que havia sido uma dica anônima.

— Anônima, sim — retrucou o policial, colocando uma folha de papel na mesa. — Mas considero isto mais que apenas uma “dica”.

A avó de Waxillium pegou a folha. Ele sabia o que dizia. Para começo de conversa, ele a enviara aos policiais, juntamente com uma carta.

Uma camisa cheirando a fumaça pendurada atrás da porta.

Botas enlameadas que correspondem ao tamanho das pegadas deixadas do lado de fora do prédio incendiado.

Frascos de óleo na arca sob a cama.

A lista continha uma dúzia de pistas apontando Forch como aquele que destruíra o salão de jantar num incêndio no começo do mês. Waxillium ficou empolgado ao ver que os policiais haviam levado a sério suas descobertas.

— Perturbador, mas não vejo nada nesta lista que lhe dê o direito de se imiscuir em nossos domínios, capitão — disse a avó.

O policial se inclinou para apoiar as mãos na beirada da escrivaninha, confrontando-a.

— Você não foi tão rápida em recusar nossa ajuda quando enviamos uma brigada de incêndio para apagar o fogo.

— Sempre aceitarei ajuda para salvar vidas — retrucou a avó. — Mas não preciso de ajuda para trancá-las. Obrigada.

— É porque esse Forch é um Duplonato? Tem medo dos seus poderes?

Ela o olhou com desprezo.

— Anciã — continuou ele, respirando fundo. — A senhora tem um criminoso entre vocês...

— Se tivermos, lidaremos nós mesmos com o indivíduo — disse ela. — Visitei as casas de sofrimento e destruição que vocês chamam de prisões, capitão. Não terei um dos meus confinado nelas com base em boataria e em fantasias anônimas enviadas pelo correio.

O policial suspirou e se empertigou novamente. Colocou algo novo em cima da escrivaninha, causando um estalo. Waxillium semicerrou os olhos para ver melhor, mas o policial cobria o objeto com a mão.

— O quanto sabe sobre incêndios criminosos, anciã? — perguntou o policial suavemente. — Com frequência, é o que chamamos de crime associado e descobre-se que o fogo foi usado para encobrir um roubo, para perpetrar uma fraude ou como um ato inicial de agressão. Num caso como esse, o incêndio é comumente apenas um alerta. Na melhor das hipóteses, você tem um incendiário esperando para queimar novamente. Na pior... Bem, alguma coisa maior vai acontecer, anciã. Algo que todos vocês lamentarão.

Os lábios da avó formaram uma linha. O policial recolheu a mão, revelando o que colocara sobre a escrivaninha. Uma bala.

— O que é isto? — perguntou a avó.

— Um lembrete.

A avó a jogou para fora da mesa com um tapa, fazendo com que batesse na parede perto da janela. Waxillium deu um pulo para trás e se agachou mais, com o coração batendo forte.

— Não traga seus instrumentos de morte para este lugar — sibilou a avó.

Waxillium voltou à janela a tempo de ver o policial colocando o chapéu.

— Quando aquele garoto queimar alguma coisa novamente, mande me chamar — disse ele. — Com sorte, não será tarde demais. Boa noite.

Ele saiu sem dizer mais nada. Waxillium se encolheu contra a lateral do prédio, com medo de que o policial olhasse para trás e o visse. Isso não aconteceu. O homem saiu marchando pela calçada.

Mas a avó... Ela não acreditara. Será que não conseguia ver? Forch cometera um crime. Eles iriam deixá-lo em paz? Por que...

— Asinthew — disse a avó, usando o nome terrisano de Waxillium, como sempre fazia. — Poderia juntar-se a mim, por favor?

Ele imediatamente sentiu uma pontada de preocupação, seguida por vergonha. Levantou-se.

— Como soube? — perguntou, pela janela.

— O reflexo no meu espelho, criança — disse ela, segurando uma xícara de chá com as duas mãos, sem olhar para ele. — Obedeça. Por favor.

Ressentido, ele contornou o prédio e passou lentamente pelas portas da frente do salão de madeira. O lugar inteiro cheirava ao verniz que ele recentemente ajudara a aplicar. Ainda tinha partes da coisa sob as unhas.

Entrou na sala e fechou a porta.

— Por que a senhora...

— Por favor, sente-se, Asinthew — disse ela suavemente.

Ele caminhou até a escrivaninha, mas não ocupou a cadeira de visitas. Permaneceu de pé onde o policial estivera.

— Sua caligrafia — disse a avó, tocando no papel que o policial deixara. — Eu não lhe disse que o assunto relativo a Forch estava sob controle?

— A senhora diz muitas coisas, avó. Acredito quando vejo provas.

Vwafendal se inclinou para a frente, o vapor subindo da xícara em suas mãos.

— Ah, Asinthew, pensei que você estava determinado a se encaixar aqui.

— Estou.

— Então por que estava escutando junto à minha janela em vez de fazer sua meditação noturna?

Ele desviou os olhos, enrubescendo.

— O modo de vida terrisano prioriza a *ordem*, criança — disse a avó. — Temos regras por uma razão.

— E queimar prédios não é contra as regras?

— *Claro* que é — respondeu a avó. — Mas Forch não é responsabilidade sua. Nós falamos com ele.

Ele está em penitência. Seu crime foi o de um jovem desorientado que passa tempo demais sozinho. Pedi a alguns dos outros que fizessem amizade com ele. Ele *vai* se penitenciar por seu crime, mas do nosso modo. Você preferiria vê-lo apodrecer na prisão?

Waxillium hesitou e depois suspirou, deixando-se cair na cadeira diante da escrivaninha da avó.

— Quero descobrir o que é certo e fazer isso — sussurrou ele. — Por que é tão difícil?

A avó franziu a testa.

— É fácil descobrir o que é certo e o que é errado, criança. Admito que sempre *escolher* fazer o que você sabe que deveria fazer é...

— Não — disse Waxillium, mas depois se encolheu. Não era sábio interromper a avó V. Ela nunca berrava, mas sua desaprovação podia ser sentida tão claramente quanto uma tempestade iminente. Ele continuou mais delicadamente: — Não, avó. Descobrir o que é certo *não* é fácil.

— Está escrito em nosso modo de vida. É ensinado todos os dias em suas aulas.

— Essa é uma voz, uma filosofia — retrucou Waxillium. — Há tantas...

A avó esticou as mãos sobre a escrivaninha e tomou as dele. Sua pele estava quente por causa da xícara de chá.

— Ah, Asinthew... Entendo como deve ser difícil para você. Uma criança de dois mundos.

Dois mundos, pensou ele imediatamente, *mas nenhum lar*.

— Mas você precisa prestar atenção ao que lhe é ensinado — continuou a avó. — Você me prometeu que iria obedecer às nossas regras enquanto estivesse aqui.

— Tenho tentado.

— Eu sei. Ouço bons relatos de Tellingdwar e seus outros instrutores. Dizem que você aprende o material melhor que qualquer um, que é como se tivesse passado a vida inteira aqui! Sinto orgulho do seu esforço.

— Os outros garotos não me aceitam. Tentei fazer como a senhora disse, ser *mais* terrisano que qualquer um, *provar* meu sangue a eles. Mas os garotos... Nunca serei um deles, avó.

— “Nunca” é uma palavra que os jovens usam com frequência, mas raramente entendem — disse a avó, bebericando seu chá. — Deixe que as regras se tornem seu guia. Nelas você encontrará a paz. Se alguns se ressentem por causa de seu zelo, que seja. No fim, por intermédio da meditação, eles aplacarão essas emoções.

— A senhora poderia... talvez ordenar que alguns dos outros sejam meus amigos? — pediu ele, envergonhado de como soava fraco ao dizer essas palavras. — Como fez com Forch?

— Verei — disse a avó. — Agora, saia daqui. Não vou relatar essa indiscrição, Asinthew, mas, por

favor, me prometa que vai colocar de lado essa obsessão com Forch e deixará a punição dos outros a cargo do Sínodo.

Waxillium se moveu para levantar, e seu pé escorregou em algo. Ele se abaixou. *A bala.*

— Asinthew? — chamou a avó.

Ele escondeu a bala no punho enquanto se empertigava e depois passou pela porta, apressado.

— O metal é sua vida — disse Tellingdwar na parte da frente da cabana, chegando ao fim da recitação noturna.

Waxillium meditava ajoelhado, prestando atenção às palavras. Ao redor dele, filas de terrisanos em paz estavam igualmente curvados em reverência, louvando Preservação, o antigo deus de sua fé.

— O metal é sua alma — disse Tellingdwar.

Tanta coisa era perfeita naquele mundo tranquilo. Por que Waxillium sentia que viver ali exigia um grande esforço? Que todos ali eram parte de uma grande tela em branco na qual ele era uma mancha?

— Você nos preserva, e por isso seremos seus — disse Tellingdwar.

Uma bala, pensou Waxillium, o pedaço de metal ainda preso na palma de sua mão. *Por que ele deixou uma bala como lembrete? O que isso significa?* Parecia um símbolo estranho.

Lição terminada, jovens, crianças e adultos se levantaram e se espreguiçaram. Houve alguma interação jovial, mas era quase hora do toque de recolher: o grupo mais jovem tinha que ir para casa — ou, no caso de Waxillium, para o dormitório. De qualquer modo, ele permaneceu ajoelhado.

Tellingdwar começou a recolher os tapetes que as pessoas tinham usado. Ele mantinha a cabeça raspada; sua túnica era de tons amarelos e laranja brilhantes. Com os braços carregados de tapetes, ele parou ao notar que Waxillium não partira com os outros.

— Asinthew? Você está bem?

Waxillium anuiu, cansado, colocando-se de pé, as pernas dormentes depois de tanto tempo ajoelhado. Arrastou-se até a saída, onde parou.

— Tellingdwar?

— Sim, Asinthew?

— Alguma vez houve um crime violento na Vila?

O mordomo baixo ficou paralisado, aumentando a força com que apertava os tapetes.

— O que o leva a perguntar isso?

— Curiosidade.

— Não precisa se preocupar. Isso foi há muito tempo.

— *O que foi há muito tempo?*

Tellingdwar recolheu os tapetes remanescentes, movendo-se mais rapidamente que antes. Talvez alguma outra pessoa tivesse evitado a pergunta, mas Tellingdwar era o mais sincero possível. Uma virtude terrisana clássica — aos seus olhos, evitar uma pergunta seria tão ruim quanto mentir.

— Não fico surpreso que ainda estejam cochichando sobre isso — comentou Tellingdwar. — Suponho que quinze anos não conseguem lavar aquele sangue. Contudo, os boatos estão errados. Apenas uma pessoa foi morta. Uma mulher, pela mão do marido. Ambos terrisanos — disse ele. Depois, hesitou. — Eu os conhecia.

— Como ele a matou?

— Você precisa saber isso?

— Bem, os boatos...

Tellingdwar suspirou.

— Com uma arma de fogo. Uma arma que veio de fora. Não sabemos onde ele a conseguiu — contou Tellingdwar, balançando a cabeça e jogando os tapetes numa pilha num dos lados da sala. — Acho que não deveríamos ter ficado surpresos. Os homens são iguais em toda parte, Asinthew. Você precisa se lembrar disso. Não se ache melhor que outro porque veste a túnica.

Era de esperar que Tellingdwar transformasse qualquer conversa numa lição. Waxillium anuiu para ele e saiu para a noite. O céu rugia acima, anunciando chuva, mas ainda não havia bruma.

Os homens são iguais em toda parte, Asinthew... Então qual era o objetivo de tudo o que lhe ensinavam ali? Se não podia impedir os homens de agirem como monstros?

Ele chegou ao dormitório dos meninos, que estava silencioso. Passara pouco do toque de recolher, e Waxillium teve que baixar a cabeça num pedido de desculpas ao inspetor antes de percorrer o corredor rapidamente e chegar ao seu quarto no térreo. O pai de Waxillium insistira que recebesse um quarto individual em função de sua origem nobre. Isso servira apenas para afastá-lo dos outros.

Tirou a túnica e abriu seu armário. Suas antigas roupas estavam penduradas lá. A chuva começou a bater na janela enquanto vestia calças e uma camisa de botões, que achava mais confortáveis que a túnica horrenda. Ajustou a luminária e se sentou em seu catre, abrindo um livro para um pouco de leitura noturna.

Do lado de fora, o céu roncava como uma barriga vazia. Waxillium tentou ler durante alguns minutos, mas depois jogou o livro de lado, quase derrubando a luminária, e se levantou. Foi até a janela e observou a água escorrendo. Ela descia em bocados e colunas, por causa da densa cobertura de folhas. Esticou a mão e apagou a luminária.

Encarou a chuva enquanto pensamentos tomavam sua cabeça. Logo teria que tomar uma decisão. O acordo entre sua avó e seus pais determinava que Waxillium passasse um ano na Vila, e restava apenas um mês. Depois disso caberia a ele escolher permanecer ou partir.

O que o aguardava do lado de fora? Toalhas de mesa brancas, pessoas pretensiosas com sotaques nasais e política.

O que o aguardava ali? Salas silenciosas, meditação e tédio.

Uma vida que ele detestava ou uma vida de repetições anestésiantes. Dia após dia após dia... E...

O que era aquilo se movendo entre as árvores?

Waxillium se empertigou, colando o rosto ao vidro frio. Aquilo *era* alguém se esgueirando pela floresta molhada, uma figura sombreada, de altura e postura familiares, curvada e carregando um saco nos ombros. Forch olhou na direção do dormitório e depois continuou noite adentro.

Então tinham voltado. Fora mais rápido do que ele esperara. Qual seria o plano de Telsin para entrar nos dormitórios? Passar pelas janelas e depois alegar que tinham entrado antes do toque de recolher e que simplesmente o mestre do dormitório não os vira entrar?

Waxillium esperou, imaginando se também veria as três garotas, mas não viu mais nada. Apenas Forch, desaparecendo nas sombras. Para onde estava indo?

Outro incêndio, pensou Waxillium imediatamente. Mas Forch não faria isso naquela chuva, faria?

Waxillium deu uma olhada no relógio que tiquetaqueava silenciosamente na parede. Uma hora desde o toque de recolher. Não se dera conta de que passara tanto tempo olhando para a chuva.

Forch não é problema meu, disse a si mesmo com firmeza. Voltou a deitar na cama, mas logo se viu andando de um lado para outro, escutando a chuva, ansioso, incapaz de impedir o corpo de se mexer.

Toque de recolher...

Deixe que as regras se tornem seu guia. Nelas você encontrará a paz.

Ele parou ao lado da janela. Depois a abriu e pulou para fora, afundando os pés descalços no terreno molhado e enlameado. Avançou rápido, rios de chuva batendo em sua cabeça, escorregando pelas costas da camisa. Para que lado Forch tinha ido?

Ele fez uma escolha, passando por árvores enormes que eram como monólitos cinzelados. A velocidade da chuva e a água correndo afogavam tudo. Uma pegada de bota na lama, perto de um tronco de árvore, indicou que ele estava no caminho certo, mas teve que se agachar para ver. Ferrugem! Estava ficando escuro.

Para onde agora? Waxillium se virou. *Ali*, pensou. *Depósito*. Era um antigo dormitório, agora desocupado, onde os terrisanos guardavam móveis e tapetes. Seria um alvo perfeito para um incêndio criminoso, certo? Muitas coisas lá dentro para queimar, e ninguém esperaria isso naquela chuva.

Mas a avó tinha falado com ele, pensou Waxillium, avançando aos tropeços pela chuva, os pés frios levantando folhas caídas e musgo. *Saberão que foi ele*. Ele não ligava? Ele estava *tentando* se meter em apuros?

Waxillium chegou ao antigo dormitório, uma massa escura de três andares na noite já escura, com jorros de água escorrendo dos beirais. Waxillium testou a porta, que estava destrancada, claro, afinal, estavam na Vila. Ele se esgueirou para dentro.

Lá. Uma poça de água no piso. Alguém *tinha* entrado ali recentemente. Ele avançou, agachado, tocando uma pegada após outra até chegar à escada. Subiu um lance, depois outro. O que havia lá em cima? Chegou ao último andar e viu uma luz à frente. Avançou lentamente por um corredor coberto por um tapete no centro, aproximando-se do que se revelou uma vela tremeluzente colocada sobre uma mesa num pequeno quarto abarrotado de móveis e com pesadas cortinas escuras nas paredes.

Waxillium se adiantou até a vela. Ela se agitava, frágil e solitária. Por que Forch a deixara ali? O que estava...

Algo pesado atingiu as costas de Waxillium. Ele perdeu o ar, sendo lançado à frente pelo golpe e caindo em cima de duas cadeiras empilhadas. Botas bateram com força no chão atrás dele. Waxillium conseguiu se jogar para o lado, rolando no chão enquanto Forch batia com uma velha trave de madeira nas cadeiras, quebrando-as.

Waxillium se colocou de pé, os ombros latejando. Forch se virou para ele, com o rosto totalmente nas sombras.

Waxillium recuou.

— Forch! Está tudo bem. Só quero conversar. — Ele fez uma careta quando suas costas bateram na parede. — Você não precisa...

Forch foi até ele brandindo a trave. Waxillium berrou e se lançou na direção do corredor.

— Socorro! — gritou enquanto Forch o perseguia. — *Socorro!*

Waxillium planejava ir para a escada, mas estava correndo na direção contrária. Jogou o ombro contra uma porta no fim do corredor. Isso o levaria à sala de reuniões do último andar, caso o dormitório tivesse o mesmo projeto do seu. E talvez a outra escada?

Waxillium passou pela porta e chegou a uma sala mais iluminada. Mesas velhas empilhadas umas

sobre as outras cercavam um espaço aberto no centro, como uma plateia e um palco.

Lá, no centro e iluminado por uma dúzia de velas, um menino de talvez cinco anos estava amarrado a uma tábua de madeira colocada entre duas mesas. Sua camisa fora cortada e estava jogada no chão. Seus gritos eram abafados por uma mordaca, e ele lutava fracamente contra as amarras.

Waxillium parou de repente, observando o menino, uma fila de lâminas reluzentes colocadas numa mesa próxima, o sangue escorrendo de cortes no peito do garoto.

— Ah, que inferno — sussurrou Waxillium.

Forch entrou atrás dele e fechou a porta com um clique.

— Ah, que *inferno* — repetiu Waxillium, virando-se, com os olhos arregalados. — Forch, o que há de errado com você?

— Não sei — disse o jovem suavemente. — Só preciso ver o que tem do lado de dentro. Entende?

— Você escapou com as meninas para ter um álibi — disse Waxillium. — Se seu quarto for encontrado vazio, você dirá que escapou com elas. Uma infração menor para esconder seu verdadeiro crime. Ferrugem! Minha irmã e as outras não sabem que você voltou, sabem? Elas estão lá fora, bêbadas, e nem sequer lembram que você foi embora. Elas vão jurar que estava...

Waxillium parou de falar quando Forch olhou para cima, os olhos refletindo a luz das velas, o rosto sem expressão. Ergueu um punhado de pregos.

Isso mesmo. Forch é um...

Waxillium gritou, jogando-se na direção de uma pilha de móveis enquanto pregos disparavam da mão de Forch, *empurrados* pela sua Alomancia. Eles voaram com força, batendo em mesas de madeira, em pés de cadeiras e no piso. Uma dor repentina queimou no braço de Wax enquanto ele engatinhava para trás.

Ele gritou, agarrando o braço e buscando proteção. Um dos pregos arrancara um pedaço da carne perto do cotovelo.

Metal. Ele precisava de *metal*.

Meses tinham se passado desde que ele queimara metal. A avó queria que ele abraçasse seu lado terrisano. Ele ergueu os braços e os encontrou sem nada. Seus braceletes...

No seu quarto, idiota, pensou Waxillium. Ele procurou no bolso da calça. Ele sempre costumava ter...

Uma pequena bolsa com flocos de metal. Pegou-a enquanto se afastava desajeitadamente de Forch, que jogava de lado mesas e cadeiras para chegar a ele. Ao fundo, a criança presa choramingava.

Os dedos de Waxillium tremiam enquanto ele tentava abrir o embrulho de flocos de metal, que de repente saltou dos seus dedos e disparou pela sala. Ele se virou para Forch, desesperado, bem a tempo de vê-lo pegar uma barra de metal sobre uma mesa e arremessá-la.

Waxillium tentou se agachar. Lento demais. A barra, *empurrada* pelo aço, bateu em seu peito, jogando-o para trás. Forch grunhiu, cambaleando. Ele não era experiente com a Alomancia e não se preparara corretamente. Seu *empurrão* o jogou para trás tanto quanto arremessou Waxillium.

Ainda assim, Waxillium bateu na parede com um grunhido e sentiu algo *quebrar* dentro dele. Engasgou, a visão escurecendo enquanto caía de joelhos. A sala girava.

A bolsa. Pegue a bolsa!

Ele procurou no chão ao redor, frenético, mal conseguindo pensar. Precisava daquele metal! Seus dedos ensanguentados raspavam nela. Ansioso, agarrou-a e abriu a tampa de pano. Virou a cabeça para trás para jogar os flocos na boca.

Uma sombra surgiu sobre ele e o chutou na barriga. O osso quebrado dentro de Waxillium cedeu, e ele gritou, mal tendo jogado uma pitada de metal na boca. Forch arrancou a bolsa de sua mão, espalhando os flocos, e depois o ergueu.

O jovem parecia mais corpulento do que deveria. Estava drenando uma mente de metal. Uma parte frenética do cérebro de Waxillium tentou *empurrar* os braceletes de Forch, mas mentes de metal feruquêmicas eram reconhecidamente difíceis de afetar com Alomancia. Seu *empurrão* não foi forte o suficiente.

Forch passou Waxillium pela janela aberta, suspendendo-o pelo pescoço. A chuva caía sobre Waxillium, que lutava para respirar.

— Por favor... Forch...

Forch o soltou.

Waxillium caiu com a chuva, passando pelos galhos de um bordo e espalhando folhas molhadas.

O aço queimou dentro dele, emitindo linhas azuis desde seu peito até fontes de metal próximas. Todas acima, nenhuma abaixo. Nada a *empurrar* para se salvar.

A não ser uma no bolso de sua calça.

Waxillium *empurrou*, desesperado, enquanto rodopiava no ar. O aço atravessou o bolso, desceu pela perna e raspou em seu pé antes de ser cravado no chão pelo seu peso. Waxillium deu um solavanco no ar, desacelerando assim que o pedaço de metal tocou o solo.

Ele bateu na calçada encharcada com os pés, a dor subindo pelas pernas. Caiu no chão e se viu confuso, mas vivo. Seu *empurrão* o salvara.

Caía chuva em seu rosto. Ele esperou, mas Forch não desceu para acabar com ele. O jovem fechara as venezianas, talvez temendo que alguém visse a luz de suas velas.

Todas as partes do corpo de Waxillium doíam. Os ombros pelo primeiro golpe, as pernas pela queda, o peito pela barra. Quantas costelas ele havia quebrado? Ficou caído ali na chuva, tossindo, antes de finalmente rolar o corpo para encontrar o pedaço de metal que salvara sua vida. Encontrou-o facilmente seguindo sua linha alomântica e cavou a lama, tirando algo e erguendo.

A bala do policial. A chuva lavou sua mão, limpando o metal. Ele nem sequer se lembrava de tê-la enfiado no bolso.

Num caso como esse, o incêndio é comumente apenas um alerta...

Ele precisava conseguir ajuda. Mas o garoto lá em cima já estava sangrando. As facas estavam expostas.

Alguma coisa maior vai acontecer, anciã. Algo que todos vocês lamentarão.

De repente, Waxillium odiou Forch. Aquele lugar era perfeito, sereno. Bonito. A escuridão não deveria existir ali. Se Waxillium era uma mancha na tela branca, aquele homem era um poço de pura escuridão.

Waxillium gritou, ficando de pé e se lançando pela porta de trás para dentro do prédio antigo. Subiu os dois lances cambaleando numa névoa de dor antes de escancarar a porta da sala de reuniões. Forch estava de pé em cima da criança que chorava, com uma faca ensanguentada na mão. Virou a cabeça lentamente, mostrando a Waxillium um olho, metade do rosto.

Waxillium lançou a bala solitária para cima entre eles, o cartucho reluzindo à luz das velas, e *empurrou* com toda a força. Forch se virou e *empurrou* de volta.

A reação foi imediata. A bala parou em pleno ar, a centímetros do rosto de Forch. Os dois foram lançados para trás, mas Forch se segurou em algumas mesas, permanecendo firme. Waxillium foi jogado

contra a parede ao lado do corredor.

Forch sorriu, e seus músculos incharam com a força extraída da mente de metal. Puxou a barra que estava na mesa de facas e arremessou-a contra Waxillium, que gritou, *empurrando-a* para impedi-la de esmagá-lo.

Ele não era forte o suficiente. Forch continuou a *empurrar*, e Waxillium tinha pouco aço. A barra deslizou para a frente no ar, pressionando o peito de Waxillium, apertando-o contra a parede.

O tempo parou. Uma bala parada à frente de Forch, a luta principal pela barra que, pouco a pouco, esmagava Waxillium. Seu peito ardeu de dor, e um grito escapou de seus lábios.

Ele ia morrer ali.

Só quero fazer o que é certo. Por que é tão difícil?

Forch se adiantou, sorrindo.

Os olhos de Waxillium estavam fixos naquela bala, com um brilho dourado. Ele não conseguia respirar. Mas aquela bala...

O metal é sua vida.

Uma bala. Três partes de metal. A ponta.

O metal é sua alma.

O cartucho.

Você nos preserva...

E a espoleta no fundo. O ponto que o percussor atingiria.

Nesse momento, aos olhos de Waxillium, a bala se dividiu em três linhas, três partes. Ele *empurrava* todas ao mesmo tempo. E então, enquanto a barra o esmagava, ele parou de *empurrar* duas linhas.

E *empurrou* com força a espoleta atrás.

A bala explodiu. O cartucho rodopiou para trás no ar, *empurrado* pela Alomancia de Forch, enquanto a bala em si disparava para a frente, intocada, antes de se cravar no crânio de Forch.

Waxillium caiu no chão, e a barra foi empurrada para longe. Caiu como uma trouxa, arfando, a água da chuva escorrendo de seu rosto para o piso de madeira.

Confuso, ouviu vozes abaixo. Pessoas finalmente respondendo aos gritos e, depois, ao som de um disparo. Ele se obrigou a ficar de pé e mancou pela sala, ignorando as vozes de homens e mulheres terrisanos que subiam os degraus. Chegou à criança e soltou as tiras, libertando-a. Contudo, em vez de sair correndo com medo, o garotinho agarrou a perna de Waxillium e apertou com força, chorando.

Pessoas entraram na sala. Waxillium se agachou, pegando o cartucho da bala no chão molhado. Então, levantou-se e as encarou. Tellingdwar. Sua avó. Os anciões. Ele registrou seu horror, e naquele momento soube que o odiariam por ter levado violência à Vila.

Que o odiariam por ele ter estado certo.

Ele ficou de pé ao lado do cadáver de Forch e fechou a mão ao redor do cartucho da bala, apoiando a outra mão na cabeça da criança trêmula.

— Vou encontrar meu próprio caminho — sussurrou.

Vinte e oito anos depois

A porta do esconderijo bateu na parede oposta, produzindo uma explosão de poeira. Um muro de brumas cercou o homem que a abriu com um chute, marcando sua silhueta: um casaco de bruma, as tiras agitadas pelo movimento, uma escopeta de combate erguida ao lado.

— Fogo! — gritou Migs.

Os sujeitos dispararam. Oito homens, armados até os dentes, atiraram contra a figura nas sombras por trás da barricada armada dentro do velho pub. Balas enxamearam como insetos, mas se *desviaram* do homem de casaco comprido. Elas acertaram a parede, fazendo buracos na porta e lascando o batente. Elas abriram trilhas pela bruma invasora, mas o homem da lei, vestido de preto na penumbra, nem sequer se encolheu.

Migs disparou um tiro atrás do outro, desesperado. Esvaziou uma pistola, depois outra, e a seguir apoiou o rifle no ombro e disparou o mais rápido que conseguia engatilhar. Como eles tinham chegado ali? Ferrugem, como aquilo tinha *acontecido*? Não deveria ter sido assim.

— É inútil! — gritou um dos sujeitos. — Ele vai matar todos nós, Migs!

— Por que você está parado aí? — gritou Migs para o homem da lei. — Comece! — ordenou, disparando mais duas vezes. — O que há de errado com você?

— Talvez ele esteja nos distraindo para que o parceiro dele possa se esgueirar por trás de nós — disse um dos sujeitos.

— Ei, isso...

Migs hesitou, olhando para o homem que tinha falado. Rosto redondo. Chapéu redondo e simples de cocheiro, como um chapéu-coco, só que mais reto no alto. Quem era mesmo aquele homem? Ele contou seu pessoal.

Nove?

O sujeito ao lado de Migs sorriu, inclinou o chapéu e lhe deu um soco no rosto.

Foi perturbadoramente rápido. O camarada de chapéu de cocheiro derrubou Slink e Guillian em um piscar de olhos. Então, de repente, ele estava mais perto dos dois mais distantes, batendo neles com um par de bastões de duelo. Quando Migs se virou, procurando a arma que tinha largado, o homem da lei saltou a barricada, com as tiras do casaco voando, e chutou o queixo de Drawers. Então girou, apontando a escopeta para os homens do outro lado.

Eles largaram as armas. Migs se ajoelhou, suando, ao lado de uma mesa virada. Esperou pelos disparos.

Eles não vieram.

— Tudo pronto para você, capitão! — gritou o homem da lei. Um grupo de policiais passou correndo pela entrada do pub, perturbando as brumas. De qualquer modo, a luz matinal já começava a dissipá-las. Ferrugem, eles realmente tinham passado a noite inteira ali?

O homem da lei baixou sua arma na direção de Migs.

— Talvez você queira largar essa arma, amigo — disse ele, em tom de conversa.

Migs hesitou.

— Simplesmente atire em mim, homem da lei. Estou envolvido demais.

— Você atirou em dois policiais — disse o homem, com o dedo no gatilho. — Mas eles vão sobreviver, filho. Você não vai ser enforcado, se eu puder evitar. Largue a arma.

Eles tinham dito essas mesmas palavras antes, quando estavam do lado de fora. Dessa vez, Migs se viu acreditando neles.

— Por quê? — perguntou ele. — Você poderia ter matado todos nós sem nem mesmo suar. *Por quê?*

— Porque, francamente, não vale a pena matá-lo — disse o homem da lei. Sorriu de um modo amistoso. — Já tenho o suficiente na minha consciência. Largue a arma. Vamos resolver isto.

Migs largou a arma e se levantou. Acenou para Drawers, que se erguia com a arma na mão. Relutante, o homem também largou sua arma.

O homem da lei se virou, subindo no topo da barricada com um salto alomântico, e enfiou a escopeta encurtada num coldre na perna. O homem mais jovem, de chapéu de cocheiro, juntou-se a ele, assoviando suavemente. Parecia ter apanhado a faca preferida de Guillian, cujo cabo de marfim se projetava do seu bolso.

— Eles são seus, capitão — disse o homem da lei.

— Não vai ficar para o fichamento, Wax? — perguntou o capitão de polícia, virando-se.

— Infelizmente, não. Tenho que ir a um casamento.

— Quem vai se casar?

— Receio que eu mesmo.

— Você veio a uma operação na manhã do seu *casamento*? — retrucou o capitão.

O homem da lei, Waxillium Ladrian, parou no umbral.

— Em minha defesa, não foi ideia minha.

Ele anuiu novamente para os policiais reunidos e os membros da gangue e saiu para as brumas.



PRIMEIRA PARTE





Waxillium Ladrian desceu depressa os degraus do lado de fora do pub transformado em esconderijo, passando por policiais com uniformes marrons que iam de um lado para outro. As brumas já estavam evaporando, a alvorada marcando o fim de sua vigília. Ele verificou o braço, onde uma bala abrira um buraco considerável no punho da camisa e saíra pela lateral do paletó. Ele sentira aquela passando rente à pele.

— Olá — disse Wayne, acelerando o passo até ele. — Foi um bom plano, hein?

— O mesmo plano que você sempre tem — disse Wax. — Aquele em que eu sou o alvo.

— Não é minha culpa que as pessoas gostem de atirar em você, meu chapa — disse Wayne enquanto chegavam à carruagem. — Você deveria estar feliz. Está usando seus talentos, como as minhas avós sempre disseram que um homem deve fazer.

— Eu preferiria que “atirabilidade” não fosse o meu talento.

— Bem, você precisa usar o que tem — retrucou Wayne, apoiando-se na lateral da carruagem, enquanto Cob, o cocheiro, abria a porta para Wax. — É por essa razão que sempre tenho pedaços de rato no meu ensopado.

Waxillium olhou para a carruagem, com suas almofadas elegantes e seu estofado suntuoso, mas não subiu.

— Você vai ficar bem? — perguntou Wayne.

— Claro que sim — respondeu Wax. — Este é o meu segundo casamento. Já tenho bastante prática.

Wayne sorriu.

— Ah, é assim que funciona? Porque, na minha experiência, casar é a única coisa em que as pessoas parecem ficar piores com a prática. Bem, isso e permanecerem vivas.

— Wayne, isso foi quase profundo.

— Maldição. Eu queria ser perspicaz.

Wax permaneceu imóvel, olhando para o interior da carruagem. O cocheiro pigarreou, ainda de pé e mantendo a porta aberta para ele.

— Uma bela força, isso sim — notou Wayne.

— Não seja melodramático — disse Wax, inclinando-se para subir.

— Lorde Ladrian! — chamou uma voz vinda de trás.

Wax espiou por cima do ombro, notando um homem alto, de terno marrom-escuro e gravata-borboleta passando por uma dupla de policiais.

— Lorde Ladrian, eu poderia ter um momento seu? — pediu o homem.

— Pode ter todos eles — disse Wax. — Mas sem mim.

— Mas...

— Encontro você lá — disse Wax, acenando para Wayne. Largou um cartucho de bala vazia e se *empurrou* para cima. Por que perder tempo numa carruagem?

Com aço queimando confortavelmente em seu estômago, ele *empurrou* uma luminária elétrica próxima, que ainda brilhava, embora a manhã tivesse chegado, e disparou mais alto no ar. Elendel se espalhava abaixo dele, uma maravilhosa cidade suja de fuligem, fumaça subindo de cem mil casas e fábricas. Wax se impulsou na estrutura de aço de um prédio próximo quase concluído e se lançou numa série de pulos pelo Quarto Oitante.

Passou acima de um estacionamento de carruagens de aluguel, com fileiras de veículos esperando silenciosamente em posição e trabalhadores matinais olhando para cima quando ele passava. Um apontou; talvez o casaco de bruma tivesse chamado sua atenção. Mensageiros Lançamoedas não eram uma coisa incomum em Elendel, por isso homens subindo pelo ar raramente despertavam interesse.

Mais alguns saltos o levaram sobre uma série de armazéns apertados em filas. Wax se empolgava a cada salto. Era impressionante como aquilo ainda lhe parecia tão maravilhoso. A brisa em seu rosto, o breve momento de ausência de peso quando estava no ponto máximo de um arco.

Mas muito rapidamente tanto a gravidade como o dever se reafirmaram. Ele deixou a área industrial e cruzou estradas melhores, pavimentadas com piche e cascalho para criar uma superfície mais lisa que os paralelepípedos para todos aqueles medonhos carros motorizados. Ele identificou facilmente a igreja sobrevivencialista, com sua grande cúpula de vidro e aço. Em Intempérie, uma simples capela de madeira teria sido suficiente, mas isso não era de modo algum grandioso o bastante para Elendel.

O projeto pretendia dar aos fiéis uma visão ampla das brumas à noite. Wax acreditava que, se eles queriam ver as brumas, fariam melhor simplesmente saindo de dentro da igreja. Mas talvez estivesse sendo cínico. Afinal, a cúpula, que era composta de segmentos de vidro entre suportes de aço, fazendo com que parecesse gomos de uma laranja, podia ser aberta para dentro, permitindo que as brumas penetrassem em ocasiões especiais.

Ele pousou no topo de uma torre d'água perto da igreja. Talvez, ao ser construída, a cúpula da igreja fosse alta o bastante para apequenar as construções próximas. Isso teria garantido um belo perfil. Mas naquele momento os prédios ficavam cada vez mais altos, e a igreja era reduzida pelas construções vizinhas. Wayne veria uma metáfora nisso. Provavelmente uma metáfora grosseira.

Ele se acorou na torre d'água, mais alta que a igreja. Então ali estava ele, finalmente. Sentiu o olho tremer, e uma dor cresceu dentro dele.

Acho que comecei a amar você naquele mesmo dia. Tão ridículo, mas tão sério...

Seis meses antes ele puxara o gatilho. Ainda podia ouvir o disparo.

Levantando, ele se compôs. Curara esse ferimento uma vez. Podia fazer isso novamente. E se isso deixasse seu coração marcado, então talvez fosse disso que ele precisava. Ele saltou da torre d'água e desacelerou jogando e *empurrando* um cartucho vazio.

Chegou à rua e caminhou a passos largos por uma comprida fila de carruagens. Os convidados já estavam chegando — os princípios dos sobrevivencialistas determinavam casamentos pela manhã, muito cedo, ou tarde da noite. Wax anuiu para várias pessoas pelas quais passou e não conseguiu evitar sacar a escopeta do coldre e apoiá-la no ombro enquanto subia os degraus aos pulos e abria a porta à sua frente com um empurrão de aço.

Steris andava de um lado para outro no saguão, usando um vestido branco fino, escolhido porque as revistas de moda diziam ser elegante. Com o cabelo trançado e a maquiagem feita por um profissional para a ocasião, de fato estava bastante bonita.

Ele sorriu ao vê-la. Seu estresse e seu nervosismo dissiparam-se um pouco.

Steris ergueu os olhos assim que ele entrou e correu até ele.

— E então?

— Não fui morto, basicamente isso — respondeu.

Ela conferiu o relógio.

— Você está atrasado, mas não muito atrasado.

— Eu... peço desculpas?

Ela insistira que ele participasse da ação policial no pub. Na verdade, planejara isso. Assim era a vida com Steris.

— Estou certa de que se esforçou — disse Steris, tomando seu braço. Ela estava quente, e até mesmo trêmula. Steris podia ser reservada, mas, diferentemente do que alguns supunham, não era desprovida de emoções. — Como foi?

— Foi bem. Sem baixas — respondeu, caminhando com ela até uma câmara lateral, onde Drewton, seu lacaios, esperava junto a uma mesa coberta pelo terno branco de casamento de Wax. — Você se dá conta de que participar de uma ação como essa na manhã do meu casamento só reforça a imagem que a sociedade tem de mim?

— Qual imagem?

— A de um rufião — disse ele, tirando seu casaco de bruma e dando-o a Drewton. — Um grosseirão das Terras Brutas que pragueja na igreja e vai a festas armado.

Ela deu uma olhada na escopeta, que ele jogara no sofá.

— Você gosta de brincar com as percepções que as pessoas têm de você, não? Busca deixá-las desconfortáveis para que não saibam o que pensar.

— É um dos prazeres simples que me restam, Steris — disse ele, sorrindo enquanto Drewton desabotoava seu colete. Depois o tirou, junto com a camisa, deixando o peito nu.

— Vejo que estou entre aqueles que você tenta deixar desconfortáveis — comentou Steris.

— Trabalho com o que tenho — retrucou Wax.

— É a mesma razão pela qual você sempre tem pedaços de rato em seu ensopado?

Wax hesitou enquanto dava as roupas a Drewton.

— Ele também lhe disse isso?

— Sim. Estou cada vez mais convencida de que ele testa essas frases comigo — respondeu, cruzando os braços. — O pequeno desgraçado.

— Não vai sair enquanto me troco? — perguntou Wax, divertido.

— Estaremos casados em menos de uma hora, Lorde Waxillium — respondeu. — Acho que consigo suportar vê-lo sem camisa. Ademais, é *você* o caminhante. O recato faz parte do seu sistema de crenças, não do meu. Li sobre Kelsier. Pelo que estudei, duvido que ele se importaria que...

Wax soltou os botões de madeira de suas calças. Steris enrubesceu antes de se virar e finalmente dar as costas a ele. Continuou a falar um momento depois, soando agitada.

— Bem, pelo menos você concordou com uma cerimônia adequada.

Wax sorriu, acomodando-se na roupa de baixo e permitindo que Drewton barbeasse seu rosto rapidamente. Steris permaneceu ali, escutando. Finalmente, enquanto Drewton limpava o creme que restara no rosto de Wax, Steris perguntou:

— Está com os pingentes?

— Eu os dei a Wayne.

— Você... *o quê?*

— Achei que você queria algumas perturbações no casamento — respondeu Wax, levantando-se e pegando as novas calças com Drewton. Vestiu-as. Ele não usara muitas roupas brancas desde sua volta das Terras Brutas. Era difícil se manter limpo lá, o que fazia valer a pena vesti-las. — Imaginei que isso seria bom.

— Eu queria perturbações *planejadas*, Lorde Waxillium — retrucou Steris. — Não é irritante se é uma perturbação compreendida, esperada e controlada. Wayne é exatamente o oposto dessas coisas, não acha?

Wax abotoou as calças, e Drewton pegou a camisa pendurada num cabide próximo. Steris se virou imediatamente ao ouvir o som, braços ainda cruzados, e não hesitou nem por um momento, recusando-se a reconhecer que ficara constrangida.

— Fico contente por ter feito cópias.

— Você fez *cópias* dos nossos pingentes de casamento?

— Sim — disse, mordendo o lábio por um momento. — Seis conjuntos.

— *Seis?*

— Os outros quatro não chegaram a tempo.

Wax sorriu, abotoando a camisa e deixando que o lacaio cuidasse dos punhos.

— Você é única, Steris.

— Tecnicamente, Wayne também, e, de fato, também Ruína. Se você pensar bem, não é exatamente um elogio.

Wax colocou os suspensórios e deixou que Drewton lidasse com o colarinho.

— Não entendo, Steris — disse ele, em pé e imóvel enquanto o lacaio trabalhava. — Você se prepara minuciosamente para que as coisas deem errado, como se soubesse e esperasse que a vida fosse imprevisível.

— Sim, e?

— E a vida é imprevisível. Então a única coisa que você faz se preparando para perturbações é garantir que alguma *outra* coisa dará errado.

— Esse é um ponto de vista bastante fatalista.

— Viver nas Terras Brutas faz isso com um sujeito.

Ele olhou para ela, resplandecente em seu vestido, braços cruzados, tamborilando o indicador direito sobre o braço esquerdo.

— Eu apenas... me sinto melhor quando tento — disse Steris finalmente. — Caso tudo der errado, pelo menos eu *tentei*. Isso faz algum sentido?

— Na verdade, acho que faz.

Drewton recuou, satisfeito. O terno era acompanhado por uma gravata Ascot preta muito bonita e um colete. Tradicional, como Wax preferia. Gravatas-borboleta eram para vendedores. Ele vestiu o paletó, sentindo as abas rasparem atrás das pernas. Então, após uma breve hesitação, colocou o cinturão e deslizou Vindicação para dentro do coldre. Ele usara uma arma em seu último casamento, então por que não naquele? Steris consentiu.

Os sapatos foram os últimos. Um par novo. Seriam terrivelmente desconfortáveis.

— Já estamos suficientemente atrasados? — perguntou ele a Steris.

Ela conferiu o relógio no canto.

— Planejei entrarmos daqui a dois minutos.

— Ah, ótimo — disse ele, tomando seu braço. — Isso significa que poderemos ser espontâneos chegando cedo. Bem, atrasados mas cedo.

Ela pegou o braço dele, deixando que a conduzisse pela câmara lateral na direção da cúpula e da igreja propriamente dita. Drewton os seguiu.

— Você está... certo de que deseja prosseguir? — perguntou Steris, detendo-o antes que entrassem na passagem para a cúpula.

— Está mudando de ideia?

— De maneira nenhuma — respondeu Steris imediatamente. — Esta união é bastante benéfica à minha casa e ao meu status — disse. Depois, tomou a mão esquerda de Wax, falando suavemente. — Mas, Lorde Waxillium, não quero que se sinta preso, particularmente depois do que lhe aconteceu este ano. Caso deseje voltar atrás, aceitarei sua vontade.

O modo como ela agarrava a mão dele enquanto dizia aquelas palavras enviava uma mensagem muito diferente. Mas ela não pareceu notar. Olhando para ela, Wax se viu pensando. Quando concordara com o casamento, o fizera porque era seu dever com sua casa.

Agora sentia suas emoções mudando. O modo como Steris estivera com ele naqueles últimos meses enquanto sofria... O modo como o olhava naquele instante...

Ferrugem e Ruína. Ele realmente sentia *carinho* por Steris. Não era amor, mas ele duvidava que fosse amar novamente. Aquilo teria que bastar.

— Não, Steris — respondeu. — Não quero voltar atrás. Isso... não seria justo com sua casa e com o dinheiro que gastaram.

— O dinheiro não...

— Está tudo bem — disse Wax, apertando levemente a mão dela. — Eu me recuperei o suficiente de minha provação. Estou forte o bastante para fazer isso.

Steris abriu a boca para retrucar, mas uma batida na porta precedeu a entrada de Marasi, enfiando a cabeça para conferir como estavam os dois. Com cabelo escuro e traços mais suaves e redondos que os de Steris, Marasi usava batom vermelho brilhante e um traje feminino progressista de saia plissada com paletó justo abotoado.

— Finalmente — disse ela. — Os convidados já estão ficando inquietos. Wax, há um homem aqui que quer vê-lo. Tentei mandá-lo embora, mas... Bem...

Ela entrou na sala e manteve a porta aberta, revelando o mesmo homem magro que chamara Wax antes, de terno marrom e gravata-borboleta, de pé com as garotas das cinzas na antecâmara que levava ao salão da cúpula.

— Você — disse Wax. — Como chegou aqui antes de Wayne?

— Não creio que seu amigo virá — disse o homem. Ele entrou, colocando-se ao lado de Marasi, anuiu para ela e fechou as portas, deixando de fora as garotas das cinzas. Virou-se e jogou para Wax uma bola de papel amassada.

Quando Wax a apanhou, ela retiniu. Abrindo-a, encontrou os dois pingentes de casamento. O papel tinha algumas palavras rabiscadas: *Vou encher a cara até não conseguir mijar reto. Feliz casamento e tudo mais.*

— Que bela imagem — observou Steris, pegando o pingente de casamento de Wax com a mão em luva branca enquanto Marasi olhava por cima do ombro dele para ler o bilhete. — Pelo menos não se esqueceu deles.

— Obrigado — disse Wax ao homem de marrom —, mas, como pode ver, estou bastante ocupado *me casando*. O que quer precise de mim pode...

O rosto do homem ficou translúcido, revelando os ossos do crânio e da coluna.

Steris enrijeceu.

— Santificado — sussurrou.

— Santa dor — reagiu Wax. — Diga a Harmonia para escolher algum outro desta vez. Estou ocupado.

— Diga a... *Harmonia*... — murmurou Steris, de olhos arregalados.

— Infelizmente, isso é parte do problema — disse o homem de marrom, a pele voltando ao normal. — Harmonia tem andado distraído ultimamente.

— Como Deus pode ficar distraído? — perguntou Marasi.

— Não estamos certos, mas isso nos preocupa. Preciso de você, Waxillium Ladrian. Tenho um serviço que achará interessante. Compreendo que deve ir à cerimônia, mas depois, caso eu possa ter um momento do seu tempo...

— Não — cortou Wax.

— Mas...

— *Não*.

Wax puxou Steris pelo braço, escancarando as portas e passando depressa por Marasi e pelo kandra. Seis meses tinham se passado desde que aquelas criaturas o haviam manipulado, jogado com ele e mentido para ele. O resultado? Uma mulher morta em seus braços.

Desgraçados.

— Aquele realmente era um dos *Imortais sem Rosto*? — perguntou Steris, olhando por cima do ombro.

— Sim, e, por razões evidentes, não quero nada com eles.

— Acalme-se — disse ela, segurando seu braço. — Precisa de um momento?

— Não.

— Tem certeza?

Wax se deteve. Ela esperou enquanto ele inspirou e expirou, afastando de sua mente aquela cena medonha, *medonha*, em que ele se ajoelhara sozinho numa ponte, segurando Lessie. Uma mulher que ele se dera conta de nunca ter conhecido.

— Estou bem — disse a Steris por entre os dentes trincados. — Mas Deus não deveria me procurar. Particularmente não hoje.

— Sua vida é... sem dúvida estranha, Lorde Waxillium.

— Eu sei — disse ele, voltando a se mover, parando com ela diante da última porta antes de entrarem na cúpula. — Pronta?

— Sim, obrigada.

Ela estava... com lágrimas nos olhos? Era uma expressão de emoção que Waxillium nunca vira nela.

— Você está bem?

— Sim — respondeu. — Desculpe-me. É só... mais maravilhoso do que eu imaginava.

Eles abriram as portas, revelando a cúpula reluzente, a luz do sol passando por ela e banhando a multidão que esperava. Conhecidos. Parentes distantes. Costureiras e ferreiros que trabalhavam para sua casa. Wax procurou Wayne e ficou surpreso de não o encontrar, apesar do bilhete. Ele era sua verdadeira família.

As garotas das cinzas se espalharam, salpicando pequenos punhados de cinzas no caminho acarpetado que percorria o perímetro da cúpula. Wax e Steris avançaram numa caminhada majestosa, apresentando-se aos presentes. Não havia música numa cerimônia sobrevivencialista, mas alguns braseiros estalavam queimando folhas verdes no alto e lançando trilhas de fumaça para cima de modo a representar as brumas.

Fumaça sobe enquanto cinzas caem, pensou ele, lembrando as palavras do sacerdote de sua juventude, quando frequentara cerimônias sobrevivencialistas. Eles deram a volta completa ao redor dos convidados. Pelo menos a família de Steris comparecera em peso, incluindo o pai, um homem de rosto vermelho que ergueu um punho entusiasmado para Waxillium quando passaram.

Wax se viu sorrindo. Aquilo era o que Lessie tinha querido. Eles frequentemente brincavam sobre sua simples cerimônia caminhante, concluída no *lombo de um cavalo* para fugir de uma gangue. Ela dissera que um dia o obrigaria a fazer o casamento adequadamente.

Cristais cintilantes. Uma multidão silenciosa. Passos num carpete salpicado de cinzas. Seu sorriso aumentou, e ele olhou para o lado.

Mas, claro, ali estava a mulher errada.

Ele quase tropeçou. *Idiota*, pensou. *Concentre-se*. Aquele dia era importante para Steris; o mínimo que ele podia fazer era não arruinar tudo. Ou melhor, não o arruinar de um modo que ela não tivesse esperado. O que quer isso significasse.

Infelizmente, enquanto caminhavam a distância remanescente, seu desconforto aumentou. Ele se sentiu nauseado. Suado. Enojado, como nas poucas vezes que fora obrigado a fugir de um assassino e deixar inocentes em perigo.

Tudo isso o forçava a reconhecer um fato difícil. Ele não estava pronto. Não era Steris, não era o ambiente. Simplesmente não estava *pronto* para aquilo.

Aquele casamento significava deixar Lessie para trás.

Mas ele estava preso, e *tinha* que ser forte. Ele trincou os dentes e subiu com Steris ao púlpito, onde o sacerdote estava de pé entre dois aparadores encimados por vasos de cristal com flores Mare-me-quer. A cerimônia era baseada em antigas crenças larsta retiradas de *Crenças renascidas*, de Harmonia, um volume das “Palavras de Fundação”.

O padre dizia as palavras, mas Wax não conseguia prestar atenção. Tudo parecia embotado para ele, dentes trincados, olhos fixos à frente, músculos tensos. Eles tinham encontrado um sacerdote assassinado naquela mesma igreja. Morto por Lessie enquanto enlouquecia. Será que poderiam ter feito algo por ela em vez de colocá-lo na caçada? Não poderiam ter lhe *contado*?

Força. Ele *não* podia escapar. Ele *não* seria um covarde.

Ele segurava as mãos de Steris, mas não conseguia olhar para ela. Em vez disso, ergueu o rosto para olhar através da cúpula de vidro para o céu. A maior parte dele era encoberto pelos prédios. Arranha-céus dos dois lados, janelas reluzentes ao sol da manhã, e a torre d’água certamente bloqueava a visão, embora se movesse...

Movesse?

Wax observou horrorizado enquanto as pernas sob o enorme cilindro de metal se dobravam, como se fossem ajoelhar, inclinando desajeitadamente seu peso para o lado. O alto da coisa se soltou, derramando toneladas de água numa onda espumosa.

Ele puxou Steris para si, com o braço firme ao redor de sua cintura, arrancou o segundo botão de seu colete e o jogou. *Empurrou* contra aquele único botão de metal, lançando-se com Steris para longe do púlpito enquanto o sacerdote soltava um grito de surpresa.

A água bateu na cúpula, que resistiu por meros segundos antes que uma seção se abrisse, permitindo a entrada da água.



— Tem certeza de que está bem, milorde? — perguntou Wax, ajudando Lorde Drapen, comissário-geral do Sexto Oitante, a descer os degraus na direção de sua carruagem. A água escorria ao lado deles, formando um pequeno rio na sarjeta.

— Isso acabou com a minha melhor pistola — disse Drapen. — Terei que mandar a coisa para ser limpa e lubrificada!

— Mande-me a conta, milorde — disse Wax, preferindo ignorar o fato de que uma boa pistola dificilmente seria arruinada por um pouco, ou, bem, *muita* água. Wax entregou o cavaleiro envelhecido ao seu cocheiro, partilhando uma expressão resignada antes de se virar e subir os degraus de volta à igreja. O carpete fez barulho quando ele pisou. Ou talvez tenham sido seus sapatos.

Passou pelo sacerdote, que discutia com o assessor de seguros Erikell, que estava ali para fazer um relatório inicial para quando a igreja cobrasse a indenização da apólice, e entrou na cúpula principal. A seção aberta do vidro ainda pendia nas dobradiças no alto, e a torre d'água parcialmente tombada — as pernas do outro lado haviam impedido que desabasse por completo — continuava a bloquear muito do céu.

Passou por bancos virados, pétalas de Mare-me-quer descartadas e lixo em geral. Água pingava do teto; era o único som além do eco da voz do sacerdote. Wax abriu caminho até o púlpito entre esguichos. Steris estava sentada na beirada, o vestido molhado colado no corpo, cachos de cabelo soltos das tranças nupciais e grudados no rosto. Estava com os braços cruzados apoiados nos joelhos, fitando o chão.

Wax se sentou junto a ela.

— Da próxima vez que uma torre d'água cair na nossa cabeça, vou tentar me lembrar de que saltar para *cima* é uma ideia ruim.

Ele tirou o lenço do bolso e o torceu.

— Você também tentou nos levar para trás. Simplesmente não foi rápido o bastante, Lorde Waxillium.

Ele grunhiu.

— Parece resultado de uma simples falha estrutural. Se, em vez disso, *tiver* sido alguma espécie de tentativa de assassinato, bem, foi uma incompetente. Não havia água suficiente lá dentro para ser verdadeiramente perigoso. O pior ferimento foi em Lorde Steming, que caiu e bateu a cabeça quando tentou sair às pressas de seu assento.

— Então não foi nada mais que um acidente — disse Steris. Ela se jogou de costas no púlpito, fazendo o carpete esguichar suavemente.

— Eu lamento.

— Não é culpa sua — disse ela, suspirando. — Você alguma vez se perguntou se a Cosmere está tentando esmagá-lo, Lorde Waxillium?

— Cosmere? Quer dizer Harmonia?

— Não, não Ele — negou Steris. — Apenas o acaso cósmico jogando os dados sempre que me vê, e sempre vencendo. Parece haver poesia nisso tudo — disse ela, fechando os olhos. — *Claro* que nosso casamento iria desmoronar. Várias toneladas de água despencando pelo teto? Por que não imaginei isso? É tão extravagante que *tinha* que acontecer. Pelo menos o sacerdote não foi assassinado desta vez.

— Steris — disse Wax, pousando a mão em seu ombro. — Vamos dar um jeito nisso. Vai ficar tudo bem.

Ela abriu os olhos e se pôs a observá-lo.

— Obrigada, Lorde Waxillium.

— Pelo que exatamente? — perguntou ele.

— Por ser gentil. Por estar disposto a se sujeitar a, bem, mim. Entendo que não seja uma ideia agradável.

— Steris...

— Não pense que estou me depreciando, Lorde Waxillium — disse ela, sentando-se e respirando fundo —, e, por favor, não suponha que estou sendo idiota. Sou o que sou e aceito isso, mas não tenho ilusões quanto à ideia que fazem da minha companhia. Obrigada. Por não fazer com que eu me sinta como outros fizeram.

Ele hesitou. Como se responde a algo *assim*?

— Não é como você diz, Steris. Eu a acho encantadora.

— E o fato de que você estava trincando os dentes enquanto a cerimônia começava, apertando as mãos com tanta força quanto um homem pendurado na lateral de uma ponte?

— Eu...

— Está triste porque nosso casamento foi postergado? Pode realmente dizer que sim e ser honesto como um homem da lei, Lorde Waxillium?

Maldição. Ele estava perdido. Sabia que algumas palavras simples poderiam resolver ou evitar a questão, mas não conseguia encontrá-las, embora procurasse por um tempo desconfortavelmente longo, até que dizer qualquer coisa teria soado paternalista.

— Talvez eu só precise tentar algo para relaxar na próxima vez.

— Duvido quer será produtivo comparecer bêbado à cerimônia.

— Não disse que iria beber. Talvez um pouco de meditação terrisana.

Ela o encarou.

— Ainda está disposto a seguir em frente?

— Claro — disse ele. Desde que não tivesse que ser naquele dia. — Imagino que você tenha um outro vestido.

— Dois — admitiu, permitindo que ele a ajudasse a se levantar. — E reservei outra data daqui a dois meses. Numa igreja diferente, caso essa viesse a explodir.

Ele grunhiu.

— Você soa como Wayne.

— Bem, as coisas *realmente* tendem a explodir perto de você, Lorde Waxillium — disse ela, olhando para a cúpula acima. — Considerando isso, ficar encharcado deve ser uma novidade.

Marasi andava do lado de fora da igreja inundada, as mãos juntas às costas, o caderno dando um peso familiar ao bolso do paletó. Alguns policiais, todos eles cabos, agiam como se estivessem no comando.

Esse tipo de coisa era importante numa crise; as estatísticas mostravam que uma figura de autoridade uniformizada por perto diminuía a probabilidade de as pessoas entrarem em pânico.

Claro que também existia uma porcentagem menor de pessoas que entrava em pânico com *mais* facilidade quando havia uma figura de autoridade por perto. Por que pessoas eram pessoas, e se havia algo com que você podia contar era que algumas delas seriam esquisitas. Ou melhor, que *todas* elas seriam esquisitas quando, por acaso, as circunstâncias se alinhassem com seu tipo individual de insanidade.

Isso dito, ela caçava um tipo muito especial de insano naquele momento. Primeiramente, tentou os pubs próximos, mas isso era óbvio demais. Depois conferiu os canais, um restaurante popular e, indo contra seu bom senso, um fornecedor de “novidades”. Sem sorte, embora seu traseiro tivesse recebido *três* elogios, vejam só.

Finalmente, ficando sem ideias, decidiu conferir se ele havia decidido roubar os garfos que seriam usados no café da manhã de núpcias. Lá, num salão de jantar em frente à igreja, ela encontrou Wayne, que estava na cozinha, de paletó branco e chapéu de chef. Estava criticando duramente vários assistentes de cozinha que decoravam tortas com uma cobertura de frutas.

Marasi se apoiou no umbral e observou, tamborilando no bloco com o lápis. Wayne não soava nada como ele mesmo, usando em vez disso uma voz aguda e anasalada com um sotaque que ela não conseguia identificar. Oriental, talvez? Algumas das cidades externas lá tinham sotaques fortes.

Os assistentes de cozinha não o questionavam. Faziam imediatamente o que dizia, suportando a condenação quando ele provava uma sopa fria e xingava sua incompetência. Se havia notado Marasi, não revelou, limpando as mãos num pano e exigindo ver as frutas e verduras que os rapazes entregavam.

Marasi finalmente entrou na cozinha, evitando uma assistente baixa com uma panela quase tão grande quanto ela mesma, e chegou até Wayne.

— Já vi alfaces mais frescas na lata de lixo! — dizia a um entregador que se encolhia. — E você chama isso de uvas? Estão tão maduras que quase fermentam! E... Ah, olá, Marasi — disse ele, usando sua voz normal nessa última frase.

O entregador saiu apressado.

— O que você está fazendo? — perguntou Marasi.

— Estou fazendo sopa — respondeu Wayne, sem o sotaque anterior, mostrando a ela uma colher de madeira. Perto dali, vários assistentes de cozinha pararam de repente, olhando para ele com expressões chocadas.

— Fora daqui vocês todos! — disse a eles em sua voz de chef. — Preciso de tempo para me preparar! Xô, xô, saiam!

Eles saíram em disparada, deixando-o com um sorriso.

— Você sabe que o café da manhã nupcial foi cancelado? — perguntou Marasi, apoiando-se numa mesa.

— Claro que sim.

— Então por que...

Ela parou de falar quando ele enfiou uma tortinha inteira na boca e sorriu.

— Eu tinha que garantir que eles não recuassem no combinado e simplesmente não fizessem nada para comer — disse, enquanto mastigava, com migalhas caindo dos lábios. — Nós pagamos por isso. Bem, Wax pagou. Ademais, o casamento ser cancelado não é motivo para não celebrar, certo?

— Depende do que você está celebrando — disse Marasi, abrindo o seu caderno. — Os parafusos que mantinham a torre d'água no lugar certamente foram afrouxados. A rua abaixo estava notavelmente vazia, pois alguns rufiões, todos de outros oitantes, eu poderia acrescentar, interromperam o trânsito ao iniciar uma briga no meio da rua ferrada.

Wayne resmungou, revirando os itens dentro de um armário.

— Às vezes, odeio esse seu caderninho.

Marasi grunhiu, fechando os olhos.

— Alguém poderia ter se ferido, Wayne.

— Ah, isso não está certo. Alguém *se feriu*. Aquele sujeito gordo que não tem cabelo.

Ela massageou as têmporas.

— Você se dá conta de que agora eu sou policial, Wayne? Não posso fazer vista grossa para danos *gratuitos* à propriedade.

— Ah, não foi tão ruim assim — retrucou Wayne, ainda revirando as coisas na cozinha. — Wax vai pagar.

— E se alguém tivesse ficado ferido? Quer dizer, gravemente?

Wayne continuou procurando.

— Os sujeitos se empolgaram um pouco. Eu disse a eles: “Garantam que a igreja seja alagada.” Eu quis dizer que queria que o sacerdote abrisse o lugar de manhã e descobrisse que o encanamento enfrentava um pequeno problema de “estar todo detonado e vazando por todo o lugar”. Mas os sujeitos se empolgaram um pouco.

— Os “sujeitos”?

— Só alguns amigos.

— Sabotadores.

— Não. Você acha que eles conseguem pronunciar essa palavra?

— Wayne...

— Já dei uma bronca neles, Marasi — disse Wayne. — Eu juro.

— Ele vai descobrir — avisou Marasi. — O que você fará, então?

— Não, você está errada — discordou Wayne, finalmente se afastando do armário com um grande jarro de vidro. — Wax não percebe coisas assim. No fundo, ele ficará aliviado por eu ter interrompido o casamento. Vai imaginar que fui eu, no subconsciente, e pagará pelos danos, não importando o que o assessor de seguros disser. E não dirá nada, nem mesmo investigará. Espere e verá.

— Não sei...

Wayne sentou no balcão da cozinha e deu um tapinha no lugar ao seu lado. Ela o olhou por um momento, mas depois suspirou e se instalou no balcão.

Ele lhe ofereceu o jarro.

— Isso é xerez para cozinhar, Wayne.

— Sim, pubs não servem nada além de cerveja a esta hora. É preciso ser criativo.

— Estou certa de que poderíamos encontrar algum vinho...

Ele deu um gole.

— Deixa para lá — disse Marasi.

Ele baixou o jarro e tirou o chapéu de chef, jogando-o no balcão.

— E, afinal, por que você está tão tensa hoje? Imaginei que estaria dando pulos de alegria e correndo pela rua colhendo flores e tudo mais. Ele não vai casar com ela. Pelo menos não hoje. Você ainda tem uma chance.

— Eu não *quero* uma chance, Wayne. Ele tomou a decisão dele.

— E que tipo de conversa é essa? — cobrou ele. — Você desistiu? A Guerreira Ascendente era assim?

— De fato, não — respondeu Marasi. — Ela foi até o homem que desejava, arrancou o livro da mão dele e o beijou.

— Está vendo, é assim que se faz!

— Embora a Guerreira Ascendente também tenha assassinado a mulher com quem Elend planejava se casar.

— O quê, sério?

— É.

— Horrendo — disse Wayne em tom de aprovação, tomando outro gole de xerez.

— Isso não é nem a metade — continuou Marasi, reclinando no balcão, as mãos para trás. — Quer coisas horrendas? Supostamente, ela também arrancou as entranhas do Senhor Soberano. Vi isso retratado em diversos manuscritos com iluminuras.

— Meio explícito para uma história de cunho religioso.

— Na verdade, todas elas são assim. Acho que precisam colocar muitas partes animadas para fazer com que as pessoas leiam o resto.

— Ahn — reagiu Wayne, parecendo incrédulo.

— Wayne, você nunca *leu* nenhum texto religioso?

— Claro que sim.

— Mesmo?

— Sim, muitas das coisas que leio têm textos religiosos. “Maldição”. “Inferno”. “Cretino flatulento baba-ovo”.

Ela lhe dirigiu um olhar rígido.

— Este último é do Testemunho de Hammond — insistiu ele. — Juro. Pelo menos todas as letras são.

Outro gole. Wayne conseguia beber mais que qualquer outra pessoa que ela conhecia. Claro que fazia isso principalmente porque podia usar suas mentes de metal para se curar e queimar os efeitos do álcool em um piscar de olhos — e depois recomeçar.

— É isso que você tem que fazer — continuou ele. — Ser como Lady Nascida da Bruma. Cometa seu assassinato, entende? Não recue. Ele deve ser seu, e você tem que fazer com que as pessoas saibam.

— Cometer... meu assassinato?

— Claro.

— Da minha irmã.

— Você sempre pode ser educada — argumentou Wayne. — Tipo deixar que ela dê o primeiro golpe ou algo assim.

— Não, obrigada.

— Não precisa ser um assassinato *real*, Marasi — disse Wayne, saltando do balcão. — Pode ser, tipo,

figurativo. Mas você deveria *lutar*. Não deixe que ele se case com ela.

Marasi inclinou a cabeça para trás, olhando para o conjunto de conchas balançando acima do balcão.

— Não sou a Guerreira Ascendente, Wayne. E não quero ser. Não quero alguém que eu precise convencer, alguém que eu tenha que subjugar. Esse tipo de coisa é para o tribunal, não para o quarto.

— Acho que algumas pessoas diriam...

— Cuidado.

— Que essa é uma forma iluminada de ver as coisas.

Ele tomou mais um gole de xerez.

— Não sou uma criatura torturada e abandonada, Wayne — disse Marasi, rindo de seu reflexo distorcido numa concha. — Não fico por aí suspirando e sonhando que alguém decida se eu posso ser feliz. Não há nada entre nós. Seja por real falta de afeto da parte dele ou mais por teimosia, não ligo. Deixei isso para trás.

Ela baixou os olhos, encontrando os de Wayne. Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Ahn, você está falando sério, não é mesmo?

— Pode apostar.

— Deixou para trás... Louca ferrada! Dá pra *fazer* isso?

— Certamente.

— Hã... Você acha... que eu deveria... você sabe... com Ranette...

— Wayne, se alguém deveria aceitar uma dica, é você nesse momento. Sim. Deixe para trás. Sério.

— Ah, aceitei a dica — disse, tomando um gole de xerez. — Só não consigo me lembrar em qual paletó a deixei. Tem certeza?

— Ela tem uma *namorada*, Wayne.

— É só uma fase — murmurou ele. — Que dura quinze anos...

Ele pousou o jarro, suspirou e enfiou a mão no mesmo armário, tirando uma garrafa de vinho.

— Ah, por *Preservação*! — disse Marasi. — Isso estava aí o tempo todo?

— O gosto fica melhor se primeiro você beber algo que tenha gosto de água suja — disse Wayne. Depois, arrancou a rolha com os dentes, o que *foi* meio que impressionante, ela teve que admitir. Serviu uma taça para ela e uma para si mesmo. — Vamos brindar ao desapego?

— Claro. Ao desapego — disse Marasi. Ela ergueu a taça e viu no vinho o reflexo de alguém de pé atrás dela.

Ela engasgou, virando-se e estendendo a mão para a bolsa. Wayne apenas ergueu a taça ao recém-chegado, que contornou o balcão com passos lentos. Era o homem de terno marrom e gravata-borboleta. Não, não o homem. O *kandra*.

— Se você está aqui para me persuadir a persuadi-lo — disse Wayne —, deveria saber que ele nunca me escuta a não ser que esteja bastante bêbado. — Ele virou o vinho. — Provavelmente é a razão pela qual ele viveu tanto.

— Na verdade, não estou aqui por sua causa — disse o *kandra*. Ele se virou para Marasi e inclinou a cabeça. — Minha primeira escolha para essa empreitada recusou meu pedido. Espero que você não se ofenda por ser a minha segunda opção.

Marasi descobriu que seu coração estava acelerado.

— O que você quer?

O kandra deu um largo sorriso.

— Diga-me, srta. Colms, o que sabe sobre a natureza de investidura e identidade?



Wax, pelo menos, tinha uma muda de roupas que não estava molhada: o terno que usara durante a invasão. Portanto, estava agradavelmente seco quando sua carruagem chegou à Mansão Ladrian. Steris voltara à casa do pai para se recuperar.

Wax colocou o jornal de lado e esperou que Cob, o novo cocheiro, saltasse e abrisse a porta da carruagem com um puxão. Os movimentos do homenzinho tinham uma ansiedade frenética, como se ele soubesse que Wax só usava uma carruagem por obrigação social. Saltar para casa usando *empurrões* de aço teria sido muito mais rápido, mas, assim como um lorde não podia andar por qualquer lugar, *empurrar* aço demais pela cidade à luz do dia quando não estava perseguindo criminosos deixava desconfortáveis os integrantes da sua casa. Simplesmente não era o que o lorde de uma casa fazia.

Wax anuiu para Cob e lhe deu o jornal. Cob sorriu; adorava aquelas coisas.

— Tire o resto do dia de folga — disse Wax. — Sei que você estava ansioso pelos festejos do casamento.

O sorriso de Cob aumentou. Depois, ele balançou a cabeça e subiu novamente na carruagem para cuidar dela e dos cavalos antes de partir. Provavelmente passaria o dia nas corridas.

Wax suspirou, subindo os degraus da entrada da mansão. Era uma das melhores da cidade: luxuosa, com cantaria esculpida, madeira de lei e detalhes de mármore de bom gosto. Isso não impedia que fosse uma prisão. Apenas era uma muito boa.

Wax não entrou. Em vez disso, ficou nos degraus por um tempo antes de se virar e sentar. Fechou os olhos e deixou que tudo assentasse.

Ele era bom em esconder suas cicatrizes. Já fora baleado mais de doze vezes, e alguns dos ferimentos tinham sido bem ruins. Nas Terras Brutas, ele aprendera a se recuperar e seguir em frente, não importando o que acontecesse.

Ao mesmo tempo, era como se as coisas naquela época tivessem sido simples. Nem sempre fáceis, mas simples. E algumas cicatrizes continuavam a doer. Pareciam piorar com o tempo.

Ele se levantou com um resmungo, as pernas rígidas, e continuou a subir. Ninguém abriu a porta para ele nem pegou seu casaco quando entrou. Mantinha uma equipe pequena na casa, apenas o que considerava necessário. Quando eram demais, os empregados ficavam circulando e se preocupavam quando ele fazia algo por conta própria. Era como se isso os fizesse se sentir incompletos...

Wax franziu a testa, sacou Vindicação do coldre no quadril e a ergueu ao lado da cabeça. Não sabia dizer o que exatamente o deixara alerta. Passos acima, quando ele dera folga aos empregados. Um copo numa mesa lateral com um resto de vinho no fundo.

Pegou um pequeno frasco no cinturão e engoliu o conteúdo: flocos de aço suspensos em uísque. O metal queimou causando com um calor familiar dentro dele, espalhando-se a partir do estômago, e linhas azuis nasceram do seu peito. Elas se moveram com ele enquanto se esgueirava para a frente, como se

estivesse amarrado a mil pequenos fios.

Saltou e *empurrou* as incrustações no piso de mármore, subindo ao lado da escada até um balcão do segundo andar acima da grandiosa entrada. Deslizou com facilidade por cima da balaustrada, pousando com a arma apontada. A porta de seu escritório estremeceu e se abriu.

Wax avançou nas pontas dos pés.

— Só um momento, eu...

O homem de terno marrom-claro ficou paralisado ao sentir a arma de Wax pressionando sua têmpora.

— Você — disse Wax.

— Gosto muito deste crânio — comentou o kandra. — É anteverdegente, do século VI, e pertencia a um comerciante de metal de Urteau cujo túmulo foi deslocado e protegido como efeito colateral da reconstrução de Harmonia. Uma antiguidade, caso prefira. Se você fizer um buraco nele, ficarei *bastante* aborrecido.

— Eu lhe disse que não estou interessado — rosnou Wax.

— Sim. Levei isso a sério, Lorde Ladrian.

— Então por que está aqui?

— Porque fui convidado — respondeu o kandra. Ergueu a mão, pegou o cano da arma de Wax com dois dedos e a empurrou para o lado suavemente. — Precisávamos de um lugar para conversar. Seu associado sugeriu a mansão, já que, como me foi dito, os empregados foram dispensados.

— Meu associado? — Ele então ouviu risos. — Wayne — falou, olhando o kandra. Depois, suspirou e deslizou a arma para o coldre. — Qual dos kandra é você? TenSoon?

— Eu? — reagiu o kandra, rindo. — TenSoon? O quê? Está me ouvindo ofegar? — Ele riu, com um gesto para que Wax entrasse em seu próprio escritório, como se lhe fizesse uma grande cortesia. — Sou VenDell, da Sexta. Um prazer conhecê-lo, Lorde Ladrian. Se precisar atirar em mim, faça isso na perna esquerda, já que não tenho simpatia especial por esses ossos.

— Não vou atirar em você — disse Wax, passando pelo kandra e entrando na sala. As venezianas e as cortinas pesadas tinham sido fechadas, deixando a sala numa escuridão quase total, a não ser por duas pequenas luminárias elétricas novas. Por que as cortinas fechadas? O kandra se preocupava em ser visto?

Wayne estava instalado na poltrona de Wax, com os pés na mesa de centro, servindo-se de uma tigela de nozes. Uma mulher se esticava em pose semelhante na poltrona ao lado, vestindo calças apertadas e blusa solta, com os olhos fechados enquanto reclinava na poltrona e mãos atrás da cabeça. Usava um corpo diferente daquele em que Wax a vira pela última vez, mas a postura e a altura lhe davam boas pistas de que era MeLaan.

Marasi estava inspecionando um equipamento estranho instalado num pedestal nos fundos da sala. Era uma caixa com pequenas lentes na frente. Ela se empertigou assim que o viu e, sendo Marasi, enrubescou profundamente.

— Lamento por isso — disse ela. — Estávamos indo ao meu apartamento para conversar, mas Wayne insistiu...

— Eu precisava de nozes — interferiu Wayne com a boca cheia. — Quando você me convidou para ficar aqui, *disse* para me sentir à vontade, meu chapa.

— Ainda não está claro por que vocês *precisavam* de um lugar para conversar — disse Wax. — Já falei que não iria ajudar.

— Verdade — disse VenDell, junto à porta. — Como você não estava disponível, eu, por necessidade,

apelei para outras opções. Lady Colms foi bastante gentil ao escutar minha proposta.

— Marasi? — reagiu Wax. — Você procurou Marasi?

— O quê? — retrucou VenDell. — Isso o surpreende? Ela *foi* determinante na derrota de Miles Cемовidas. Para não falar em sua ajuda durante os tumultos instigados por Paalm.

Wax encarou o kandra.

— Você está tentando chegar a mim por outro caminho, não está?

— Olhe quem está cheio de si — disse MeLaan de sua poltrona.

— Ele sempre está cheio de si — observou Wayne, quebrando uma noz. — Principalmente por roer as próprias unhas. Eu já o vi fazer isso.

— É tão ridículo assim que eles realmente possam querer a minha ajuda? — perguntou Marasi.

— Peço desculpas. Não quis dizer isso — falou Wax, virando-se para ela.

— Então o *que* você quis dizer?

Wax suspirou.

— Não sei, Marasi. Foi um longo dia. Atiraram em mim, uma torre d'água foi jogada na minha cabeça e minha cerimônia de casamento foi destruída. Agora Wayne está enchendo minha poltrona de cascas de noz. Sinceramente, acho que só preciso de um drinque.

Ele foi até o bar nos fundos da sala. Marasi o encarou e, quando ele passou, sussurrou:

— Consegue um para mim também? Porque isso tudo está me deixando meio maluca.

Ele sorriu, pegando um uísque puro malte e servindo para ele e para Marasi. VenDell desapareceu pela porta, mas voltou alguns minutos depois com um equipamento que prendeu no aparelho estranho. Estendeu um fio até uma das luminárias de parede, tirando a lâmpada e enroscando o fio no lugar.

Ir embora seria infantil, então Wax se apoiou na parede e bebericou seu uísque, sem dizer nada enquanto VenDell ligava a máquina. Uma imagem apareceu na parede.

Wax ficou paralisado. Era um *retrato*, similar a um evanotipo, só que na parede, e bem grande. Mostrava o Campo do Renascimento no centro de Elendel, onde ficavam os túmulos de Vin e Elend Venture. Ele nunca vira algo como aquela imagem. Parecia ter sido criada unicamente de luz.

Marasi engasgou.

Wayne jogou uma noz na imagem.

— O quê? — perguntou quando todos olharam feio para ele. — Eu queria saber se era real.

Ele hesitou, mas depois jogou outra noz. Ela produziu uma sombra na imagem ao voar entre o equipamento e a parede. Então *era* luz.

— Projetor de imagem — contou VenDell. — Chamam isto de evanoscópio. Eles serão comuns no ano que vem, creio — disse. Depois, fez uma pausa. — Harmonia insinua que, se achamos isso assombroso, *realmente* queimará nossos metais quando as imagens começarem a se mover.

— Mover? — reagiu Wax, adiantando-se. — Como elas fariam isso?

— Não sabemos — disse MeLaan, fazendo uma careta. — Ele deixou escapar acidentalmente, mas não dirá mais nada.

— Como Deus deixa algo escapar *acidentalmente*? — perguntou Marasi, ainda olhando para a imagem.

— Como eu disse, Ele tem estado distraído ultimamente — respondeu VenDell. — Tentamos arrancar mais sobre essas imagens em movimento, mas até agora sem sorte. Ele com frequência faz isso; diz ser

vital que descobramos as coisas sozinhos.

— Como um pinto saindo do ovo — complementou MeLaan. — Ele diz que se não lutarmos e aprendermos sozinhos não seremos suficientemente fortes para sobreviver ao que virá.

Ela deixou as palavras pairando no ar, e Wax trocou olhares com Marasi.

— Bem... isso é sinistro — comentou Marasi lentamente. — Ele disse mais alguma coisa sobre Trell?

Wax cruzou os braços. Trell. Era um deus dos antigos registros, muito antes do Catacendro — na verdade, muito antes do Senhor Soberano. Harmonia memorizara essa religião, juntamente com muitas outras, durante seus dias de mortal.

Marasi tinha uma obsessão com esse deus, e não injustificada. Wax não estava certo de que era verdadeira sua alegação de que a veneração a Trell estava envolvida no que acontecera a Lessie, mas as estacas que eles tinham encontrado... Não pareciam ter sido feitas de nenhum metal conhecido pelos homens.

Os kandra as tinham confiscado. Quando Wax começara a se recuperar, elas já haviam sido levadas.

— Não — respondeu VenDell. — E não tenho notícias sobre as estacas, se é o que está imaginando. Mas a tarefa que tenho para você, srta. Colms, poderá dar respostas. Basta dizer que estamos preocupados com uma possível intrusão de outro deus neste domínio.

— Ei, o que uma garota precisa fazer para conseguir um pouco desse uísque? — perguntou MeLaan.

— Irmã, você é uma representante de Harmonia e do Seu conhecimento — disse VenDell, mexendo em algo em sua máquina e tornando a imagem mais brilhante.

— Sim, e uma representante tragicamente *sóbria* — retrucou MeLaan.

Wax deu um copo a ela, que sorriu em agradecimento.

— Cavalheirismo — disse ela, erguendo-o.

— Manipulação — retrucou VenDell. — Srta. Colms, eu lhe falei mais cedo sobre investidura e identidade. E lhe prometi uma explicação. Aqui está.

Ele virou algo na sua máquina, mudando a imagem na parede para uma relação de metais feruquêmicos, seus atributos e suas naturezas. Não era a bela representação artística que Wax costumava ver nas histórias populares, mas era muito mais detalhada.

— As capacidades físicas básicas da Feruquemia são bem compreendidas — disse VenDell, adiantando-se e usando uma vara comprida para indicar uma área da tabela projetada. — A tradição e a herança terrisana as exploram por pelo menos 1.500 anos. Harmonia deixou explicações detalhadas nas “Palavras de Fundação”. Da mesma forma, as capacidades que aparecem no chamado quadrante mental da tabela foram traçadas e debatidas, testadas e definidas. Nossa compreensão não é tão avançada aqui; não sabemos por que lembranças estocadas se desgastam quando mentes de metal são removidas nem por que acionar velocidade mental tende a deixar a pessoa com fome, mas ainda assim temos muita experiência nesta área.

Ele fez uma pausa e traçou com a vara um círculo ao redor de um grupo de metais e capacidades na base: sorte, investidura, identidade e conexão. Wax se inclinou para a frente. Eles tinham falado sobre aquilo durante o ano que ele passara na Vila, mas apenas como parte dos catecismos da Feruquemia e da crença terrisana, sem especificar o que os poderes realmente *faziam*. Eram considerados além da compreensão, como Deus ou o tempo.

— Cromo — disse VenDell. — Nicrosil, alumínio, duralumínio. São metais que a maioria dos antigos desconhecia. Apenas recentemente processos metalúrgicos modernos permitiram que se tornassem

comuns.

— Comuns? — reagiu Wayne. — Com uma única bala de alumínio, meu chapa, eu poderia lhe comprar um traje que não parecesse tão idiota e ainda ter dinheiro para um ou dois belos chapéus.

— Seja como for, comparado com o volume de alumínio que existia no mundo antes do Catacendro, o metal agora é comum — insistiu VenDell. — O refino da bauxita, os processos químicos modernos, tudo isso nos deu acesso a metais num nível que nunca antes fora possível. A autobiografia do Último Obrigador explica que inicialmente o alumínio era extraído do interior das Montanhas de Cinzas!

Wax se adiantou, caminhando ao longo do cone de luz projetado pela máquina.

— Então, o que eles fazem?

— Estamos pesquisando — respondeu VenDell. — Ferumosos com essas capacidades são muito, muito raros, e apenas nas últimas décadas tivemos acesso a um volume suficiente desses metais para começar a fazer experiências. Reconstruir a sociedade tem sido um processo... cansativo.

— Você estava vivo antes — disse Marasi. — Nos dias da Guerreira Ascendente.

VenDell se virou, erguendo as sobrancelhas.

— De fato, mas nunca a conheci. Apenas TenSoon a conheceu.

— Como era a vida? — perguntou Marasi.

— Dura — respondeu VenDell. — Era... dura.

— Há lacunas em nossas lembranças — acrescentou MeLaan suavemente. — De quando nossas estacas foram removidas. Isso tirou um pedaço de nós. Há coisas que nunca iremos recuperar.

Wax pegou uma bebida. Havia um *peso* em conversar com os kandra, em se dar conta de que a maioria deles já estava viva quando o Mundo das Cinzas terminara havia centenas de anos. Aqueles seres eram *antigos*. Talvez Wax não devesse ficar surpreso com sua presunção. Para os kandra, ele e todos os outros seres vivos mal passavam de crianças.

— Identidade — disse VenDell, batendo a vara na parede e lançando uma sombra sobre a imagem. — Lorde Ladrian, outro feruquemista poderia usar suas mentes de metal?

— Claro que não — respondeu Wax. — Todos sabem isso.

— Por quê?

— Bem... porque não. Elas são minhas.

A Feruquemia é simples, elegante. Encha sua mente de metal com um atributo por uma hora — como o peso de Wax ou a saúde e o poder de cura de Wayne — e você poderá extrair uma hora desse atributo em outro momento. Ou poderá usar uma explosão de poder extremamente intensa, mas que durará apenas um momento.

— O poder puro tanto da Alomancia como da Feruquemia é algo que chamamos de investidura — explicou VenDell. — Isso é muito importante, já que, na Feruquemia, a investidura de um indivíduo é ligada especificamente a ele. Chamamos a isso de identidade.

— Você me deixou curioso — disse Wax, olhando para a parede enquanto VenDell caminhava lentamente de volta à sua máquina. — Como elas sabem? Minhas mentes de metal... Elas me *reconhecem*?

— De certa forma — respondeu VenDell, trocando a imagem para a de uma feruquemista usando reservas de força. Os músculos da mulher eram várias vezes maiores que o tamanho normal enquanto ela erguia um cavalo acima da cabeça. — Cada homem ou mulher tem um aspecto espiritual, uma parte dele que existe num reino inteiramente diferente. Você poderia chamar de alma. Sua investidura está ligada à

sua alma; de fato, poderia ser uma *parte* da sua alma, assim como seu sangue é parte do seu corpo.

— Então, se uma pessoa pudesse estocar sua identidade, como Waxillium faz com seu peso... — começou Marasi.

— Ela ficaria sem essa identidade por um tempo — completou VenDell. — Uma tela em branco, por assim dizer.

— Então poderia usar a mente de metal de *qualquer um*? — perguntou Marasi.

— Possivelmente — respondeu VenDell.

Ele projetou imagens de muitos outros feruquemistas usando suas capacidades antes de parar numa imagem que trazia um conjunto de braceletes. Simples faixas metálicas, como argolas largas, feitas para serem usadas no alto dos braços sob as roupas. Sem as cores, era impossível dizer o tipo do metal, mas tinham antigas marcas terrisanas gravadas nelas.

— Alguns têm feito experiências nesse sentido, e os resultados iniciais são promissores — contou VenDell. — Contudo, um feruquemista que pode usar as mentes de metal de qualquer um é intrigante, mas não particularmente revolucionário. Nossa sociedade está cheia de indivíduos com capacidades extraordinárias, e esta seria apenas uma delas. Não, o que me interessa é o *oposto*, srta. Colms. E se um feruquemista pudesse se livrar de toda a sua identidade e depois encher *outra* mente de metal com um atributo. Digamos, força. O que isso faria?

— Criaria uma mente de metal sem ligação com uma pessoa? — sugeriu Marasi. — Uma que outro feruquemista pudesse acessar?

— Possivelmente — disse VenDell. — Ou que tal outra possibilidade? A maioria das pessoas hoje tem pelo menos um pouco de sangue feruquêmico. E se uma mente de metal como a que descrevi, uma que não seja ligada a um indivíduo específico, puder ser usada por *qualquer um*?

A compreensão se formou em Wax como um metal queimando lentamente. Na poltrona ao lado do equipamento de imagem, Wayne assoviou lentamente.

— Qualquer um poderia ser feruquemista — disse Wax.

VenDell anuiu.

— A investidura, a capacidade inata de queimar metais ou usar mentes de metal, também é uma das coisas que a Feruquemia consegue estocar. Lorde Waxillium... são artes que estamos apenas começando a compreender, mas os segredos que elas contêm poderiam mudar o mundo. Nos antigos tempos, o Último Imperador descobriu um metal que o transformou num Nascido da Bruma. Um metal que qualquer um conseguia queimar, dizem. Isso insinua uma possibilidade oculta, algo menor, mas ainda assim inacreditável. E se alguém, de algum modo, conseguisse manipular identidade e investidura para criar um conjunto de braceletes que desse capacidade feruquêmica *ou* alomântica à pessoa que os usa? Isso poderia transformar qualquer pessoa num Nascido da Bruma, um feruquemista ou ambos *ao mesmo tempo*.

A sala ficou em silêncio.

Uma noz quicou na cabeça de VenDell.

Ele se virou imediatamente para olhar feio na direção de Wayne.

— Me desculpe — disse Wayne. — Eu só estava com dificuldade para acreditar que alguém podia ser tão melodramático, então imaginei que talvez você não fosse de verdade. Tive que conferir, entende?

VenDell esfregou a testa, respirando com força, irritado.

— Isso tudo é fascinante — admitiu Wax. — Mas, infelizmente, também é impossível.

— E por que seria? — perguntou VenDell.

— Você nem sequer sabe como, ou se, isso funcionaria — disse Wax, acenando para a tela. — E mesmo se conseguisse descobrir, precisaria de um feruquemista pleno. Alguém com pelo menos *dois* poderes feruquêmicos, já que ele precisaria ser capaz de estocar sua identidade numa mente de metal junto com outro atributo feruquêmico. Ferrugem! Para fazer o que você acabou de sugerir, e também criar alomânticos, você basicamente precisaria de alguém que já fosse ao mesmo tempo Nascido da Bruma e feruquemista pleno.

— Isso é verdade — concordou VenDell.

— E quanto tempo já se passou desde que nasceu um feruquemista pleno?

— Muito, muito tempo — admitiu VenDell. — Mas *nascer* feruquemista não é a única possibilidade.

Wax hesitou e, depois, trocou um olhar com Marasi. Ela anuiu, e ele cruzou a sala para remover o painel de madeira que escondia seu cofre. Colocou a combinação e retirou o livro que o Olhos de Ferro lhe enviara. Virou-se, erguendo-o.

— Hemalurgia? Harmonia odeia isso. Eu *li* o que o Lorde Nascido da Bruma tinha a dizer sobre o tema.

— Sim — concordou VenDell. — A Hemalurgia é... problemática.

— Em parte porque não existiríamos sem ela — argumentou MeLaan. — Não é particularmente divertido saber que pessoas precisaram ser assassinadas para que você ganhasse consciência.

— Criar novas estacas é uma prática horrenda — concordou VenDell. — Não temos intenção de produzir tal coisa para fazer experiências sobre identidade. Em vez disso, esperamos. Um feruquemista pleno acabará nascendo na humanidade; principalmente com a elite terrisana se esforçando tanto para preservar e condensar suas linhagens sanguíneas. Infelizmente, nossa... contenção não é partilhada por todos. Há aqueles que estão chegando muito perto de compreender como tudo isso funciona.

Meu tio, pensou Wax, baixando os olhos para o livro em seus dedos. Pelo que ele podia dizer, Edwarn, o homem conhecido como Sr. Elegante, estava tentando criar alomânticos. O que ele faria com a Hemalurgia se tomasse conhecimento dela?

— Precisamos nos manter à frente daqueles que talvez queiram usar isso com propósitos malévolos — disse VenDell. — Precisamos fazer experiências e determinar como essas mentes de metal livres de identidade podem funcionar.

— Fazer isso será perigoso — disse Wax. — Misturar poderes é *inacreditavelmente* perigoso.

— Diz o Duplonato — falou MeLaan.

— Eu estou protegido — disse Wax, olhando para ela. — Meus poderes não são compostos. Vêm de metais diferentes.

— Podem não ser compostos, mas ainda são fascinantes, Lorde Waxillium — contrapôs VenDell. — *Qualquer* mistura de Alomancia e Feruquemia tem efeitos não imaginados.

— O que você tem que faz com que eu queira socá-lo mesmo quando está dizendo algo útil? — perguntou Wax.

— Nenhum de nós conseguiu descobrir — disse MeLaan, acenando para que Wayne lhe jogasse uma noz. — É um dos grandes mistérios da Cosmere.

— Vamos lá, Lorde Ladrian — disse VenDell, erguendo as mãos. — Isso é modo de falar com alguém que tem as mãos de seu ancestral?

— Suas... mãos? — reagiu Wax. — Você está falando metaforicamente?

— Não, não — respondeu VenDell. — Brisa *disse* que eu poderia ficar com elas depois de sua morte. Metacarpos excelentes. Eu as uso em ocasiões especiais.

Wax ficou parado por um momento, segurando o livro, tentando digerir o que o kandra acabara de dizer. Seu ancestral, o primeiro Lorde Ladrian, Conselheiro dos Deuses... dera suas mãos àquela criatura.

De certo modo, Wax apertara as mãos do cadáver de Brisa. Olhou para o copo, surpreso ao descobri-lo vazio, e serviu um pouco mais de uísque para si.

— Foi uma aula muito esclarecedora — interrompeu Marasi. — Mas, com seu perdão, Vossa Santidade, ainda não explicou para que precisa de mim.

VenDell mudou para uma ilustração. Um homem de cabelo escuro comprido e peito nu, vestindo uma capa que se estendia atrás dele para a eternidade. Seus braços, cruzados diante do corpo, eram tomados por braceletes estilizados em padrões intrincados. Wax reconheceu a iconografia, mesmo que não conhecesse aquela imagem. Rashek. O Primeiro Imperador.

O Senhor Soberano.

— O que sabe sobre os Braceletes da Perdição, srta. Colms? — perguntou VenDell.

— São as mentes de metal do Senhor Soberano — disse Marasi, dando de ombros. — Relíquias mitológicas, como as adagas da Lady Nascida da Bruma ou a Lança das Fontes.

— Pelo que sabemos — começou VenDell —, quatro indivíduos tiveram o poder da Ascensão: Rashek, o Sobrevivente, a Guerreira Ascendente e o próprio Lorde Harmonia. A ascensão de Harmonia deu a Ele um conhecimento preciso e profundo das artes metálicas. Faz sentido que o Senhor Soberano tenha recebido as mesmas informações. Ele entendia a identidade como uma habilidade feruquêmica e conhecia os metais ocultos. De fato, ele deu alumínio aos seus Inquisidores.

VenDell trocou a imagem, passando para uma ilustração mais detalhada daqueles braços envoltos em braceletes de metal.

— É curioso, mas ninguém sabe exatamente o que aconteceu com os Braceletes da Perdição. Quando o Senhor Soberano caiu, TenSoon ainda não se juntara à Guerreira Ascendente, e, embora ele jure que as ouviu sendo mencionadas, as lacunas em sua memória o impedem de dizer como ou quando. A mitologia que cerca os Braceletes é *muito* extensa. Você encontra mitos sobre eles remontando a antes do Catacendro, e você encontra novas histórias no pub da esquina, inventadas na hora para sua diversão. Mas algo é constante em todas elas: com os braceletes do Senhor Soberano, você supostamente ganha seus poderes.

— Isso não passa de fantasia — disse Wax. — É um desejo natural, um motivo para criar histórias. Não significa nada.

— Não? — perguntou VenDell. — A história não diz que os Braceletes têm *o mesmo poder* que só agora a ciência determinou que é possível reunir?

— Coincidência — disse Wax. — E *poder* ter criado algo não significa que ele o tenha feito, e você *achar* que a identidade funciona como você diz não significa que está certo. Ademais, os Braceletes teriam sido destruídos quando Harmonia refez o mundo. E isso sem sequer considerar que o Senhor Soberano teria sido tolo em criar armas que alguém pudesse usar contra ele.

VenDell clicou em sua máquina. Surgiu a imagem de outro evanotipo, este de um mural numa parede. Mostrava uma sala com uma plataforma central que parecia uma pirâmide truncada. Num pedestal na plataforma havia um par de braceletes feitos de um delicado metal curvo, na forma de espirais.

Apenas um mural, mas parecia retratar os Braceletes da Perdição.

— O que é isso? — perguntou Marasi.

— Um de nossos irmãos, um kandra chamado ReLuur, registrou essa imagem — disse MeLaan, sentando-se melhor na poltrona.

— Os Braceletes da Perdição o fascinavam — explicou VenDell. — ReLuur passou os dois últimos séculos em seu rastro. Retornou recentemente a Elendel, trazendo na mochila uma câmera de evanotipos e estas imagens.

VenDell passou para a imagem seguinte, de uma grande placa de metal montada numa parede e gravada com uma escrita estranha.

Wax semicerrou os olhos.

— Não conheço essa linguagem.

— Ninguém conhece — disse VenDell. — Ela nos é totalmente estranha, sem relação com qualquer raiz terrisana, imperial ou outra. Mesmo as antigas linguagens apontadas nos registros de Harmonia não lembram em nada essa escrita.

Wax sentiu um arrepio enquanto as imagens se sucediam. Outro registro daquela linguagem estranha. Uma estátua que lembrava o Senhor Soberano, portando uma lança comprida. Parecia coberta de gelo. Outra imagem do mural, mais detalhada, mostrando braceletes com muitos metais entrelaçados. Não os braceletes de um ferumoso como Wax, mas de um feruquemista pleno.

Apenas um mural, sim, mas era fascinante.

— ReLuur acreditava nos Braceletes — continuou VenDell. — Alega tê-los visto, embora não tenha registrado uma imagem das relíquias propriamente ditas. Tendo a confiar em suas palavras.

VenDell mostrou outra imagem, de um mural diferente. Mostrava um homem no alto de um pico, mãos erguidas acima do corpo e uma lança reluzente flutuando pouco além de seu alcance. Um cadáver caído aos seus pés. Wax se adiantou, colocando-se no foco de luz até estar de pé bem em frente à imagem, olhando para a parte que seu corpo não estava bloqueando. Os olhos do homem estavam voltados para cima e os lábios, entreabertos, como se assombrado com o que via.

Usava os braceletes.

Wax se virou, mas, de pé no fecho de luz, não conseguiu ver nada na sala.

— Quer me dizer que seu irmão, esse ReLuur, realmente *encontrou* os Braceletes da Perdição?

— Ele encontrou algo — respondeu VenDell.

— Onde?

— Ele não sabe — disse VenDell suavemente.

Wax saiu da faixa de luz, franzindo a testa. Olhou de VenDell para MeLaan.

— O quê? — perguntou a eles.

— Ele está sem uma estaca — disse MeLaan. — Pelo que conseguimos determinar, foi atacado antes que conseguisse retornar para cá das montanhas perto das Terras Brutas do Sul.

— Não conseguimos que nos dê respostas diretas — explicou VenDell. — Um kandra sem uma estaca... Bem, não é mais são. Como você bem sabe.

Wax estremeceu, sentindo um vazio se mexer dentro de si.

— Sim.

— Então, srta. Colms — disse VenDell, afastando-se de sua máquina. — É aqui que você entra.

ReLuur era... é... um dos melhores entre nós. É da Terceira Geração. Ele é um explorador, um especialista em corpos, um gênio. Perdê-lo seria um grande golpe para nós.

— Não conseguimos nos reproduzir — explicou MeLaan. — O número de kandra vivos é fixo. Os Terceiros como ReLuur... Eles são nossos pais, nossos exemplos. Nossos líderes. Ele é precioso.

— Gostaríamos que você recuperasse a estaca dele — disse VenDell. — De quem a tiver tomado. Isso vai restaurar a sanidade dele e, esperamos, suas lembranças.

— Quanto mais tempo ele passar sem ela, maiores serão as lacunas — acrescentou MeLaan.

— Então talvez você possa entender nossa urgência — retomou VenDell. — E por que achei prudente interromper Lorde Ladrian, mesmo num dia evidentemente importante. Quando voltou a nós, ReLuur não tinha um braço inteiro e metade do peito. Embora não queira, ou não possa, dizer onde conseguiu essas imagens, consegue se lembrar de ter sido atacado em Nova Seran. Acreditamos que alguém o emboscou lá, na volta, e roubou os artefatos que ele havia descoberto.

— Estão com a estaca dele — disse MeLaan, numa voz tensa. — Ainda está com eles. *Tem* que estar.

— Esperem, esperem... — cortou Marasi. — Por que não dar outra estaca a ele? Vocês estão cheios delas para fazer brincos, como o que deram a Waxillium.

Os dois kandra a olharam como se ela fosse louca, mas Wax não conseguiu entender essa reação. Achava a pergunta excelente.

— Você não entende a natureza dessas estacas — disse VenDell, quase gritando. — Para começar, não estamos “cheios de” Bênçãos kandra. Os brincos que você mencionou foram feitos de velhas estacas de Inquisidores e mal têm qualquer poder. Uma pode ter sido boa o suficiente para o pequeno feito de Lorde Waxillium há seis meses, mas *difficilmente* seria o bastante para restaurar um kandra.

— É claro — complementou MeLaan. — Se isso funcionasse, já teríamos usados todas aquelas estacas para produzir novas crianças. Não podemos; uma Bênção kandra precisa ser criada muito especificamente.

— Nós *de fato* tentamos algo parecido com o que você sugere — admitiu VenDell. — TenSoon... abriu mão de uma de suas estacas para dar alguns minutos de lucidez ao nosso irmão caído. Foi muito doloroso para TenSoon e, infelizmente, não serviu para nada. ReLuur apenas gritou, suplicando por sua estaca, e se livrou da estaca de TenSoon um instante depois. Tentar usar as estacas de outro quando você não tem a sua pode provocar mudanças radicais de personalidade, memória e temperamento.

— Lessie — disse Wax, com a voz rouca. — Ela... ela mudava de estacas com frequência.

— Mas cada uma era criada especificamente para ela — esclareceu VenDell. — Nenhuma havia sido usada por outro kandra. Ademais, você a consideraria particularmente estável, Lorde Waxillium? Quanto a isso, precisa confiar em nós. Fizemos o possível. Aqui, pelo menos.

— MeLaan vai viajar a Nova Seran para investigar e recuperar a estaca faltante de ReLuur. Srta. Colms, gostaríamos que se juntasse a ela e ajudasse a recuperar a mente de nosso irmão. Podemos interceder junto a seus superiores na polícia e fazer com que seja colocada em missão de campo, trabalhando de modo clandestino para seu governo. Se conseguir recuperar a estaca de ReLuur, poderemos encontrar respostas.

VenDell olhou para Wax.

— Esta não será uma busca enlouquecida por um artefato impossível. Tudo o que queremos é nosso amigo de volta. Claro que quaisquer pistas que possam descobrir em relação a onde ele esteve, e onde fez essas imagens, serão apreciadas. Há algumas pessoas de Nova Seran pelas quais ReLuur tem fixação

por razões que não conseguimos arrancar dele.

Wax estudou a última imagem por um longo tempo. Era tentador. Não ligava muito para artefatos místicos, mas alguém atacando — e quase matando — um dos Imortais sem Rosto? Isso, sim, era interessante.

— Eu irei — disse Marasi atrás dele. — Farei isso. Mas... não me incomodaria de ter ajuda. Waxillium?

Uma parte dele ansiava em ir. Fugir das festas e das danças, dos encontros políticos e das reuniões de negócios. O kandra saberia disso; Harmonia saberia disso.

A raiva ferveu dentro dele. Ele caçara Lessie, e *não tinham lhe contado*.

— Esse me parece ser um desafio perfeito para suas habilidades, Marasi — disse ele. — Duvido de que precisará de mim. Você é totalmente capaz, e me sinto um idiota por ter insinuado o contrário, ainda que sem a intenção. Contudo, se quiser companhia, talvez Wayne esteja disposto a oferecer uma proteção extra. Mas temo que eu deva...

A imagem na parede se transformou em outra, de uma cidade com grandes cachoeiras. Nova Seran? Ele nunca estivera lá. As ruas eram muito arborizadas, e as pessoas circulavam em ternos marrons listrados e vestidos brancos macios.

— Ah, eu tinha esquecido — disse VenDell. — *Havia* outra imagem nos pertences de ReLuur. Nós a encontramos por último, quando as outras já tinham sido cuidadosamente embaladas para esperar a revelação. Desconfiamos que tenha sido feita em Nova Seran pouco antes do ataque.

— E por que eu deveria me importar? — perguntou Wax. — Ela...

Ele não terminou, sentindo um choque gelado ao reconhecer uma pessoa na imagem. Voltou ao foco de luz, pressionando a mão contra a parede branca, tentando, inutilmente, sentir a imagem.

— Impossível.

A pessoa estava entre dois homens que seguravam firmemente seus braços, como se a levando à frente contra a vontade. Mantendo-a prisioneira, mesmo à luz do dia. Ela olhara por cima do ombro na direção da câmera enquanto o evanotipo era tirado. Devia ser um dos novos modelos sobre os quais ele tinha ouvido falar, que não exigiam que o objeto ficasse imóvel para que a imagem fosse registrada.

A mulher estava na casa dos quarenta anos, magra, mas firme, com cabelo escuro comprido emoldurando um rosto que, a despeito dos anos de separação, Wax conhecia muito, muito bem.

Telsin. Sua irmã.



Duas horas depois da estranha reunião, Wayne zanzava pela mansão de Wax, olhando atrás de quadros e levantando vasos. Onde ele guardava as coisas *boas*?

— É ela, Steris — dizia Wax na sala de estar do térreo, perto dali. — E aquele homem com as costas viradas, segurando-a pelo braço, pode ser meu tio. Eles estão envolvidos nisso. Eu *tenho* que ir.

Wayne sempre achara engraçado que coubesse às pessoas ricas decidir o que era valioso. Ele inspecionou uma moldura que provavelmente era de ouro puro. Por que as pessoas gostavam daquelas coisas brilhantes? Ouro podia fazer algumas coisas divertidas num feruquêmico, mas não passava de lixo no que dizia respeito à Alomancia.

Bem, pessoas ricas gostavam de ouro. Então, pagavam muito por ele, o que o tornava valioso. Não havia nenhuma outra razão.

Como elas decidiam o que era valioso? Simplesmente se reuniam, sentavam-se, com seus ternos e vestidos, e diziam: “Ora, vamos começar a comer ovas de peixe e torná-las realmente caras. Isso vai ferrar os cérebros deles, vai sim.” Então, elas davam umas boas gargalhadas ricas e jogavam alguns criados do alto de um prédio para ver que tipo de barulho fariam ao bater no chão.

Wayne devolveu o quadro ao lugar. Ele se recusava a seguir as regras das pessoas ricas e decidia sozinho o que as coisas valiam. E aquela moldura era feia. Não ajudava nada que os primos de Steris, retratados no evanotipo que ela envolvia, parecessem peixes.

— Então você certamente deveria ir, Lorde Waxillium — disse Steris. — Por que a preocupação? Podemos adiar outras obrigações.

— É exasperador, Steris!

Mesmo no saguão, Wayne podia ouvir o tom de *estou andando de um lado para outro* na voz de Wax.

— Nenhum pedido de desculpas, deles ou de Harmonia, pelo que fizeram comigo. VenDell fez comentários impertinentes, referindo-se a mim atirando em Lessie como um “feito”. Eles me *usaram*. Lessie estava apenas tentando, de um modo perverso, libertar-me deles. Agora voltam, sem nenhuma menção ao que perdi, e esperam que eu simplesmente aceite fazer o que querem.

Pobre Wax. Aquilo tinha mesmo mexido com ele, tinha sim. E Wayne podia entender o motivo. Ainda assim, um pedido de desculpas? Pessoas que morriam numa inundação esperavam um pedido de desculpas de Deus? Deus fazia o que queria. Você simplesmente esperava não estar mal com Ele. Meio como um segurança de boate com uma irmã bonita.

De qualquer modo, Harmonia não era o único deus. E era isso que interessava a Wayne naquele dia.

Após algum silêncio, Wax continuou mais suavemente:

— Eu tenho que ir. Mesmo depois do que eles fizeram, se meu tio realmente estiver envolvido nisso... Se eu puder libertar Telsin... Tenho que ir. Amanhã à noite haverá uma reunião das elites políticas das cidades externas em Nova Seran. O governador Aradel está devidamente preocupado e, de qualquer

modo, enviaria um representante. Isso me dá uma desculpa plausível para estar na cidade. Marasi pode procurar a estaca perdida, e eu posso caçar meu tio.

— Então está decidido — disse Steris. — Nós vamos partir imediatamente?

Wax ficou calado por um momento.

— Nós?

— Supus que... Quer dizer, se você vai levar minha irmã, pareceria muito estranho se eu não o acompanhasse — disse. Wayne quase conseguia ouvi-la enrubescendo. — Não pretendi ser presunçosa. Você, claro, pode fazer como quiser, mas...

— Não — disse ele. — Você está certa. Pareceria estranho irmos sozinhos. Afinal, o encontro incluirá uma recepção. Não quero insinuar... Quer dizer...

— Eu posso ir, mas ficar fora do seu caminho.

— Pode ser perigoso. Não posso lhe pedir isso.

— Se é o que você sente que tem que fazer, então ficarei feliz em correr o risco.

— Eu...

Ferrugem! Aqueles dois eram tão desajeitados quanto um homem que de repente solta gases dentro da igreja. Wayne balançou a cabeça, levantando um dos vasos na entrada. Boa cerâmica, com um belo padrão curvilíneo. Talvez aquilo servisse como sua oferenda.

Alguém bateu na porta, e Wayne pousou o vaso. Não parecia certo. Mas pegou uma das flores e a trocou por uma meia tirada do bolso de trás. Percebeu, com surpresa, que tinha talheres de prata no outro bolso. Do café da manhã nupcial? Sim, isso mesmo. Eles tinham preparado um lugar para ele, com seu nome e tudo mais. Significava que a prataria era dele.

Ele recolocou no bolso garfo, faca e colher e enfiou a flor atrás da orelha. Depois, caminhou até a porta, alcançando-a pouco antes do mordomo. Olhou feio para o homem — afinal, era apenas uma questão de tempo até que ele surtasse e tentasse matar todos — e abriu a porta.

O tal kandra estava de pé do outro lado. O terno agora tinha um tom ainda mais *claro* de marrom.

— Você — disse Wayne, apontando. — Acabamos de nos livrar de você!

Fazia apenas... o quê, duas horas desde que ele tinha partido?

— Boa tarde, juvenzinho — disse o kandra. — Os adultos estão em casa?

Darriance muito delicadamente empurrou Wayne para o lado e fez um gesto para que VenDell entrasse.

— Estão esperando pelo senhor.

— Estão? — reagiu Wayne.

— Mestre Ladrian mandou deixá-lo entrar — disse o mordomo, apontando na direção da sala de estar.

— Obrigado — disse VenDell, indo para a sala.

Wayne o alcançou rapidamente.

— Bela flor — disse o kandra. — Posso ficar com seu esqueleto quando você estiver morto?

— Meu... — reagiu Wayne, tocando a cabeça.

— Você é um Criassangue, certo? Consegue se curar? Ossos de Criassangue costumam ser particularmente interessantes, já que o tempo que você passa fraco e doentio produz estranhezas em suas articulações e em seus ossos que podem ser bastante marcantes. Eu adoraria ter o seu esqueleto. Caso não se importe.

Surpreso com o pedido, Wayne ficou paralisado. Depois, passou correndo por ele, entrando na sala

onde Wax e Steris estavam conversando.

— Wax — reclamou, apontando para o kandra —, o sujeito imortal está sendo assustador novamente.

— Saudações, Lorde Ladrian — disse VenDell, entrando e erguendo uma pasta. — Suas passagens, juntamente com transcrições de tudo que conseguimos arrancar de ReLuur. Eu o alerto que muito do que ele disse não é incrivelmente lúcido.

Wayne lançou um olhar para o armário de bebidas de Wax. Talvez algo ali servisse para sua oferenda.

— Eu não disse que iria — disse Wax ao imortal. — Você está me arrastando para isso, como uma ovelha é levada para o cercado.

— Sim — disse o imortal. Ergueu a pasta novamente. — Aqui há uma relação das pessoas que ReLuur menciona. Achará interessante que várias, incluindo a mulher que oferece a festa para a qual estou mandando você, tiveram encontros com seu tio.

Wax suspirou e aceitou a pasta. Fez um gesto na direção de Steris, que se levantara para fazer uma reverência.

— Minha noiva. Estávamos debatendo se ela deve me acompanhar ou não.

— Fizemos preparativos para qualquer coisa que decida — explicou VenDell. — Embora a visita vá parecer menos suspeita se também for, Lady Harms, não posso garantir sua segurança.

— Poderia ser útil que *você* nos acompanhasse, VenDell — disse Wax. — Poderíamos nos valer de outro Nascido do Metal.

Os olhos de VenDell se arregalaram, e ele ficou branco, como se tivesse sido informado de que seu bebê nascera com dois narizes.

— Sair em campo? *Eu*? Lorde Ladrian, eu lhe garanto que isso não é o que deseja.

— Por que não? — perguntou Wax, recostando na parede. — É praticamente impossível matá-lo, e você pode mudar sua forma ferrada para qualquer outra que quiser.

— Espere — disse Wayne, dando as costas ao armário de bebidas. — Você pode se transformar em qualquer coisa? Como um coelhinho?

— Animais muito pequenos são extremamente difíceis, já que precisamos de certa massa para conter nossas funções cognitivas e...

— Um coelhinho — disse Wayne. — Você pode ser um *coelhinho*?

— Caso seja absolutamente necessário.

— Então aquele maldito livro era sobre *isso*.

VenDell suspirou, olhando para Wax.

— MeLaan pode realizar quaisquer transformações de que você possa precisar. *Eu* honro o Primeiro Contrato, Lorde Ladrian. Ademais, o mundo exterior não combina comigo. Há demasiado... — Ele parou de falar, agitando as mãos à frente do corpo.

— Demasiado o quê? — perguntou Wax, franzindo a testa.

— *Tudo* — disse VenDell, embora Wayne não deixasse de notar que o coelhinho ferrado tinha dado uma olhada nele ao dizer isso.

Wayne balançou a cabeça, tentando abrir o armário de bebidas. Infelizmente estava trancado. Quanta confiança Wax tinha nele.

— Minha irmã os encontrará na estação — disse VenDell. — Plataforma dezessete, em quatro horas.

— *Quatro horas*? — reagiu Steris. — Preciso chamar as empregadas! E o lacaio! E... — falou,

levando a mão à cabeça e parecendo fraca. — E preciso fazer uma *lista*.

— Estaremos lá, VenDell — disse Wax.

— Excelente — disse o kandra, enfiando a mão no bolso. Wayne ficou interessado, até ele tirar dali um velho brinco amassado, sem graça, simples e antiquado. — Trouxe um para você.

— Não, obrigado.

— Mas se precisar...

— *Não, obrigado* — repetiu Wax.

A troca de olhares entre eles se tornou realmente desconfortável, como se um estivesse acusando o outro de ter produzido algum tipo de fedor repulsivo.

— Bem, bem — falou Wayne, caminhando até a porta. — Encontro todos vocês na estação.

— Não vai fazer as malas? — perguntou Steris.

— A mochila está no meu quarto — respondeu Wayne. — Debaixo da cama. Tenho sempre tudo arrumado e pronto para partir, minha chapa. Nunca se sabe quando haverá um mal-entendido — disse, virando-se, pegando o chapéu no gancho, enfiando-o na cabeça e passando pela porta da frente.

Que eles fiquem debatendo e discutindo com seus assustadores coelhinhos imortais. Ele tinha coisas a fazer. Bem, pelo menos uma coisa.

Wayne tinha uma *missão*.

Ele assoviou enquanto descia os degraus dançando. Uma melodia simples, fácil e familiar, com uma batida que a acompanhava dentro da cabeça. Ba-bum, ba-bum, ba-bum. Rápida, vigorosa. Ele caminhou pela rua, mas se sentia cada vez menos satisfeito com sua flor. Não era a oferenda adequada à divindade com a qual tinha que se encontrar. Óbvia demais, fraca demais.

Ele a girou nos dedos, pensativo, assoviando suavemente sua canção. Não lhe ocorreu nenhuma ideia melhor. Aquele bairro era elegante demais, com mansões, jardins e homens aparando sebes. As ruas nem sequer fediam a estrume de cavalo. Era difícil pensar num lugar como aquele; todos sabiam que os *melhores* pensamentos se davam em becos e cortiços. Lugares onde o cérebro precisava estar alerta, até mesmo em pânico, onde um sujeito sabia que se não ficasse esperto e pensasse, provavelmente seria esfaqueado, e então o que fazer?

Manter o cérebro como refém contra sua própria estupidez: *essa* era a forma de fazer as coisas. Wayne seguiu até um canal próximo e procurou um barqueiro que parecesse entediado.

— Meu bom homem — disse Wayne a si mesmo. — Meu *bom* homem.

É, assim. Fale como se não conseguisse respirar direito, no sotaque elevado do Primeiro Oitante, com um toque terrisano. Um sotaque rico. Muito rico.

— Você, barqueiro! — Wayne chamou, acenando. — Ei! Apresse-se. Não temos tempo!

O barqueiro remou até ele.

— Rápido agora, rápido, meu bom homem! — gritou Wayne. — Diga-me. Quanto pelo dia?

— Pelo dia? — reagiu o barqueiro.

— Sim, sim — disse Wayne, entrando no barco. — Preciso de seus serviços pelo dia inteiro — falou, acomodando-se sem esperar resposta. — Vamos, avance. Suba o canal entre o quarto e o quinto, contorne o centro e depois rume para o leste até o Portão de Ferro. A primeira parada é no Terceiro Oitante. Ela está contando comigo, sabe?

— O dia inteiro — disse o barqueiro, ansioso. — Sim, senhor, ahn... milorde...

— Ladrian — disse Wayne. — Waxillium Ladrian. Não estamos nos movendo. Por que não estamos nos movendo?

O barqueiro começou a empurrar, tão contente com a perspectiva de tantas horas de trabalho que se esqueceu de pedir algum pagamento antecipado.

— Cinquenta — disse o homem finalmente.

— Ahn?

— Cinquenta. Pelo dia inteiro.

— Sim, sim, tudo bem — respondeu Wayne. *Ladrão sujo*, pensou. *Tentando enganar um cidadão honesto, ainda por cima o lorde de uma casa, simplesmente porque parece um pouco distraído?* O que o mundo estava virando? Quando seu avô Ladrian era o lorde da casa, os homens *sabiam* ter respeito. Ora, naqueles tempos, um barqueiro teria se jogado no canal antes de arrancar de alguém mais do que merecia!

— Se não se importa que eu pergunte, milorde — disse o barqueiro —, e sem querer ofender, mas suas roupas...

— Sim? — perguntou Wayne, esticando seu paletó das Terras Brutas.

— Há algo errado com elas?

— *Errado* com elas? — reagiu Wayne, dotando seu sotaque de tanta indignação nobre que ele praticamente sangrava. — Errado com elas? Homem, você não acompanha a moda?

— Eu...

— O próprio Thomson Delacour desenhou estas roupas! — contou Wayne. — Inspirado nas terras distantes do Norte. É o que existe de mais elevado, lhe digo. O mais elevado. Um *Lançamoedas* não conseguiria chegar tão alto!

— Desculpe. Desculpe, milorde. Eu disse que não queria ofender!

— Você não pode simplesmente *dizer* “não se ofenda” e depois dizer algo ofensivo, homem! Não é assim que funciona — disse Wayne, recostando-se, de braços cruzados.

Sabidamente, o barqueiro não disse mais nada. Após uns dez minutos de viagem, chegou a hora.

— Agora — disse Wayne, como se falasse para si mesmo — precisaremos parar no cais de Ponto Cintilante. E depois um deslize ao longo do Cinturão Stansel.

Ele deixou o sotaque mudar, acrescentando um pouco do modo de falar dos Knobs, um cortiço. Sotaque abafado, como uma boca cheia de algodão. Os caras lá usavam a palavra “deslize” para praticamente tudo. Uma palavra característica, essa. *Desliiiiize*. Soava como algo sujo.

— Ahn, milorde?

— Ahn? — reagiu Wayne. — Ah, só estou lembrando minhas obrigações. Meu sobrinho vai se casar; você deve ter ouvido falar do casamento dele, é o assunto da cidade. Muitas obrigações. Realmente, o dia vai ser um deslize.

Era um sotaque de rufião, mas só um toque, como gotas de limão num bom uísque quente. Ele o colocou sob o sotaque de bem-nascido.

O barqueiro começou a ficar desconfortável.

— O senhor falou no Cinturão Stansel? Não é uma área boa.

— Preciso contratar alguns operários — disse Wayne, distraído.

O barqueiro continuou a remar, mas agora estava nervoso, batendo o pé, movendo o remo mais

rapidamente, ignorando chamados de colegas que passavam. Havia alguma coisa *errada*. Como o cheiro de uma torta de carne deixada alguns dias embaixo do sofá. Trabalho para o dia inteiro? Uma quantia chocante? Na verdade, podia ser um golpe. Finja ser um lorde e leve-o para os cortiços para ser roubado...

— Milorde! — exclamou o homem. — Acabei de me dar conta de que tenho que voltar. Não posso pegar um trabalho para o dia inteiro. É a minha mãe. Ela precisa de mim.

— Que absurdo é esse? — reagiu Wayne. — Não tenho tempo para seus absurdos, homem! E pegar outro barco vai ser um desperdício do meu precioso tempo. Eu dobro o valor.

O homem então ficou *realmente* ansioso.

— Desculpe, milorde — disse, remando para a lateral do canal. — Muitas desculpas. Não posso fazer isso.

— Pelo menos me leve a Stansel...

— Não! — gritou o homem. — Não, não posso. Tenho que ir.

— Bem — bufou Wayne, desembarcando —, nunca fui tratado desse modo! E não estamos nem na metade do caminho!

— Lamento, milorde! — disse o homem, afastando-se o mais rápido que podia. — Lamento!

Wayne ajeitou o chapéu, sorriu e conferiu a placa pendurada no poste de luz. Estava exatamente aonde ele queria ter ido, e sem pagar nada. Começou a assoviar e caminhar ao longo do canal, ficando de olho para ver se encontrava uma oferta melhor. O que a divindade iria querer?

Talvez aquilo?, pensou ao ver uma fila de pessoas esperando junto à carrocinha do Velho Dent para comprar suas batatas fritas. Parecia uma boa aposta.

Wayne foi até lá.

— Precisa de ajuda, Dent?

O velho ergueu os olhos e enxugou a testa.

— Cinco cliques pelo saco pequeno, oito pelo grande, Wayne. E não coma nenhuma do estoque, ou fritarei seus dedos.

Wayne sorriu, indo para trás da carrocinha enquanto o homem voltava para o braseiro e mexia uma porção de batatas que estava sendo frita. Wayne recebeu o dinheiro dos fregueses — e não comeu muito do estoque — até atender o último da fila, um sujeito de aparência elegante usando paletó de porteiro. Provavelmente trabalhava num dos hotéis da rua. Recebiam boas gorjetas nesses empregos.

— Três grandes — pediu o homem.

Wayne deu as batatas ao homem, pegou seu dinheiro e hesitou.

— Na verdade — disse Wayne, erguendo uma nota —, você poderia trocar uma nota para mim? Estamos com muitas notas altas.

— Acho que sim — respondeu o homem, tirando sua bela carteira de pele de enguia.

— Ótimo, eis uma de vinte.

— Tenho duas de cinco e dez de um — falou o homem, pegando-as.

— Obrigado — disse Wayne, pegando-as. — Na verdade, tenho muitas notas de um. Posso ficar com aquela de dez que vi na sua carteira?

— Tudo bem.

Wayne deu a ele um punhado de moedas e pegou a nota de dez.

— Ei, só há sete aqui — reclamou o homem.

— Opa! — falou Wayne.

— O que você está fazendo, Wayne? — perguntou o Velho Dent. — Há mais troco na caixa ali embaixo.

— Mesmo? — reagiu Wayne, olhando. — Ferrugem! Certo, então que tal simplesmente me devolver a minha de vinte?

Ele contou treze para o homem e colocou as moedas e notas na mão dele.

O homem suspirou e deu a de vinte a Wayne.

— Consigo um pouco de molho para minhas batatas?

— Claro, claro — disse Wayne, colocando um pouco de molho nos sacos, ao lado das batatas. — É uma bela carteira. Quanto quer por ela?

O homem hesitou, olhando a carteira.

— Eu lhe dou isto — disse Wayne, tirando a flor da orelha e estendendo-a com uma nota de dez.

O homem deu de ombros e entregou a carteira vazia, pegando a nota e a enfiando no bolso. Jogou a flor fora.

— Idiota — disse o homem, partindo com as batatas.

Wayne jogou a carteira para cima e pegou-a de volta.

— Você deu troco a menos para o homem, Wayne? — perguntou o Velho Dent.

— Como é?

— Você fez com que ele lhe desse cinquenta e devolveu quarenta.

— O quê? — reagiu Wayne, enfiando a carteira no bolso de trás. — Você sabe que não consigo contar até tão alto, Dent. Além disso, dei dez a ele no fim.

— Pela carteira.

— Não — retrucou Wayne. — A flor foi pela carteira. A nota foi porque eu, de algum modo, acabei com uma nota de dez a mais por acaso. Foi totalmente inocente.

Ele sorriu, serviu-se de um saco de batatas e foi embora.

A carteira era legal. Sua divindade gostaria daquilo. Todos precisavam de carteiras, certo? Ele a pegou, abriu e fechou repetidamente até notar que um lado estava gasto.

Ferrugem! Ele tinha sido enganado! Aquilo certamente não serviria como oferenda. Balançou a cabeça, caminhando pelo passeio ao lado do canal. Havia uma dupla de meninos de rua de um lado, com as mãos estendidas, pedindo moedas. O som melancólico de um músico de rua vinha de algum lugar mais à frente. Wayne estava perto das Fugas, um belo cortiço, e farejou seu cheiro característico. Felizmente o aroma que vinha de uma padaria próxima superava a pior parte.

— A questão é a seguinte — disse a uma das crianças, uma menina com nem sete anos. Ele se acocorou. — Não me desdobrei o suficiente.

— Senhor? — reagiu a garota.

— Nas antigas histórias de missões, o sujeito tem que *se desdobrar*. É como trabalhar, mas *em dobro*. Com direito a dores de cabeça ou coisa assim, talvez costas ruins também.

— Pode... Pode me dar uma moeda, senhor?

— Não tenho moedas — respondeu Wayne, pensando. — Maldição, nas histórias, eles sempre dão algo às crianças de rua, não é? Para você saber que são heróis e tudo mais. Espere aqui um segundo.

Ele se levantou e entrou correndo na padaria, fazendo-o de modo bem heroico. Uma mulher atrás do balcão estava tirando do forno uma assadeira com pães recheados de carne. Wayne bateu o garfo no balcão de madeira simples, deixando-o cravado ali como uma lendária espada ferrada.

— Quantos pães você me daria em troca disto? — perguntou.

A padeira franziu a testa, olhando para ele, e depois pegando o garfo. Ela o girou nos dedos.

— Senhor, isto é *prata* — disse.

— Então... quantos? — perguntou Wayne.

— Um monte.

— Um monte servirá, justa comerciante.

Um momento depois, ele saiu da padaria segurando três grandes sacos de papel com doze pães em cada. Jogou um punhado de moedas que a padeira insistira em dar a ele nas mãos das crianças e ergueu um dedo enquanto elas ficavam boquiabertas.

— Vocês precisam *merecer* isto — disse.

— Como, senhor?

— Peguem isto — disse, largando os sacos. — Distribuam as coisas que estão dentro.

— Para quem? — perguntou a garota.

— Qualquer um que precise — respondeu Wayne. — Mas prestem atenção: não comam mais de quatro, certo?

— *Quatro*? — perguntou a menina. — Só para mim?

— Bem, cinco, mas você é boa de negócios. Pequena trambiqueira.

Ele as deixou chocadas e saiu dançando pela beirada do canal, passando pelo músico, que tocava um velho violão.

— Algo animado, menestrel! — gritou Wayne, jogando a colher de prata no chapéu do homem, virado para receber gorjetas.

— Ora, veja — disse o homem. — O que é isto? Uma colher? — perguntou, semicerrando os olhos.

— Aparentemente, os comerciantes estão desesperados por essas coisas! — falou Wayne. — Eles lhe darão cinquenta pães de carne em troca de uma colher, com direito a troco. Agora, toque “O último suspiro”, menestrel!

O homem deu de ombros e começou a tocar a canção da cabeça de Wayne. Ba-bum, ba-bum, ba-bum. Rápido, vigoroso. Wayne se balançou para a frente e para trás, com os olhos fechados. *O fim de uma era*, pensou. *Uma divindade a aplacar*.

Ouviu as duas crianças rindo e abriu os olhos para vê-las jogando pães de carne nas pessoas que passavam. Wayne sorriu e avançou num deslize suave ao lado do canal, pela superfície escorregadia por causa de uma camada de lodo. Conseguiu avançar bons três metros antes de perder o equilíbrio e escorregar.

O que, claro, lançou-o no canal.

Ele subiu novamente ao passeio, tossindo. Bem, talvez isso pudesse contar como labuta. Caso contrário, provavelmente era uma licença poética, considerando o que fizera com Wax naquela manhã.

Ele pescou o chapéu e deu as costas ao canal. Era o que deveria fazer agora. Olhos para a frente, costas para o passado. Não fazia sentido meter o nariz em coisas que não importavam mais. Continuou seu caminho, pingando e girando a última peça de prata, a faca, entre os dedos. Aquela *não* era a

oferenda certa para sua missão. Ele estava bem certo disso. Mas o que seria?

Parou na ponte seguinte sobre o canal e, depois, recuou. Um homem baixo, usando um uniforme que ele não reconheceu, caminhava por uma rua próxima com um livrinho na mão. Havia carros motorizados parados ali em diversas posições, a maioria parcialmente sobre as calçadas. O homem de uniforme parava junto a cada um, anotando algo em seu livro.

Wayne foi atrás dele.

— E então? — perguntou ao homem. — O que está fazendo?

O homenzinho de uniforme olhou para ele antes de voltar a olhar para seu caderno.

— Uma nova regra da cidade exige que carros motorizados sejam estacionados de modo organizado, não deixados sobre as calçadas como aqui.

— Então...

— Então estou anotando os números de registro de cada um — disse o homem. — Vamos localizar os donos e aplicar uma multa.

Wayne assoviou suavemente.

— Isso é *maldoso*.

— Claro que não — reagiu o homem. — É a lei.

— Então você é um tira?

— Agente de multas — respondeu o homem. — Passei a maior parte do meu tempo inspecionando cozinhas até mês passado. Isto aqui é muito mais produtivo, vou lhe dizer. É...

— Isso é ótimo — disse Wayne. — O que quer pelo caderno?

O homem o encarou.

— Não posso trocá-lo.

— Tenho esta bela carteira aqui — disse Wayne, erguendo-a enquanto a água pingava pela lateral. — Recém-limpa.

— Circulando, senhor — disse o homem. — Não estou...

— E quanto a isto? — insistiu Wayne, sacando a faca. O homem pulou para trás, alarmado, soltando o caderno. Wayne o apanhou, largando a faca.

— Ótima troca. Obrigado. Até.

Ele saiu em disparada.

— Ei! — gritou o homem, correndo atrás dele. — Ei!

— Nada de voltar atrás! — gritou Wayne, com a mão no chapéu molhado, correndo com toda a força.

— Volte aqui!

Wayne disparou pela rua principal ao longo do canal, passando por dois homens idosos sentados nos degraus de um prédio de apartamentos perto da entrada dos cortiços.

— Aquele é o garoto de Edip — disse um deles. — Sempre se metendo em problemas.

Um segundo depois, o homem foi atingido no rosto por um pãozinho.

Wayne ignorou isso, apertando o chapéu na cabeça e correndo a toda. O tira era determinado. Seguiu Wayne por umas dez ruas antes de desacelerar e parar, com as mãos nos joelhos. Wayne sorriu e virou mais uma esquina antes de apoiar as costas nos tijolos de um prédio, ao lado de uma janela. Também estava sem fôlego.

Ele provavelmente vai fazer uma ocorrência, pensou Wayne. Espero que a multa que farão Wax pagar não seja alta demais.

Ele deveria encontrar algo que pudesse levar como um pedido de desculpas. Talvez Wax precisasse de uma carteira.

Wayne ouviu algo ao seu lado e se virou, encontrando uma mulher de óculos, com a cabeça para fora da janela e olhando para ele, curiosa. Segurava uma caneta, e, do lado de dentro da janela, havia uma carta pela metade na escrivaninha à frente dela. Perfeito.

Wayne inclinou o chapéu, tomando a caneta das mãos dela.

— Obrigado — disse ele, abrindo o caderno e rabiscando algumas palavras. Enquanto ela gritava, ele jogou a caneta de volta e retomou seu caminho.

O destino final, a moradia da divindade, não estava longe. Entrou numa rua arborizada com charmosas casinhas geminadas. Ele as contou, virou para a direita e encarou uma casa. O novo templo da divindade. Ela se mudara para lá alguns meses antes.

Respirou fundo, afastando a música da cabeça. Aquilo tinha que ser *silencioso*. Subiu lenta e cautelosamente o único degrau até a porta da frente. Ali, silenciosamente, enfiou o caderno no ponto entre a maçaneta e a porta. Não ousou bater. Ranette era uma divindade ciumenta, conhecida por atirar nas pessoas. Para ela, isso era praticamente uma determinação governamental. Se os policiais não encontrassem alguns cadáveres junto à sua porta toda semana, começariam a imaginar se não estaria se sentindo bem.

Wayne se afastou. Sorriu, imaginando a reação de Ranette quando abrisse a porta, e estava tão distraído que quase se chocou contra *a própria Ranette* subindo na direção da casa.

Wayne cambaleou para trás. Cabelo castanho perfeito, preso atrás para expor um rosto deslumbrante, marcado pelo tempo passado nas Terras Brutas. Uma silhueta fantástica, com curvas em todos os lugares certos. Alta. Mais alta que Wayne. De modo que ele tinha algo a admirar.

— Wayne! O que está fazendo junto à minha porta?

— Eu...

— Idiota — disse ela, passando por ele. — É melhor que não tenha invadido. Diga a Wax que acabei de entregar as cordas para ele. Não precisava ter mandando alguém para conferir.

— Cordas? — perguntou Wayne. — Que cordas?

Ela ignorou a pergunta, murmurando.

— Eu juro que *vou* atirar em você, seu pequeno verme.

Ele a observou se afastar, sorrindo consigo mesmo, depois se virou para ir embora.

— O que é isto? — perguntou ela atrás dele.

Ele continuou andando.

— Wayne! — gritou ela. — Vou atirar em você agora mesmo. Juro que vou. Diga o que você fez.

Ele se virou.

— É só um presente, Ranette.

— Um caderno? — perguntou ela, folheando as páginas.

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça e deu de ombros.

— Caderno para escrever — respondeu. — Você está sempre escrevendo coisas, pensando em coisas. Imaginei que, se havia algo que podia ser útil para você, era um caderno de escrever. Todas as ideias que

— Você tem de ficar bem apertadas aí em cima na sua cabeça. Faz sentido que você precise de lugares para guardá-las.

— Por que está encharcado?

— Me desculpe. Esqueci e o enfiei no bolso por um momento. Mas tirei logo depois. Lutei com dez policiais para conseguir isso, se quiser saber.

Ela folheou, com os olhos apertados de desconfiança, até chegar à última página.

— O que é isto? — perguntou, aproximando-o e lendo as palavras que ele rabiscara no fim. — “Obrigado e adeus”? O que há de errado com você?

— Nada de errado — respondeu Wayne. — Só achei que era hora.

— Está indo embora?

— Por um tempo, mas não é isso que as palavras estão dizendo. Tenho certeza de que nos veremos novamente. Talvez com frequência e tudo mais. Eu verei você... mas não vou estar *vendo* você de novo. Entende?

Ela olhou para ele por um longo tempo e, então, pareceu relaxar.

— Está falando sério?

— Sim.

— Finalmente.

— É preciso crescer em algum momento, certo? Descobri que... Bem, que um homem querer uma coisa não a torna verdade, sabe?

Ranette sorriu. Parecia ter passado muito tempo desde que a vira fazer isso. Ela caminhou na sua direção, e ele nem sequer se encolheu quando ela estendeu a mão. Sentiu orgulho disso.

Ele tomou a mão dela e beijou-a.

— Obrigada, Wayne.

Ele sorriu, soltou-a e virou-se para partir, mas, depois de um passo, hesitou, deslocou o peso do corpo de um pé para o outro e se inclinou na direção dela novamente.

— Marasi disse que você está cortejando outra garota.

— Estou.

Wayne anuiu.

— Bem, não quero dizer algo errado, considerando que estou sendo tão cavalheiresco, adulto e tudo mais, mas não se pode culpar um homem por ter ideias ao ouvir algo assim. Então... acho que não haveria uma chance de nós *três*...

— Wayne.

— Não ligo nem um pouco se ela for gorda, Ranette. Gosto de uma garota com algo para segurar.

— *Wayne*.

Ele olhou novamente para ela, notando a tempestade em sua expressão.

— Certo — disse. — Certo. Tudo bem. É. Será que, quando nos lembrarmos com afeto dessa conversa e de nossa memorável despedida podemos esquecer que eu disse essa última parte?

— Vou me esforçar.

Ele sorriu, tirou o chapéu e fez uma grande mesura que aprendera com um porteiro de sexta geração no salão de baile de Lady ZoBell no Quarto Oitante. Depois se empertigou, recolocou o chapéu e deu as

costas a ela. Ele se viu assoviando enquanto seguia em frente.

— Que música é essa? — perguntou ela. — Eu a conheço.

— “O último suspiro” — respondeu ele, sem se virar. — Estavam tocando no piano quando nos conhecemos.

Ele virou a esquina e não olhou para trás. Nem mesmo conferiu se ela o mirava com um rifle ou coisa assim. Sentindo-se animado, foi até o cruzamento movimentado mais próximo e jogou a carteira vazia na sarjeta. Pouco depois, uma carruagem de aluguel parou, o cocheiro olhou de lado, viu a carteira e desceu apressadamente para pegá-la.

Saindo em disparada de um beco, Wayne chegou antes do homem, saltando sobre a carteira e rolando no chão.

— É minha! — disse. — Eu vi primeiro!

— Absurdo — disse o cocheiro, batendo em Wayne com sua vara de atizar o cavalo. — Eu a deixei cair, rufião. Ela é minha!

— Ah, é assim? — retrucou Wayne. — Então quanto há nela?

— Não preciso lhe dizer.

Wayne sorriu, erguendo a carteira.

— Vamos fazer uma coisa: você pode ficar com ela e o que houver dentro, mas tem que me levar até a estação ferroviária oeste do Quarto Oitante.

O cocheiro o encarou. Após alguns instantes, estendeu a mão e aceitou.

Meia hora depois, o coche parou na estação ferroviária, uma construção de aparência deprimente com torres de picos e pequenas janelas, como se para provocar aqueles presos do lado de dentro, dando-lhes uma mínima visão do céu. Wayne estava sentado no banco destinado aos lacaios, com as pernas balançando no ar. Trens soltavam fumaça perto dali, chegando às plataformas para engolir uma nova rodada de passageiros.

Wayne saltou, inclinou o chapéu para o cocheiro ranzinza, que parecia bem consciente de que havia sido enganado, e entrou pelas portas abertas. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou ao redor até encontrar Wax, Marasi e Steris em meio a uma pequena montanha de malas, com empregados a postos para carregá-las.

— Finalmente! — exclamou Wax. — Wayne, nosso trem está prestes a partir. Onde você estava?

— Fazendo uma oferenda a uma bela divindade — respondeu Wayne, olhando para o teto alto do prédio. — Por que você acha que eles fizeram um edifício tão alto? Não é como se os trens entrassem aqui, é?

— Wayne — chamou Steris, torcendo o nariz —, você está bêbado?

Ele respondeu com uma voz um pouco pastosa:

— Claro que não. Por que... por que eu estaria bêbado a esta hora? — perguntou, olhando preguiçosamente para ela.

— Você é insuportável — disse ela, fazendo um gesto para sua criada. — Não posso acreditar que você se arriscou a chegar atrasado por causa de um pouco de bebida.

— Não foi um *pouco* — retrucou Wayne.

Quando o trem chegou, juntou-se aos outros que embarcavam. Steris e Wax tinham reservado um vagão *inteiro* para o grupo. Infelizmente, a reserva de última hora fizera com que precisassem viajar no fim do

trem, e Wayne teria que dividir o quarto com Herve, o lacaio. Maldição. Ele sabia que o homem roncava. Teria que encontrar algum outro lugar para dormir ou ficar acordado. A viagem para Nova Seran não iria demorar *tanto* assim. Chegariam antes do nascer do sol.

Na verdade, assim que a coisa finalmente se colocou em movimento, ele saiu pela janela de seu compartimento, para a grande consternação de Herve, e subiu até o teto do veículo. Ficou sentado lá por um tempo, assoviando baixo, vendo Elendel passar, o vento agitando seu cabelo. Uma canção simples, fácil e familiar, e a batida do trem nos trilhos abaixo. Ba-bum, ba-bum, ba-bum. Rápida... vigorosa.

Depois se deitou, olhando para o céu, as nuvens, o sol.

Olhos para a frente, costas viradas para o passado.



SEGUNDA PARTE





Observando a paisagem, Wax ficou imediatamente impressionado com quão *povoada* era a terra ao sul de Elendel.

Era fácil esquecer quantas pessoas moravam em outras cidades que não a capital. A ferrovia acompanhava um rio largo o bastante para engolir cidades inteiras das Terras Brutas. Aldeias, cidades e mesmo metrópoles salpicavam o caminho, tão movimentado que o grupo passava por outros trens a cada cinco minutos. Entre as cidades, pomares se estendiam à distância. Campos de trigo se curvavam e dançavam ao vento. Tudo era verde e vibrante e refrescava à noite, quando as brumas chegavam.

Wax deixou a paisagem de lado e enfiou a mão no pacote que Ranette lhe enviara. Dentro, numa caixa feita sob medida, com revestimento de veludo, havia uma grande escopeta de cano duplo. Ao lado dela, em seus próprios encaixes, três esferas enroladas num cordão fino.

Pelas esferas e pelos cordões ele esperara. A escopeta era um brinde.

Fazendo experiências com cargas superpoderosas e projéteis enormes para deter Brutamontes ou koloss puros, dizia um bilhete. Por favor, teste. Vai exigir peso aumentado de sua parte para disparar. O coice deve ser excepcional.

Ferrugem e Ruína! As balas daquela coisa eram quase tão largas quanto o punho de um homem. Era como um canhão. Ele ergueu uma bala enquanto o trem desacelerava e entrava numa estação. Ainda não estava muito escuro, mas as janelas na cidade brilhavam.

Luzes elétricas. Ele baixou o projétil, estudando-as. As cidades externas tinham eletricidade?

Claro que sim, idiota, pensou imediatamente. Por que não teriam? Ele caíra na mesma armadilha que, um dia, o levara a debochar de outros. Começara a supor que tudo que era importante, novo ou empolgante acontecia dentro de Elendel. Esse tipo de atitude o incomodava quando morava nas Terras Brutas.

O trem deixou um punhado de passageiros e recebeu apenas alguns, o que surpreendeu Wax, considerando a plataforma lotada. Estariam esperando por outro trem? Ele se inclinou de lado para ter uma visão melhor pela janela. Não... As pessoas estavam reunidas, escutando uma delas gritar algo que Wax não conseguia entender. Enquanto se esforçava para ler um cartaz que uma das pessoas carregava, alguém lançou um ovo, que *explodiu* bem ao lado de sua janela.

Ele recuou. O trem avançou novamente, tendo esperado apenas uma fração do tempo que normalmente gastava numa parada. Enquanto saía da estação, outros ovos voaram na sua direção. Wax finalmente teve uma boa visão do cartaz, que dizia “CHEGA DA OPRESSÃO DE ELENDEL!”.

Opressão? Ele franziu a testa, recostando no assento enquanto o trem fazia uma curva, permitindo que visse o grupo de pessoas na plataforma. Algumas saltaram nos trilhos e agitaram punhos.

— Steris? — chamou ele, guardando a caixa de Ranette. — Você tem prestado atenção à situação das cidades externas?

Ele não teve resposta. Olhou para a noiva, ainda sentada em frente a ele, aninhada no assento com um cobertor sobre os ombros. Ela não parecia ter notado a parada ou os ovos, com o rosto tão enfiado num livro que fechá-lo teria prendido o seu nariz.

Landre, a criada, tinha saído para preparar a cama de Steris, e Wayne estava fazendo sabe-se lá o quê. Então, os dois estavam sozinhos.

— Steris?

Nenhuma resposta. Wax inclinou a cabeça de lado, tentando ler a lombada e descobrir o que a fascinava tanto, mas ela colocara uma capa de tecido no livro. Ele se deslocou um pouco para o lado e viu que os olhos dela estavam arregalados enquanto lia. Ela virou uma página rapidamente.

Wax franziu a testa, levantando-se e inclinando-se para ter uma visão das páginas. Steris o viu, deu um salto e fechou o livro com força.

— Ah! — exclamou. — Você disse alguma coisa?

— O que você está lendo?

— A história de Nova Seran — respondeu Steris, enfiando o livro debaixo do braço.

— Você parecia chocada enquanto lia.

— Bem, não sei se você sabe, mas o nome Seran tem uma história muito perturbadora. O que você queria me perguntar?

Wax se acomodou.

— Vi uma multidão reunida na plataforma da estação. Pareciam irritados com Elendel.

— Ah, ahn, sim, vamos ver. Cidades externas... Situação política. — Ela pareceu precisar de um minuto para se recompor. O que *lera* naquela história que era tão desconcertante? — Bem, não me surpreende. Eles não estão felizes, por motivos óbvios.

— Você fala da questão dos impostos? Eles estão *tão* aborrecidos assim? — perguntou Waxillium, olhando pela janela, mas já estavam longe demais para que visse a multidão. — Nós cobramos poucos impostos, só para manter a infraestrutura e o governo.

— Bem, eles argumentariam que não precisam do nosso governo, já que têm sua própria administração municipal. Waxillium, muitas pessoas que vivem na Bacia sentem que Elendel está tentando agir como se nosso governador fosse um tipo de imperador, algo que deveria ter terminado quando o Lorde Nascido da Bruma renunciou após um século de governo.

— Mas nossos impostos não vão para o governador Aradel — argumentou Wax. — Eles pagam coisas como policiais para patrulhar as docas e funcionários para a manutenção das linhas férreas.

— Tecnicamente isso é correto — argumentou Steris. — Mas todos os bens *também* são tributados quando entram em Elendel usando exatamente as linhas férreas e os rios de que cuidamos. Você já notou que quase não há linhas férreas entre cidades fora de Elendel? A não ser pela interseção em Doriel, qualquer um que quiser ir de uma cidade externa a outra precisa ir *para* Elendel. Quer transportar algo de Elmsdel para Rashekin? Tem que passar por Elendel. Quer vender metais em Tathingdwel? Tem que passar por Elendel.

— Um sistema integrado que faz todo sentido — disse Wax.

— E também permite que cobremos impostos de praticamente todos os bens transportados por toda a Bacia — respondeu Steris. — Segundo os argumentos das cidades externas, isso significa que estamos cobrando impostos *duas vezes*. Primeiro, as taxas para manter as linhas ferroviárias, depois um segundo tributo quando os obrigamos a passar tudo que vendem por nós. Eles pressionaram durante anos pela

construção de algumas linhas diretas dando a volta na Bacia, e isso sempre lhes foi negado.

— Ahn — disse Wax, recostando.

— A questão dos rios é igualmente feia — continuou Steris. — Nós não controlamos onde eles passam, claro, mas todos correm na direção de Elendel, então nós controlamos o tráfego fluvial. Há estradas entre as cidades, mas elas são terrivelmente ineficazes quando comparadas à viagem fluvial ou à ferroviária, de modo que as tarifas de Elendel basicamente definem os preços na Bacia. Podemos garantir que nenhum bem produzido na cidade seja vendido a preço baixo e dar incentivos para que as coisas que *não* produzimos sejam vendidas com desconto na cidade.

Wax anuiu lentamente. Ele tinha uma vaga ideia e ouvira falar das queixas das cidades externas, mas sempre lera sobre isso nos jornais de Elendel; ouvir aquilo ser dito tão diretamente por Steris o deixou impressionado com a sua miopia.

— Eu deveria ter prestado mais atenção. Talvez devesse falar com Aradel sobre isso.

— Bem, há motivos para Elendel agir assim — disse Steris, colocando o livro de lado e levantando-se para pegar uma bagagem. Wax olhou para o livro, notando que ela marcara a página. Esticou a mão na direção dele, mas uma sacudida repentina do trem derrubou Steris no assento e a mala em cima do livro. — Lorde Waxillium?

— Desculpe. Continue.

— Bem, o governador e o Senado estão tentando manter uma só nação unificada, em vez de permitir que a Bacia se fragmente num punhado de cidades-estados. Estão usando a economia para forçar as cidades externas a aceitarem o governo centralizado em troca de tarifas reduzidas. Mesmo Aradel, um liberal moderado, aceitou que isso é bom para a Bacia como um todo. Claro que as casas nobres não ligam tanto para manter a unidade quanto para colher os benefícios de um controle do comércio.

— E suponho que me beneficie dessas políticas...

— Beneficia? — reagiu Steris. — Você praticamente prospera com elas, Lorde Waxillium. Seus têxteis e sua metalurgia sofreriam cortes de preço dramáticos sem essas tarifas. Você votou pela manutenção delas duas vezes e por *elevá-las* uma vez.

— Eu... fiz isso?

— Bem, eu fiz — contou Steris. — Você me disse para cuidar dos interesses de sua casa ao votar em...

— Sim, eu sei — Wax, suspirando.

O trem sacudiu nos trilhos, entre solavancos ritmados vindo de baixo. Wax se virou novamente para a janela, mas eles não estavam passando por uma cidade, e tudo ficava escuro. Sem brumas naquela noite.

— Há algo errado, Lorde Waxillium? — perguntou Steris. — Sempre que falamos de política ou das finanças da casa, você fica distante.

— É porque às vezes eu sou uma criança, Steris — respondeu Wax. — Por favor, continue sua explicação. São coisas que preciso aprender. Não deixe que minha ignorância a desencoraje.

Steris se inclinou para a frente e pousou a mão em seu braço.

— Os últimos seis meses têm sido difíceis. Você tem motivos para não prestar atenção na política.

Ele continuou a olhar pela janela. Depois da primeira morte de Lessie, ele ficara perdido. Estava determinado a não reagir desse modo novamente e decidira voltar sua atenção para o trabalho com os policiais, para qualquer coisa que o mantivesse ocupado e o impedisse de mergulhar na mesma inatividade melancólica que tomara conta dele ao perdê-la pela primeira vez.

— Ainda assim, fui um tolo. E talvez haja mais por trás disso. Steris, nunca tive cabeça para a política, mesmo quando estava tentando cumprir minhas obrigações. Isso pode estar além de mim.

— Em nossos meses juntos, passei a vê-lo como uma pessoa extremamente inteligente. Os enigmas que o vi resolver, as respostas que o vi arrancar... não são nada menos que impressionantes. Você certamente é capaz de cuidar de sua casa. Com seu perdão, eu diria que a questão não é a sua capacidade, mas aquilo com o que você se importa.

Wax sorriu, olhando para ela.

— Steris, você é um encanto. Como alguém pode achá-la chata?

— Mas eu *sou* chata.

— Absurdo.

— E quando lhe pedi para me ajudar a revisar minha lista de preparativos para essa viagem?

A lista tinha *vinte e sete* páginas.

— Ainda não acredito que você conseguiu colocar todas aquelas coisas em nossas malas.

— Todas aquelas coisas? — reagiu Steris, piscando. — Lorde Waxillium, eu não *trouxe* todas aquelas coisas.

— Mas você fez uma lista.

— Para pensar em tudo que *poderíamos* precisar. Eu me sinto melhor quando algo dá errado se tiver imaginado essa possibilidade. Pelo menos, se nos depararmos com algo que esqueci, posso me sentir bem sabendo que imaginei que poderíamos precisar.

— Mas se você não trouxe todas aquelas coisas, o que há em tantas malas? Eu vi o esforço de Herve para colocar algumas delas no trem.

— Ah — disse Steris, abrindo a mala que baixara. — Bem, as finanças de nossa casa, claro.

De fato, havia uma grande pilha de livros-caixa dentro da bagagem.

— Essa viagem não foi programada, e tenho que preparar um relatório de contabilidade para os bancos até o mês que vem — explicou Steris. — A Casa Ladrian, em grande medida, recuperou-se dos gastos do seu tio, mas precisamos manter os livros impecáveis para convencer os credores de que estamos solventes, para que assim estejam dispostos a trabalhar conosco.

— Nós temos contadores, Steris — lembrou Wax.

— Sim, esse é o trabalho deles, mas preciso verificar. Você não pode simplesmente *entregar* ao banco o trabalho de alguém sem ter certeza de que foi feito corretamente. Ademais, há uma diferença de três cliques nas finanças deste trimestre.

— Três cliques? — perguntou Wax. — Em quanto dinheiro?

— Cinco milhões.

— Há uma diferença de três centésimos de um boxe em cinco *milhões* —disse Wax. — Eu diria que isso não é ruim.

— Bem, está dentro da margem permitida pelos bancos, mas ainda é um descuido! — afirmou Steris. — Estas finanças são como nos apresentamos ao mundo, Lorde Waxillium. Se você quer superar a impressão que as pessoas têm da Casa Ladrian e de seu mau comportamento, precisa concordar que temos a obrigação de nos apresentar como... Você está fazendo a mesma coisa de novo.

Wax se assustou, empertigando-se.

— Desculpe-me.

— Uma expressão distante nos olhos — notou Steris. — Não é você quem está sempre falando sobre a responsabilidade que os homens têm quanto a cumprir a lei?

— Algo totalmente diferente.

— Mas sua responsabilidade com sua casa...

— É o motivo pelo qual estou aqui, Steris — disse Wax. — Pelo qual voltei das Terras Brutas. Eu a reconheço. Eu a aceito.

— Apenas não gosta dela.

— Um homem não precisa gostar do seu dever. Tem apenas que cumpri-lo.

Ela cruzou as mãos no colo, estudando-o.

— Aqui, permita-me que eu lhe mostre uma coisa — disse, levantando-se e pegando outra mala no compartimento acima do banco.

Wax aproveitou o momento de distração para espiar o livro que ela estava lendo. Avançou até a página que ela marcara, curioso para descobrir o que exatamente em Nova Seran a cativara tanto.

Então ficou totalmente chocado ao ver que a página não continha uma descrição histórica, mas desenhos *anatômicos*. Juntamente com longas descrições explicando... a reprodução humana?

O compartimento ficou completamente imóvel. Wax ergueu os olhos e descobriu que Steris o encarava com uma expressão de horror. Ficou vermelha como um tomate e caiu em seu assento, cobrindo o rosto com as mãos e gemendo alto.

— Ahn... — começou Wax. — Acho que... Ahn...

— Acho que vou vomitar — avisou Steris.

— Não quis xeretar, Steris. Você apenas estava agindo de modo tão *estranho* e tão fascinada com o que havia no livro...

Ela gemeu de novo.

Wax se sentiu desconfortável, procurando palavras.

— Então... você não tem qualquer... experiência nesses assuntos, imagino.

— Fico pedindo detalhes — disse Steris, recostando no assento e jogando a cabeça para trás, olhando para o teto. — Mas ninguém me conta nada. “Você vai descobrir”, elas dizem, com uma piscadela e um sorriso. “O corpo sabe o que fazer.” Mas e se o meu corpo *não* souber? E se eu fizer *errado*?

— Você poderia ter me perguntado.

— Porque *isso* não seria constrangedor — disse Steris, fechando os olhos. — Eu sei o básico; não sou idiota. Mas *preciso* gerar um herdeiro. É vital. Como se espera que eu faça isso corretamente se não tenho nenhuma informação? Tentei entrevistar prostitutas sobre isso...

— Espere aí. Você perguntou a prostitutas?

— Sim. Um trio de jovens muito gentis; eu as encontrei para um chá, mas elas se fecharam no instante em que descobriram quem eu era. Chegaram a ficar estranhamente protetoras e não me deram nenhum detalhe. Fiquei com a impressão de que elas me acharam bonitinha. O que podem ter achado bonitinho numa solteirona? Você se dá conta de que tenho quase *trinta* anos?

— Está com um pé na cova, evidentemente — retrucou Wax.

— É fácil brincar quando se é homem — cortou ela. — Você não está quase perdendo seu prazo de validade.

— Você vale mais do que sua capacidade de gerar filhos, Steris.

— É verdade. Também há o meu dinheiro.

— E tudo o que *eu* estou colocando neste acordo é meu título — disse Wax. — A situação é a mesma para os dois lados.

Steris se acomodou, respirando por entre os dentes por algum tempo. Finalmente, abriu um olho.

— Você também sabe atirar em coisas.

— Algo de que toda dama precisa num homem.

— Assassinatos são muito tradicionais. Remontam há muito tempo.

Wax sorriu.

— Na verdade, se você quiser ser *rigidamente* tradicional e remontar ao Par Imperial, era a dama quem cuidava dos assassinatos.

— De qualquer modo, peço desculpas pela minha afronta. Foi desnecessária. Devo me esforçar para ser mais firme comigo mesma depois de nossa união.

— Não seja boba — disse Wax. — Gosto de ver momentos como esse em você.

— Você gosta de ver damas perturbadas?

— Gosto quando você me mostra algo novo em você. É bom lembrar que as pessoas têm diferentes lados.

— Bem — disse ela, pegando o livro. — Posso continuar minha pesquisa em outro momento. Afinal, nosso casamento foi adiado.

Deveria ter sido esta noite, pensou ele. *Nossa noite de núpcias*. Ele sabia, claro, mas pensar nisso fazia com que se sentisse... o quê? Aliviado? Triste? Ambos?

— Se isso a deixar mais à vontade — disse Wax enquanto ela enfiava o livro na mala —, não precisaremos nos... envolver com grande frequência, particularmente depois que um filho for conseguido. Acho que sua pesquisa não será necessária para mais de uma dúzia de ocasiões.

Quando ele disse isso, ela murchou, ombros caindo, cabeça baixando. Ainda não olhava para ele, fuçando a mala, mas ele identificou o desânimo imediatamente.

Maldição. Foi uma coisa idiota a dizer, não foi? Se Lessie estivesse ali, teria pisado em seu dedão. Ele se sentiu mal e depois pigarreou.

— Isso foi deselegante da minha parte, Steris. Eu lamento.

— Nunca deveria ser errado dizer a verdade, Lorde Waxillium — disse ela, empertigando-se e olhando para ele, novamente composta. — É exatamente como nosso acordo deve ser, sei muito bem. Eu *escrevi* o contrato.

Wax cruzou o espaço que os separava e se sentou ao lado dela, colocando suas mãos nas da noiva.

— Não gosto dessa conversa vindo de você. Ou de mim. Tornou-se um hábito para nós fingir que esse relacionamento não passa de títulos e dinheiro. Mas, Steris, quando Lessie morreu... — disse ele, engasgando e respirando fundo antes de continuar. — Todos queriam conversar comigo. Falar comigo. *Tagarelar* sobre como sabiam o que eu estava sentindo. Mas você simplesmente me deixou chorar. Era do que eu mais precisava. Obrigado.

Ela o olhou nos olhos e apertou sua mão.

— O que temos juntos e o que fazemos com nosso futuro não precisa ser definido por um pedaço de papel — continuou ele. Ou, bem, por uma grande pilha de papéis. — O contrato não precisa estabelecer nossos limites.

— Perdão, mas pensei que era exatamente esse o objetivo de um contrato. Definir e estabelecer limites.

— E o objetivo da vida é ampliar nossos limites, acabar com eles, fugir deles — retrucou Wax.

— Uma opinião estranha para um homem da lei — disse Steris, inclinando a cabeça para o lado.

— De modo algum — retrucou Wax. Ele pensou por um momento. Depois, foi novamente até seu assento e procurou a caixa de Ranette, tirando uma das esferas de metal com um cordão comprido. — Você reconhece isto?

— Reparei que você estava olhando para isso mais cedo.

Wax anuiu.

— É a terceira versão do equipamento de gancho de Ranette, como aquele que usamos para escalar a Torre ZoBell. Veja.

Ele queimou aço e *empurrou* a esfera, que saltou de seus dedos e disparou na direção da barra no compartimento de bagagem, arrastando o cordão, que Wax segurou. Quando a esfera atingiu a altura do compartimento, Wax *empurrou* uma linha azul fina revelada por seus sentidos alomânticos. Ela apontava para um fecho escondido dentro da esfera, como aquele dentro de Vindicação que desligava a trava de segurança.

Um conjunto oculto de ganchos se projetou da esfera. Ele puxou o cordão e ficou satisfeito ao ver que a esfera travou no lugar, presa no compartimento de bagagem.

Muito melhor que os outros projetos, pensou Wax, impressionado. Ele *empurrou* o fecho uma segunda vez, e o mecanismo recolheu os ganchos com um estalo. A bola caiu na almofada ao lado de Steris, e Wax a puxou para sua mão usando o cordão.

— Esperto — disse Steris. — Mas como isso se relaciona com a conversa?

Wax *empurrou* a esfera novamente, mas dessa vez não usou o mecanismo. Em vez disso, segurou o cordão com força, dando à esfera pouco menos de um metro de linha. Ela parou com uma sacudida em pleno ar, flutuando. Ele continuou *empurrando* para cima e para longe dele, mas também segurando o cordão, e isso impediu que a esfera caísse.

— As pessoas são como cordões, Steris — disse Wax. — Nós saímos deslizando, para um lado e para outro, sempre procurando algo novo. Faz parte da natureza humana descobrir o que está escondido. Há tanto que podemos fazer, tantos lugares aonde podemos ir. — Ele se ajeitou no assento, mudando o centro de gravidade, o que fez a esfera girar para cima. — Mas se não há limites, ficamos enrolados — disse ele. — Imagine mil desses cordões disparando pela sala. A lei está aí para nos impedir de barrar a capacidade de explorar de todos os outros. Sem lei não há liberdade. Por isso sou o que sou.

— E a caçada? — perguntou Steris, verdadeiramente curiosa. — Isso não lhe interessa?

— Claro que sim — disse Wax, sorrindo. — Isso é parte da descoberta, parte da *procura*. Descobrir quem fez. Descobrir os segredos, as respostas.

Havia, claro, outra parte, a parte que Miles forcara Wax a admitir. Havia certa raiva perversa dirigida aos que violavam a lei, quase uma *inveja*. Como essas pessoas ousavam escapar? Como ousavam ir aos lugares aonde ninguém mais podia ir?

Ele deixou a esfera cair, e Steris a pegou, examinando-a com um olhar metódico.

— Você fala sobre respostas, segredos e procura. Por que odeia tanto a política?

— Bem, pode ser porque ficar sentado numa sala abafada escutando as pessoas reclamarem é o *oposto* de fazer descobertas.

— Não, não é — reagiu Steris. — Cada reunião é um mistério, Lorde Waxillium. Quais são as motivações de cada um? Quais mentiras discretas estão contando e quais verdades você pode descobrir?

Ela jogou a esfera de volta para ele, pegou sua maleta e a colocou na pequena mesa de centro entre os dois.

— Assim como as finanças da casa.

— Finanças da casa... — repetiu ele, secamente.

— Sim! — afirmou ela, tirando um livro-caixa da maleta. — Veja só.

Ela o abriu e apontou para uma conta.

Ele olhou para a página e para ela. *Tanta animação*, pensou. Mas... livros-caixa?

— Três cliques — disse ele. — As tabelas são diferentes por causa de três cliques. Desculpe, Steris, mas é uma quantia sem importância. Não vejo...

— *Não* é sem importância — disse ela, deslizando e sentando-se ao lado dele. — Você não vê? A resposta está em algum lugar. Não está nem ao menos curioso? O mistério de onde eles foram parar?

Ela meneou a cabeça para ele, animada.

— Bem, suponho que você poderia me mostrar como procurar por eles — disse. Wax temia a ideia, mas ela parecia tão feliz.

— Aqui — falou, dando-lhe um livro-caixa e pegando outro. — Olhe os bens recebidos. Compare as datas e os pagamentos no livro-caixa. Vou estudar a manutenção.

Ele deu uma espiada para a porta, meio que esperando que Wayne estivesse lá fora no corredor, rindo tolamente daquela pegadinha. Mas Wayne não estava lá. Aquilo não era uma pegadinha. Steris agarrou seus próprios livros-caixa e os atacou com tanta fúria quanto um homem faminto dedicaria a um belo filé.

Wax suspirou, recostou-se e começou a estudar os números.



NOVA ASCCE

Vol. 6, Nº 220

NOVA SERAN, 8 de CLADENC



Nicki Savage, detetive paranormal em...

As Criações da Antiguidade

Quando um adrião recebi um grande mapa de Nova Seran, a sua Savage entre no caso. Um compartimento secreto do mapa contém o presente de despedida do seu pai, a localização de uma tumba de seres metálicos, os kalkis, criações perdidas de Senhor Soberano. No momento, tudo o que impede essa jornada usada de descobrir os segredos das Criações Desconhecidas da Antiguidade é a história mítica que da chamada "humanidade oculta".

Parte dois "A medonha cabine de teleférico!"

Cheguei no instante em que as portas da cabine se fecharam com força e o veículo se lançou à frente. Por trás das portas de vidro, o homem assustado sorria, ao brilho esverdeado de seus equipamentos, que o iluminavam por baixo.

Carregado da cabine, man-

tando o ritmo enquanto pagava minha volúvel garatilha de crédito para tomar um gelado rápido. O calor sobiu de meu estômago para minha garganta, bem como minha confiança.

Quando a cabine se afastou da plataforma, eu me lancei no ar. (Continua abaixo da dobra)

Cabine quebrada afeta passageiros

Um problema tão identificados interrompeu a Linha Zéno ontem, ao por do sol, segundo a Agência de Transportes de Nova Seran. A ATNS levou os passageiros para casa ao estilo antigo, descedo as habilitações cinzento em brevíssimo e rígidas. Cons deram os isar uma prova de necessidade de um sistema de transporte alternativo para momentos de emergência.



(Continua no verso.)

Beba à saúde de Elendell!

O uísque brand tem sido produzido e testado exclusivamente nas cidades

e me ho que qualquer coisa virada do centro de Ilacia, e, como é um produto

OS MAIS NOVOS NAVIOS "DIVERTEM" FUNCIONÁRIOS

144 tanta semana, o prefeito de Bilming, Lorde Bastien Severington, foi ao impressionante porto da cidade para receber e saudar funcionários importantes e notres do Senado de Elendell. Assim como a Torturaga Pacifica, símbolo da grande cidade de Bilming, o gentílico de Elendell foi visto como um gesto de amizade e aproximação.

Mais impressionante que o porto são as fileiras de navios anavados lá. A maioria é das habituais cliperes e cargueiros, mas entre eles flutuam monstros de metal que são como tubarões entre turturagas. Essas são as belonaves desenvolvidas por Lorde Severington e pelo falecido dr. Flonn Mann, intecessor do mais minúsculo da Ciência e Tecnologia de Ilacia.

"Cada navio carrega oito canhões duplos de trinta centímetros e cada abertura tem alcance de 26 quilômetros", disse Severington. "Entre outras melhoras, estes cascos b tridados reforçados, loculi-



zadores elétricos e velocidade máxima de 38 quilômetros por hora. Nós os chamamos de Pótreonautas."

Mas alguns integrantes da delegação de Elendell não ficaram impressionados.

"Que divertida mostra de brinquedos", disse o senador Iris Julien. "Por que precisamos de navios de guerra? A Bacia está sorinda em terra e nos mares. De quem precisamos nos proteger?"

(Continua no verso.)

Harmo

O Bloco da P. Ibris Mendonça le de maneira retori e Lorde Nescibo, sua razão quando pergunta que co

"Tenho a tem São De asserblaus tão anda é debar descobertas cinto ran mas parte de

(Continua)



Uma equipe de combatentes pela liberdade
SE ERGUE CONTRA A OPRESSÃO DERRUBA UM GOVERNO CORRUPTO
Estrelado por Javier Dal enc e Peneope Forreau.

A medonha cabine de teleférico!

Os monges de Buz Koe me treinaram bem. Seus movimentos habilidosos foram os necessários para permitir a um Sanguor chegar perto o suficiente de outro alomântico para tocá-lo e drenar suas reservas, mas foram as aulas de baile que possibilitaram meu salto da plataforma para a cabine em movimento.

Pouco provavelmente no po-





Marasi parou para observar a imagem do monstro.

Era noite; as pessoas conversavam em voz baixa ao redor dela no vagão-restaurante, e o trem fazia uma curva que lhe dava uma vista bonita, mas, por um momento, ela ficou hipnotizada por aquela imagem. Um esboço de violentas linhas ásperas que, de algum modo, transmitiam um terrível pânico. A maioria das páginas que VenDell entregara continha transcrições de perguntas respondidas — ou, com maior frequência, não respondidas — pelo kandra ferido.

Aquilo era diferente. Um esboço alucinado usando duas cores de lápis para retratar um rosto terrível. Um rosto vermelho e ardente, com boca distorcida, chifres e estacas se projetando da borda. Os olhos eram negros, desenhados como lacunas na pele vermelha. Parecia um objeto de terror infantil extraído diretamente de um pesadelo.

Havia uma legenda na base da página. “Esboço de ReLuur para a criatura descrita em 8/7/342.” Ontem.

Na página seguinte, havia uma entrevista.

VenDell: Descreva novamente o que viu.

ReLuur: A besta.

VenDell: Sim, a besta. Ela protegia os braceletes?

ReLuur: Não. Não! Isso foi antes. Caído do céu.

VenDell: Do céu?

ReLuur: A escuridão acima. É do vazio. Não tem olhos. Ela olha para mim! Está olhando para mim agora!

O interrogatório foi interrompido por uma hora enquanto ReLuur choramingava num canto, inconsolável. Quando finalmente voltou a reagir, fez este esboço sem precisar de estímulo, murmurando sobre a coisa que tinha visto. Há algo errado com os olhos da criatura. Talvez estacas?

Estacas. Marasi pegou sua bolsa embaixo da mesa e procurou algo dentro dela enquanto o casal sentado à mesa atrás ria alto, pedindo mais vinho. Marasi empurrou para o lado a pistola de dois tiros que colocara ali e tirou um livro fino, cópia daquele que o Olhos de Ferro dera a Waxillium.

Dentro, encontrou a descrição que queria, palavras escritas pelo Lorde Nascido da Bruma, Lestibournes: “Pelo que consegui descobrir, a Hemalurgia pode criar praticamente qualquer coisa reescrevendo seu aspecto espiritual. Mas, que inferno, até mesmo o Senhor Soberano teve dificuldade de acertar. Seus koloss eram grandes soldados — quer dizer, podiam comer terra e outras coisas para permanecer vivos —, mas basicamente passavam os dias matando uns aos outros por caprichos e se

ressentiam de não ser mais humanos. Os kandra são melhores, mas se transformam em montes de gosma se não têm estacas e não conseguem se reproduzir sozinhos. Acho que estou dizendo que não se deveria fazer experiências demais com esse aspecto da Hemalurgia. É basicamente inútil: há um milhão de formas de errar para cada forma de conseguir um bom resultado. Limitem-se a transferir poderes e se sairão bem. Confiem em mim.”

Era muito *estranho* ler as palavras do Lorde Nascido da Bruma e perceber o quanto soavam casuais. Aquele era o Sobrevivente das Chamas, o governante que liderara a humanidade com benevolência por um século, guiando-a no difícil caminho da reconstrução da civilização. Ele soava tão *normal*. Até mesmo admitia, em dado momento, ter pedido a Brisa, Conselheiro dos Deuses, que escrevesse a maioria dos seus discursos. Então todas as famosas palavras, citações e inscrições atribuídas ao Lorde Nascido da Bruma eram invenções.

Não que ele fosse um tolo. Não, o livro era cheio de sabedoria. Sabedoria perturbadora. O Lorde Nascido da Bruma defendia reunir os Nascidos do Metal idosos ou com doenças terminais e pedir a eles que se sacrificassem para produzir essas... estacas, que poderiam então ser usadas para criar indivíduos de grande poder.

Ele argumentava bastante no livro. Não seria tão perturbador caso fosse fácil descartar suas ideias.

Ela estudou as descrições de experiências hemalúrgicas que apareciam no livro, tentando ignorar o casal ruidoso atrás. Será que aquele desenho poderia ser a representação de um novo tipo de monstro hemalúrgico, como aqueles que Wax encontrara abaixo de Elendel? Projetado pelo Grupo ou talvez resultado de uma experiência fracassada? Ou, em vez disso, relacionado ao constantemente efêmero Trell, o deus com um metal desconhecido?

Ela acabou deixando essas suposições de lado e se concentrando em sua tarefa principal. Como encontrar a estaca de ReLuur? Ele fora ferido em algum tipo de explosão que arrancara parte de seu corpo e fora forçado a fugir, deixando para trás essa parte — e a estaca.

A carne de um kandra permanecia em seu estado humano quando separada do corpo, então aqueles que fizeram a limpeza depois da explosão teriam se livrado dela, certo? Ela precisava ver se tinham aberto alguma espécie de cova coletiva para as pessoas mortas naquela explosão. Claro que, se soubesse o que procurar no cadáver de um kandra, o Grupo já teria recuperado a estaca. As imagens, e a possibilidade de que estivessem fazendo experiências com Hemalurgia, tornavam isso mais plausível. Então essa era outra possível pista. E...

Aquela era a voz de Wayne? Marasi se virou para o casal rindo atrás dela. Wayne se juntara a eles e conversava amigavelmente com a dupla bêbada, que vestia finos trajes de noite. Wayne, como de hábito, usava calças e suspensórios das Terras Brutas, tendo pendurado o sobretudo no gancho ao lado da mesa.

Ele viu Marasi e sorriu, tomando uma taça do vinho do casal antes de se despedir. O trem deu um solavanco, fazendo os pratos chacoalharem nas mesas enquanto Wayne deslizava para o assento diante de Marasi, com o rosto tomado por um sorriso.

— Filando vinho? — perguntou Marasi.

— Não — respondeu. — Eles estão bebendo espumante. Mal consigo suportar essa coisa. Eu estou filando *sotaques*. Esses dois são de Nova Seran. Eu queria ter uma noção de como as pessoas falam lá.

— Ah. Você se dá conta de que é educado retirar o chapéu em ambientes fechados, certo?

— Certamente — disse ele, inclinando o chapéu na direção dela. Depois, recostou na cadeira e, de algum modo, colocou os pés com botas sobre a pequena mesa. — O que está *você* fazendo aqui?

— No vagão-restaurante? — perguntou Marasi. — Eu só queria um lugar para me esticar.

— Wax alugou um *vagão inteiro*, mulher — disse Wayne, apontando para um garçom que passava e depois para sua boca, fazendo um gesto de beber. — Temos seis cômodos ou algo assim só para nós.

— Talvez eu simplesmente quisesse ter gente por perto.

— E nós não somos gente?

— Isso é algo questionável no seu caso.

Ele sorriu e piscou para ela enquanto o garçom finalmente se aproximava.

— O senhor gostaria... — começou o garçom.

— Bebida — respondeu Wayne.

— Poderia ser um pouco mais específico, senhor?

— *Muita* bebida.

O garçom suspirou e olhou para Marasi, que balançou a cabeça.

— Nada para mim.

Ele partiu para obedecer.

— Nada com bolhas! — gritou Wayne para ele, recebendo mais de um olhar feio dos outros ocupantes do vagão. Depois, virou-se para encarar Marasi. — E então? Vai responder à minha pergunta? Do que você está se escondendo, Marasi?

Ela ficou em silêncio por um momento, sentindo o movimento ritmado do trem.

— Em algum momento o incomoda estar à sombra dele, Wayne?

— De quem? Wax? Bem, ele tem ganhado peso, mas ainda não está assim *tão* gordo, está?

Ele sorriu, mas o sorriso murchou ao ver que ela não sorriu de volta. E, num atípico momento de solenidade, ele deslizou as botas para fora da mesa, apoiando nela um cotovelo e se inclinando na direção de Marasi.

— Não — respondeu depois de pensar um pouco. — Não, não me incomoda. Mas não ligo muito se as pessoas olham para mim ou não. Às vezes, minha vida fica mais fácil se *não* estão olhando para mim, sabe? Gosto de escutar. Você está magoada por ele ter achado que você não conseguiria fazer isto sozinha?

— Não. Mas... Não sei, Wayne. Comecei a estudar direito, estudar homens da lei famosos, porque queria me tornar algo que os outros achavam que eu não poderia ser. Consegui o emprego na delegacia e achei que tinha realizado algo, mas Aradel admitiu que se interessara por me contratar porque queria alguém que pudesse ficar de olho em Waxillium. Nós dois sabemos que o kandra queria tê-lo nesta missão e que me procurou para tentar fisgá-lo. Na delegacia, quando consigo fazer algo, todos supõem que tive a ajuda de Waxillium. Às vezes, é como se eu não passasse de um *apêndice*.

— Você não é nada disso, Marasi — disse Wayne. — Você é importante. Você ajuda muito. Além disso, você cheira bem. Sem sangue e aquelas coisas.

— Ótimo. Não tenho ideia do que você acabou de dizer.

— Apêndices não cheiram bem. E eles são meio repulsivos. Eu uma vez tirei o apêndice de um cara.

— Você está falando do apêndice que temos dentro do corpo?

— Claro — disse ele, mas depois hesitou. — Então...

— Não é a mesma coisa.

— Certo. Achei que fosse uma metáfora, já que as pessoas não precisam de apêndice.

Marasi suspirou, recostando no assento e esfregando os olhos com a base das mãos. Por que ela estava

discutindo aquilo com Wayne novamente?

— Entendo — disse ele. — Sei o que você está sentindo, Mara. Wax... Ele é meio sufocante, né?

— É difícil criticá-lo — disse Marasi. — Ele é eficiente, e acho que nem sequer sabe que está sendo dominador. Ele ajeita as coisas. Por que eu deveria ficar aborrecida com isso? Ferrugem, Wayne, eu *estudei* a vida dele, admirando o que ele fez. Deveria me sentir com sorte por ser parte dela agora. E sinto, na maior parte do tempo.

Wayne anuiu.

— Mas você quer ser você mesma.

— Exatamente!

— Ninguém a está obrigando a ficar conosco — lembrou Wayne. — Se bem me lembro, Wax inicialmente se esforçou muito para impedi-la de se envolver nos casos que investigamos.

— Eu sei, eu sei. Eu apenas... Bem, eu estava pensando que desta vez talvez eu pudesse ser capaz de fazer algo importante sozinha — disse. Ela respirou fundo e soltou o ar. — É idiota, eu sei, mas ainda assim é frustrante. Vamos ter todo esse trabalho, encontrar a estaca, devolvê-la ao kandra, e então eles agradecerão a Waxillium.

Wayne meneou a cabeça, pensativo.

— Conheci um sujeito uma vez — disse ele, recostando novamente, com os pés na mesa — que achava que seria uma boa ideia levar pessoas para caçar. Gente da cidade, sabe? Gente que nunca tinha visto nenhum animal maior que um rato que comeu demais, sabe? Nas Terras Brutas, nós temos leões. São coisas ferozes, com muitos dentes, e uma...

— Eu sei o que é um leão, Wayne.

— Certo. Bem, Chip, esse é o nome do sujeito, mandou imprimir uns cartazes, mas pediu algumas notas emprestadas à namorada para fazer isso. Então, ela achou que deveria ficar com uma parte do dinheiro assim que as pessoas pagassem pela viagem. Bem, o primeiro dinheiro entrou, eles tiveram uma briga e ela acabou esfaqueando Chip bem no coldre, se você entende o que quero dizer. Então, ele saiu cambaleando para a rua, sangrando, e foi onde os policiais o encontraram e disseram que ele não podia matar leões. Há uma lei sobre isso, sabe? Parece que são uma espécie de tesouro natural nobre ou algo assim. Seja como for, eles levaram Chip, jogaram o sujeito na cadeia e bateram as grades, por acidente, nos dedos ferrados dele. Ele quebrou a mão e não consegue mais fechá-la.

A bebida de Wayne chegou: uma garrafa de uísque e um copo pequeno. Ele o pegou, dizendo ao garçom para cobrar de Waxillium, serviu-se e recostou-se.

— Termina assim? — perguntou Marasi.

— O quê? Você quer que *mais* coisas aconteçam com o pobre sujeito? Bastante sádico da sua parte, Marasi. Bastante sádico.

— Não quis dizer... — começou ela, mas depois respirou fundo. — Isso tem alguma relevância para a situação em que me encontro?

— Na verdade, não — respondeu Wayne, tomando um gole, tirando uma caixinha de madeira do bolso e pegando um chiclete. — Mas, vou lhe dizer, Chip está *realmente* mal. Sempre que fico pensando que a minha vida é ruim, eu me lembro dele e digo a mim mesmo: “Bem, Wayne, pelo menos você não é um sujeito pobre e sem pau que nem consegue limpar o próprio nariz direito.” E me sinto melhor.

Ele piscou para ela, jogou o chiclete na boca e saiu da mesa. Acenou para MeLaan, que usava uma túnica de renda fina e um chapéu exagerado. Uma mulher normal teria precisado de um *excelente* corpete

para usar aquele traje, mas a kandra provavelmente esculpira o corpo para adequá-lo à roupa. O que era terrivelmente injusto.

Marasi olhou suas anotações. Wayne a deixara mais confusa, o que não era incomum, mas talvez houvesse sabedoria no que ele dissera. Ela mergulhou novamente na pesquisa, mas pouco depois começou a sentir sono. Estava ficando tarde. O sol se pusera por completo, e ainda demorariam algumas horas para chegar. Então, colocou a pilha de folhas dentro da grande pasta.

Quando fez isso, algo escorregou da pasta. Marasi franziu a testa, segurando o objeto. Era um pequeno saco de pano. Ao ser aberto, revelou um pequeno brinco de caminhante e um bilhete.

“Só por garantia, Waxillium.”

Ela bocejou, guardou-o e saiu do vagão-restaurante. O vagão privativo que Waxillium alugara para eles ficava dois vagões depois, no fim do trem. Apertou as folhas enquanto passava pela plataforma aberta entre os vagões, sentindo o vento. Um ferroviário baixo estava de pé ali e a olhou enquanto passava para o carro seguinte. Não disse nada dessa vez, embora da última tivesse tentado convencê-la a não se deslocar entre os vagões, insistindo que lhe levaria comida caso desejasse.

O vagão seguinte era de primeira classe, com uma fila de cabines particulares de um lado. Marasi passou por luzes elétricas brilhando nas paredes enquanto atravessava o vagão. Da última vez que estivera num trem, elas eram a gás, com chamas brilhantes e firmes. Ela gostava do progresso, mas aquelas luzes elétricas pareciam muito menos confiáveis, oscilando quando o trem desacelerava, por exemplo.

Chegou até o último vagão, passou por sua própria cabine e andou até a cabine onde Waxillium e Steris haviam jantado, pensando em ver como estavam. Surpreendentemente, ambos ainda estavam lá. De Waxillium ela esperaria isso, mas estar acordada tarde da noite não era o estilo de Steris.

Marasi abriu a porta deslizante.

— Waxillium?

O homem estava ajoelhado no chão diante de seu assento coberto de livros-caixa e folhas de papel. Tinha os olhos fixos num deles e ergueu a mão na sua direção fazendo um gesto de silêncio quando ela começou a perguntar o que ele fazia.

Marasi franziu a testa. Por que...

— Arrá! — proclamou Waxillium, levantando-se. — Encontrei!

— O quê? — perguntou Steris. — Onde?

— Gorjetas.

— Eu olhei as gorjetas.

— Um dos operários das docas entregou um vale atrasado — disse Waxillium, pegando uma folha e virando-a para mostrar a Steris. — Ele deu a um garoto do cais quatro cliques para levar uma mensagem e pediu reembolso. O supervisor o reembolsou e preencheu um vale, mas escreveu o quatro parecido com um três, e os contadores registraram assim.

Steris estudou a folha com olhos arregalados.

— Seu desgraçado — disse ela, surpreendendo Marasi. Ela *nunca* ouvira Steris falar assim. — Como você descobriu isso?

Waxillium sorriu, cruzando os braços.

— Wayne diria que descobri porque sou brilhante.

— Wayne tem a capacidade mental de uma mosca — disse Steris. — Comparado a ele, qualquer um é

brilhante. Eu... — Ela parou de falar, notando Marasi pela primeira vez. Piscou, e sua expressão se tornou mais reservada. — Marasi. Seja bem-vinda. Gostaria de se sentar?

— Onde? — perguntou Marasi. Todas as superfícies estavam cobertas de livros-caixa e páginas. — No compartimento de bagagem? Essas são as *finanças* da casa?

— Encontrei um clipe perdido — disse Waxillium. — O último, devo dizer, o que significa que encontrei dois, enquanto Steris só encontrou um.

Marasi encarou Steris, que começou a abrir um espaço para ela se sentar. Olhou para Waxillium, que estava de pé, radiante, com a folha na mão, examinando-a novamente como se fosse um metal perdido resgatado de um labirinto.

— Um clipe perdido — disse Marasi. — Ótimo. Talvez você possa encontrar alguma coisa aqui — disse, estendendo a ele as páginas que VenDell lhe dera. — Vou dormir por algumas horas.

— Ahn? — disse Waxillium. — Ah, sim, claro. Obrigado.

Ele se sentou com relutância, pegando a pasta.

— Não se esqueça de olhar os desenhos de monstros — disse Marasi, bocejando. — Ah, e isto estava aí dentro.

Ela jogou para ele a bolsinha com o brinco e voltou para o corredor.

Caminhou até seu quarto, sentindo o trem desacelerar mais uma vez. Outra parada? Ou eram ovelhas cruzando os trilhos novamente? Eles deveriam estar chegando à parte mais bonita do trajeto. Uma pena que estivesse tão escuro.

Ela voltou até a entrada do quarto, o primeiro naquele vagão, e olhou pela janela da porta na direção do resto do trem, que, para sua surpresa, estava se afastando. Ficou surpresa por um momento e, então, a porta na outra extremidade do carro foi escancarada.

O homem de pé na plataforma ergueu uma arma na direção do corredor e atirou.



— Bem, acho que você demonstrou um verdadeiro talento para isso, Lorde Waxillium, como acredito que *eu* sugeri...

Wax parou de escutar Steris.

Trem desacelerando.

Ruídos de motor se afastando.

Porta se abrindo.

Wax queimou aço.

Steris continuou falando, e ele anuiu, distraído, fazendo gestos enquanto o resto do corpo ficava alerta. Ouviu um clique e *empurrou* para a esquerda e para a direita, contra a moldura da janela, para impedir qualquer movimento dele.

Quando a bala passou pelo corredor do lado de fora, seu *empurrão* a jogou contra a parede.

Vá. Seu *empurrão* escancarara a porta do compartimento. Ele soltou o brinco — maldito fosse aquele VenDell — e se *empurrou* na moldura de metal da janela. Isso o lançou para a esquerda, no corredor. Bateu na parede para onde *empurrara* a bala, com Vindicação na mão, e acertou bem na testa o homem surpreso que estava no fim do corredor.

Marasi conteve um grito. Steris colocou a cabeça no corredor, com os olhos arregalados. Não era a decisão mais inteligente, mas ela raramente estivera em tiroteios.

— Obrigada — disse Marasi.

Ele assentiu, cortês.

— Coloque sua irmã sob alguma proteção.

Passou por ela e pisou na pequena plataforma entre os vagões do trem, percebendo que o vagão havia sido desengatado e deixado à deriva. Um grupo de homens a cavalo, de aparência chocada, galopava ao lado do vagão que desacelerava.

Cavalos?, pensou Wax. *Sério?*

À luz das estrelas, que estavam brilhando naquela noite sem nuvens, e da Fenda Vermelha baixa no horizonte, ele viu que usavam coletes sobre as camisas e calças grossas. Um grupo maior deles galopava junto com o trem à frente. Aquele não era um ataque específico ao seu vagão, mas um grande assalto à mão armada.

Ou seja, ele tinha que ser rápido.

Empurrou a plataforma abaixo dele e reduziu seu peso. Os três ladrões próximos começaram a atirar, mas o *empurrão* de Wax o lançou no ar acima dos disparos, e seu peso reduzido fez com que a resistência do vento o empurrasse para trás, passando sobre o vagão. Ele pousou, aumentou o peso e arrancou um homem do cavalo.

Os bandidos remanescentes dispararam para a frente, esporeando os cavalos e indo atrás dos outros, gritando:

— Alomântico! Alomântico!

Droga, pensou Wax, derrubando um dos homens enquanto o outro galopava até um grupo de árvores. Em um instante, ele estava fora do alcance da pistola, e logo alcançaria os companheiros.

Wax saltou para a plataforma e correu pelo corredor do vagão. O compartimento que ele dividira com Steris estava vazio, mas ele identificou linhas azuis trêmulas indo até a porta seguinte. Marasi sabiamente reunira todos na cabine dos criados.

— Assalto — disse Wax, abrindo a porta e assustando os criados, Marasi e Steris. A maioria se sentara no chão, embora Marasi estivesse à janela, olhando para fora. Steris ocupava o banco embutido, impressionantemente preparada.

— Assaltantes? — perguntou Steris. — Realmente, Lorde Waxillium, *precisa* levar seus passatempos consigo aonde quer que vá?

— Estão indo atrás do resto do trem — disse Wax, apontando. — Os primeiros ladrões devem ter notado que este vagão é particular, provavelmente cheio de riquezas a saquear, então o desengataram. Mas algo está errado.

— Além de pessoas tentando nos matar? — perguntou Marasi.

— Não, pela minha experiência, isso é bastante normal — disse Steris.

— O que está *errado* é que eles estão montados a cavalo — disse Wax.

Os outros o encararam.

— Assaltos a trens por bandidos a cavalo são algo saído de revistas de contos — disse Wax. — Ninguém *realmente* faz isso. Por que abordar um trem em movimento e arriscar sua vida quando você pode simplesmente fazer o veículo parar como os Desaparecidos faziam?

— Então nossos bandidos... — começou Marasi.

— São novos nisso — completou Wax. — Ou têm lido ficção barata. Seja como for, ainda serão perigosos. Não posso me arriscar a deixá-los aqui, já que podem voltar para pegá-los. Então mantenham a cabeça abaixada e *segurem-se*.

— Segurar? — começou Herve. — Por que...

Wax voltou para o corredor e correu até o fim do vagão. Após conferir a porta, saltou nos trilhos atrás do vagão, que finalmente estava parando. Então, drenou suas mentes de metal e aumentou seu peso.

Muito.

O cascalho afundou sob seus pés à medida que seu corpo ficava cada vez mais pesado. Ele trincou os dentes, queimou metal e *empurrou*.

O vagão sacudiu como se outro trem tivesse se chocado contra ele. Seu *empurrão* o mandou chacoalhando sobre os trilhos, e Wax soltou a respiração. Seus músculos não doíam, mas ele se sentia como se tivesse batido com força numa parede.

Ele parou de drenar a mente de metal, retornando ao seu peso normal, e se *empurrou* nos trilhos para se erguer do solo. Quase perdeu uma bota no processo.

Empurrou-se contra os trilhos mais uma vez, lançando-se na direção do vagão em movimento. *Nem de longe rápido o bastante*, pensou enquanto caía no chão e aumentava o peso novamente. O vagão sacudiu quando ele o *empurrou* outra vez. Depois, saltou para a frente, repetindo o processo mais três vezes para conseguir velocidade. Então, finalmente, *empurrou-se* até o vagão, colando um ombro na parede dos

fundos e usando Alomancia para *empurrar* os trilhos e aumentar o impulso.

O solo passava como um borrão, filas e mais filas de dormentes de madeira, linhas contínuas saíam dos trilhos de aço e apontavam para o peito de Wax. Ele grunhiu e se moveu para pressionar as costas contra a parede. Ainda assim, o *empurrão* ameaçava esmagá-lo, já que ele não podia aumentar muito seu peso sem correr o risco de arrancar os trilhos.

Passaram em disparada por um grupo de cavalos guardados por alguns jovens — as montarias extras dos bandidos. Wax ergueu Vindicação e disparou alguns tiros no ar, mas os cavalos eram treinados demais para se assustar com o barulho.

Ele dobrou seu *empurrão* quando ouviu tiros à frente. Um momento depois, seu vagão se chocou contra o trem. Wax parou de *empurrar*, caindo no chão na plataforma com dores nas costas. Mas os engates haviam travado, e o vagão permaneceu ligado ao resto do trem.

Deu uma espiada no vagão e se agachou, passando pela cabine onde os outros estavam escondidos. Em seu próprio compartimento, colocou Vindicação no coldre e puxou sua caixa de munição guardada na prateleira mais alta.

— Waxillium? — chamou Marasi, entrando no quarto.

— Você viu Wayne? — perguntou Wax.

— Estava no vagão-restaurante havia pouco tempo.

— Ele já deve estar lutando. Se o vir, avise que vou atacar a frente do trem e seguir para os fundos — disse Wax, fechando uma Sterrion carregada e pegando a segunda.

— Entendi — disse Marasi. Ela hesitou. — Você está preocupado.

— Não estão usando máscaras.

— Não estão...

— Ladrões usam máscaras — disse Wax. Fechou a segunda Sterrion e afivelou o cinturão. Vindicação, depois de recarregada, voltou ao seu coldre de ombro.

— E homens que não usam máscaras?

— Não ligam se são vistos — disse, encontrando os olhos dela. — Eles já são fora da lei e não têm nada a perder. Homens como esses matam facilmente. Pior ainda, é evidente para mim que nunca tentaram um assalto a trem antes. Ou estão muito, muito desesperados, ou alguém os levou a fazer isso.

Ela empalideceu.

— Você não acha que o ataque é uma coincidência.

— Se for, comerei o chapéu de Wayne — disse ele, olhando para a escopeta que Ranette lhe dera. Prendeu seu coldre de coxa e a deslizou para dentro. A seguir, pendurou duas das esferas com cordões em seu cinturão. Finalmente, esticou o braço e pegou uma bolsa com um rifle na prateleira e a jogou para Marasi.

— Proteja Steris — disse ele. — Veja se consegue encontrar Wayne. Verifique nos vagões seguintes, mas não se preocupe em avançar caso encontre resistência. Simplesmente mantenha a posição e proteja estas pessoas.

— Certo.

Ele foi na direção do corredor, mas assim que pisou fora do compartimento uma saraivada de tiros o fez voltar. Ele xingou. Bastaria uma bala de alumínio, algo que ele não podia *empurrar*, e estaria morto.

Respirou fundo e olhou para fora rapidamente enquanto *empurrava*. Contou quatro bandidos na

plataforma de trás do vagão seguinte.

Atiraram novamente. Ele se encolheu e observou as balas acompanhadas por linhas azuis, arrancando pedaços do revestimento de madeira da parede e lascando o batente da sua porta. Não parecia haver nenhuma bala de alumínio.

— Distração? — perguntou Marasi.

— Sim, por favor — respondeu Wax, aumentando seu peso e *empurrando* a moldura da janela, arremessando-a para fora do vagão contra uma árvore que passava. — Dispare algumas vezes enquanto saio, conte até vinte e me dê mais distração.

— Tudo bem.

Wax se lançou para fora da janela. Imediatamente, disparou Vindicação na direção do piso, cravando uma bala e lhe dando algo para *empurrar* de modo a se lançar para cima. Marasi disparou alguns tiros rápidos, e, com sorte, os assaltantes imaginariam que o disparo de Waxillium também havia sido do lado de dentro.

Subindo no ar, com o vento agitando seu cabelo e o paletó, ele disparou uma segunda bala no chão, porém num ponto mais distante, e a usou para se *empurrar* para a direita, colocando-o acima do trem.

Não se permitiu descer, usando um *empurrão* nos pregos do teto do trem para continuar avançando para a frente. Pairou sobre seu próprio vagão, depois sobre aquele no qual os ladrões estavam, finalmente pousando no vagão-restaurante, que era o terceiro a partir de trás.

Quando se virou para o último vagão, tinha contado mentalmente até vinte. Um segundo depois, ouviu uma saraivada de balas vinda de Marasi. Aquela era a sua deixa; Wax desceu entre o vagão-restaurante e o dos ladrões.

Caiu praticamente em cima de um deles, que estava recuando para o fim do segundo vagão, algo que ele não esperara. Wax ergueu sua arma, mas o homem surpreendido o socou na barriga.

Wax grunhiu, aumentando seu peso. A plataforma abaixo gemeu, mas um golpe no ladrão com o ombro mandou o homem tropeçando até os trilhos. O ladrão gentilmente deixara a porta aberta, dando a Waxillium uma boa mira nas costas dos companheiros dele na extremidade oposta, concentrados na troca de tiros com Marasi no último vagão do trem.

Wax não disparou; simplesmente *empurrou* o metal que carregavam. Os homens caíram da plataforma traseira, despencando no espaço entre os vagões. Um deles agarrou as grades. Wax atirou no braço dele antes de se virar, apontando a arma na direção do vagão-restaurante.

As pessoas estavam encolhidas lá dentro, escondidas embaixo de mesas, choramingando. Ferrugem... Sem bandanas ou marcas de identificação, ele teria dificuldade em localizar os bandidos. Criou sua bolha de aço com um *empurrão* fraco em todas as direções que excluía suas próprias armas. O método não era de modo algum perfeito — ele havia sido baleado várias vezes enquanto o usava —, mas ajudava.

Virou e entrou a passos largos no segundo vagão, aquele que os ladrões estiveram usando, procurando elementos hostis atrás de cada porta, chacoalhando maçanetas com sua bolha de aço. Passageiros da primeira classe se escondiam ali, e nenhum deles parecia ferido.

No vagão de Wax, Marasi saiu da cabine, mostrando um dos chapéus preferidos de Wax. Deu de ombros num pedido de desculpas pelos muitos buracos.

— Se encontrar Wayne, eu o mando até você — disse a ela, pegando um frasco de metais no cinturão. Voltou com os dedos molhados, e seu cinturão retinia contra o vidro quebrado.

Maldição. O ladrão que o golpeará quebrara os seus frascos. Ele saltou depressa sobre o espaço entre os vagões, entrando novamente em seu vagão particular.

— Preciso de metal — explicou sob o olhar inquisitivo de Marasi.

Começou a andar até seu compartimento, mas parou quando uma mão saiu da cabine seguinte segurando um pequeno frasco.

— Steris? — perguntou ele, indo até ela. Ela ainda estava sentada no banco estofado, embora seu rosto estivesse mais pálido que antes.

— Flocos de aço em suspensão — disse ela, agitando o frasco.

— Desde quando você carrega um desses? — perguntou Wax, tomando-o dela.

— Desde uns seis meses atrás. Coloquei um em minha bolsa para o caso de você precisar — disse ela, erguendo a mão e exibindo mais dois. — Carrego os outros dois porque sou neurótica.

Ele sorriu, pegando todos os três. Virou o primeiro na boca e quase engasgou.

— Que porcaria você colocou aqui?

— Além de aço? — disse Steris. — Óleo de fígado de bacalhau.

Ele olhou para ela, boquiaberto.

— Uísque não faz bem, Lorde Waxillium. Uma esposa *precisa* cuidar da saúde do marido.

Ele suspirou e bebeu mais um. Depois, enfiou o último no cinturão.

— Fique em segurança. Vou revistar o trem.

Ele saiu e se jogou pela porta de trás, *empurrando* os trilhos e lançando-se no ar num arco alto para a frente.

A terra se estendia diante dele, banhada pela luz das estrelas. A extremidade sul da Bacia, ao se aproximar da Cordilheira Serana, tinha uma geografia muito mais variada do que o lado norte. Ali, colinas se espalhavam pela terra, que se elevava lentamente.

O rio Seran seguia uma linha impressionantemente reta pelas colinas, tendo escavado ravinas e cânions com frequência. A linha do trem permanecia mais alta, abraçando o alto das encostas, embora isso demandasse que atravessasse o rio duas ou três vezes em grandes pontes de treliça.

O trem era composto de oito vagões de passageiros, vários de carga e um vagão-restaurante. Ele se deixou cair, concentrando-se num vagão específico perto da frente, de onde vinham tiros. Enquanto pousava logo atrás desse carro, alguém saiu tropeçando para a plataforma, com uma das mãos no rosto.

Segurança de banco, pensou ele, reparando no uniforme do homem. O trem estava levando um carregamento de dinheiro num vagão de transporte disfarçado, como se contivesse uma carga mais mundana. O que era aquele cheiro no ar? Formaldeído? O segurança estava arfando, e logo outro saiu cambaleando atrás dele.

Ambos tombaram momentos depois com disparos vindos de dentro do vagão de transporte. Wax se jogou na plataforma ao lado dos homens caídos, examinando os dois. Um ainda se movia; Wax se ajoelhou e colocou a mão do homem sobre o buraco no ombro.

— Aperte com força — disse ele, em meio ao ruído das batidas das rodas nos trilhos. — Volto para ver você.

O homem anuiu com fraqueza. Wax respirou fundo e entrou no vagão, onde seus olhos começaram a arder imediatamente. Homens se moviam do lado de dentro, usando máscaras estranhas e trabalhando num grande cofre no centro. Meia dúzia de seguranças mortos estava espalhada sobre o piso do vagão.

Wax começou a atirar, derrubando vários ladrões. Depois, *empurrou-se* para fora novamente e em seguida para cima enquanto os outros se protegiam e começavam a atirar de volta. Pousou no vagão seguinte, colocou Vindicação no coldre, já que estava sem balas, e sacou uma Sterrion.

Ele se preparou para descer e tentar acertar mais ladrões, mas uma explosão dentro do vagão o interrompeu. Foi uma detonação pequena, mas ainda assim deixou os ouvidos de Wax zumbindo. Ele se jogou na plataforma, notando silhuetas se movendo em meio à fumaça, curvando-se ao lado do cofre e retirando seu conteúdo. Outros começaram a atirar nele.

Ele se agachou de lado e fechou a porta do vagão com um *empurrão*, bloqueando os tiros com a porta de metal reforçado. Pegou o segurança ferido pelos braços e o puxou para trás sobre o pequeno espaço entre as plataformas, colocando-o dentro do vagão de passageiros atrás. Era outro vagão com cabines particulares, embora da segunda classe, onde as cabines eram ocupadas por grupos maiores.

No momento, estava vazio; os passageiros, ouvindo tiros no vagão seguinte, tinham fugido para trás. Ainda assim, ele verificou cada cabine. Depois, apoiou o homem ferido numa parede dentro de uma delas e amarrou um lenço sobre o ferimento, apertando com força.

— O dinheiro... — começou o segurança.

— Eles pegaram o dinheiro — interrompeu Wax. — Detê-los não vale o risco a mais vidas.

— Mas...

— Dei uma boa olhada em vários deles, e, com sorte, você também. Vamos dar descrições, caçá-los, preparar uma armadilha nos *nossos* termos. Além disso, se partirem agora, poderá haver tempo para ajudar alguns dos seus amigos que ficaram lá dentro.

O guarda, sem forças, concordou.

— Não consegui impedi-los. Eles jogaram garrafas pelas janelas... E depois as portas foram arrancadas. Portas de aço. Empurradas para dentro do vagão, arrancadas de suas dobradiças como se fossem de papel...

Wax sentiu um arrepio. Então, os bandidos também tinham Nascidos do Metal. Ele deu uma olhada na direção do vagão de transporte e viu que a porta que fechara estava aberta novamente. Um homem magro estava de pé na plataforma, vestindo um paletó comprido e apoiando-se numa bengala. Ele fez um gesto, falando com urgência e gesticulando para que outro bandido fosse ao vagão de Wax, um bruto enorme de mais de dois metros de altura.

Maravilha.

— Entre aqui — disse Wax ao segurança, abrindo o compartimento de bagagem no piso da cabine. — Não faça barulho.

O guarda engatinhou para dentro do compartimento, que era apertado e raso, mas grande o suficiente para esconder uma pessoa, mesmo com alguma bagagem ali dentro. Wax sacou as duas Sterrions, agachado junto à porta da cabine particular. O trem continuava a sacudir, fazendo uma curva. Não tinha parado. Será que o maquinista que o guiava não sabia do ataque ou esperava chegar à próxima cidade?

Ferrugem! O assalto ao vagão de transporte mudava toda a avaliação de Wax. Talvez aquilo *não* fosse por sua causa. Mas por que não simplesmente parar o trem num lugar ermo e o invadir? Perguntas demais e nenhum tempo para respondê-las. Ele tinha que matar um bandido. Teria que pular para fora e surpreender o bruto, derrubando-o rapidamente. Se ele fosse o Nascido do Metal, a surpresa seria...

Algo avançou pelo corredor, quicando, e parou no chão ao lado de Wax, em frente à porta junto à qual ele estava agachado. Um pequeno cubo de metal. Ele pulou para trás, temendo que fosse um explosivo,

mas nada aconteceu. O que tinha sido aquilo?

E então ele se deu conta, com um terror de gelar os ossos, que não estava mais queimando metal. Não havia nada dentro dele *para* queimar.

Suas reservas de metal tinham, de algum modo, desaparecido.

* * *

Marasi disparou três tiros com o rifle, fazendo com que os bandidos no vagão seguinte se escondessem novamente. *Impressionante*, pensou ela, dando a arma distraidamente a Steris para ser recarregada. Ela sempre usara um rifle de tiro ao alvo. Com esses, podia dar apenas um tiro por vez, engatilhando nos intervalos, mas o rifle de Waxillium tinha um tambor cheio de cartuchos que virava sozinho, como num revólver.

Steris devolveu a arma, e Marasi mirou novamente, esperando que partes de qualquer bandido se revelassem. Estava escondida dentro da cabine dos criados, e os bandidos não tinham feito qualquer tentativa séria de avançar suas posições.

Alguém disse algo ao seu lado. Marasi olhou para dentro da cabine, onde Drewton falava, e tirou um de seus tampões de ouvido de cera.

— O quê?

— São tampões de ouvido? — perguntou o lacaios.

— O que parecem ser? — retrucou ela. Depois, apontou o rifle e disparou um tiro.

Drewton tampou os ouvidos com as mãos. De fato, na pequena cabine, o som do tiro era alto o bastante para que ela ficasse aborrecida por ele a ter feito retirar o tampão.

— Você sempre carrega tampões? — perguntou Drewton.

— Steris carrega.

Aparentemente. Marasi tinha ficado um pouco surpresa quando Steris sacara um par para si e depois, com uma expressão despreocupada no rosto, dera um par a Marasi.

— Então vocês *esperavam* que isso acontecesse?

— Mais ou menos — respondeu Marasi, atenta aos movimentos dos bandidos.

Ele pareceu chocado.

— Esse tipo de coisa acontece *com frequência*?

— Você diria que isso acontece com frequência, Steris? — perguntou Marasi.

— Ahn? — reagiu Steris, retirando um tampão. — O que foi?

Marasi disparou um tiro e ergueu os olhos. *Acho que acertei esse.*

— O lacaios quer saber se esse tipo de coisa nos acontece com frequência.

— A você mais que a mim — disse Steris, num tom informal. — Mas, quando Lorde Waxillium está por perto, coisas *costumam* acontecer.

— Coisas? — reagiu Drewton. — Acontecer? Isso é um roubo a um trem ferrado!

Steris olhou o lacaios com uma expressão fria.

— Você não perguntou sobre seu futuro patrão antes de se colocar a serviço de Lorde Waxillium?

— Bem, quer dizer, eu *sabia* que ele tinha interesse pela força policial. Como alguns lordes têm interesse pela sinfonia ou por questões cívicas. Pareceu estranho, mas não inapropriado para um cavalheiro. Quer dizer, não é como se ele se envolvesse com *teatro*.

Eles ficaram quietos lá, pensou Marasi, tamborilando nervosamente um dedo sobre o cano do rifle. Será que tentariam passar para o teto de seu vagão novamente? Um dos buracos no teto ainda pingava sangue após a tentativa anterior.

Ao seu lado, Steris estalava a língua, desaprovando as palavras de Drewton. Ele não fizera seu dever de casa, o que era um pecado mortal aos olhos de Steris. Para ela, pouca coisa podia ser pior do que se colocar numa situação sem ter avaliado *tudo*.

— Ele... ele vai voltar? — perguntou Drewton.

— Assim que ele tiver terminado — respondeu Steris.

— Terminado o quê?

— De matar o resto dos bandidos, espero — respondeu ela.

Marasi se viu surpresa com a sede de sangue de Steris. Claro que a mulher não era *exatamente* a mesma desde seu sequestro dezoito meses antes. Não que Steris agisse como uma pessoa traumatizada, mas tinha mudado.

— Eles não estão mais atirando — disse Drewton. — Recuaram?

— Talvez — respondeu Marasi. — *Provavelmente não*.

— Será que nós deveríamos olhar? — perguntou Drewton.

— Nós?

— Bem, você — disse ele, puxando o colarinho. — Tiroteios. Eu não esperava tiroteios. Os criados não costumam ser deixados fora dessas extravagâncias?

— Na maior parte do tempo — disse Marasi.

— Exceto quando a casa explodiu — acrescentou Steris.

— Exceto, então.

— E... Você sabe... — disse Steris.

— Melhor não mencionar isso.

— Mencionar o quê? — perguntou Drewton.

— Não se preocupe — disse Marasi, olhando feio para Steris. Sinceramente. Se o homem não podia fazer uma breve pesquisa antes de aceitar um emprego...

— Espere — disse Drewton, franzindo a testa. — O que exatamente aconteceu com o *último* lacaio de Lorde Ladrian?

Houve um movimento no corredor novamente. Marasi levantou o rifle, pronta para disparar. Contudo, a pessoa que apareceu no corredor não era um dos bandidos, mas uma mulher mais velha com um vestido de viagem elegante. Um bandido andava atrás dela, com a arma apontada para sua cabeça.

Marasi o acertou na testa.

Ela ficou boquiaberta, chocada consigo mesma, e quase largou a arma. Felizmente, o bandido restante, vendo que a jogada não dera certo, saiu correndo do vagão, fugindo para a frente do trem.

Ferrugem! Marasi sentiu gotas de suor escorrerem pela têmpora. Ela disparara rápido, sem nem mesmo pensar. A pobre refém continuava de pé ali, coberta com o sangue do homem morto. Marasi sabia como era isso. Sim, ela sabia.

Ao seu lado, Drewton soltou alguns xingamentos que teriam feito Harmonia corar.

— O que estava pensando? — cobrou ele. — Poderia ter atingido a mulher.

— Estatísticas... As estatísticas dizem... — Marasi interrompeu a fala e respirou fundo. — Cale a boca.

— Ahn?

— *Cale a boca.*

Ela se levantou, segurando a arma com mãos nervosas, e foi até o vagão seguinte.

A mulher encontrara o marido — vivo, felizmente — e chorava nos seus braços. Marasi parou acima do cadáver do bandido e depois olhou para o teto do vagão, onde outro estava caído. Ela *odiava* essa parte. Um ano e meio trabalhando com Waxillium não tornara mais fácil matar. Era enervante, e um grande desperdício! Se você tinha que atirar num homem, a sociedade já fracassara.

Marasi se recompôs e conferiu rapidamente as cabines do vagão de primeira classe, confirmando que os bandidos de fato tinham se retirado. Um dos passageiros da primeira classe alegou ter experiência com armas, então ela lhe deu o rifle e o colocou de vigia para garantir que nenhum bandido voltasse.

De lá, ela foi ao vagão-restaurant, verificando os passageiros, acalmando-os. Tiros soaram mais à frente. Waxillium estava fazendo seu trabalho. Seu trabalho eficaz e *brutal*. O vagão à frente, o quarto a partir do fim, era de segunda classe, com cabines lotadas. Também conferiu as pessoas que se esconderam ali.

Nos dois vagões havia quatro pessoas baleadas. Uma estava morta e outra, gravemente ferida, então Marasi voltou para ver se, por acaso, Steris tinha trazido ataduras ou equipamento médico. As chances eram pequenas, mas aquela *era* Steris. Quem sabia para o que ela tinha se planejado?

Marasi passou por Drewton, emburrado num assento de uma das cabines de primeira classe, evidentemente pensando em como um especialista em gravatas Ascot acabara no meio do que era praticamente uma zona de guerra. Steris, contudo, não estava na cabine dos criados. Nem naquela que estava dividindo com Waxillium.

Cada vez mais frenética, Marasi procurou nas cabines de primeira classe. Nada de Steris. Finalmente, pensou em perguntar ao homem que deixara de guarda com o rifle.

— Ela? Sim, senhorita. Passou por aqui há alguns minutos, avançando pelo trem. Eu deveria tê-la impedido? Parecia muito determinada a fazer algo.

Marasi gemeu. Steris deve ter passado pelo vagão enquanto ela verificava as cabines da segunda classe. Frustrada, pegou o rifle de volta e foi atrás da irmã.

As reservas de metal de Wax tinham sumido.

Ele se ajoelhou, completamente chocado. Aquilo era impossível. Como tinham feito isso, em nome de Harmonia?

Ele se virou, descobrindo que o enorme bandido entrara em seu vagão. Portas chacoalhavam ao redor do homem, sacudindo como se alguém tentasse violentamente sair. Wax se agachou no corredor e ergueu a arma, mas ela foi arrancada de seus dedos por um *empurrão*. Imediatamente, o *próprio* Wax foi *empurrado* para trás por seu cinturão. Bateu na parede oposta do vagão, junto à porta fechada que levava ao fundo do trem.

Gemeu de dor. Como? Como eles tinham...

Ele balançou a cabeça e se levantou, apoiado na parede, usando as fivelas para se livrar do cinturão.

Caiu no chão, deixando suas armas e o frasco de metal colados na parede enquanto o bruto corria na sua direção.

Wax abaixou, evitando o primeiro golpe do homem, e desferiu um soco na lateral do corpo dele. Foi como socar uma parede de aço. Ele recuou, mas fazia anos desde que ele estivera numa briga sem armas — e ele era mais lento do que então. O gancho seguinte do gigante o acertou quando tentava atingir o rosto do outro.

Sua visão se ofuscou, e a bochecha explodiu de dor. O golpe o jogou na parede lateral. *Ferrugem!* Onde estava Wayne? O gigante avançou novamente, e Wax se esquivou para o lado, por pouco, conseguindo atingir o rosto do homem. Um, dois, três socos rápidos.

O bruto sorriu. Portas continuavam a chacoalhar ao redor dele — era um Lançamoedas, evidentemente, *empurrando* para fora como Wax fazia para formar sua bolha. Ela até mesmo pressionava um pouco as mentes de metal que Wax usava nos braços, que eram resistentes à Alomancia.

Aquele homem poderia ter terminado a luta a qualquer momento agarrando um pedaço de metal e lançando-o contra Waxillium. Ele *preferia* a luta corporal. De fato, o homem ergueu os punhos e acenou para Wax, ainda sorrindo, convidando-o para mais um assalto.

Ao inferno com aquilo.

Wax se virou e jogou o ombro contra uma porta, passando para uma cabine de segunda classe e indo na direção da janela.

— Ei! — disse o homem atrás dele. — *Ei!*

Wax pulou na janela e aumentou seu peso. Atingiu o vidro com o ombro, cobrindo o rosto com os braços, e passou por ele, agarrando a moldura inferior enquanto caía do lado de fora.

Com os dedos pingando sangue, ele se levantou, ficou de pé no parapeito da janela e escalou a parede externa do trem, finalmente chegando ao teto. O vento corria em volta dele, e Wax ficou chocado ao ver que não estava sozinho ali. Cerca de quatro vagões à frente, um grupo de homens armados avançava para a frente do trem, carregando algo grande e aparentemente pesado. O que, em nome do metal perdido, era aquilo?

— Ei! — chamou novamente o grandão, escalando a lateral do trem.

Wax suspirou e chutou o rosto do homem enquanto ele tentava subir para o teto. O homem grunhiu. Wax chutou novamente e pisou numa das mãos. O homem olhou feio para Wax, desceu novamente pela janela e entrou no trem.

Você pode derrotar qualquer um, Wayne sempre dizia, desde que não deixe seu inimigo revidar devidamente.

Wax foi para o centro do vagão. Achava que deveria perseguir aqueles homens à frente, mas estava desarmado, e o Lançamoedas abaixo estava determinado a atormentá-lo.

Vocês pegaram o que queriam, pensou. Por que continuam lutando?

A cabeça do bruto apareceu um momento depois, espiando pela beirada do teto do vagão perto na plataforma de trás, onde havia uma escada. Wax correu até ele, preparando-se para chutar novamente, mas o adversário subiu rápido demais. Estava segurando algo.

Um dos cinturões de Wax. Maldição.

O homem sorriu, sacando a enorme escopeta de Ranette e largando o cinturão. Abaixo deles, o trem saía em disparada de uma floresta e avançava na direção de uma ponte aberta centenas de metros acima do rio.

O Lançamoedas ergueu a escopeta até o quadril.

Excelente.

Wax se jogou no teto do vagão enquanto o outro apertava o gatilho, e o enorme coice da arma o pegou de surpresa. A escopeta foi arrancada de seus dedos, voando para trás e caindo entre os carros. O homem uivou, segurando a mão.

Wax o acertou no peito. O homem grunhiu, cambaleando para trás, mas se equilibrou antes de ser derrubado do trem. Wax não ligou.

Queria recuperar o cinturão, que caíra aos pés do homem. Ele o agarrou com dedos ainda sujos de sangue. Estavam ali os dois equipamentos de corda de Ranette, junto com um único e glorioso frasco de metal.

Wax o arrancou, prendendo o cinturão na calça. Contudo, o frasco sacudiu em seus dedos. Ele o agarrou, apertando com força, mas um *empurrão* do bruto o lançou para trás, deslizando sobre o teto do trem. Ele escorregou e caiu de joelhos, agarrando a lateral do trem.

O Lançamoedas continuou *empurrando*. Wax se agarrou ao teto com a mão esquerda, mas o braço direito, que segurara o frasco de metal, sofrera danos na articulação. O homem sorriu e começou a avançar. Cada passo fazia com que *empurrasse* com mais força.

Wax trincou os dentes. Os cortes nos dedos eram superficiais, embora ardessem de um modo infernal e o sangue deixasse a mão escorregadia. Ele lutou, tentando levar o frasco na direção da boca, mas fracassou.

Os equipamentos esféricos de Ranette. Eles pendiam do cinturão enfiado em sua calça. Será que conseguiria usá-los? Como? Atrás dele, o trem entrava na ponte.

O gigante se aproximou ainda mais de Wax, movendo o ombro e tentando fechar a mão num punho apesar do polegar quebrado. Atrás do homem, algo se moveu na escada. Uma cabeça subindo? Wayne!

Não. Wax viu a ponta de uma arma enquanto a pessoa subia. Wayne não usaria uma arma. Marasi?

Steris apareceu na beirada do teto, onde o vento soprava seu cabelo violentamente. Ela olhou para o enorme ladrão e para Wax e pareceu engasgar, embora o vento fizesse barulho demais para que Wax ouvisse. Ela subiu e se acomodou no teto do vagão, apoiando-se sobre um joelho, segurando a escopeta de Ranette.

Ah, não.

— Steris! — gritou ele.

O bruto se virou, vendo-a quando apoiava a arma no ombro, de olhos arregalados, vestido agitado ao vento.

Ela puxou o gatilho. Previsivelmente, o disparo foi violento e sem mira, mas conseguiu atingir o braço do Lançamoedas, arrancando sangue. O homem grunhiu, liberando seu *empurrão* sobre Wax.

Infelizmente, o forte coice daquela arma, projetada para ser usada contra alomânticos, empurrou Steris para trás.

E pela lateral do trem.



Wax saltou da lateral do trem e levou o frasco à boca.

Steris girava, despencando na direção do rio. Ele arrancou a rolha com os dentes e se virou no ar, sugando o conteúdo do frasco. Óleo de fígado de bacalhau e flocos de metal caíram na sua boca. Engolir levou um momento precioso.

Nada.

Nada.

Nada.

Poder.

Wax gritou, queimando aço e *empurrando* os trilhos acima. Disparou para baixo num borrão, chocando-se contra Steris, mas agarrando-a, e *empurrou* a escopeta que rodopiava abaixo dela.

Ela bateu na água.

Eles desaceleraram imediatamente. Sendo como era a viscosidade da água, era possível *empurrar* algo que afundava. Um segundo depois, a escopeta atingiu o fundo do rio agitado, e isso deixou os dois pairando cerca de meio metro acima da superfície da água. Uma tênue linha azul ia de Wax até a escopeta.

Steris respirava em arfadas curtas e rápidas. Agarrada a ele, piscou e depois olhou para o rio abaixo.

— O que há de *errado* com aquela arma?! — perguntou.

— Ela foi feita para que eu dispare com meu peso aumentado para compensar o coice — explicou Waxillium.

Ele olhou para o trem que desaparecia nos trilhos acima. Tinha cruzado o rio, mas agora teria que desacelerar e se arrastar para baixo por alguns zigue-zagues numa colina do outro lado, saindo das terras altas na direção de Nova Seran.

— Segure isto — disse ele a Steris, dando a ela o cinturão e retirando as duas esferas. — O que você estava pensando? Eu lhe disse para ficar no outro vagão.

— A bem da verdade, *não* disse — retrucou ela. — Você me disse para ficar em segurança.

— Então?

— Então, pela minha experiência, o lugar mais seguro num tiroteio é perto de você, Lorde Waxillium.

Ele grunhiu.

— Prenda a respiração.

— O quê? Por que eu deveria...

Ela deu um gritinho quando ele *empurrou* os suportes de aço da ponte, lançando-os no rio. A água gelada os envolveu enquanto Wax continuava a *empurrar*, afundando até chegar à sua arma, localizada facilmente por sua linha azul, cravada na lama. Com os ouvidos latejando por causa da pressão, agarrou a

arma, substituindo-a por um dos equipamentos esféricos de Ranette, e depois *empurrou*.

Eles saíram do rio, deixando uma trilha de água, e Wax os *empurrou* o mais alto que sua âncora permitia, dando a escopeta para que Steris segurasse. A seguir, *empurrou* uma das vigas de apoio abaixo, lançando-os para cima e para o lado. Um *empurrão* em outra direção os lançou para cima no sentido oposto, e ele conseguiu levá-los até o alto da ponte.

Infelizmente, o ângulo dos *empurrões* os mandou para longe dos trilhos. Quando passaram pela ponte, ele precisou arremessar o outro equipamento esférico de Ranette, travando-o num pequeno espaço entre tirantes da ponte. Travou os ganchos, de modo que o *empurrão* de baixo, combinado com a corda esticada em sua mão, fizeram com que ele e Steris balançassem em arco.

Ele pousou nos trilhos, com Steris encharcada num dos braços, o cordão no outro. Podia imaginar o sorriso de Ranette quando lhe contasse como a coisa funcionara bem. Destravou os ganchos e puxou o equipamento de volta, embora tivesse que enrolar o cordão manualmente.

Dava para ouvir os dentes de Steris batendo, e ele lançou um olhar para ela enquanto terminava de enrolar o cordão, esperando vê-la assustada e infeliz. Em vez disso, apesar de estar molhada e pingando, tinha um sorriso idiota no rosto e olhos brilhando de empolgação.

Wax não conseguiu deixar de sorrir enquanto guardava a esfera de Ranette e prendia o cinturão antes de enfiar a escopeta no coldre.

— Lembre-se de que você não deveria achar coisas assim divertidas, Steris. Você *deveria* ser tediosa. Recebi essa informação confiável de uma mulher que conheço.

— Um homem desafinado ainda pode desfrutar de um bom coral, mesmo que nunca possa participar — retrucou Steris.

— Não está me convencendo, minha querida — disse Wax. — Não mais. Você acabou de subir no teto de um trem em movimento e atirar num bandido, resgatando seu noivo.

— É apropriado que uma mulher demonstre interesse pelos passatempos do marido. Embora eu suponha que deveria estar ultrajada, considerando que é a segunda vez que você me encharca num período de tempo muito curto, Lorde Waxillium.

— Achei que você tivesse dito que a primeira vez não foi culpa minha.

— Sim, mas esta foi duas vezes mais fria. Então é um empate.

Ele sorriu.

— Quer esperar aqui ou se juntar a mim?

— Hã... Juntar-me a você?

Ele se inclinou para a esquerda. Bem abaixo, o trem concluiu os zigue-zagues encosta abaixo, chegando a um trecho horizontal antes da última curva que o colocaria rumo ao sul. Os olhos dela arregalaram ainda mais, e ela o agarrou com força.

— Quando pousarmos, mantenha a cabeça abaixada e encontre um lugar para se esconder.

— Entendido.

Ele respirou fundo e os lançou para cima num arco grandioso pelo ar noturno. Deslizaram para o outro lado do rio, descendo como uma ave de rapina na direção da frente do trem.

Wax desacelerou com um *empurrão* cuidadoso no motor, pousando no alto do depósito de carvão. Dentro da cabine, bem diante deles, uma mulher mantinha uma arma apontada para a cabeça do maquinista que conduzia o trem. Wax soltou Steris, girou, engatilhou a escopeta, lançando no ar os cartuchos usados, e *empurrou-os*, lançando-os através dos fundos da cabine em direção à cabeça da

mulher. Ela desabou, caindo sobre os controles do motor.

Wax quase foi derrubado quando o trem deu um solavanco, desacelerando. Girou, agarrando Steris pelo braço. À sua direita, o maquinista, assustado, segurou a alavanca, suavizando a desaceleração. Puxando Steris para si, Wax saltou com um breve *empurrão* contra a traseira aberta do motor, pousando ao lado do maquinista e da mulher morta.

— O que eles estão fazendo? — perguntou, soltando Steris e ajoelhando para pegar a pistola da bandida morta.

— Eles têm algum aparelho — disse o maquinista, freneticamente, apontando. — Estão instalando entre o depósito de carvão e o primeiro vagão. Atiraram no meu foguista quando ele tentou me defender, os desgraçados!

— Onde é a próxima cidade?

— Posto Férreo! Estamos chegando perto. Mais alguns minutos.

— Leve-nos até lá o mais rápido possível e chame os médicos e os policiais locais assim que chegarmos.

O homem assentiu freneticamente. Wax fechou os olhos e respirou fundo para se orientar.

O empurrão final. Lá vamos nós.

Na metade do trem, Marasi teve motivos para xingar Waxillium Ladrian. Bem, *outra* razão. Ela a adicionou à lista.

Embora devesse encontrar Steris, passou a maior parte do tempo sendo assediada por passageiros preocupados que precisavam ser acalmados. Pelo visto, os bandidos tinham percorrido rapidamente os vagões de segunda e terceira classe, arrancando o pouco dinheiro que as pessoas tinham. Estavam aterrorizadas e aborrecidas, querendo que qualquer um com um vestígio de autoridade as confortasse.

Marasi fez o melhor que pôde, colocando-os em bancos e examinando-os para descobrir se havia mais pessoas gravemente feridas. Ajudou a colocar ataduras num jovem que enfrentara um bandido e, como resultado, tinha um ferimento a bala na lateral do corpo. Talvez resistisse.

Passageiros tinham visto Steris passar por ali. Marasi tentou controlar sua preocupação e espiou o vagão seguinte. Estava deserto, a não ser por um passageiro de pé e calmo na extremidade oposta, de bengala na mão, bloqueando a passagem.

Marasi verificou as diversas cabines enquanto entrava, com o rifle pronto, mas não encontrou bandidos. Aquele era o último vagão antes dos compartimentos de carga — que, estranhamente, ficavam na frente naquele trem. O interior daquele vagão mostrava um bom número de buracos de bala na madeira trabalhada, sugerindo que Waxillium estivera lá.

— Senhor — chamou Marasi, indo apressada até o homem solitário. Era magro e mais jovem do que ela esperara ao vê-lo de costas e considerando sua postura curvada e como ele dependia da bengala para se manter de pé. — Senhor, não é seguro ficar aqui. O senhor deveria ir para os vagões de trás.

Ele se virou para ela com as sobrancelhas erguidas.

— Sempre me sinto inclinado a atender os desejos de uma mulher bonita — disse. Ela podia ver que ele mantinha uma das mãos rígida ao lado do corpo, os dedos fechados como se agarrando algo. — Mas e quanto a você, senhorita? Não há perigo para você?

— Eu posso cuidar de mim — respondeu Marasi, notando que o vagão seguinte estava tomado de cadáveres. Ficou nauseada.

— De fato! — retrucou o homem. — Você parece bastante capaz. De fato, bastante capaz — disse ele. Inclinou-se na direção dela. — Talvez seja mais do que aparenta? Uma Nascida do Metal?

Marasi franziu a testa com a pergunta estranha. Ela tomara uma dose de cádmio, claro, mesmo que talvez não servisse para nada. Em geral, sua Alomancia era algo risível; ela podia desacelerar o tempo numa bolha ao redor de si, o que significava acelerá-lo para todos os outros.

Um poder maravilhoso se estava entediada esperando que uma peça começasse. Mas não era muito útil num combate, onde ela ficaria congelada onde estava enquanto seus inimigos podiam escapar ou simplesmente se preparar para atirar nela quando a bolha fosse desfeita. Era verdade que ela podia criar uma bolha bastante grande, de modo a capturar outros dentro dela, mas isso ainda a deixava presa, e provavelmente com elementos hostis.

O homem sorriu para ela e levantou a mão de repente, aquela que parecia estar agarrando algo. Marasi começou a reagir, erguendo o rifle, mas, naquele momento, o trem deu um solavanco inesperado, desacelerando como se alguém tivesse acionado o freio. O homem xingou, cambaleando e batendo na parede antes de cair no chão. Marasi se segurou, mas deixou o rifle cair.

Olhou para o homem, que a encarou com olhos arregalados antes de se colocar de pé desajeitadamente, pois uma de suas pernas não funcionava direito, e sair apressado do vagão para a plataforma, batendo a porta.

Marasi o observou, confusa. Imaginara que ele sacaria uma arma contra ela, mas não era isso. O objeto era pequeno demais. Ela abaixou para pegar sua arma e ficou surpresa ao encontrar no chão, ao lado do rifle, um cubo de metal com símbolos bizarros.

Tiros soaram à frente. Marasi guardou sua curiosidade e colocou o rifle nos ombros, determinada a encontrar Waxillium e, esperava, sua irmã idiota.

De olhos fechados, Wax sentiu o metal queimar. Aquele fogo, confortável e familiar. O metal era sua alma. Comparado a isso, o frio do rio não passava de uma gota de água numa fogueira.

Sentiu a arma nos dedos, a arma de um bandido, nova para ele, mas ele a conhecia — conhecia pelas linhas apontando para cano, gatilho, alavancas, balas. Cinco tiros restavam. Podia vê-los mesmo de olhos fechados.

Vá.

Abriu os olhos e saltou do motor, *empurrando-se* para a frente rapidamente. Passou por cima do depósito de carvão, invadiu o primeiro vagão de carga, lotado de correspondências em sacos empilhados, e passou por ele em disparada. Deslizou para a plataforma traseira e *empurrou* dos dois lados, lançando dois bandidos que estavam em guarda ali para cima e para fora, um em cada direção.

Naquele ponto, o trem corria junto ao rio. Árvores borradas passavam à esquerda, água à direita. Wax se lançou para cima, para o alto do segundo vagão de carga, notando os bandidos com seu equipamento ali. Outro grupo grande se reunira no topo da composição seguinte, aquela que haviam assaltado.

Wax disparou com fria precisão, matando os três bandidos. Chegou até o “equipamento” que o maquinista mencionara, que não passava de uma grande caixa de dinamite e um detonador ligado a um relógio. Wax arrancou o detonador, jogou-o de lado e *empurrou* a caixa inteira para longe, por garantia. Ela afundou no rio.

Algo *empurrou* a arma de sua mão. Ele girou e viu o grande bandido com quem lutara antes avançando na sua direção pelo teto. Deixara o grupo maior de bandidos para trás no teto do vagão seguinte.

Você novamente, pensou Wax, com um rosnado, largando seu cinturão, mas apoiando o pé nele para impedir que fosse levado pelo vento. O homem correu até Wax. Quando o bruto estava bem perto, Wax ajoelhou e pegou o equipamento esférico de Ranette.

O bandido *empurrou* aquilo, claro, fazendo a esfera saltar para trás e para o lado. Wax segurou o cordão com firmeza, enrolando-o na perna do bandido com um puxão.

O bandido olhou para baixo, confuso.

Wax *empurrou*, lançando a esfera para uma porção de árvores e travando os ganchos.

— Acredito que essa é a sua parada.

O homem grande de repente saiu *voando* do trem, puxado pelo cordão, que estava enganchado numa árvore. Wax pegou seu cinturão e avançou até o grupo maior de bandidos, sentindo o vento açoitá-lo.

Estava diante de pelo menos uma dúzia deles — e não tinha armas. Felizmente, o grupo estava ocupado jogando um dos integrantes do grupo para fora do trem.

Wax piscou, surpreso. Mas, de fato, era o que estavam fazendo: jogando um dos bandidos pela lateral do trem. Era o homem com a bengala, que atingiu o rio, levantando água. Um grupo começou a segui-lo, saltando no rio. Um deles viu Wax e apontou. Seis bandidos remanescentes ergueram armas.

Depois, ficaram paralisados.

Wax hesitou, o vento às suas costas. Os homens não se mexeram. Não se encolheram. Nem sequer piscaram. Wax saltou na direção do vagão seguinte, tirou do bolso uma rolha de um dos frascos e a jogou na direção dos homens.

Ela atingiu uma barreira invisível e ficou paralisada, pairando no ar. Wax sorriu, desceu entre os vagões e entrou naquele sobre o qual os homens estavam. Lá, ele encontrou Marasi no alto de uma pilha de malas, com os ombros colados no teto do trem, logo abaixo dos homens, para conseguir produzir ali uma bolha de velocidade que congelasse todos no lugar.



Wax nunca havia atirado numa médica, mas *gostava* de experiências novas. Talvez aquele fosse o dia em que faria isso pela primeira vez.

— Estou bem — rosnou enquanto a mulher limpava, com um algodão, o ferimento em seu rosto onde o enorme bruto o socara. O lábio rachara.

— Eu decido isso — retrucou ela.

Perto dali, os policiais de Posto Férreo conduziam quatro bandidos confusos ao longo da plataforma do trem, que era banhada pela luz de algumas lâmpadas de postes. Wax estava sentado num banco perto de outros cirurgiões, que cuidavam dos feridos. Mais ao fundo, nas sombras da noite, uma lona cobria os corpos que haviam sido retirados do trem. Havia um número grande demais de cadáveres.

— Parece pior do que é — disse Wax.

— Você tinha sangue espalhado por todo o rosto, milorde.

— Enxuguei a testa com a mão ensanguentada.

Ela já enrolara aquela mão em gaze, mas concordou que os cortes eram superficiais. Finalmente, levantou-se e suspirou, anuindo. Wax se ergueu, agarrando o paletó encharcado e indo a passos largos até o trem. Viu Marasi no começo do veículo. Ela balançou a cabeça.

Nenhum sinal de Wayne ou MeLaan.

O frio na barriga de Wax duplicou. *Wayne ficará bem*, disse a si mesmo. *Ele consegue se curar de praticamente qualquer coisa*. Mas *havia* formas de matar um Criassangue. Um tiro atrás da cabeça. Sufocação prolongada. Basicamente qualquer coisa que obrigasse Wayne a continuar se curando até seu estoque de Feruquemia se esgotar.

E, claro, havia uma *outra* coisa. O estranho efeito que, de algum modo, roubara os poderes alomânticos de Wax. Se isso também funcionasse com a Feruquemia...

Wax caminhou até o trem, passando por Marasi sem dizer uma palavra, e começou sua própria busca. O trem estava escuro agora que tinha parado, e as únicas luzes vinham da plataforma do lado de fora. Não havia muito como ver.

— Lorde Waxillium? — chamou o policial Matieu, colocando a cabeça entre dois vagões. O homem comprido tinha um sorriso fácil, que sumiu quando Wax passou por ele com pressa.

— Ocupado — disse Wax, entrando no vagão seguinte.

Linhas azuis permitiam que ele visse fontes de metal na escuridão. Wayne deveria estar carregando frascos de metal e seus braceletes. *Procure fontes de metal fracas, escondidas atrás de algo*. Talvez... Talvez eles apenas o tivessem deixado inconsciente e enfiado em algum lugar.

— Ahn... — disse o policial atrás dele. — Eu estava me perguntando se algum dos seus outros criados precisará de, ahn, apoio emocional.

Wax franziu a testa, olhando pela janela para Drewton, que estava sentado e cercado por nada menos que três enfermeiras. Ele aceitou uma xícara de chá enquanto se queixava do seu suplício. Wax conseguia ouvi-lo mesmo dentro do vagão do trem.

— Não — disse Wax. — Obrigado.

Matieu o seguiu pelo trem. Era o capitão local, embora, pelo que Wax descobrira, aquela cidade era tão pequena que seus “grandes casos” normalmente eram da grandeza de descobrir quem estava roubando o leite da soleira da casa da sra. Hutchen. Ele ficara feliz por ter encontrado cirurgiões. A maioria deles provavelmente trabalhava com vacas na metade do tempo, mas isso era melhor que nada.

Vários policiais jovens tomavam a plataforma. Eles, felizmente, haviam guardado seus estúpidos livros de autógrafos, embora parecessem chateados por seu capitão não ter permitido que atormentassem Wax.

Onde?, pensou Wax, sentindo-se cada vez mais enjoado. Marasi chegou um momento depois com uma lamparina a óleo, iluminando o vagão enquanto ele revirava um depósito cheio de sacos do correio.

Ele não estaria aqui, pensou Wax. Aquele vagão ficava à frente do que carregara em segredo a carga de dinheiro. Wayne não teria conseguido passar por aquele, que teria sido bloqueado antes mesmo da chegada dos bandidos. Ainda assim, Wax queria ser cuidadoso. Vasculhou aquele vagão, depois acenou para Marasi e passou pela destruição deixada no carro que havia sido assaltado.

Matieu foi atrás.

— Tenho que dizer, Lorde Waxillium, que tivemos *muita* sorte de o senhor estar a bordo. A Gangue da Rua Noturna está ficando cada vez mais ousada, mas nunca pensei que pudessem tentar algo como isso!

— Então essa é uma gangue atuante? — perguntou Marasi.

— Ah, certamente — respondeu Matieu. — Todos na região sabem sobre a Rua Noturna, embora, em grande medida, eles ataquem cidades mais próximas das Terras Brutas. Imaginamos que não seja muito lucrativo assaltar além das montanhas e que por isso começaram a se aventurar mais para dentro. Mas isso? Um grande assalto a trem? E roubar o dinheiro de Erikell? Isso é ousado. Aqueles sujeitos fazem armas, entende?

— Havia pelo menos um alomântico entre eles — disse Wax, abrindo caminho pelo vagão do correio, que ainda cheirava levemente a formaldeído.

— Eu não sabia — disse Matieu. — Tivemos ainda mais sorte que estivesse aqui!

— Eu não os impedi de fugir ou de roubar o dinheiro.

— O senhor matou ou capturou *metade* deles, milorde. Aqueles que pegamos nos darão uma pista sobre os demais — disse. Depois hesitou. — Teremos que montar um grupo de busca, milorde. Eles devem estar indo para as Terras Brutas. Certamente apreciaríamos sua ajuda.

Wax esquadrinhou aquele espaço, concentrando-se nas linhas azuis.

— E o homem que manca?

— Milorde?

— Ele parecia estar no comando — disse Wax. — Um homem num belo terno, que caminhava usando uma bengala. Mais ou menos um metro e oitenta, rosto estreito e cabelo escuro. Quem é ele?

— Não conheço, milorde. Donny é o líder.

— Um sujeito grande? — quis saber Wax. — Pescoço como um tronco de árvore?

— Não, meu lorde. Donny é pequeno e agitado. É o kig ferrado mais cruel que você conhecerá.

Kig. Uma gíria para uma pessoa com sangue koloss. Wax não vira ninguém entre os bandidos com a cor de pele de um koloss.

— Obrigado, capitão — disse Wax.

O homem pareceu reconhecer isso como uma dispensa, mas hesitou.

— E podemos contar com sua ajuda, milorde? Quando perseguirmos Donny e sua gangue?

— Eu... o informarei.

Matieu bateu continência, o que foi totalmente inadequado, já que Wax não era da sua jurisdição, e se retirou. Wax continuou procurando, abrindo um compartimento de bagagens sob o primeiro vagão de passageiros. As linhas de metal que levavam a ele apontavam apenas algumas bagagens.

— Waxillium, você não pode ajudá-los nessa caçada. Já temos um trabalho — disse Marasi.

— Pode ter alguma relação.

— Pode não ter — retrucou ela. — Você o ouviu, Waxillium. Esses caras são criminosos conhecidos.

— Que por acaso roubaram exatamente o trem no qual estávamos.

— Mas que, ao mesmo tempo, pareceram totalmente chocados com a presença de um atirador alomântico no último vagão. Em vez de jogar dinamite sobre nós e encher o vagão de balas, eles mandaram dois homens para roubar o que imaginaram que seria dinheiro fácil.

Wax removeu aquilo e verificou outro compartimento de bagagens, preparando-se antes de abri-lo. Nenhum corpo. Voltou a respirar.

— Não posso pensar nisso neste instante — falou.

Ela anuiu, compreendendo. Verificaram os outros compartimentos. Ele não viu linhas suspeitas, então seguiram em frente. Ao cruzar um espaço entre vagões, ele flagrou Steris o observando. Estava sentada sozinha num banco, com um cobertor sobre os ombros, segurando uma xícara de algo que fumegava. Parecia completamente calma.

Wax avançou. Perder amigos era parte da vida de um homem da lei; isso lhe acontecera mais vezes do que queria contar. Mas depois do que acontecera na cidade seis meses antes... Bem, não sabia bem o que aconteceria com ele se perdesse Wayne. Ele se preparou, passou para o vagão seguinte, abriu o primeiro compartimento de carga e ficou paralisado.

Linhas de aço fracas vinham de outra parte daquele vagão. Estavam se *movendo*.

Wax correu na direção delas, e Marasi o seguiu, de repente alerta, erguendo a lanterna. As linhas vinham do piso dentro de uma das cabines. Só que não havia bagagens no compartimento de cima nem qualquer coisa no chão. Era uma cabine particular que não havia sido alugada naquela viagem.

Wax entrou e arrancou a tampa do compartimento de bagagens no chão. Wayne piscou para ele. Estava com o cabelo desgrenhado e a camisa desabotoada, mas não havia nada o prendendo. Não parecia absolutamente ferido. Na verdade...

Wax se agachou, e a luz da lanterna de Marasi revelou o que havia sido escondido pela beirada do compartimento de bagagem. MeLaan, sem camisa, também estava ali. Ela se sentou, nada envergonhada de sua nudez.

— Nós paramos! — disse ela. — Já chegamos?

— Bem, como eu poderia saber que estávamos sendo atacados? — perguntou Wayne, já totalmente vestido, embora o cabelo continuasse bagunçado.

Wax estava sentado, ouvindo apenas parcialmente. Os funcionários da ferrovia haviam aberto uma sala da estação para que usassem. Ele sabia que deveria sentir raiva, mas estava aliviado.

— Porque somos *nós* — disse Marasi, de braços cruzados. — Porque estamos a caminho de uma situação perigosa. Não sei. Você poderia *pelo menos* ter nos contado o que estava fazendo — acrescentou. Depois, hesitou. — E, por falar nisso, o que você *acha que estava fazendo*?

Wayne baixou a cabeça diante dela. MeLaan se apoiava na parede perto da porta. Olhava para o teto, como se tentando fingir inocência.

— Deixando para trás — disse Wayne, apontando para Marasi. — Como você me disse para fazer.

— Aquilo não era deixar para trás! Aquilo era “correr a toda velocidade”. Era “correr para a frente como uma bala”, Wayne.

— Não gosto de fazer as coisas pela metade — disse ele, solene, com a mão sobre o coração. — Fazia muito tempo que eu não tinha um bom carinho por conta de minha diligente idealização monógama de uma bem-apes-soada, mas indisponível...

— E *como* você *não* ouviu a luta? — interrompeu Marasi. — Houve tiros, Wayne. Praticamente *em cima de você*.

— Veja bem, eu estava *realmente* ocupado — disse, ficando vermelho. — E estávamos perto dos trilhos, que faziam muito barulho. Queríamos um lugar que fosse meio privado, sabe, e... — Ele parou de falar e deu de ombros.

— Ah! — reagiu Marasi. — Você *se dá conta* de como Waxillium ficou preocupado?

— Não me meta nisso — disse Wax, sentado com os pés em cima de um banco ao lado.

— Ah, e você *aprova* esse comportamento? — perguntou Marasi, voltando-se para ele.

— Pelos céus, não — disse Wax. — Se eu aprovasse metade das coisas que Wayne faz, Harmonia provavelmente me mataria no mesmo instante. Mas ele está vivo, nós estamos vivos e não podemos culpá-lo por se distrair durante o que imaginamos que seria uma simples viagem.

Marasi olhou para ele, suspirou e saiu para a plataforma, passando por MeLaan sem olhar para ela.

Wayne se levantou e foi até Wax, tirando a caixa de chicletes do bolso e batendo-a na palma da mão para assentar o pó.

— Esses ladrões... Por acaso algum deles atirou nela quando você não estava olhando? Porque ela certamente ficou irritada de repente.

— Ela só estava preocupada com você — disse Wax. — Vou falar com ela depois que se acalmar.

MeLaan deixou sua posição junto à porta.

— Houve algo estranho no ataque?

— Muitas coisas — respondeu Wax, levantando-se e alongando-se. Ferrugem! Ele realmente estava ficando velho demais para tudo aquilo, como Lessie sempre brincava? Ele normalmente se sentia radiante depois de uma luta.

São as mortes, pensou. Apenas um passageiro morreria, um idoso, mas eles perderam meia dúzia de seguranças, para não falar nos muitos feridos.

— Um dos bandidos fez algo que impediu minha Alomancia — disse a MeLaan.

— Um sugador? — perguntou ela.

Wax balançou a cabeça.

— Ele não me tocou.

Sugadores que queimavam cromo podiam esvaziar as reservas de metais de outro alomântico, mas isso exigia que o tocasse.

— A sensação foi a mesma. Em um momento, meu aço estava lá, depois não estava mais. Mas, MeLaan, havia algum tipo de aparelho envolvido. Um pequeno cubo de metal.

— Espere — disse uma voz. Marasi apareceu no umbral. — Um *cubo*?

Todos os três olharam para ela, que enrubesceu sob a dura luz elétrica.

— O que foi?

— Você saiu pisando firme, indigenada — lembrou Wayne.

— E agora estou pisando firme de volta — disse Marasi, indo na direção de Wax e enfiando a mão no bolso. — Posso estar indige... *indignada* aqui da mesma forma como estaria lá fora.

Ela tirou a mão, segurando um pequeno cubo de metal. O mesmo cubo que ele vira antes de seu aço ser drenado. Wax o pegou da palma da mão dela.

— Onde você conseguiu isto?

— O cara de bengala deixou cair — contou Marasi. — Ele se mexeu como se fosse sacar uma arma, mas ergueu isso.

Wax o virou na direção de MeLaan, que balançou a cabeça.

— É uma arma *realmente* estranha — observou Wayne.

— Há alguma coisa naquela história de VenDell que mencione um aparelho que impeça Alomancia? — perguntou Wax.

— Nada que eu tenha ouvido — respondeu MeLaan.

— Quer dizer, esse negócio não tem nem um cano — comentou Wayne.

— Mas você disse que não prestou atenção na pesquisa, MeLaan — lembrou Marasi, pegando o cubo de volta.

— Isso é verdade.

— E se fosse possível disparar essa coisa ferrada, a bala seria pequena como uma pulga — acrescentou Wayne.

Marasi suspirou.

— Wayne, você nunca deixa uma piada morrer?

— Querida, essa piada já *começou* morta — retrucou ele. — Só estou dando a ela um enterro digno.

— Precisamos de outro trem rumo ao sul — disse Marasi, virando-se para os outros.

— Esses bandidos podem ter informações — disse Wayne. — Persegui-os poderia ser útil. Aliás, não consegui acabar com nenhum deles, por causa de uns amassos fora de hora.

— Pelo menos foram *bons* amassos — comentou MeLaan. Depois, sob o olhar feio de Marasi, acrescentou: — O quê? Foram mesmo. O pobre sujeito não dava um bom amasso há anos. Tinha muita energia acumulada.

— Você nem sequer é humana — disse Marasi. — Deveria estar envergonhada. *Sem falar* que você tem seiscentos anos de idade.

— Sou jovem de coração. Sério. Copiei este coração de uma jovem de dezesseis anos que comi há alguns meses.

Todos ficaram em silêncio.

— Ah... isso foi inconveniente? — reagiu MeLaan, encolhendo-se. — Isso *foi* inconveniente, não é? O gosto nem foi muito bom, se isso importa em alguma coisa para vocês. Quase não estava podre. Ah... eu deveria parar de falar sobre isso. Nova Seran? Vamos para lá ou vamos ficar aqui caçando bandidos?

— Vamos para lá — disse Wax, o que lhe rendeu uma anuência de Marasi. — Se isto estiver relacionado ao que precisamos investigar, chegaremos a eles depois. Se não, verei o que posso fazer para ajudar assim que tivermos lidado com meu tio.

— E como chegaremos a Nova Seran? — perguntou Wayne.

— Não parece que nosso trem sairá tão cedo.

— Trem de carga — disse Wax, conferindo as listas na parede. — Passará aqui em uma hora. Eles vão colocar nosso trem nos trilhos de reparos, então poderemos pegar uma carona no próximo. Não será confortável, mas nos deixará lá pela manhã. Vão pegar a bagagem. Com sorte não haverá furos demais nela.

Wayne e MeLaan obedeceram, caminhando lado a lado. Talvez realmente houvesse algo entre eles. No mínimo, Wayne não pareceu nem um pouco incomodado ao ser lembrado de quão alienígena, e quão velha, MeLaan era.

Mas Wayne não era conhecido pelo seu bom gosto em relação a mulheres. Ou, bem, seu *gosto* em relação a tudo, na verdade. Wax deu uma espiada em Marasi, que ficara para trás. Ela ergueu o cubinho, virando-o nos dedos e inspecionando as gravações intrincadas em suas várias faces.

— Posso ver novamente as anotações de VenDell? — pediu ela. — Talvez haja alguma coisa nelas sobre este cubo.

— Mais convencida de que não foi um assalto aleatório?

— Talvez um pouco — respondeu Marasi. — Você deveria conversar com minha irmã.

— Ela pareceu calma quando dei uma olhada mais cedo.

— Claro que ela está calma — disse Marasi. — Ela é Steris. Mas *também* está fazendo um bordado.

— E isso é ruim?

— Steris só faz bordados quando sente um desejo esmagador de parecer normal — explicou Marasi. — Ela leu em algum lugar que é um passatempo adequado para uma mulher rica. Ela odeia bordados até a morte, mas não dirá a ninguém. Acredite em mim. Se há bordado envolvido, ela está aborrecida. Eu poderia conversar com ela, mas ela nunca me escutou. Nem sabia da minha existência até a adolescência. Além do mais, você terá que se acostumar com isso.

Ela saiu da sala a passos largos, e Wax, estranhamente, flagrou-se sorrindo. Independentemente do que mais pudesse ser dito, Marasi mudara muito desde que a conheceria.

Pegou o paletó no gancho de parede, vestiu-o e voltou para a noite. Marasi estava chamando o chefe da estação, provavelmente para acertar a partida deles no trem de carga. Wax caminhou ao longo dos trilhos, passando sob luzes elétricas frias, até chegar ao banco onde Steris trabalhava em seu bordado.

Ele se acomodou ao lado dela.

— Marasi me disse que você está tendo dificuldades.

Steris parou de bordar.

— Você é um homem muito direto, Lorde Waxillium.

— Posso ser.

— Mas, como ambos sabemos, é tudo fingimento. Você foi criado na elite de Elendel. Teve tutores e

professores de dicção. Em sua juventude, passava seu tempo em festas e bailes.

— E depois passei vinte anos nas Terras Brutas — retrucou Wax. — Os ventos lá conseguem desgastar o granito mais duro. Fica surpresa que possam fazer o mesmo com um homem?

Ela se virou para ele, com a cabeça inclinada para o lado.

Wax suspirou e recostou, esticando as pernas, tornozelos cruzados.

— Já estive em algum lugar no qual não se encaixava? Um lugar onde todos os outros pareciam estar à vontade? Eles sabem o que fazer. Sabem o que dizer. Mas, ferrugem, você tem que se *esforçar* para entender tudo?

— Isso descreve minha vida inteira — disse Steris suavemente.

Ele colocou um braço ao redor dela e deixou que pousasse a cabeça em seu ombro.

— Bem, aquelas festas eram assim para mim. Situações sociais eram um esforço. Todos rindo, e eu simplesmente de pé ali, estressado e tentando descobrir a coisa certa a fazer. Não sorria muito naquela época. Acho que ainda não sorrio. Fugia das festas quando conseguia e tentava chegar a uma varanda silenciosa.

— E fazia o quê? Lia?

Wax riu.

— Não. Gosto de um livro de tempos em tempos, mas o verdadeiro leitor é Wayne.

Steris ergueu a cabeça, parecendo surpresa.

— Estou falando sério. É verdade que, de vez em quando, ele prefere aqueles com imagens, mas *realmente* lê. Frequentemente em voz alta. Deveria ouvi-lo fazendo as vozes para si mesmo. Eu... eu simplesmente encontrava uma varanda debruçada sobre a cidade e olhava. Escutava — disse ele, sorrindo. — Quando menino, muita gente achava que eu era lento por ficar sentado olhando por uma janela.

— E então encontrou seu caminho para as Terras Brutas.

— Fiquei muito contente por estar longe de Elendel e sua falsidade. Você diz que sou seco. Bem, esse é o homem que quero ser. Esse é o homem que admiro. Talvez eu só esteja atuando como ele, mas é uma atuação sincera. Mande-me enforcar, mas é assim.

Steris ficou sentada em silêncio por um tempo, com a cabeça no ombro dele enquanto Wax observava a noite. Uma bela noite, apesar de tudo.

— Você está errado — observou ela, soando sonolenta. — Você sorri. Com maior frequência quando está voando. É o único momento em que acho... em que acho que vejo... puro prazer em você...

Ele baixou os olhos para ela, que aparentemente cochilava, a julgar pelo modo como respirava. Acomodou-se, pensando no que ela dissera, até que o trem de carga finalmente chegou à estação.

ASCENDÊNCIA

AN, 8 de CLADENCE de 342

24

OS NAVIOS DE BILMING NCIONÁRIOS DE ELENDEL



a velocidade
milímetros
chamamos

egranças da
ndel nfo 5-
ados,
a mestra de
e o senador
que precisa-
e guerra? A
a em terra e
tem precisa-
em

(Continua no verso.)

Harmonia tem um metal?

O filósofo de Primeira Era Galabris Menthor fez essa pergunta de maneira retórica, mas mesmo o Lorde Nascto da druma pensou nisso quando formulou uma pergunta que se tornou famosa: "sendo o tam 3usad um metal?" De assembléa a hanc, a questão ainda é debatida. Mas, agora, descobertas científicas nos deixaram mais perto de uma resposta. (Continua no verso.)



Mansão Farthing atacada

Um ato de selvageria e tolice deu-se a noite da ridícula noventa e três. Tarde da noite passada, alguém invadiu a Mansão Farthing roubou alguns objetos e vandalizou o muro com uma imagem do símbolo do ouro invertido.

Lady Farthing está oferecendo uma recompensa pela devolução de seus joias. Por favor, deem todas as informações à delegacia da Cidade Alta.

(Continua no verso.)



A marca do símbolo

TRABALHADORES unidos!

— ENORME —
REUNIAO DE MASSA
esta noite, na 7ª hora
— NO —
cruzamento de Embel com a 5ª
LUTE CONTRA
IMPOSTOS INJUSTOS
E SALÁRIOS BAIXOS



Proibido beber e fumar e proibido tocar
esses deturbações a toda hora

ma de ico!

Das-Rox, que
no movimento
inconsciente
Negro, che-
nte de outro
reio e desat-
com as aulas
iltarum meu
para cabre

rente no pe



direi com poder uma descrição
mais detalhada.

— Na verdade, um pouco do
palude de um parte teria ori-
tado toda esse debate — falsi.

— E você não está pensando
quinze metros acima da mont-
pelos mapas de um mapa mal-
feito. Suba Vários encontrar um
acordo.

Ela acordou a mão como
se fosse acionar minha alerta,
mas algo nela brilhou: a luz das
estrelas. Queimei mental instin-
tivamente, soltando uma das mãos
para tocar o equipamento.

Era uma faca de coça comum.

— Polígrafo — descreveu um
ramagem. Não é assim que



Wax acordou com o som de explosões distantes.

Imediatamente se colocou de pé, procurando seus metais, com os olhos remelentos e desorientado. Onde ele estava? Cabine dos ferroviários do trem de carga. Era grande, com colchões duros nos fundos para os maquinistas cochilarem enquanto o trem esperava para ser descarregado. Steris estava adormecida num dos colchões, enrolada no paletó de Wax. Wayne cochilava num canto, com o chapéu sobre o rosto.

Eles tinham deixado os empregados para trás por ora; seguiriam no próximo trem de passageiros. MeLaan escolhera ir atrás com sua bagagem, querendo examinar seus fardos de ossos para escolher o corpo certo para aquela noite.

Wax engoliu metais, sacou Vindicação e cambaleou para a frente na direção dos sons, que, estando agora totalmente desperto, não tinha certeza se eram explosões. Um ronco contínuo, como um terremoto, à distância. Saiu para a cabine da locomotiva. Era uma máquina mais nova, movida a óleo, sem necessidade de um compartimento de carvão.

Marasi estava de pé perto da frente da cabine, com o maquinista, um sujeito alto com olhos brilhantes e antebraços como pistons.

Aquele ronco... Wax franziu a testa, baixando a arma enquanto Marasi o encarava. O céu era azul brilhante; a manhã chegara. Entrou na cabine e conseguiu ver que Nova Seran se erguia diante deles. A cidade se espalhava por uma série de enormes platôs de pedra. Havia pelo menos uma dúzia deles, e cada um era cortado por muitos cursos de água, que os cruzavam e caíam da beirada até o platô seguinte. O som não era de um terremoto ou de uma explosão, mas de *cachoeiras*.

Em certos pontos, a queda era apenas uma corredeira, uma precipitação de um metro e meio mais ou menos, mas, em outros, cachoeiras majestosas despencavam quinze metros ou mais antes de bater na plataforma de pedra seguinte. Parecia um efeito criado pelo homem, pois os vários cursos e quedas-d'água acabavam retornando juntos ao rio, que corria rumo à distante Elendel.

Wax deslizou Vindicação para seu coldre, embora isso demandasse duas tentativas, pois ele estava hipnotizado pelas cachoeiras. De fato, pela cidade inteira. Prédios brotavam entre os rios, e trepadeiras verdes vibrantes cobriam os penhascos como tranças da própria natureza. Além deles se erguia a Cordilheira Serana, imponente e branca nos topos.

Marasi sorria, inclinando-se para fora da cabine para ter uma visão melhor do alto da cidade. O maquinista estava junto às suas alavancas, válvulas e manivelas, tentando parecer relaxado, embora evidentemente observando as reações de Wax e Marasi. Finalmente, falou.

— Costumo pensar que Harmonia estava se exibindo um pouco quando fez este lugar.

— Eu não tinha ideia de que Nova Seran era assim — disse Wax, colocando-se ao lado de Marasi. Atrás dele, Wayne bocejou e se levantou.

— É, bem, as pessoas de Elendel com frequência se esquecem de que há todo um país aqui — disse o maquinista. — Sem ofensa, milorde. Há muito a absorver em Elendel, então faz sentido ficar um pouco ofuscado por ela.

— Você é de Nova Seran? — perguntou Marasi.

— Nascido e criado, capitã Colms.

— Então talvez possa nos dizer como encontrar nosso hotel. — sugeriu Marasi. — Chama-se Portão de Cobre.

— Ah, esse é *bom* — disse o maquinista, apontando. — Platô de cima, no distrito do barqueiro. Procurem a grande estátua do Lorde Nascido da Bruma. Fica a menos de dois quarteirões de lá.

— Quão perto pode nos deixar? — perguntou Marasi.

— Nada perto, receio — respondeu o maquinista. — Não é trem para passageiros, e mesmo esses só podem ir até os níveis intermediários. Nós ficaremos bem embaixo. Precisarão gastar algumas horas subindo nas cabines teleféricas. Também há rampas, caso prefiram uma carruagem, mas demoram mais, e as cabines teleféricas oferecem uma vista melhor.

Cabines teleféricas teriam sido maravilhosas, pensou Wax, se a maioria deles tivesse tido mais do que apenas poucas horas de sono. Precisariam estar descansados e dispostos para a recepção naquela noite.

— Atalho? — perguntou a Marasi.

— Você se dá conta de que estou usando uma saia?

— Eu me dou. O que aconteceu com aquele novo uniforme elegante com calças?

— Guardado. Nem todos gostam de usar o uniforme quando não precisam, Waxillium.

— Bem, então você pode esperar e pegar o teleférico — disse Wax. — Enquanto isso pense em mim descansando serenamente numa cama macia de hotel enquanto você pisca olhos remelentos e tomba sobre...

— Tudo bem, tudo bem! — disse Marasi, colocando-se junto a ele. — Apenas fique longe das multidões.

Wax a segurou pela cintura.

— Voltarei para pegar o resto de vocês — disse a Wayne, que assentiu. — Maquinista, mande nossas coisas para o Portão de Cobre, por favor.

— Sim, milorde.

Wax deslizou para a lateral da cabine, tomou outra dose de flocos de metal, recuperada do estoque em sua bagagem, apertou Marasi contra si, queimou aço e saltou. Um *empurrão* intenso os mandou para longe do trem, que estava desacelerando ao aproximar-se dos prédios agrupados ao redor da base de Nova Seran.

Caíram a meio caminho dos edifícios, mas um disparo de Vindicação enquanto chegavam perto do solo lhe deu algo em que se impulsionar. Isso os mandou para cima, além dos níveis inferiores, e Waxillium usou fontes de metal que encontrou ali para mantê-los no ar.

As casas ali eram muito menores que em Elendel. Até mesmo antiquadas. Em Elendel, raramente se podia desperdiçar espaço com uma única moradia — mesmo nos cortiços, enormes prédios de apartamentos eram o padrão. Havia uma espécie de mudança eterna, na qual áreas da cidade ficavam decrépitas com o tempo e se enchiam de pobres enquanto aqueles que podiam se mudavam para outras áreas. Era fascinante para Waxillium que o que eram agora cortiços um dia haviam sido considerados imóveis de primeira categoria.

Ele viu poucos prédios de apartamentos e apenas três arranha-céus, restritos a um pequeno bairro comercial no platô superior. Embora os platôs limitassem a capacidade de expansão da cidade, pareciam grandes o suficiente para abrigar a população, muitos parques e pequenos riachos, nenhum destes fundo o suficiente para ser navegável como os canais de Elendel.

Ele permaneceu nos telhados, em vez de descer até as ruas, pelo bem de Marasi, embora ela não estivesse tendo muitos problemas com a saia. Ela a enrolara nas pernas antes de começarem, e o movimento basicamente para cima impedia que a saia se abrisse.

Wax levou os dois em grandes saltos em arco sobre áreas residenciais até chegarem ao penhasco seguinte, onde encontrou uma cabine de teleférico e a usou como âncora para dispará-los cerca de quinze metros na direção do último nível de platôs. Ele exultou com o impulso, a liberdade, a beleza daquilo. Havia algo majestoso em subir pelos ares junto a uma cachoeira rodopiante, com piscinas cintilantes e jardins verdejantes abaixo.

Chegaram ao alto do penhasco, onde Wax pousou suavemente ao lado das cataratas. Marasi soltou a respiração; pela tensão de seu aperto, ele notou que ela não desfrutara do voo tanto quanto ele. *Empurrar* metal não era algo natural para ela, nem a altura, fazendo-a recuar do penhasco assim que se viu livre.

— Vai pegar os outros? — perguntou ela.

— Vamos encontrar o hotel primeiro — disse Wax, apontando para uma estátua que localizara ao pousar. Ainda podia ver a pátina verde da cabeça da estátua acima dos telhados das casas próximas. Partiu naquela direção.

Marasi o seguiu, e entraram numa rua com um intenso tráfego de pedestres, além de meninas e meninos vendendo jornais e anunciando as manchetes em cada esquina. Havia menos cavalos e carruagens que em Elendel — quase nenhum, embora ele visse um bom número de triciclos para passageiros. Isso fazia sentido, considerando a organização da cidade. Achou interessante que o sistema de teleféricos não servisse apenas para se deslocar entre platôs, pois também havia linhas cruzando o céu acima deles e levando pessoas de uma área daquele platô para outra.

— Como um tubarão entre peixinhos — murmurou Marasi.

— O quê? — perguntou Waxillium.

— Olhe como as pessoas desviam de você — apontou Marasi. — Lorde Cimines fez um estudo comparando policiais a tubarões e mostrando como as pessoas numa calçada lotada reagiam exatamente como animais a um predador.

Ele não havia notado, mas ela estava certa. As pessoas lhe davam muito espaço, embora não porque achassem que ele era policial. Era o casaco de bruma, as armas e talvez a sua altura. Todos pareciam um pouco mais baixos ali, e ele estava vários centímetros acima da multidão.

Em Elendel, suas roupas eram anormais, mas todas eram. Aquela cidade era uma confusão, como um velho barril cheio de cartuchos usados. Todos os diferentes calibres representados.

Em Nova Seran, as pessoas usavam roupas mais leves que em Elendel. Vestidos em tons pastéis para as damas, ternos brancos listrados e chapéus de palha para os homens. Em comparação, ele era um buraco de bala num vitral.

— Nunca fui bom em me misturar — disse ele.

— Tudo bem — falou Marasi. — Eu estava querendo perguntar se você precisará de Wayne esta noite.

— Na festa? — reagiu Wax, entretido. — Tenho dificuldade em imaginar uma situação em que ele não acabe bêbado na tigela de ponche.

— Então vou pegá-lo emprestado — anunciou Marasi. — Quero ir investigar os cemitérios em busca da estaca de ReLuur.

Wax grunhiu.

— Vai ser um trabalho sujo.

— Esse é o motivo pelo qual pedi Wayne.

— Entendido. Quais são as chances, na sua opinião, de encontrar a coisa enterrada num túmulo?

Marasi deu de ombros.

— Pensei em começar com o método mais óbvio e fácil.

— Escavar túmulos é o método mais fácil?

— É, se forem feitos os devidos preparativos — respondeu Marasi. — Afinal, não pretendo cavar...

Wax parou de escutar.

A conversa das pessoas foi abafada enquanto ele parava, olhando para um jornal erguido por uma jornaleira numa esquina próxima. Aquele símbolo, o *mah* irregular e invertido... Ele conhecia aquele símbolo bem demais. Abandonou Marasi no meio de uma frase, abrindo caminho entre a multidão até a garota e arrancando o jornal dela.

Aquele símbolo. Impossível. “MANSÃO FARTHING ATACADA”, dizia a manchete. Ele deu alguns cliques para a garota.

— A Mansão Farthing? Onde fica?

— Subindo o Caminho da Flor — respondeu a garota, apontando com o queixo e fazendo desaparecer as moedas na palma de sua mão.

— Venha — disse ele, interrompendo Marasi, que começava a dizer algo.

As pessoas abriam caminho para ele, o que era conveniente. Poderia ter usado sua Alomancia, mas encontrou a mansão sem dificuldade, em parte porque as pessoas estavam reunidas do lado de fora e apontando. O símbolo estava pintado em vermelho, exatamente como aquele que ele conhecera nas Terras Brutas, mas dessa vez marcava o muro de uma bela mansão de pedra de três andares em vez de uma diligência.

— Waxillium, pelo amor à sanidade, o que deu em você? — perguntou Marasi, alcançando-o.

Ele apontou para o símbolo.

— Eu reconheço isso — falou Marasi. — Por que reconheço isso?

— Você leu os relatos sobre meu tempo nas Terras Brutas — disse Wax. — Está lá; esse é o símbolo de Ape Manton, um dos meus antigos inimigos.

— Ape Manton! — exclamou Marasi. — Ele não...

— Sim — respondeu Wax, lembrando-se das noites de tortura. — Ele caça alomânticos.

Mas por que estaria ali? Wax o tirara de circulação, e não numa pequena cidade qualquer. Fora trancado em Madil Verdadeiro, a maior cidade das Terras Brutas do Norte, numa cela da qual seria difícil escapar. Como, pelo Verdadeiro Nome de Harmonia, ele percorrera toda aquela distância até Nova Seran?

Um roubo não seria o fim das atividades de Manton ali. Ele sempre tinha um motivo por trás dos roubos, uma meta. *Preciso descobrir o que ele levou e por que ele...*

Não.

Não, não agora.

— Vamos para o hotel — disse Wax, afastando-se daquele símbolo vermelho.

— Ferrugem! — disse Marasi, apressando-se atrás dele. — Ele poderia estar envolvido de algum modo?

— Com o Grupo? Nenhuma chance. Ele odeia alomânticos.

— Inimigo do meu inimigo...

— Não Ape — insistiu Wax. — Ele não aceitaria a ajuda de um Nascido do Metal nem para salvá-lo da morte.

— Então...

— Então ele não é parte disso — disse Wax. — Vamos ignorá-lo. Estou aqui por causa do meu tio.

Marasi assentiu, mas pareceu perturbada. Passaram por um Atraidor malabarista, que deixava as bolas caírem e jogava-as de volta no ar, juntamente com eventuais objetos do grupo de espectadores que se divertia. Um desperdício de habilidades alomânticas. Todas aquelas pessoas. Sufocante. Ele esperara que, ao deixar Elendel, escapasse de ruas lotadas. Quase sacou sua arma e deu um tiro para afastá-los.

— Wax... — disse Marasi, segurando seu braço.

— O quê?

— *O quê?* Ferrugem! Seu olhar podia pregar a cabeça de uma pessoa num muro agora mesmo!

— Estou bem — disse ele, soltando o braço.

— Essa vingança contra seu tio é...

— Não é uma vingança — disse Wax, acelerando o passo e caminhando em meio à multidão, fazendo as faixas do casaco de bruma se agitarem atrás. — Você sabe o que ele está fazendo.

— Não sei, e você também não — disse Marasi.

— Ele está criando alomânticos — disse Wax. — Talvez feruquemistas. Não preciso saber qual é seu plano para saber o quanto é ruim. E se ele estiver montando um exército de Brutamontes e Lançamoedas? Duplonatos. *Compostos*.

— Isso pode ser verdade — admitiu Marasi. — Mas você não o está caçando por causa disso, não é mesmo? Ele derrotou você. No caso do Cem-vidas, o Sr. Elegante *enrolou você*. Agora você vai vencer a guerra após ter perdido a batalha.

Ele parou de repente, virando-se para ela.

— Quão mesquinho você acha que sou?

— Considerando o que acabei de dizer, eu o considero mesquinho exatamente *nessa dose*. Não é errado sentir raiva de Elegante, Waxillium. Ele está mantendo sua irmã em cativeiro. Mas, ferrugem, por favor, não deixe que isso prejudique seu raciocínio.

Ele respirou fundo. Depois, apontou para a mansão na rua.

— Você quer que eu vá caçar o Ape?

— Não — disse Marasi, enrubescendo. — Concordo que precisamos nos concentrar em recuperar a estaca.

— Você está aqui por causa da estaca, Marasi — retrucou Wax. — Eu estou aqui para encontrar Elegante.

Ele acenou com o queixo para o fim da rua, na direção de uma discreta placa de hotel, difícil de ver na frente de um prédio.

— Vá para o hotel. Vou pegar os outros.

— Com esta suíte e as outras, vocês basicamente terão o último andar inteiro — disse, sorrindo, a dona do hotel, que insistira em ser chamada de tia Gin.

Wayne bocejou, esfregando os olhos enquanto examinava a farta oferta de bebidas no bar do quarto.

— Ótimo. Adorável. Posso ficar com seu chapéu?

— Meu... chapéu?

A mulher mais velha ergueu os olhos para seu chapéu exagerado. As laterais tombavam grandiosamente, e a coisa era *cheia* de flores. Tipo, tinha um monte delas. De seda, ele imaginou, mas eram réplicas realmente boas.

— Você tem uma amiga? — perguntou tia Gin. — Gostaria de dar a ela o chapéu?

— Não — respondeu Wayne. — Preciso para usá-lo da próxima vez em que eu for uma senhora.

— Da próxima vez em que você for *o quê*? — reagiu tia Gin, ficando pálida, mas provavelmente pelo fato de que Wax andava de um lado para outro, vestindo seu casaco de bruma ferrado. Aquele homem nunca sabia como se misturar num ambiente.

— Essas janelas abrem? — perguntou Wax, apontando para as enormes janelas salientes da suíte na cobertura. Subiu num dos sofás e empurrou a janela.

— Bem, elas costumavam abrir — contou tia Gin. — Mas chacoalhavam com a brisa, então as lacramos com tinta e travamos os trincos. Nunca consegui suportar a ideia de alguém...

Wax sacudiu e abriu uma delas, rompendo o trinco e fazendo um som agudo de rachadura quando a tinta exterior foi rasgada, talvez lascando um pouco da madeira.

— Lorde Ladrian! — exclamou tia Gin, engasgando.

— Pagarei o conserto — disse Wax, saltando do sofá. — Preciso que abram caso seja necessário saltar.

— Saltar...

— Arrá! — disse Wayne, abrindo o armário inferior do bar.

— Álcool? — perguntou Marasi, passando por ali.

— Amendoins — disse Wayne, cuspiendo o chiclete e jogando um punhado de amendoins na boca. — Não comi nada desde que peguei aquela fruta na bagagem de Steris.

— Do que você está falando? — perguntou Steris no sofá, onde estava escrevendo num caderno.

— Eu lhe deixei um dos meus sapatos em troca — disse Wayne. Depois, enfiou a mão no bolso do sobretudo e tirou o outro sapato. — Por falar nisso, Gin, você trocaria seu chapéu por isso?

— Seu *sapato*? — perguntou tia Gin, virando-se para ele e dando um pulo quando Wax abriu outra janela à força.

— Claro — respondeu Wayne. — Ambos são vestuário, certo?

— O que eu faria com um sapato masculino?

— Usaria da próxima vez em que precisar ser um homem — respondeu Wayne. — Você tem o rosto perfeito para isso. Também tem bons ombros.

— Bem, eu...

— Por favor, ignore-o — disse Steris, levantando-se e indo até ela. — Aqui, eu lhe preparei uma relação de situações que talvez se configurem durante nossa estadia aqui.

— Steris... — disse Wax, forçando a terceira e última janela.

— O quê? — reagiu ela. — Não vou deixar a equipe do hotel desprevenida. A segurança deles cabe a

nós.

— Incêndio? — perguntou tia Gin, lendo a lista. — Tiroteios. Assalto. Tomada de reféns? *Explosões?*

— Essa última é totalmente injusta — disse Wax. — Você tem dado ouvidos a Wayne.

— As coisas *explodem* perto de você, meu chapa — disse Wayne, mastigando amendoins. Tinham uma boa dose de sal.

— Ele está certo, infelizmente — concordou Steris. — Conte dezessete explosões envolvendo você. É uma enorme anomalia estatística, mesmo considerando a sua profissão.

— Você está brincando. Dezessete?

— Temo que sim.

— Ah.

Ele, pelo menos, teve a decência de parecer orgulhoso disso.

— Uma vez, uma confeitaria explodiu quando eu estava dentro dela. Dinamite num bolo. Foi uma bagunça — disse Wayne, inclinando-se para tia Gin. Estendeu alguns amendoins para ela. — E se eu incluir estes amendoins com o sapato?

— Esses amendoins são *meus*! Estavam neste mesmo quarto!

— Mas agora eles valem mais — retrucou Wayne. — Por eu estar *realmente* com fome.

— Eu lhe disse para ignorá-lo — cortou Steris, dando um tapinha no caderno que dera à tia Gin. — Veja, você só leu o sumário. O resto das páginas contém explicações sobre as possíveis situações que apresentei e sugestões de como reagir a elas. Organizei a lista segundo o potencial de danos à propriedade.

Wax saltou para o centro da sala e estendeu a mão para a frente. A porta tremeu.

— O que... o que ele está fazendo? — perguntou tia Gin.

— Verificando os melhores lugares na sala para bater a porta com a mente — disse Wayne. — Caso alguém invada.

— Apenas leia o caderno, certo? — pediu Steris, num tom agradável.

Tia Gin olhou para ela, parecendo perturbada.

— Essas coisas são... ameaças?

— Não, claro que não! — disse Steris. — Só quero que esteja preparada.

— Ela é minuciosa — comentou Wayne.

— Gosto de ser minuciosa.

— Normalmente isso significa que se você pedi-la para matar uma mosca ela queimará a casa apenas para ter mais certeza de que a mosca estará morta.

— Wayne, você está deixando a dama desnecessariamente preocupada.

— Inundação causada pelo desvio de uma cachoeira — disse tia Gin, ainda lendo do caderno. — Ataque de koloss. *Estouro de boiada no lobby?*

— Esse é altamente improvável, mas não faz mal estar preparada! — explicou Steris.

— Mas...

A porta da suíte adjacente foi escancarada.

— Olá, humanos — disse MeLaan, passando pelo umbral vestindo nada além de shorts justos e um pano enrolado no peito. — Preciso colocar algo adequado para hoje. O que acham? Seios grandes? Seios

pequenos? Seios *extragrandes*?

Todos na sala pararam e se voltaram para ela.

— O quê? — reagiu MeLaan. — Escolher um busto adequado é vital para os preparativos de uma dama!

Silêncio.

— Essa... é uma pergunta meio imprópria, MeLaan — disse Steris.

— Você só está com inveja porque não pode tirar os seus para dar uma corrida — retrucou MeLaan.

— Ei, onde está o carregador com as minhas coisas? Juro que se ele deixar cair minhas malas e rachar algum dos meus crânios a *fúria* brotará neste quarto! — disse ela antes de sair.

— Ela disse *crânios*? — perguntou tia Gin.

A porta bateu.

— Arrá! — disse Wax, baixando a mão. — Agora sim.

Marasi se aproximou e colocou um braço sobre os ombros da velha senhora, levando-a embora.

— Não se preocupe. Não será de modo algum tão ruim quanto eles fazem parecer. Provavelmente nada acontecerá a você ou ao seu hotel.

— Além de Wax arrancando suas janelas — observou Wayne.

— Além disso — disse Marasi, olhando feio para ele.

— Minha jovem, você precisa se afastar dessas pessoas — disse tia Gin, em voz baixa.

— Eles são bons — disse Marasi, chegando à porta. — Apenas tivemos uma longa noite.

Tia Gin anuiu, hesitante.

— Bom — disse Marasi —, quando chegar lá embaixo, poderia mandar alguém à prefeitura para mim? Preciso dos nomes de todas as pessoas que trabalham nos cemitérios locais.

— Cemitérios?

— Isso é vital — disse Marasi, antes de levar a mulher pra fora e fechar a porta.

— Cemitérios? — perguntou MeLaan, enfiando a cabeça no quarto. Ela agora estava totalmente careca. — Por falar nisso, vocês podem pedir algo que eu possa comer? Um belo pedaço de carne envelhecida?

— Você quer dizer carne podre — corrigiu Wax.

— Nada como o odor de um belo lombo após um dia ao sol — comentou MeLaan, voltando para seu quarto quando houve uma batida na porta. — Ah, são as minhas malas. Excelente. O quê? Não, claro que não há cadáveres aqui. Por que eu precisaria de ossos ainda com carne? Obrigada. Tchau.

Wayne jogou o último amendoim na boca.

— Não sei quanto a vocês, mas *eu* vou encontrar um lugar para roncar durante algumas horas.

— Como dividiremos os quartos, Waxillium? — perguntou Marasi.

— Você e Steris na suíte do outro lado do corredor — respondeu Wax. — Wayne e eu aqui. MeLaan tem seu próprio quarto. Ela provavelmente quer... Ahn...

— Derreter? — sugeriu Marasi.

— Sozinha.

— Estou bem, na verdade — disse MeLaan no quarto ao lado. Um segundo depois, abriu a porta novamente. Usava os mesmos ossos e músculos, mas tinha o peito totalmente nu.

Não era um peito de mulher.

— Já resolvi o problema — disse MeLaan. — Vou como um cara. De qualquer modo, esse provavelmente será um disfarce melhor. Só tenho que escolher os ossos certos.

Wayne inclinou a cabeça para o lado. Ela também esculpira o rosto, dando-lhe traços masculinos. Os olhos de Steris estavam arregalados. Aquilo certamente merecia ser visto.

— Você... — começou Steris. — Você se transformou em...

— Um homem? — completou MeLaan. — É. Ficará melhor quando eu tiver decidido sobre o corpo certo. Também preciso escolher uma voz — disse ela. Então, olhou ao redor da sala. — Ahn, isso é um problema?

Por alguma razão, todos olharam para Wayne. Ele pensou por um momento e deu de ombros. Talvez ele devesse ter dado seus sapatos a *ela*.

— Você não *liga*? — cobrou Steris.

— Ainda é ela.

— Mas ela parece um homem!

— Assim como a mulher que comanda este hotel, mas ela tem filhos, então ainda assim alguém decidiu pegá-la e... — retrucou Wayne.

— Não é nenhum problema, MeLaan — disse Wax, interrompendo Wayne e pousando a mão no braço de Steris. — Supondo que você consiga entrar na festa.

— Não se preocupe com isso — disse ela, girando. — Entrarei e estarei pronta para lhe dar apoio. Mas o jogo é seu, Ladrian, não meu. Você é o detetive. Só estou por perto para o soca-soca, o fura-fura.

Ela fechou a porta. Wayne balançou a cabeça. *Essa, sim, é uma situação em que um homem não costuma se encontrar com frequência...* Bem, ele tinha a oportunidade de ser uma velha senhora de tempos em tempos, então fazia sentido para ele. Provavelmente era bom para uma mulher ser um cara de vez em quando, no mínimo para oferecer alguma perspectiva. Também é mais fácil mijar. Não podia descartar isso.

— Ela acha que nosso estilo de investigação *normalmente* não é do tipo soca-soca, fura-fura — comentou Wax.

— Para ser justo, normalmente é mais do tipo atira-atira, mata-mata — observou Wayne.

Marasi esfregou a testa.

— Por que estamos tendo esta conversa?

— Porque estamos cansados — respondeu Wax. — Durmam um pouco, todos vocês. Wayne, você vai cavar uns túmulos com Marasi à noite — disse. Depois, respirou fundo. — E eu, infelizmente, vou a uma festa.



Vestir uma gravata Ascot e um paletó formais lembrou a Wax sua volta para casa após viver na Vila. Foi um ano em que seu tio alegremente o embrulhou na embalagem de jovem nobre e o apresentou à elite da cidade, sentindo ter vencido alguma espécie de guerra quando Wax foi expulso da sociedade terrisana.

Wax voltara a morar com os pais, claro, mas fora o tio quem cuidara de sua educação, criando-o especificamente para ser o herdeiro da casa. Depois daquele período na Vila, a vida de Wax passara a dizer respeito cada vez menos à sua família mais próxima — ele mal vira os pais naquele ano, apesar de morar com eles.

Foi quando o controle do tio começou a sufocá-lo. Wax tamborilou os dedos no apoio de braço da carruagem, lembrando-se daquelas festas. Até que ponto suas lembranças eram marcadas pela presença do tio?

A carruagem finalmente parou diante de uma mansão resplandecente com vitrais e holofotes ardendo do lado de fora. Um estilo de iluminação clássico, embora o interior tivesse pouco em comum com as antigas fortalezas que pretendia evocar — como ele bem sabia após memorizar a planta baixa enquanto os outros dormiam.

Aquela mansão era mais ampla que imponente, com muitos picos, como uma cordilheira. Uma fila de carruagens esperava para passar pelo pórtico e desembarcar seus ocupantes.

— Você está nervoso — disse Steris, pousando a mão em seu braço. Ela usava luvas de renda brancas, e seu vestido, com o qual lutara por pelo menos uma hora, era um dos modelos leves e translúcidos que as damas mais elegantes de Elendel estavam usando naquele ano. A saia era mais cheia e nebulosa que os trajes mais tradicionais que Steris preferia.

Ele ficara surpreso quando ela o escolhera. A maioria do seu guarda-roupa, especialmente para aquela viagem, fora escolhido pela praticidade. Por que vestir aquilo agora?

— Não estou nervoso — retrucou Wax. — Estou contemplativo.

— Quer repassar o plano?

— Qual plano? — devolveu Wax.

ReLuur, em seu delírio, mandara-os para aquela festa de Kelesina Shores, uma dama de algum prestígio em Nova Seran — e que ele insinuara estar ligada a tudo aquilo. Ela era a melhor pista que tinham, embora os escritos de ReLuur também relacionassem outras cinco famílias que ele considerava de interesse.

O problema era que nenhuma daquelas anotações mencionava *por que* eram de interesse ou o que ReLuur achava que sabiam. Por que um grupo de lordes e ladies das cidades externas teria alguma relação com uma antiga relíquia arqueológica? Era verdade que alguns nobres gostavam de se considerar “cavalheiros aventureiros”, mas esses tipos, em sua maioria, ficavam sentados fumando charutos e conversando. Pelo menos aquele engomadinho do Jak realmente deixara sua casa ferrada.

O tempo passava. As carruagens avançavam pelo caminho com a velocidade de uma fila de vacas num dia quente. Finalmente, Wax abriu a porta.

— Vamos.

— Ah, querido — disse Steris, com um suspiro. — Novamente?

— Não me diga que você não se preparou para isso.

— Me preparei. Mas a fila não está tão longa, Lorde Waxillium. Não acha que desta vez poderíamos esperar?

— Consigo ver as portas da frente — disse Wax, apontando. — Podemos chegar lá em trinta segundos. Ou podemos ficar sentados aqui e esperar enquanto pessoas pomposas se atrapalham saindo de seus assentos e se enrolam com suas echarpes.

— Vejo que a noite vai começar com o pé direito — disse Steris. Wax saltou, ignorando a mão estendida do empregado. Dispensou o homem com um gesto e ajudou Steris a saltar do veículo.

— Vá em frente e estacione — disse ao cocheiro. — Chamaremos quando quisermos partir. — Ele hesitou. — Caso ouça tiros, volte para o hotel. Nós iremos sozinhos.

O cocheiro se assustou, mas anuiu. Wax estendeu o braço para Steris, e os dois caminharam, entrando no terreno da mansão e passando por carruagens cheias de gente que parecia estar tentando olhar feio para eles sem realmente olhar em sua direção.

— Preparei uma lista para você — disse Steris.

— Isso não me surpreende.

— Sem reclamações, Waxillium. Isso vai ajudar. Coloquei a lista neste caderninho, para facilitar a consulta — disse Steris, sacando um caderno do tamanho da palma da mão. — Cada página contém uma forma de iniciar uma conversa, ligada às pessoas com as quais deverá funcionar melhor. Os números abaixo listam modos de conduzir a conversa para suas áreas de interesse e talvez descobrir o que nossos alvos pretendem e qual é sua ligação com os Braceletes da Perdição.

— Não sou socialmente incompetente — retrucou Wax. — Sei bater papo.

— Sim, mas eu preferiria evitar um incidente como o que ocorreu na festa de Cett... — disse Steris.

— Qual festa de Cett?

— Aquela na qual você deu uma cabeçada em alguém.

Ele inclinou a cabeça de lado.

— Ah, certo, aquele homenzinho bajulador com o bigode ridículo.

— Lorde Westweather Cett — esclareceu Steris. — Herdeiro da fortuna da casa.

— Certo, certo — disse Wax. — Os Cett são idiotas. Em minha defesa, ele me desafiou. Exigindo um duelo contra um Lançamoedas. Eu provavelmente salvei a vida dele.

— Quebrando o nariz dele — disse ela, mas depois levantou a mão. — Não estou pedindo justificativas ou explicações, Lorde Waxillium. Simplesmente quis fazer o que podia para ajudar.

Ele grunhiu, mas pegou o caderno, folheando-o à luz das lanternas enquanto cruzavam o terreno. No fim do caderno havia descrições das várias pessoas que provavelmente estariam na festa. Ele decorara algumas descrições dadas por VenDell, mas aquela lista era muito mais extensa.

Como de hábito, Steris fizera sua pesquisa. Ele sorriu, enfiando o caderno no bolso do paletó. Onde ela encontrara tempo? Continuaram a seguir pelo caminho, mas Wax parou ao ouvir ruídos num arbusto próximo. Queimou aço imediatamente, identificando pontos de metal em movimento, e levou a mão à

pistola sob o paletó.

Um rosto sujo se revelou e sorriu. Os olhos eram de um branco leitoso.

— Clipes para um pobre, meu bom senhor — disse o mendigo, estendendo a mão e revelando compridas unhas malcuidadas e uma camisa esfarrapada.

Wax manteve a mão na arma, estudando o homem.

Steris inclinou a cabeça de lado.

— Está usando perfume, mendigo?

Wax anuiu, também sentindo um cheiro leve.

O mendigo se assustou, como se surpreso, e depois sorriu.

— Dá uma boa levantada, milady.

— Você *bebeu* perfume? — perguntou Steris. — Bem, isso não pode ser saudável.

— Você não deveria estar aqui — disse Wax, olhando o grupo de empregados e cocheiros mais perto da entrada do edifício. — Esta é uma propriedade particular.

— Ah, milorde, eu sei, sei mesmo — respondeu o mendigo, rindo. — Tecnicamente, eu sou dono do lugar. Agora, quanto às moedas para o velho Hoid, meu *bom* lorde...

Ele esticou a mão ainda mais, encarando Wax sem o ver.

Wax enfiou a mão no bolso.

— Aqui — disse, jogando uma nota para o homem. — Saia daqui e ache uma bebida decente.

— De fato, um lorde generoso! — disse o mendigo, jogando-se de joelhos e pegando a nota. — Mas é demais! Realmente demais!

Wax tomou o braço de Steris novamente, conduzindo-a na direção das imponentes portas de entrada.

— Milorde! — guinchou o mendigo. — Seu troco!

Ele viu a linha azul e reagiu imediatamente, girando e pegando a moeda, que havia sido arremessada com grande precisão na direção de sua cabeça. Então o mendigo não era cego. Wax bufou, embolsando a moeda enquanto um jardineiro, de passagem por ali, via o mendigo e gritava.

— Você de novo não!

O mendigo riu e desapareceu nos arbustos.

— O que foi *aquilo*? — perguntou Steris.

— Como se eu soubesse — respondeu Wax. — Vamos?

Eles seguiram pela fila de carruagens, e embora ela tivesse acelerado durante a caminhada, ainda chegaram às portas de entrada antes do que teria sido possível. Wax inclinou a cabeça na direção de uma mulher grande que mal passava pela porta de sua carruagem e subiu os degraus, levando Steris pelo braço.

Ele apresentou seu cartão à porta, embora devessem estar esperando por ele. Aquela não era uma simples recepção; aquilo era política. Provavelmente haveria apenas um discurso oficial da anfitriã, mas todos sabiam por que estavam ali: para se encontrar, trocar ideias e provavelmente ser convidados a doar para uma das muitas causas defendendo os interesses das cidades externas.

Wax passou pelo porteiro, que pigarreou e apontou para uma alcova ao lado da entrada. Ali empregados estavam recebendo chapéus, casacos e xales.

— Não temos nada a guardar, obrigado — disse Wax.

O homem tocou o braço de Wax suavemente quando ele tentou avançar.

— A senhora da casa pediu que todos os presentes fossem aliviados de objetos de natureza vulgar, milorde. Para a segurança de todos os presentes.

Wax piscou, mas depois finalmente entendeu.

— Temos que deixar as armas? Você está brincando.

O homem alto não disse nada.

— Acho que ele não é do tipo que brinca — comentou Steris.

— Você se dá conta de que sou um Lançamoedas? — disse Wax. — Poderia matar uma dúzia de pessoas com as suas abotoaduras.

— Ficaríamos felizes se não fizesse isso — retrucou o porteiro. — Por favor, Lorde Ladrian, *não* há exceções. Precisaremos chamar o Atraidor da casa para garantir que está sendo honesto conosco?

— Não — disse Wax, soltando o braço. — Mas se algo der errado, você se arrependerá de ter tido esta conversa.

Ele caminhou com Steris até o balcão, onde empregados de luvas brancas recebiam chapéus em troca de tíquetes. Ele relutantemente sacou Vindicação do coldre sob seu braço e a colocou no balcão.

— Isso é tudo, milorde? — perguntou a mulher.

Ele hesitou. Depois, suspirou e ajoelhou, sacando sua segunda arma — um pequeno revólver de dois tiros — do coldre no tornozelo. Jogou-a no balcão.

— Poderíamos dar uma olhada na bolsa da dama? — perguntou a empregada. Steris permitiu.

— Você se dá conta de que sou um policial nomeado? — disse Wax. — Se alguém aqui deveria estar armado, sou eu.

Os empregados não disseram nada, embora parecessem constrangidos enquanto devolviam a bolsa de Steris e davam a Wax um recibo pelas armas.

— Vamos — disse ele, embolsando os papéis e tentando, sem sucesso, esconder seu aborrecimento. Juntos, aproximaram-se do salão de baile.

Wayne gostava de bancos. Eles tinham *estilo*. Muitas pessoas mantinham seu dinheiro fora de vista, escondido embaixo de camas e coisas assim. Mas qual era a graça nisso? Já um banco... Um banco era um alvo. Construir um lugar e enchê-lo de dinheiro era como subir ao cume de uma montanha e desafiar quem se aproximava a tentar derrubá-lo.

Ele imaginou que esse devia ser o objetivo. A diversão. Por que mais reuniriam tantas coisas de valor num lugar só? Devia ser uma mensagem, uma prova para as pessoas comuns que alguns eram tão ricos que podiam construir uma casa para seu dinheiro e *ainda* ter dinheiro suficiente para *encher* essa casa.

Roubar um lugar assim era suicídio. Então, tudo o que os ladrões podiam fazer era ficar do lado de fora, babando, pensando nas coisas do lado de dentro. Um banco realmente era um cartaz gigantesco erguido para dizer “vão se ferrar” para todos que passavam.

O que era magnífico.

Ele e Marasi pararam no grande lance de degraus na frente do prédio, que tinha vitrais e estandartes no clássico estilo cantonesco. Marasi queria passar ali antes de ir aos cemitérios. Algo sobre os registros bancários os levarem até o lugar certo.

— Certo, vejabem — disse Wayne. — Eu resolvi. Vou ser um cara rico. Um cara que ganhou muito

com o sangue e o suor de homens inferiores. Só que não direi nada assim, porque estarei no *personagem*, entende?

— É mesmo? — reagiu Marasi, subindo os degraus.

— É — disse Wayne, juntando-se a ela. — Até trouxe um chapéu elegante.

Ele ergueu uma cartola e a girou no dedo.

— Esse chapéu pertence a Waxillium.

— Não pertence, não — disse Wayne, colocando-o. — Eu dei a ele um rato em troca.

— Um... rato?

— Sem o rabo — esclareceu Wayne. — Por a cartola estar meio empoeirada quando a peguei. De qualquer modo, vou ser um cara rico. Você será a filha do meu irmão mais jovem.

— Não sou jovem o suficiente para ser sua sobrinha — reagiu Marasi. — Pelo menos não uma que...

— Ela interrompeu a fala enquanto Wayne amassava o rosto, destacando rugas, e pegava seu bigode falso. — Certo. Eu tinha me esquecido disso.

— Agora, minha querida, enquanto distraio os empregados deste belo estabelecimento com um pedido de um cofre, você pode invadir suas salas de registros e adquirir a informação necessária. Não deve ser um grande teste para suas habilidades, enquanto eu os regalo com descrições de minha riqueza e meu prestígio, o que deve atrair a atenção da maioria que ainda estiver trabalhando a esta hora tardia.

— Ótimo — disse Marasi.

— Aliás, minha querida, não estou gostando nada de seu envolvimento com aquele trabalhador de nossa propriedade rural. Ele ocupa uma posição bem inferior à sua, e sua imprudência certamente maculará nosso bom nome.

— Ah, por favor.

— Além disso, ele tem verrugas — acrescentou Wayne enquanto chegavam ao alto da escadaria. — E é dado a graves surtos de flatulência. E...

— Você vai falar sobre isso o tempo todo?

— Claro! Os empregados do banco precisam saber como lido com a nova geração e sua capacidade lamentavelmente inadequada de tomar decisões que a *minha* geração considerava simples e óbvias.

— Ótimo — disse Marasi, passando pelas amplas portas de vidro do banco.

Um funcionário imediatamente foi até eles.

— Lamento. Estamos *muito* perto do horário de fechamento.

— Meu bom homem! — começou Wayne. — Estou certo de que poderá encontrar tempo para a oportunidade de investimento que você logo verá presente em...

— Somos da polícia de Elendel — interrompeu Marasi, sacando seu distintivo gravado e erguendo-o.

— Capitã Marasi Colms. Gostaria de examinar alguns dos seus registros de depósitos. Não deve levar mais do que alguns minutos e logo partiremos.

Wayne murchou, olhando para ela boquiaberto enquanto o funcionário, um homem atarracado e escuro com uma barriga que parecia uma bala de canhão e uma cabeça combinando, pegava o distintivo dela e o examinava. Aquilo... Aquilo era *trapacear*!

— De quais registros você precisa? — perguntou o funcionário, cauteloso.

— Alguma dessas pessoas tem contas com vocês? — perguntou Marasi, estendendo um papel.

— Imagino que posso verificar... — disse o funcionário. Ele suspirou e foi até os fundos do prédio,

onde uma funcionária estava sentada com livros-caixa. Passou por uma porta atrás da escrivaninha, e Wayne pôde ouvi-lo murmurando sozinho na outra sala.

— Tenho que dizer que essa foi a *pior* atuação que já vi — disse Wayne, tirando a cartola. — Quem acreditaria que o tio rico tinha uma *policia*l como sobrinha?

— Não há necessidade de mentira quando a verdade funciona tão bem quanto, Wayne.

— Não há necessidade... *Claro* que há necessidade! Veja, o que acontecerá quando tivermos que acertar alguém e sair correndo com os livros-caixa? Eles vão *saber* que fomos nós, e Wax terá que pagar uma pilha enorme de multas.

— Felizmente, não vamos acertar ninguém.

— Mas...

— Nada de acertar.

Wayne suspirou. Aquilo não ia ser nada divertido.

— Preciso que saibam que levamos a privacidade de nossos clientes muito a sério — explicou o funcionário, com a mão protetora sobre os livros-caixa que pegara na sala de registros. Estavam sentados no escritório dele, onde uma plaqueta na mesa o identificava como sr. Eriola. Ninguém entendeu por que Wayne conteve um riso ao ler isso.

— Entendo, mas tenho uma boa suspeita de que um desses homens é um criminoso — disse Marasi. — Certamente vocês não querem apoiar suas atividades.

— Também não quero violar a confiança que eles têm em mim — retrucou o funcionário. — O que a deixa tão certa de que esses homens são criminosos? Você tem alguma prova?

— A prova estará nos números — explicou Marasi, inclinando-se para a frente. — Sabe quantos crimes podem se provados estudando as estatísticas?

— Considerando a pergunta, vou supor que não é um número banal — respondeu o funcionário, recostando na cadeira e cruzando as mãos sobre a grande barriga.

— Ahn, sim — disse Marasi. — A maioria dos crimes pode ser ligada a motivos de paixão ou riqueza. Quando há riqueza envolvida, os números entram em jogo, e quando os números entram em jogo, a contabilidade forense nos dá respostas.

O funcionário não pareceu convencido, mas, na avaliação de Wayne, ele também não parecia totalmente humano. Era, pelo menos em parte, golfinho. O homem continuou a cobrir Marasi de perguntas, evidentemente enrolando por alguma razão. Isso deixou Wayne desconfortável. Normalmente, quando as pessoas enrolavam assim, era para que seus parceiros conseguissem chegar e ajudá-las a dar uma bela surra.

Ele passou o tempo brincando com objetos na mesa do funcionário, tentando construir uma torre com eles, mas manteve os olhos na porta. Se alguém *de fato* chegasse para atacá-los, ele teria que jogar Marasi pela janela para escapar.

Um instante depois, a porta se abriu. Wayne agarrou Marasi, buscando um dos bastões duelo, mas era apenas a funcionária que viram do lado de fora. Foi de maneira diligente até o chefe — então Wayne não se sentiu nem um pouco culpado de admirar sua diligência, por assim dizer — e entregou-lhe meia folha de papel.

— O que é isso? — perguntou Marasi.

— Telegrama — adivinhou Wayne, relaxando. — Está nos investigando?

O funcionário hesitou. Depois, virou o papel. Tinha uma descrição de Wayne e Marasi, seguida das palavras: *Eles de fato são policiais sob o meu comando. Por favor, dê a eles toda a gentileza e a liberdade em seu estabelecimento, mas fique de olho no homem e verifique sua carteira depois que ele sair.*

— Ora, veja — reagiu Wayne. — Isso é muito injusto. Essas coisas custam um clipe a cada cinco palavras. O velho Reddi gastou um bom dinheiro me insultando.

— Tecnicamente é difamação — corrigiu Marasi.

— É mesmo uma armação.

— *Difamação*, Wayne, não... Ah, deixe para lá — disse Marasi. Depois, encarou o funcionário. — Está satisfeito?

— Imagino que sim — disse, deslizando os livros-caixa na direção dela.

— Números — disse Marasi, procurando dentro da bolsa. Tirou um caderninho e bateu nele com um dedo. — Isto contém uma lista dos salários habituais dos funcionários de cemitérios — explicou ela, abrindo os livros-caixa. — Agora, examinando os depósitos de nossos homens, podemos descobrir padrões, quem está colocando no banco mais dinheiro do que seu salário poderia justificar.

— Isso certamente não é suficiente para condenar um homem — observou o funcionário.

— Não estamos querendo condenar — retrucou Marasi, estudando o primeiro livro-caixa. — Só preciso saber onde procurar.

Nos minutos seguintes, Wayne equilibrou sua torre com seis objetos diferentes, *incluindo* o grampeador, o que o deixou bastante orgulhoso. Finalmente, Marasi bateu num dos livros-caixa.

— E então — perguntou o funcionário. — Encontrou seu culpado?

— Sim — respondeu Marasi, soando perturbada. — Todos eles.

— Todos eles?

— Cada um dos vermes. Sem trocadilho — confirmou Marasi. Ela respirou fundo e fechou o livro com força. — Acho que eu poderia simplesmente ter escolhido qualquer um, sr. Eriola. Mas, ainda assim, é bom saber.

— Saber o quê?

— Que todos eles são pilantras — respondeu ela, mexendo na bolsa novamente. — Eu deveria ter imaginado. A maioria dos cadáveres é enterrada com *algo* valioso, no mínimo as roupas. Não faz sentido deixar tudo isso apodrecer.

O funcionário ficou pálido.

— Eles estão vendendo as *roupas* dos *mortos*.

— Isso, e provavelmente as joias ou outros bens pessoais enterrados com os corpos — disse Marasi, tirando uma garrafinha de conhaque de Syles e colocando-a na mesa.

— Ei — disse Wayne. — Estou com a garganta seca, estou sim. Isso certamente me faria bem, como uma mijada matinal depois de beber nove canecas na noite anterior.

— Isso é horrível! — disse o funcionário.

— Sim, mas quando você pensa a fundo, não é *tão* horrível — disse Marasi. — Os únicos crimes cometidos aqui são contra mortos, e seus direitos legais são questionáveis.

Wayne procurou algo no bolso por um momento e tirou um abridor de cartas feito de prata. Onde ele conseguira aquilo? Colocou-o na mesa e pegou a bebida, virando-a de uma só vez.

— Obrigada por seu tempo, sr. Eriola — continuou Marasi, pegando o abridor de cartas e deslizando-o na direção do funcionário. — Foi muito prestativo.

O funcionário olhou para o abridor de cartas, assustado, e conferiu a gaveta da escrivaninha.

— Ei, isso é *meu* — disse ele, enfiando a mão na gaveta e tirando algo que parecia um pedaço de cordão. — Isto é... um rabo de rato?

— O mais comprido que já vi — respondeu Wayne. — Um belo prêmio. Você é um homem de sorte.

— Como você... — começou, olhando de Wayne para Marasi, mas depois esfregou a cabeça. — Já terminamos aqui?

— Sim — respondeu Marasi, levantando-se. — Vamos embora, Wayne.

— Farão uma prisão? — perguntou o funcionário, jogando o rabo na cesta de lixo, o que era em si um crime. A coisa tinha quase dois palmos!

— Prisão? — reagiu Marasi. — Isso é absurdo, sr. Eriola. — Não estamos aqui para prender ninguém.

— Então qual é o sentido de tudo isto?

— Eu precisava saber quem contratar, claro — respondeu Marasi. — Vamos, Wayne.



Quase nada tinha mudado desde a juventude de Wax. Ah, as pessoas naquela festa vestiam roupas ligeiramente diferentes: os coletes tinham ficado mais grossos e as bainhas dos vestidos haviam subido até a metade das canelas enquanto os decotes haviam despencado, com um pouco de filó sobre o pescoço e descendo pelos ombros.

As pessoas, porém, eram iguais. Elas o avaliavam, calculando seu valor, escondendo punhais por trás de sorrisos rápidos. Ele recebeu suas anuências condescendentes e não sentiu tanta falta de suas armas quanto esperara. Não eram as armas certas para aquela luta.

— Eu costumava ficar tão nervoso com essas coisas — disse Wax suavemente a Steris. — Quando eu era criança. Acho que era quando eu ainda me importava com as opiniões deles. Antes de aprender quanto poder você ganha sobre uma situação quando decide que não ligará para o que as pessoas pensam de você.

Steris observou duas damas que passavam com seus vestidos de noite totalmente sem rendas.

— Não estou certa de que concordo. O modo como você é visto é importante. Por exemplo, estou lamentando minha escolha sobre o que vestir. Estava buscando algo na moda, mas a moda é diferente aqui. Não estou no estilo certo; sou de vanguarda.

— Gosto do seu vestido — disse Wax. — Ele se destaca.

— Assim como uma espinha — retrucou Steris. — Por que não consegue uns drinques para nós enquanto avalio o salão e descubro onde estão nossos alvos?

Wax assentiu. O grande salão de baile era acarpetado e decorado com lustres dourados, embora os castiçais brilhassem com luzes elétricas. O teto não era alto demais, mas as paredes eram exuberantemente decoradas com arcos falsos, tendo um mural em cada um. Composições clássicas, como a *Guerreira Ascendente* se elevando acima de uma revoada de corvos — a representação típica dos espectros do Senhor Soberano, dos quais apenas a própria Morte restava.

Embora ninguém o abordasse, também não o evitavam. No máximo permaneciam determinados em seu caminho, recusando-se a se mover e agindo como se não o tivessem notado quando ele os contornava. Ele era de Elendel, o inimigo político, e, ao não se mover, eles mostravam seu posicionamento.

Ferrugem! Ele odiava aqueles jogos.

O bar ocupava quase todo o comprimento da parede mais distante e empregava pelo menos duas dúzias de bartenders, de modo a garantir que nenhum dos convidados muito importantes tivesse que esperar. Ele pediu vinho para Steris e um simples gim-tônica para si, o que lhe garantiu uma sobrancelha erguida. Aparentemente aquilo não era elegante o suficiente. Deveria ter pedido um uísque puro.

Ele se virou e estudou o salão enquanto o bartender preparava os drinques. Uma música suave tocada por um harpista ajudava a abafar as muitas conversas. Ele ficava desconfortável ao admitir que algumas conversas num salão como aquele poderiam afetar mais as vidas das pessoas na Bacia do que colocar

qualquer criminoso, por pior que fosse, na prisão.

Marasi está sempre falando sobre coisas assim, pensou. Como a manutenção da lei no futuro se baseará em estatísticas, não em escopetas. Tentou imaginar um mundo em que assassinatos fossem impedidos por um cuidadoso planejamento civil e descobriu ser incapaz de fazê-lo. As pessoas sempre matariam.

Ainda assim, algumas vezes era difícil se sentir como o único lustre no salão que ainda precisava de velas.

— Seu pedido, milorde — disse o bartender, colocando os drinques sobre elegantes guardanapos de pano, bordados com a data da festa. Tinham sido feitos para que os convidados os levassem de lembrança.

Wax pegou uma moeda no bolso e deslizou a gorjeta para o bartender. Pegou os drinques para voltar até Steris, mas o bartender pigarreou. O homem ergueu a moeda, e não era uma de cinco como Wax pretendia dar. Na verdade, era diferente de qualquer moeda que Wax já tinha visto.

— Isso foi um equívoco, milorde? — perguntou o homem. — Não quero parecer ingrato, mas odiaria ficar com algo que parece um souvenir.

Os símbolos naquela moeda..., pensou Wax, voltando ao bar. *São iguais* àqueles que aparecem *nas imagens que ReLuur fez*. Ele quase virou a taça de vinho em outro convidado em sua pressa de pegar a moeda de volta. Distraído, deu outra gorjeta ao bartender e ergueu a moeda.

Aqueles *eram* os mesmos símbolos, ou ao menos muito parecidos. E havia um rosto no verso, de um homem olhando diretamente à frente, com um olho perfurado por uma estaca. A grande moeda era feita de dois metais diferentes, um anel externo e um interno.

E certamente não parecia velha. Seria nova ou apenas bem preservada? Ferrugem e Ruína... Como aquilo fora parar em seu bolso?

O mendigo jogou em mim, pensou Wax. Mas onde *ele* a conseguira? Haveria mais em circulação?

Perturbado, saiu dali para procurar Steris. Enquanto andava, passou por Lady Kelesina, anfitriã da festa e seu alvo. A mulher mais velha resplandecia num vestido de noite preto e prata, entretendo um grupo de pessoas que perguntava sobre um de seus projetos cívicos.

Wax escutou por um momento, mas ainda não queria confrontar a mulher. Localizou Steris de pé diante de uma mesa alta e fina num canto. Não havia cadeiras no salão de baile. Nem dança, embora houvesse uma pista elevada três ou cinco centímetros no centro do aposento.

Wax colocou a moeda na mesa e a deslizou na direção de Steris.

— O que é isto? — perguntou ela.

— A moeda que aquele mendigo jogou em mim. Esses símbolos parecem similares aos que aparecem nas imagens que ReLuur fez.

Steris crispou os lábios. Depois, virou a moeda e olhou do outro lado.

— Um rosto com uma estaca em um olho. Isso significa alguma coisa?

— Não faço ideia — respondeu Wax. — Estou mais interessado em como aquele mendigo a conseguiu e em por que a jogou em mim. Tem que ser uma relíquia que ReLuur encontrou naquele templo. Será que ele pode tê-la perdido ou negociado com alguém na cidade?

Ele tamborilou com um dedo na mesa, agora certo de que aquele mendigo era algo mais do que fingia ser. Estava igualmente certo de que, se fosse caçá-lo agora, descobriria que o homem havia desaparecido.

Wax guardou a moeda.

— Temos que esperar que as respostas estejam em algum lugar neste salão. Supondo que Kelesina realmente esteja envolvida.

— Então é hora de trabalhar.

— Passei por ela lá atrás. Vamos lá?

— Ainda não. Está vendo aquele casal ali? O homem veste um colete castanho.

Wax olhou para onde ela indicava com a cabeça. O casal era jovem, bem-vestido e excessivamente confiante. Ótimo.

— Aquele é Lorde Gave Entrone — contou Steris. — Sua casa fez alguns pequenos negócios com a dele; ele lida com têxteis, o que pode lhe dar um pretexto para abordá-lo.

— Ouvi falar dele — disse Wax. — Uma vez, cortejei uma prima dele. Não deu certo.

— Bem, ele *também* está na lista que seu kandra louco fez, então pode saber alguma coisa. Ele é jovem, dinâmico e bem-visto, mas não incrivelmente importante, de modo que será uma boa opção para uma primeira tentativa.

— Certo — disse Wax, olhando Entrone, que reunira um grupo de várias jovens enquanto contava uma história que envolvia muita gesticulação. Respirou fundo. — Você fica no comando?

— Deveria ser você.

— Tem certeza? Não consigo deixar de achar que eu seria mais útil cavando túmulos com Marasi e Wayne, enquanto você parece estar à vontade aqui. Você é boa nessas coisas, Steris. Realmente é, e *não* me venha mais sua retórica sobre ser “tediosa”.

A expressão dela se tornou distante.

— Neste caso, não é que eu seja tediosa, é que... fico perdida. Aprendi a agir como alguém normal, mas comentários e piadas preparadas com antecedência só me permitem ir até certo ponto. As pessoas conseguem sentir que não estou sendo autêntica, que não gosto das coisas de que elas gostam e que não penso como elas. Às vezes me impressiona que pessoas como Wayne, ou mesmo aqueles kandra, consigam ser tão impressionantemente humanos enquanto eu me sinto tão diferente.

Wax desejou descobrir como impedi-la de dizer coisas como aquela. Ele não sabia as palavras certas; sempre que tentava discutir o assunto, só conseguia fazer com que ela se distanciasse.

Steris estendeu o braço. Ele o tomou, e juntos cruzaram o salão na direção de Lorde Gave e o pequeno grupo. Wax se preocupara com o modo como começaria a conversa, mas assim que chegou perto as pessoas que conversavam com Gave recuaram e abriram espaço para ele. Sua reputação e seu status aparentemente o precediam.

— Ora, Lorde Waxillium! — disse Gave, com um sorriso malicioso. — Fiquei *encantado* quando soube que você viria à nossa pequena reunião! Há anos queria conhecê-lo.

Wax anuiu para ele, para a acompanhante e para um casal com quem Lorde Gave estivera conversado. Esses dois não se retiraram.

— O que está achando de Nova Seran, milorde? — perguntou uma das damas.

— Parece muito inconveniente andar por ela — respondeu Wax. — Mas, afora isso, é agradável.

Eles riram, como se tivesse dito algo engraçado. Wax franziu a testa. O que tinha perdido?

— Temo que não encontrará muitas coisas que o interessem aqui — disse Gave. — Nova Seran é uma cidade calma.

— Ah, mas o que está dizendo, Lorde Gave? — disse o outro jovem. — Não passe uma imagem errada de nossa cidade. A vida noturna aqui é fantástica, Lorde Waxillum! E a sinfônica recebeu uma comenda de excelência de dois dos seus governadores anteriores.

— Sim, mas não há muitos tiroteios — acrescentou Gave.

Os outros o olharam sem entender.

— Fui um homem da lei — disse Wax. — Nas Terras Brutas.

— Um... — começou uma das damas. — Você supervisionava a delegacia de uma cidade?

— Não, ele era um *homem da lei de verdade* — esclareceu Gave. — Do tipo que monta a cavalo e atira em bandidos. Deveria ler os relatos. Fazem muito sucesso nos jornais de Elendel.

Os três outros o olharam com expressões perplexas.

— Que... diferente — disse uma das damas.

— Os relatos são exagerados — disse Steris rapidamente. — Lorde Waxillum só foi *diretamente* responsável pelas mortes de umas cem pessoas. A não ser que você inclua aquelas que morreram de infecção depois de baleadas por ele, mas ainda não estou certa de como contar essas.

— Era uma vida difícil — disse Wax, olhando para Gave, que sorria por trás de sua taça de vinho, com olhos cintilantes. Para um homem como ele, Wax e Steris evidentemente eram uma boa diversão. — Mas deixei isso para trás. Lorde Gave, eu queria lhe agradecer por nossos anos de negócios mutuamente lucrativos.

— Ah, não vamos falar de negócios, Lorde Waxillum! — disse Gave, fazendo um gesto com a taça. — Isto é uma *festa*.

Os outros riram. Mais uma vez, Wax não tinha ideia do motivo.

Maldição, pensou, encarando-os. *Eu estou enferrujado*. Ele reclamara, relutara, mas não esperara estar assim *tão* desajeitado.

Concentre-se. Gave sabia alguma coisa sobre os Braceletes da Perdição, ou pelo menos ReLuur pensara que sim.

— Tem algum passatempo, Lorde Gave? — perguntou Wax, recebendo uma anuência ansiosa de Steris.

— Nada digno de nota — disse Gave.

— Ele *adora* arqueologia! — disse sua acompanhante ao mesmo tempo, recebendo um olhar seco dele.

— Arqueologia! — reagiu Wax. — Isso é definitivamente digno de nota, Lorde Gave.

— Ele adora relíquias! — acrescentou a dama. — Passa horas na casa de leilões, arrematando tudo que...

— Eu gosto de *história* — interrompeu Gave. — Obras de arte de tempos passados me inspiram. Mas você, querida, está fazendo que eu soe como um desses cavalheiros aventureiros — disse ele, desprezando essa expressão. — Tenho certeza de que viu esse tipo de gente nas Terras Brutas, Lorde Waxillum. Homens que passaram a vida em sociedade, mas, de repente, decidiram partir em busca de algum tipo de emoção num lugar ao qual não pertencem.

Steris enrijeceu. Wax olhou com firmeza nos olhos do outro. O insulto, embora velado, era semelhante aos que ele sofrera na sociedade de Elendel.

— Melhor tentar algo novo do que desperdiçar a vida nas mesmas velhas atividades — retrucou Wax.

— Meu Lorde Waxillum! — insistiu Gave. — Desapontar a família não é *nada* original! As pessoas fazem isso desde os dias do Último Imperador.

Wax cerrou um punho ao lado do corpo. Ele estava acostumado a insultos, mas aquele o irritou. Talvez fosse por estar no limite ou talvez por sua preocupação com a irmã.

Conteve a raiva, sentindo Steris apertar seu braço, e tentou outra tática.

— Sua prima vai bem?

— Valette? Certamente. Estamos todos felizes com o casamento dela. Lamento que não tenha dado certo entre vocês, mas o homem que a cortejou depois de você era *medonho*. Quando títulos estão em jogo é sempre desagradável ver o que se esgueira para fora das brumas em busca de um osso.

Ele não olhou para Steris ao dizer isso. Não precisava. Aquele sorriso malicioso, tão satisfeito consigo mesmo enquanto bebericava seu vinho.

— Seu rato — rosnou Wax. — Seu rato frouxo ferrado.

Ele levou a mão à arma, que felizmente não estava lá.

Os outros três jovens nobres olharam para ele em choque. Gave sorriu de um modo petulante antes de adotar uma expressão de ultraje.

— Com licença — disse, puxando a acompanhante pelo braço e partindo. Os outros se apressaram atrás.

Wax suspirou, baixando o braço, ainda com raiva.

— Ele fez aquilo *deliberadamente* — murmurou. — Não fez? Queria uma desculpa para interromper a conversa, então me insultou. Quando isso não funcionou, soltou uma ofensa a você, sabendo que eu teria uma reação exagerada.

— Hum... — começou Steris. — Sim, você está certo.

Steris anuiu. Outras pessoas conversavam perto dali, mas haviam deixado um espaço livre ao redor de Wax e Steris.

— Desculpe-me — disse Wax. — Deixei que ele me irritasse.

— Por isso começamos por ele — disse Steris. — Foi um bom treino. E nós *de fato* descobrimos algo. O comentário sobre arqueologia chegou perto demais de algo que ele não queria discutir. Apelou para insultos velados para nos distrair.

Wax respirou fundo, afastando seu aborrecimento com toda aquela situação.

— E agora? Tentamos outra vez?

— Não — respondeu Steris, pensativa. — Não queremos que nossos alvos saibam que estamos abordando cada um intencionalmente. Se você interagir com uma pessoa não relacionada à investigação nos intervalos, será mais difícil identificar nosso padrão.

— Certo — concordou Wax, olhando ao redor do salão lotado enquanto o harpista se retirava e um conjunto completo, com metais, algo que nunca veria numa festa em Elendel, começava a preparar seus instrumentos no lugar.

Ele e Steris beberam seus drinques enquanto a música começava. Embora fosse lenta o bastante para encorajar uma dança com um parceiro, tinha um vigor que Wax não esperava. Descobriu que gostava bastante dela. Parecia ser capaz de eliminar sua frustração, transformá-la em algo mais animado.

— Por que não vai para lá agora? — sugeriu Steris, apontando com a cabeça para uma mulher mais velha e distinta, de cabelo grisalho preso em coque. — Aquela é Lady Felise Demoux, acompanhada do sobrinho. Você fez negócios com ela. É exatamente o tipo de pessoa que esperariam que você procurasse. Vá pegar novos drinques.

— Traga uma água com gás — disse Wax. — Vou precisar manter a mente clara para isto.

Steris anuiu, afastando-se em meio à multidão enquanto as pessoas iam para a pista de dança no centro do salão. Wax abordou Lady Demoux e apresentou-se com um cartão dado ao sobrinho. Depois pediu uma dança, que foi aceita.

Conversa fiada. Ele podia jogar conversa fora. *O que há de errado com você, Wax?*, pensou enquanto acompanhava Lady Demoux à pista de dança. *Você consegue interrogar um criminoso. Por que tem medo de uma simples conversa?*

Parte dele queria atribuir isso a uma simples preguiça. Mas essa era sua reação a tudo que não queria fazer, era uma desculpa. O que realmente sentia? Por que ele relutava tanto?

É porque são as regras deles. Se eu as seguir, estarei aceitando os jogos deles. Parecia que ele estava aceitando a coleira que colocavam nele.

Ele se virou para erguer a mão para que Lady Demoux a tomasse. Contudo, ao fazer isso, uma mulher *diferente* se colocou no lugar e agarrou sua mão, puxando-o para a dança e para longe do perímetro. Ele ficou tão surpreso que deixou acontecer.

— Perdão? — disse Wax.

— Não há necessidade de desculpas — disse a mulher. — Só vou tomar um momento do seu tempo.

Ela parecia terrisana, a julgar pela pele escura, embora fosse mais escura que a maioria que já tinha visto. O cabelo estava preso em tranças apertadas, com toques grisalhos, e os lábios eram grossos e lascivos. Ela guiou a dança, fazendo com que ele tropeçasse.

— Você sabe que é um espécime muito raro — disse ela. — Esmagador: um Lançamoedas e um Depurador.

— Nenhum dos dois poderes é tão raro em termos de Nascidos do Metal — retrucou Wax.

— Ah, mas qualquer combinação de Duplonato é bastante rara. Brumosos são um em mil; ferumosos são ainda mais incomuns. E suas linhagens são limitadas. Chegar a qualquer combinação dos dois é altamente improvável. Você é um dos três Esmagadores já nascidos, Lorde Waxillium.

— O quê, sério?

— Não posso, claro, estar cem por cento certa desse número. A mortalidade infantil em Scadrial não é tão comum quanto em algumas regiões, mas ainda é chocantemente alta. Diga-me, você já tentou aumentar seu peso em pleno ar?

— Quem é você? — reagiu Wax, entrando na dança e tomando o controle, virando-a para a sua direita.

— Ninguém importante — respondeu ela.

— Meu tio mandou você?

— Tenho pouco interesse por sua política local, Lorde Waxillium — retrucou ela. — Se pudesse fazer a gentileza de responder às minhas perguntas, eu o deixaria em paz.

Eles giraram de acordo com a música. Dançavam mais rápido do que ele estava acostumado, embora os passos fossem familiares. A intromissão constante daqueles metais impelia a música, fazendo seus passos parecerem saltar. Por que ele mencionara o tio? Desajeitado.

— Já aumentei meu peso enquanto me movia — contou ele lentamente. — Não aconteceu nada. Todas as coisas caem à mesma velocidade, independentemente do peso que têm.

— Sim, a uniformidade da gravitação. Não é sobre isso que estou curiosa. E se você estiver disparando pelo ar num empurrão de aço e, de repente, tornar-se mais pesado? O que acontece?

— Eu desacelero. Estou tão mais pesado que é mais difícil me *empurrar* para a frente.

— Ah... — disse a mulher suavemente. — Então é verdade.

— O quê?

— A conservação de *momentum* — respondeu ela. — Lorde Waxillium, quando você estoca peso, está guardando massa ou mudando a capacidade do planeta de reconhecê-lo como algo a atrair? Há uma diferença? Sua resposta me dá uma pista. Se você *desacelera* quando se torna mais pesado no meio do voo, isso provavelmente não se deve a você ter dificuldade em *empurrar*, mas às leis da física.

Ela se afastou dele no meio da dança, soltando suas mãos e evitando outro casal, que olhou feio para eles por interferirem no fluxo da dança. Ela sacou um cartão e o deu a ele.

— Por favor, faça mais experiências nesse sentido e me avise. Obrigada. Agora, se eu puder descobrir por que não há desvio para o vermelho envolvido em bolhas de velocidade...

Com isso, ela saiu da pista, deixando-o atônito no meio da dança. De repente consciente de quantos olhares estava atraindo, ele ergueu o queixo e saiu lentamente da pista, encontrando Lady Demoux e desculpando-se demoradamente pela interrupção. Ela permitiu que ele tivesse a dança seguinte, que se passou sem incidentes, a não ser por Wax ter sido obrigado a ouvir uma longa descrição dos cães premiados de Lady Demoux.

Isso terminado, ele tentou encontrar a estranha mulher de tranças, chegando mesmo a abordar o porteiro e perguntar por ela. O cartão trazia um endereço em Elendel, mas sem nome.

O porteiro alegou não ter recebido ninguém com aquela descrição, o que deixou Wax ainda mais perturbado. Seu tio *estava* tentando criar alomânticos. Uma mulher perguntando especificidades sobre poderes alomânticos não podia ser coincidência, podia?

Ele passou por MeLaan. Com queixo quadrado, mais de um metro e oitenta de altura e músculos inchados sob o smoking, ela atraía um grupo de jovens interessadas. Piscou para Wax quando passou, mas ele não respondeu.

Steris esperava por ele com um drinque na mesa, onde folheava páginas de seu caderno e murmurava. Enquanto se aproximava, Wax notou um jovem tentando iniciar uma conversa com ela, que o dispensou agitando os dedos e nem sequer erguendo os olhos. O homem, frustrado, foi embora.

Wax chegou à mesa.

— Não está interessada em dançar?

— Qual seria o objetivo? — devolveu ela.

— Bem, estou dançando, então talvez você também pudesse.

— Você é o lorde de sua casa — disse Steris, ausente, ainda lendo. — Tem obrigações políticas e econômicas. Qualquer um que faça o mesmo comigo estará simplesmente tentando chegar a você, algo para o qual não tenho tempo.

— Ou isso ou ele a achou bonita — retrucou Wax.

Steris ergueu os olhos das anotações e inclinou a cabeça de lado, como se a ideia nem ao menos tivesse lhe ocorrido.

— Estou noiva.

— Somos novos aqui e, em grande medida, desconhecidos, a não ser por aqueles que prestam atenção nos jogos políticos de Elendel. O sujeito provavelmente não sabia quem você era.

Steris piscou marcadamente. Ela parecia *perturbada* com a ideia de que algum desconhecido pudesse achá-la atraente. Wax sorriu, estendendo a mão na direção da taça que ela pegara para ele.

— O que é isto?

— Soda — disse ela.

Ele a ergueu a luz.

— É *amarela*.

— É a grande moda aqui, aparentemente — explicou Steris. — Sabor limão.

Wax tomou um gole e quase engasgou.

— O quê? — perguntou Steris, alarmada. — Veneno?

— Açúcar — respondeu Wax. — Umas sete xícaras.

Steris tomou um gole e recuou.

— Que estranho. É como champanhe, só que... não.

Wax balançou a cabeça. O que havia de errado com as pessoas daquela cidade?

— Escolhi o nosso próximo alvo — disse Steris, apontando para um homem que estava do outro lado do salão, apoiado num arco perto de aquários com peixes exóticos. Na casa dos trinta anos, ele usava o paletó desabotoado, com uma espécie de desleixo intencional. Às vezes, alguém se aproximava e conversava com ele por pouco tempo, voltando para a multidão.

— Estão levando informações a ele? — perguntou Wax.

— Devlin Airs — disse Steris, anuindo. — Informante. Você encontrará esse tipo em qualquer festa. É uma das pessoas menos importantes no salão ou uma das mais importantes, dependendo dos segredos que você está interessado em descobrir. Também estava na lista de ReLuur.

Wax estudou o homem por algum tempo, e, quando voltou a olhar para Steris, metade de sua bebida gasosa tinha sumido. Ela olhava de modo inocente na outra direção.

— Provavelmente será melhor se você abordá-lo sozinho. Esse tipo não gosta de plateia.

— Certo — disse Wax, respirando fundo.

— Você consegue fazer isso, Lorde Waxillium. — Ele fez que sim com a cabeça. — Falo sério — disse Steris, pousando a mão na dele. — Lorde Waxillium, isto é exatamente o que fez nos últimos vinte anos nas Terras Brutas.

— Lá eu podia atirar nas pessoas, Steris.

— Podia mesmo? Era assim que você resolvia as coisas? Não conseguia respostas e simplesmente atirava nas pessoas?

— Bem, eu normalmente apenas as socava.

Ela ergueu uma sobrancelha para ele.

— Para ser sincero, não, eu não precisava atirar nem socar com tanta frequência. Mas as regras *eram* diferentes. Que inferno, eu podia *fazer* as regras caso precisasse.

— O mesmo acontece aqui — disse Steris. — Essas pessoas sabem coisas que você precisa descobrir. Você precisa enganá-las ou negociar com elas. Como você sempre fez.

— Talvez você esteja certa.

— Obrigada. Ademais, quem sabe? Talvez ele saque uma faca e você tenha uma desculpa para socá-lo.

— Não me dê esperanças — disse ele. Depois, anuiu e atravessou o salão.

Os portões do Novo Cemitério Distrital de Seran continham no topo uma estátua agachada do Sobrevivente, com os braços com cicatrizes bem abertos e agarrando o arco de metal trabalhado dos dois lados. Marasi se sentiu apequenada pela grandiosa intensidade da estátua: tiras da capa feita de bronze se estendiam atrás dele e o rosto metálico olhava para baixo, vendo todos que entravam. Uma lança cravada em suas costas perfurava a frente de seu peito, a ponta polida emergindo trinta centímetros abaixo do centro do arco.

Quando ela e Wayne passaram abaixo da estátua, Marasi sentiu como se pudesse pingar sobre ela. Estremeceu, mas não reduziu o passo. Recusava-se a ser intimidada pelo olhar raivoso do Sobrevivente. Ela fora criada como sobrevivencialista, então as imagens horrendas associadas a essa religião lhe eram familiares.

Era apenas que a postura do Sobrevivente sempre parecia exigente demais. Era como se ele *quisesse* que as pessoas reconhecessem a contradição de sua religião. Ele determinava que sobrevivessem, mas as imagens de morte associadas a ele eram um lembrete cruel de que acabariam fracassando nessa missão. Portanto, o sobrevivencialismo não era sobre vencer, mas sobre durar o mais que pudesse antes de perder.

O próprio Sobrevivente, claro, quebrara as regras. Sempre. A doutrina explicava que ele não estava morto, mas sobrevivendo e planejando retornar no momento de maior necessidade. Mas se o fim do mundo em que viveu não fora suficiente para que ele retornasse em glória, então o que *poderia* ser?

Eles percorreram o cemitério, procurando a residência do coveiro. A noite caíra, e as brumas tinham decidido sair. Ela tentou não considerar isso algum tipo de sinal, mas *de fato* fazia o lugar parecer mais assustador. Lápides e estátuas eram lançadas nas sombras pelas brumas que rodopiavam. Certas noites, ela achava as brumas brincalhonas. Naquela noite, seus movimentos imprevisíveis pareciam mais uma multidão de espíritos se mexendo observando ela e Wayne, com raiva de sua invasão.

Wayne começou a assoviar. Isso fez outro arrepio subir pela coluna de Marasi. Felizmente, a casa do coveiro já estava a uma pequena distância, e ela podia ver suas luzes criando uma bolha amarela nas brumas.

Ficou perto de Wayne, *não* porque se sentisse mais confortável com ele ao seu lado.

— Nosso alvo é um homem chamado Dechamp — disse ela. — Deve ser o coveiro do turno da noite. Os registros no livro-caixa mostram que vem tendo um aumento de renda constante. Ele certamente é um ladrão de túmulos. De fato, este cemitério revelou a maior frequência de roubos, e os livros-caixa o apontam como o lugar pago pela prefeitura para cuidar de corpos não identificados. Estou razoavelmente certa de que os restos do kandra terminaram aqui. Só precisamos encontrar esse homem e fazer com que ele cave para nós.

Wayne assentiu.

— Não vai ser como foi com o funcionário do banco — avisou Marasi. — Que relutou, mas acabou ajudando.

— Mesmo? — reagiu Wayne. — Porque achei que ele foi meio que um...

— Concentre-se, Wayne. Teremos que usar toda a força da lei aqui para obrigar esse homem. Desconfio que teremos que oferecer clemência para fazer com que nos ajude.

— Espere, espere — disse Wayne, parando no caminho, entre tentáculos de bruma se enrolando ao redor de sua cabeça. — Você vai mostrar suas coisas para ele *também*?

— Eu realmente gostaria que você não formulasse a frase desse modo.

— Escute, você estava certa sobre o funcionário do banco — disse Wayne suavemente. — Fez um

ótimo trabalho lá, Marasi, e não me orgulho muito de admitir isso. Mas a autoridade funciona de um jeito diferente aqui no mundo dos homens comuns. Se mostrar suas credenciais para esse sujeito, garanto que ele vai reagir como um coelho: encontrará o buraco mais próximo, se meterá nele e não dirá uma palavra.

— Boas técnicas de interrogatório podem...

— Elas não adiantam nada se você estiver com pressa, e nós estamos — retrucou Wayne. — Vou fincar pé quanto a isso — disse. Depois, hesitou. — Aliás, já roubei as suas credenciais.

— Você...

Ela vasculhou a bolsa e descobriu que a pequena lâmina gravada que continha suas credenciais de policial havia sumido, substituída pela garrafinha vazia do conhaque de Syles.

— Ah, por favor. Isto não vale *nem de longe* o mesmo que aquelas credenciais.

— Eu sei que lhe ofereci um bom negócio — insistiu Wayne. — Porque o seu é só um pedaço de metal inútil, que é quanto ele valeria neste cemitério.

— Você *vai* me devolver as credenciais quando tivermos terminado.

— Claro. Se você encher aquela garrafa em troca.

— Mas você disse...

— Taxa de conveniência — retrucou Wayne. Depois, encarou a trilha até a residência do coveiro. Tirou a cartola e pisou nela.

Marasi recuou, levando a mão ao peito enquanto Wayne esmagava o chapéu sob o calcanhar, erguia-o e virava-o pelo avesso. Finalmente, depois de examiná-lo criticamente, sacou uma faca de seu cinto e abriu um buraco na lateral do chapéu. Livrou-se do sobretudo e cortou uma faixa dos suspensórios.

Quando a cartola voltou para a cabeça, ele parecia um vagabundo. Claro que ele sempre estava a um passo *disso*, mas ainda era surpreendente quanta diferença duas pequenas mudanças podiam produzir. Ele girou a faca na mão e estudou Marasi com um olhar crítico. O sol se pusera completamente, mas, com a luz da cidade, uma noite com brumas era mais clara que uma sem.

— O quê? — perguntou Marasi, desconfortável.

— Você parece elegante demais — respondeu Wayne.

Marasi olhou para si mesma. Usava um vestido simples azul-celeste que ia até a metade das canelas, com mangas e colarinho rendados.

— Isto é bastante comum, Wayne.

— Não para o que vamos fazer.

— Posso ser sua patroa ou algo assim.

— Homens como esse não contam nada se houver alguém respeitável por perto.

Ele girou a faca na mão e a esticou na direção do peito dela.

— Wayne! — disse ela.

— Não seja tão rígida. Você quer que isso seja bem-feito, certo?

Ela suspirou.

— Não se anime demais.

— Preferiria me animar com um leão, Mara. Isso, sim, eu gostaria.

Ele cortou a renda fosca do corpete, deixando-a com um decote fundo. As mangas foram as próximas, reduzidas em bons trinta centímetros até acima do cotovelo. Tirou a renda que havia ali e amarrou-a como uma fita ao redor do vestido, logo abaixo dos seios, apertando-a nas costas. Isso ergueu e projetou

os seios pra fora de um modo decididamente escandaloso.

A seguir, fez alguns cortes na saia antes de esfregar terra na parte de baixo. Recuou, tamborilando na bochecha, pensativo, e depois meneou a cabeça.

Marasi baixou os olhos, inspecionando o trabalho dele, e ficou realmente impressionada. Além de ampliar o busto, ele cortara trechos ao longo das costuras, puxando fios, e o efeito não era de um vestido *destruído*, mas *usado*.

— Todos olham primeiramente para o peito — disse Wayne. — Mesmo as mulheres, o que é meio estranho, mas é assim que é. Deste modo, ninguém ligará se a sujeira parece recente demais e o resto do vestido não está devidamente envelhecido.

— Wayne, estou chocada — disse ela. — Você é uma *excelente* costureira.

— É divertido brincar com roupas. Não há motivo para que isso não possa ser masculino — disse enquanto seus olhos pousavam no peito dela.

— Wayne.

— Desculpe, desculpe. Só estou entrando no personagem, sabe?

Ele acenou para que ela o seguisse e avançaram pela trilha. Enquanto faziam isso, Marasi se deu conta de algo.

Não estava enrubescendo.

Bem, isso é uma novidade, pensou, sentindo-se estranhamente confiante.

— Tente não abrir muito a boca — aconselhou Wayne enquanto se aproximavam da cabana. — Porque você normalmente soa esperta demais.

— Verei o que posso fazer.

Ele arrancou um galho de árvore no caminho, girou-o nos dedos e depois o baixou à sua frente como uma bengala retorcida. Eles se aproximaram da construção iluminada: uma pequena estrutura com telhado de palha e com algumas estátuas gastas de espectros das brumas se erguendo do pátio coberto de musgo. As estátuas, na forma de esqueletos com a pele colada sobre os crânios, eram tradicionalmente conhecidas por afastar as coisas reais, já que espectros das brumas podiam ser muito territoriais. Marasi suspeitava que as criaturas conseguiam ver a diferença entre membros verdadeiros de sua espécie e aqueles feitos de pedra, mas, claro, os cientistas alegavam que, para começo de conversa, os espectros das brumas não haviam sequer sobrevivido ao Catacandro. Então a questão provavelmente não fazia sentido.

Um homenzinho ensebado, com rabo de cavalo louro, assoviava sozinho ao lado da cabana, amolando sua pá com uma pedra. *Quem amola uma pá?*, pensou Marasi enquanto Wayne se apresentava, de peito estufado, bengala improvisada à frente do corpo como se fosse algum convidado importante de um baile.

— E você é aquele que chamam de Dezchamp? — perguntou Wayne.

— Dechamp — disse o homem, erguendo os olhos preguiçosamente. — Ora, ora. Deixei o portão aberto de novo? Deveria fechar aquela coisa toda noite. Vou ter que pedir que deixe o cemitério, senhor.

— Então sairei — disse Wayne, apontando com sua bengala, mas não se movendo. — Mas antes de ir gostaria de torná-lo ciente de uma proposta especial de negócio entre você e eu.

Wayne tinha exagerado seu sotaque até um ponto em que Marasi tinha que prestar muita atenção para entender o que estava dizendo. Além disso, havia um ritmo mais *staccato*. Sílabas mais reforçadas, frases mais fluidas. Ela se deu conta de que era muito parecido com o sotaque que o coveiro tinha.

— Sou um homem honesto, sou sim — disse Dechamp, deslizando a pedra de amolar ao longo da pá.

— Não tenho negócios a discutir, especialmente não a essa hora da noite.

— Ah, ouvi falar de sua honestidade — disse Wayne, inclinando-se para trás sobre os calcanhares, mãos na bengala à frente. — Ouvi falar de uma rua à outra. Todos estão falando da sua honestidade, Dechamp. É um assunto de *marcado* interesse.

— Se todos estão falando tanto, então você deve saber que eu já tenho muita gente com quem partilhar minha honestidade — retrucou Dechamp. — Eu estou... lucrativamente contratado.

— Isso não tem qualquer importância para nosso negócio.

— Acho que pode ter.

— Veja, não tem, por eu precisar de apenas um pequeno item especial, que ninguém mais acharia de interesse.

Dechamp avaliou Wayne de cima a baixo. Depois, encarou Marasi, e seus olhos se detiveram, como Wayne dissera que se deteriam. Finalmente, Dechamp sorriu e se levantou, chamando na direção da cabana.

— Garoto? Garoto!

Uma criança saiu para as brumas, com os olhos remelentos, vestindo avental e calças sujos.

— Senhor?

— Seja gentil e faça uma ronda na área — disse Dechamp. — Garanta que não sejamos perturbados.

O garoto ficou de olhos arregalados, assentiu e saiu para as brumas. Dechamp pousou a pá no ombro, embolsando a pedra de amolar.

— Agora, como posso chamá-lo, meu bom senhor?

— Sr. Moedas servirá — disse Wayne. — E eu o chamarei de Sr. Esperto, pela decisão que acabou de tomar aqui e agora.

Ele estava mudando o sotaque. Era sutil, mas Marasi notara.

— Nada está acertado ainda — disse Dechamp. — Eu apenas gosto de dar algum exercício ao garoto de vez em quando. Mantém sua saúde.

— Claro — respondeu Wayne. — E entendo perfeitamente que nada foi prometido. Mas lhe digo que esta coisa que eu quero... *Ninguém* mais lhe dará um clipe por ela.

— Se é assim, por que está tão interessado nela?

— Valor sentimental — respondeu Wayne. — Pertenceu a um amigo, e foi realmente duro para ele se separar dela.

Marasi bufou de surpresa com aquilo, chamando a atenção de Dechamp.

— Você é o tal “amigo”?

— *Não falo skaa* — disse ela na antiga linguagem terrisana. — *Poderia talvez falar em terrisano, por favor?*

Wayne piscou para ela.

— Não adianta, Dechamp. Não consigo fazer com que ela fale direito, não importa o quanto tente. Mas ela é boa de olhar, não é?

Ele fez que sim, lentamente.

— Se esse item estiver sob meus cuidados atentos, onde poderia ser encontrado?

— Houve um trágico acidente na cidade há algumas semanas — disse Wayne. — Explosivos. Pessoas mortas. Ouvi dizer que trouxeram os pedaços para você.

— Bilmy cuida do turno do dia — disse Dechamp. — Ele os trouxe. Aqueles que não foram reclamados foram colocados numa bela covinha. Eram principalmente mendigos e putas.

— E que não mereciam a morte — disse Wayne, tirando o chapéu e colocando-o sobre o peito. — Vamos vê-los.

— Você quer ir *agora*?

— Se isso não for dar trabalho demais.

— Não é muito trabalho, Sr. Moedas, mas é melhor que seu nome corresponda às suas intenções — disse Dechamp.

Wayne prontamente sacou algumas notas e acenou com elas. Dechamp as pegou, cheirou-as por alguma razão e as enfiou no bolso.

— Bem, não são moedas, mas servirão. Então vamos.

Ele pegou uma lamparina a óleo e os guiou pelas brumas.

— Você mudou seu sotaque — sussurrou Marasi para Wayne enquanto seguiam a uma pequena distância.

— Eu o envelheci ligeiramente — explicou Wayne. — Usei o sotaque de uma geração anterior.

— Há uma diferença?

Ele pareceu chocado.

— *Claro* que há, mulher. Isso fez com que eu soasse mais velho, como os pais dele. Mais autoridade — disse, balançando a cabeça, como se não conseguisse acreditar que ela pudesse ter perguntado aquilo.

A lamparina de Dechamp refletia nas brumas enquanto andavam, e isso, na verdade, tornava mais difícil enxergar na noite, mas ele provavelmente precisaria dela ao cavar. A luz pouco servia para dissipar o desconforto das lápides intercaladas por eventuais estátuas retorcidas de espectros das brumas. Logicamente, ela entendia por que a tradição teria surgido. Se havia um lugar de onde se queria manter carniceiros afastados era um cemitério. Só que aquele lugar tinha seu próprio grupo de carniceiros humanos, então as estátuas não estavam funcionando.

— Olhe, sei que você sabe que eu *sou* um homem honesto — disse Dechamp, e Wayne se aproximou para escutar.

— Claro — disse.

— Mas também sou um homem econômico.

— Não somos todos? — respondeu Wayne. — Nunca compro a cerveja cara, mesmo quando é a última chamada e o bartender cobra a metade do preço para esvaziar o barril.

— Então você é como eu — disse Dechamp. — Econômico. Que sentido faz deixar que as coisas apodreçam e se percam? O Sobrevivente não desperdiçava nada útil.

— A não ser nobres — disse Wayne. — Desperdiçou um bom número deles.

— Não foi desperdício — disse Dechamp, rindo. — Isso foi um *teste de armas*. É preciso garantir que suas facas funcionam.

— De fato — disse Wayne. — Às vezes, o lado afiado da minha faca precisa de *muitos* testes. Para ter certeza de que não vai falhar no meio de um bom assassinato.

Eles riram juntos, e Marasi balançou a cabeça. Wayne estava em seu hábitat: ele podia falar sobre esfaquear pessoas ricas o dia inteiro. Não importava que agora ele fosse mais rico que a maioria dos moradores de Elendel.

Ela não queria muito escutá-los enquanto continuavam a rir e brincar, mas infelizmente também não queria ficar longe demais naquela escuridão. Sim, as brumas deveriam pertencer ao Sobrevivente, mas, *ferrugem*, uma a cada duas lápides parecia cambalear na sua direção.

O coveiro finalmente parou diante de uma cova recém-coberta escondida atrás de alguns mausoléus maiores. Não estava identificada, a não ser pelo sinal da lança, esculpido em pedra e cravado na terra. Perto, algumas outras covas novas, ainda abertas, esperavam cadáveres.

— É melhor sentar — disse Dechamp, erguendo a pá. — Isso será rápido, já que a cova é recente, mas não *tão* rápido. E você poderia dizer à dama para olhar para o outro lado. Não há como saber que pedaços posso jogar para cima.

— Sentar... — disse Wayne, olhando o campo de lápides ao redor. — Onde, meu bom homem?

— Qualquer lugar — respondeu Dechamp, começando a cavar. — Eles não ligam. Esse é o lema de um coveiro, sabe? Apenas se lembre de que eles não ligam...

E começou a cavar.



Tenho que aceitar as regras deles, pensou Wax, cruzando o salão até o informante. Eles são diferentes, não importa o que Steris diga. Mas eu de fato os conheço.

Ele decidira permanecer na Bacia e fazer o que pudesse ali. Vira os perigos que existiam nas ruas de Elendel e trabalhara para lutar contra eles. Mas esses ferimentos eram menores: era como fazer um curativo num corte enquanto a podridão subia pelo braço.

Caçar os comparsas menores do Grupo... Eles provavelmente *queriam* que Waxillium fizesse essas coisas. Se ele ia proteger as pessoas, teria que buscar alvos mais importantes. Isso significava não só manter a calma como dançar e ser gentil. Significava fazer todas as coisas que seus pais, e até mesmo seu tio, haviam tentado lhe ensinar.

Wax parou perto da alcova que Devlin ocupava. O informante observava um aquário próximo, que estava abaixo de uma representação de Tindwyl, Mãe de Terris, encarapitada nas muralhas em sua última luta contra as trevas. No aquário, pequenos polvos se moviam apoiados no vidro.

Após um momento de espera, o informante fez um gesto de cabeça na sua direção. Wax se aproximou e pousou o braço sobre o vidro do aquário ao lado de Devlin, um homem baixo e bonito, com vestígios de pelos acima dos lábios e no queixo.

— Eu esperava que você fosse arrogante — comentou Devlin.

— O que o leva a pensar que não sou?

— Você esperou — respondeu Devlin.

— Um homem arrogante ainda pode ser educado — retorquiu Wax.

Devlin sorriu.

— Suponho que sim, Lorde Waxillium.

Um dos pequenos polvos capturou com os tentáculos um peixe e se soltou da lateral do aquário, segurando o peixe que se contorcia e puxando-o na direção do bico.

— Eles não os alimentam durante mais ou menos uma semana antes de uma festa — comentou Devlin.

— Gostam do espetáculo que oferecem.

— Brutal — disse Wax.

— Lady Kelesina se vê como uma predadora, e todos nós somos seus peixes, convidados a nadar e talvez ser consumidos — disse Devlin, e sorriu. — Claro que ela não vê que também está numa gaiola.

— Você sabe algo sobre essa gaiola? — perguntou Wax.

— É a gaiola na qual todos nós estamos, Lorde Waxillium! Essa Bacia que Harmonia criou para nós. Tão perfeita, tão *exuberante*. Ninguém vai embora.

— Eu fui.

— Para as Terras Brutas — disse Devlin, com desdém. — O que há *além* delas, Waxillium? Além dos

desertos? Além dos mares? Ninguém se importa.

— Já ouvi essa pergunta antes.

— E alguém ofereceu o dinheiro necessário para descobrir as respostas?

Wax balançou a cabeça.

— As pessoas podem fazer perguntas, mas se não há dinheiro, não há respostas — disse Devlin.

Wax se viu rindo, ao que Devlin respondeu com um gesto modesto de cabeça. Tinha sido um modo sutil de mostrar que precisava ser pago para dar informações. Estranhamente, a despeito da cobrança imediata, e um tanto grosseira, Wax se sentiu mais à vontade ali do que estivera com Lorde Gave.

Ele enfiou a mão no bolso e estendeu a moeda estranha.

— Dinheiro — disse ele. — Tenho interesse em dinheiro.

Devlin pegou a moeda e ergueu uma sobrancelha.

— Se alguém pudesse me dizer como gastar isso, eu ficaria rico — comentou Wax. — De fato, todos ficaríamos.

Devlin a virou nos dedos.

— Embora eu nunca tenha visto esta imagem, moedas como esta têm circulado com alguma regularidade em leilões de antiguidades do mercado negro. Não entendo por quê. Não há razão para que sejam mantidas em segredo e não seria ilegal vendê-las abertamente — disse ele, jogando a moeda de volta para Wax.

Ele a pegou, surpreso.

— Você não esperava que eu respondesse tão francamente — comentou Devlin. — Por que as pessoas fazem perguntas se não esperam respostas?

— Sabe algo mais? — perguntou Wax.

— Gave comprou algumas, mas depois parou, e as peças que comprou não estão mais expostas em sua casa.

Wax anuiu, pensativo. Depois, enfiou a mão no bolso em busca de algum dinheiro para o informante.

— Não aqui — disse Devlin, revirando os olhos. — Cem. Mande uma ordem de transferência para seu banco e faça com que depositem na minha conta.

— Você confiaria em mim? — perguntou Wax.

— Lorde Waxillium, é meu *trabalho* saber em quem confiar.

— Então será feito. Supondo que tenha um pouco mais para mim.

— O que quer que esteja sendo encoberto, um quarto da nobreza da cidade está envolvido — disse Devlin, olhando novamente para o aquário. — Primeiramente, fiquei curioso, mas agora estou aterrorizado. Envolve um enorme projeto de construção a nordeste daqui.

— Que tipo de construção? — perguntou Wax.

— Não há como saber — respondeu Devlin. — Alguns fazendeiros viram alguma coisa. Alegaram que alomânticos estavam envolvidos. A notícia morreu antes de chegar aqui. Esmagada. Sufocada. Tudo tem estado estranho em Nova Seran. Primeiro, um assassino das Terras Brutas atacando as casas de Nascidos do Metal ricos, depois *you* vem a uma festa.

— Esse projeto a nordeste daqui... Alomânticos? — insistiu Wax.

— Não tenho mais nada sobre isso — disse Devlin. Ele bateu no aquário, tentando assustar um dos pequenos polvos.

— E sobre a explosão há algumas semanas? — perguntou Wax. — Na cidade?

— Um ataque desse assassino das Terras Brutas, dizem.

— Você acredita?

— Não matou nenhum Nascido do Metal — disse Devlin.

Não que você saiba, pensou Wax. Como a Hemalurgia se encaixava nisso tudo?

Devlin se levantou e anuiu para Wax, estendendo a mão em despedida.

— Só isso? — perguntou Wax.

— Sim.

— Preço alto para tão pouco — disse Wax, tomando a mão dele.

Devlin se inclinou para a frente, falando com suavidade:

— Então vou lhe dar um pouco mais. Isso em que você está envolvido é perigoso, mais do que você imagina. Vá embora. É o que estou fazendo.

— Não posso — respondeu Wax enquanto Devlin recuava.

— Eu o conheço, homem da lei. E posso lhe dizer que não precisa se preocupar com o grupo que você persegue. Eles não serão um perigo por décadas, talvez séculos. Você está ignorando uma ameaça maior.

— Que seria?

— O resto das pessoas neste salão, aquelas não envolvidas em sua pequena conspiração, aquelas que se preocupam apenas com o modo como suas cidades são tratadas.

— Perdão, mas elas não me parecem nem de longe oferecer o mesmo grau de perigo.

— Então você não está prestando atenção — disse Devlin. — Pessoalmente, estou curioso para descobrir quantas vidas a primeira guerra civil da Bacia custará. Boa noite, Lorde Ladrian.

Ele foi embora, estalando o dedo enquanto passava por algumas pessoas. Uma delas se apressou em segui-lo.

Wax se viu rosnando de leve. Primeiro, a mulher durante a dança, agora aquele sujeito. Wax se sentiu como se estivesse sendo sacudido na ponta de uma corda. O que ele havia descoberto? A confirmação de que artefatos estavam sendo vendidos? Então alguém mais encontrara o lugar que ReLuur registrara num evanotipo?

Um projeto de construção, pensou Wax. *Alomânticos*.

Guerra civil.

Sentindo frio, Wax moveu-se em meio à multidão. Contornou um grupo de pessoas, notando que Steris não estava em sua mesa, embora tivesse terminado sua taça de soda. Virou-se, procurando por ela.

Isso o deixou inesperadamente cara a cara com uma mulher majestosa, de cabelo preso em coque e um anel em cada dedo.

— Ora, Lorde Waxillium — disse Kelesina, acenando para que seus acompanhantes se retirassem, deixando-a sozinha com Wax. — Eu esperava ter uma chance de falar com você.

Ele imediatamente sentiu uma pontada de pânico, algo que ele baleou na cabeça e afundou num lago. *Não* seria intimidado por um dos lacaios do Grupo, não importava quão rico ou influente fosse.

— Lady Shores — disse, tomando sua mão e apertando-a em vez de beijá-la. Podia não estar nas Terras Brutas, mas não pretendia tirar os olhos do inimigo.

— Espero que esteja aproveitando a festa — disse ela. — Faremos o discurso principal daqui a mais ou menos meia hora; talvez o ache importante. Convidamos o prefeito de Bilming para falar. Vou

conseguir uma transcrição para que possa levar ao seu governador plebeu, para que não precise se preocupar em memorizar os detalhes.

— Muito gentil de sua parte.

— Eu... — começou ela.

Ferrugem! Ele estava *cansado* de deixar que as outras pessoas conduzissem a conversa naquela noite.

— Viu Lorde Gave? — interrompeu Wax. — Eu o insultei acidentalmente mais cedo. Gostaria de me redimir.

— Gave? — reagiu Kelesina. — Não se preocupe com ele, Waxillium. Ele não vale o aborrecimento.

— Ainda assim, me sinto como se tivesse blocos de concreto nos pés e tentasse dançar! Cada passo que dou, esmago os dedos de *alguém*. Ferrugem! Eu esperava que as pessoas aqui não fossem tão sensíveis quanto são em Elendel.

Ela sorriu. As palavras pareceram relaxá-la, como se ouvisse dele exatamente o que esperava.

Use isso a seu favor, disse Wax a si mesmo. Mas como? Aquela mulher tinha décadas de experiência em círculos sociais. Steris podia opinar o quanto quisesse sobre suas virtudes, mas ele passara anos treinando sua mira, não indo a festas. Como poderia esperar estar à altura daquelas pessoas no jogo delas?

— Lamento que não tenha trazido o seu parceiro — comentou Kelesina.

— Wayne? — reagiu Wax, verdadeiramente incrédulo.

— Sim. Recebi cartas de amigos de Elendel que o mencionavam. Parece tão exuberante!

— É um modo de descrevê-lo — disse Wax. — Com seu perdão, Lady Kelesina, mas eu preferiria trazer meu *cavalo* a uma festa. Ele se comporta melhor.

Ela riu.

— Você é encantador, Lorde Waxillium.

Aquela mulher era tão culpada quanto podia ser, e ele sabia disso. Podia sentir. Seu movimento seguinte foi feito por instinto. Tirou a moeda do bolso e a ergueu.

— Talvez possa me responder algo — disse, dando-se conta de que deixara um sotaque das Terras Brutas penetrar em sua voz. *Obrigado por isso, Wayne*. Recebi isto do lado de fora, por engano, creio. Perguntei a algumas pessoas aqui sobre essa moeda, e alguns convidados ficaram tão pálidos que pensei que haviam sido baleados.

Kelesina ficou paralisada.

— Pessoalmente, acho que isto tem a ver com aqueles boatos de que há algo acontecendo no nordeste — disse Wax, virando-a. — Uma grande escavação no solo, eu diria? Bem, imagino que isto tenha vindo de lá. Uma relíquia dos velhos tempos. Muito interessante, não?

— Não acredite nesses boatos, Lorde Waxillium — respondeu ela. — Depois que as histórias começaram a circular, as pessoas passaram a cunhar coisas como essa na cidade para vender aos crédulos.

— É mesmo? — reagiu Wax, tentando soar desapontado. — É uma pena. Realmente me pareceu interessante — falou, embolsando a moeda quando a banda começou outra canção. — Gostaria de uma dança?

— Na verdade, já prometi a próxima. Posso encontrá-lo mais tarde, Lorde Waxillium?

— Claro, claro — disse, fazendo uma medida de cabeça enquanto ela se retirava. Voltou à sua mesa,

vendo-a deslocar-se objetivamente em meio à multidão com movimentos assustados.

— Aquela era Lady *Kelesina*? — perguntou Steris, juntando-se a ele e segurando outra taça da bebida amarela e doce.

— Era — respondeu Wax.

— Eu não planejava falar com ela até depois do discurso — disse Steris, bufando. — Você acabou com todo o meu cronograma.

— Lamento.

— Isso terá que servir. O que descobriu com ela?

— Nada — disse Wax, ainda observando Lady Kelesina, que se encontrou com alguns homens de terno ali perto. Mantinha uma expressão calma, mas o modo seco como se movia... Sim, certamente estava agitada. — Conteí a ela o que tinha descoberto.

— Você *o quê*?

— Dei uma dica de que estava atrás deles, embora tenha tentado parecer idiota. Não sei se ela caiu. Wayne é muito melhor do que eu nisso. Ele tem talento, sabe?

— Então você arruinou tudo?

— Talvez. Mas é o que eu teria feito nas Terras Brutas se estivesse confrontando um criminoso e não tivesse evidências. Deixaria escapar que desconfiava dele e veria para onde ele iria.

Lady Kelesina escapou do salão, deixando um dos homens ao seu redor para oferecer desculpas. Wax quase podia ouvi-los. *A senhora tem uma questão urgente para resolver. Voltará em breve.*

Steris acompanhou o olhar dele.

— Aposto dez notas que ela vai entrar em contato com Elegante e avisá-lo de que estou atrás deles — disse Wax.

— Ah — disse Steris.

Ele anuiu.

— Vi que não poderia superá-la na conversa, por mais que tentasse, mas ela não está acostumada a ser perseguida pela lei. Vai cometer erros simples, aqueles que mesmo um ladrão de diligências novato nunca cometeria.

— Teremos que segui-la de algum modo.

— Esse é o plano — disse Wax, tamborilando na mesa com os dedos. — Posso ter que começar uma briga e ser colocado para fora.

— Lorde Waxillium! — disse Steris. Ela começou a procurar algo na bolsa.

— Me desculpe. Estou com dificuldade de pensar em outras alternativas — falou. Era um plano ruim. Ser colocado para fora provavelmente alertaria Kelesina. — Precisamos de uma distração, uma desculpa para partir. Algo crível, mas não desconcertante *demais*... O que é isso?

Steris tirara da bolsa um pequeno frasco.

— Xarope de ipeca e raiz salgada — explicou. — Para induzir o vômito.

Ele piscou, chocado.

— Mas por que você...

— Achei que eles poderiam tentar nos envenenar — disse Steris. — Embora fosse uma possibilidade pequena, era melhor estar preparada — concluiu, rindo, desconfortável.

Então, virou a coisa toda na boca.

Wax tentou segurar seu braço, mas era tarde demais. Observou horrorizado enquanto ela tampava o frasco e o enfiava na bolsa.

— Talvez você queira ficar fora do raio de alcance, por assim dizer.

— Mas... Steris! Você acabará se humilhando.

Ela fechou os olhos.

— Querido Lorde Waxillium, mais cedo você falou sobre o poder de não ligar para o que os outros pensam de você. Lembra?

— Sim.

— Bem, como vê — disse ela, abrindo os olhos e sorrindo. — Estou tentando praticar essa habilidade.

Então, começou a vomitar sobre a mesa.

A escavação continuava, e Marasi passava o tempo lendo as inscrições nas lápides. Wayne, por sua vez, acomodara-se num túmulo, apoiando as costas na pedra, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Enquanto ela passava para verificar o progresso, encontrou-o vasculhando o bolso. Um momento depois, sacou um *sanduíche* e começou a comer. Quando viu Marasi o encarando, estendeu-o, balançando para ver se ela queria uma mordida.

Nauseada, ela deu as costas a ele e buscou mais inscrições em túmulos. Aquela evidentemente era a área mais pobre do cemitério; as covas eram próximas e os marcos, pequenos e simples. As brumas passavam entre eles, enrolando-se nela quando se ajoelhou ao lado de uma lápide, limpou o musgo e leu a homenagem à criança enterrada lá. “Eliza Marin. 308–310. Ascenda e seja livre.”

O som constante da pá do coveiro a acompanhava enquanto se movia entre os túmulos. Logo estava longe demais da luz para identificar as inscrições. Suspirou, virou-se e descobriu alguém de pé nas brumas ali perto.

Levou um susto que praticamente a fez sair dos sapatos com um pulo, mas as brumas em movimento, e a postura firme demais da figura, revelaram que se tratava de uma estátua. Marasi se aproximou, franzindo a testa. Quem pagara para que uma estátua fosse colocada na área mais pobre do cemitério? Era antiga e já havia afundado mais de trinta centímetros com as constantes escavações na terra, ficando um pouco inclinada. Também era magistral, uma figura extraordinária esculpida em um belo mármore negro e com quase dois metros e meio de altura, resplandecente numa ampla capa de bruma.

Marasi a rodeou, e não ficou surpresa ao encontrar o rosto de uma figura feminina de cabelo curto e um rosto pequeno em forma de coração. A Guerreira Ascendente estava lá, instalada entre os túmulos dos pobres e esquecidos. Diferentemente da estátua de Kelsier, que se erguia acima daqueles que passavam sob seu olhar, aquela parecia prestes a decolar, uma perna erguida, olhos voltados para o céu.

— Durante anos eu quis ser você — sussurrou Marasi. — Suponho que todas as garotas queiram. Quem não iria querer depois de ouvir as histórias?

Ela chegara ao ponto de ingressar no clube feminino de tiro ao alvo, imaginando que, se não podia *empurrar* pedaços de metal, uma arma era o mais perto que chegaria.

— Você já foi insegura? — perguntou Marasi. — Ou sempre soube o que fazer? Você sentia inveja? Medo? Raiva?

Se Vin tinha sido uma pessoa comum em algum momento, as histórias e as canções haviam esquecido. Elas a proclamavam a Guerreira Ascendente, a mulher que matara o Senhor Soberano. Uma Nascida da Bruma e uma lenda que carregara o mundo nos braços enquanto Harmonia se preparava para a divindade.

Ela fora capaz de matar com um olhar, arrancar segredos que ninguém mais conhecia e combater sozinha exércitos de koloss enfurecidos.

Extraordinária em todos os sentidos. Provavelmente era algo bom, ou o mundo não teria sobrevivido à Guerra de Cinzas. Mas, ferrugem, ela deixara uma reputação infernal à altura da qual o resto das mulheres tentava estar.

Marasi deu as costas à estátua e atravessou o terreno molhado de volta até Wayne e Dechamp. Quando se aproximou, o coveiro saiu da sepultura e enfiou a pá na terra, tirando um frasco da mochila e tomando um longo gole.

Marasi olhou dentro da cova. Ele trabalhara bem. Já havia cavado mais de um metro de terra.

— Quer dividir isso com um colega? — perguntou Wayne a Dechamp, levantando-se.

Dechamp balançou a cabeça, atarraxando a tampa.

— Meus avós sempre disseram que eu nunca deveria dividir minha bebida com um homem que não tenha dividido a dele comigo.

— Mas desse modo ninguém dividirá sua bebida com ninguém!

— Não. Isso significa apenas que eu fico com o dobro — disse Dechamp. Apoiou a mão na pá, olhando para a cova. Sem o ritmo constante do seu trabalho, o cemitério estava silencioso.

Eles já deviam estar perto dos corpos. A parte seguinte seria desagradável: procurar entre os cadáveres um que estivesse em pedaços e verificar se continha uma estaca. Seu estômago revirou com a ideia. Wayne deu outra mordida no sanduíche, hesitou e inclinou a cabeça de lado.

Depois, agarrou Marasi sob o braço e levantou-a, jogando-a na cova. O impacto a deixou sem fôlego.

Um instante depois, tiros soaram.



Marasi engasgou quando Wayne deslizou para dentro da cova rasa, caindo bem em cima dela. Isso a deixou sem fôlego *novamente*.

Wayne grunhiu, e os tiros pararam pouco depois. Ainda tentando se recuperar, Marasi ergueu os olhos para o céu negro e as brumas que rodopiavam. Demorou um momento para se dar conta de que estavam congeladas.

— Bolha de velocidade? — perguntou.

— Sim — respondeu Wayne. Depois, grunhiu, virando-se de lado e colando as costas na parede de terra para não ficar deitado em cima dela. O ombro dele brilhava com algo molhado.

— Você foi atingido.

— Três vezes — contou ele, fazendo uma careta ao mexer a perna. — Não, quatro — falou, suspirando e dando uma mordida no sanduíche.

— Então...

— Preciso de um segundo — pediu.

Ela se virou na cova e espiou sobre a beirada de terra. Perto dali, Dechamp caía lentamente, como se mergulhado num xarope, no chão, sangue se espalhando de vários ferimentos a bala, gotas pairando no ar. O clarão de um disparo que morria na escuridão revelou a origem dos tiros: um grupo de silhuetas nas sombras e quase invisíveis. Balas zuniram pelas brumas, deixando trilhas.

— Como você soube? — perguntou ela.

— Os grilos se calaram — explicou Wayne. — Dechamp deve ter nos entregado. Aposto o chapéu de Wax que ele mandou o garoto chamar esses sujeitos.

— O Grupo esteve aqui primeiro — disse Marasi, com um peso no estômago.

— Sim.

Wayne examinou um dos buracos em sua camisa, enfiando o dedo para conferir que o ferimento havia fechado. Com a outra mão, enfiou o último pedaço do sanduíche na boca; a seguir, juntou-se a ela para espiar pela beirada da cova. Acima, uma bala se movendo lentamente atingiu o limite invisível da bolha de velocidade de Wayne. Em um piscar de olhos, disparou pelo ar menos de trinta centímetros acima da cabeça de Marasi antes de atingir o outro lado, onde desacelerou novamente.

Ela se encolheu com atraso. Qualquer coisa que entrasse numa bolha de velocidade sofria refração, mudando de trajetória. Embora fosse improvável que uma bala desviasse tão radicalmente a ponto de se dirigir para baixo e acertá-los, isso *era* possível. Além disso, a curvaliga de Wayne queimava extremamente rápido. Ele logo teria que desfazer a bolha.

— Plano? — perguntou Marasi.

— Não morrer.

— Algo mais detalhado que isso?

— Não morrer... hoje?

Ela olhou feio para ele. Duas outras balas zumbiram acima enquanto, fora da bolha de velocidade, o corpo de Dechamp tocava o chão.

— Temos que chegar mais perto deles — disse Wayne, tirando um de seus bastões de duelo dos passadores do cinto.

— Isso vai ser difícil — disse Marasi. — Acho que estão com medo de você.

— É? — perguntou Wayne, soando encorajado. — Você realmente acha?

— Eles estão descarregando munição suficiente para derrubar um pequeno exército — disse Marasi, encolhendo-se quando uma bala entrou na bolha de velocidade. — E abriram fogo embora Dechamp estivesse na mira da saraivada. Ainda que eu duvide que ele significasse muito para os outros, isso indica que estavam assustados o suficiente para não ousar desperdiçar um momento até que ele pulasse de volta na cova.

Wayne anuiu lentamente, sorrindo.

— Quem diria? Consegui uma *reputação*. Fico pensando...

Marasi olhou para trás. Aquela cova ficava perto de várias outras abertas mais cedo, esperando seus ocupantes.

— Consegue tornar sua bolha de velocidade grande o suficiente para incluir uma daquelas outras covas ali?

Ele acompanhou o olhar dela e coçou o queixo.

— Talvez a mais próxima, se desfizer esta e ir até o limite desta cova antes de criar outra.

Ele não podia mover uma bolha e não podia deixar seu interior sem que ela se dissipasse.

— Então temos que fazer com que eles venham conferir nossos cadáveres — disse Marasi. — O que pode ser difícil, caso eles estejam realmente com muito medo de você.

— Não, na verdade pode ser fácil — disse Wayne.

— Como...

— Ficando sem tempo — interrompeu Wayne. — Ainda tem aquela arma de brinquedo na sua bolsa?

Ela sacou a pequena pistola.

— Tem um alcance mínimo e apenas dois tiros — disse.

— Não importa — disse Wayne. — Assim que eu desfizer esta bolha, dispare nos sujeitos. Depois esteja pronta para se mover.

Ela assentiu.

— Lá vamos nós — anunciou Wayne.

A bolha desapareceu.

As brumas voltaram a se mover, rodopiando acima, e o repentino barulho de tiros tomou o cemitério. Dechamp se retorceu e arfou, com os olhos vidrados à luz da lamparina. Marasi esperou até que os atacantes parassem de atirar, ouvindo o estalo dos tiros ecoando na noite. Então apontou sua pequena arma e disparou os dois tiros na direção das sombras.

Ela se encolheu, sem saber o que aquilo deveria ter produzido.

— Você se dá conta de que agora estamos presos aqui e desarmados, Wayne?

— Sim. Mas se aqueles sujeitos estão realmente impressionados com a minha temível reputação...

— O quê? — perguntou Marasi, olhando para ele, que espiava pela beirada da cova. Alguns estampidos soaram quando as silhuetas escuras dispararam de volta, mas não foi tão frenético quanto antes. O que estava...

— Lá! — disse Wayne, saltando para os fundos da cova e produzindo uma bolha de velocidade. — Rá! Eles vieram preparados, vieram sim. Bons homens.

Marasi se arriscou a dar uma espiada. Ficou quase cara a cara com uma banana de dinamite praticamente parada no ar, soltando centelhas e uma fumaça que se misturava às brumas. Deu um grito, afastando-se. Estava quase na bolha de velocidade.

— Lá vamos nós — disse Wayne, tirando sua cartola e jogando-a na cova seguinte. Foi atrás dela, e Marasi o seguiu, permanecendo abaixada e esperando que os atacantes não a notassem. A bolha de velocidade de Wayne os deixaria borrados aos olhos dos homens, mas estava escuro e as brumas ajudariam a escondê-los.

Ela deslizou para a outra cova, que era mais funda do que a primeira. Wayne acenou para ela e desfez a bolha.

Marasi colocou as costas na lateral da cova, apertou os olhos, tampou os ouvidos e contou. Só tinha chegado a dois quando uma explosão sacudiu o chão e lançou uma onda de terra dentro da cova. Ferrugem! As pessoas teriam ouvido aquilo do outro lado da cidade.

Ela deu uma olhada em Wayne, que sacou seu outro bastão de duelo e girou um em cada mão. Ela ouviu passos arrastados e imaginou os atacantes saindo das sombras e avançando cautelosamente para conferir as pessoas que supostamente haviam matado.

— Você consegue acabar com eles sozinho? — sussurrou Marasi, meio que apenas movendo os lábios.

Ele sorriu e respondeu da mesma forma:

— Um cara sem mãos tem coceira no saco?

Ele colocou as mãos na beirada da cova e subiu. As brumas acima congelaram um instante depois enquanto Marasi era apanhada numa bolha de velocidade junto com Wayne e metade dos homens próximos.

Ela já estava acostumada ao som que um bastão de duelo fazia ao bater no crânio de um homem, mas isso ainda a fazia se encolher. A bolha de velocidade foi desfeita enquanto alguém conseguia disparar um tiro, porém, mais gemidos e xingamentos se seguiram.

Pouco tempo depois, Wayne apareceu no alto da cova, iluminado por trás pela lamparina tremeluzente nas brumas. Enfiou os bastões de duelo nos passadores do cinto, ajoelhou e estendeu a mão.

Marasi estendeu a sua para aceitar a ajuda para sair da cova.

— Na verdade, eu esperava que você me desse meu chapéu — disse Wayne, sem aceitar a mão dela.

— Mandarei buscar sua carruagem, Lorde Waxillium — disse a assistente de mordomo da casa. — Lamentamos terrivelmente o infeliz distúrbio de sua senhora. Tem certeza de que ela não comeu nada aqui que possa não ter caído bem?

— Ela tomou apenas drinques. Alguns deles — disse Wax.

A cozinheira ficou visivelmente mais relaxada. Ela puxou uma das empregadas pelo braço assim que viu que Wax a notara. Ele estava de pé à porta de um aposento de hóspedes, e, atrás dele, Steris permanecia deitada na cama, de olhos fechados.

A assistente de mordomo, uma terrisana idosa usando as túnicas de praxe, estalou a língua suavemente, olhando por sobre o ombro para a cozinheira e a empregada, que desapareceram. A despeito de seu desgosto, Wax via que também ela ficara aliviada ao ouvir que a comida da festa não tinha sido a culpada. Os outros convidados não precisavam se preocupar.

Uma voz penetrante ecoou pelo corredor. Alguém, um homem com um tom agudo, estava anunciando o orador da recepção. Wax conseguia ouvir facilmente; o apresentador era ajudado por amplificadores elétricos. Parecia que os aparelhos da garota Tarcsel tinham chegado até mesmo a Nova Seran. A assistente de mordomo inconscientemente recuou um passo na direção do salão.

— Sinta-se à vontade para ir — disse Wax a ela. — Vamos esperar aqui por meia hora, mais ou menos, até estarmos certos de que minha senhora está descansada, e então nossa carruagem certamente estará esperando por nós.

— Se tem certeza...

— Tenho. Apenas se assegure de que não sejamos incomodados. A srta. Harms fica muito incomodada com ruídos quando passa mal.

A assistente de mordomo se curvou e seguiu pelo corredor na direção do salão de baile. Wax fechou a porta e se aproximou da cama onde Steris estava. Ela abriu um olho e olhou para a porta de modo a confirmar que estava fechada.

— Como se sente? — perguntou Wax.

— Nauseada — respondeu Steris, erguendo-se sobre um cotovelo. — Aquilo foi um tanto apressado de minha parte, não foi?

— Sua pressa foi apreciada — disse Wax, conferindo o relógio de parede. — Vou esperar alguns minutos para garantir que o corredor esteja vazio e sairei. Não estou certo de quanto tempo Kelesina ficará longe, mas preciso agir rapidamente para descobrir alguma coisa.

Steris anuiu.

— Acha que ela pode estar aqui? Sua irmã?

— Improvável — respondeu Wax. — Mas tudo é possível. Gostaria de qualquer tipo de pista.

— Como ela é?

— Uma típica nobre cheia de si, certa de que...

— Não Lady Kelesina, Waxillium. Sua irmã.

— Eu... — começou Wax, engolindo em seco e conferindo o relógio. — Eu não a vejo há décadas, Steris.

— Mas você trabalha tão ansiosamente para resgatá-la.

Ele suspirou, sentando-se ao lado de Steris.

— Ela era a corajosa quando éramos crianças. Eu era cuidadoso, preocupado, sempre me esforçando muito para descobrir o que fazer. E Telsin... Ela parecia ter tudo sob controle. Até que deixei a Vila, e ela ficou.

— Mais terrisana que você, então.

— Talvez. Sempre achei que ela odiava aquele lugar, considerando a frequência com que encontrava desculpas para fugir. E então ela ficou — disse, e balançou a cabeça. — Nunca a conheci, Steris. Não como deveria ter conhecido. Estava concentrado demais em mim mesmo. Não consigo deixar de pensar que falhei com todo mundo: mãe, pai, a própria Telsin, por não ter permanecido perto dela quando estava nas Terras Brutas. E estou falhando com eles de novo por deixá-la sob o controle do meu tio.

Steris, ainda deitada na cama, apertou a mão dele.

— Vou encontrá-la — disse Wax. — Vou consertar isso. Fugi para as Terras Brutas achando que não precisava de nenhum deles, mas com o passar dos anos, Steris, descobri que cada vez menos queria estar sozinho. Acho que não consigo explicar. Ela é a minha *família*. Minha única família.

Do lado de fora, uma voz nova começou a falar. Terminada a apresentação, Lorde Severington começara seu discurso. Wax conferiu o relógio e levantou-se.

— Certo. Preciso ir e explorar o lugar enquanto todos os outros estão distraídos com o discurso.

Steris assentiu, passou os pés pelo lado da cama e respirou fundo.

— Você deve esperar aqui — disse Wax. — Isso pode ser perigoso.

— Você se esqueceu do que eu disse ontem à noite? — retrucou ela.

— O lugar mais seguro certamente *não* é perto de mim, Steris.

— Seja como for, você pode ter que escapar rapidamente. Não haverá tempo para voltar e me buscar. E, se você for visto, alguém estranhará estar sozinho, mas, se estivermos juntos, podemos dizer que estávamos partindo e procurando o caminho até nossa carruagem.

Eram bons argumentos. Ele relutantemente aceitou, fazendo um gesto para que o seguisse. Ela fez isso com rapidez, esperando ao lado da porta enquanto ele a abria e observava. Podia ouvir a voz de Lorde Severington ainda melhor.

— ... tempo de mostrar àqueles em Elendel que sua tirania é não apenas injusta, mas vai contra a vontade do Sobrevivente, que morreu em nome da liberdade...

O corredor estava vazio. Wax saiu, com Steris ao seu lado.

— Tente não parecer que está se esgueirando — sugeriu ele suavemente.

Ela anuiu e, juntos, caminharam por um longo corredor dotado de luminárias de bronze a gás que tinham sido convertidas para eletricidade. De acordo com a planta da mansão, que ele memorizara, o salão de baile e aqueles pequenos aposentos para hóspedes ocupavam uma ala a leste. Se seguissem por aquele corredor e virassem naquela esquina...

Passaram sob um arco para o átrio central da mansão, onde um riacho corria pelo centro da casa, desviado de uma das cachoeiras, cascadeando por um conjunto de pedras sob pequenos sinos dos ventos. Poucas luzes brilhavam nas paredes, dando ao átrio um clima crepuscular.

— Essa umidade deve ser terrível para as peças de madeira da mansão — observou Steris. — Qual é a praticidade de fazer um *rio* correr pelo meio da casa?

— Estou certo de que os motivos não são absolutamente práticos — disse Wax. Perto dali, uma empregada passou por outro umbral. Ela os viu e ficou paralisada.

Wax olhou feio para ela, empertigando-se, colocando em sua expressão o máximo de desprezo nobre que conseguiu reunir. A jovem não o questionou, baixando a cabeça e indo embora com sua pilha de lençóis.

Eles seguiram pelo átrio escuro. Acima, amplas janelas de vidro deveriam oferecer uma vista para o céu, mas em vez disso mostravam brumas que giravam e envolviam a si mesmas. Wax ergueu os dedos para saudar as brumas distantes, mas se deteve.

Harmonia observava por intermédio daquelas brumas. Harmonia, o impotente. Harmonia, o sem sentido. Ele trincou os dentes e deu as costas às janelas, levando Steris por um caminho no jardim interno, que tinha pequenas pedras e plantas. Segundo seus mapas, ele imaginava que Kelesina estaria em algum lugar do segundo andar. Enquanto seguiam para norte, caminhando ao longo do riacho, ele viu um

balcão no segundo andar.

— Sinceramente, como eles sequer sabem se a água é *limpa*? — murmurou Steris. — Um rio correndo pelos jardins não era suficiente? Também tinha que correr pela própria casa?

Wax sorriu, estudando aquele balcão.

— Vou dar uma olhada lá em cima. Fale alto se alguém a confrontar. Isso me alertará e voltarei.

— Muito bem — respondeu ela.

Ele enfiou a mão no bolso, pegando moedas, sentindo-se antiquado enquanto queimava aço e se preparava para saltar.

— Você aceita algo mais substancial? — perguntou Steris.

Ele olhou para ela e depois para a bolsa.

— Eles revistaram sua bolsa.

— Sim, revistaram — disse ela, segurando a barra da saia, erguendo-a de lado e revelando uma pequena arma presa à coxa. — Temi que eles fizessem algo assim. Então fiz outros planos.

Wax sorriu.

— Posso me acostumar a ter você por perto, Steris.

Ela enrubesceu sob a luz fraca.

— Posso, ahn, precisar de sua ajuda para tirar essa coisa.

Ele se ajoelhou, dando-se conta de que ela usara aproximadamente sete rolos de fita para manter a arma no lugar. E, sendo Steris, vestira shorts sob o vestido, para o caso de precisar fazer o que estava fazendo. Dois shorts, a julgar pelo tecido que saía sob o de cima.

Wax começou a tentar soltar a arma.

— Vejo que você não queria que isso se soltasse acidentalmente.

— Eu ficava imaginando isso caindo e disparando no meio de uma dança — contou Steris.

Wax grunhiu, trabalhando na coxa sob o vestido.

— Você se dá conta de que, se isto fosse uma peça, este seria exatamente o momento em que alguém nos flagraria, não?

— Lorde Waxillium! — reagiu Steris. — Que tipo de teatro você tem frequentado?

— O tipo que se encontra nas Terras Brutas — respondeu Wax, soltando a arma. Era uma de suas Rebeldes, de seis tiros e calibre .22 que ele mantinha numa caixa e raramente usava. Serviria. Ele se levantou, deixando que Steris arrumasse a saia. — Belo trabalho.

— Tentei uma escopeta — disse ela, enrubescendo. — Deveria ter me visto tentando andar com uma dessas na perna!

— Fique fora de vista se puder — disse a ela. Depois, soltou uma moeda e se lançou na direção do balcão superior.

Marasi entrou na cabana do coveiro, fechando a porta. Wayne desviou os olhos da cadeira cujas pernas quebrava.

— Isso é necessário? — perguntou Marasi.

— Não sei — respondeu, quebrando outra. — Mas é divertido. Como vão nossos valentões?

Marasi espiou pela janela, vendo um grupo de policiais levar embora o último dos capangas. Explodir

dinamite no meio da cidade tinha sido um belo jeito de chamar a atenção das autoridades.

— Eles não sabem de nada — disse. — Capangas contratados. Quem os contratou mencionou seu nome, o que acabou sendo um equívoco.

— Sou famoso — disse Wayne alegremente, arrancando outra perna da cadeira. A cabana havia sido totalmente vasculhada, gavetas arrancadas, almofadas cortadas, móveis em pedaços. Wayne examinou a perna de cadeira que quebrara, aparentemente verificando se era oca, e depois a jogou por cima do ombro.

— Podemos tentar ir atrás da origem dos pagamentos feitos aos homens, mas desconfio que Elegante tomou cuidados demais para que isso possa ser rastreado — disse Marasi. — E não há sinal do garoto que levou o recado.

Wayne grunhiu, pisando numa parte do piso, dando alguns passos e pisando novamente.

— A polícia trouxe um alomântico — prosseguiu Marasi. — E não há metal naquele túmulo, então, se a estaca já esteve aqui, não está mais — disse. Ela suspirou e apoiou as costas na parede. — Ferrugem e Ruína... Espero que Waxillium tenha mais sorte do que nós.

Wayne abriu um buraco no chão com o calcanhar. Marasi se animou e foi até lá enquanto ele procurava no compartimento que tinha descoberto.

— Arrá! — exclamou.

— O que é? — perguntou Marasi.

Wayne tirou uma garrafa.

— O esconderijo de bebida de Dechamp.

— Só isso?

— Só? Isso é ótimo! Um sujeito como ele esconde bem a sua bebida. Há trabalhadores demais ao redor para passar a mão na coisa.

— Então estamos num beco sem saída.

— Bem, encontrei um livro de contabilidade sob um fundo falso na gaveta da escrivaninha — observou Wayne, dando um gole no líquido escuro que tinha encontrado. — Relaciona todo mundo que pagou às pessoas daqui para roubar túmulos nos últimos anos.

Marasi ficou chocada.

— Quando você encontrou isso?

— Foi a primeira coisa. Mal precisei procurar. Já o álcool... Isso eles esconderam bem. Esse pessoal tem boas prioridades.

Marasi passou sobre um pouco do estofamento de um dos sofás e pegou o livro-caixa. Não pertencia a Dechamp, mas ao cemitério. Relacionava lotes, o que havia sido encontrado neles e para quem tinha sido vendido.

Para que o chefe do lugar possa manter um registro do que venderam e do que não, pensou Marasi. E para ter um controle dos asseclas, garantir que não pensassem em iniciar seu próprio trabalho paralelo de roubo de túmulos.

Junto a uma entrada feita alguns dias antes havia uma anotação do gerente. *Se alguém vier investigar este lote, mande me chamar imediatamente.*

Marasi fechou o livro e pegou o papel que relacionava os funcionários do cemitério.

— Vamos — disse a Wayne. — Temos que fazer mais uma parada.

à frente. Por trás das portas de vidro, o homem assombrado sorria, ao brilho esverdeado de seus equipamentos, que o luminavam por baixo.

Carrião laço da cabine, men-

rápido. O calor subiu de meu estômago para minha garganta, bem como minha confiança.

Quando a cabine se assoudeu paulatina, eu me lancei ao ar. (Continua abaixo da dobra!)

canhões duplos de trinta centímetros e cada abertura tem alcance de 26 quilômetros", disse Severington. "Entre outros andares estão vastos blindados reforçados, locali-

Insígnia. "Por que precisamos de navios de guerra? A Bacia está seca em terra e nos muros. De quem precisamos nos proteger?" (Continua no verso.)

"Tudo o que De reserbio tio único é d descoberta e um mais per (Conti

Cabine quebrada aietá passageiros

Um problema não identificado Intercomp A. Jinho Zileno mram, se pôr ao sol, seguiu a Agência de Transportes de Nova Seara. A AINS levou os passageiros para essa ao arilo sringa, descendo as ladeiras sinuosas em barracos e ríguis. Consideramos isso uma prova de necessidade de um sistema de transporte alternativo para momentos de emergência.



(Continua no verso.)

Beba à saúde de Elendel!

O álcool brande emido produzido e destilado cuidadosamente nas cidades externas. Não é vendido em Elendel, entretanto, pois para Elendel, e, portanto, não são impostos. Seu sabor

é melhor que qualquer coisa vendida do centro de Elendel, como é um produto local, você pode relaxar sabendo que esta bebida não contém os balões de renhumitana. Vida longa à marca!

Procurando aventuras? Basin da Bacia esta procurando VOCE!

Centenas de vidas des se perderam no Ascesso Final. Aventureiros mágicos, ríguis e fama podem ser seus! Inscreva-se pessoalmente no Pub e Casa de Jogos Bill da Bacia.



Suas ferramentas de metal falam com você?

Seus vizinhos provavelmente não querem ouvir essas histórias. Mas NÓS que sim! Visite Bacia, 27. Procure A. ou B. Leve o metal falante com você!



Ode! Suas vizinhos provavelmente não querem ouvir essas histórias. Mas NÓS que sim! Visite Bacia, 27. Procure A. ou B. Leve o metal falante com você!

EM GARTAZI No Teatro Tio da Cidade Alta

COVIL DO SOBREVIVENTE

Um grupo de sobreviventes por liberdade

SE ERGUE CONTRA A OPRESSÃO DERRUBA UM GOVERNO CORRUPTO

Estrelando Javier DaLeuc e Pendope Porireau.

Veja essa história em metal no palco até o fim do mês que vem!

Procuramos possíveis alomânticos para testar novas ligas metálicas: as mais recentes descobertas científicas criam um método TOTALMENTE SEGURO para detectar novas habilidades alomânticas. Liberte seu potencial! atente! Caridade-se no Prédio 1147. Distrito das Valtas, virando a esquina da Casade Selo Nepeisale.

Escreva fantasias científicas! Il. Sierentis, dramalupa de Ue forte para onde a obra, mas não a obra! Pergunte na Universidade de Nova Seara.

A medonha cabine de teleférico!

Os munges de Rio-Kar me

treinaram bem. Seus movimentos habilidosos foram concebidos para permitir a um Sagador chegar perto e suficiente de outro alomântico para tocá-lo e drenar suas reservas, mas foram as aulas de Valé que possibilitaram meu salto da plataforma para a cabine em movimento.

Pousei precisamente no pequeno estribo que contorna a base da cabine e consegui me segurar com firmeza nas alças externas da porta. Eu estava em segurança por um, mas o estribo no qual precisei tinha o peso a grave restrição de largura. Se eu não descobrisse um modo de entrar na cabine, até mesmo meus dedos das pés formalecidos pelo balé fraquejariam, lançando-me quase trinta metros para baixo na direção da cidade, onde colhadas brilham no sol que se punha como bolas em uma bola aberta.

Uma luz etérea emanava de dentro da cabine, lançando contra as anéis a silhueta do homem assombrado. Cada clarão o mostrava enfiando-se para preparar algum equipamento misterioso, presumivelmente para garantir sua fuga.

Porque o equipamento que restava dele em nosso último confronto e que ainda meia em minha boca. Coberto de estranhos símbolos e bizarramente quente ao toque, o objeto era muito mais pesado do que parecia, e eu não tinha ideia de como usá-lo.

Mas a inocência não é páreo para a criatividade. Lancei a vara de metal contra o vidro da porta, partindo-o.

Uma explosão espantosa foi a resposta, e meus reflexos Rio-Kar lançaram-me acrobaticamente de lado enquanto algo passava velozmente. Não era uma flecha nem uma bala, mas uma descarga de pura energia na forma de um fantasma. Seu grito desesperadamente humano arrepiou os pelos da minha nuca, e a molha da porta quebrou infernalmente e se quebrou com sua progressão. Que tipo de homem conseguia se vingar do poder dos mortos? Se aquela criação tivesse me enfeitado, eu também teria desintegrado em um instante? Respirei fundo e entrei rapidamente na cabine.



Estranhos sinistros cobri dele, erguendo. Da à encontramos de bruma, cu o rosto, mas a claridade.

Raios brilhantes e a vent cabeça em d mãos, ele se enrolada com a corva, apou pistola de m Sem dúvida, mas qualque

As runas tinham um Que não era aficte manta criada para e antes que de os. No misto esverdeada minha mão equisierio

Quando di segundo saio visto algo que como retirar mandei-le a O misto por desaparece.

Inseguro, quando toques da do equipe a... algum m As runas vermelha se velas ao vento Fancieras assombrado de outro m mico nem m



O LEÃO DEVASTADOR DE ELENDEL



Templeton Fig alisou as penas de seu corvo branco morto. Tinha certeza de que aquele animal era um legítimo albino, não uma imitação produzida por um oportunista que ouvira falar de sua coleção. Àquela altura, ele vira um número suficiente de animais mortos branqueados para saber identificar uma falsificação.

Ele mesmo empalhara o bicho, a estrela de sua coleção, e o colocara olhando por cima do ombro, com uma pequena tira de pele de coelho no bico. Criatura magnífica. As pessoas sempre a achavam impressionante, já que sua cor era o oposto do que se esperava. Coisas como gatos e cachorros às vezes eram naturalmente brancos, de modo que seus espécimes albinos não eram tão espetaculares.

Ele recolocou a cúpula de vidro sobre o corvo, recuou e entrelaçou as mãos, olhando para os animais brancos enfileirados. Congelados na morte. A perfeição. Só que... O filhote de javali. Ele tinha sido movido para o lado? Era melhor que a arrumadeira não tivesse decidido espanar sua coleção novamente.

Ele se adiantou, girando o vidro que continha o javali. Atrás dele, o fogo estalava em seu braseiro, embora não estivesse particularmente frio. Até deixara a janela aberta. Gostava do contraste: o calor do fogo, uma brisa fria vindo de fora. Enquanto tentava arrumar o javali, a porta do seu escritório guinchou.

— Templeton? — chamou uma voz baixa, espiando. Destra tinha bolsas sob os olhos e cabelo maltratado. Sua camisola parecia engoli-la. A mulher perdera mais peso. Logo estaria totalmente esquelética. — Não vem para a cama?

— Mais tarde — disse ele, voltando a olhar para o javali. Agora sim.

— Mais tarde *quando*?

— Mais tarde.

Ela se encolheu com o tom dele e fechou a porta. A mulher devia saber que não podia perturbá-lo. Dormir. Como podia dormir até saber o que tinha acontecido no cemitério? Não era boa ideia decepcionar os homens com os quais ele estava lidando. Eles pediam que algo fosse feito, e você garantia que fosse feito.

Ele logo saberia. Avançou, transferindo seu esquilo albino para o fim da fila. Ficava melhor assim? Ele ergueu a mão, limpou o suor na testa e moveu o esquilo de volta. Não, também não estava bom assim. Então como ele...

O fogo parou de estalar.

Templeton prendeu a respiração e deu meia-volta lentamente, pegando o lenço no bolso do colete. O fogo continuava lá, mas estava *imóvel*. Pela alma de Trell! O que poderia ter congelado as chamas?

Algo bateu em sua porta. Templeton recuou, arranhando a parte interna do bolso, ainda procurando aquele lenço. A porta soou novamente, e suas costas bateram na prateleira onde mantinha sua coleção. Tentou sussurrar uma pergunta, mas tinha dificuldade para respirar.

A porta foi escancarada, e o coveiro Dechamp, com olhos que não viam e sangue cobrindo sua camisa,

caiu dentro do quarto.

Templeton então gritou, afastando-se da porta aos tropeções, e colou as costas na parede mais distante de seu pequeno refúgio. Seus dedos encontraram o peitoril da janela e o agarraram para reunir forças enquanto olhava para o cadáver caído no umbral.

Algo bateu na janela.

Templeton semicerrou os olhos, não querendo olhar. Fogo congelado. Um corpo no chão. Ele estava sonhando. Era um pesadelo. Não era possível...

Tap. Tap. Tap.

Ele finalmente encontrou o lenço e o agarrou, com os olhos semicerrados.

— Templeton.

A voz rouca entrou pela janela.

Templeton se virou lentamente para a janela. Abriu os olhos.

A Morte estava do lado de fora.

Envolta em preto, sua face se escondia sob o capuz, mas duas estacas de metal se projetavam dela, refletindo a luz do fogo.

— Eu estou morto — sussurrou Templeton.

— Não — sussurrou a morte. — Você pode morrer quando eu disser. Não antes.

— Ah, *Harmonia*.

— Você não é Dele — sussurrou a Morte, de pé na escuridão do lado de fora. — Você é meu.

— O que quer de mim? Por favor!

Templeton caiu de joelhos. Ele se obrigou a olhar na direção de Dechamp. Aquele corpo iria se levantar? Iria pegá-lo?

— Você tem algo meu, Templeton — sussurrou a Morte. — Uma estaca.

Ela ergueu os braços, deixando que a capa deslizasse para trás e expusesse a pele branca. Uma estaca estava cravada em um braço. O outro braço só tinha um buraco ensanguentado.

— Não foi culpa minha! — berrou Templeton. — Eles insistiram! Não está comigo!

— *Onde?*

— Mandei por mensageiro! — contou Templeton. — Para Dulsing! Não sei mais. Ah, por favor... Por favor! Eles exigiram que eu recuperasse a estaca. Eu não sabia que era sua! Era só um pedaço de metal ferrado. Eu sou inocente! Eu...

Ele interrompeu sua fala, percebendo que o fogo voltara a estalar. Piscou, concentrando-se novamente na janela. Estava vazia. Um... um sonho, afinal? Ele se virou e encontrou o cadáver de Dechamp ainda sangrando no piso.

Templeton choramingou e se encolheu. Ficou sinceramente aliviado quando os policiais invadiram o quarto pouco tempo depois.

Wayne arrancou a medonha capa pesada e ergueu o braço, curando seus ferimentos. Não restava muita capacidade de cura em sua mente de metal. Ele teria que economizar depois daquilo. Aqueles ferimentos de bala mais cedo haviam exigido muito dele.

— Você não precisava abrir buracos *de verdade* no seu braço, Wayne — disse Marasi, juntando-se a ele no jardim. Ele pisoteara algumas petúnias muito bonitas para chegar à janela.

— Claro que precisava — retrucou Wayne, limpando o sangue. — É preciso ser *autêntico*.

Ele coçou a cabeça e tirou o arame que mantinha as duas metades de estacas pairando diante de seus olhos.

— Tire essa coisa — disse Marasi. — Parece ridículo.

— Ele não achou ridículo — disse Wayne.

Os policiais arrastavam Templeton Fig para fora. As informações no livro-caixa que Wayne encontrara deviam ser suficientes para mantê-lo encarcerado. Pobre sujeito. Ele realmente não fizera nada *errado*. Você não pode roubar de uma pessoa que já está morta. Mas as pessoas eram estranhas em relação às suas coisas. Wayne desistira de tentar entender todas as pequenas regras delas.

Ele mandaria algumas frutas para o sujeito. Talvez o fizesse se sentir melhor.

— Como estava o sotaque? — perguntou.

— Funcionou bastante bem.

— Eu não estava certo de como a própria Morte soaria, sabe? Imaginei que pareceria cheia de importância, como Wax quando me manda tirar os pés dos móveis. Misturado com alguns tons realmente *antigos*, como um trisavô. E rascante, como um homem morrendo engasgado.

— Na verdade, a voz é bastante articulada, e de modo algum “rascante” — disse Marasi. — E o sotaque é estranho, diferente de qualquer coisa que já ouvi.

Wayne grunhiu, tirando as estacas da cabeça.

— Pode imitar para mim?

— O quê? O sotaque?

Wayne anuiu, ansioso.

— Não. Nenhuma chance.

— Bem, da próxima vez que se encontrarem, mande ela vir conversar comigo. Preciso ouvir como ela soa.

— Qual é a importância disso?

— Eu tenho que ouvir. Para a próxima vez.

— Próxima vez? Com que frequência você espera imitar a Morte?

Wayne deu de ombros.

— Esta é a quarta vez. Então nunca se sabe.

Ele bebeu o último gole do conhaque de Dechamp, jogou a capa sobre o ombro e avançou pelas brumas na direção da estrada.

— Dulsing — disse Marasi.

— Você conhece?

— É um pequeno assentamento agrícola. Talvez oitenta quilômetros a nordeste de Nova Seran. Li sobre ele em meus livros; houve um caso importante de direito à água lá. Mas o lugar é isolado e pequeno, mal vale o tempo de alguém. O que o Grupo pode querer com ele?

— Talvez gostem de tomates realmente frescos — sugeriu Wayne. — Eu sei que gosto.

Marasi ficou calada, obviamente mergulhada em pensamentos, por alguma razão preocupada. Wayne a deixou em paz, sacando sua lata de chicletes, tamborilando nela e depois abrindo e escolhendo uma das bolas macias cobertas de açúcar para mastigar. No que lhe dizia respeito, aquela havia sido uma noite excelente. Dinamite, uma bela briga, conhaque grátis e deixar alguém morrendo de medo.

Eram as coisas simples que faziam a vida valer a pena.

Wax teve pouca sorte nas primeiras salas que examinou. Embora supostamente pertencessem a Kelesina, revelaram-se vazias. Ficou tentado a vasculhá-las em busca de informações, mas decidiu que isso demoraria e seria incriminador demais naquele momento. Ser flagrado perdido num corredor era desculpável; ser flagrado revirando as gavetas da escrivaninha de uma dama era algo totalmente diferente.

Voltou ao átrio, viu que Steris estava bem, acenou e seguiu por outro corredor, que acompanhava a parede externa e tinha janelas abertas para as brumas, que corriam para dentro em suas pequenas cascatas. Provavelmente algum empregado tinha o dever de fechar aquelas janelas numa noite com brumas, mas se distraíra por causa da festa.

Parou para escutar em diversas portas e não ouviu nada além de uma voz penetrando pela janela: a voz de Lorde Severington, ainda fazendo seu discurso no salão de baile. Com os equipamentos de amplificação, Wax conseguia compreender uma palavra aqui, outra ali.

— ... sofrer o jugo... novo Senhor Soberano?... taxaço indevida... uma era que precisa terminar...

Vou precisar prestar mais atenção a isso, pensou Wax, seguindo pelo corredor na direção do conjunto de salas seguinte. Severington era prefeito de Bilming, a cidade portuária a oeste de Elendel. Era a única grande cidade na Bacia além da própria Elendel, além de uma potência industrial. Se houvesse um conflito, eles estariam na linha de frente.

Eles estão na linha de frente agora, percebeu Wax à medida que mais palavras chegavam a ele.

Continuou pelo corredor, escutando junto a outras portas. Estava prestes a partir quando ouviu uma voz. Havia alguém dentro. Wax agachou, com a orelha colada na porta, desejando ter um Olho de Estanho com ele para ouvir. Aquela voz...

Aquele era seu tio.

Wax apertou a orelha contra a porta, sem se preocupar com o que alguém pensaria se entrasse no corredor. Ferrugem... Não conseguia ouvir muito. Meia palavra aqui e outra ali. Mas *era* Edwarn. Outra voz falou, e quase certamente era a de Kelesina.

A fresta sob a porta estava escura. Wax levou a mão ao bolso e à arma escondida ali, girou a maçaneta e abriu a porta. Lá dentro, havia uma espécie de escritório, totalmente escuro a não ser por uma fina linha de luz sob a porta na extremidade oposta. Wax se esgueirou para dentro, fechando a porta, e cruzou a sala, contendo um xingamento ao bater o braço numa mesa lateral. Com o coração acelerado, colocou as costas na parede ao lado da outra porta.

— Não ligue para isso — dizia seu tio. A voz estava abafada, como se falasse atrás de um pano, uma máscara ou algo assim. — Por que me interrompeu? Você sabe a importância do meu trabalho.

— Waxillium sabe sobre o projeto — disse Kelesina. — E descobriu uma das moedas. Está se fingindo de idiota, mas ele *sabe*.

— Sobre as coisas para despistá-lo?

— Ele não está engolindo.

— Então você não está se esforçando o suficiente — disse Elegante. — Sequestre um dos amigos dele e deixe uma carta em nome de um de seus antigos inimigos. Desafie sua inteligência, atraia-o para uma investigação. Waxillium não consegue resistir a um rancor pessoal. Isso vai funcionar.

— O assalto ao trem não funcionou — disse Kelesina. — E quanto a isso, Elegante? Desperdiçamos

recursos vitais naquele ataque, conexões importantes que cultivei por anos. Você garantiu que, se atacássemos enquanto estivesse a bordo, ele não conseguiria resistir a investigar. Mas ele ignorou o fato. Deixou Posto Férreo na mesma noite.

Wax sentiu um arrepio quando todo um conjunto de suposições mudou dentro dele. O assalto ao trem... Havia sido uma *distração*, com o objetivo de desviar sua atenção da perseguição ao Grupo?

— Recuperar o aparelho valia o risco — disse Elegante.

— Está falando do aparelho que Irich imediatamente perdeu? — cobrou Kelesina. — Aquele homem não deveria receber missões importantes. É ansioso demais. Você deveria ter me deixado recuperar o objeto assim que Waxillium saiu do trem.

— Havia uma boa chance de que ele mordesse a isca — retrucou Edwarn. — Conheço meu sobrinho; provavelmente ainda está ansioso para caçar aqueles bandidos. Se, em vez disso, está em sua festa é porque você não está fazendo seu trabalho direito. Não tenho tempo para ajudá-la agora, Kelesina. Preciso partir para o segundo local.

Wax franziu a testa. Aparentemente o assalto ao trem não havia sido apenas uma distração. Mas aquelas palavras o deixaram com uma preocupação mais profunda. Ele seguira meia dúzia de pistas no ano anterior, achando que estava nos calcanhares do tio. Quantas dessas haviam sido plantadas? E quantos de seus outros casos haviam sido distrações intencionais? E Ape Manton? Será que realmente estava em Nova Seran? Provavelmente não.

Edwarn dissera uma verdade. Ele conhecia Wax bem. Bem demais para um homem que pouco vira nos vinte anos anteriores.

— Bem, agora você tem a oportunidade de recuperar o aparelho, como prometeu que faria — disse Elegante. — Como isso está indo?

— Não estava entre as coisas que ele deixou na chapelaria da festa — respondeu Kelesina. — Infiltramos uma espiã na equipe do hotel, e ela vai procurar nos quartos deles. Estou lhe dizendo que Irich...

— Irich foi punido — disse Elegante. Por que a voz dele soava tão mais baixa que a de Kelesina? — Isso é tudo que você precisa saber. Recupere o objeto para mim, e outros erros poderão ser esquecidos. É só uma questão de tempo até que acidentalmente usem Alomancia perto dele.

— E *então* veremos esse “milagre” que você continua a prometer, Elegante? — cobrou ela. — Com mais alguns discursos, Severington lançará toda a Bacia em um frenesi, ignorando completamente que Elendel nos supera em homens e armas.

— Paciência! — disse Elegante, soando entretido.

— Tente *você* ser paciente. Eles estão nos sangrando. Você prometeu esmagar aquela cidade, conseguir um exército e...

— Paciência — repetiu Elegante suavemente. — Detenha Waxillium. Essa é a sua parte do acordo. Mantenha-o na cidade, mantenha-o distraído.

— Isso *não* vai funcionar, Elegante — disse Kelesina. — Ele já sabe demais. Aquele maldito mutante deve ter contado a ele...

— Você o deixou escapar?

Kelesina ficou calada.

— Achei que você tinha cuidado da criatura — disse Elegante, com a voz fria. — Você me deu a estaca, alegando que a outra havia sido destruída.

— Nós... podemos ter suposto que sim rápido demais.

— Entendo — disse Elegante.

Os dois não falaram por um longo momento. Wax ergueu a arma ao lado da cabeça enquanto suor escorria pela testa na sala escura. Pensou em invadir o lugar naquele instante. Ele tinha evidências contra Kelesina na forma de um kandra ferido e seu próprio testemunho. Várias pessoas tinham morrido naquela explosão. Assassinato.

Mas será que tinha o suficiente contra Edwarn? Será que seu tio simplesmente escaparia novamente? Ferrugem! Um exército? Eles falaram sobre destruir Elendel? Será que devia ousar esperar? Se pegasse Elegante e ela agora mesmo, Kelesina poderia desmoronar, testemunhar contra ele...

Passos.

Vinham do corredor. À medida que se aproximavam da porta, ele tomou uma decisão rápida, jogando uma moeda — não a especial, que estava em outro bolso — e *empurrando*.

A luz de fora entrou na sala quando a porta foi aberta, revelando a assistente de mordomo com quem conversara antes. Cruzou a sala apressada, e abençoadamente não ligou as luzes, indo diretamente para a porta junto à qual Wax estivera escutando.

Não olhou para cima nem viu Wax colado no teto acima dela, empurrando uma moeda sobre a qual ela passou em sua pressa para bater na porta. Kelesina mandou que entrasse.

— Milady — disse a mulher, em tom urgente. — Burl estava vigiando a festa em busca de alomânticos e me mandou aqui. Ele sentiu alguém usando metais.

— Onde está Waxillium?

— A noiva dele passou mal — disse a mulher. — Nós a levamos a um quarto de hóspedes para que se recuperasse.

— Curioso — disse tio Edwarn. — E onde ele está agora?

Wax se jogou no chão com um baque, apontando sua arma para as pessoas dentro da sala.

— Ele está bem aqui.

A assistente de mordomo se virou, tomando um susto. Kelesina levantou-se, com os olhos arregalados. E tio Edwarn...

Tio Edwarn não estava na sala. A única coisa ali era um equipamento em forma de caixa colocado na mesa em frente a Kelesina.



— Ora, Waxillium! — disse a caixa, projetando a voz do tio. — Que bom ouvir seu tom melodioso. Suponho que sua entrada tenha sido devidamente dramática.

— É um telégrafo para vozes — disse Wax, adiantando-se. Manteve a arma apontada para Kelesina, que recuou até a parede da pequena sala. Ficara completamente pálida.

— Algo assim — disse Edwarn, em sua voz abafada. O mecanismo elétrico não a reproduzia perfeitamente. — Como está Lady Harms? Espero que seu mal-estar não seja perturbador demais.

— Ela está bem, não graças a você ter tentado matar a todos nós naquele trem — cortou Wax.

— Ora, ora — disse Edwarn. — Esse não era o objetivo. Matar você foi algo que me ocorreu depois. Diga-me, você apurou as baixas no trem? Um passageiro morto, acredito. Quem era ele?

— Você está tentando me distrair — disse Wax.

— Sim, estou. Mas isso não significa que eu esteja mentindo. Na verdade, descobri que lhe contar a verdade é, em geral, um método muito melhor. Você deveria investigar o homem morto. Ficará impressionado com o que descobrirá.

Não. Permaneça concentrado.

— Onde você está? — cobrou Wax.

— Longe, cuidando de assuntos de *grande* importância — respondeu Elegante. — Peço desculpas por não poder encontrá-lo pessoalmente. Ofereço Lady Kelesina como medida de minhas condolências.

— Kelesina pode ir para o inferno — disse Wax, agarrando a caixa e erguendo-a, quase arrancando os fios da parede. — Onde está minha irmã?!

— Tantas pessoas impacientes no mundo — disse a voz de Edwarn. — Você realmente deveria ter se concentrado em sua própria cidade, sobrinho, e mantido sua atenção nos pequenos crimes com os quais eu o alimento. Tentei ser razoável. Temo que terei que fazer algo drástico. Algo que certamente desviará sua atenção.

Wax sentiu um frio.

— O que você vai fazer, Elegante?

— Não é o que vou fazer, sobrinho. É o que estou *fazendo*.

Wax olhou para Kelesina, que enfiava a mão no bolso do vestido. Ela ergueu as mãos, assustada, no instante em que algo enorme *esmagou* Wax. Ele cambaleou contra a mesa, derrubando-a.

Wax piscou, chocado. A assistente de mordomo! Ganhara uma força incrível. Os braços incharam sob a túnica e o pescoço estava grosso como a coxa de um homem. Wax xingou, erguendo a arma, que a mulher imediatamente arrancou de sua mão.

A dor correu pelo seu pulso, e ele fez uma careta, *empurrando* os pregos na parede para se lançar rolando pelo chão para longe da mulher. Procurou moedas no bolso, mas a assistente de mordomo não

estava concentrada nele. Pegou a arma de Wax, caída no chão, e se virou para Kelesina, que gritou.

Ah, não...

O tiro fez os ouvidos de Waxillum zumbirem. Kelesina caiu flácida no chão, com sangue escorrendo do buraco na testa.

— Ele a matou! — berrou uma voz desde o umbral de fora. Wax se virou e descobriu a empregada que o vira mais cedo de pé ali, com as mãos no rosto. — Lorde Ladrian *matou* nossa senhora!

A mulher saiu correndo, gritando essas palavras repetidas vezes, embora claramente tivesse tido uma visão ampla da sala.

— Seu bastardo! — gritou Wax para a caixa.

— Ora, ora — respondeu a caixa. — Essa é uma acusação evidentemente falsa, Waxillum. Você tem um conhecimento muito claro de minha ascendência.

A assistente de mordomo foi até Kelesina, pegando algo no corpo dela. Depois, por alguma razão, atirou novamente na mulher morta.

Seja como for, isso deu a Wax uma chance de pegar a caixa, que caíra da mesa perto dele.

— Melhor tomar cuidado, sobrinho — disse a caixa. — Ordenei que matassem você se conseguissem. Neste caso, um bode expiatório morto funciona tão bem quanto um vivo.

Wax rugiu, arrancando a caixa da parede e *empurrando-a* pela passagem, na direção da sala seguinte. Ergueu a mão e *empurrou* a arma na mão da assistente de mordomo, que tentava apontar para ele.

Ela xingou em terrisano. Wax se virou e passou para a sala seguinte, onde se escondera. Fechou a porta com um chute para ter alguma proteção, *empurrou* a moeda que jogara no chão e saltou sobre um sofá, passando em disparada pela sala. Pegou a caixa de comunicação e deslizou para o corredor.

Meia dúzia de homens de paletós pretos e luvas brancas avançavam na sua direção. Pararam e ergueram as armas.

Ferrugem!

Wax *empurrou* as molduras das janelas e voltou para a sala enquanto os homens abriam fogo. A porta da sala que contivera o telégrafo foi aberta, mas Wax a *empurrou* de volta usando Alomancia, batendo-a no rosto da assistente de mordomo.

Outra saída. Corredores dos empregados? Linhas azuis apontavam ao redor dele, que procurou uma que estivesse fora de lugar... Ali! *Empurrou-a*, abrindo uma porta escondida na parede, que levava a uma pequena passagem, iluminada por lâmpadas penduradas, usada pelos empregados. Ainda carregando a caixa do telégrafo, saltou enquanto os homens entravam na sala de estar.

O labirinto sinuoso de passagens permitiu que ele ficasse à frente dos homens, embora tivesse sido obrigado a gastar uma moeda para derrubar um deles quando chegaram perto demais. Isso conteve os outros, mas Wax não conseguia sentir nenhum metal no corpo deles. Armas de alumínio. Era um dos esquadrões da morte de Elegante, provavelmente avisado e colocado em ação no momento em que Kelesina telegrafou para ele.

Wax saiu rapidamente da passagem para uma sala que, esperava, lhe permitisse voltar ao átrio. Se tivessem encontrado Steris...

Ele disparou por uma estufa iluminada por várias luzes elétricas fracas e decorada com mapas nas paredes e entrou num dos corredores que investigara antes. Excelente. Disparou na direção do átrio central, mas assim que chegou à escadaria que descia do balcão algo saltou das sombras e o pegou desprevenido.

A terrisana, com o rosto sangrando onde a porta batera e quebrara seu nariz, rosnou e o agarrou pelo pescoço. Ele *empurrou* uma moeda em cima dela, mas o objeto não teve tempo para ganhar impulso. Acertou-a no peito e permaneceu ali enquanto ele *empurrava*, tentando afastar a mulher. Ele se esforçou ao máximo, sentindo a visão escurecer, até que um punho acertou a terrisana no rosto.

Ela o soltou, cambaleando para trás e tremendo. Wax arfou, olhando para MeLaan acima dele.

— Ferrugem! — disse ela, com uma voz grave. — Você *realmente* começou sem mim.

A terrisana investiu novamente, e Wax rolou de lado, procurando moedas. Pegou as últimas três enquanto a assistente de mordomo socava o rosto de MeLaan. Algo estalou, com um som alto, e Wax hesitou enquanto a mulher cambaleava para trás, segurando a mão ferida, os nós dos dedos aparentemente partidos, o polegar quase arrancado.

MeLaan sorriu. O rosto se abriu onde fora atingido, revelando um reluzente crânio de metal.

— Você realmente deveria ter cuidado com o que soca.

A terrisana se levantou com esforço, e MeLaan relaxadamente segurou o antebraço esquerdo com a mão direita e o *arrancou*, revelando uma comprida e fina lâmina de metal presa ao coto do braço. Quando a terrisana avançou, MeLaan enfiou a arma no peito da mulher. A mulher engasgou e caiu de joelhos, murchando como um odre.

— Por Harmonia, adoro este corpo — disse MeLaan, olhando para Wax com um sorriso bobo. — Como pude pensar em usar outro?

— Essa coisa toda é de alumínio? — perguntou Wax.

— É!

— Deve valer uma fortuna — disse Wax, levantando-se e apoiando as costas na parede. O balcão estava à sua frente e o corredor pelo qual viera, à esquerda. O esquadrão da morte logo chegaria.

— Convenientemente, tive algumas centenas de anos para poupar dinheiro — contou MeLaan. — Ele...

Wax a puxou para escondê-la ao lado da parede com ele; na verdade, era mais leve do que imaginara, considerando que tinha ossos de metal.

— O quê? — perguntou ela suavemente.

Wax ergueu uma moeda, esperando passos. No balcão diante dele, a terrisana se contorcia. Quando ouviu os passos, ele aumentou ligeiramente seu peso, virou a esquina e agarrou a arma do primeiro homem com uma das mãos, virando-a para o chão. Ela disparou de modo ineficaz, e Wax pressionou a outra mão sobre o peito do homem e *empurrou* a moeda contra ele.

Homem e moeda voaram para trás pelo corredor na direção dos colegas, que saltaram para o lado. Wax ficou com a arma de alumínio, que girou no ar e apanhou, disparando quatro tiros. O primeiro desviou um pouco para a esquerda, atingindo um inimigo no braço, mas ele conseguiu acertar os outros bem no peito.

Os três tombaram. O quarto gemeu no chão para onde Wax o *empurrara*.

— Maldição — disse MeLaan.

— Diz a mulher que acabou de arrancar metade do próprio braço.

— Ele volta para o lugar — disse MeLaan, pegando o antebraço, que deslizou sobre a lâmina. Um pouco de sangue escorreu de onde ela rompera a pele. — Está vendo? Bom como se fosse novo.

Wax bufou, enfiando na cintura a arma de alumínio roubada.

— Você consegue sair daqui sozinha?

Ela anuiu.

— Quer que eu recupere as armas que você guardou?

— Você consegue?

— Provavelmente.

— Isso seria maravilhoso.

Wax foi até a terrisana, confirmou que estava morta, e revistou os bolsos até encontrar a arma que usara para matar Kelesina. Havia mais alguma coisa no bolso. Um bracelete metálico de ouro puro.

A terrisana tirou isso de Kelesina, pensou Wax, virando-o nos dedos enquanto se lembrava de quando a assassina se ajoelhara ao lado do corpo de Kelesina.

Ele queimou aço, e seu palpite se revelou correto. Embora pudesse sentir o bracelete, a linha era muito mais fina do que deveria ser. Aquela era uma mente de metal, e uma fortemente dotada de poder de cura.

— Kelesina era terrisana?

— Como eu poderia saber? — retrucou MeLaan.

Ele embolsou o bracelete, agarrou a caixa do equipamento de telégrafo, que pretendia enviar a Elendel para inspeção, e a jogou para MeLaan.

— Leve isso, se não se importar, e encontre conosco no hotel. Prepare-se para deixar a cidade. Duvido que passaremos a noite.

— E você estava tão certo de que sairíamos daqui sem uma briga.

— Eu nunca disse isso. Disse que não seria tão ruim que precisássemos de Wayne. E não foi.

— Um detalhe semântico.

— Eu sou um nobre. É melhor aprender *alguma coisa* com meus pares. — Ele bateu continência para ela com a pequena arma, saltou do balcão e usou uma moeda para desacelerar.

— Steris?

Ela saiu engatinhando de um arbusto próximo.

— Como foi?

— Mal — respondeu Wax, olhando para o teto e retirando o paletó do smoking. — Posso ter acidentalmente permitido que nos impliquem no assassinato de Lady Kelesina.

— Droga — disse Steris.

— A evidência dependerá de associarem as balas a mim e recuperarem alguma digital minha na área. De qualquer forma, eles produzirão falsas testemunhas para fazer parecer que vim aqui *especificamente* para assassinar Kelesina. Segure-se.

Steris o agarrou com, ele notou, muita ansiedade. Ela realmente gostava daquela parte. Ele tirou as balas do seu revólver .22 e as segurou numa das mãos. Depois *empurrou* a moeda abaixo para que disparassem rumo ao teto. Arremessou as balas na direção das claraboias e *empurrou-as* em leque para trincar o vidro acima. Ergueu o braço, enrolado no paletó, atravessou a cúpula e saiu para as brumas que rodopiavam.

Eles pousaram no teto enquanto Wax se localizava. Nas brumas, ele se sentiu melhor quase imediatamente, e sua mão, que doía onde a terrisana arrancara sua arma, parou de latejar.

— Descobriu algo útil? — perguntou Steris.

— Não estou certo. A maior parte do que ouvi foi sobre uma rebelião contra Elendel. Sei que Edwarn

está indo para algum lugar importante. Ele o chamou de segundo local. E disse algo sobre o que acho ser o pequeno cubo que Marasi encontrou.

Ele a apertou novamente e lançou-os em um *empurrão* para cima através das brumas na direção do hotel. Ela se aferrou, mas observou as luzes da cidade abaixo com assombro.

— Ele mandou assassinar Kelesina — disse Wax. — Eu deveria ter imaginado. Deveria ter antecipado esse movimento.

— Pelo menos há brumas — disse Steris, mais alto que o som do vento. — Eles terão dificuldade em nos rastrear.

— Você se saiu bem esta noite, Steris. Muito bem. Obrigado.

— Foi emocionante — respondeu enquanto ele os pousava num telhado. Seu sorriso, que ela abriu imediatamente, aqueceu-o. Ela era prova de que, a despeito de seu desgosto pela política na Bacia, havia boas pessoas por lá. Pessoas de verdade. Era impressionante, mas ele fora forçado a se dar conta de algo muito parecido sobre as Terras Brutas após se mudar para lá.

Ela era deslumbrante. Como uma esmeralda bruta no meio de uma pilha de falsificações lapidadas para cintilar, mas que, na verdade, eram apenas vidro. Seu entusiasmo de algum modo contrabalançava a preocupação dele com o que acontecera. Perder Elegante. Ser implicado. Lessie diria...

Não. Ele não precisava pensar em Lessie naquele momento. Sorriu de volta para Steris, puxou-a mais para perto e *empurrou*, lançando-os em linha reta para cima. Mais alto, para longe daquele distrito. Os prédios mais altos da cidade só podiam ser vistos como linhas de luz na noite, apontando para cima em meio às brumas. Ele se lançou de um telhado e passou por uma cabine de teleférico, movida por eletricidade e carregando um grupo de passageiros boquiabertos. Ela sacudiu quando Wax os lançou de lado a partir dela na direção dos arranha-céus.

Dois arranha-céus eram suficientemente próximos um do outro, e com uma série rápida de *empurrões* furiosos ele conseguiu subir com Steris em meio ao rodopio das brumas numa sequência de arcos, primeiro numa direção, depois na outra. Chegou ao alto e *empurrou* um deles, mandando-os um pouco mais para cima. Esperava que com a elevação a partir do mais alto platô da cidade...

Sim. Eles saíram das brumas para um lugar visto por poucos. O Campo do Ascendente, como os Lançamoedas os chamavam, o alto das brumas à noite. A cor branca se estendia em todas as direções, movendo-se como a superfície de um oceano, banhada pela luz das estrelas.

Steris perdeu o ar, e Wax conseguiu mantê-los no lugar *empurrando* as pontas dos dois arranha-céus. Sem um terceiro, ele não sabia ao certo por quanto tempo conseguiria se manter ali, mas, por ora, eles permaneciam firmes.

— Tão bonito... — disse Steris, agarrando-se a ele.

— Obrigado novamente — disse Wax. — Ainda não consigo acreditar que você entrou na festa com uma arma.

— É apenas apropriado que você me transformasse numa contrabandista — retrucou ela.

— Assim como você tenta fazer de mim um cavalheiro.

— Você já é um cavalheiro.

Wax olhou para ela, e ela se agarrou, tentando olhar em todas as direções ao mesmo tempo. De repente, ele sentiu algo queimar dentro dele, como metal. Um desejo de proteger aquela mulher em seus braços, tão cheia de lógica e ao mesmo tempo tão cheia de uma capacidade de assombrá-lo. E um poderoso afeto.

Então se permitiu beijá-la. Ela ficou surpresa, mas se entregou ao abraço. Começaram a desviar para o lado e para baixo quando ele perdeu o equilíbrio em suas âncoras, mas sustentou o beijo, deixando que deslizassem de volta para as brumas que rodopiavam.

Wayne colocou os pés sobre a mesa na suíte do hotel, com um novo livro aberto à frente. Ele o pegara mais cedo enquanto passeava pela cidade.

— Você devia ler esta coisa, Mara — disse a Marasi, que andava de um lado para outro atrás do sofá. — É a coisa mais estranha que você já ouviu. Esses caras construíram um navio, sabe? Só que serve para ir para *cima*. Usa uma grande explosão ou algo assim para ser mandado para as estrelas. Esses outros caras o roubam, certo, e são sete deles, todos condenados. Eles saem em busca de um saque, mas acabam nessa estrela que não tem...

— Como você consegue ler? — perguntou Marasi, ainda andando.

— Veja, não estou bem certo — respondeu Wayne. — Todas as pistas indicam que eu devia ser mais burro que um saco de macarrão instantâneo.

— Quero saber se você não está nervoso — insistiu Marasi.

— Por que estaria?

— Algo pode dar errado.

— Não — retrucou Wayne. — Não estou junto. Wax não consegue se meter em tantos problemas sem mim para...

Algo bateu na janela, fazendo Marasi dar um pulo. Wayne se virou e viu Wax segurando o parapeito de uma janela, e Steris debaixo de um braço dele como um saco de batatas — bem, pelo menos um saco de batatas com peitos muito legais. Wax abriu a janela, colocou Steris dentro do quarto e entrou.

Wayne jogou um amendoim na boca.

— Como foi?

— É... — disse Wax. Tinha perdido o paletó do smoking em algum lugar, e sangue, com sorte não o dele, cobria um braço da camisa. A gravata pendia, meio atada.

— Descobrimos onde Elegante e seu pessoal provavelmente estão entocados — disse Wayne enquanto Marasi corria para examinar a irmã, que parecia agitada, mas viva e bem.

— Você está brincando — disse Wax.

— Não — respondeu Wayne, depois sorriu e jogou outro amendoim na boca. — O que você descobriu?

— Pistas sobre o cubo de Marasi — disse Wax, tirando a gravata. — E algo sobre o projeto de um prédio e um possível exército. O cronograma de Elegante parece estar mais adiantado do que pensei.

— Legal — disse Wayne. — Então...

Wax suspirou, tirou a carteira e jogou uma nota para Wayne.

— Você venceu.

— Vocês fizeram uma *aposta*? — cobrou Marasi.

— Um joguinho amigável — disse Wayne, fazendo a nota desaparecer. — Posso levar esses amendoins quando formos?

— Formos? — perguntou Marasi, levantando-se.

Wayne apontou com o polegar para Wax, que pegara sua bolsa de viagem.

— Estamos indo. Marasi, Steris, sugiro que levem pouca coisa. Vocês têm uns quinze minutos.

— Já fiz as malas — disse Steris, levantando-se.

— Eu... — começou Marasi, passando os olhos de Wax para Steris, parecendo confusa. — O que você fez naquela festa?

— Com sorte não comecei uma guerra — respondeu Wax. — Mas não tenho certeza.

Marasi gemeu.

— Você o deixou fazer isso — disse ela, acusando Steris.

Steris corou. Wayne sempre achava isso estranho, considerando que Steris tinha as emoções de uma pedra e tudo mais.

O que se seguiu foi uma grande movimentação, com Wax e Marasi correndo para colocar suas coisas nas malas. Wayne ficou com Steris e jogou um amendoim na boca.

— Você aprendeu comigo essa coisa de preparar as malas antes, não foi?

— Eu... Bem, na verdade sim.

— Então o que você vai me dar por isso? — perguntou Wayne. — Precisa ter algo bom para trocar quando você pega uma coisa.

— Vou pensar nisso — respondeu Steris.

Quinze minutos depois, os quatro se acomodaram numa carruagem dirigida por MeLaan em seu corpo masculino. Tia Gin, desarrumada, estava à porta do hotel, observando-os. Tinha um bolo de dinheiro na mão, um bolo que incluía o dinheiro que Wayne ganhara de Wax. Ele o deixara como gorjeta por ter colocado as botas em cima dos móveis.

Um conjunto de sinos soou terrivelmente alto à distância, aproximando-se.

— São os policiais? — perguntou tia Gin, parecendo horrorizada.

— Temo que sim — disse Wax, fechando a porta.

A carruagem se colocou em movimento, e Steris se inclinou para fora da janela, dando adeus à pobre hoteleira.

— Incriminados por um assassinato! — disse Steris a ela. — Está na página dezessete da lista que lhe dei! Tente não deixar que eles assediem muito nossos empregados quando chegarem!

Algumas horas depois, Wax subiu um despenhadeiro na escuridão e se deixou envolver pelas brumas.

Ele sentia falta da escuridão. Nunca ficava escuro na cidade, não como tinha sido nas Terras Brutas. As luzes elétricas só estavam exacerbando esse fato. Tudo brilhando, afastando a escuridão, e, com ela, a serenidade. Silêncio. Solidão.

Um homem se encontrava quando estava sozinho, quando só tinha uma pessoa com quem conversar, uma pessoa a quem culpar. Enfiou a mão no bolso do casaco de bruma e ficou surpreso ao encontrar um charuto. Achava que não tinha mais daqueles, bons e grossos Tingmar trazidos de Intempérie.

Cortou aquele com a faca que levava no cinturão e o acendeu com um fósforo. Saboreou, sugando a fumaça, prendendo e soprando para rodopiar nas brumas. Um pouco dele para se misturar a Harmonia. Que Ele engasgasse com aquilo.

Ao lado, girava nos dedos uma pequena estaca de metal. O brinco que VenDell lhe mandara.

Era quase idêntico ao que usara para matar Lessie.

Finalmente, passos em agulhas de pinheiro indicaram a chegada de alguém. Tragou o charuto,

produzindo um brilho quente nas brumas e revelando o rosto de MeLaan. O feminino. Ela concluíra a transformação e estava abotoando a camisa enquanto se juntava a ele.

— Vai dormir um pouco? — perguntou ela suavemente.

— Talvez.

— Dá última vez que conferi, os humanos ainda precisavam dormir — disse ela. — De vez em quando.

Wax tragou o charuto e soprou novamente nas brumas.

— Elegante quer que você volte para Elendel, imagino — disse MeLaan. — Está tentando armar algo para que, do seu ponto de vista, você não tenha escolha.

— Estamos numa situação ruim, MeLaan — disse Wax. — O emissário que Aradel enviou a uma reunião política acaba assassinando a anfitriã? Se as cidades externas já não estavam tensas, estarão agora. Na melhor das hipóteses, será um enorme constrangimento político. Na pior, iniciei uma guerra.

O vento soprou, agitando galhos de pinheiro que ele não conseguia ver. Não conseguia sequer ver MeLaan; as nuvens deviam ter chegado, bloqueando a luz das estrelas. Doce escuridão envolvente.

— Se houver guerra, Elegante terá começado. Não você.

— Eu deveria ser capaz de impedir — retrucou Wax. — O governador Aradel precisa saber, MeLaan. Se as cidades externas vão alegar assassinato, se vão usar isso como brasa para acender uma fogueira, não posso simplesmente desaparecer. *Tenho* que chegar a Elendel. Desse modo, posso alegar que sabia que o sistema judiciário de Nova Seran é corrupto e, portanto, fugi para um lugar seguro. Posso apresentar minha versão nos jornais antes que a notícia se espalhe; posso convencer Aradel de que não matei a mulher. Se fizer qualquer outra coisa, vai parecer que estou me escondendo.

— Como eu disse — insistiu MeLaan. — Ele armou tudo de modo a que você não tenha escolha.

— Você vê de outro modo?

— Fui muitas pessoas, Ladrian. Vi através de muitos olhos. Sempre há outro ponto de vista, se você procurar o bastante.

Ele tragou o charuto e prendeu a fumaça por muito tempo antes de sol-tá-la num fio lento. MeLaan se afastou. Será que a raça dela precisava de sono? Ela insinuara que não, mas ele não podia ter certeza.

Sozinho com seu charuto, ele tentou pensar no que queria fazer. Voltar a Elendel, como imposto a ele pelos capangas de Elegante, ou perseguir o mistério, como imposto a ele pelos capangas de Harmonia. Rolou o brinco nos dedos e encarou o ódio que queimava dentro dele.

Ele nunca odiara Deus. Depois da suposta morte de Lessie pela primeira vez, ele não culpara Harmonia. Ferrugem! Mesmo quando a Sangradora levantou a questão de por que Harmonia não o ajudara, Wax não reagira com ódio.

Mas agora... Sim, o ódio estava ali. Você podia sofrer golpes nas Terras Brutas. Você perdia amigos. Às vezes, era obrigado a matar um homem que não queria matar. Mas uma coisa você nunca fazia: trair um companheiro. Amigos eram um privilégio muito raro naquelas terras, onde tudo parecia querer matar você.

Ao esconder a verdade dele, Harmonia o apunhalara pelas costas. Wax podia perdoar muitas coisas. Ele não estava certo de que essa era uma delas.

Seu charuto finalmente acabou. Suas perguntas permaneceram. No momento em que retornou ao acampamento, as brumas estavam se recolhendo para a noite. Ele alimentou os cavalos — seis deles, comprados na estação de carga do platô mais baixo de Nova Seran, juntamente com uma diligência

completa usada para fazer viagens às Terras Brutas do Sul.

Eles tinham escapado por pouco. Levando a carruagem a galope, eles conseguiram descer as rampas antes da polícia, mas apenas porque Wax derrubara um cabo de teleférico.

A polícia não os perseguira depois, como se percebendo que não tinha recursos para caçar alguém como Waxillium, o Tiro da Alvorada, pelo menos não sem muito apoio. Wax ainda queria estar viajando. Embora estivesse exausto até os ossos, não podia se permitir, nem a ninguém, descansar demais. Só por garantia.

Enquanto os outros entravam no veículo, grogues, MeLaan tomava as rédeas e subia no assento do condutor. Wayne ocupou o assento ao lado dela, que deu um sorriso para ele.

— Para onde, chefe? — perguntou ela, virando-se para Wax. — De volta para casa?

— Não — respondeu Wax. — Vamos para Dulsing, o lugar que Wayne e Marasi localizaram.

Na direção do projeto de construção.

— Vejo que descobriu outro ponto de vista — disse MeLaan.

— Ainda não — disse Wax suavemente, subindo na diligência. — Mas vamos ver se Harmonia ousa tentar me dar um.



TERCEIRA PARTE





Quando jovem, Marasi tinha lido muito sobre a vida nas Terras Brutas e sabia o que esperar de uma viagem de diligência: tédio, poeira e desconforto.

Era maravilhoso.

Tinha que impedir a si mesma de ficar pendurada na janela como Wayne por vezes fazia, vendo a paisagem. Não estavam nas Terras Brutas, mas era suficientemente parecido. O cheiro dos cavalos, os calombos na estrada, o ranger da madeira e das molas... Ela tinha visto e feito algumas coisas impressionantes desde que conhecera Waxillium, mas *isso* realmente era como se estivesse vivendo uma aventura.

Waxillium estava reclinado à sua frente, com os pés ao lado dela no assento, um chapéu de aba larga sobre os olhos, o rosto com barba de um dia. Tirara as botas, que estavam no chão, ao lado da escopeta.

Parecia surreal lembrar que chegara a considerar ter uma relação com ele, agora que tanto tempo se passara trabalhando juntos. Não, ela não estava interessada, não mais. Mas *realmente* admirava a imagem perfeita dele ali: a arma, as botas e o chapéu.

Claro que aquela imagem era distorcida pela presença de Steris, encolhida no assento ao lado, roncando suavemente com a cabeça apoiada no ombro dele. Em que tipo de mundo bizarro a meia-irmã minuciosa de Marasi acabara naquela aventura? O lugar de Steris era numa sala de estar, com uma xícara de chá e um livro tedioso sobre horticultura, não cruzando o país numa diligência rumo a um possível exército de alomânticos. Mas ali estava ela, aninhada ao próprio Tiro da Alvorada.

Marasi balançou a cabeça. Ela não invejava Steris, o que era, francamente, impressionante, considerando sua criação. Era muito difícil odiar Steris. Você podia ficar entediada com ela, confusa ou frustrada, mas odiá-la? Impossível.

Marasi sacou seu caderno para continuar fazendo seu relatório para VenDell e o comissário-geral Reddi, que esperava conseguir enviar antes de chegar a Dulsing.

Waxillium se ajeitou e empurrou o chapéu para trás, encarando-a.

— Você deveria dormir um pouco.

— Vou descansar quando pararmos.

— Pararmos?

Marasi hesitou. Eles já estavam viajando havia meio dia, evitando as estradas principais para fugir de possíveis perseguidores vindos de Nova Seran. Cruzaram diversos campos e gastaram uma hora inteira chacoalhando ao longo de um penhasco de pedra para evitar as fazendas abaixo, de modo a deixar menos sinais de sua passagem.

O caminho seguia quase diretamente para nordeste de Nova Seran, margeando as montanhas à direita e permanecendo nos sopés, o que significava algumas subidas e descidas, mas ainda em boa terra agrícola. Todas as terras da Bacia eram cultiváveis, mesmo ali no limite, onde o clima era mais seco que no

centro.

— Achei que depois de termos parado ontem à noite... — começou Marasi. — Ora, você pretende ir direto para lá?

— “Direto” é um termo estranho, considerando o quanto MeLaan nos fez ziguezaguear para não sermos apanhados — disse Waxillium. — Mas sim. Não deve demorar mais de umas quatro horas.

Um trem poderia tê-los levado numa fração desse tempo e com conforto. Talvez as cidades externas tivessem razão ao reclamar de como as coisas funcionavam.

— Waxillium? — chamou Marasi quando ele se ajeitou novamente.

— Ahn?

— Você acha que eles são reais? Os Braceletes da Perdição?

Ele empurrou o chapéu totalmente para trás.

— Já lhe contei por que fui para as Terras Brutas?

— Quando jovem? Você foi porque você odiava a política, as expectativas. Uma sociedade educada que era tudo menos educada.

— Esse foi o motivo pelo qual deixei Elendel — corrigiu Waxillium. — Mas por que escolhi as Terras Brutas? Eu poderia ter ido para uma das cidades externas, poderia ter encontrado uma fazenda em algum lugar para ler livros e ter uma vida calma.

— Bem... — começou Marasi, franzindo a testa. — Acho que pensei que você sempre quis ser um homem da lei.

Waxillium sorriu.

— Gostaria de ter sabido isso com facilidade. Deveria ter sabido. Passei a infância denunciando as outras crianças por todas as pequenas coisas que faziam.

— E então?

Ele recostou, fechando os olhos.

— Eu estava caçando uma lenda, Marasi. Histórias sobre o ouro do Sobrevivente, riquezas a serem conquistadas, histórias a serem feitas.

— Você? — reagiu Marasi, chocada. — Você era um *cavalheiro aventureiro*?

Waxillium fez uma careta ao ouvir a expressão.

— Assim você faz com que eu pareça aquele idiota dos jornais. Vou lhe dizer, Marasi, os primeiros meses foram difíceis. Todas as cidades estavam cheias de desempregados com o fechamento das minas, e eu não podia entrar num *saloon* sem encontrar um jovem tolo como eu, vindo da Bacia, com a cabeça cheia de sonhos de glória e riqueza.

— Então você começou a caçar recompensas — disse ela. — Você me contou essa parte. Alguma coisa sobre botas.

— No final, sim — confirmou Waxillium, sorrindo. — Tive muitas dificuldades por lá antes de me voltar para as recompensas, mas inicialmente eu só tinha olhos para riquezas e ouro. Demorei um tempo para tirar isso da cabeça, mas, naquela época, mesmo virar um homem da lei foi motivado pelo dinheiro. Comecei a caçar homens por dinheiro. E, bem, sempre tive essa coisa em mim de não gostar de ver as pessoas sendo intimidadas. Acabei em Intempérie. Apenas mais uma cidade seca e esquecida nas Terras Brutas, com a qual ninguém se importava. Isso aconteceu seis anos antes de alguém me dar credenciais e oficializar meu trabalho.

A diligência sacudiu em suas travas. Marasi conseguia ouvir Wayne e MeLaan conversando. Desde que não estivessem se agarrando novamente enquanto tentavam conduzir...

— Quando VenDell nos contou sobre os Braceletes, desejei que não fossem reais — disse Waxillium, olhando pela janela. — Odiei a ideia de um sonho idiota me arrastando de novo, depois de finalmente ter encontrado estabilidade em Elendel. Não queria a tentação da excitação, a lembrança de um mundo que eu acabara amando lá na poeira.

— Então você acha que elas *são* reais.

— É o seguinte — disse ele, inclinando-se para a frente e fazendo Steris se mexer no sono. — Meu tio não teve tempo de gerar seus alomânticos, como suspeito que ele tem tentado fazer. Os planos que ele e o Grupo conceberam são um investimento a longo prazo. Mas ele prometeu *algo* a Kelesina e realmente soou como se achasse que podia entregar. Você está com o objeto?

Marasi tirou o pequeno cubo metálico da bolsa. Waxillium enfiou a mão no bolso e pegou a moeda, aquela que o pedinte aparentemente lhe dera. Colocou os dois juntos, sob a luz do sol que entrava pela janela e refletia no cubo, destacando os símbolos sobrenaturais em seus lados.

— Algo estranho *está* acontecendo, Marasi — disse Waxillium. — Algo importante o suficiente para chamar a atenção do meu tio. Não tenho as respostas. Preciso encontrá-las.

Ela se viu sorrindo com a intensidade nos olhos dele.

— Não foi o caçador de tesouros que o fez decidir ir para Dulsing. Foi o detetive.

Ele sorriu.

— Você estava escutando o que MeLaan me disse ontem à noite?

Marasi anuiu.

— Você deveria estar dormindo — disse Waxillium. Girou a moeda, pegou-a e jogou o cubo de volta para ela. — Procurar Aradel teria sido a decisão mais madura e prudente, mas tenho que encontrar as respostas. E quem sabe? Talvez os Braceletes sejam reais. Caso sejam, afastá-los de Elegante é *pelo menos* tão importante quanto informar o governador sobre o que aconteceu em Nova Seran.

— Você acha que seu tio está tentando criar alomânticos com tecnologia em vez de por reprodução.

— Um poder assustador nas mãos de um homem como o meu tio — disse Waxillium, recostando novamente no assento. — Vamos dormir. Provavelmente invadiremos esse projeto de construção durante a noite.

Ele se acomodou, colocando o chapéu sobre os olhos novamente. Marasi achou que deveria fazer o que ele disse, então tentou cochilar. Infelizmente, havia pensamentos demais em sua cabeça para que conseguisse dormir.

Depois de um tempo, ela desistiu e voltou ao relatório. Nele, explicou o que tinham feito e descoberto. Ela precisava mandar aquilo logo. Talvez conseguisse encontrar uma estação de telégrafo quando trocassem de cavalos e mandar o relatório a tempo de fazer diferença.

Terminado o relatório, ela passou para suas anotações sobre a estaca desaparecida. Kelesina, agindo em prol do Grupo, tentara matar ReLuur e supusera ter tido sucesso. Quando o Grupo exigiu provas, ela ordenou que a estaca fosse desenterrada e enviou-a a Dulsing. Mas onde estaria guardada lá? Presumivelmente em algum lugar seguro. Como, afinal, ela poderia encontrá-la?

Ela ergueu o pequeno cubo. Elegante perguntara por ele. Será que ela poderia usá-lo de algum modo?

Marasi franziu a testa, virando o cubo. Os lados tinham pequenos sulcos entre si. Examinou mais atentamente e, à luz do sol, encontrou algo que não tinha visto antes. Uma pequena protuberância oculta

num sulco. Parecia... bem, um interruptor. Alojado ali, onde não podia ser acionado acidentalmente.

Ela usou um grampo de cabelo para alcançar e acionar o interruptor. Ele se moveu como ela esperara.

Um interruptor. Parecia tão... mundano. Ou aquilo era uma relíquia mística ou envolvia alguma tecnologia secreta. Ninguém usava interruptores em relíquias; elas eram erguidas à luz das estrelas, entre frases de comando especiais ou uma dança no último dia do mês enquanto se comia um cunquate.

O interruptor parecia não ter feito nada. Então, Marasi engoliu e queimou uma pitada de cádmio.

O cubo começou a vibrar em seus dedos.

Depois, a diligência inteira deu um solavanco, sacudindo como se tivesse sido atingida por algo muito duro. Marasi bateu com a cabeça no teto e foi jogada de volta no assento.

Os cavalos relincharam, mas MeLaan, de algum modo, os controlou. Em momentos, a diligência foi detida.

— O que foi isso, inferno? — disse Waxillium, levantando-se do chão, onde havia caído embolado com Steris.

Marasi grunhiu, sentando-se e segurando a cabeça.

— Eu fiz algo idiota.

— Quão idiota? — perguntou Waxillium.

— Eu estava testando o aparelho e usei Alomancia — disse Marasi.

A cabeça de Wayne apareceu na janela da porta um instante depois, pendurado de cima da carruagem.

— Aquilo foi uma bolha de velocidade?

— Sim — respondeu Marasi.

— O maldito solavanco quase matou os cavalos — disse Wayne.

— Eu lamento, eu lamento.

Waxillium ajudou Steris a se sentar.

— O quê... O que deu errado? — perguntou ela, confusa.

— Marasi criou uma bolha de velocidade enquanto estávamos nos movendo — contou Waxillium. — Chegamos ao limite, estourando a coisa e passando de um momento para o seguinte.

— Mas ela criou uma bolha no trem — disse Steris.

— Bolhas de velocidade se movem com você caso esteja em algo suficientemente grande — explicou Waxillium. — Do contrário, o movimento do planeta a arrancaria de todas as bolhas que criasse. O trem era pesado e rápido. A diligência é pequena e lenta. Então...

— Então eu deveria saber que não podia fazer aquilo — disse Marasi, enrubescendo. — Não faço isso desde criança, mas, Waxillium, ele *zumbiu*.

— O quê?

— O cubo. Ele... — começou Marasi, dando-se conta de que, na confusão, largara o cubo. Procurou ao redor freneticamente até localizá-lo perto do seu pé. Ergueu-o, triunfante. — Ele tem um interruptor.

— Um interruptor?

Ela o virou de lado, mostrando o pequeno interruptor.

— É preciso enfiar algo pequeno para acioná-lo — explicou. — Mas agora ele funciona.

Ele olhou para aquilo, atônito, e depois o mostrou a Steris, que semicerrou os olhos.

— Que tipo de objeto esquisito tem um *botão de ligar*? — perguntou Steris.

— Acho que faz sentido — disse Waxillium. — Ninguém iria querer que um aparelho esquisito fosse ligado acidentalmente.

— Poderia acabar matando condutores de diligências — resmungou Wayne.

— Isso não interrompeu sua Alomancia? — perguntou Waxillium a Marasi, coçando o queixo. Ela balançou a cabeça. Ainda podia sentir suas reservas de metal.

— Parece que não faz nada.

— Ahn — disse Waxillium, erguendo-o. — Pode ser perigoso.

— Então vamos testar? — perguntou Wayne, pendurado à janela.

— Claro que vamos — respondeu Waxillium. — Mas *longe* da carruagem.

Wax segurou o cubo. O objeto reagiu quando ele queimou metal, mas pareceu não fazer mais nada.

Tinham parado perto de um grupo de nogueiras enormes, e Wayne estava enchendo os bolsos enquanto Marasi observava Wax fazer experiências a uma distância segura. MeLaan dava água aos cavalos num riacho mais abaixo. Perto dali, um campo de cenouras mostrava seus brotos verdes, totalmente sem cuidados. O ar era fresco, de vida intocada.

Ele ergueu o cubo e parou de queimar seus metais. O cubo parou de vibrar. Queimou novamente, e o objeto reagiu, começando lentamente, mas acelerando após um ou dois segundos. Mas o que aquilo *fazia*? Por que não impedia sua Alomancia como tinha feito no trem?

Talvez não funcione na pessoa que o ativa, pensou. Isso faria algum sentido, embora ele não conseguisse imaginar como o cubo saberia.

— Ei, Wayne — chamou.

— Sim, meu chapa?

— Pegue.

Wax jogou o cubo para ele, e Wayne pegou, saltando quando seu cinturão, que continha os frascos de metais e moedas, foi arrancado de suas presilhas destacáveis e saiu voando. Ele se virou e o viu caindo no chão bons seis metros morro abaixo. Quando chegou perto, o cinturão fugiu.

Wax correu na direção de Wayne, e, ao fazer isso, a escopeta em seu coldre de perna resistiu, como se estivesse sendo *empurrada*. O efeito passou após alguns segundos, e quando ele chegou a Wayne, o cubo parara de zumbir.

Wayne ergueu o cubo.

— O que foi isso?

Wax tomou o objeto dos dedos dele enquanto Marasi corria para se juntar a eles.

— Ele não rouba Alomancia, Wayne. Nunca roubou.

— Mas...

— Ela usa o metal que alguém está queimando e... o estende — disse Wax. — Você viu. Ele *empurrou* seu metal para longe, como se um Lançamoedas estivesse perto de você. O cubo usou Alomancia.

Os três ficaram atônitos, olhando para o pequeno aparelho.

— Precisamos tentar novamente — disse Wax. — Wayne, segure isso e queime sua curvaliga. Marasi, fique ali. Wayne, assim que estiver pronto, jogue o cubo para ela.

Eles fizeram isso. Wax recuou. Quando Wayne queimou seu metal, ficou borrado dentro de sua bolha de velocidade. O cubo zuniu em um piscar de olhos e depois voou pelo ar na direção de Marasi, um

pouco desviado, mas ainda se movendo na direção certa.

Ativou-se pouco antes de chegar a ela, que se tornou um borrão, disparando para pegar o cubo e depois disparando de volta. Passou uma contagem até dez antes que o cubo parasse de funcionar, devolvendo-a ao tempo comum.

— Você viu isso? — perguntou Marasi, assombrada, segurando o cubo. — Ele criou uma bolha de velocidade para mim. Ele *consumiu* a Alomancia de Wayne e a replicou!

— Então é o que estávamos procurando? — perguntou Wayne, juntando-se a eles, tendo dissolvido sua própria bolha.

— Não exatamente — respondeu Wax, pegando o cubo e erguendo-o. — Mas certamente é encorajador. Aparentemente, é preciso ser alomântico para usar isto; ele não dá novos poderes, mas estende aqueles que a pessoa já tem. É como... como uma granada alomântica.

Marasi anuiu, ansiosa.

— O que significa que o homem no trem, aquele que usou isto em nós, é um Sugador. Ele pode retirar a Alomancia de outros e deu esse poder ao cubo, que depois jogou em você.

— Ele começa a funcionar um ou dois segundos depois que você joga — disse Wax, anuindo. — Útil.

— É prova de que Elegante está escondendo tecnologia — acrescentou Marasi.

— Nós já sabíamos pelo equipamento de comunicação, mas, sim, isto é ainda mais curioso — lembrou Wax. — Estou um pouco tentado a pensar que toda essa história sobre os Braceletes da Perdição é fruto de boatos sobre essa tecnologia que o Grupo está desenvolvendo.

— E os símbolos?

— Não faço ideia — respondeu Wax. — Algum tipo de código que eles desenvolveram?

Ele tamborilou no cubo e deu a coisa para Marasi.

— Por que eu? — perguntou ela.

— É seu. Você o encontrou; você descobriu como ligar. Além disso, tenho a sensação de que será mais eficaz nas suas mãos.

Ela o segurou por um momento e, então, seus olhos arregalaram. Ser um Pulsador não era muito útil quando você se prendia numa bolha onde o tempo se movia lentamente. Contudo, se você pudesse prender *alguém* nessa bolha...

Wayne assoviou suavemente.

— Vou tentar não o perder — disse Marasi, guardando o aparelho. — Vamos precisar estudá-lo depois, descobrir como funciona.

Eu me pergunto..., pensou Wax, lembrando-se de outra coisa. Brincou com a ideia, enfiando a mão no bolso e tirando o bracelete de ouro que Kelesina usava.

Ele o jogou para Wayne.

— O que é isto? — perguntou Wayne, erguendo-o para o céu. — Uma bela argola de ouro. Com quem você trocou? Eu poderia usar isto, meu chapá. Daria uma bela mente de metal.

— Acho que já é uma — disse Wax, murchando. Havia sido uma ideia boba.

Wayne engasgou.

— O quê? — perguntou Marasi.

— É uma mente de metal — contou Wayne. — Maldição, é mesmo. E eu posso *sentir*. Wax, sua faca está com você?

Wax anuiu, sacando a faca do cinturão. Quando Wayne estendeu a mão, ele abriu um pequeno corte. Cicatrizou imediatamente.

— Meu chaaaaapa... — sussurrou Wayne. — É a mente de metal de outra pessoa, mas eu posso *usar*.

— Como VenDell disse — falou Wax, tomando o bracelete dos dedos de Wayne. — Uma mente de metal sem identidade. Ferrugem! Tenho que queimar meu metal para conseguir notar uma linha *muito fraca* apontando para ela. Esta coisa deve estar cheia de poder.

Mais cheia do que qualquer mente de metal que ele já sentira, na verdade. Normalmente, conseguia *empurrá-las* sem grande dificuldade, mas mal conseguira virar aquela.

— Por que não notei imediatamente o que era? — perguntou Wayne. — Precisei que me dissessem. E, ah, Ferrugem! Isto é prova dos Braceletes da Perdição, não é?

— Não — disse Wax. — *Eu* não posso sentir uma reserva no bracelete. Não posso usar isto, já que não sou um Criassangue. Não é uma mente de metal que qualquer um possa usar, apenas alguém com os poderes certos.

— Ainda assim é impressionante — disse Marasi.

— E perturbador — acrescentou Wax, olhando para aquela argola de aparência inocente. A única forma de criar aquilo envolveria um feruquemista com dois poderes. Então, ou o Grupo tinha acesso a feruquemistas puro-sangue ou seus medos tornavam-se realidade. Eles haviam descoberto como usar Hemalurgia.

Ou é uma relíquia, pensou. *Há essa possibilidade*. Talvez aquilo e a caixa fossem artefatos de outra época.

Ele jogou o bracelete de volta para Wayne.

— Quanto poder de cura há nele?

— Um montão — respondeu Wayne. — Mas não é infinito. O reservatório diminuiu quando curei aquele corte.

— Então fique com isso — disse Wax, virando-se ao ouvir seu nome.

MeLaan estava no limite da clareira, acenando. Wax deixou Wayne e Marasi, indo a passos largos até a alta e magra kandra, ainda preocupado com o significado daquelas descobertas. O que o bracelete indicava? Haveria mais a ser descoberto? Mentes de metal que davam incríveis poderes a qualquer um que as tocasse? Pela primeira vez, ele realmente começou a imaginar isso. E se os Braceletes *fossem* reais? O que aconteceria à sociedade se os poderes dos Nascidos do Metal fossem simplesmente algo que se pudesse comprar?

Ele chegou a MeLaan.

— Acho que você vai querer ver isso — disse, acenando para que a seguisse até o alto de uma colina íngreme coberta de folhagem.

De lá, eles tinham uma vista da terra a nordeste. Uma parte era cultivada em fileiras e anéis, mas muito era como aquilo que já tinham visto: natureza selvagem brotando em grupos aleatórios de frutas ou legumes. Uma brisa fresca batia nele, mal suficiente para reduzir o calor do sol.

Ver a paisagem e sentir aquela brisa perfeita fez Wax se dar conta do que o incomodava tanto nos problemas entre Elendel e as cidades externas. Será que aquelas pessoas compreendiam como era a vida nas Terras Brutas, onde a agricultura era cheia de incertezas e o risco de fome era real?

Eles acham que as pessoas são tolas por viverem nas Terras Brutas, pensou Wax, pegando a luneta antiquada que MeLaan lhe dava. *Eles não entendem como é passar gerações preso lá, sendo pobre*

demais, ou teimoso demais, para voltar à Bacia.

A liberdade nas Terras Brutas tinha um custo. Fosse como fosse, a Bacia era literalmente um paraíso, criado para os homens por um Deus que quisera compensar o mundo por um milênio de cinzas e ruína. Parecia que, mesmo no paraíso, os homens encontravam motivos para discutir e lutar.

Wax ergueu a luneta.

— O que estou procurando?

— Confira a estrada um quilômetro e meio acima — explicou MeLaan. — Junto àquele riacho com uma ponte.

Ele identificou dois homens descansando num campo com seus machados. Pela aparência, tinham estado cortando o tronco de uma árvore morta. Outra árvore caída cruzava a estrada.

— O que você vê? — perguntou MeLaan.

— Um bloqueio de estrada que não quer parecer um — respondeu Wax. — Aquela árvore foi colocada para parecer ter caído ali, mas os sulcos no terreno indicam que foi arrastada para lá intencionalmente e movida uma ou duas vezes desde que colocada.

— Bons olhos — disse MeLaan.

— Eles têm dono — disse, virando a luneta e olhando na direção das fazendas. — Eu diria que há soldados instalados naquela casa de fazenda ali. Não há fumaça se erguendo das chaminés de nenhuma das outras casas. Provavelmente abandonadas. É difícil encontrar uma casa de fazenda sem comida no fogão a esta hora do dia.

— Estão esperando por nós?

— Não, isto é grande demais — discordou Wax. — Este é um perímetro. Eles estão tentando fazer com que não pareça um, para impedir que a notícia corra, mas isolaram a área inteira. O que pode estar acontecendo lá?

MeLaan balançou a cabeça, parecendo confusa.

— Bem, não podemos levar a carruagem adiante — disse Wax, devolvendo a luneta. — Você cavalga bem?

— Bem, não derrubei nenhum cavaleiro recentemente, mas não costumo ter a oportunidade de ser um cavalo, então não sei como me sentirei hoje.

Wax piscou.

— Ah, você quis dizer se cavalgo bem *em* um cavalo — disse MeLaan. — Sim, cavalgo bem. Duvido que serei aquela com quem você terá que se preocupar.

Ela apontou com a cabeça para Steris, que caminhava pela clareira, seguida por Wayne, que enchera o chapéu de nozes.

— Certo — disse Wax.

Com sorte, alguns dos seus cavalos seriam dóceis.

O crepúsculo tomou a terra de modo irregular, como um olho cansado lutando para permanecer aberto. Wax percebeu que isso era resultado da variedade da terra ali no sul. Em um momento, você podia estar cavalgando por um vale arborizado, nas sombras, e, no seguinte, subindo uma colina até um campo aberto e descobrindo que o sol ainda não havia mergulhado no horizonte.

Ainda assim, a escuridão acabou chegando, mas as brumas não vieram junto. Wax se deu conta de que

estivera ansiando por ser novamente envolvido por elas.

MeLaan liderava o grupo, mantendo-se em áreas arborizadas quando possível. Ela ou Wayne faziam incursões à frente, procurando patrulhas, mas o Grupo estava tentando controlar uma área tão grande que evidentemente não conseguia vigiar toda a vegetação. Marasi, claro, era uma ótima amazona, e parecia contente de ter um motivo para vestir o paletó e as calças de policial.

Steris o surpreendera. Ela se saiu bem, mesmo cavalgando de saia. Tinha trazido uma grande o suficiente para enfiá-la sob o corpo e cavalgar sem se expor demais. Fez isso sem queixas, como tinha feito praticamente tudo mais naquela viagem.

As poucas fazendas ou campos de caça pelos quais passaram estavam vazios. Wax sentia uma inquietação crescente. Sim, aquela podia ser uma região pequena e em grande medida desabitada nos limites da Bacia, mas ainda era profundamente perturbador que o Grupo pudesse dominá-la tão amplamente.

Assim que chegaram ao último grupo de árvores perto da aldeia, MeLaan foi à frente, no papel de batedora, e depois voltou e acenou para que Wax a seguisse. Ele se arrastou para cima a fim de olhar para a aldeia desde a linha das árvores.

Holofotes elétricos potentes iluminavam o perímetro ao redor de uma estrutura enorme no que obviamente havia sido o centro da aldeia de Dulsing. Era feita de madeira, sem janelas, enorme, e ainda estava sendo construída, a julgar pelos andaimes nas laterais e o teto incompleto. Os prédios da cidade haviam sido derrubados, em sua maioria, deixando intactos apenas alguns no perímetro.

O prédio emitia uma luz quente pelo teto aberto. De onde conseguiam tanta eletricidade? MeLaan lhe deu a luneta, e ele a ergueu, estudando o perímetro. Os homens que viu ali eram soldados, sem dúvida, vestindo uniformes vermelhos com uma marca no peito que não era possível identificar àquela distância. Levavam rifles nos ombros, e os holofotes criavam um anel brilhante ao redor do lugar. Havia sido voltados para fora, não na direção do prédio, o que deixava muitas áreas de sombras dentro do anel. Eles teriam proteção assim que tivessem atravessado o perímetro.

— O que acha? — perguntou ele. — É algum tipo de bunker?

— Não parece com nenhum forte que *eu* tenha visto — disse MeLaan. — Com aquelas paredes frágeis? Parece mais um grande armazém.

Um armazém tão grande quanto uma pequena cidade. Wax balançou a cabeça, assombrado. Depois, identificou algo na extremidade da aldeia. Uma cachoeira? Estava fora do alcance das luzes, mas ele achava que conseguia ver névoa se erguendo de onde ela caía e um pequeno riacho corria pela aldeia.

— Terreno alto naquela direção — disse ele.

— É — concordou ela. — Os mapas mencionam aquela queda-d'água. Pequena, mas supostamente bonita.

— Devem ter instalado uma turbina — disse ele. — É de lá que vem a energia. Vamos voltar até os outros.

Eles se arrastaram novamente pela vegetação rasteira até onde Wayne, Marasi e Steris aguardavam no bosque escuro.

— Eles realmente estão aqui — sussurrou Wax. — Temos que descobrir um modo de entrar. Toneladas de soldados. Perímetro bem guardado.

— Entre voando — sugeriu Steris.

— Não vai funcionar — disse Wayne. — Eles tinham um Buscador na festa; acha que não terão um

aqui? No instante em que um de nós queimar metal, atrairemos cem dos capangas de Elegante para nos dar as boas-vindas com um aperto de mão e um pouco de assassinato amigável.

— Então o quê? — perguntou Marasi.

— Tenho que ver — disse Wayne.

— Achemos que teremos um ponto de vista melhor do outro lado — disse Wax. Ele apontou, e MeLaan abriu caminho na escuridão, levando seu cavalo entre as árvores enormes. Wax ficou com Steris, na retaguarda do grupo, e manteve certa distância para poder conversar com ela em particular.

— Steris — sussurrou. — Estive pensando em como proceder assim que tivermos decidido como infiltrar o lugar. Pensei em levar você conosco, mas simplesmente não acho que isso seja factível. Acho que seria melhor ficar e cuidar dos cavalos.

— Muito bem.

— Não, é sério. São *soldados armados*. Não consigo sequer imaginar como me sentiria se eu a levasse para lá e algo acontecesse. Você precisa ficar aqui.

— Muito bem.

— Isto não está sujeito... — começou Wax, mas depois hesitou. — Espere. Você se sente bem com isso?

— Por que não me sentiria? Mal tenho noção de para onde apontar uma arma e não exibo a capacidade de me esgueirar; esse é um talento bastante escandaloso quando se pensa nisso, Lorde Waxillium. Embora eu *realmente* acredite que as pessoas tendem a estar mais seguras perto de você, cavalgar para dentro de um complexo inimigo é forçar um pouco essa percepção. Ficarei aqui.

Wax sorriu no escuro.

— Steris, você é uma joia.

— O quê? Por eu ter uma noção de autopreservação moderadamente saudável?

— Digamos que, nas Terras Brutas, eu me acostumei a pessoas que sempre querem tentar coisas além de sua capacidade. E elas sempre pareciam determinadas a fazer isso quando era mais perigoso.

— Bem, vou tentar ficar escondida e não ser capturada — disse Steris.

— Duvido que você precise se preocupar com isso aqui.

— Ah, concordo — retrucou ela. — Mas esse é o tipo de anomalia estatística que atormenta a minha vida, então ainda assim vou me preparar para isso.

Com alguma dificuldade, eles chegaram ao limite leste da cidade, onde deixaram Steris e os cavalos. Wax pegou suprimentos no animal de carga. Frascos de metais, balas, muitas armas, incluindo a de alumínio que roubara na casa de Kelesina. E o último dos mecanismos de bola e cordão de Ranette, que enfiou na bolsa de seu cinturão.

Depois de subir em zigue-zague, eles conseguiram se instalar num pico escuro acima da cachoeira, que não era de modo algum tão impressionante quanto ele imaginara, e estudar a cidade. Bem, os restos dela.

— Gostaria de ver aquele prédio — disse Marasi, devolvendo a luneta.

Wax grunhiu, concordando. Eles estavam *quase* alto o suficiente para ver o que acontecia do lado de dentro. Certamente aquelas luzes revelavam uma grande atividade: pessoas se movendo abaixo, passando diante das fontes de luz na grande câmara. Mas o que estavam fazendo e por que ainda estavam trabalhando com a noite bem adiantada?

— Vai ser difícil penetrar lá — disse Wayne.

— Você poderia matar um dos guardas para mim — disse MeLaan, acomodando-se numa pedra. — Eu o comeria, assumiria sua forma e assim conseguiria colocá-los lá dentro.

Wax piscou e espiou Marasi, que parecia nauseada.

— Vocês realmente precisam parar de me olhar assim quando ofereço sugestões pragmáticas — reclamou MeLaan.

— Não é pragmatismo — discordou Marasi. — É canibalismo.

— Tecnicamente não, já que somos espécies diferentes. Sinceramente, se você estudar nossa fisiologia, eu tenho menos em comum com vocês do que vocês têm com uma vaca, e ninguém fica surpreso quando vocês comem uma vaca. Você não teve problema com isso quando assumi o corpo da guarda-costas de Innate.

— Ela já estava morta — disse Wax. — Obrigado por sua sugestão, MeLaan, mas conseguir o corpo de um guarda para você está fora de questão.

— Não gostamos de matar pessoas — disse Wayne. — Pelo menos não antes que elas comecem a atirar em nós. São apenas sujeitos fazendo seu trabalho.

Ele olhou para Marasi, como se pedindo apoio.

— Não olhe para mim — disse Marasi. — Estou perturbada por ver você tentando assumir uma postura moral.

— Concentre-se, Wayne — disse Wax. — Como vamos entrar? Podemos tentar um Cinto Gordo?

— Não, barulhento demais — respondeu Wayne. — Acho que devíamos tentar o Tomate Estragado.

— Perigoso — devolveu Wax, balançando a cabeça. — Eu teria que conseguir o lançamento perfeito, entre o perímetro iluminado e a parte nas sombras perto das paredes.

— Você consegue. Você faz isso o tempo todo. Aliás, temos essa nova mente de metal reluzente e cheia de saúde esperando para ser sugada.

— Um erro poderia arruinar toda a infiltração, com ou sem poder de cura — argumentou Wax. — Acho que deveríamos fazer o Agachado entre Nuvens.

— Está brincando? — reagiu Wayne. — Você não levou um *tiro* na última vez que tentamos isso?

— Meio que levei — admitiu Wax.

MeLaan os encarou, espantada.

— Agachado entre Nuvens?

— Eles têm essa coisa — disse Marasi, dando um tapinha no ombro dela. — Melhor não prestar muita atenção.

— Corrida no Tubo — sugeriu Wayne.

— Sem cola.

— Lançador de Desgraça?

— Escuro demais.

— Pisada Dupla da Guarda Negra.

Wax hesitou.

— O que diabos é isso?

— Acabei de inventar — disse Wayne, sorrindo. — Mas é um belo codinome, não?

— Não é ruim — admitiu Wax. — E que tipo de plano é?

— Igual ao Tomate Estragado.

— Eu disse que é perigoso demais.

— Nada mais vai funcionar — disse Wayne, levantando-se. — Olhe, vamos ficar sentados aqui, discutindo, ou vamos fazer isso?

Wax refletiu por um momento, olhando a área. Será que ele conseguiria o lançamento perfeito?

Mas tinham um plano melhor? Aquele perímetro estava muito bem guardado, mas era uma noite escura. Se sua vida nas Terras Brutas lhe ensinara algo, era confiar em seus instintos. Infelizmente, naquele momento, eles concordavam com Wayne.

Então, antes que pudesse mudar de ideia, sacou a escopeta do coldre e jogou-a para Wayne. O homem mais baixo a pegou com desgosto, já que armas e Wayne não combinavam. Seus braços imediatamente começaram a tremer.

— Tente segurar firme — disse Wax. — Abra uma brecha no lado norte, se puder.

Ele aumentou seu peso, queimou metal e *empurrou* a arma, usando-a como âncora para arremessar Wayne para fora da projeção rochosa e sobre o campo. O homem subiu com o *empurrão* antes de cair pela escuridão por cerca de quinze metros na direção do solo.

Marasi perdeu o ar.

— Tomate Estragado? — perguntou.

— É — respondeu Wax. — Aparentemente, há alguma sujeira quando ele cai.

À ferrugem com aquele Wax, pensou Wayne enquanto despencava rumo ao solo, sob o chapéu que voava da sua cabeça. *Jogar uma arma para alguém sem nem avisar. Ora, isso é simplesmente...*

Ele bateu no chão.

Bem, havia um truque ao cair para a morte. Corpos são *barulhentos* quando acertam o chão. Mais barulhentos do que qualquer um esperaria.

Ele reduziu isso batendo primeiro com os pés, e ambas as pernas quebraram imediatamente. Depois, girou de lado, quebrando o ombro, mas abafando um pouco o som ao rolar com o impacto. Ativou sua nova e bela mente de metal pouco antes de sua cabeça bater no chão, deixando-o tonto.

Ele acabou amassado e quebrado ao lado de um monte de pedras. *Claro* que Wax o mandaria para um monte de pedras. Quando sua visão clareou, ele tentou olhar para as pernas, mas não conseguiu se mover. Na verdade, não conseguia sentir nada, o que era bastante agradável. Era sempre bom quando partia a coluna; isso ajudava com a dor.

Não que a dor sumisse *completamente*, veja bem, mas ele e a dor eram velhos amigos que trocavam um aperto de mão e tomavam uma cerveja juntos de vez em quando. Não gostavam muito um do outro, mas tinham uma relação de trabalho. As sensações, junto com a agonia, retornaram quando a mente de metal curou sua coluna, concentrando-se primeiro nos piores ferimentos. Ele respirou fundo. Uma coluna partida podia sufocar um homem. As pessoas não sabiam disso. Ou, melhor, aquelas que *sabiam* já tinham sufocado.

Assim que conseguiu se mexer, mesmo enquanto suas pernas curavam, ele se virou e usou o braço bom para colocar uma das pedras grandes na pilha. Parecia que aquelas pedras estavam ali para conter o riacho, talvez para criar um caminho por ele. Wayne deu-lhes um bom uso, estendendo a outra mão enquanto o ombro se curava. Wax o colocara bem, justo na área escura entre os postos de vigilância no perímetro e o prédio. Mas isso não significava que estava seguro.

Wayne ficou de pé com dificuldade, arrastando a arma de Wax, sacudindo a perna enquanto os ossos se religavam. Aquele bracelete de ouro era uma senhora mente de metal. Uma cura ampla como essa teria lhe custado semanas poupando saúde, mas aquela mente de metal ainda estava quase cheia.

Cambaleou o mais silenciosamente que pôde, deixando uma grande pedra equilibrada sobre as outras enquanto buscava um lugar mais fundo nas sombras. Depois, escondeu a arma perto do prédio para que sua maldita mão parasse de tremer.

Ele saiu dali bem a tempo. Uma dupla de soldados se aproximava, vinda do perímetro.

— Foi aqui — disse um deles. Quando chegaram mais perto, um dos holofotes se virou e iluminou a área, quase expondo Wayne. Ele ficou paralisado nas sombras, perto de uma pilha de equipamentos de trabalho, suando enquanto seus dedos do pé estalavam suavemente e os ossos raspavam uns nos outros enquanto voltavam a seus devidos lugares.

Os guardas não ouviram. Foram até onde ele tinha caído e olharam ao redor. Nada de molho de tomate dessa vez, felizmente. Um deles raspou acidentalmente na pedra, que caiu do pico onde Wayne a colocara, rolando pela pequena pilha e batendo nas outras pedras. Os homens olharam para aquilo e anuíram, dando uma olhada rápida no lugar, mas voltando a seus postos e virando a luz para uma área próxima. Concluíram que o barulho que tinham ouvido fora apenas das pedras. Nada significativo.

Wayne se levantou, no escuro, e parou de usar a mente de metal. Sentia-se bem. Renovado, como sempre ficava depois de uma grande cura. Sentia-se como se pudesse fazer algo impossível, subir uma montanha correndo ou comer sozinho uma travessa inteira de javali com batatas no Findley's.

Esgueirou-se das sombras para cuidar de assuntos importantes. Felizmente, achou seu chapéu quase imediatamente, perto de outra pilha de pedras. Então, voltou-se para questões menos importantes, como criar uma oportunidade de penetração para os outros.

Wax tinha pedido que abrisse uma brecha no lado norte. *Vamos ver...* Ele se manteve perto do prédio, resistindo à ansia de penetrar sozinho e descobrir o que, em nome de Ruína, havia lá dentro.

Hora de pensar como um guarda. Era difícil, já que ele não tinha um chapéu de guarda. Ficou nas sombras e escutou enquanto uma dupla deles passava em patrulha, digerindo seu sotaque como se fosse *pretzels* com mostarda.

Após observar por quinze minutos, ele escolheu um candidato e o acompanhou enquanto o homem fazia a ronda, embora Wayne permanecesse nas sombras. O sujeito comprido tinha um rosto de coelho, mas era alto o suficiente para provavelmente ser capaz de pegar todas as nozes que quisesse sem precisar de uma escada.

Aqui estou eu, no meio do nada!, pensou Wayne. *Protegendo um armazém grande e velho. Não foi para isso que me alistei. Não vejo minha filha há oito meses. Oito meses! Ela provavelmente já está falando. Ferrugem! Que vida.*

O homem se virou para fazer a ronda no outro sentido, e alguém rosnou para ele numa das estações com holofotes, dizendo algo que Wayne não conseguiu ouvir. O tom, porém, era inconfundível.

E meus superiores, pensou Wayne, virando-se e esgueirando-se pelas sombras, ainda seguindo o ritmo do homem. *Ah, como eles me pressionam! Toda coisinha me vale uma bronca. Gritos. A vida não passa disso. Ouvir gritos todos os dias.*

Wayne sorriu e se adiantou ao homem, procurando algo em que pisara mais cedo. Um conjunto de fios pretos, grossos como seu dedo, ligados a uma grande caixa perto do prédio. Quando o guarda chegou, caminhando sem prestar muita atenção, Wayne cuidadosamente ergueu os cabos.

O pé do guarda se prendeu neles. Naquele momento, Wayne os arrancou da caixa. Os holofotes mais

próximos se apagaram.

Homens começaram a gritar imediatamente. O guarda entrou em pânico na escuridão.

— Me desculpe! — gritou. — Não tinha intenção. Não estava olhando para o chão!

Wayne se afastou e encontrou um belo nicho entre duas pilhas de sacos de areia enquanto os guardas gritavam e discutiam, e o pobre homem tomava uma bronca. Algumas pessoas chegaram para arrumar os cabos, mas Wayne os tinha jogado para os lados, de modo que demoraram algum tempo procurando até encontrar as pontas e ligar.

As luzes se acenderam novamente. Wayne estava tomando um grande gole de seu cantil de couro quando Wax, Marasi e MeLaan se juntaram a ele nas sombras.

— Muito bom — sussurrou Wax.

— Na verdade, não — respondeu Wayne, baixinho. — Foi bastante mau. Aquele pobre guarda não fez nada de errado, e todo mundo fica gritando com ele.

Wax assumiu a liderança, avançando pela lateral da grande construção que lembrava um armazém. O teto não era a única coisa ainda não terminada: as entradas eram abertas, sem portas. Eles pararam ao lado de uma, e Wayne apontou, sussurrando para Wax sobre onde escondera a escopeta.

Wax a pegou e se esgueirou pela entrada. Eles o seguiram, com Wayne por último. O interior cavernoso era iluminado por algumas lanternas elétricas aqui e ali, e passaram por uma comprida estrutura de iluminação que obviamente ia ser instalada no teto assim que o telhado fosse concluído. Era mais claro do que lá fora, mas não muito, e havia pilhas de caixas e suprimentos dispostos em filas, o que lhes permitia esgueirar e permanecer ocultos. Assim que chegaram à frente das filas de caixas, Wax hesitou, e as duas mulheres olharam dos lados dele. Eles não permitiam que Wayne tivesse uma boa visão do que acontecia à frente, e era sempre assim. Primeiro, gritavam com ele no trabalho, depois aquilo.

Ele se meteu entre eles, enfiando o cotovelo na cintura de Marasi, o que lhe rendeu um olhar de raiva, como se ela não conhecesse o devido protocolo de se mover numa multidão, que envolvia fazer amizade com as extremidades dos outros. Ele conseguiu espiar entre Wax e MeLaan, finalmente tendo um vislumbre do que os detivera. Era um barco.

Claro que a palavra “barco” não fazia justiça à coisa. Wayne olhou para a enorme construção, procurando uma descrição melhor. Uma que transmitisse a majestade, a escala inacreditável da coisa que estava vendo.

— Esse é um *senhor barco* — disse ele finalmente.

Muito melhor.

Por que eles estariam construindo um barco ali, a quilômetros do oceano? Não seria fácil deslocar aquilo. Ocupava quase o prédio inteiro, com um fundo curvo e uma proa, não terminada de um lado, mas que tinha facilmente três andares de altura. A coisa tinha duas compridas extensões parecidas com braços nos lados. Pontões? Eram grandes, e um ainda não estava pronto, terminando numa linha irregular.

Irregular? Wayne franziu a testa. Aquilo não parecia o modo como se construía algo. Na verdade, agora que ele a estudava, aquela proa parecia mais *danificada* do que *não terminada*.

— Alguém o quebrou — disse Wayne, apontando. — Estavam tentando movê-lo e quebraram um dos pontões.

— Tem que ser um navio de guerra — disse Marasi. — Eles *estão* se preparando para uma guerra.

— Acho que Wayne está certo — concordou Wax. — Olhem os sulcos na terra, os danos no casco. Eles estavam transportando essa coisa, e ela se soltou e quebrou. Então, o Grupo construiu este prédio

para esconder o barco enquanto o consertam.

— Engenheiros — disse Wayne, apontando para pessoas que *obviamente* eram tipos inteligentes e caminhavam do lado de fora do navio e apontavam, levando pranchetas e vestindo ternos ou saias marrom-escuros. Do tipo que professores usariam em escolas achando que estavam no auge da moda.

— Não é como nenhum navio que eu tenha visto — disse Marasi, colocando a bolsa no ombro e agarrando o rifle.

— Você trouxe sua bolsa numa infiltração arriscada? — perguntou Wayne.

— Por que não? — respondeu ela. — Bolsas são práticas. Seja como for, se o Grupo tem tecnologias como aquele telégrafo de voz, o que colocará num navio como este? E por que o construíram tão longe do mar, para começar?

— Elegante deve ter as respostas — disse Wax, apertando os olhos. — Marasi, suponho que ainda esteja atrás da estaca...

— Sim — respondeu ela, determinada.

— Vou procurar meu tio. Quem você quer? Wayne ou MeLaan?

— MeLaan desta vez — respondeu Marasi.

Wax anuiu.

— Permaneçam escondidas, mas, se Wayne e eu formos vistos, tentem ajudar. Faremos o mesmo por vocês. Se achar aquela estaca, volte para cá e fique abaixada. Se tudo der certo, sairemos juntos.

— E se tudo não der certo?

— E não dará — acrescentou Wayne.

— Nós nos encontramos onde deixamos Steris e os cavalos — respondeu Wax, sacando uma arma do coldre lateral. MeLaan fez o mesmo, só que seu coldre era sua *perna*. A pele se abriu, e ela enfiou a mão por uma fenda nas calças e sacou a arma, uma coisa lisa e brilhante de cano longo.

Wayne assoviou baixo. Ela sorriu e lhe deu um beijo.

— Tente não ser baleado demais.

— Você também — respondeu ele.

Eles se separaram.



Marasi se esgueirou pelo galpão, sentindo a correia do rifle pesando desconfortável em seu ombro. Ela estava contente pelas calças, que eram mais silenciosas que saias farfalhantes, mas continuava temendo que os cientistas e operários notassem o som de suas botas na terra batida.

Provavelmente não notariam. O galpão não era exatamente silencioso. Embora fosse noite, e houvesse menos atividade, algumas pessoas ainda trabalhavam. Ao longo de uma das laterais, alguns carpinteiros serravam tábuas, cada movimento ecoando nas paredes. O grupo de engenheiros soltava exclamações enquanto debatia aspectos da grande nave.

Parecem surpresos com ele, pensou Marasi. *Como se não fossem aqueles que o construíram*. Será que eram novos no projeto?

Guardas se espalhavam pelo galpão, mas não eram de modo algum tantos quanto os do lado de fora. Ela e MeLaan se mantiveram no limite sombreado do galpão, perto das pilhas de caixas e suprimentos, mas ainda tinham que passar desconfortavelmente perto de um grupo de soldados jogando cartas numa pequena mesa.

Os soldados não as notaram. Finalmente, MeLaan e Marasi conseguiram chegar à parede sul, que era um dos lados compridos do prédio retangular. Ali haviam sido construídas salas que estavam mais bem-acabadas que o resto, com portas e às vezes janelas.

— Alojamentos? — sussurrou Marasi, apontando.

— Talvez — respondeu MeLaan, agachada ao lado dela — Então, como vamos encontrar a estaca?

— Imagino que esteja em algum tipo de cofre.

— Talvez — falou MeLaan. — Ou pode estar na gaveta da escrivaninha de uma dessas salas ou guardada numa caixa... Ou, inferno, eles podem simplesmente tê-la jogado fora. Elegante só a queria como prova de que o pobre ReLuur havia sido eliminado.

Marasi respirou fundo.

— Se esse for o caso, teremos que interrogar Elegante assim que Waxillium o encontrar, mas não acho que tenham jogado fora. Sabemos que o Grupo está pesquisando meios de criar alomânticos e que está interessado em Hemalurgia. Eles estudariam a estaca em vez de jogá-la fora.

MeLaan anuiu, pensativa.

— Mas ainda pode estar praticamente em qualquer lugar.

Perto dali, os cientistas, liderados por um homem que mancava, subiram uma rampa, olhando para dentro da lateral aberta do barco. *É ele*, pensou Marasi. O mesmo do assalto ao trem. Estava mostrando o projeto aos recém-chegados.

Eles entraram.

— Tive uma ideia — disse Marasi.

— Quão maluca ela é?

— Menos maluca que arremessar Wayne.

— Não é um bom parâmetro, mas tudo bem. Como começamos?

Marasi apontou para o buraco no casco pelo qual os cientistas tinham entrado.

— Nós entramos ali.

Wax avançou por trás dos paletes de suprimento na direção oposta de Marasi, sentindo-se como se estivesse passando pelas sombras do progresso. Ele refletia sobre as mudanças pelas quais Elendel passara durante a sua ausência: carros motorizados e luzes elétricas, arranha-céus e estradas de concreto. Era como se tivesse deixado um mundo e retornado a outro.

Aquilo parecia apenas o começo. Enormes navios de guerra. Tecnologia que aumentava poderes alomânticos. Braceletes que um feruquemista podia encher e outro podia usar. Não conseguia evitar se sentir intimidado, como se aquele barco gigantesco fosse um soldado de outro tempo que viera para esmagar todas as velhas relíquias empoeiradas como Wax.

Parou ao lado da última pilha de tábuas, com Wayne atrás dele. O homem pegou seu cantil, que era feito de um couro resistente e duro, com a forma de uma pequena garrafa. Tomou um gole e ofereceu a Wax, que aceitou e virou a bebida.

Tossiu de leve.

— Suco de maçã?

— Faz bem ao corpo — respondeu Wayne, guardando o cantil.

— Eu não esperava isso.

— É preciso deixar o estômago na dúvida, meu chapa — disse Wayne. — Ou ele ficará acomodado e tudo mais. Como vamos achar seu tio?

— Com um bom ponto de vista? — sugeriu Wax, apontando com a cabeça para o meio do galpão, onde uma rede complexa de passarelas construídas para uso temporário circundava o interior do prédio. Não estavam ocupadas à noite. — Teremos uma visão da área inteira e não chamaremos muita atenção.

— Parece bom — respondeu Wayne. — Mas você consegue? Vai ter que escalá-las como uma pessoa comum. Nada de *empurrar* aço.

Ele não tinha nenhum metal dentro do corpo, já que era fácil demais usar aço por reflexo. Os frascos estavam no cinturão, não utilizados.

— Vou ficar bem — respondeu Wax secamente. Esperou até que guardas e operários próximos tivessem passado e abriu caminho, correndo agachado pelas sombras do prédio. As luzes eram voltadas para o navio, não para as paredes. Ele tinha que torcer para que os poucos operários circulando não estivessem prestando atenção nos cantos escuros do grande galpão.

Duas passarelas grandes acompanhavam o comprimento da parede no alto, e o acesso a elas era feito por uma série de escadas, com passarelas menores servindo como patamares para suprimentos. Ele agarrou a escada e subiu um nível, depois outro. No terceiro, seus braços doíam. Ele diminuiu seu peso, o que ajudou, mas ainda teve que parar e recuperar o fôlego no quinto patamar. Assim como tornar seu corpo mais pesado lhe dava mais força para mover os músculos crescidos, tornar o corpo mais leve sempre parecia lhe custar alguma força.

— Ficando velho — disse Wayne, com um sorriso, passando por ele e começando a subir a escada seguinte.

— Não seja idiota — disse Wax, agarrando a escada e subindo. — Estou tentando dosar minhas forças. E se tivermos que lutar quando chegarmos ao alto?

— Você pode jogar sua dentadura neles — disse Wayne, de cima. — Também pode agitar a bengala. Estou certo de que está ranzinza assim por ter que ficar acordado até tão tarde.

Wax grunhiu de leve e subiu para o patamar seguinte, mas, na verdade, estava sem fôlego a um ponto em que discutir era cansativo. O homem mais jovem parecia perceber, e tinha um largo sorriso no rosto enquanto escalavam os dois últimos níveis até a passarela de baixo.

— Eu deveria socar seu sorriso — grunhiu ele enquanto se juntava a Wayne na passarela. — Mas você simplesmente se curaria.

— Não, eu cairia e gemeria. Considerando sua idade, é mais importante fazer com que você sinta que conseguiu realizar alguma coisa no dia.

Wax balançou a cabeça, virando-se e dando um passo para o lado na passarela. A tábua sob seu pé quebrou imediatamente. A perna desceu, e, embora tenha se segurado e tirado o pé, sentiu, pela primeira vez em muito tempo, um pouco o que outros deviam sentir estando tão alto. O chão estava muito abaixo, e ele não tinha nenhum metal no momento.

Grunhiu e contornou o buraco.

— Isso *não* foi culpa minha. A tábua estava fraca.

— Claro, claro — disse Wayne. — Tudo bem, meu chapa. A maioria das pessoas ganha algum peso quando chega aos anos finais. É natural e tudo mais.

— Se eu atirasse em você agora, ninguém me culparia — retrucou Wax. — Provavelmente apenas diriam: “Uau, como você resistiu tanto? Eu teria atirado nele anos atrás.” Depois me pagariam uma cerveja.

— Ora, isso dói, dói sim — disse Wayne. — Eu...

— Quem são vocês?

Wax ficou paralisado. Ele e Wayne ergueram os olhos para a pessoa inclinada sobre o corrimão da passarela superior, encarando-os abaixo. Um engenheiro, pela aparência, usando jaleco branco sobre colete e gravata. Franziu a testa para eles. Depois, pareceu reconhecer Wax, arregalando os olhos.

— Ferrugem! — xingou Wax, erguendo as mãos enquanto Wayne se movia imediatamente, saltando. Wax o impulsionou, e ele agarrou o corrimão da passarela superior. O engenheiro começou a gritar, mas Wayne agarrou o tornozelo do homem, derrubando-o com um baque surdo.

Wayne subiu até a passarela num piscar de olhos, e outro baque soou. Wax esperou, nervoso. Momentos se passaram.

— Wayne? — sibilou ele. — Está aí em cima?

No instante seguinte, o rosto inconsciente do engenheiro surgiu pela lateral da passarela, com os olhos fechados.

— Claro que ele está aqui em cima — disse Wayne, imitando a voz do infeliz engenheiro e sacudindo sua cabeça como a de uma marionete. — Você acabou de jogar o sujeito aqui em cima, meu chapa! Já se esqueceu? Perda de memória. Você deve estar ficando *realmente* velho.

Tecnicamente, todas as pessoas no mundo estavam morrendo, só que faziam isso muito lentamente. A maldição de Irich não era estar morrendo. Era poder *sentir* isso acontecendo.

Enquanto se arrastava pelos corredores do enorme navio de madeira, mantinha-se atento ao chão,

porque a menor depressão ou fenda podia fazê-lo tropeçar. Quando gesticulou na direção da parede onde tinham encontrado os mapas queimados, explicando isso aos outros cientistas, seu braço parecia estar preso a um peso de cinco quilos.

A mão esquerda quase não funcionava mais; ele conseguia segurar a bengala, mas não conseguia impedir que a mão tremesse ao fazer isso e praticamente tinha que arrastar a perna esquerda a cada passo. A falta de fôlego começara. Seu médico dissera que, um dia, ele simplesmente não teria forças para respirar.

Nesse dia, Irich iria sufocar sozinho, incapaz de se mover. E ele conseguia sentir esse momento chegando. Um passo excruciante depois do outro.

— E o que é isto, professor Irich? — perguntou Stanoux, fazendo um gesto na direção do teto. — Que padrão fascinante!

— Não estamos certos — respondeu Irich, apoiando-se na bengala e olhando para cima, o que era uma tarefa surpreendentemente difícil. Ferrugem! Antes, ele não tinha dificuldade de inclinar a cabeça para trás, tinha?

Passo a passo.

— Parece um navio — disse Stansi, inclinando a cabeça.

De fato, o padrão dourado no teto do corredor parecia algo como um pequeno navio. Por que pintá-lo ali? Ele achava que levaria anos para descobrir os muitos segredos daquela nave. Um dia, Irich teria ficado contente com a perspectiva de passar a vida inteira estudando essas esquisitices, escrevendo sobre cada uma delas.

Hoje, porém, sua “vida inteira” parecia um período curto demais para ser gasto com essas empreitadas. Elegante e Sequência queriam suas armas, e poderiam ficar com elas, pois Irich só desejava uma coisa.

Um milagre.

— Por favor, venham comigo — disse Irich, descendo o corredor com seu novo passo.

Ele tinha que desenvolver novos passos a intervalos de poucos meses, à medida que mais músculos enfraqueciam ou se recusavam a funcionar. Passo, bengala, arrasto, inspiração. Passo, bengala, arrasto, inspiração.

— Que marcenaria maravilhosa! — disse Stanoux, ajustando os óculos. — Tia, reconhece que tipo de madeira é?

Stansi se colocou ao lado dele, chamando o guarda com a lanterna para poder admirar a estranha madeira de lei. Irich inicialmente demonstrara interesse similar nos detalhes do navio, mas sua paciência diminuía a cada dia.

— Por favor — pediu Irich. — Vocês terão todo o tempo que desejarem para estudar, examinar e teorizar, mas apenas *após* termos resolvido o problema principal.

— Que é? — perguntou Stansi.

Irich fez um gesto na direção de uma passagem em arco à frente, protegida por um soldado com outra lanterna. Ela bateu continência quando Irich passou. Tecnicamente, ele era um Arranjo, uma patente de alguma influência no Grupo. Elegante e seu pessoal tinham em grande conta o raciocínio científico. O poder e o prestígio, contudo, não tinham importância para Irich. Nenhum dos dois podia lhe dar sopros de vida adicionais.

Cruzando a passagem, acenou para que seu grupo de cinco cientistas olhasse o grande maquinário que

enchia o porão daquela estranha embarcação. Não era como nada que ele já vira, sem engrenagens ou fios. Parecia mais um *braseiro*, só que construído com um metal leve e com linhas de outros metais afastando-se dele e seguindo pelas paredes. Como uma teia de aranha.

— Este navio está cheio de enigmas — disse Irich. — Vocês notaram os estranhos padrões nos tetos, mas perguntas como essa mal são o *começo*. Qual é o objetivo da sala onde estão pendurados dezenas de capuzes pretos como os usados por um carrasco? Descobrimos o que parecem ser instrumentos musicais, mas eles aparentemente são incapazes de produzir qualquer som. O navio tem um sistema de encanamento engenhoso, e identificamos instalações para homens e mulheres, mas há um *terceiro* conjunto de aposentos com uma marca indecifrável nas portas. Para quem eles foram construídos? Pessoas de classe inferior? Famílias? Um *terceiro* gênero? São muitas perguntas. De qualquer forma, uma pergunta supera todas, e sentimos que a resposta nós dará a estrutura para todas as outras. Por isso eu os chamei, as mentes mais brilhantes das cidades externas. Se vocês puderem responder isso, conquistaremos o poderio tecnológico que garantirá nossa libertação da opressão de Elendel de uma vez por todas.

— E qual seria essa pergunta? — questionou o professor Javie.

Irich se virou novamente para eles.

— Bem, como esta coisa se *move*, claro.

— Vocês não sabem?

Irich balançou a cabeça.

— Isso desafia todo o conhecimento tecnológico à nossa disposição. Alguns mecanismos sem dúvida foram danificados na colisão, mas, como podem ver, o veículo está em grande medida intacto. *Deveríamos* ter sido capazes de compreender seu método de propulsão, mas até agora isso nos escapa.

— E quanto aos navegadores? — perguntou Stanoux. — A tripulação? Ninguém sobreviveu?

— Eles não têm cooperado — disse Irich. *E estão um tanto frágeis*, pensou. — Além disso, a barreira do idioma se revelou insuperável. Por isso o convidei, Lorde Stanoux, um dos mais destacados especialistas mundiais em antigas linguagens anteverdejante. Talvez possa decifrar os livros encontrados neste navio. Lady Stansi, você e o professor Javie comandarão nossos engenheiros. Imaginem o poder que teríamos com uma frota dessas naves. Dominaríamos a Bacia!

Os cientistas trocaram olhares.

— Não sei se quero que *qualquer* grupo tenha acesso a tal poder, professor — disse Lady Stansi.

Ah, certo. Eles não eram políticos. Ele não deveria usar ali a mesma retórica que usara quando Elegante o enviara para coletar recursos com os ricos.

— Sim, isso seria um fardo terrível — reconheceu ele. — Mas certamente entendem que este conhecimento estará melhor em nossas mãos que nas mãos daqueles em Elendel, não? E pensem no que iremos *aprender*, no que poderemos *saber*.

Eles receberam isso melhor, anuindo em sequência. Ele teria que falar com Elegante: aquelas pessoas não podiam se ver servindo a um exército totalitário, mas a um movimento libertário benigno, buscando conhecimento e paz. Isso seria difícil com todos aqueles soldados ferrados marchando de um lado para outro e batendo continência.

Ele se preparava para dar uma explicação do que sabiam, pretendendo distrair os cientistas com promessas de conhecimento, quando ouviu uma voz ecoar pelo corredor.

— Professor Irich?

Ele suspirou. O que era agora?

— Com licença — disse ao grupo. — Lady Stansi, talvez queira inspecionar este equipamento, que parece fornecer algum tipo de força ao navio. Ele não usa eletricidade, pelo que conseguimos identificar. Eu apreciaria suas opiniões antes que seja influenciada com informações sobre o que concluímos. Tenho que cuidar de algo.

Eles pareceram simpáticos, até mesmo entusiasmados. Ele os deixou e mancou pelo corredor. *Lento demais, lento demais*, pensou, tanto seu caminhar quanto a possibilidade de progresso por intermédio dos cientistas. Ele não podia esperar por pesquisas, experiências. Precisava de respostas *agora*. Ele achara que no trem eles poderiam encontrar...

Mas não, claro que não. Uma esperança vã. Ele nunca deveria ter deixado este projeto. No corredor, não viu sinal da pessoa que o chamara. Frustrado, seguiu por todo o caminho até a passagem e se virou para procurar num dos corredores laterais. Eles não deviam saber que não podiam chamá-lo! Será que não viam a dificuldade que ele tinha de percorrer mesmo uma pequena distância?

Ele voltou a subir o corredor, mas hesitou ao notar um pequeno compartimento de estocagem que se abria na parede do navio. Havia centenas deles espalhados pela nave, contendo cordas, armas e outros objetos, mas aquele derrubara algo no chão. Um pequeno cubo prateado.

Seu coração deu um pulo de entusiasmo. Outro dos aparelhos? Que sorte! Ele achara que todos os compartimentos já haviam sido vasculhados. Esforçou-se para pegá-lo, apoiando-se no joelho bom, apanhando-o e erguendo-se novamente.

Ele começou a bolar um plano. Diria a Elegante que o objeto tinha sido recuperado por um de seus espiões em Nova Seran. Sua punição seria suspensa, e talvez ele pudesse se mudar para o segundo local, talvez se juntar à expedição.

Empolgado, mandou um soldado vigiar os cientistas e mancou para fora da nave, contente por algo finalmente ter dado *certo* para ele.

Marasi entreabriu uma porta de armário dentro da estranha nave e olhou para o homem chamado Irich, que passou mancando pelo buraco aberto na lateral do navio. MeLaan deslizou para fora de um armário do outro lado do corredor e ergueu uma das mãos em alerta para Marasi. Depois, foi à abertura a fim de ver para onde Irich ia.

Marasi esperou, ansiosa. Embora seus deveres como policial normalmente dissessem respeito a análise e investigação, ela participara de sua parcela de operações em Elendel. Ela se achava calejada, mas, por Harmonia, aquela missão estava começando a lhe dar nos nervos. Muito pouco sono e muitos movimentos furtivos e esconderijos, sabendo que a qualquer momento alguém podia virar uma esquina e encontrá-la ali, parecendo culpada como o pecado.

MeLaan finalmente a chamou. Ela saiu do armário e se ajoelhou ao lado da kandra na entrada.

— Ele entrou naquela sala — disse MeLaan, apontando para uma porta na parede. — E agora?

— Esperamos só um pouco mais — respondeu Marasi. — E vemos se ele sai de novo.

Wax avançou furtivamente pelas tábuas de madeira da plataforma interior. A luneta de MeLaan lhe permitia dar uma boa olhada no térreo, embora tivesse preferido muito mais uns binóculos. Examinou a área inteira, notando com interesse que Marasi e MeLaan entravam no barco.

Aquele barco... Algo nele o incomodava. Ele não estivera em muitas embarcações, mas os conveses no alto daquela coisa enorme lhe pareciam estranhos. Onde estavam os mastros? Ele imaginara que haviam sido arrancados, mas não conseguia ver cotos quebrados. Então aquele navio era impelido por

um motor a vapor, talvez? Gasolina?

Após contornar o prédio inteiro pela passarela, não viu sinal do tio.

— Nada ainda? — perguntou Wayne quando ele baixou a luneta pela última vez.

Wax balançou a cabeça.

— Há alguns aposentos construídos no lado norte. Ele poderia estar lá. Também poderia estar dentro do navio.

— Então o que tentamos agora?

Wax bateu a extremidade da luneta na palma da mão. Ele se fazia a mesma pergunta. Como encontraria sua presa sem alertar os guardas acampados do lado de fora?

Wayne o cutucou. Abaixo, o homem que mancava saiu do barco. Wax focalizou a luneta nele, observando enquanto ia até uma das salas próximas.

— Ele lhe parece ansioso por alguma razão? — perguntou Wayne.

— Sim — disse Wax, baixando a luneta. — O que aquelas mulheres *fizeram* lá dentro?

— Talvez elas...

— Não quero ouvir seu palpite — disse Wax. — Sério.

— Isso é bastante justo.

— Vamos — disse Wax, abrindo caminho pelas passarelas escurecidas na direção das escadas.

— Você tem alguma ideia? — perguntou Wayne.

— É mais uma impressão. Elegante não gosta de falar com capangas. Todos os que ouvimos dizem a mesma coisa... Ele escolhe subordinados com algum poder e reputação e deixa que lidem com as coisas. Miles e o Atirador. Meu tio odeia ser incomodado.

— Então...

— Aquele homem que manca provavelmente tem um papel semelhante aqui — disse Wax. — É alomântico, e ouvi referências a ele na mansão de Lady Kelesina. É um subordinado importante, embora talvez não esteja bem neste momento. Seja como for, provavelmente responde diretamente ao meu tio.

— Então se o seguirmos por tempo suficiente... — começou Wayne.

— Devemos encontrar Elegante — terminou Wax.

— Parece bom. A não ser que ele apareça todos os dias para tomar chá, o que nos deixará esperando *muito* tempo.

Wax parou junto à escada, notando, surpreso, que o homem que mancava já deixara a sala. Sua visão era em parte bloqueada pelo enorme navio, mas teve um vislumbre do homem perto da frente da embarcação, novamente andando com um ar determinado.

Wax ergueu uma das mãos para Wayne e se agachou com a luneta. O homem que mancava atravessou o galpão até uma sala isolada, como um posto de guarda, construída no canto sudoeste. Um soldado que estava ali se colocou de lado, deixando o homem entrar. Quando a porta se abriu, Wax teve um bom vislumbre da sala.

Sua irmã estava lá dentro.

Ele quase deixou a luneta cair. A porta se fechou, então não pôde olhar uma segunda vez, mas *tinha* visto a irmã. Sentada a uma mesa pequena, na frente do grande Lançamoedas que Wax enfrentara no trem.

— Wax? — chamou Wayne.

— É Telsin — sussurrou Wax. — Está sendo mantida dentro daquela sala.

Ele se viu levantando e levando a mão a um de seus frascos de metal.

— Uou, *uou*, meu chapa! — disse Wayne, segurando seu braço. — Sou a favor de ir com tudo, mas você não acha que seria melhor conversar sobre isso? Sabe, antes de entrarmos no clima de “vamos explodir este lugar”?

— Ela está *aqui*, Wayne. Foi por isso que eu vim — disse ele, sentindo-se frio. — Ela saberá de coisas sobre nosso tio. Ela é a chave. Vão atrás dela.

— Certo, certo — concordou Wayne. — Mas, Wax, você não acha preocupante que *eu* esteja sendo a pessoa racional aqui?

Wax baixou os olhos para o amigo.

— Provavelmente eu deveria achar.

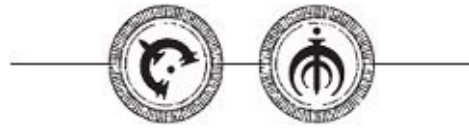
— É, eu diria que sim. Olhe, tive uma ideia.

— Quão ruim é sua ideia?

— Em comparação a queimar metais, sair atirando e inevitavelmente atrair a atenção de todos aqueles guardas, para não falar nos esquadrões da morte de Elegante? Eu diria que, comparado a isso, é uma ideia *terrivelmente* boa.

— Diga.

— Bem, veja... — disse Wayne, grudando seu chiclete numa das vigas de sustentação da passarela. — Nós temos um *belo* traje de engenheiro bem ali no sujeito inconsciente, e desde aquela festa, há meio ano, tenho trabalhado em minha fala de pessoa inteligente...



Marasi esperou dentro do navio, obrigando-se, com grande esforço, a permanecer calma. Como Waxillium fazia aquilo? Ele e Wayne ficavam tão relaxados que parecia que poderiam tirar um cochilo no meio de um tiroteio.

Bem, ela fincou pé ali — ou melhor, ajoelhou ali — e foi recompensada. Através do buraco no casco do navio, ela viu a parede do galpão onde ficavam as salas. Irich logo saiu mancando de uma, arrastou-se e chamou alguns guardas.

— O que ele disse? — perguntou Marasi.

— Disse a eles para “chamar o Sr. Elegante” — respondeu MeLaan. — Acha que ele realmente guardou o aparelho no mesmo lugar onde eles mantêm a estaca?

— Essa é minha esperança — respondeu Marasi.

— Vamos?

Marasi anuiu e se preparou para outra experiência de abalar os nervos. MeLaan foi na frente, descendo as tábuas e saindo para o espaço aberto. Marasi a seguiu, mantendo a cabeça erguida como MeLaan instruíra. *Aja como se pertencesse ao lugar*, dissera a kandra. *A primeira regra ao se passar por alguém é pertencer*.

Ela se sentia completamente exposta, como se dançasse nua no meio do centro de Elendel. Chegaram à base da rampa, caminhando com lentidão excruciante, e atravessaram o galpão até a porta. Será que Marasi estava rígida demais? Não podia conferir por cima do ombro. MeLaan a alertara para isso. Mas certamente uma olhadela não faria nenhum mal...

Permaneça firme. MeLaan testou a porta, e, abençoadamente, não estava trancada. As duas entraram num corredor vazio, e Marasi fechou a porta. Não houve gritos de alerta. Ela estava certa de que um dos carpinteiros as vira, mas ninguém disse nada.

— Belo trabalho — disse MeLaan.

— Eu me sinto como se fosse vomitar.

— Deve ser de família — disse MeLaan, guiando-a pelo corredor. Tinha paredes de madeira nuas, cheirava a serragem, e uma lâmpada elétrica solitária pendia do teto. MeLaan parou junto a uma porta simples no fim e escutou com atenção. Depois, testou a maçaneta. Aquela estava trancada.

— Consegue abrir? — perguntou Marasi. — Como fez antes?

— Claro — respondeu MeLaan, ajoelhando-se junto à maçaneta. — Sem problema. Mas antes vou tentar algo mais mundano.

Ela inclinou a mão, fazendo um conjunto de gazuas *brotar* da pele do antebraço. Ela as soltou e começou a trabalhar na porta.

— Bem à mão — disse Marasi.

— O trocadilho foi intencional?

— Isso depende — disse ela, olhando para trás por cima do ombro. O corredor ainda estava vazio. *Garota tola.* — Quantas vezes você já ouviu essa piada?

MeLaan sorriu, concentrada no arrombamento.

— Estou viva há quase setecentos anos, garota. Vai ser difícil encontrar piadas que eu *não* tenha ouvido.

— Sabe, eu realmente deveria entrevistar você um dia.

MeLaan ergueu uma sobancelha inquisitiva para ela.

— Vocês, kandra, têm uma perspectiva única da sociedade — explicou Marasi suavemente. — Vocês viram tendências e movimentos em grande escala.

— Imagino que sim — disse MeLaan, torcendo uma gazua. — E por que isso é bom?

— As estatísticas mostram que se fizermos mudanças sutis em nosso ambiente, no modo como abordamos nosso sistema jurídico, ou índices de emprego, talvez até mesmo o projeto da nossa cidade, podemos influenciar positivamente as pessoas. Sua cabeça pode ter a chave para quais deveriam ser essas mudanças! Vocês viram a sociedade evoluir, mover-se; você viu o deslocamento de povos como a maré numa praia.

— Minha coxa — disse MeLaan, torcendo a maçaneta com um estalo e entreabrindo a porta. Ela anuiu, levantando-se.

— Sua... O quê? — perguntou Marasi.

— Você disse que minha cabeça poderia ter a chave — disse MeLaan, entrando na câmara seguinte, um aposento pequeno e surpreendentemente bem mobiliado. — Na verdade, neste momento, é a minha coxa. Um kandra guarda seu sistema cognitivo no corpo inteiro, mas minhas lembranças, neste momento, estão num compartimento de metal sólido na minha coxa. Assim é mais seguro. As pessoas apontam para a cabeça.

— Então o que há em sua cabeça?

— Olhos, aparatos sensoriais — respondeu MeLaan. — E um cantil de emergência.

— Você está brincando.

— Não — respondeu MeLaan, com as mãos nos quadris, estudando a sala. Outra porta à esquerda dava para mais além no conjunto de salas construídas ao longo da lateral do galpão, mas não havia janelas voltadas para a câmara principal, o que era bom.

Embora a sala cheirasse a serragem nova, como o resto do prédio, o cheiro ali estava misturado ao de polidor de madeira e a um odor fraco de fumaça de charuto. A luz de uma pequena luminária elétrica de mesa revelava um escritório organizado, com fileiras de livros numa estante, duas poltronas confortáveis com uma estampa castanha e amarela diante da escrivaninha e diversas plantas decorativas que provavelmente tinham que ser levadas para fora todos os dias para que não murchassem.

Marasi percorreu a sala, reparando em suas estranhezas. Toda sala as tinha: marcas de individualidade, pistas da vida do ocupante. As gavetas da escrivaninha tinham grandes puxadores exagerados. A luminária de pé num canto era chumbada no chão, assim como as poltronas, provavelmente para mantê-las no lugar caso Irich tropeçasse. Marasi não conhecia a doença do homem, mas ele aparentemente gostava que seus aposentos fossem adequados à sua condição.

MeLaan foi diretamente à estante e começou a tirar livros, jogando-os no chão.

— Sempre fica atrás dos livros — disse ela. — As pessoas não gostam de ler. Elas gostam de ser

vistas como alguém que lê. Eu...

— MeLaan? — chamou Marasi, apontando para um grande cofre no canto.

— Ah — disse MeLaan em meio à busca. Derrubou os últimos livros da prateleira, talvez para fazer o trabalho completo, e foi até o cofre. — Hum... Isto vai ser um pouco mais difícil. Não posso abrir algo assim com um conjunto de gazuas.

— Você dá conta disso? — perguntou Marasi.

— Tenha paciência — respondeu MeLaan. — Traga aquela luminária.

Marasi pegou-a na escrivaninha, esticando o fio ao máximo e apontando a luz para MeLaan.

— Hum... — disse MeLaan. Depois, pressionou a mão contra o cofre, ignorando o disco. Seus dedos e sua palma ficaram translúcidos, e a carne começou a se *contorcer*, penetrando nas articulações, deixando para trás ossos cristalinos unidos por tendões mínimos.

Marasi engoliu em seco, sentindo, de repente, um gosto amargo. Ela sabia que MeLaan podia fazer aquilo, mas vê-la fazendo era outra coisa. Ela fez possível para ajudar, apoiando a luminária no braço da cadeira da escrivaninha para dar luz a MeLaan, embora a kandra estivesse ajoelhada e com os olhos fechados, então quem poderia saber se ainda precisava? Marasi começou a revirar as gavetas da escrivaninha, tentando encontrar algo importante.

Que Harmonia permita que Irich retorne aos cientistas em vez de voltar aqui para cuidar da papelada, pensou Marasi.

— O mundo não era assim tão diferente — disse MeLaan, de repente.

Marasi hesitou. MeLaan continuava ajoelhada, com os olhos fechados e os ossos estranhos expostos. A carne ficara translúcida até o cotovelo.

— Como assim? — perguntou Marasi.

— As pessoas falam sobre aquele tempo — explicou MeLaan. — O tempo do Lorde Nascido da Bruma, pouco depois do Catacendro. Falam aos sussurros como se fosse um tempo de lendas.

— E era — argumentou Marasi. — O Conselheiro dos Deuses, Hammond, Allrianne Ladrian. Eles forjaram um novo mundo.

— Sim, certo — disse MeLaan. — Mas também discutiam como crianças, e cada um tinha sua própria visão de o que esse “novo mundo” deveria ser. Metade dos motivos pelos quais vocês estão tendo problemas é que eles não ligavam para os assentamentos fora de Elendel. Os Originadores eram pessoas da cidade grande. Você quer tendências? Quer saber o que vi? Pessoas são pessoas. Inferno, mesmo os *kandra* agem da mesma forma, ao nosso modo. A vida então era como a vida agora, só que vocês têm comidas de rua melhor.

Marasi refletiu sobre aquilo e se virou novamente para a escrivaninha. Ela ainda queria entrevistar alguns kandra, mas talvez outros que fossem um pouco mais... reflexivos que MeLaan.

Ela encontrou um caderno com algumas das observações e dos esboços de Irich sobre o navio, escritos numa caligrafia trêmula, juntamente com um mapa da área. Quanto mais ela descobria, mais certa ficava de que o Grupo *não* tinha construído aquela embarcação. Eles ao mesmo tempo a estudavam e a consertavam.

Marasi enfiou o caderno na bolsa. *Está vendo? É prática*, pensou. Depois, levantou-se para conferir a outra porta da sala. Não iria querer que um carpinteiro qualquer entrasse. Entreabriu-a e olhou para uma sala totalmente escura, sendo imediatamente assaltada por um odor pungente como o dos cortiços. Corpos não lavados, terra e sujeira. Franzindo a testa, abriu mais a porta.

A iluminação da luminária, voltada para o outro lado de modo a fornecer luz direta, penetrou, hesitante, na sala. Sombras se estendiam de algumas mesas vazias e de uma pilha de caixas. E além delas... Eram *jaulas*? Sim. Tinham pouco mais de um metro de altura, com barras grossas, do tipo que se usaria para prender um animal grande.

Estavam vazias.

— MeLaan? — chamou Marasi, olhando para a kandra, que não respondeu. Parecia totalmente absorta em sua tarefa.

Marasi avançou um pouco para dentro da sala, desejando ter outra fonte de luz. O que guardavam ali? Cães de guarda? Ela não vira nenhum no perímetro. Parou perto de uma das três grandes jaulas, curvando-se para ver se conseguia determinar que tipo de animal havia sido mantido ali.

Algo se agitou na jaula seguinte. Marasi prendeu a respiração. Aquilo que ela tomara por uma pilha de cobertores ou almofadas estava se *movendo*. Olhou na direção da escrivaninha na outra sala, onde colocara seu rifle.

A coisa se lançou e bateu nas grades.

Marasi engasgou, saltando para longe, batendo as costas na pilha de caixas próxima. Dentro da jaula, a luz fraca refletia num rosto preto e vermelho achatado demais. Buracos escuros como olhos.

As imagens. Marasi havia se esquecido das imagens que ReLuur fizera. Rostos horríveis em vermelho e preto, com aqueles olhos escuros fundos. Imagens como as de um pesadelo, desenhadas com rabiscos frenéticos.

Os monstros eram reais. E havia um ali, na jaula, coberto de pelos grossos, de rosto vermelho lustroso. Olhava para ela, silencioso. Depois, esticou por entre as barras uma das mãos chocantemente humana e sussurrou uma única coisa por entre lábios que, de algum modo, não se moviam:

— Por favor.

Wayne abandonou seus passos tranquilos, adicionando uma boa dose de pressa. Aquele engenheiro não gostava de estar ali entre todos aqueles soldados. Passara anos construindo casas e trabalhando em arranha-céus, e agora ali estava ele, basicamente no meio de um acampamento!

Aquele navio *era* maravilhoso, mas ele tinha uma preocupação clara. Era um segredo. E, em projetos secretos, homens comuns como ele desapareciam quando tudo estava terminado.

Não, alguma coisa está errada, pensou Wayne, na metade da travessia do galpão. Não parou de andar, mas deu passos num pequeno círculo, como se estivesse andando de um lado para outro. Algo estava errado, mas o que *era*?

— Wayne? — sibilou Wax, que estava nas sombras por perto, agachado ao lado de um barril de piche.

Wayne o ignorou, continuando a andar. Ele... Ele era um cientista. Não, não, um engenheiro. Ele era um trabalhador. Bastante culto, mas não um professor elegante pago para ficar de pé o dia inteiro e falar. Ele construía coisas e odiava estar naquele lugar com todas as suas armas. Ele encorajava a vida, e os soldados eram o oposto disso. Eles, eles...

Não, pensou novamente, levando as mãos aos lados da cabeça. Errado, errado, errado!

Tome as rédeas, Wayne. Este foi o seu plano. Você tem que fazê-lo funcionar.

O que estava errado? Ele... Ele era um...

Parou. Enfiou a mão no bolso do jaleco e tirou um lápis de carvão. Ergueu-o, estudando, e enfiou-o atrás da orelha. Solto um grande suspiro.

Ele era um engenheiro. Um homem objetivo que garantia que as coisas fossem feitas. Ele gostava dali, já que havia um toque militar: diziam o que queriam que fosse feito e eram diretos com ele. Os homens eram recompensados pelo trabalho duro.

Ele não gostava de todas aquelas armas. E certamente não gostava dos homens no comando daquele lugar. Havia algo *estranho* neles. Mas ele ficava de boca fechada.

Relaxando, Wayne cruzou o resto do espaço até o guarda à porta. Nariz falso, bigode, um pouco de ar a mais nas bochechas para engordar o rosto e o olho direito perpetuamente apertado. Fruto de passar dias inteiros estudando plantas, imaginou. Mas não precisava de um monóculo. Aquelas coisas pareciam completamente idiotas.

Chegou ao guarda.

— Os apoios de treliça da apricidade estão completamente limiares!

O homem piscou para ele.

— Não fique simplesmente parado aí! — disse Wayne, acenando na direção das paredes do galpão. — Não consegue ver que os malfeitores previstos estão começando a curvar? Podemos ter um *bannock* colossal em nossas mãos a qualquer momento!

— O que... — começou o guarda. — O que *eu* deveria...

— Por favor — disse Wayne, empurrando-o de lado, o que o homem permitiu, e abrindo a porta.

A cena que viu era como Wax tinha descrito. Ali estava Telsin, sem dúvida. Cabelo escuro, corpo forte. Quase como uma mulher das Terras Brutas. Ele vira seus evantipos espalhados por toda a mansão. Parecia mais velha. Ficar prisioneira podia fazer isso com alguém.

O perna torta e o pescoço grosso estavam ao lado da mesa, e ambos se viraram na sua direção, aborrecidos.

Agora, o verdadeiro teste, pensou Wayne, concentrando-se no perna torta.

— Temos um problema sério — disse Wayne. — Eu estava checando a integridade da estrutura, e os caronais estão completamente nefelínicos! Estamos prestes a ter um grande caso de ximelolagnia, se alguém não fizer alguma coisa!

O homem de óculos olhou para Wayne, piscou uma vez e disse:

— Bem, claro que teremos, seu idiota. Mas o que vamos *fazer* quanto a isso?

Wayne conteve um sorriso, guardando-o no bolso para uso posterior. A ele parecia que quanto mais inteligente era um homem, mais provável seria que fingisse saber mais do que realmente sabia. Do mesmo modo como o sujeito mais bêbado no pub era sempre aquele mais certo de que podia tomar mais uma caneca. O perna torta preferiria vender a própria avó como um tamborete do que admitir que não sabia do que Wayne estava falando.

— Rápido — disse Wayne, com um gesto. — Temos que contê-lo enquanto engato os suportes sapróstomos! Você terá que supervisionar enquanto eu trabalho!

O perna torta suspirou mas saiu. Felizmente, seu companheiro de pescoço grosso o seguiu. Momentos depois, Wayne tinha esse sujeito empurrando os suportes dos pontões do navio enquanto o perna torta observava, com alguns guardas chegando para ajudar.

Uma batida suave, vinda de baixo, indicou que Wax dera um jeito no guarda à porta. Normalmente, Wayne se sentiria de fora, já que não tinha podido acertar ninguém, mas dessa vez tinha podido fazer um bando de idiotas empurrar uma madeira com as mãos achando que estavam impedindo o tombamento do navio.

Então estavam quites.

— Por favor.

A criatura falava com um sotaque estranho, mas a voz era inconfundivelmente humana. Marasi respirava de modo intenso, olhando aquela mão estendida para ela. Humana.

Lábios que não se moviam... Pele brilhante... Aquilo não era um rosto, mas uma *máscara*. Aquela não era uma criatura horrível, mas uma pessoa usando uma máscara de madeira, os buracos dos olhos tomados pelas sombras. O que Marasi confundira com pelos eram cobertores grossos envolvendo os ombros da pessoa.

— Marasi? — chamou MeLaan. A kandra apareceu no umbral. — Abri o cofre. O que você está fazendo? Que diabos é *isso*?

— É uma pessoa — disse Marasi. O mascarado se voltou para MeLaan, e o novo ângulo iluminou os buracos na máscara, mostrando olhos humanos com íris castanhas.

Marasi avançou.

— Quem é você?

A pessoa se voltou para ela e disse algo totalmente ininteligível. Depois, parou e repetiu:

— Por favor?

Aquela era uma voz masculina.

— Temos que ir — disse MeLaan. — O cofre está aberto.

— A estaca está lá dentro? — perguntou Marasi.

— Veja você mesma.

Marasi hesitou, mas depois se apressou para a outra sala, passando por MeLaan.

— Por favor! — gritou o homem, apertado contra as grades, com a mão esticada.

O cofre estava escancarado. A prateleira de cima estava cheia de objetos, incluindo a pequena granada alomântica. Destacava-se, entre eles, um pedaço de metal prateado. Estacas kandra, como ficou provado no caso da Sangradora, eram menores do que Marasi havia imaginado. Não chegavam a oito centímetros e eram esguias, em nada parecidas com as estacas nos olhos da Morte.

Ela se ajoelhou ao lado do cofre, pegando-a.

— Estamos com ela — disse Marasi, virando-se para MeLaan. — Quer carregá-la?

MeLaan balançou a cabeça.

— Não tocamos nas estacas uns dos outros.

Marasi franziu a testa, lembrando-se das histórias.

— Mas o Guardião não...

— Sim.

O rosto de MeLaan permaneceu impassível, mas seu tom era duro. Marasi deu de ombros, enfiando a estaca na bolsa, e vasculhou o cofre. Deixou as cédulas — algo idiota, sabia, mas levar as notas a faria se sentir realmente roubando — e pegou o pequeno cubo que estocava cargas alomânticas.

Ao lado dele havia várias outras pequenas relíquias, cada uma como uma moeda, com tiras de pano presas ao lado. Também tinham as estranhas inscrições numa linguagem desconhecida. Marasi pegou uma. Depois, olhou por cima do ombro de MeLaan na direção da outra sala, onde o homem mascarado se apoiava nas grades.

Marasi colocou o disco em sua bolsa e enfiou a mão mais fundo no cofre, tirando algo que notara antes. Um pequeno molho de chaves. Levantou e cruzou a sala.

— Marasi? — chamou MeLaan, parecendo cética. — Isso pode ter algum tipo de doença.

— Ele não é isso — disse Marasi, indo até a jaula.

A figura se virou para vê-la.

Com a mão um pouco trêmula, ela destrancou a jaula, escolhendo a chave certa na segunda tentativa. Assim que a tranca estalou, a figura saltou na direção da porta, escancarando-a. Do lado de fora, tropeçou. Evidentemente não tinha podido permanecer de pé por algum tempo.

Marasi recuou até estar ao lado de MeLaan. A alta kandra observou a cena com uma expressão cética, de braços cruzados, enquanto o mascarado cambaleava junto às caixas, segurando-se nelas. Ele arfou. Depois, afastou-se das caixas na direção dos fundos da sala. Havia ali uma porta que Marasi não notara, e o homem a escancarou, entrando na sala seguinte. Luzes foram acesas quando o homem encontrou o interruptor.

— Se ele alertar os guardas, vou pôr a culpa em você — disse MeLaan, juntando-se a Marasi e indo atrás do homem. — Eu odiaria ter em dizer a Wax que...

MeLaan ficou em silêncio quando chegaram à sala seguinte.

— Pelo Pai e o Primeiro Contrato — sussurrou MeLaan.

O chão estava sujo de vermelho. Mesas de operação feitas de metal lustroso tomavam uma das paredes, brilhando de maneira espalhafatosa em comparação com o chão macabro. Na parede estava pendurada uma dúzia de máscaras de madeira como a que o homem usava.

Ele caíra de joelhos diante delas, olhando para cima. Sangue seco sujava a parede nos pontos em que pingara de algumas das máscaras.

Marasi levou a mão à boca, observando a cena macabra. Não havia corpos, mas o sangue indicava um massacre. O homem que ela resgatara ergueu sua máscara com a mão trêmula, inclinando-a para que descansasse no alto da cabeça e revelando o rosto. Um rosto jovem, muito mais jovem do que ela imaginara. Um jovem com menos de vinte anos, diria, com barba curta irregular e bigode. Ergueu os olhos para as máscaras, sem piscar, com as mãos estendidas para os lados em descrença.

Marasi se adiantou, baixando as mãos para erguer a barra da saia para que não se sujasse no chão ensanguentado antes de lembrar que estava usando calças.

Quando chegou ao jovem, ele se virou para ela.

— Por favor — sussurrou, com lágrimas nos olhos.

Wax entrou na sala.

Telsin estava sentada, girando um lápis na mão. Havia uma caixa de voz diante dela, na mesa, mas não produzia som. Ela se virou preguiçosamente para ver quem entrara e ficou paralisada, boquiaberta.

Ele fechou a porta silenciosamente, com a arma de alumínio na outra mão. Começou a falar, mas Telsin pulou da cadeira e se jogou nos seus braços. Com a cabeça em seu peito, começou a chorar suavemente.

— Ferrugem! — disse ele, segurando-a, sentindo-se desajeitado. — O que fizeram com você, Telsin?

Ele não estava certo de o que esperara que acontecesse, mas não era aquilo. Não achava que um dia a vira chorar. Certamente não conseguia se lembrar disso.

Ela balançou a cabeça, recuando, fungando e trincando os dentes. Ela parecia... velha. Não que fosse

idosa, mas ele se lembrava dela como uma jovem, não como uma mulher de meia-idade.

Por mais que soasse idiota, ele não esperava que a idade chegasse para Telsin. Ela sempre parecera invencível.

— Não há outros acessos a esta sala? — perguntou Wax, olhando ao redor.

— Não — respondeu ela. — Você tem outra arma?

Ele sacou uma de suas Sterrions e deu a ela.

— Sabe como usar?

— Aprendo rápido — respondeu Telsin, parecendo muito mais confortável agora que tinha uma arma na mão.

— Telsin — começou Wax. — Ele está aqui? Nosso tio?

— Não. Eu estava falando com ele por aquele aparelho. Ele gosta... Ele gosta de saber como estou. Tenho que dizer como acho maravilhosas as minhas acomodações. Finge que sou sua convidada, mesmo agora.

— Bem, você não é. Não mais. Vamos embora.

Com sorte, a distração fornecida por Wayne ainda estaria funcionando.

Telsin, porém, sentou-se novamente na cadeira. Agarrou a arma com as duas mãos, à sua frente, mas olhava sem ver.

— Há muito a perguntar. Por que você voltou? Ferrugem... Por que você *partiu*, Waxillium? Você não veio quando mandei chamá-lo, quando estava noiva de Maurin, quando nossos pais morreram...

— Não há tempo — disse Wax, segurando-a pelo ombro.

Ela o encarou, confusa.

— Você sempre foi o quieto. O pensativo. Como chegou aqui? Eu... Seu rosto, Waxillium. Você está velho.

De repente, a porta foi aberta com força. O homem alto e de braços grossos que Wax enfrentara no trem estava de pé ali, parecendo chocado. Ele olhou de Wax para Telsin e abriu a boca.

Telsin atirou nele.

* * *

— Precisamos ir — disse MeLaan.

— Vamos levá-lo — disse Marasi, apontando para o homem.

— Por quê?

— Você não entendeu, MeLaan? — perguntou Marasi. — Aquele navio *não* foi construído pelo Grupo. Ele vem de algum outro lugar, distante e estranho. Provavelmente encalhou perto do nosso litoral, e o Grupo o trouxe aqui para ser estudado.

MeLaan inclinou a cabeça de lado.

— Harmonia diz coisas estranhas de vez em quando, sobre outros povos, de fora da Bacia...

Ela piscou, concentrando-se no homem ajoelhado no chão cheio de sangue.

— Uau. *Uau*.

Marasi anuiu. Era prova de que havia vida depois das Terras Brutas e dos desertos além. Ela não

podia deixá-lo ali, sobretudo não com o Grupo.

— Então o traga — disse MeLaan, saindo da sala. — E vamos voltar ao ponto de encontro.

Marasi apontou para a saída, tentando chamar o mascarado. Ele simplesmente ficou ajoelhado no chão ensanguentado, olhando para as máscaras vazias na parede.

Então, com um dedo trêmulo, ergueu a mão e baixou a máscara sobre o rosto. Levantou e apertou os cobertores, cambaleando atrás de Marasi, que passava pela sala das jaulas e entrava no escritório.

MeLaan já estava no corredor. Marasi pegou seu rifle e se juntou à kandra. Ferrugem! O que Waxillium diria quando descobrisse que ela tinha apanhado um estranho perdido? Ela quase podia ouvir sua voz. *Você o libertou, Marasi, mas, até onde ele sabe, você é um membro do mesmo grupo que aparentemente matou seus amigos. Tome cuidado.*

Parou junto à porta e olhou para trás, apertando o rifle com mais força. Waxillium podia ser ranzinza, mas costumava estar mais certo que errado. O mascarado podia ser perigoso.

Ele parara dentro do escritório, olhando ao redor e parecendo confuso. Quanto tempo passara naquela pequena jaula, trancado na escuridão? Escutando enquanto seus amigos eram levados, torturados e mortos?

Ferrugem e Ruína...

Os olhos dele encontraram o cofre e se fixaram nele. Então, ele cruzou a sala apressado. Enfiou a mão, e, por um momento, Marasi supôs que ele ia pegar as cédulas. Mas claro que não: ele tirou um dos pequenos discos com tiras.

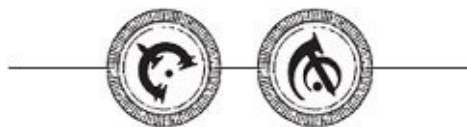
Ele o ergueu, parecendo respeitoso, e depois arrancou os cobertores que estivera usando como uma capa. Ela esperara que ele vestisse uma tanga ou algo selvagem, mas em vez disso trajava calças que chegavam pouco abaixo dos joelhos, sob as quais calçava meias brancas apertadas. A camisa era larga e branca, sob um colete vermelho justo, combinando com a cor da máscara, com fileira dupla de botões.

Ela nunca vira roupas como aquelas, mas decididamente não eram *selvagens*. O homem arregaçou uma das mangas e amarrou o disco no braço, usando as tiras de pano. Deu um suspiro aliviado.

Olhando novamente para ela, pareceu mais confiante. Era um homem baixo, alguns centímetros menor que Wayne, mas parecia ter crescido quase trinta centímetros ao se empertigar e se livrar daqueles cobertores grossos. Mas, ferrugem, como iriam tirá-lo dali? Ele decididamente não era discreto usando aquela máscara. Talvez Marasi e MeLaan conseguissem se deslocar distâncias curtas abertamente sem chamar atenção, mas aquele homem certamente não podia.

Uma série de tiros soou no galpão.

Talvez se esgueirar não fosse uma preocupação.



O cadáver caiu na sala, com uma das mãos ainda na maçaneta, e o rosto congelado numa expressão de choque. Telsin disparara quatro vezes e só acertara duas, mas tinha sido suficiente.

Wax xingou, agarrando a irmã pelo braço e puxando-a pela sala. Com a outra mão, pegou um frasco de flocos de metal no cinturão.

— Vou matar todos eles, Waxillium — sussurrou. — Cada um. Eles me mantiveram...

Ótimo. Por um lado, ele não podia culpá-la. Por outro, aquilo seria um inconveniente ferrado. Ele virou o frasco de metais, espiou do lado de fora da sala e viu engenheiros e carpinteiros buscando proteção enquanto guardas corriam na direção de Wax. Aqueles que Wayne levava embora estavam muito perto, e um apontou para ele e gritou.

As paredes finas da sala aparentemente seriam tão eficazes contra balas quanto palavras duras contra o bêbado mais famoso da cidade. Quando o primeiro soldado apontou, Wax o jogou para trás com um empurrão de aço e tomou uma decisão.

— Segure-se em mim — disse, puxando Telsin.

Deu um passo para fora da sala, disparou contra o chão e enviou-os pelo ar num *empurrão*. Soldados apontaram, erguendo as armas, mas, em um instante, ele estava no alto do grande navio. Como vira antes, era largo e plano, embora as tábuas fossem mais lisas que o convés de qualquer navio que já tinha visto, e as amuradas fossem como as ameias no alto de um forte ou uma antiga torre.

Ele soltou Telsin.

— Volto logo — prometeu, saltando pela lateral do navio. O homem que atirara nele não desistira e fez mais disparos. Lascas subiram das laterais do navio enquanto Wax disparava Vindicação e derrubava o homem. Wax pousou, ricocheteou num prego perdido e parou, deslizando ao lado de uma pilha de caixas onde Wayne estava escondido.

— O que foi? — perguntou Wayne. — Perdeu a paciência?

— Minha irmã atirou em um deles.

— Que bom.

Wax balançou a cabeça. Os soldados tinham começado a entrar pelas duas extremidades da grande estrutura.

— Não é bom. Haverá esquadrões da morte entre os soldados, Wayne. Balas de alumínio. Precisamos pegar Marasi e MeLaan e ir embora. Rápido.

Wayne assentiu. Wax tomou outra dose de flocos de aço, para o caso de perder o cinturão.

— Agora nos leve correndo para o outro lado.

Wayne saiu correndo, e Wax o seguiu. Tiros soaram, mas Wayne criou uma bolha de velocidade. Ela só cobria uns três metros, mas era o bastante para prejudicar a mira. Wayne deixou que Wax passasse por

ele e desfez a bolha quando passaram pelo limite lado a lado. Balas dispararam pelo ar onde eles tinham estado.

Eles correram. Quando os soldados miraram novamente, Wayne criou outra bolha. Isso os lançou para a frente de novo, e em pouco tempo conseguiram se jogar atrás da parte quebrada do pontão do navio e se proteger. Soldados gritaram, confusos com a Alomancia, mas, se houvesse esquadrões da morte entre eles, com assassinos matabrumas treinados, não seriam tão facilmente enganados.

Wax tomou a dianteira, disparando pela frente do navio, à sua sombra. Assim que alguém começou a disparar, Wayne criou outra bolha, e os dois mudaram de posição. Wayne começou a correr, mas Wax o deteve com a mão no ombro.

— Espere.

Em segurança dentro de sua bolha de velocidade, Wax olhou para o salão cavernoso. Eles estavam perto do lado leste, e soldados, movimentando-se lentamente, estabeleciam um perímetro, tomando a passagem e ajoelhando-se em fileiras. Capitães atrás gritaram, apontando, e balas voaram rumo ao último ponto em que Wayne e Wax tinham sido vistos.

De modo desconfortável, mais disparos cruzaram o ar onde, caso tivessem mantido seu padrão de movimentação anterior, eles teriam saído da bolha de velocidade.

— Maldição — disse Wayne, olhando para as balas. Jogou seu cantil. Wax tomou um gole, avaliando distâncias e tendo a sensação surreal de estar calmamente de pé num redemoinho de tiros, tomando suco de maçã.

— Eles estão indo com tudo — comentou Wayne.

— Nossa reputação nos precede. Quanto tempo você ainda tem?

— Dois minutos, talvez. Tenho mais curvaliga no cavalo, caso precise. O kandra me abasteceu antes de partirmos.

Wax grunhiu. Dois minutos podiam se passar muito rapidamente. Ele apontou para o grande buraco na lateral do navio, onde uma rampa de tábuas levava ao interior da coisa.

— Vi as garotas entrando aqui.

— Engraçado — disse Wayne. — Porque *eu* estou vendo as duas espiando lá embaixo.

Wax seguiu a direção do gesto e viu o rosto de MeLaan atrás de uma porta entreaberta numa das salas na lateral do galpão. Wax respirou fundo.

— Certo. Esses exércitos vão nos fazer em pedaços, com Alomancia ou não, se não nos escondermos rapidamente. Aquelas salas servirão. Podemos seguir por elas até a parede externa do prédio. Posso passar por ela e então fugimos pela noite naquela direção.

— Certo — disse Wayne. — E sua irmã?

— Ela deve ficar em segurança por ora — disse Wax. — Assim que sairmos, eu me lançarei no teto, descerei pela parte aberta e a pegarei.

— Parece bom, a não ser por uma coisa — disse Wayne.

Wax devolveu o cantil.

— Tome.

— Ah! — exclamou Wayne, pegando-o. — Obrigado, mas eu estava falando *daquilo* — disse ele, apontando para o navio. Uma figura descia uma das escadas de corda penduradas na lateral do navio. Telsin *não* ficara parada.

— Ferrugem e Ruína! — soltou Wax.

— Menos de um minuto, meu chapa.

— Coloque-a numa bolha! — gritou Wax, apontando. — Eu vou até as outras duas. Vá!

Eles se separaram enquanto Wayne desfazia a bolha de velocidade. Uma repentina tempestade de tiros agrediu os ouvidos de Wax enquanto caía no chão, com os pés para a frente, e *empurrava* os suportes de metal no navio atrás. Deslizou sobre a terra batida do chão, com balas voando acima, e chegou à porta, que MeLaan escancarou para ele. Seus calcanhares acertaram a soleira, já que o corredor tinha piso de madeira, e ele se colocou de pé, pousando dentro da sala com um baque empoeirado.

— Gostaria que soubesse que *nós* conseguimos fazer nosso trabalho sem alertar ninguém — disse Marasi.

— Vou mandar fazer uma placa — disse Wax, apontando para um estranho homem pequeno, de pé atrás dela. — O que diabos é isso?

O homem apontou de volta.

— O povo dele deve ter construído o navio — contou Marasi. — Eles o enjaularam ali, Waxillium.

— Maldição — disse MeLaan junto ao umbral. — Aquele exército não está brincando.

Era difícil ouvi-la em meio aos tiros.

— Encontrei minha irmã — disse Wax. — O pessoal de Elegante deve saber o quanto isso o deixará com raiva. Precisamos...

— Wax! — chamou MeLaan, apontando.

Ele parou perto dela. Wayne quase chegara à irmã de Wax, que estava colada à lateral do navio, com olhos frenéticos, mas havia sido atingido. Ele estremeceu, segurando o ombro, enquanto outra bala o atingia bem no pescoço. Caiu, soltando um jato de sangue.

Wayne podia se curar daquilo com sua nova mente de metal. Infelizmente, os soldados não pararam de atirar. Outra bala atingiu o lado do corpo de Wayne enquanto caía e fingia-se de morto, e depois mais uma. Em um piscar de olhos, ele estava curado e de pé, mas uma nova saraivada o derrubou.

Eles estavam preparados. Eles sabiam. Quer matar um Criassangue? Derrube-o e continue a atirar.

Ver seu amigo sangrando, enfrentando cerca de cinquenta homens sozinho, despertou algo primal em Wax. Ele não pensou nem gritou ordens. Ele se lançou do corredor num *empurrão* violento nos pregos da parede, voando para o espaço do galpão uns trinta centímetros acima do chão, levantando poeira atrás.

Os soldados estavam esperando por isso. Estavam posicionados dos dois lados do galpão, usando caixas como proteção, e dispararam ondas gêmeas de balas, ignorando totalmente do risco de atingirem uns aos outros no fogo cruzado. Matar um alomântico valia o risco.

Eles só podiam desejar ter essa sorte.

Aos olhos de Wax, o espaço se tornou uma furiosa rede de linhas azuis, um tear cheio de fios de um tecelão louco. Ele gritou, *empurrando* para os dois lados, levando as saraivadas de balas nas duas direções e criando um grande espaço aberto.

Várias balas continuaram a voar, embora ele só notasse porque uma o acertou no ombro. Wax girou e sacou Vindicação. Uma segunda saraivada veio. Relacionando instantaneamente linhas azuis a balas disparadas, Wax atirou uma vez, derrubando um dos homens nas fileiras que tinham disparado uma bala de alumínio.

Mais balas voaram numa tempestade, mas Wax as varreu como pratos de uma mesa. Ele estava à mercê de qualquer um disparando alumínio, então continuou em frente, atirando pelo piso e saltando,

empurrando atrás e reduzindo em muito seu peso assim que acabava de *empurrar*. O resultado foi imediato: acelerou como uma flecha, voando pelo ar com o vento rugindo em seus ouvidos.

Pousou diante de Wayne, deslizando, e com um rugido *empurrou* as balas para longe do homem que se curava. Depois aumentou seu peso e *empurrou* o casco do navio. A madeira cedeu quando pregos se soltaram dos encaixes e tábuas se partiram diante de sua fúria, criando um segundo buraco.

— Para dentro! — gritou para a irmã, deitada de barriga no chão ali perto.

Ela assentiu, entrando rapidamente, e Wayne, ainda sangrando de doze diferentes ferimentos, juntou-se a ela se arrastando, jogando-se para dentro pela abertura.

Não posso deixá-los aqui, pensou Wax, *empurrando-se* para longe quando outra onda de balas atingiu a área. Uma não desviou quando ele *empurrou*, mas Wax não conseguiu identificar o atirador entre as dezenas de homens. Maldição.

O navio era uma armadilha mortal. Sim, daria alguma proteção, mas, se eles se refugiassem ali, as tropas os cercariam. Mas Wayne precisava de um momento para se curar. Isso significava manter os soldados...

Três homens com ternos pretos retintos se lançaram em sucessão por cima dos soldados agachados. As suas armas não tinham trilhas de metais alomânticos. Wax xingou, largando Vindicação e sacando a escopeta de seu coldre na coxa.

O primeiro alomântico a pousar *empurrou* Wax. Ele sentiu isso como uma sacudida na escopeta enquanto erguia a coisa, aumentando seu peso e apoiando-a no ombro para disparar.

O alomântico sorriu, *empurrando* a bala assim que deixou o cano. Mas a enorme carga de pólvora da arma, projetada para derrubar Brutamontes, jogou o homem para trás com seu próprio *empurrão*. Confuso, ele só conseguiu erguer os olhos quando a bala seguinte o atingia no rosto.

Obrigado, Ranette.

Os outros dois alomânticos se agacharam ao pousar, esperando mais fogo, mas a poderosa escopeta só permitia dois disparos. Wax a colocou no coldre ao agachar, agarrando Vindicação.

Atrás! Se um esquadrão da morte vinha de uma direção, eles provavelmente mandariam outro pelo lado oposto. Os soldados regulares eram basicamente uma distração.

Ele girou, *empurrando* ao redor e erguendo Vindicação para surpreender um homem e uma mulher de ternos esgueirando-se na sua direção. Derrubou a mulher.

O alomântico abriu fogo. Disparos demais. Sem linhas de metal. Wax...

As balas congelaram no ar.

Wax piscou, então notou algo que havia caído no chão perto do alomântico inimigo: um pequeno cubo metálico. Marasi se agachou atrás da porta da sala onde estava escondida, com MeLaan diante dela, atraindo o fogo e absorvendo balas com seu corpo como se não fosse nada demais.

Wax sorriu e deu um passo para o lado. A granada alomântica parou de funcionar um segundo depois, e o homem que estava preso na bolha disparou novamente, tentando matar Wax, que não estava mais ali.

Wax ergueu sua própria arma e matou o sujeito.

Marasi desejou saber onde estavam seus tampões de ouvido. Sinceramente, como Waxillium conseguia sobreviver sem eles? O homem já devia ser meio surdo.

Uma bala levantou poeira no chão perto dela. MeLaan se ajoelhou ao lado de Marasi, protegendo-a e recebendo outra série de tiros. Ela grunhiu.

— Isto não dói — disse. — Mas também não é particularmente *agradável*.

À frente, Waxillium evitou tiros de mais dois membros do esquadrão da morte e pegou o aparelho. Marasi apontou o rifle, tentando se concentrar. Todos se moviam tão rápido, e as *balas*... Elas zuniam no ar ao redor dela. Derrubou vários soldados, focada naqueles que atiravam na sua direção. Muitos haviam se abrigado atrás de caixas dos dois lados, então não estavam mais disparando saraivadas coordenadas. Pareciam saber que seu trabalho era fazer muito barulho e tentar distrair Wax enquanto outros, mais bem equipados e treinados, realmente tentavam abatê-lo.

Ainda assim, era impressionante que ele não fosse atingido. Waxillium disparou enquanto as tiras de seu casaco de bruma se agitavam, e varreu balas do ar. Depois se lançou na direção da passarela acima.

Dois homens de terno o seguiram. Alomânticos. Marasi apontou para um e disparou, mais sua bala foi desviada.

Por falar nisso... Embora tiros ainda ecoassem no enorme galpão, balas não atingiam o chão perto de Marasi e nenhuma parecia acertar MeLaan.

Mas por quê?, perguntou-se. Então, localizou o cubo ali perto. Waxillium o jogara ali ao passar correndo. Marasi sorriu, pegando uma bala de alumínio na bolsa. Podia sentir o aparelho *empurrando* sua arma, mas estava tão longe que isso não importava.

Uma mão pousou em seu ombro. Ela deu um pulo e viu o mascarado baixinho atrás dela. Ferrugem! Quase se esquecera dele. A outra mão dele estava paralisada a meio caminho da máscara, e atrás dela seus olhos se arregalavam.

Ela seguiu seu olhar, fixo em Waxillium, que pousara a certa distâncias deles. Devia ter aumentado seu peso muitas vezes, pois conseguiu *empurrar* um conjunto de caixas usando os pregos, mandando-as voando para trás, juntamente com muitos soldados.

— Fotenstall — sussurrou ele, assombrado.

— Alomântico — disse Marasi, anuindo.

— Hanner konge?

— Não tenho ideia do que isso significa — respondeu Marasi. — Mas aquela coisa logo vai parar de zumbir, então precisamos nos mover. MeLaan? Devemos recuar?

— Por favor — disse o mascarado, apontando freneticamente para o navio. — Por favor!

Marasi o ignorou, arrastando-se pelo chão, entrando no galpão e agarrando o cubo. De fato, tinha parado de zumbir.

Waxillium pousou ali perto, desviando uma saraivada de balas dela, e Marasi carregou o cubo com sua Alomancia. Parecia como na última vez... Sim, queimando apenas um pouco do seu cádmio, ela conseguia mantê-lo zumbindo, mas sem se desacelerar demais. De algum modo, colocou seu poder no aparelho e o jogou nas pessoas que pousaram perto, perseguindo Waxillium.

Aquilo as paralisou.

— Belo trabalho até agora — disse Waxillium. — Mas precisaremos nos dividir. Voltem para aqueles corredores. Eu logo os seguirei. Estão expostos demais aqui!

Os homens saíram da bolha de velocidade. Waxillium começou a atirar, mas eles se abaixaram, e um pegou o pequeno cubo. Marasi o derrubou com a bala de alumínio que tinha carregado.

Waxillium sorriu.

— Vão! — disse ele, atacando o outro homem, que deu um ganido e saltou no ar, *empurrando-se* para longe. Waxillium pegou o pequeno cubo e também saltou no ar.

— Vamos — disse MeLaan, pegando Marasi pelo ombro. Uma bala atingiu o rosto da kandra, arrancando um pedaço da bochecha e expondo um osso verde cristalino.

O homem mascarado gritou de medo, apontando e murmurando em sua língua.

— Você deveria me ver pela manhã — disse MeLaan. Fez um gesto na direção do corredor. Marasi se pôs a segui-la.

O mascarado puxou seu braço, apontando mais agitadamente para o navio.

— Por favor, por favor, *por favor*.

Marasi hesitou. Essa era uma ideia ruim no meio de um tiroteio. Felizmente, a maioria dos homens parecia se concentrar em Waxillium.

Algo a acertou no lado esquerdo. Baixou os olhos para ver o que era e ficou surpresa ao ver uma mancha vermelha brotando no casaco ao redor de um buraco.

Um buraco de bala.

— Fui baleada! — disse ela, mais surpresa que sentindo dor. Aquilo não deveria doer? Ela fora *baleada*!

Ela olhou para o sangue, *seu sangue*, até o mascarado agarrá-la pelos ombros e começar a arrastá-la na direção do navio. MeLaan xingou e o ajudou. Marasi se deu conta de ter deixado a arma cair e resistiu a eles, tentando pegá-la, de repente ansiosa por *não* deixá-la para trás.

Aquilo quase não fazia sentido, e parte dela reconheceu isso, mas ferrugem...

Choque, pensou. *Estou entrando em choque*.

Ah, inferno.

Wax elevou-se bem acima do chão do galpão, além das passarelas, onde vários atiradores com rifles haviam se instalado. Ele lançou a bola criada por Ranette para fora, prendendo-a na balaustrada da passarela, e segurou-se com força, fazendo uma curva fechada no ar. Os atiradores começaram, tentando acertar uma bala nele enquanto pousava atrás deles.

Ele recuou e *empurrou* um atirador para fora no momento exato, lançando-o no ar quando o último dos alomânticos do esquadrão da morte passava em disparada pela passarela, com uma expressão chocada diante da repentina mudança de direção de Wax. Ele colidiu com o atirador em pleno ar, e Wax se virou, *empurrando* outro atirador para longe. O pobre homem berrou ao cair.

Mais adiante na passarela, dois outros homens posicionaram-se com bestas e escudos de madeira. Que maravilha.

Wax aumentou seu peso. Toda a passarela se partiu enquanto ele despencava através da madeira, destruindo os suportes. Ele se *empurrou* numa barra que caía, subindo novamente e girando o equipamento de bola de Ranette em seu cordão. Acima dele, o homem de terno se livrou do atirador agitado, largando-o e *empurrando* para se lançar no ar.

Wax lançou a bola de Ranette para cima e soltou o cordão, ainda caindo para trás. O alomântico, confuso, pegou o aparelho pelo cordão quando passou por ele.

Wax atirou no peito dele.

Não deveria baixar seu escudo alomântico, pensou Wax, girando no ar enquanto caía. *Nem mesmo para pegar um belo brinquedo*.

Ao se aproximar do chão, Wax desacelerou usando uma bala disparada e pousou, com as tiras do

casaco de bruma se abrindo em leque. O alomântico caiu morto no chão ao seu lado.

A bola caiu de seus dedos e rolou na direção de Wax.

— Obrigado — disse Wax, pegando-a. Onde estavam...

Marasi. Caída e sangrando, sendo arrastada para o navio. *Maldição!*, pensou Wax, grunhindo e lançando-se no ar novamente enquanto mais soldados atiravam. O lugar estava uma bagunça. Soldados demais, muitos dos quais avançavam na direção do navio, protegendo um grupo de homens atrás com bestas modernas. Quando um deles chegou perto do navio, Wayne olhou para fora.

— Wayne! — gritou Wax, passando acima. Embolsou a bola de Ranette e sacou a granada alomântica, que zumbia furiosamente, jogando-a.

Wayne olhou para cima bem a tempo de pegar a coisa no ar e depois olhou para ela com surpresa. Quando a primeira bala desviou dele, Wayne então sorriu, deu um grito de alegria e a lançou na direção dos homens à sua frente. A coisa rolou entre eles, afastando armas com seu poder.

Wax suspirou, pousando no alto da nave. *Claro* que ele iria jogá-la.

Wayne continuou, saltando em meio aos soldados que se aproximavam, usando com disposição seus bastões de duelo. Uma bala passou assustadoramente perto de Wax. Mais alumínio? Enquanto Wayne acertava cabeças com entusiasmo, Wax saltou do navio e pousou entre os soldados que avançavam, aumentando seu peso e *empurrando* para fora num jorro de força. Isso jogou pessoas para longe dele com uma explosão.

Quando os corpos caíram, três homens restaram de pé, estupefatos, segurando armas que Wax não conseguia sentir.

Ele os derrubou com uma Sterrion, já que suas outras armas estavam descarregadas, e se virou ao ouvir algo distante. Trompetes. Uma ordem. Saltou de lado. Havia homens mortos ou caídos em número suficiente para que ele pudesse ter uma visão clara de uma das portas e da noite do lado de fora.

Homens saíam das casas da aldeia. Dúzias. Ele teve uma sensação fulminante de medo. Quanto tempo até que seus metais acabassem? Quanto mais ele poderia lutar até que alguém com uma besta ou uma bala de alumínio tivesse sorte e o atingisse? Ele rugiu, lançando-se para cima num salto sobre os homens caídos que tinha *empurrado*. Muitos estavam se levantando. Ele era um homem, não um exército. Precisava correr.

— Para trás! — gritou para Wayne, que já tinha uma seta de besta presa na coxa. O homem mais baixo se juntou a ele, correndo em busca de proteção dentro do navio quebrado.

Marasi fechou os olhos com força para suportar a dor, que finalmente chegara, como uma vingança. MeLaan lhe dera um analgésico para mastigar, mas ainda não fizera efeito algum.

— Diäten — disse o mascarado, levando a mão ao ferimento, que envolvera com uma tira de pano de sua camisa. Ela entreabriu um olho e o viu acenar, encorajando, embora, com a máscara sobre o rosto, só conseguisse ver seus olhos.

Bem, ela não estava morta. Mesmo que fosse uma dor *ferrada*. E achava que se lembrava de ter lido em algum lugar que ser baleada na barriga, mesmo que do lado, não era bom.

Não pense nisso. O que estava acontecendo? Trincou os dentes, escondeu o pânico por estar ferida e tentou avaliar a situação em que estavam. MeLaan observava o campo de batalha no buraco no navio. A irmã de Waxillium estava de pé ali perto, embalando uma arma, com olhos intensos. Do lado de fora, tiros, grunhidos e gritos acompanhavam Waxillium e Wayne fazendo o que faziam melhor: criar o caos.

Aparentemente, a cota de caos havia sido preenchida, pois Waxillium passou pelo buraco alguns momentos depois. Anuiu para MeLaan, com o rosto brilhando de suor e respirando pesado. Wayne entrou pouco depois. Tinha uma *seta de besta* se projetando da perna.

— Bem, isso foi divertido — disse Wayne, jogando-se no chão e respirando fundo. — Não tomo uma surra assim desde a última vez que joguei cartas com Ranette.

— Marasi — disse Waxillium, indo até ela. Empurrou o mascarado para o lado. — Graças a Harmonia você está viva. Está muito ruim?

— Eu... não tenho realmente muito com o que comparar — disse ela, com os dentes trincados.

Waxillium se ajoelhou ao lado dela, erguendo a bandagem e grunhindo.

— Você vai sobreviver, a não ser que tenha acertado o intestino. Isso poderia ser ruim.

— Ruim como?

— Dolorosamente ruim.

— Talvez eu possa fazer algo — disse MeLaan. — Vou verificar assim que estivermos a salvo. Por falar nisso, como exatamente *iremos* embora?

Waxillium não respondeu imediatamente. Parecia exausto. Olhou para a irmã, que ainda murmurava e segurava a pistola. Do lado de fora do navio, tudo ficara irritantemente silencioso.

— Nossa melhor chance ainda é sair por uma das paredes do galpão — disse Waxillium. — Teremos que chegar até as salas em que Marasi e MeLaan estavam.

— Isso vai ser perigoso, Wax — disse Wayne, colocando-se de pé, *ainda* ignorando a seta na coxa. — Eles estarão em posição, sabendo que vamos tentar uma escapada.

— Podemos conseguir — disse Waxillium. — Comigo *empurrando*, nós chegamos às salas, encontramos uma parede externa e passamos por ela.

— E se estiverem esperando do outro lado? — perguntou MeLaan.

— Com sorte não estarão. É...

— Pessoal — interrompeu Wayne. — Acho que não temos tempo de planejar!

Tiros soaram do lado de fora novamente e balas começaram a cravar no casco. Wayne se afastou apressadamente da abertura. Marasi achou que podia ouvir Irich lá fora, gritando para que os soldados não danificassem o navio, mas os tiros continuaram. Aparentemente alguém anulava suas ordens.

— Por favor — disse o mascarado, pegando Marasi pelo braço e apontando.

Marasi conseguiu ficar de pé, embora a dor lhe trouxesse lágrimas aos olhos. O mascarado fez um gesto, segurando-a pelo braço.

Ela o seguiu. Era mais fácil do que tentar reclamar.

— Vamos ter que passar por isso — disse Waxillium.

— Eu quero *matá-los* — disse a irmã de Waxillium. — Preciso de mais balas.

— É, mas se concentre em correr, Telsin. Todos se aprontem. Wayne, você pegou aquela granada?

— Sim.

— Vamos usá-la para criar uma bolha de velocidade no meio do caminho — disse Waxillium.

— Não dá — avisou Wayne. — Completamente sem curvaliga.

— Maldição — reagiu Waxillium. — Então nós... — começou, mas interrompeu o raciocínio. — Marasi? Para onde está indo?

Ela continuou mancando com o mascarado.

— Ele quer nos mostrar algo — disse Marasi.

— Eles estão vindo! — gritou Wayne, olhando pelo canto. — Rápido!

Marasi se concentrou em descer o corredor, apertando o ferimento com uma das mãos. Ouviu Waxillium xingar antes que tiros soassem no corredor. Waxillium atirava em homens que tentavam passar pelo buraco para chegar a eles. *Presos ali dentro*, pensou Marasi.

O mascarado a soltou de repente e avançou pelo corredor.

— Não... — disse Marasi, mas ele parou, abriu um painel na parede, enfiou a mão e tirou algo.

Um pedaço do teto, pintado num daqueles estranhos padrões dourados, abriu-se. Uma escada de corda caiu, parando a meio caminho do chão. O mascarado saltou e a segurou.

— Há uma sala escondida aqui! — gritou Marasi.

— Melhor que nada — respondeu Waxillium. — Todos para cima!

Wayne foi em seguida, saltando e pegando a escada, subindo por ela com um movimento gracioso. MeLaan conseguiu tocar na escada sem precisar saltar e subiu. A irmã de Waxillium mal conseguiu agarrar a coisa, mas subiu com uma mãozinha de MeLaan.

Marasi ficou olhando para a escada, desesperada, tentando imaginar como subir por ela sentindo dor, até Waxillium pegá-la pela cintura e *empurrar* para cima num salto giratório. Eles pousaram dentro da porta escondida, vendo-se numa sala estreita de teto baixo com algumas cadeiras chumbadas no chão. Uma única pequena janela à esquerda do casco deixava entrar uma fresta de luz. O lugar parecia um vagão de trem.

— Que ótimo — comentou Wayne. — Pelo menos agora podemos morrer em posições confortáveis.

O mascarado estava mexendo em algo perto da parede. Alguma espécie de arca? Abriu-a e pegou outro daqueles pequenos medalhões parecidos com moedas com tiras de tecido. Tirou aquele que estava usando e imediatamente estremeceu. Depois, colocou o novo.

— E agora? — perguntou ele, olhando para todos.

Marasi piscou, chocada. Ele falara no idioma dela, com um sotaque estranho, é verdade, mas compreensível.

— Não? — perguntou o homem. — Ainda está olhando para mim com uma expressão confusa. Essas coisas nunca funcionam direito. Ela jurou que...

— Não, funciona sim! — disse Marasi. — Pelo menos *eu* consigo entender você.

Ela olhou para os outros, que anuíram.

— Arrá! — reagiu o homem. — Ótimo, ótimo. Coloquem estes — disse ele, jogando um medalhão para cada. — Tocando na pele, por favor, bárbaros sem máscaras. Exceto você, Metálico. Não vai precisar de um, né?

Marasi pegou o seu e se acomodou num dos assentos, sentindo-se tonta. O analgésico finalmente parecia estar fazendo efeito, mas ela ainda estava exausta.

Abaixo, gritos soaram no corredor.

— Melhor alguém fechar aquela porta — disse o mascarado, agachando-se e mexendo em algo no chão sob um balcão.

Wayne obedeceu, puxando a escada, que era presa ao alçapão. A porta se fechou com um estalo, deixando-os numa penumbra ainda maior. Um tiro soou abaixo, depois outro. Marasi tomou um susto

quando as balas *martelaram* o piso da sala.

— Este lugar tem outras saídas? — perguntou Waxillium.

O mascarado puxou algo, e a sala sacudiu com um solavanco.

— Não — respondeu.

— Então por que nos trouxe aqui? — cobrou Waxillium, agarrando-o pelo braço.

O mascarado olhou para ele.

— Colocaram os medalhões, né?

Mais balas acertaram o piso, mas felizmente não penetraram na sala.

— O que eles fazem? — perguntou MeLaan.

— Deixam vocês mais leves — explicou o mascarado.

Assim que ele disse isso, assim que ela soube o que os medalhões faziam, algo dentro de Marasi entendeu. Ela estava segurando um metal que, de algum modo, conseguia *sentir*. Ele queria algo dela, e ela transferiu para ele, enchendo o metal... Uma *mente de metal*.

Ela ficou mais leve, levantando-se no assento, sentindo seu corpo fazer menos força para baixo. Telsin se assustou, obviamente experimentando sensação similar.

— Ora, veja, isso *sim* é estranho — disse Wayne.

— Grande Metálico — disse o mascarado, olhando para Waxillium. — Eu, claro, não *ousaria* dar ordens a um da sua estatura, mesmo que você mantenha seu rosto nu. Quem sou eu para julgar? Mesmo que pareça tão bruto quanto esses outros, mesmo a bonita, estou certo de que não é. Então, caso possa ousar dar uma sugestão...

— O que é? — cortou Waxillium.

— Um pequeno *empurrão* — disse o mascarado, apontando para baixo. — Ao meu comando.

— Se eu *empurrar* para baixo, simplesmente sairei voando e baterei no teto.

Ele hesitou quando o homem mascarado apontou para um par de tiras presas ao chão, com manetes de madeira na ponta. Waxillium olhou para eles e depois para o mascarado, que anuiu, ansioso.

Mesmo na escuridão, Marasi podia ver a curiosidade no rosto de Waxillium. A despeito dos homens gritando abaixo, do som abafado dos tiros, ele ainda era o homem da lei, o detetive. Perguntas o provocavam. Ele foi até as tiras, pegou-as e as segurou com firmeza, preparando-se com os pés no chão.

— Pronto — disse ele.

— Um momento — disse o mascarado, pegando uma alavanca. Ele a puxou com força, e a sala inteira sacudiu e *deslizou* para o lado, saindo do casco como uma gaveta sendo aberta numa cômoda. Marasi agora conseguia ver a extremidade dianteira do galpão, que tinha uma grande janela de vidro que antes estava bloqueada por madeira.

— Agora! — disse o homem.

Waxillium deve ter *empurrado*, pois a sala sacudiu e ergueu-se no ar. Eles não estavam absolutamente numa sala, mas num pequeno barco que podia se destacar da embarcação principal.

Por que precisas de guerra? Ainha em terra e quem precisas?"
(A voz estranha.)

"Tendo o teu Sued um metal?"
De assembléas a bure, a guerra ainda é debatida. Mas, agora, descobertas científicas nos deixam mais perto de uma resposta.
(Continua no verso.)



LUTE CONTRA
IMPOSTOS INJUSTOS
E SALÁRIOS BAIXOS

CHICLETES
(Indique a cidade e compre o produto local)
Exatidão de fabricação e a mais exatidão

donha ne de érico!

de Baz-Ker me
Sem movimen-
tism conhecidos
um Sagitar che-
ficiente de nuro
a tras-lhe drentar
ne focam asculas
sobilitamam nara
mea para o cabine

sumamente no pe-
gre contorna a
e conseguiu me
ritica das algar-
ma. Eu estou em
uma, que a es-
trela tinha asman-
tismo de lingua-
obrisse um modo
ibine, ate mesmo
e pés foralecidas
tegraria, lançan-
tina metros para
a da cidade, onde
avem no sol que
a honra em terra

mea emmaza de
bine, lançando
las a silhueta do
ento. Cada diário
forçando-se para
os equipamentos
recomendamos
a fuga.

quipamente que
em nesse último
e ainda trazei em
coberto de estai-
e biomatrimen-
me, o objeto era
ado de que pode-
do deido de como

india não é páro-
de. Lançei a vara
ovidio da pura,
só de espartosa
e meus reilhos
traz-me abrupt-
is enquanto algo
mente. Não era
a uma tala mas
de pura energia
m tarrasma. Seu
lançante luzam-
so da minha maza,
a porta quadrada
quadrado e a
tipo de homem
der do poder dos
els energia tivesse
eu também teria
um um instante?
o corre rapida-
m.



Estranhas equipament: me-
cânicos cobriam a piso, e, entre
deles, erguia-se o homem assim
brado. Da última vez que nos
encontramos, ele usava uma cor-
de buma, cujo capuz obscurecia
o rosto, mas agora eu podia vê-lo
claramente.

Ranahelhazari de seis olhos
frios e o vento deserrugava seu
cabelo cor de arca. Numa das
mãos, ele segurava a tapeçaria
encolada como um parreio. Com
a outra, apontava para mim com
pistola de aparência estranha.
Sem dúvida, a origem do fan-
tasma que lançarei antes.

As runas na lateral da pistola
falavam um baúlho enigmático.
Quão estranho e ao longe para
a frente com movimento Baz-Ker
cribela para deter. Lançamos as
aíres que eles o enchem de sur-
co. No instante em que as runas
esverdeadas ficaram vermelhas,
minha mão tocou o metal do
equipamento.

Quando disse uma Bemmoa,
sugando uma corrente de metal,
cristal algo que usava desentor-
como retirar poder do metal e
transferi-lho a uma fonte caçeta.
O metal permaneceu, mas o poder
desapareceu.

Imagine: o mesmo objeto
quando jogava pistola. Tive po-
der do equipamento e o transferi
a — alguns lugares.

As runas que brilhavam em
vermelho se apagaram como
velas no vento.

Funcionou! O equipamento
assemblado certamente em algo
de vasto mundo, mas era que-
mico nem alemânico, mas meu

toque de cromo o afetou.

O homem assombrado lançou
um olhar para a pistola e triveu
os dentes.

Que direção você fez?

Ele tocou algumas das runas
na lateral do equipamento pa-
recido com uma pistola, e os
símbolos voltaram a brilhar.
Apontou a arma para mim mais
uma vez, agora a setecimetros do
meu rosto. Mas trouxe de cromo
não quisera a arma como eu
esperei. Se eu não podia sugar
seu poder permanentemente,
teria que tirá-lo do tomert as-
sombreado.

Meu treinamto Baz-Ker
assumiu o controle e executou
um movimento encaixado para
arrancar uma arma da mão do
meu agressor. Uma manobra
suave me colocou atrás do meu
oponente e fora do alcance da
pistola. Agora, o homem as-
sombreado estava entre mim e a
alcatraz ferida da cultura. Meu
movimento seguinte: lanço a
pistola estranha para fora do lado
da buma, fazendo-a voar para
o céu aberto.

O homem assombrado girou
para me encarar, com surpresa
nos olhos. Aproveitei o momento
para obter o mapa.

Infortunadamente, só consegui
agarrar uma extremidade, e o
mapa se desmanchou entre mim
e o homem assombrado. Cada
um de nós agarrou uma ponta
ocupa a cor do mapa. Eu só pre-
cisava encontrar o balse com as
instruções do meu mapa, costuradas
de lado de dentro. Depois disso,
eu não me importava se agude

ladro levasse o resto da tapeça-
ria ou não.

Que sombras, mulher!
exclamou o homem. — Me deixo
em paz!

Elasgarron sua porta do negro
e pulou pelo buraco na lateral do
cabine.

O punho resmungou na tape-
çaria me jogou no chão e me
arrastou até que minha cabeça
e meus braços se chocaram no
projunção na parede, embora eu
ainda conseguisse segurar mi-
nha extremidade do mapa com
as duas mãos, a única coisa que
impedia o homem assombrado
de vir para sei fim.

— Maldita dança! — gritou
ele. — Simplemente lógico!

— Não vou largar! — respon-
di, agarrando o tecido com mais
força.

— É só um mapa idíota —
disse ele, estudando a tapeçaria.
Agarrando-o um pouco mais
para o lado, ele mostrou o mapa
entre os dedos e começou a des-
caldar para voltar à cabine.

— A minha herança! — gritei.

— Não ligo se é o couro de
bando do Sobrevivente. Simples-
mente de para mim!

— Você é completamente de-
sagradável! — gritei.

— Então você está começando
a me conhecer.

Acredito que você não vá
me julgar com muita dureza por
dizer que o timbre agradável e a
vaz com eu do estranho me de-
ixaram inteiramente encantado.
Seu cabelo era como ouro e os
olhos, como gelo azul. Se você
me conhecessem pessoalmente,

darei com prazer uma descrição
mais detalhada.

— Na verdade, um pouco de
polidez de sua parte teria evi-
tado toda essa disputa — falei.

— Você não estava pendurado
quinta metros acima da morte
pelos flaps de um mapa mal-
feito. Suba. Vamos entrar num
novo.

Ele estendeu a mão como
se fosse aceitar minha oferta,
mas algo nela brilhava à luz das
estrelas. Quase me senti rison-
hamente, soltando uma das mãos
para tocar o equipamento.

— É um tipo de coisa comum.

— Polidez — disse ele com um
resmungo. — Não é assim que
eu trabalho.

Ele agarrou seu lado da ti-
peçaria e cortou-a com a faca.
Então, nos, um corte em V se
formou pouco antes de o mapa
se rasgar inteiramente ao meio.

Pendi a cabeça quando ele caiu de
costo nas nuvens, agarrando um
pedaço da tapeçaria.

Affaste-me da heiraça, exa-
minei freneticamente minha
metade do mapa em busca do
balse escondido e o encontrei
quase imediatamente. A falta
de uma faca, porém, significava
que teria que esperar para abri-
lo quando voltasse à mansão.
Ainda assim, estava aliviada
por ter a informação de que
precisava para prosseguir em
minha busca, embora o homem
assemblado tivesse partido e o
mapa de meu pai tivesse se
arruinado. Admita, porém, que,
se tiver sobrevivido, o homem
assemblado está com a mel-
hor metade do mapa.

Depois de desembarcar do
teléfico, caminhei até o local
onde meu inimigo teria chegado
no chão. Não se encontrou sinal dele,
e, embora ninguém tivesse tes-
temunhado sua queda, um homem
jovem, de cabelo branco, estu-
la e se ofereceu para me contar
uma história. Recusei.

Ao voltar para casa, acendi
a lâmpada de gás e examinei
Pinho. Alargadores Tarefas
dormindo com seus filhos na
minha cama. Tornando eu mesmo
para não os perturbar, usei uma
tesoura de costura para abrir ra-
pidamente o balse escondido na
tapeçaria. Dentro dele havia um
pedaço de pergaminho dobrado,
escrito com a caligrafia fluída do
meu pai.

Muito querida Nialle,
Nesta carta, finalmente posso re-
velar a você as segredos das Origens.
Descobertas da Antiguidade...

— Continua na próxima semana! —



Wax estava de pé no centro da pequena embarcação, *empurrando* alguma espécie de placa abaixo, evidentemente projetada com esse objetivo. Estava presa ao patamar no qual a embarcação se encontrava antes — não era algo que se erguia com ela, mas algum tipo de plataforma de lançamento que um alomântico podia usar como âncora.

A embarcação, embora pequena, deveria ser pesada demais para ser erguida. A força de seu *empurrão* deveria ter rompido as faixas às quais estava preso ou esmagado o próprio Waxillium, mas ele conseguira. Prendera-se às tiras, essencialmente unindo-se ao barco, e o erguera, com todas as pessoas, de um patamar que se projetara do navio.

São aqueles medalhões, compreendeu. Eles permitem que todos façam como eu: fiquem leves, quase tão leves quanto o ar. Isso significava que, na verdade, ele só erguia o barco com seu equipamento.

O veículo era pequeno, com menos de um metro e oitenta de largura, embora tivesse talvez o dobro no comprimento, e tinha amplas aberturas, como passagens, dos dois lados. Elas ficavam voltadas para paredes dentro do navio, mas agora estavam expostas ao ar.

No conjunto, a coisa parecia a cabine de um carro a motor com as portas arrancadas. À medida que o aparelho se erguia, pequenos pontões estendidos baixaram e se encaixaram no lugar com um estalo. Wax teve uma rápida visão de soldados surpresos na parte da passarela que ele não havia quebrado, e depois eles já estavam do lado de fora, subindo pela abertura no teto do galpão.

O estranho homem de máscara vermelha deslocou-se pelo veículo e se inclinou para fora de um dos buracos nas paredes para olhar para baixo. Pareceu solene enquanto batia continência para o navio. Depois, baixou a cabeça, sussurrando algo.

Finalmente, virou-se para Wax.

— Está indo muito bem, ó Divino!

— Não vou conseguir *empurrar* muito mais alto — disse Wax, grunhindo. — A âncora está longe demais.

— Não vai precisar — disse o homem, passando por Marasi, em quem deu um tapinha no ombro, e depois lidando com controles na frente da máquina. — Vou precisar do cubo primário — disse, estendendo a mão para Wayne.

— Ahn? — reagiu Wayne, desviando os olhos de onde estava pendurado na outra porta, olhando para baixo. Alguns tiros distantes soaram quando os soldados dispararam aleatoriamente na direção do veículo flutuante. — Ah, isto? — perguntou, pegando a granada alomântica.

— É — respondeu o homem, pegando-a. — Obrigado!

Ele se virou e apertou-a contra o braço de Wax, que ainda estava queimando aço para mantê-los flutuando, até que começou a zumbir.

O homenzinho se virou e encaixou o cubo num espaço sob a prateleira na frente da nave. A máquina

sacudiu e algo começou a bater abaixo dela. Um ventilador? Sim, um muito grande, soprando para baixo, movido por um motor invisível.

— Pode parar, Grande Ser de Metais — disse o homem, olhando para Wax. — Caso seja seu desejo divino.

Wax relaxou o *empurrão*. Eles imediatamente começaram a baixar.

— Reduza seu peso! — gritou o homem. — Quer dizer, se for de sua magnífica vontade, ó Metabólico.

— Metabólico? — perguntou Wax, enchendo sua mente de metal e reduzindo seu peso. A nave se estabilizou no ar.

— Ahn... — reagiu o mascarado, sentando-se na frente do veículo. — Bem, devemos usar um título diferente a cada vez, né? Nunca fui muito bom nisso, Vossa Magnificência. Por favor, não arremesse uma moeda em meu crânio. Não sou insolente, apenas idiota.

Ele empurrou uma alavanca para a frente, e ventiladores menores começaram a girar nas extremidades dos pontões.

— Não são barcos — sussurrou MeLaan. — Nem este nem o grande abaixo. São naves voadoras.

— Pelos braceletes de Harmonia — disse Marasi. Estava muito pálida, segurando a barriga ferida.

Naves voadoras que usavam algum tipo de Alomancia. Ferrugem e Ruína. Wax sentiu que o mundo parecia girar ao redor dele. Se a eletricidade tinha mudado a vida de forma tão dramática, o que *aquilo* faria? Obrigou-se a sair do estupor e olhou para o mascarado baixo.

— Qual é o seu nome? — perguntou Wax.

— Allik Nuncalonge, ó Alto — disse o homem.

— Então espere um momento aqui, Allik.

— Tudo o que desejar, ó...

Wax saltou do veículo antes que pudesse ser louvado — ou insultado, ele não sabia o que o homem queria dizer com aquelas palavras. Teve uma visão melhor da pequena aeronave ao pular. Sim, parecia mais uma cabine comprida de carro a motor do que um bote, com aquele fundo chato. O grande ventilador era separado da nave por um pequeno espaço, permitindo a entrada do ar por cima. As portas nas paredes não pareciam fechar, então era bom que os assentos tivessem faixas.

Wax desceu pelo céu, com medo de *empurrar* a pequena aeronave, mas conseguiu usar âncoras abaixo para desacelerar e impulsionar-se na direção das florestas a norte do galpão.

Ele queria ser rápido. Aquela nave não voava alto o suficiente para ficar em segurança caso eles tivessem acesso a canhões. Desceu na floresta e surpreendeu Steris, que estava sentada em seu cavalo, com os outros em fila, carregados e prontos para partir.

— Lorde Waxillium! — chamou. — Supus que estaria vindo e preparei...

— Ótimo — disse Wax, indo até seu cavalo. — Desça e pegue sua bolsa e a de Marasi.

Ela fez isso sem objeções ou perguntas, pegando seu pequeno fardo de coisas essenciais e o de Marasi. Wax fez o mesmo com as coisas de MeLaan e Wayne.

— Vamos deixar os cavalos? — perguntou Steris.

Ele soltou os cavalos e pegou Steris pela cintura.

— Acabou que encontramos algo ainda melhor.

Ele sacou uma de suas armas mais velhas e a jogou no chão; precisaria de um grande pedaço de metal para levá-los alto o bastante. *Empurrou-a*, lançando-os da floresta para o céu.

Ele se preocupava com as manobras, que não eram fáceis sem arranha-céus nos quais *empurrar*. Contudo, Allik virou a nave na sua direção, permitindo-lhe dar a Steris um dos braceletes e colocá-la na nave antes de entrar. O veículo conseguiu aceitar o novo peso dos suprimentos, embora Allik tivesse que puxar uma alavanca para impedi-los de perder altura.

— Sete pessoas — disse o mascarado. — E suprimentos. Acima do peso que a *Wilg* deveria levar, mas ela dará conta. Até nosso metal se esgotar. A questão é: para onde você quer que ela nos leve?

— Elendel — disse Wax, indo na direção da frente da pequena nave.

— Ótimo — disse Allik. — E... onde é isso?

— Norte — respondeu Wax, apontando. A pequena prateleira na frente do veículo, parecida com o painel de um carro a motor, tinha uma bússola embutida. — Mas se você seguir primeiro para oeste e encontrar o rio, podemos...

— Não — disse Telsin, tomando Wax pelo braço. — Precisamos conversar.

Tiros soaram abaixo, seguidos por uma explosão que ecoou. Ótimo. Eles *de fato* tinham um canhão.

— Apenas nos tire daqui — disse Wax a Allik enquanto deixava que Telsin o puxasse para os fundos da pequena nave. Passou por Wayne, ainda pendurado pela metade para fora de uma das passagens e boquiaberto. Marasi estava no chão, e MeLaan verificava o ferimento enquanto Steris já começara a dispor as bolsas numa pilha eficiente entre dois dos assentos.

Os ventiladores zumbiram e a nave começou a se mover para longe do acampamento inimigo. Não tinha grande velocidade, mas avançava constantemente. Wax se acomodou num banco nos fundos da nave com a irmã. Ferrugem... Telsin. Finalmente. Um ano e meio se passara desde que ele prometera deter seu tio e libertá-la. Agora ali estava ela, sentada ao seu lado.

Parecia uma mulher moderna, com cabelo em cachos, usando um vestido elegante que estava na moda: material fino, bainha logo abaixo dos joelhos, um decote que destacava o pescoço comprido e correntes delicadas. Se você não olhasse para os olhos poderia supor que era uma bela dama a caminho de um baile.

Se a olhasse nos olhos só encontraria frieza.

— Waxillium — disse ela suavemente —, há algum tipo de arma ao sul, escondida entre as montanhas que separam a Bacia e as Terras Brutas. Tio Edwarn a encontrou. Ele está indo para lá.

— O que você sabe a respeito? — perguntou Wax, tomando sua mão. — Telsin, você sabe o que ele está planejando? É uma revolução?

— Ele não me conta muito — respondeu. Sua voz era muito calma, muito fria, quando comparada ao que havia sido antes. Sempre apaixonada, sempre o estimulando a fazer coisas que ele não devia. Parecia que tinham sugado a vida dela durante seus meses de cativeiro. — Jantamos juntos na maioria das noites em que ele está aqui, mas fica com raiva se pergunto sobre seu trabalho. Ele me queria como um de seus... projetos, originalmente, mas minha idade torna isso impossível. Agora sou apenas um peão. Para usar contra você, acredito.

— Não mais — disse Wax, apertando sua mão. — Não mais, Telsin.

— E se ele achar essa arma? — perguntou ela. — Ele parece *convencido* de que está lá e dará ao seu grupo poder para dominar a Bacia. Waxillium, *não podemos* deixar que ele a consiga — disse. Alguma paixão retornou aos seus olhos, um pouco da Telsin de que ele se lembrava. — Se ele tomar a Bacia, então me pegará novamente. Ele vai matar você e *me pegar*.

— Vamos a Elendel, informaremos o governador e depois enviaremos uma expedição.

— E se isso demorar tempo demais? — insistiu Telsin. — Você sabe o que é a arma? A coisa que ele está procurando?

Wax baixou os olhos para o medalhão preso ao braço dela.

— Feruquemia e Alomancia que qualquer um possa usar.

— O poder do próprio Senhor Soberano, Waxillium — disse Telsin, apaixonadamente. — Os Braceletes da Perdição. Podemos encontrá-los e usá-los antes que ele o faça. É preciso viajar a pé por uma trilha de montanha traiçoeira. Eu os ouvi se preparando para isso. Nós, contudo... — disse, olhando pela passagem na direção da paisagem. Era uma visão que poucos tinham testemunhado. Uma visão um dia reservada apenas a Lançamoedas.

— Vou examinar Marasi — disse Wax. — Depois decidiremos.

Marasi pairava acima do mundo, olhando para uma terra banhada pela luz das estrelas. Árvores como arbustos. Rios como riachos. Colinas como calombos. A terra era o jardim de Harmonia. Seria assim que Ele a via, do ponto de vista de um Deus?

O Caminho ensinava que Ele estava ao redor, que seu corpo eram as brumas, que Ele via tudo e *era* tudo. As brumas eram disseminadas, visíveis apenas quando ele queria que fossem. Ela sempre gostara desse ensinamento, como se a fizesse sentir a Sua proximidade. Mas outros aspectos do Caminho a incomodavam. Ele não tinha uma estrutura, e, por isso, todos pareciam ter sua própria ideia de como deveria ser seguido.

Sobrevivencialistas como a própria Marasi viam Harmonia de modo diferente. Sim, Ele era Deus, mas, para eles, era mais uma *força* do que uma divindade benevolente. Ele estava ali, porém ajudaria um besouro com a mesma facilidade com que ajudaria um homem, pois todos eram iguais para Ele. Se você *realmente* queria que algo fosse feito, rezava para o Sobrevivente, que, de algum modo, sobrevivera até mesmo à morte.

Marasi fez uma careta enquanto MeLaan continuava a trabalhar.

— Hum, sim — disse MeLaan. — Muito interessante.

Marasi estava deitada no piso do veículo, perto de uma passagem, com a cabeça sobre um paletó enrolado que servia como travesseiro. O vento não era forte demais, ao contrário do que Marasi teria esperado, já que não se moviam muito rápido, mas os ventiladores faziam bastante barulho.

MeLaan abria o uniforme de Marasi de um modo muito impróprio, mal deixando coberta a maioria das partes importantes, mas ninguém parecia se importar, então Marasi não criou caso. Ademais, isso era menos desconcertante do que o que MeLaan fazia com ela. A kandra estava ajoelhada acima de Marasi, com a mão na lateral do corpo, tendo liquidificado e escorrido sua carne para *dentro* do ferimento.

Era tão perturbador quanto fora vê-la abrir a fechadura, como se Marasi fosse apenas outro enigma a ser manipulado. Ferrugem! Ela podia *sentir* MeLaan remexendo lá dentro com pedaços de carne que tinham se tornado tentáculos.

— Vou morrer, não vou? — perguntou Marasi suavemente.

— Vai — respondeu MeLaan. A luz de uma pequena lanterna que tinham na bagagem iluminava seu rosto. — Não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

Marasi apertou os olhos com força. Bem feito para ela por ter saído correndo por aí como um homem da lei das Terras Brutas, avançando em meio a tiroteios e supondo ser invencível.

— Como está a ferida? — perguntou Waxillium. Marasi abriu os olhos e o viu curvado, enrubescendo

em seu estado de quase nudez. Claro. Sua emoção final seria constrangimento por causa do maldito *Waxillium Ladrian*.

— Ahn? — perguntou MeLaan, tirando o braço e deixando sua carne se formar novamente sobre os ossos cristalinos. — Ah, achei um buraco no intestino, como você imaginara. Costurei apertado, usando um pouco de tripa de gato que fiz com intestinos extras que venho preparando. Cobri com um pouco da minha carne.

— Ela vai rejeitar a carne.

— Não. Dei uma mordida nela e repliquei a pele. O corpo achará que é dela.

— Você *comeu* uma parte de mim? — perguntou Marasi.

— Uau — reagiu Waxillium. — Isso é... Uau.

— Sim, bem, eu sou incrível. Com licença — disse MeLaan, colocando a mão para fora do veículo voador e livrando-se de um jorro de algo repulsivo. — Tive de sugar umas coisas lá dentro para limpar tudo. É o modo mais seguro — explicou. Ela encarou Marasi. — Você me *deve* uma.

— Aquela foi a parte de mim que você... ahn... comeu? — perguntou Marasi.

— Não, só o que estava vazando. O remendo transplantado sobre o ferimento deve resistir até que você se cure sozinha; eu o soldei a veias e capilares. Vai incomodar um pouco, mas não coce, e me avise se algo começar a necrosar.

Marasi hesitou antes de tocar no ferimento com dedos cautelosos. Encontrou apenas carne apertada, como uma cicatriz, remendando o buraco. Mal doía. Era algo leve, como um hematoma. Ela se sentou, espantada.

— Você disse que eu ia morrer!

— Claro que você vai morrer — disse MeLaan, inclinando a cabeça de lado. — Você é mortal. Não consigo transformá-la em kandra simplesmente... Ah, você estava falando de *hoje*. Que inferno, garota, aquele tiro mal arranhou você.

— Você é uma pessoa horrível — disse Marasi. — Você sabe disso?

MeLaan sorriu, acenando para Waxillium, que estendeu a mão para ajudar Marasi a se levantar. Ela arrumou o uniforme rapidamente, embora MeLaan o tivesse cortado de formas que tornavam difícil o pudor. Ela teria que procurar algo em sua bagagem, mas como poderia trocar de roupa no espaço apertado daquele veículo?

Ela suspirou, segurando a mão de Waxillium e deixando que ele a colocasse de pé. Por ora, ela manteve uma das mãos na cintura para impedir que as calças caíssem. Ele ofereceu seu casaco de bruma, e, após um momento de hesitação, ela o vestiu.

— Obrigada — disse, notando que ele tinha uma atadura no braço esquerdo, logo abaixo do ombro. Também havia sido baleado durante a luta? Não dissera nada, o que a fez se sentir ainda mais tola.

Waxillium apontou com a cabeça para a frente do veículo, onde Allik estava sentado com os pés sobre o painel, recostado no assento. Era impossível ler sua expressão, mas ela sentiu que sua postura era reflexiva.

— Acha que pode conversar com ele? — perguntou Waxillium.

— Suponho que sim — respondeu Marasi. — Estou um pouco tonta e muito humilhada. Mas, afora isso, estou bem.

Waxillium sorriu e tomou seu braço.

— Pegou a estaca de ReLuur?

— Sim — disse Marasi, checando a bolsa para ter certeza e colocando os dedos nela só por garantia. Ela a ergueu.

— Elas deterioram quando estão fora de um corpo, não é mesmo? — disse Waxillium, olhando para MeLaan, que se instalara numa passagem, com as pernas balançando do lado de fora, ignorando os assentos.

— Como você sabe? — perguntou ela.

— O livro que o Olhos de Ferro me deu.

— Ah, certo — disse MeLaan, com uma expressão mais sombria. — Isso. Você sabe que o Lorde Nascido da Bruma estava errado em criá-lo, não?

— Li mesmo assim.

MeLaan suspirou, olhando para fora.

— Quanto mais tempo passa longe de ReLuur, mais sua Bênção enfraquece. Mas elas são poderosas e podem durar algum tempo; além disso, mesmo que a Bênção deteriore, a estaca ainda vai restaurar sua mente. Com alguma... perda de memória.

A voz falhou nessa parte, e ela desviou os olhos.

— Bem, temos a estaca graças a você — disse Waxillium, olhando para Marasi. — E estou com minha irmã. Então deveríamos voltar a Elendel e descobrir o que Allik sabe.

— Deveríamos — concordou Marasi. — Mas seu tio...

— Você ouviu minha conversa com Telsin?

— O suficiente.

Quando ela não estivera distraída com o medo de estar morrendo. *Kandra idiota.*

— E o que você acha? — perguntou Waxillium.

— Não sei, Waxillium — disse Marasi. — Nós realmente viemos até aqui por causa da estaca ou até mesmo por causa da sua irmã?

— Não — respondeu ele suavemente. — Viemos para deter Elegante.

Marasi anuiu. Depois, enfiou a mão mais fundo na bolsa, tirando o caderno que roubara do escritório de Irich. Folheou até a página com o mapa e o ergueu para que ela e Waxillium pudessem ver.

Tinha um ponto claramente indicado como “Segundo Local”, algum tipo de acampamento nas montanhas. E, além disso, algo em grande altitude, em meio a outros picos, indicado como perigosamente alto. As anotações de Irich diziam: *Localização relatada do templo.*

— A arma — disse Waxillium, raspando os dedos no mapa. — Os Braceletes da Perdição.

— É real.

— Meu tio acha que é — disse Waxillium, hesitando. — E eu também.

— Você consegue imaginá-lo com um Nascido da Bruma... e um feruquemista pleno? — perguntou Marasi. — Imortal. Como Miles, só que muito pior. Tendo a força de todos os metais. Como o Senhor Soberano renascido.

— Meu tio disse que estava indo para o segundo local — disse Waxillium, estudando o mapa. — Mas é possível que sua expedição ainda não tenha chegado ao templo. Eles sabem onde é, em função dos seus interrogatórios, mas ainda estão planejando a expedição. Com esta máquina, poderíamos chegar lá antes dele.

Waxillium respirou fundo e apontou com a cabeça para Allik.

— Você fala com ele? Descubra o que ele sabe?

— O homem passou por *muita* coisa, Waxillium — disse Marasi. — Acho que devem tê-lo torturado e assassinado seus amigos. Ele não merece um interrogatório neste instante.

— Nós não merecemos muitas das coisas que nos acontecem, Marasi. Fale com ele, por favor. Eu faria isso, mas o modo como ele me trata... Bem, acho que você conseguiria melhores respostas.

Ela suspirou, mas concordou e passou por Wayne, que estava, sem nenhuma surpresa, caído num assento e roncando. Steris estava sentada, com as mãos no colo, tranquila, como se passear numa máquina voadora fosse um acontecimento cotidiano. Telsin continuava sentada no fundo do veículo.

Marasi cambaleou. Ferrugem! Ela *estava* tonta. Felizmente, a frente do veículo tinha dois assentos, o que Allik usava e um banco menor junto a ele. Allik olhou para ela, que se deu conta de que estivera errada sobre sua postura. Ele não estava pensativo, mas com *frio*, sentado ali com os braços ao redor do corpo e até mesmo tremendo.

Ficou surpresa. Estava mais frio ali do que abaixo, verdade, mas ela mesma não estava especialmente com frio. Mas, por outro lado, ela agora vestia o casaco de Waxillium.

Allik se virou novamente para o para-brisa enquanto ela se sentava no banco.

— Supus que todos aqui na terra do Supremo fossem bárbaros — disse ele. — Ninguém usa máscaras. E o que seu povo fez com meus tripulantes... — Ele estremeceu novamente. Dessa vez, não parecia ser pelo frio. — Mas então você me soltou — continuou ele. — E você tem um *deles*, um grande Nascido do Metal das artes preciosas. Então fiquei confuso.

— Não me sinto uma bárbara — disse Marasi. — Mas duvido que os povos mais bárbaros se *sintam* assim. Lamento pelo que aconteceu com seus amigos. Eles tiveram a infelicidade de encontrar um grupo de pessoas muito más.

— Havia quinze máscaras na parede — disse Allik. — Mas a tripulação da *Brunstell* era de quase cem, né? Sei que alguns morreram na queda, mas o resto... Sabe onde eles poderiam estar?

Ele olhou para ela, que conseguiu ver a dor em seus olhos atrás da máscara.

— Talvez — disse Marasi, surpresa por se dar conta de que poderia saber. Virou o caderno para ele, mostrando o mapa. — Sabe de alguma coisa sobre isto?

Allik olhou para ele.

— Como você conseguiu isto?

— Encontrei na escrivania dos um dos seus captores.

— Eles não conseguiam se comunicar conosco — disse Allik, pegando o caderno. — Como descobriram isso?

Marasi fez uma careta. Embora a tortura fosse um método de interrogatório terrivelmente ineficaz, pelo menos no que dizia respeito a casos legais, ela desconfiava de que *era* uma poderosa motivação para superar barreiras.

— Você acha que eles estão aqui — disse Allik, apontando para o mapa. — Acha que os homens que os capturaram, os homens maus, levaram meus tripulantes para encontrar o templo do Supremo.

— Isso soa como algo que Elegante faria — disse Marasi, lançando um olhar a Waxillium, que se acomodara num assento atrás dela e se inclinou para a frente de modo a escutar. — Levar guias, ou especialistas, só por garantia. Ele está a caminho de lá, o líder daqueles que mataram seus amigos.

— Então é para lá que devo ir — disse Allik, sentando-se e mudando a direção da nave. — *Wilg* e eu os deixaremos em algum lugar caso exijam, pois *não* quero deixar aquele ali com raiva — disse,

apontando com o polegar por cima do ombro para Waxillium. — Mas tenho que encontrar meus tripulantes.

— Quem é o Supremo? — perguntou Waxillium.

Allik se encolheu.

— Certamente ele não era tão grandioso quanto você, Impressionante.

Waxillium não disse nada.

— Ele está me encarando, não está? — perguntou Allik, baixinho, a Marasi. Ela fez que sim. — Olhos como punhais de gelo, cravando-se em mim por trás — disse, falando mais alto. — O Supremo foi nosso rei há três séculos. Ele nos contou que antes foi seu rei. E seu Deus.

— O Senhor Soberano? — retrucou Waxillium. — Ele morreu.

— Sim — falou Allik. — Ele também nos contou isso.

— Há trezentos anos — repetiu Waxillium. — Exatamente?

— Trezentos e trinta, ó Persistente.

Waxillium balançou a cabeça.

— Isso foi depois da Ascensão de Harmonia. Tem *certeza* dessas datas?

— Claro que tenho certeza — disse Allik. — Mas se desejar que eu revise minhas crenças de modo a...

— Não — disse Waxillium. — Apenas diga a verdade.

Allik suspirou, revirando os olhos, o que criava uma expressão estranha em alguém usando uma máscara.

— Deuses — sussurrou para ela. — Muito temperamentais. Seja como for, o Supremo surgiu cerca de dez anos após a Morte de Gelo, né? Nome bobo, mas você tem que dar um nome. A terra era bela e quente, e então congelou.

Marasi olhou para Waxillium, franzindo a testa. Ele deu de ombros.

— Congelou? — perguntou ela. — Não me lembro de ouvir falar num congelamento.

— Está congelada neste instante! — afirmou Allik, tremendo. — Vocês também tiveram isso aqui, precisam ter tido. Há três séculos veio a Morte de Gelo.

— O Catacandro? — perguntou Waxillium. — Harmonia refez o mundo. Salvou o mundo.

— *Congelou* — retrucou Allik, balançando a cabeça. — A terra era macia e quente, e agora é dura, partida e congelada.

— Harmonia... — sussurrou Marasi. — Allik é do Sul, Waxillium. Você não leu os antigos livros? As pessoas do Império Final nunca foram naquela direção. Os oceanos supostamente ferviam quando se chegava perto demais do equador.

— As pessoas que viviam no sul se adaptaram — disse Waxillium. — Sem Montanhas de Cinzas para encher o céu de cinzas e resfriá-lo...

— Então o mundo quase acabou — continuou Allik. — E o Supremo chegou e nos salvou. Ele nos ensinou isto — disse, fazendo um gesto na direção da faixa que usava no braço, com o medalhão, e fez uma pausa. — Bem, não exatamente *este*. Mas este.

Ele enfiou a mão no painel e tirou o outro medalhão que tinha usado, aquele que ele tirara do cofre no galpão. Ele o colocou, trocando pelo da linguagem, e suspirou de satisfação.

Marasi o observou. Depois, ergueu a mão como se para tocar a mão dele, e ele permitiu. A pele dele

ficou mais quente enquanto ela o tocava.

— Calor — disse ela, olhando para Waxillium. — Este medalhão estoca calor. É uma propriedade da Feruquemia, certo?

Waxillium anuiu.

— A mais arquetípica. Nos velhos dias, meus ancestrais terrisanos viviam nas terras altas, viajando com frequência por passagens nas montanhas cheias de neve. A capacidade de estocar calor e usá-lo depois permitiu que sobrevivessem onde mais ninguém conseguia.

Allik ficou sentado, aproveitando seu calor por algum tempo, antes de, com evidente relutância, tirar o medalhão e trocá-lo rapidamente pelo que, de algum modo, permitia que conversasse com eles.

— Sem eles estaríamos mortos — disse, erguendo o primeiro medalhão. — Acabados. Todos os cinco povos extintos, né?

Marasi anuiu.

— E ele lhes ensinou isso? O Supremo?

— Claro que sim. Ele nos salvou, abençoado seja. Ensinou que os Nascidos do Metal são pedaços de Deus, cada um deles, embora inicialmente não tivéssemos nenhum entre nós. Ele nos deu aparelhos e criou as Mães do Fogo e os Pais do Fogo, que vivem para encher estes medalhões, para que o resto de nós possa deixar nossas casas e sobreviver neste mundo frio demais. Antes que ele partisse, usamos seus presentes para descobrir o resto, como os que nos fazem voar.

— O Senhor Soberano buscando redenção pelo que fez aqui em cima através da salvação das pessoas lá embaixo — disse Marasi.

— Ele estava *morto* — disse Waxillium. — Os registros...

— Já estiveram errados antes — cortou Marasi. — Tinha que ser ele, Waxillium. E isso significa que os Braceletes...

Waxillium se colocou junto a Allik, no lado oposto a Marasi. O mascarado o encarou, como se estivesse muito desconfortável com sua presença.

— Estes — começou Waxillium, pegando o medalhão de calor no painel. — Vocês podem criar quando quiserem?

— Se tivermos o Nascido do Metal e os Extratores, sim. Os Extratores são os presentes que o Supremo fez para nós.

— Então, com um desses aparelhos, um Nascido do Metal pode criar um medalhão como este com *qualquer* capacidade alomântica ou feruquêmica?

— Palavras sagradas — disse Allik. — Mas se alguém pode dizê-las é você, ó Blasfemo. Sim. Qualquer uma.

— E algum de vocês criou um medalhão que dê *todos* os poderes? — perguntou Waxillium.

Allik riu.

Marasi franziu a testa.

— Por que o riso? — perguntou Marasi.

— Acha que somos deuses? — respondeu Allik, balançando a cabeça. — Está vendo isso? O que você está segurando? É muito complicado. É abastecido com a capacidade de dar à uma pessoa uma fatia de santidade.

— Investidura — disse Waxillium. — Este anel interno é de nicrosil. Você o drena, e ele lhe concede

investidura, transformando-o num feruquemista temporário com a capacidade de encher uma mente de metal com peso — explicou, erguendo o medalhão. — O ferro é por conveniência, certo? Você pode enchê-lo, mas, desde que esteja drenando a investidura, pode tocar qualquer fonte de ferro e transformá-la numa mente de metal.

— Você sabe muito sobre isto, ó Misterioso — disse Allik. — Você é sábio e...

— Aprendo rápido — disse Waxillium, olhando para Marasi. Ela assentiu para que ele continuasse. Aquilo era fascinante... As artes metálicas não eram uma de suas áreas de conhecimento, mas Waxillium tinha paixão por aquilo. — O que é este outro anel que forma o medalhão?

— Esse concede o calor — explicou Allik. — É uma combinação grandiosa; *dois* atributos, de anéis distintos. Demoramos muito para fazer isso funcionar, né? Este que uso agora também concede dois: peso e ligação. Eu vi medalhões com três. Apenas duas vezes na minha vida. Todas as tentativas de quatro fracassaram.

— Então usem vários medalhões — disse Waxillium. — Prenda trinta e dois em seu corpo e terá todas as habilidades.

— Lamento, ó Grande Sábio. Você evidentemente conhece muito sobre o assunto e sabe coisas que nenhum de nós *já* pensaria em tentar. Como pudemos ser tão tolos e não nos darmos conta de que podíamos simplesmente...

— Cale-se — rosnou Waxillium.

Allik se encolheu.

— Não funciona? — perguntou Waxillium.

Allik balançou a cabeça.

— Eles interferem um no o outro.

— Então, para criar um com múltiplos poderes...

— Você precisa ser muito habilidoso — disse Allik. — Mais habilidoso do que qualquer um que viveu entre nós. Ou... — começou ele, e riu. — Ou precisaria ter todos os poderes e colocá-los num medalhão, em vez de adicionar o seu poder e passar o medalhão para outra pessoa adicionar o dela, como fazemos agora! Se esse fosse o caso, você de fato seria um grande Deus. Tão poderoso quanto o Supremo.

— Ele *de fato* criou um desses — disse Waxillium, esfregando o medalhão com o polegar. — Um com todas as habilidades. Um bracelete, ou um conjunto deles, que concede todas as dezesseis habilidades alomânticas e todas as dezesseis habilidades feruquêmicas.

Allik murchou.

— É por isso que você está aqui, não é, Allik? — perguntou Waxillium, olhando nos olhos do homem.

Marasi se inclinou para a frente. Waxillium tinha dito que não era bom em ler as pessoas, mas estava errado. Ele era ótimo nisso, desde que lê-las envolvesse atormentá-las.

— Sim — sussurrou Allik.

— Vocês saíram de suas terras para encontrar os Braceletes da Perdição — disse Waxillium. — Por que eles estão aqui em cima?

— Escondidos — contou Allik. — Quando o Supremo nos deixou, levou-os com ele, juntamente com seus sacerdotes, seus servos mais íntimos. Bem, alguns deles acabaram retornando, né? Com histórias para contar. Ele os levou numa grande jornada e os fez construir um templo para ele numa cadeia de montanhas escondida. Deixou os sacerdotes lá, com os Braceletes, e disse-lhes para protegê-los até que ele voltasse para buscá-las. E isso foi burro, né? Porque nós *realmente* poderíamos tê-los usado para

combater os Negadores de Máscaras.

— Negadores de Máscaras? Como nós?

— Não, não — disse Allik, rindo. — Você são apenas bárbaros. Os Negadores são *realmente* perigosos.

— Ei! — chamou Wayne atrás deles, cabelo agitado ao vento, com o chapéu nas mãos. Quando ele tinha acordado? — Nós derrubamos sua grande nave do céu, não derrubamos?

— Você? — reagiu Allik, rindo. — Não, não. Você não conseguiriam ter feito mal à *Brunstell*. Ela caiu numa grande tempestade. É um risco para nossas naves; tão leves, tão facilmente perturbadas por tempestades. Teríamos pousado a *Brunstell*, mas estávamos nas montanhas, procurando. Estávamos muito perto do templo, mas então... É. Ela caiu das montanhas sobre suas terras. Caiu naquela pobre aldeia. Os bárbaros lá inicialmente foram gentis. Depois os outros chegaram.

Ele encolheu na cadeira.

Waxillium deu um tapinha em seu ombro.

— Obrigado, ó Maravilhoso — disse Allik. Deu um suspiro. — Bem, desde que a elite do Supremo nos contou as histórias, temos tentado encontrar os braceletes.

— Encontrá-los? — reagiu Waxillium. — Você nos contou que ele deixou os Braceletes lá para ele mesmo.

— Bem, é, mas todos interpretam isso como um desafio. Um teste criado pelo Supremo, certo? Ele gostava disso. Por que ele deixaria que os sacerdotes nos contassem sobre eles se não quisesse que fôssemos buscá-los? Só que, após anos de buscas, todos começaram a pensar que o templo era uma lenda sofisticada, perdida no tempo. Todo mundo tinha um tio que tinha um mapa, né? Do tipo que vale menos que o papel em que é desenhado, né? Mas recentemente começaram a circular algumas histórias interessantes. Conversas sobre terras lá em cima, montanhas que ninguém tinha explorado. Mandamos várias naves de batedores, e elas retornaram com histórias sobre seu povo, nessa terra. Bem, há cinco ou seis anos, os caçadores enviaram uma grande nave com o objetivo de finalmente encontrar o templo. E eles tiveram sucesso, acreditamos. Um deslizador voltou com um mapa de onde haviam estado. O resto congelou até a morte; uma nevasca nas montanhas foi mais forte que seus medalhões.

O vento sacudiu a pequena nave enquanto Allik ficava em silêncio.

— Nós vamos atrás desse templo, certo? — perguntou Marasi, olhando para Waxillium.

— Pode ter certeza que sim.



Marasi teve muito tempo para pensar enquanto eles viajavam rumo ao sul na direção das montanhas. Allik acreditava que a viagem demoraria cerca de duas horas, o que a surpreendeu. Ela imaginara que uma aeronave fosse um veículo veloz, mas aquela provavelmente era mais lenta que um trem. Ainda assim, ser capaz de ir até lá em linha reta, em vez de precisar acompanhar a paisagem, era uma vantagem clara.

Mesmo com os ventiladores zumbindo em seus suportes, a aeronave parecia planar durante a maior parte do tempo. Allik aumentava ou baixava a altitude, tentando encontrar ventos favoráveis, e se queixava de não conhecer as correntes aéreas na região. Navegava usando equipamentos que ela não reconhecia, juntamente com mapas impressionantemente precisos da Bacia inferior. Com que frequência aquelas pessoas tinham percorrido os céus ali, ocultos na escuridão, observando e fazendo seus mapas?

A maioria dos outros dormia, usando confortavelmente o calor como Allik lhes ensinara. Quando Marasi pensou em dormir, não conseguiu afastar a ideia de cair por uma daquelas passagens e acordar ao bater no solo, mesmo com os cintos prendendo todos.

Wayne lhe deu alguma coisa para ajudar com a dor, embora não tivesse explicado o que era. Mas funcionara, e, em grande medida, ela conseguia ignorar a dor na lateral do corpo. Acomodou-se no assento ao lado de Allik e conversou com ele. Sentia-se culpada, já que isso exigia que ele usasse o medalhão de tradução, mas ele parecia tão ansioso para conversar quanto ela. Marasi não sabia se isso acontecia por ter fome de interação depois de seu encarceramento ou por querer distrair-se para não pensar nos amigos que havia perdido durante sua jornada.

Ao longo das duas horas seguintes, ele lhe contou mais sobre os medalhões que usavam e as lendas sobre os Braceletes da Perdição. Nas histórias de Allik, o Senhor Soberano as enchera com muito de todos os atributos, mas também as criara de modo a dar a qualquer pessoa que as usasse a capacidade de drená-las. Uma espécie de desafio à humanidade a encontrá-las, juntamente com um alerta para não o fazer. Allik de modo algum considerava isso uma contradição.

Ele também passou algum tempo contando sobre a vida no lugar de onde ele vinha, que estava além das montanhas, depois de todas as Terras Brutas do Sul e os desertos. Um lugar distante e maravilhoso onde todos usavam máscaras, embora nem todos as usassem do mesmo modo.

O povo de Allik preferia usar máscaras segundo suas profissões ou estados emocionais. Não todos os dias, certamente, mas não era incomum trocarem as máscaras com a mesma frequência com que uma dama em Elendel poderia trocar de penteado. Mas havia outros grupos. Um deles dava uma máscara a cada criança, que só era trocada quando chegavam à idade adulta. Allik alegava que essas pessoas, chamadas de caçadores, até mesmo se *fundiam* às máscaras de algum modo, embora Marasi achasse difícil acreditar nisso. E ainda havia outros, aos quais ele se referia com desprezo, que usavam apenas máscaras simples, sem pintura, até que fizessem algo para merecer uma mais decorada.

— Esses são os caídos — explicou ele, agitando uma das mãos à frente num gesto que ela não

entendeu. — Eles eram nossos reis, né? Antes de o mundo congelar. Eles ofenderam os Jaggenmire, motivo que fez tudo dar errado, e...

— Espere — disse Marasi, falando baixinho para que os outros pudessem dormir. — Os... Jag...

— Jaggenmire? — perguntou. — Isso não foi traduzido? Então vocês não têm um nome para eles em seu idioma. É como um deus, só que não.

— Muito esclarecedor.

Surpreendentemente, ele ergueu a máscara, algo que ela só o vira fazer uma vez, ao se ajoelhar diante das máscaras dos amigos. Não parecia considerar isso alguma espécie de infração, e continuou falando. Ela gostava de poder ver seu rosto; embora a barba e o bigode com falhas parecessem um tanto ridículos, também o faziam parecer mais jovem do que realmente era, a não ser que estivesse mentindo sobre ter 22 anos.

— É como... como uma coisa que comanda o mundo, né? — disse ele, fazendo uma careta. Quando alguma coisa cresce, ou morre, os Jaggenmire fazem isso acontecer. Há Herr, e sua irmã Frue, que também é sua esposa. Ela faz com que as coisas parem, e ele faz com que avancem, mas nenhum deles pode...

— Criar vida sozinho — concluiu Marasi.

— É! — disse ele.

— Ruína e Preservação — falou. — Os antigos deuses terrisanos. Eles agora são um, Harmonia.

— Não, eles *sempre* foram um — retrucou Allik. — E sempre separados. Muito estranho, muito complexo. Mas, seja como for, estávamos falando sobre os caídos, né? Eles fazem tudo o que podem para reduzir seu fardo do fracasso. Um cumprimento significa muito para eles, mas você precisa tomar cuidado, pois se lhes disser que agiram bem, eles podem levar seu cumprimento muito a sério e viajar de volta a seu povo para contar a todos. Então você pode ser chamada a testemunhar sobre como fizeram um bom trabalho, de modo a que eles possam trocar de máscara. E sua linguagem é *realmente* difícil. Eu a falo superficialmente; é sempre útil, de modo a não precisar usar o medalhão, mas faz minha cabeça girar como se tivesse voado alto demais por tempo demais.

Ela sorriu, escutando-o seguir em frente com sua explicação, gesticulando furiosamente enquanto falava, algo que ela percebeu ser muito natural quando os rostos viviam cobertos.

— Você fala muitos idiomas? — perguntou ela quando ele fez uma pausa, finalmente interrompendo sua narrativa.

— Eu nem sequer falo o meu próprio muito bem — disse ele, com um sorriso. — Mas estou tentando. Parece ser uma boa habilidade para um piloto de deslizador, já que com frequência é meu trabalho pilotar a *Wilg* e levar pessoas entre naves ou torres. E se vou passar metade do dia numa aula, acho que deva ser algo útil. Embora a matemática tenha...

— Aula? — perguntou Marasi, franzindo a testa.

— Claro. O que você acha que fazemos o dia inteiro na nave?

— Não sei — respondeu Marasi. — Limpar os conveses? Amarrar cordas? Ahn... arrumar... coisas. O tipo de atividade de marujos.

Ele olhou para ela com os olhos arregalados e depois baixou a máscara com força.

— Vou fingir que você *não* acabou de me comparar a um *marinheiro inferior*, srta. Marasi.

— Ahn...

— Você tem que ser mais especial que isso se quiser voar. Espera-se que sejamos cavalheiros e

damas. Já jogamos pessoas pela *amurada* por não saber os passos corretos das danças.

— O quê? Sêrio?

— É, sêrio — disse ele, mas depois hesitou. — Certo, antes amarramos uma corda aos pés dele — disse, fazendo um gesto que ela começara a se dar conta de ser algo como um sorriso ou um riso. — Ele ficou pendurado abaixo da *Brunstell* por uns cinco minutos, lançando uma tempestade de insultos, mas nunca mais errou a cisterna três passos! E Svel sempre disse a ele...

Allik parou de falar, caindo em silêncio.

— O que ele sempre disse? — Marasi o estimulou.

— Desculpe. A máscara dele... De Svel, quero dizer. Na parede...

Ah. A conversa morreu, com Allik olhando para fora da nave e depois fazendo alguns ajustes de direção. Do lado de fora, a paisagem era escura a não ser por alguns pontinhos de cidades já longe à esquerda. Embora inicialmente tivessem evitado a Cordilheira Serana, Allik conduzira o deslizador para as montanhas havia cerca de meia hora. Agora voavam sobre os cumes, tendo subido mais do que ao voar sobre a Bacia.

— Allik — disse Marasi, apoiando a mão no braço dele. — Eu lamento.

Ele não reagiu. E assim, hesitante, consciente de que provavelmente estava violando um tabu, ela esticou a mão e ergueu a máscara. Ele não a deteve, e o movimento revelou olhos que olhavam sem ver, uma lágrima correndo em cada bochecha.

— Nunca os verei novamente — disse ele, baixinho. — A *Brunstell* está quebrada; nunca mais servirei nela. Nunca mais verei minha *casa* novamente, não é?

— Claro que verá — disse Marasi. — Você pode voar para lá.

— A *Wilg* não vai durar com a última pedra que tenho — disse ele, limpando as lágrimas.

— Pedra?

— Combustível — disse Allik, olhando para ela. — O quê? Você acha que a *Wilg* voa com nuvens e sonhos?

— Achei que voava com Alomancia.

— A Alomancia *empurra* as hélices — explicou Allik. — Mas é *ettmetal* que a sustenta.

— Acho que essa palavra também não foi traduzida — disse Marasi, franzindo a testa.

— Aqui, veja — disse Allik, ajoelhando e abrindo o compartimento onde colocara o pequeno cubo que Waxillium chamava de granada alomântica. Estava presa a uma prateleira metálica, que brilhava suavemente no centro. Allik apontou, e, ao lado, ela viu uma luz branca reluzindo com mais força. Uma pedra, queimando como luz oxídrica.

Ou como a própria Alomancia, pensou Marasi.

— Mas que tipo de metal é esse?

— *Ettmetal* — disse Allik, dando de ombros. — Também há um pouco no cubo primário, para fazê-lo funcionar. Muito mais para fazer uma nave como a *Wilg* avançar, e muito, *muito* mais para colocar a *Brunstell* no ar. Vocês não têm esse metal?

— Acho que não — respondeu Marasi.

— Bem, o que temos será suficiente para voar um dia ou dois. Depois, precisaremos de um alomântico *empurrando* o tempo todo. Então, a não ser que Vossa Grandeza, o Adormecido Lá Atrás, queira voar comigo até lá, estou preso, né?

— Você disse que tinha mais na *Brunstell*.

— É, mas está com *elas* — disse, sorrindo. — Inicialmente, os malvados não sabiam como lidar com o metal. Molharam alguns. *Esse* foi um bom dia.

— Molhar?

— *Ettmetal* explode se for molhado.

— Que tipo de metal *explode* se você o colocar na água?

— Este tipo. Seja como for, seus homens maus ficaram com a maior parte.

— E nós vamos detê-los — disse Marasi, com firmeza. — Vamos pegar seus tripulantes de volta, colocar você na sua nave, ou num desses desliza-dores, se a grande não voar mais, e mandá-lo para casa.

Ele se acomodou novamente em seu assento, fechando a placa sob o painel.

— É isso o que vamos fazer — concordou ele, anuindo. Depois a encarou, com a máscara ainda levantada. — Claro que seu pessoal não tem o que nós temos. Nada de aeronaves. Então eles simplesmente permitirão que eu e os meus nos elevemos sem exigir informações sobre essa tecnologia?

Ferrugem! Ele era inteligente.

— Talvez possamos dar ao governador alguma parte dessa tecnologia, como alguns medalhões. Depois prometer a ele comércio entre nossos povos, alimentado pela boa-vontade de ter ajudado você e os seus a irem para casa. Isso apagará parte da vergonha pelo que Elegante fez.

— Há alguns, na minha terra, que podem achar sua Bacia aqui em cima... tentadora, sem defesas contra ataques vindos do alto.

— O que torna ainda mais importante ter aliados entre seu povo.

— Talvez — disse ele, recolocando a máscara. — Aprecio sua verdadeira natureza. Você não tem uma máscara para esconder suas emoções. Muito estranho, porém bem-vindo neste caso. Ainda assim, tenho que pensar se isso não será mais complicado do que você diz. Se encontrarmos as relíquias, que vocês chamam de Braceletes da Perdição, quem ficará com elas? Eles são nossas, mas não vejo seu lorde Nascido do Metal permitindo que escapem de suas mãos.

Outra pergunta difícil.

— Eu... sinceramente não sei. Mas talvez tenhamos tanto direito a elas quanto vocês, já que foi *nosso* governante que as criou.

— Um governante que vocês mataram — lembrou ele. — Mas não vamos discutir sobre isso, né? Vamos encontrar o que encontrarmos e depois decidir o que fazer — disse. Em seguida, hesitou. — Tenho que lhe contar algo, srta. Marasi. É possível que não encontremos nada no templo a não ser destruição.

Ela franziu a testa, acomodando-se no assento, desejando que ele ainda estivesse sem a máscara para poder ler sua expressão.

— O que quer dizer?

— Já contei sobre aqueles que vieram em busca do templo — começou Allik.

— Os caçadores — disse Marasi.

Ele anuiu.

— Eles eram guerreiros nos tempos anteriores ao congelamento. Agora eles caçam respostas para o que nos aconteceu, e segredos para garantir que nunca aconteça novamente. Srta. Marasi, conheci muitos, e podem ser boas pessoas, mas muito, muito rígidos. Eles acreditam que os Braceletes da Perdição foram

deixadas conosco como um teste, mas um teste oposto ao que todos supomos. Eles acham que o Supremo pretendia descobrir se assumiríamos o poder quando não deveríamos. E então...

— O quê? — perguntou Marasi.

— A nave deles veio para cá antes — disse Allik, olhando para ela. — Ela trazia bombas, grandes, feitas de *ettmetal*. Com o objetivo de *destruir* os Braceletes. Dizem que não tiveram sucesso, mas tudo pode ter acontecido. Dizem que o lugar do templo está mais congelado que qualquer outra coisa no mundo. Um lugar perigoso para o meu povo.

Ele estremeceu visivelmente, olhando ansioso para o medalhão na mesa à sua frente.

— Vá em frente. Coloque-o — estimulou Marasi.

Ele assentiu. Eles tinham feito isso várias vezes até então, deixando Allik aquecer-se com o equipamento feruquêmico. A própria Marasi usava um, deixando-a confortavelmente quente, embora naquela altura o ar provavelmente estivesse congelante.

Allik se acomodou, e Marasi, curiosa, pegou o medalhão de conexão que ele tirara. Girou-o nos dedos, notando as linhas sinuosas no centro, dividindo-o em metais distintos. Ferro para peso, duralumínio para conexão e, mais importante, nicrosil, para lhe dar a habilidade de usar metais, para começar.

Ela conhecia a teoria metálica o suficiente para identificar os metais, mas a conexão... O que aquilo realmente fazia? E, acima de tudo, como aquilo o fazia falar um *idioma*?

Sentindo-se tola, ela sorriu e tirou seu medalhão. A nave imediatamente mergulhou por causa de sua retomada de peso. Ela soltou um guincho de susto e imediatamente colocou o medalhão de peso e conexão. Depois, corou, tornando-se leve novamente, enquanto Waxillium sacava a arma e levantava num pulo. Então ele não estivera dormindo, mas escutando. Ele olhou ao redor para ver o que causara o solavanco.

Nenhum dos outros se mexeu. Wayne continuou roncando.

Marasi ergueu o disco para Allik e depois drenou a conexão. Esperou por alguma reação dentro de si, mas não pareceu acontecer nada.

— Fomos tolos — disse ela. — Eu poderia ter usado isto e falado a *sua* língua. Então você poderia ter ficado aquecido.

Allik sorriu para ela e disse algo totalmente ininteligível.

— O que está acontecendo? — perguntou Waxillium.

— Nada — disse Marasi, corando novamente. Não estava funcionando. Por que não estava funcionando?

Allik fez um gesto para ela, que voltou para seu medalhão anterior; dessa vez, fez a troca com muito cuidado para não causar um solavanco, mas em grande medida fracassou. Como ele fazia a transição entre os dois tão suavemente?

Ele fez um gesto, deslizando a mão sobre o rosto, que ela achou que significava um sorriso.

— Esperto, mas não funcionará em você.

— Por quê?

— Porque estamos nas suas terras — explicou ele. — O visitante tem que usar o medalhão. Está cheio de conexão, né? Conexão vazia, com lugar nenhum. Mas a conexão não pode simplesmente ser conectada a *nada*, então, quando você a acessa, ela se projeta e se conecta com o lugar onde você está. Faz sua alma pensar que foi criada nesse lugar, então sua linguagem muda.

Marasi franziu a testa enquanto Waxillium se levantava, colocando-se entre os assentos da frente da

nave.

— Curioso — disse. — Muito curioso.

— É como o mundo funciona — disse Allik, dando de ombros.

— Então por que você ainda fala com sotaque? — perguntou Marasi. — Se seu cérebro pensa que foi criado aqui?

— Ah — disse Allik, erguendo o dedo. — Minha alma pensa que fui criado aqui, em suas terras, mas sabe que sou de origem malwish, que meus pais são de Wiestlow, de modo que não posso evitar ter sotaque, né? Eu peguei deles. É como os medalhões sempre funcionam.

— Curioso — repetiu Marasi.

— É — concordou Allik. Mas Waxillium estava anuindo, como se fizesse completo sentido para ele.

— Aquelas montanhas à direita — disse Waxillium, apontando. — Aqueles picos são mais altos que os outros pelos quais passamos.

— É! — disse Allik. — Bons olhos, ó Observa...

— Pare com os títulos.

— É, ahn, ó Perturbador... Ahn... — começou Allik, respirando fundo. — Aqueles são os picos que estamos procurando. Estamos chegando perto. Teremos que levar a *Wilg* ainda mais alto. Temperaturas frias, altitudes perigosas.

Ele hesitou enquanto Waxillium apontava para algo à frente. Era difícil ver, mas distinto assim que Marasi notou. Luz, flutuando na escuridão. Só um clarão, mas chamativo contra o negror.

— A Cordilheira Serana é desabitada, a não ser por alguns poucos vales — disse Waxillium. — Frio demais, tempestades demais.

— Então, se há uma luz... — disse Marasi.

— Elegante partiu em sua expedição — completou Waxillium, empertigando-se. — Hora de acordar os outros.



Wayne foi despertado muito rudemente, de um modo nada adequado ao seu sonho grandioso, no qual ele era o rei dos cães. Tinha uma coroa em forma de tigela e tudo mais. Piscou os olhos, sentindo-se bem e aquecido, e foi atingido por uma rajada de vento. Com sono, lembrou-se de que estava voando numa *aeronave* ferrada com um sujeito que não tinha rosto. E isso era quase tão bom quanto a coisa dos cães.

— Você pode nos levar mais baixo? — perguntou Telsin.

— Se eu fizer isso, eles nos ouvirão, mesmo com os ventiladores da *Wilg* em baixa velocidade — disse o mascarado. — Precisamos passar acima daquelas pessoas, mas vou nos manter bem alto.

Ferrugem! A irmã de Wax estava com metade do corpo para fora numa lateral aberta da máquina, olhando para baixo, embora Wayne mal conseguisse vê-la com tão pouca luz. Não imaginara que Telsin seria do tipo aventureiro, com Wax sendo calmo e cuidadoso na maior parte do tempo. Mas ali estava ela, fazendo sua melhor imitação de uma placa de pub sacudindo ao vento. Ele anuiu, apreciando. Depois, soltou-se das tiras que o prendiam ao assento e se levantou para ver para o que ela olhava.

Passou por cima da bagagem, que caíra da pilha que Steris tinha feito, e se inclinou para fora ao lado de Telsin. Isso permitiu que visse uma longa fila de pessoas, iluminadas por lanternas, avançando pelo que parecia ser neve até a cintura. Pobres sujeitos.

Wax foi até a outra abertura, olhando para baixo com a luneta. O próprio Wayne não conseguia ver muito. Segurou-se com uma das mãos e pegou a caixa de chicletes, sacudindo-a. Só havia mais um. Maldição. Bem, pelo menos tinha muito açúcar nela. Isso o ajudaria a se animar, ajudaria sim.

— Você o vê? — perguntou Telsin.

— Acho que sim — respondeu Wax. — Espere. Sim, é ele. Aposto que começaram a expedição assim que receberam notícias do que aconteceu no galpão.

Ele levou a mão ao coldre e sacou uma das armas. Ele dava nomes àquelas coisas ferradas, mas Wayne nunca conseguia lembrar quais eram. Era uma daquelas com a coisa comprida na frente que cuspia pedaços de metal nos caras maus.

— Deixe que eu faça isso — disse Telsin, com paixão na voz.

Wayne hesitou, com o chiclete a meio caminho da boca. Era uma grande sede de sangue a daquela mulher.

— Você não conseguirá acertar um tiro desses — retrucou Wax. — Também não estou certo de que conseguirei.

— Deixe-me tentar — suplicou Telsin. — Não importa o que seja preciso fazer, quero que ele morra. Outro tomará seu lugar, mas *quero que ele morra*.

Wax suspirou por um longo momento, e todos na nave pareciam prender a respiração. Finalmente, ele baixou a arma.

— Não. Seu testemunho no tribunal fará muito mais contra o Grupo do que matar um homem sem

nenhuma outra razão além de vingança. De qualquer modo, prefiro que ele seja interrogado.

Ele guardou a arma no coldre.

Wayne anuiu. Sujeito confiável aquele Wax. Estável. Igual num dia bom e num dia ruim. Wayne começou a recuar para dentro da nave, mas, quando passou sobre os assentos atrapalhou-se um pouco com Telsin e, no processo, chutou uma das bolsas para fora da abertura.

Wayne olhou para baixo, chocado, enquanto ela caía e *atingia* a cabeça de um dos homens.

— O que você fez? — cobrou Telsin.

Wayne se encolheu.

— O que ele fez agora? — perguntou Marasi, com um tom de resignação na voz.

— Chutou aquela bolsa para fora e caiu bem em cima deles — contou Telsin.

— Não foi culpa minha — reagiu ele. — Wax me acordou cedo demais. Isso me deixou desequilibrado.

Olhou para os outros ocupantes da nave. Wax suspirou, colocando-se ao lado do piloto. Steris e MeLaan estavam no banco dos fundos, fora do caminho. MeLaan estava relaxada de um modo muito atraente e Steris, curvada sobre um grande caderno. Fazendo anotações? O que havia de *errado* com aquela mulher?

Abaixo, os homens na neve ergueram as lanternas e estudaram o céu, parecendo confusos.

— Leve-nos embora — disse Wax ao piloto mascarado, apontando. — Vá na direção que eles tomaram.

— Sim, ó Decisivo — disse o piloto. Os ventiladores nas laterais da coisa fizeram mais barulho. — Segurem-se todos.

A nave mudou de direção. Não rapidamente, mas voltou a se mover. Um belo truque aquele de ficar parado enquanto voava. Pássaros não conseguiam fazer isso, só Lançamoedas. Wayne foi para a frente, passando por Marasi para ter uma boa visão.

— O vento está aumentando — mencionou o piloto. — Pode ser uma tempestade, como se as coisas já não estivessem frias o suficiente.

— Ali — disse Wax, apontando. — O que foi aquilo?

— Vou dar a volta — disse o piloto, virando a nave, que sacudiu precariamente. Outra rajada de vento mandou flocos de neve pelas aberturas nas laterais.

— É isso — disse Wax, olhando pela cortina de neve. — Pelos Anéis de Harmonia... Realmente é aqui.

— Não vejo nada — disse Wayne, apertando os olhos.

— Segure-se em alguma coisa — disse o piloto. — Ou prenda as tiras. Vou pousar.

Wayne agarrou o braço do homem.

— Segure *outra* coisa.

Wayne agarrou o encosto da cadeira, e foi uma boa coisa, já que a nave virou de lado ao descer. O pouso não foi tão ruim, ao menos para quem gostava de ser sacudido e depois ter o rosto jogado contra a parede.

Wayne piscou e se viu na escuridão. Um momento depois, MeLaan conseguiu religar sua lanterna e a ergueu, mostrando que a nave assentara meio de lado, com uma das asas do ventilador, que dobrava para que a coisa se encaixasse na nave maior, tendo virado para cima nas dobradiças e uma grande pilha de

neve empurrada para dentro pelo buraco na lateral da nave.

— É assim que costuma ser? — perguntou Wax, levantando-se, trêmulo, no piso inclinado.

— Pousar é difícil — admitiu o piloto.

— Tecnicamente não é — contestou Marasi, de trás. — É a coisa mais fácil de fazer com uma nave voadora, desde que você não seja meticuloso demais.

Wayne bufou, subindo pela nave até o lado virado para cima, e saltou. A neve rangeu quando pousou sobre ela. Ele não esperara aquilo. A única neve que vira havia sido eventuais flocos nas Terras Brutas, que nunca chegavam, *nem de longe*, àquela profundidade. Por que rangia? A coisa era feita de água, não de cereal.

Ele cambaleou para fora da alta pilha de neve até uma área rochosa varrida pelo vento baixo. Flocos de neve o atingiam como grãos de areia, mas não pareciam vir do céu, apenas soprados. Ele estremeceu e usou mais calor. As nuvens tinham saído do caminho, abrindo espaço para a luz das estrelas, como um segurança recuando e deixando as pessoas entrarem na boate mais exclusiva da cidade.

A luz cascadeava, branca e serena, sobre um *castelo* ferrado no meio das montanhas. Uma fortaleza de pedra árida, a mesma pedra daquela região rochosa. Parecia ter apenas um andar, encolhido contra o vento, mas reluzia à luz das estrelas, como o espírito de alguma construção antiga dos dias anteverdejantes.

Wayne expirou lentamente, o que criou uma névoa branca à sua frente.

— Bom — disse ele, assentindo. — Bom.

Os sujeitos que haviam construído aquilo tinham *estilo*.

Marasi saltou da nave, por alguma razão vestindo o casaco de bruma de Wax, e quase caiu de cara na neve. Ficou de pé em cima da coisa branca e macia, mas uma rajada de vento quase a derrubou novamente até ela subitamente afundar mais com um rangido. Ela finalmente se lembrou de parar de encher a mente de metal com seu peso. Um erro fácil de cometer se você não estava acostumado a ser feruquemista.

Ela avançou pela neve e se juntou a Wayne, limpando flocos de neve derretida da testa. Parecia estar bem, considerando que havia sido baleada.

— Elegante e seu pessoal não estão longe — disse ela. — E agora sabem que estamos aqui.

— Então encontraremos os Braceletes antes — disse Wax, atrás deles. Foi muito injusto o modo como ele deslizou para fora da máquina e se ergueu num salto rápido, parando ao lado deles sem tropeçar na neve. Muito injusto. Por que Harmonia tinha feito aquela coisa? Não parecia ter muita serventia. — Todos peguem suas coisas. Allik, retire a granada da nave, só por garantia.

Todos se apressaram para obedecer. Marasi entrou novamente na nave, juntando-se a Steris no descarregamento da bagagem. Allik saiu da nave, usando aquela máscara, e ficou ao lado do veículo, olhando para a fortaleza e balançando a cabeça. Depois, virou-se e deu um tapinha na nave, como se fosse um filhotinho, até Steris aparecer e afastá-lo por alguma razão. Alguns momentos depois, Marasi saiu, usando um vestido em vez do uniforme, mas com as calças por baixo. Jogou o casaco de bruma para Wax.

Vai entender... Uma mulher *teria* que trocar de roupa para aquilo. Não podia penetrar num templo antigo e distante sem colocar os devidos acessórios. Wayne passou as mãos pelo cabelo e teve um momento de pânico. Seu *chapéu*! Voltou rapidamente à nave, procurando ao redor, enlouquecido, e então o viu se projetando de um monte de neve ali perto, tendo se soltado quando eles pousaram. Pegou-o com

um suspiro de alívio.

— Todo mundo para trás — disse Wax, firmando-se no chão, o vento soprando as tiras de seu casaco de bruma para trás e sacudindo-as. Os outros se afastaram da nave, e Wax grunhiu, *empurrando*. A nave deslizou para dentro da neve, formando uma onda nela. Wax empurrou até que a coisa estivesse totalmente enterrada.

— Bonito — disse Wayne.

— Vamos esperar que um dos Lançamoedas ou um Atraidor deles não a localize sob a neve — disse Wax, virando-se na direção do templo e pousando a escopeta no ombro. — Vamos sair deste vento.

Eles pegaram as bagagens e começaram a cruzar o campo de pedra rumo à fortaleza. Steris encontrara outra lanterna em algum lugar e a acendera. Wayne apressou o passo e se colocou ao lado daquele piloto de máscara.

— Sabe... também sou alomântico — disse Wayne.

O homem não falou nada.

— Achei que poderia querer saber, já que parece que essa é sua religião e tudo mais — insistiu Wayne. — Para o caso de você querer mais alguém para idolatrar.

Novamente, nenhuma resposta.

— Eu sou um Deslizante — continuou Wayne. — Bolhas de velocidade, sabe? Acho que aqueles títulos seriam ótimo para mim. O Belo. O Inteligente. Ahn... O Cara do Ótimo Chapéu.

O único som era o dos seus passos e o do vento.

— Agora, veja bem, isso é injusto — disse Wayne. — Wax não quer que você o idolatre, certo? Mas você *precisa* ter alguém para idolatrar. É da natureza humana. Faz parte de nós. Então, estou disposto a concordar e deixar que você...

— Ele não consegue entender você, Wayne — disse Marasi, passando por ele. — Ele trocou a mente de metal para se manter aquecido.

Wayne ficou parado enquanto todos avançavam.

— Bem, quando ele pegar o cérebro de volta, alguém conte a ele que eu sou um deus, tudo bem?

— Pode deixar — respondeu Wax, na frente do grupo.

Wayne suspirou, avançou para alcançá-lo, mas então parou. O que era aquilo ao lado? Ele colocou a mochila no ombro e foi até lá, ignorando o chamado de Marasi para que voltasse. *Havia* alguma coisa ali, perto dos picos. Uma forma maior que uma casa, com as partes expostas cobertas de gelo.

Wax também foi até lá, apertando os olhos contra o vento, e grunhiu.

— Outra nave. Aquela que os caçadores mandaram.

— Os quem?

— Um grupo de pessoas da região de Allik — explicou Wax. — Vieram aqui para destruir o lugar. Felizmente, parece que não tiveram sucesso.

Ele se virou para seguir em frente, mas Wayne o cutucou, apontando com a cabeça para uma mão que se projetava de um dos montes de neve. Chegando mais perto, conseguiu ver doze cadáveres, talvez mais, caídos ali naquele lugar gelado, congelados para sempre.

Wax anuiu e caminharam de volta aos outros. Marasi e Steris tinham esperado, juntamente com o mascarado, que cruzara metade da distância até a nova nave e depois se detivera, olhando para ela. Telsin seguira em frente, com MeLaan atrás. Ele rapidamente se juntou ao resto do grupo, que ia atrás de

Telsin e MeLaan.

— Sua irmã é meio que... — Wayne começou a dizer a Wax.

— Severa? — sugeriu Marasi.

— Eu ia dizer doida — admitiu Wayne. — Embora eu ainda não esteja certo se é doida boa ou doida má, já que não tive tempo de fazer a devida avaliação.

— Ela passou por muita coisa — disse Wax, com olhos à frente. — Vamos chegar em casa e arrumar alguns médicos com os quais ela poderá conversar. Ela vai ficar bem.

Wayne anuiu.

— Claro que ela não combinará mais conosco se isso acontecer.

Eles continuaram. Aquela fortaleza, *ferrugem*, era impressionante. Feita de grandes blocos de pedra, do tipo que provavelmente partiu as costas de algum pobre sujeito, tinha degraus levando até uma enorme estátua. Inicialmente, ele ficou surpreso, já que aquele parecia um lugar estranho para uma estátua, mas aquelas em Elendel haviam sido cagadas por um milhão de pássaros, então talvez aquele fosse o *melhor* lugar para colocar sua estátua.

O grupo avançou para os degraus na entrada, lutando contra o vento. O medalhão fazia com que o vento não fosse frio o suficiente para gelar as regiões inferiores, mas ainda era incômodo. No alto dos degraus, eles tiveram que contornar a estátua, que tinha a forma de um sujeito de casaco comprido segurando uma lança ao lado, com a ponta apoiada nas pedras. Wayne coçou o rosto, recuando e inclinando a cabeça.

— O que há de errado com o olho dele? — perguntou, apontando.

Marasi se colocou ao lado dele, semicerrando os olhos na escuridão.

— Uma estaca — disse ela suavemente. — Como naquela moeda de Waxillium.

Sim, era isso. Uma estaca se projetando do olho direito. Wayne contornou a estátua, passando pela neve reunida na base.

— Um olho com estaca — disse Wax, pensativo. — Este lugar foi construído pelo Senhor Soberano. Por que ele mandaria fazer uma estátua sua com um olho perfurado por uma estaca?

— Ele leva uma lança — lembrou Marasi. — Em função daquela que usou para matar o Sobrevivente?

— Uma lança de metal — notou Wax. — Mas sem linhas alomânticas. Alumínio. Parece que também há um pouco em seu cinto. Caro.

Marasi anuiu.

— O Senhor Soberano foi atravessado por três lanças, segundo o testemunho do Lorde Nascido da Bruma. “Uma vez atingido por um mendigo, pela pobreza que trouxe. Uma vez atingido por um trabalhador, pela escravidão que implantou. Finalmente por um príncipe, pelos lordes que corrompeu.” As lanças não o feriram.

— Vamos — chamou Telsin, de dentro do prédio, onde estava acompanhada de Steris.

Wax e o sujeito mascarado se adiantaram, mas Wayne continuou olhando para a estátua.

— Então, estive pensando... — disse Wayne quando MeLaan passou por ele.

— É? — perguntou ela, encarando-o.

Ferrugem! Wax podia achar aquilo estranho, considerando que ela tinha tipo um bilhão de anos ou algo assim, mas parecia que se passara ainda *mais tempo* desde que uma mulher o olhara assim. Não era apenas um olhar lascivo, era... Qual era a palavra?

Carinhoso.

Sim, isso servia.

— Wayne? — chamou ela.

— Ah, certo. Ahn, bem, este lugar está abandonado, certo? Então nenhuma das coisas aqui pertence a alguém.

— Bem, estou certa de que muita gente iria *reivindicá-las* — disse MeLaan. — Mas seria difícil provar a propriedade.

— Então...

— Então eu diria para você não tocar em nada — disse MeLaan.

— Ah. Certo.

Ela sorriu para ele e avançou, seguindo pela passagem aberta atrás da estátua. Era grande, escancarada, como a boca de um sujeito depois que você o chuta bem ali no cantil.

Ele olhou de volta para a estátua e cutucou a ponta da lança com o dedão do pé. Depois a chutou com o calcanhar. A seguir, bateu nela com uma pedra. Finalmente, girou-a algumas vezes.

Ela caiu, batendo na pedra abaixo. Estivera praticamente *caindo*. E Wax estava errado: apenas a cabeça era de metal; a lança enorme era de madeira. *Alumínio, hein?*, pensou Wayne, sorrindo.

Bem, ele não ligava muito para o que os sujeitos ricos diziam que valia dinheiro. A não ser que valesse, em si, mais que uma casa. A pequena Sophi Tarcsel, a inventora, precisava de mais recursos.

Ele envolveu a ponta da lança, que era grande como a palma da sua mão, num lenço para não congelar seus dedos e começou a assoviar enquanto corria atrás dos outros. Ao passar, notou que já *tinha* havido portões na passagem, grandes, mas restavam apenas os cacos congelados.

Os outros tinham se reunido do lado de dentro, numa espécie de entrada. Havia murais dos dois lados, como aqueles que o estranho kandra mostrara na mansão de Wax. Wayne foi até um, ao lado de Wax, que o examinava.

É. Era o mesmo mural. Um retratando um par de braceletes num pedestal; o outro, do lado oposto, retratando o Senhor Soberano usando-os.

— Então nós encontramos o lugar, sem dúvida — disse Wax. — A estátua era prova suficiente, mas isto confirma. ReLuur esteve aqui.

Eles deixaram a entrada juntos, passando pela única porta até um comprido corredor escuro. O que eram aqueles calombos à frente? MeLaan e Steris ergueram bem suas lanternas, embora ninguém parecesse inclinado a ser o primeiro a avançar.

O sujeito mascarado, porém, estava murmurando alguma coisa num tom engraçado. Parecia acompanhar algo com os olhos. Um padrão metálico na parede? Deu um passo para o lado e pegou a pequena granada, que trazia no bolso. Fez alguma coisa, abrindo um lado, e depois usou pinças para retirar o que parecia ser uma pequena pepita de metal. Ele a enfiou numa cavidade na parede e puxou uma alavanca para baixo.

Wayne ouviu algo parecido com um zumbido distante, seguido por uma série de pequenas luzes azuis começando a brilhar nas paredes. Como era adequado para combinar com a atmosfera daquele lugar ferrado, elas eram mais assustadoras que Steris pela manhã. Não havia lâmpadas ou algo racional assim, apenas partes das paredes que pareciam feitas de vidro translúcido e brilhavam de uma forma muito lúgubre.

Foi o suficiente para iluminar os calombos no chão. Corpos. Um número bastante perturbador de cadáveres, caídos em posições estranhas. E aquelas poças ao redor deles... Sangue congelado.

Wayne assoviou baixo.

— Eles *realmente* se esforçaram para dar uma aparência assustadora a este lugar.

— Esses corpos não estavam aqui originalmente — disse Wax, em tom seco. — Acho que eles devem ser... Wayne, o que diabos é isso?

— Caiu da lança — respondeu Wayne, agarrando a ponta da lança, que era fria ao toque, mesmo através do lenço. A ponta se projetava de um lado. — Eu nem sequer olhei para ela, Wax. Deve ter sido afrouxada pelo vento. Veja, tem um buraco na base para desaparafusar e...

— Não toque em nada — disse Wax, apontando para ele. — Em mais nada.

MeLaan lançou um olhar para ele.

— Fique calada — disse Wayne.

— Não disse uma palavra, Wayne.

— Você *insinuou* uma. Isso é pior.

Wax suspirou, olhando para o piloto, que inspecionava algumas inscrições na parede.

— Allik? — chamou Wax. Depois, tocou o medalhão que amarrara ao pulso.

O mascarado suspirou, mas trocou um medalhão pelo outro. Imediatamente estremeceu.

— Agora posso dizer que estive no inferno — disse ele. — Essas montanhas certamente se erguem até lá.

— Você acha que o inferno fica no *céu*? — perguntou Steris, colocando-se perto de Wax e praticamente aferrando-se a ele.

— Claro que sim — disse Allik. — Cave bem fundo no chão e as coisas ficam mais quentes. O inferno tem que ser no sentido oposto. O que quer de mim, Grande Destruidor Metálico?

Wax suspirou.

— Corpos — disse ele, apontando com a cabeça para o corredor. — Armadilhas?

— Sim — respondeu Allik. — Aqueles que construíram este lugar foram encarregados de proteger a arma do Supremo. Eles sabiam que outros acabariam aparecendo, então tenderam a tornar o caminho difícil, sabendo que não poderiam permanecer em guarda pessoalmente. Não neste lugar de gelo e morte. Mas...

— O quê? — perguntou Wax.

— Aquelas máscaras — respondeu Allik.

— As máscaras dos caçadores?

Allik olhou para ele, chocado.

— Como as reconheceu?

— Não reconheci — respondeu Wax, adiantando-se cuidadosamente. Wayne se juntou a ele, bem como MeLaan. Wax acenou para que Marasi, Steris e Telsin ficassem para trás, mas fez um gesto para que Allik se aproximasse.

Juntos, os quatro foram até o primeiro grupo de cadáveres. Wax ajoelhou ao lado da poça de sangue congelado. O sujeito mais perto morrera terrivelmente, com uma estaca atravessando o peito. Agora Wayne podia ver a armadilha, a ponta ainda se projetando da parede. Os colegas do pobre sujeito deviam ter tentado soltá-lo da estaca, mas então foram apanhados pelas armadilhas.

As máscaras eram certamente diferentes da de Allik. Feitas de madeira com pedaços de vidro cravados, cada uma com um padrão bizarro. E aquelas mostravam a boca, cobrindo a metade superior do

rosto e descendo pelas laterais. A pele nas laterais das máscaras parecia ter se *fundido* à madeira, embora isso pudesse ser por tudo ali ser frio como o quarto de uma solteirona.

Wax cutucou a máscara.

— Você disse que os caçadores vieram para destruir este lugar.

— Sim — respondeu Allik.

— Bem, acho que ou eles mentiram para vocês ou mudaram de ideia — disse Wax, apontando com a cabeça para as portas explodidas e o corredor coberto de corpos. — A tentação dos Braceletes foi poderosa demais para esses sujeitos. Eu diria que os mortos que encontramos perto da nave eram aqueles determinados a seguir em frente com a ideia de explodir o lugar inteiro. Foram traídos, mas então os traidores caíram nas armadilhas. E os que voltaram para casa? O que aconteceu com eles? Desapareceram?

— Sim — respondeu Allik, inclinando a cabeça de lado. Ergueu a máscara, revelando o bigode e a barba maravilhosamente bobos, e depois encarou Wax com olhos assombrados. — Eles voltaram para os caçadores. Depois... sumiram. Disseram que voltaram para suas famílias.

— Executados — disse Wax, levantando-se. — Foi descoberto que eles ajudaram a assassinar o resto da tripulação com a intenção de roubar os Braceletes. Eles voltaram porque as armadilhas mataram um número grande demais dos parceiros. Pegaram um deslizador, por ser tudo o que podiam operar, e voltaram com uma história inventada de uma nevasca. Iam reunir outra tripulação e tentar novamente. Seus superiores os apanharam antes.

Allik parecia estupefato.

— Como... Como você concluiu que...

— Ele faz isso o tempo todo — disse Wayne. — Melhor não encorajar.

— É só uma teoria — respondeu Wax. — Mas sustentada pelas evidências. Steris, Telsin, quero que fiquem para trás enquanto...

— Eu vou com você — cortou Telsin. Caminhou para a frente, fria como os sujeitos mortos no chão. — Não vou ser colocada de lado, Waxillium. Não vou ser deixada para trás para nosso tio nos pegar e me levar de novo.

Wax suspirou, olhando para Steris e Marasi.

— Eu fico — disse Steris. — Alguém precisa vigiar a entrada por causa de Elegante e seu pessoal.

Wax anuiu, olhando para Wayne.

— Fique de olho nela — disse. Depois, olhou para Marasi. — E você fique de olho *nele*. Viremos pegar vocês se encontrarmos algo.

Marasi anuiu. Wayne suspirou.

— Você pretende avançar? — reagiu Allik, levantando-se e arregalando os olhos. — Ó Grande Impetuoso, longe de mim, um simples piloto, questionar suas ridículas intenções, mas... está falando sério? Não viu os *cadáveres*?

— Vi — disse Wax. — MeLaan?

— Vamos lá — respondeu, adiantando-se.

— Ó Grande, não consigo deixar de pensar que eles têm armadilhas projetadas para matar aqueles como você — disse Allik. — Se pensaram em tudo isto, terão se preparado para alguém como você.

— Sim — confirmou Wax. — Aquela estaca era de madeira.

Allik ficou mais nervoso.

— Então por que você iria...

MeLaan pisou numa placa de pressão, fazendo com que uma lança fosse arremessada de um dos muitos pequenos buracos na parede. Moveu-se impressionantemente rápido, atravessando o tronco de MeLaan e saindo pelo outro lado.

Ela suspirou, olhando para baixo.

— Isso vai acabar com o meu guarda-roupa.

Allik ficou boquiaberto. Ergueu a mão para levantar a máscara, que já estava erguida. Tropeçou, sem conseguir desviar os olhos de MeLaan, que arrancou a lança com um gesto despreocupado.

— Armadilhas são um pouco menos ameaçadoras quando você tem um imortal.

— A não ser que eles tenham explosivos — lembrou MeLaan. — Se eu perder uma estaca, melhor estar pronto para enfiá-la de volta. E eu estava falando sério... Isto vai *acabar* com minhas roupas,

— Você poderia fazer isso sem elas — disse Wayne, esperançoso.

Ela pensou por um momento, deu de ombros e levou as mãos à camisa.

— Eu lhe compro novas roupas, MeLaan — disse Wax, interrompendo-a. — Não queremos matar o pobre Allik.

— Na verdade, acho que não me importaria — discordou Allik.

— Bom homem — cumprimentou Wayne. — Eu sabia que gostava de você.

— Ignore-os — disse Wax. — Wayne, vigie a porta. Allik, preciso ter você comigo caso algo esteja escrito em sua língua.

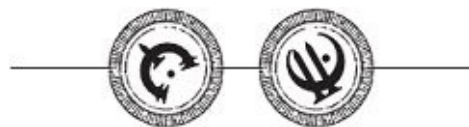
O homem anuiu e recolocou a máscara. Agora a máscara fazia sentido. Wayne também não conseguia ter uma barba decente, mas pelo menos tinha o bom senso de se barbear.

MeLaan seguiu pelo corredor.

— Telsin, fique atrás de mim e pise exatamente onde eu pisar — disse Wax. — O mesmo vale para você, Allik.

Eles deixaram Wayne e as duas damas para trás. À frente, um grande tronco com cravos saiu de um compartimento escondido e *esmagou* MeLaan contra a parede. Ela o empurrou como uma vitoriosa, cambaleando pelo corredor enquanto sua perna era reconstruída.

— Sabe, ela poderia ser ainda melhor do que eu na Pisada Dupla da Guarda Negra — disse Wayne, olhando para Steris e Marasi.



Marasi se acomodou ao lado de Wayne e Steris, vigiando o caminho até o templo. Luzes de lanternas distantes indicavam a posição do grupo de Elegante. Mas eles estavam se aproximando.

O que fariam se o homem chegasse lá? Lutar? Por quanto tempo? Seus medalhões acabariam perdendo as reservas de calor, e eles não tinham quase nada em suprimentos.

Simplesmente tinham que esperar que Waxillium encontrasse os Braceletes logo; eles então poderiam escapar no deslizador e estar longe dali antes que Elegante pudesse fazer algo. A ideia daquele homem horrível preso ali na neve, tendo se arrastado por quilômetros para encontrar um templo vazio, era atraente.

No mínimo, imaginar a reação dele a distraía de seu próprio aborrecimento.

Fique aqui, Marasi. Fique longe de problemas. Seja a babá de Wayne. Ela sabia que não era o que ele quisera dizer, mas ainda assim era exasperante.

Em vez de sentar e fermentar sua irritação, Marasi enfiou a mão na bolsa, tirando a pequena estaca que pertencera a ReLuur. Uma coisa tão pequena e tão limpa, um pedaço reluzente de... estanho, era isso? Olhando para ele à luz da lanterna de Steris, ela desejou não conhecer sua história. Uma pessoa havia sido morta para fazer aquilo; sua alma havia sido feita em pedaços para que uma peça pudesse ser usada para criar um kandra.

Embora isso tivesse acontecido havia muito tempo, a alguém que àquela altura estava morto havia séculos, ela sentia como se devesse haver sangue sob seus dedos, deixando a estaca escorregadia. Não deveria ser tão limpa.

Mas onde estaria a humanidade sem os kandra atuando como as mãos de Harmonia, guiando-nos e protegendo-nos? Tanto bem vindo de algo tão medonho. De fato, de acordo com a *Histórica*, sem o trabalho que os kandra tinham feito ao longo das eras reunindo atium, a humanidade provavelmente teria sido destruída.

O Senhor Soberano também é assim, pensou Marasi. Ele foi um monstro. Criou esta estaca matando alguém. Ainda assim, ele, de algum modo, conseguiu chegar ao povo de Allik e salvar sua civilização inteira.

Waxillium buscava justiça. Ele tinha um bom coração — afinal, poupou a vida de Wayne tantos anos antes —, mas, no fim, buscava proteger a lei. Essa era uma visão limitada. Marasi queria criar um mundo no qual a manutenção da lei não fosse *necessária*. Por isso ela ultimamente estava tão aborrecida com ele?

— Você está tomando cuidado com isso? — perguntou Wayne, apontando com a cabeça para a estaca.

— Você vai se furar e virar uma kandra.

— Estou bastante certa de que não é assim que funciona — disse Marasi, enfiando-a de volta na bolsa.

— Nunca se sabe — insistiu Wayne. — Acho que eu deveria levá-la. Só por garantia.

— Você a trocaria pela primeira quinquilharia pela qual passássemos, Wayne.

— Não trocaria, não — disse ele. Depois, fez uma pausa. — Por quê? Você viu alguma coisa boa lá atrás?

Marasi se levantou e foi até Steris, que se instalara decorosamente num bloco de pedra ao longo da parede do vestíbulo do templo. Estava sentada numa postura de dama, joelhos para a frente, costas esticadas, escrevendo cuidadosamente num caderno à luz da lanterna.

— Steris? — chamou Marasi.

A mulher ergueu os olhos e piscou.

— Ah, Marasi, talvez você possa me ajudar com uma questão. Quão inútil eu sou?

— Perdão?

— Inútil — repetiu Steris, segurando o caderno. Não o pequeno, de bolso, mas o maior, que levava na bagagem. Ela o usava para conceber listas. Naquele dia, estava escrevendo no verso do caderno. — Tenho tentado quantificar isso, apenas como referência. Não tenho ilusões quanto à minha posição neste grupo. Eu sou a bagagem, o acidente. A pessoa que precisa ser deixada com os cavalos ou mantida longe de armadilhas. Se Lorde Waxillium tivesse podido me esconder em algum lugar seguro no caminho, certamente teria feito isso.

Marasi suspirou, sentando-se abruptamente na pedra ao lado da irmã. Será que aquilo era algo que as duas podiam ter em *comum*?

— Sei como você se sente. Passei meu primeiro ano perto dele me sentindo indesejada, como se Waxillium me considerasse um filhotinho mordiscando seus calcanhares. E agora, quando ele finalmente parece ter me aceitado, trata-me apenas como uma ferramenta a ser usada e recolocada na prateleira quando necessário.

Steris inclinou a cabeça na direção de Marasi.

— Acho que você me entendeu mal.

Claro que sim, pensou Marasi, resignada.

— Como?

— Não quis dizer que me *incomodo* de ser tratada assim — explicou Steris. — Estava meramente apresentando fatos. Sou bastante inútil nesta expedição, e acho justo que eu seja, considerando minha experiência de vida. Contudo, se quero melhorar, preciso saber até onde preciso chegar. Olhe.

Ela virou o caderno para mostrar o verso a Marasi, onde estava escrevendo. Por que usar o verso? Seja como for, ela desenhara um pequeno gráfico com pontos. O fator utilidade era relacionado num eixo, e havia nomes no outro. Ferrugem... Ela atribuíra um *número* ao grau de utilidade de todos na missão. Waxillium recebera o número cem, assim como MeLaan. Wayne recebera 75.

Marasi recebera 83. Ela não esperara isso.

— Eu diria que dez é o limite abaixo do qual a inutilidade de alguém supera o pouco que ela acrescenta ao projeto — continuou ela. Estou achando que eu talvez possa ser um sete, já que há situações em que é melhor me ter por perto, embora sejam poucas. O que você acha?

— Steris... — começou Marasi, empurrando o caderno de lado. — Para começar, por que você se importa em ser útil aqui?

— Bem, por que você se importa?

— Porque isto é o que sou — respondeu Marasi. — Quem eu quero ser. Mas não você; você é perfeitamente feliz revirando livros-caixa numa sala. Mas você está aqui, no alto de uma montanha, em

meio a uma nevasca, esperando por um tiroteio.

Steris apertou os lábios.

— Supus que seria de ajuda a Lorde Waxillium na festa, e fui mesmo — disse ela. — Eu achava que esta seria basicamente uma empreitada política.

Claro. Tão analítica em tudo. Marasi recostou, dando uma espiada pela entrada e vendo as luzes que se aproximavam. Felizmente, Wayne estava observando atentamente. Ele às vezes se fazia de tolo, mas levava a sério seus deveres.

— E então — continuou Steris suavemente — talvez eu tenha vindo junto porque parece...

Marasi voltou a olhar diretamente para a irmã.

— Que o mundo inteiro foi virado de cabeça para baixo — completou Steris, olhando para o teto. — Como se as leis da natureza e do homem não mais operassem. De repente, elas são flexíveis, como uma corda não esticada. Nós somos as esferas... Adoro a ideia de que posso me livrar de tudo, das expectativas, do modo como sou vista, do modo como me vejo, e *decolar*. Vi isso nos olhos dele primeiro. Aquela fome, aquele fogo. E então descobri isso em mim. Ele é uma chama, Waxillium, e o fogo pode ser partilhado. Quando estou aqui, quando estou com ele, eu *ardo*, Marasi. É maravilhoso.

Marasi ficou de queixo caído e olhou, boquiaberta, para a irmã. Aquelas palavras tinham saído da boca de Steris? Da cuidadosa, monótona e *ente-diante* Steris? Ela olhou para Marasi e enrubesceu.

— Você realmente o ama, não é mesmo? — perguntou Marasi.

— Bem, amor é uma emoção *forte*, uma que demanda uma reflexão cuidadosa para...

— Steris.

— Sim — respondeu, baixando os olhos para o caderno. — É uma tolice, não é mesmo?

— Claro que é — respondeu Marasi. — O amor é sempre uma emoção tola. É isso que faz com que funcione — disse. Ela se viu inclinando para a frente e puxando Steris para um abraço com um só braço. — Fico feliz por você, Steris.

— E você? — perguntou Steris. — Quando vai encontrar alguém que a faça feliz?

— Não é uma questão de encontrar alguém, Steris. Não para mim.

Mas era uma questão de quê? Ela abraçou Steris de novo e, distraída por seus próprios pensamentos desordenados, afastou-se para conferir Wayne.

— No que está pensando? — perguntou Wayne quando ela se juntou a ele ao lado da passagem.

— Minhas antigas e duradouras suposições sobre uma pessoa foram estraçalhadas num instante. Estou pensando se todas as pessoas pelas quais passo são tão profundas quanto e se há alguma forma de evitar o erro de julgá-las de forma tão rasa que eu fique abalada quando elas revelam a sua verdadeira complexidade. Você?

— Eu estava olhando para vocês duas e pensando... — disse Wayne, contemplativo e observando a paisagem nevada do lado de fora. — Irmãs *realmente* fazem coisas sensuais uma com a outra para um sujeito ver ou isso só acontece em canções de bar?

Marasi expirou longamente.

— Obrigada por restaurar minha capacidade de confiar em meu julgamento, Wayne.

— Quando quiser.

— Aquelas luzes ainda estão distantes — observou Marasi. — Acha que eles ficaram presos na neve?

Wayne balançou a cabeça.

Marasi franziu a testa, notando a postura dele. Estava aparentemente relaxado, mas sacara um de seus bastões de duelo e o pousara sobre os joelhos.

— O quê? — perguntou.

— Se *eu* soubesse que havia sido visto, imaginaria que a melhor maneira de avançar sem ser notado seria deixar minhas luzes para trás e fazer *parecer* que estou avançando lentamente.

Marasi olhou novamente. Dessa vez, ignorou as luzes, estudando a escuridão mais próxima, cheia de neve em movimento. E ali, quase no patamar de pedra varrido pelo vento diante do templo, ela flagrou um movimento. Sombras nas sombras.

— Hora de chamar Waxillium? — perguntou Marasi.

— Eu acho... — disse ele, mas parou de falar. Marasi ergueu o rifle, nervosa.

— O quê? — perguntou.

Wayne apontou para uma sombra que se aproximava. Trazia uma pequena bandeira marcada com um X. O símbolo para pedir uma conferência.

Wax puxou a corda, ajudando MeLaan a sair do poço. Ela se arrastou por cima da beirada e se jogou no chão. Estava certa sobre as roupas: estavam mesmo esfarrapadas, furadas em dezenas de lugares, a perna esquerda da calça arrancada na coxa.

Ela, de algum modo, compactara seu corpo. A maioria de suas curvas havia se transformado em músculos tensos, e ela *arrancara* os cabelos, guardando-os na mochila que Allik carregava e ficando careca.

Wax se ajoelhou ao lado dela, olhando para o corredor com suas estacas, poços, dardos envenenados e outros estranhos mecanismos. O templo inteiro parecia uma longa passagem, projetada para que o cruzar fosse o mais difícil possível.

Algo está errado, pensou Wax. Mas o quê?

MeLaan se agitou no chão.

— Descanse um momento — disse Wax, com a mão em seu ombro.

— Não sei se *temos* um momento, Ladrian — retrucou, sentando-se e aceitando um cantil de água do nervoso Allik. Telsin estava de pé ali perto, com os braços cruzados, obviamente incomodada com o tempo que aquilo estava levando. Continuava olhando por cima do ombro, como se esperasse encontrar Elegante ali a qualquer momento para tomá-la novamente.

— Como estão seus ossos? — perguntou Wax a MeLaan.

Ela ergueu o braço esquerdo, ou pelo menos tentou. Havia se partido no meio do úmero, e o resto do braço balançava.

Wax expirou.

— Tem certeza de que isso não dói?

— Eu desliguei os nervos que causam dor — respondeu ela. — Um truque que aprendemos ao longo dos últimos séculos. E como são de cristal, meus ossos não podem sentir.

Ela fez uma careta enquanto o braço se formava, parecendo curar-se. Mas não havia se curado, Wax sabia. Ela não podia fazer ossos ou curá-los.

— Outro remendo?

Ela anuiu. Havia esticado ligamentos ao longo das laterais da fratura para mantê-la firme. Já fizera

isso com muitos dos seus ossos.

MeLaan começou a levantar.

— Podemos descobrir outro modo — disse Wax, levantando-se. — Passar por uma das paredes à frente ou talvez pelo teto.

— E quanto tempo isso levará?

— Depende do quanto nos importamos com o que há lá dentro.

— E não seria tolice vir até aqui e então *estragar* os Braceletes da Perdição por causa da nossa impaciência?

Wax olhou para o corredor. Eles haviam atravessado a maior parte, então ele desistiu de insistir. Ele podia ver uma porta à frente.

— De qualquer forma, talvez você não precise aguentar muito mais — disse Wax. — Acho que descobri o padrão.

— Qual padrão? — perguntou MeLaan.

— Placa de pressão sob a segunda pedra à sua direita — disse Wax. — Dispara dardos.

Ela olhou para ele, avançou e tocou-a com a ponta do pé. Dardos dispararam da parede, passaram à sua frente e ricochetearam na parede oposta.

— A seguinte é duas pedras à frente — falou Wax. — Há um indício de uma linha de metal levando até ela. Até então, essas têm sido armadilhas de parede.

MeLaan apertou-a com a ponta do pé. Uma parte da parede se abriu, derrubando um enorme tronco cravejado.

— Muito bom — disse MeLaan.

— A última deve ser uma armadilha de poço — anunciou Wax, juntando-se a ela ao contornar o tronco caído. — Verifique sua corda. As pedras abaixo são levemente projetadas.

Ela a puxou, usando a mão direita, já que os dedos da mão esquerda haviam sido esmagados. O cristal se partira além da possibilidade de conserto, e ela agora andava com a mão permanentemente fechada, os cacos de ossos unidos por tendões.

— Odeio as armadilhas de poço — disse ela. — Eles não terminam nunca. Fico com medo do que pode haver no fundo.

Ela pisou no ponto do piso que ele indicara, e Wax segurou com força seu lado da corda, que estava amarrada à sua cintura, mas, em vez de uma armadilha de poço, o teto se abriu, largando um bloco de alguma coisa. MeLaan saltou para trás, e um bloco de gelo estranhamente colorido bateu nas pedras abaixo. Era molhado e sua superfície tinha uma aparência estranhamente oleosa.

— O que pelos Anéis de Harmonia... — começou MeLaan, agachando-se para examinar o gelo.

— Ácido, talvez? — sugeriu Wax. — Seja lá o que for que guardaram lá em cima, havia um líquido, que se separou com o tempo e congelou parcialmente.

MeLaan olhou para aquilo por um longo tempo.

— O quê? — perguntou Wax.

— Nada — disse ela, balançando a cabeça. — Então acabou?

— Pelo que posso dizer.

Juntos, eles avançaram até o fim do corredor, chegando a uma porta feita de pedra. Mas não havia maçaneta. O resto da parede também era de pedras grossas.

Havia algumas marcas gravadas na porta, se de fato eram marcas. Círculos com símbolos de prata incrustados. Wax olhou para Allik.

— Não reconheço nenhum deles — disse o piloto após trocar as mentes de metal. — Se for uma escrita, não é um idioma que eu compreenda.

— O que você quer fazer? — perguntou MeLaan.

— Vamos chamar os outros — respondeu Wax, pensativo. — Será útil ter mais cérebros para solucionar isso, e Marasi talvez reconheça algo das anotações de ReLuur.

Eles começaram a voltar, deixando MeLaan ir na frente novamente, embora Wax ficasse atento a indícios de armadilhas. Ainda era um avanço lento, já que ela queria confirmar que tinham descoberto todas.

Telsin seguiu ao lado de Wax, lançando um olhar por cima do ombro na direção da porta e envolvendo o corpo com os braços, embora não pudesse estar sentindo frio usando o medalhão. Allik seguiu atrás deles, usando seu medalhão de aquecimento.

— Você costuma pensar em como chegou onde está, Waxillium? — perguntou Telsin.

— Às vezes, suponho — respondeu ele. — Embora imagine que eu possa ligar uma coisa a outra. Nem sempre gosto, mas faz sentido quando paro e penso bem.

— Não consigo fazer o mesmo — disse ela. — Lembro-me de ser criança e imaginar que o mundo me pertencia. Que seria capaz de tomá-lo quando fosse mais velha, realizar meus sonhos, tornar-me algo grande. Mas, à medida que envelhecia, eu me sentia cada vez menos no controle. Não consigo deixar de pensar que não deveria ter sido assim. Como eu podia estar tão no controle quando jovem e me sentir tão desamparada quando adulta?

— Isso é culpa do nosso tio — disse Wax. — Por mantê-la cativa.

— Sim e não. Wax, sou adulta, com cabelo grisalho e metade da vida para trás. Eu não deveria ter uma pista de o que é a vida? — perguntou. Ela balançou a cabeça. — Isto não é culpa de Edwarn. O que nós fizemos, Waxillium? Somos sozinhos. Nossos pais estão mortos. Nós somos os adultos agora, mas onde estão nossos filhos? Onde está o nosso legado? O que realizamos? Você nunca sente como se não tivesse realmente crescido? Como se todos os outros tivessem crescido, mas você estivesse secretamente fingindo?

Não, ele não se sentia assim, mas grunhiu em concordância. Era bom ouvi-la revelar um lado diferente daquele ódio febril a Elegante e seu pessoal.

— Por isso você estava tão entusiasmada para vir aqui? — perguntou Wax. — Acha que o que encontraremos lá dentro será alguma realização?

— Pelo menos ajudará a sociedade — respondeu Telsin.

— A não ser que destrua a sociedade.

— Impulsionar a sociedade à frente não é destruição. Mesmo que, ao fazer isso, ela nos deixe para trás.

Ela mergulhou em si mesma novamente. Ele não podia culpá-la, depois de todo o seu sofrimento. Desejou ter tido tempo de voltar a Elendel e colocá-la em algum lugar quente e seguro antes de voar para aquele lugar.

Eles voltaram sobre seus passos, passando pelas armadilhas que já tinham disparado. Blocos de pedra caídos do teto, dardos e lanças saídos das paredes, até mesmo uma parede de pedra que tombara para bloqueá-los, embora MeLaan a tivesse impedido de cair até o chão enfiando uma grande pedra embaixo.

Wax conseguira se esgueirar para o espaço e *empurrar* algumas moedas para cima a fim de erguê-la mais. Depois a apoiaram com pedras nos trilhos laterais. Ainda tinham que se curvar para passar por baixo.

Eles encontraram mais duas armadilhas, que também dispararam. Wax se viu cada vez mais insatisfeito. *Tanto trabalho*, pensou, notando novamente a parte da parede que recuara para liberar foices que cortaram o ar. Aquela armadilha se prendera em si mesma, e não os colocara em perigo algum, mas a engenhosidade necessária para montar aquilo era maravilhosa.

— Allik — disse ele, fazendo o pequeno homem colocar novamente o medalhão de conexão. — Por que seu povo construiu um local de repouso tão óbvio para os Braceletes? Por que fazer este templo, que proclama a existência de algo precioso, e depois ter o trabalho de fazer todas essas armadilhas? Por que não simplesmente esconder os Braceletes em algum lugar discreto, como uma caverna?

— Como eu disse, é um desafio, ó Pensativo — respondeu Allik. — E não foi o *meu* povo que fez isso, não especificamente. Os sacerdotes originais que conceberam este lugar não pertenciam a nenhum povo que atualmente viva entre nós.

— Sim, e você me disse que o Supremo deixou sua arma aqui dando-lhes a ordem de a protegerem porque retornaria para pegá-la. Certo?

— Essa é a lenda.

— Então estas armadilhas não fazem sentido — disse Wax, apontando para o corredor atrás. — Eles não ficariam preocupados com a segurança do seu rei?

— Armadilhas simples não podem afetá-lo, Mestre Distraído — disse Allik, com uma risada. Uma risada nervosa. Olhou novamente para MeLaan. — As armadilhas são uma declaração e um desafio.

Eles seguiram em frente, mas Wax continuou insatisfeito. As explicações de Allik faziam algum sentido, tanto sentido quanto construir o templo nas montanhas. Era tudo que Wax teria esperado de um lugar como aquele, nos mínimos detalhes.

Talvez esse fosse o problema.

— Wax! — gritou Wayne, enfiando a cabeça no primeiro corredor. Estavam quase de volta à entrada. — Wax, aí está você. Seu tio, meu chapa. Ele está aqui.

— Quão perto? — perguntou Wax, acelerando.

— Perto perto. Tipo, na nossa porta e exigindo o dinheiro do aluguel.

Ele esperara ter os Braceletes antes que isso acontecesse.

— Precisamos tentar derrubar a entrada — disse Wax enquanto chegava a Wayne. — Ou talvez este corredor. Lacrá-lo enquanto terminamos aqui dentro.

— Poderíamos fazer isso — disse Wayne. — Ou...

— Ou o quê? — perguntou Wax, detendo-se.

— Nós o capturamos — disse Wayne, apontando com o polegar por sobre o ombro. — Marasi tem uma arma apontada para a cabeça ferrada dele.

Capturado?

— Impossível.

— Tem, sim — disse Wayne, parecendo incomodado. — Ele veio andando até nós, carregando uma bandeira. Disse que quer conversar. Com você.



Wax passou do vestíbulo do templo para o patamar do lado de fora. Edwarn Ladrian, seu tio, estava de pé no alto dos degraus, logo abaixo da estátua do Senhor Soberano. Wax estava acostumado a ver aquele homem em ternos elegantes e cercado por luxo, então, de algum modo, foi ao mesmo tempo estranho e prazeroso encontrar Edwarn num casaco grosso, de capuz erguido, cujos pelos raspavam as bochechas vermelhas de frio. A barba estava coberta de neve, e ele sorriu para Wax, com as mãos enluvadas apoiadas numa bengala de marfim.

Marasi ajoelhou à entrada, mantendo o rifle apontado diretamente para ele. Edwarn estava de pé, sozinho, embora seu pessoal — pelo menos cem, talvez mais — montasse barracas e descarregasse suprimentos no pátio de pedra.

— Waxillium! — disse Edwarn. — Conversar aqui fora, no frio, seria desagradável. Eu poderia me juntar a você e os seus dentro do tempo?

Wax estudou o homem. Que golpe ele estava planejando? Edwarn nunca se colocaria à mercê de Wax, colocaria?

— Pode baixar a arma — disse Wax a Marasi. — Obrigado.

Ela se levantou, hesitante. Wax anuiu para Edwarn, que alegremente passou pela entrada. Era um homem corpulento, roliço e de rosto redondo. Enquanto Wax entrava atrás dele, Edwarn tirou as luvas e baixou o capuz, revelando um cabelo mais prateado do que negro. Tirou o casaco; por baixo vestia apenas calças grossas, suspensórios e uma camisa branca grossa. Contudo, enquanto dobrava o casaco sobre o braço, as bochechas recuperaram a cor normal e ele parou de tremer.

— Você *sabe* o que os medalhões fazem — disse Wax.

— Certamente — respondeu Edwarn. — Mas as reservas de calor não são infinitas, e não sabemos como reabastecer. Tivemos que reservar seu uso para aqueles que estavam sofrendo demais com o frio durante nossa viagem.

Ele olhou para Allik, que se colocara ao lado de Marasi, segurando seu braço com uma das mãos e direcionando um olhar mortal para Edwarn.

Telsin, pensou Wax, procurando a mulher. Se ela atirasse no tio como tinha feito com aquele homem no galpão...

Ela estava de pé do outro lado do vestíbulo, na entrada do corredor com as armadilhas. Wayne sabiamente fora para lá e ficara perto dela, de costas para a abertura. Anuiu preguiçosamente para Wax. Ele a estava vigiando.

— Vejo que roubou um dos meus selvagens — disse Edwarn, fazendo um gesto na direção de Allik. — Ele os ensinou a usar os medalhões? Tanto de calor como de redução de peso?

Wax crispou os lábios e não respondeu.

— Não precisa se fingir de idiota, sobrinho — disse Edwarn. — Fomos capazes de avaliar a natureza

dos medalhões a partir do tipo de metal envolvido, claro. Uma pena que não tenhamos descoberto as máquinas voadoras menores escondidas na grande. Isso teria tornado minha viagem muito mais fácil.

— Por que veio aqui, tio? — cobrou Wax, afastando-se da abertura e dando as costas à parede casualmente, para o caso de haver um atirador do lado de fora. Ele notou, impressionado, que Marasi fizera o mesmo.

— Por que vim? Pela mesma razão que você, sobrinho. Para encontrar uma arma.

— Eu quis dizer por que entrou aqui para ficar sob meu poder. Está se entregando?

— Entregar-me... Sobrinho, eu vim *negociar*.

— Não preciso negociar — retrucou Wax. — Tenho você nas mãos. Está preso por traição, assassinato e sequestro. Allik vai testemunhar contra você.

— O selvagem? — Edwarn reagiu, num tom divertido.

— Também tenho...

Edwarn raspou a bengala nas pedras. Tinha metal. Tolice: Wax podia usar aquilo contra ele.

— Não há necessidade, não há necessidade — disse Edwarn. — Eu *não* estou sob sua custódia, sobrinho. Pare de acalantar essa ilusão fantástica de que pode conseguir alguma coisa colocando-me sob pressão. Mesmo que você *conseguisse* me arrastar de volta para Elendel e me jogar numa cadeia, eu seria libertado em poucos dias.

— Veremos — disse Wax. Ergueu Vindicação, apontando para a cabeça de Edwarn. — Corra. Me dê uma desculpa, tio. Eu o desafio.

— Tão dramático — disse Edwarn. — Eles então lhe ensinaram isso nas Terras Brutas? — perguntou, balançando a cabeça. — Você olhou do lado de fora? Tenho *vinete* alomânticos e feruquemistas lá, filho. Todos bem treinados e prontos para matar. Você está sob *minha* custódia, na verdade.

Wax engatilhou Vindicação.

— Então é uma sorte que eu tenha você como refém.

— Não sou tão importante assim para o Grupo — retrucou Edwarn, com um sorriso. — Não pense que não atirariam em mim para acertar você. Mas não chegaremos a isso. Você não vai me usar como refém. O que teria a ganhar? Já desenterramos sua pequena nave voadora. Você não sairá daqui vivo. A não ser que eu ordene isso.

Wax trincou os dentes enquanto Edwarn andava até a lateral da entrada e se sentava num bloco de pedra ali. Enfiou a mão no bolso e tirou um cachimbo. Depois, acenou para cumprimentar Steris, que estivera sentada na pedra, mas se afastara imediatamente.

— Poderia me emprestar aquela lanterna? — pediu Edwarn.

Steris estendeu a lanterna. Ele enfiou uma vareta no fogo e a usou para acender o cachimbo. Deu algumas baforadas e recostou-se com um sorriso agradável.

— E então?

— O que você quer de mim? — perguntou Wax.

— Acompanhá-lo — respondeu Edwarn, apontando com a cabeça para o corredor além. — Nosso interrogatório com os selvagens, depois que conseguimos forçá-los a falar devidamente, indicou que há um corredor cheio de armadilhas além daqui. E... — começou Edwarn, mas depois hesitou. — Ah, então vocês já *passaram* pelas armadilhas, não é? Então sabem sobre a porta?

— Como *você* sabe disso? — perguntou Allik, adiantando-se, com os punhos cerrados. Marasi

colocou uma das mãos em seu ombro, contendo-o. — O que fez com minha tripulação?

— Vejo que vocês também fizeram o seu selvagem falar — disse Edwarn. — Uma pena que o Senhor Soberano tenha dado esse conhecimento fantástico a eles, não acha? Mal homens são. Precisam esconder seus...

— Como você sabe? — continuou Allik, falando mais alto. — Sobre o corredor? Sobre a porta?

— Acredito que sua capitã sabia muitas coisas que vocês não sabiam — disse Elegante. — Ela lhes contou sobre o grupo de caçadores que guiou como subcapitã quando jovem? Como ela os fez beber e escutou seus segredos? Disse que eles planejavam voltar aqui para pegar o prêmio.

— Minha capitã — disse Allik, com a voz tensa. — Ela está viva?

Elegante sorriu, dando baforadas em seu cachimbo, e depois se voltou para Wax.

— Posso passar pela porta. Tenho a chave, passada dos lábios de um sacerdote moribundo para um caçador condenado, para uma capitã de aeronave e agora, finalmente, para mim — disse, abrindo as mãos, com o cachimbo numa delas.

— Você está tentando me enganar — reagiu Wax, semicerrando os olhos.

— Claro que estou — concordou Elegante. — A questão é: você consegue me superar? Sem um acordo, ficamos num impasse. Meus homens não podem entrar aqui. É uma posição fortificada demais e não podemos nos arriscar a usar explosivos e danificar o prêmio. Vocês, contudo, não podem *sair*. Não podem pegar os Braceletes sem minha ajuda, mas também não podem passar pelo meu exército de alomânticos. Morrerão de fome aqui.

Wax trincou os dentes. Ferrugem! Ele odiava aquele homem. Edwarn... Elegante... Ele era a infecção que se alimentava das feridas da sociedade nobre. Disseminando sua doença. Trazendo a febre. Ele era a própria definição dos jogos que Wax odiava.

— Waxillium — chamou Telsin desde a entrada. — Não confie nele. Ele vai enganar você. Vai vencer. Ele sempre vence.

— Vamos tentar do seu jeito, tio — disse Wax, relutante. — Vou deixar que abra a porta, mas depois terá que voltar para cá.

Edwarn bufou.

— Eu entro. Passo pela porta e vejo o que há lá. Do contrário, não terá minha ajuda.

— Você estará sob vigilância. Haverá uma arma apontada para sua cabeça.

— Não tenho objeção a isso.

Ele deu uma baforada no cachimbo, manteve a fumaça na boca e depois a soltou por entre os dentes do seu sorriso. Wax fez uma revista completa no tio. Ele não tinha metal que reagisse à Alomancia, a não ser na bengala, mas também não tinha nenhum alumínio. Pelo menos não numa concentração grande o bastante para ser perigoso.

— Você vai na frente — disse Wax, apontando a arma para a entrada. Ignorou o olhar raivoso de Telsin. Wayne se levantou e a segurou de lado enquanto Edwarn passava, relaxado, soltando fumaça de cachimbo. Marasi seguiu ao lado de Wax, agarrando o rifle com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos. Allik, Steris e MeLaan foram em seguida. Wayne e Telsin ocuparam a retaguarda, deixando a irmã de Wax o mais distante possível de Edwarn.

— Você está certo quanto a isto? — perguntou Marasi enquanto eles passavam pelos entulhos de lanças espalhadas e dardos.

Wax não respondeu. Pensava furiosamente em quais poderiam ser os planos do tio. O que Wax tinha

deixado passar? Ele tinha várias teorias no momento em que chegaram à porta.

Edwarn ficou de pé diante dela, estudando os símbolos de cima a baixo.

— Pressione aquele — disse ele, apontando para um dos círculos gravados. — Com Alomancia.

Wax mandou que todos recuassem, menos Wayne. O homem mais baixo anuiu, usando o bracelete que o permitiria se curar e tendo uma bolha de velocidade a postos, caso Edwarn tivesse planejado a ativação da porta como uma armadilha.

Wax *empurrou*. Algo estalou.

— Agora aqui — disse Edwarn, apontando. — Aquele de forma triangular.

Houve um clique.

— E finalmente este — disse Edwarn, tocando num símbolo com as costas da mão.

— É isso? — perguntou Wax.

— A coisa congela se for dada a sequência errada, pelo que me disseram — contou Edwarn, relaxado. — Tem um temporizador. Não estará pronto para ser aberto novamente por dez anos. Você poderia tentar por uma vida e ainda teria uma pequena chance de abrir — falou, olhou para Wax e sorriu. — Aparentemente esses símbolos dizem algo que o Senhor Soberano teria entendido.

Wax olhou para trás, na direção de Allik, que balançou a cabeça, atônito.

— Eles realmente não fazem sentido para mim.

Wax se virou, prendeu a respiração e *empurrou* o símbolo final. Ele estalou. Então, com um ruído profundo de pedra em metal, a coisa inteira *deslizou* para o lado, abrindo o caminho. Edwarn avançou, mas Wax apontou a arma, fazendo o homem hesitar.

— Passei muito tempo trabalhando para descobrir o que há neste lugar. Parece inadequado que outro passe por essa porta antes de mim.

— Que pena — disse Wax, agarrando o ombro de Telsin quando ela tentou passar por ele e entrar. — MeLaan?

— Certo — disse a kandra. Ferrugem! Ela mancava quando passou pela porta. Uma de suas pernas estava mais comprida que a outra por causa das fraturas. Dissera não sentir dor, mas ele nunca saberia se ela estava mentindo.

Ela entrou na outra sala, que emitia um suave brilho azul. Mais daquelas luzes de vidro nas paredes.

— Nada me atingiu na entrada — disse ela, de dentro. — Quer que dê uma volta?

— Apenas pela área da porta — respondeu Wax, com a arma ainda apontada para Edwarn. — Assegure-se de que é seguro para nós.

Eles esperaram alguns momentos tensos. Nenhuma armadilha foi ativada na outra sala, pelo menos que ele conseguisse ouvir.

— Como você consegue esperar? — perguntou Telsin. — Sabendo o que pode haver lá? Uma maravilha além da compreensão.

— Não vá a lugar nenhum.

— Você nunca quer saber o que há além da porta — sussurrou Telsin. — Você nunca perseguiu o horizonte. Onde está sua curiosidade?

— Está viva e bem. As coisas pelas quais sinto curiosidade são simplesmente diferentes daquelas que você considera empolgantes.

— Tudo limpo — disse MeLaan.

Wax anuiu para que os outros entrassem primeiro. Todos, menos ele e Edwarn.

— Fiquem perto da porta — disse.

Assim que estavam do lado de dentro, ele chegou mais perto do tio.

— Ameaçador — disse Edwarn, olhando-o de cima a baixo. — Você nos separou dos outros, Waxillium. Planejando um pouco de intimidação?

— Eu me importo com as pessoas que estão naquela sala — disse Wax suavemente. — Desconfio que me importo com elas mais do que um monstro como você pode vir a compreender.

— Acha que não tenho emoções? — retrucou Edwarn, com a voz dura. — Tentei poupar a *sua* vida, Waxillium. Eu o defendi perante o Grupo. Houve um tempo em que o amei como a um filho.

Wax ergueu Vindicação novamente.

— Quando tivermos acabado com isso, você me dará nomes — disse Wax. — Os outros elementos do Grupo. Vou arrastar você de volta a Elendel, e lá você vai falar.

— E você vai me torturar para conseguir esses nomes, sem dúvida — disse Edwarn.

— Eu sigo a lei.

— Que pode ser mudada, ou dobrada, para atender às suas necessidades. Você me chama de monstro e me odeia porque busco comandar, mas serve aos que fazem as mesmas coisas que eu. Seu Senado? Ele destrói a vida de crianças com suas políticas econômicas — disse Edwarn, adiantando-se, um movimento que colocou o cano da arma de Wax em sua têmpora. — Quanto mais você viver, Waxillium, mais entenderá como estou certo. A diferença entre homens *bons* e *maus* não está nos atos que estão dispostos a fazer, mas apenas em *nome* de que estão dispostos a praticá-los.

— Waxillium? — chamou Marasi, aparecendo na passagem de pedra. — Você vai querer ver isto.

Wax trincou os dentes e sentiu o olho tremer. Afastou a arma da cabeça do tio e acenou com ela na direção da porta.

Edward entrou, relaxado, deixando um rastro de fumaça com seu cachimbo. Wax o seguiu e entrou na sala solitária no centro do templo em forma de fortaleza. Havia uma plataforma ali, a mesma que era representada no mural na entrada do templo. Erguia-se do centro da sala, dourada e esguia, com degraus levando a ela. Havia um pequeno pedestal quadrado encimado por veludo vermelho e uma moldura adequada para a exibição de uma relíquia preciosa. Uma luz branca e suave, não azul como aquelas nas laterais da sala, brilhava sobre a plataforma e cobria a coisa toda.

A coisa toda vazia.

Havia cacos de vidro no piso da plataforma. Wax conseguia identificar os cantos; eram os restos da caixa de vidro que um dia esteve em cima do pedestal, envolvendo o que repousava ali.

A sala estava silenciosa e imóvel, com gelo em alguns pontos do piso, a poeira perturbada pela abertura da porta de pedra flutuando no ar. Não havia outras portas ou aberturas nas paredes.

— Sumiu — sussurrou Wax. — Alguém chegou aqui antes de nós.



— Por que todo mundo está olhando para mim? — perguntou Wayne.

— Reação natural — respondeu Marasi. Apontava uma arma para Edwarn, assim como fazia MeLaan.

Wax abriu caminho cautelosamente. *Parece uma sala do trono*, pensou, distante. Os outros começaram a segui-lo, mas ele os manteve afastados erguendo a mão.

— Fiquem neste caminho central que leva à plataforma — ordenou, sem olhar. — Há poços escondidos em armadilhas dos dois lados. E estão vendo aquele quadrado levemente rebaixado ali? Faz cair uma lâmina afiada do teto.

— Como ele sabe? — perguntou Steris. Ela agarrou o caderno no qual fazia listas.

— Wax tem uma afinidade natural com coisas que matam pessoas — disse Wayne. — Vocês ainda estão olhando para mim. Ferrugem! Acham que de algum modo entrei aqui e peguei aquela coisa ferrada?

— Não — admitiu Marasi. — Mas alguém fez isso. ReLuur, o kandra?

— Não — disse Wax, agachando-se e examinando os pedaços de vidro nos degraus que levam ao pedestal. — Isso está aqui há muito tempo, a julgar pela poeira.

O kandra não conseguiria passar por aquele corredor do lado de fora. Tinham sobrado armadilhas demais, e todas as que haviam sido detonadas tinham corpos perto.

Era provável que o kandra tivesse feito as imagens e sabiamente voltado para casa a fim de reunir outros e organizar uma expedição de verdade. Kandra eram imortais; ele não teria pressa em tentar chegar ali. Teria planejado passar anos estudando o templo e arrancando seus segredos.

Quem, então?

Telsin passou por ele, subindo até a plataforma. Pedaços de vidro foram esmagados sob seus pés, e Wax ergueu os olhos e a viu encarando o pedestal vazio, chocada.

— Como? — murmurou ela.

MeLaan balançou a cabeça.

— O que *you* faria se tivesse roubado a coisa em segredo? Deixaria o lugar escancarado para que todos soubessem ou refaria as armadilhas e sairia discretamente?

Não, pensou Wax. Refazer as armadilhas? Improvável. Ele lançou um olhar na direção do tio, que estava de pé, com o cachimbo na mão, olhando furioso para a plataforma. Estava surpreso com aquilo.

Ou era encenação? Será que aquilo tudo era uma encenação, após ele ter pegado os Braceletes, para afastar Wax dali? Wax espanou a poeira de um pedaço de vidro, mas depois o largou e escolheu um pedaço maior, um dos cantos. Wax o estudou atentamente, pegou outro e o colocou junto.

— Isto é uma decepção — disse Edwarn. Parecia verdadeiramente perturbado.

Não foi ele, pensou Wax, esticando uma das tiras do seu casaco de bruma e usando-o para avaliar o caco de vidro. *Não, isto é muito mais antigo...*

Ele se levantou. As argumentações dos outros se tornaram um zumbido distante enquanto ele observava o suposto local de repouso dos Braceletes da Perdição. Um pequeno pedestal encimado em veludo, congelado no tempo.

— Acho que é isso — disse Edwarn. — Está na hora de tudo isso chegar ao fim.

Wax girou, esticando a arma. Apontou não para Edwarn, mas para sua irmã.

Ela o encarou, com a mão no bolso. Então, lentamente sacou uma arma. Onde ela conseguira aquilo? Ele não conseguia senti-la. Alumínio.

— Telsin — disse Wax, com a voz rouca.

Edwarn não teria entrado ali sem um infiltrado. Ela era quem fazia mais sentido. Mas... *ferrugem!*

— Lamento, Waxillium — disse ela.

— Não faça isso.

Ele hesitou. Tempo demais. Ela ergueu a arma.

Ele atirou. Ela fez o mesmo. Seu tiro desviou dela, *empurrado* por Alomancia. Mas o dela, de alumínio, acertou-o logo abaixo do pescoço.

Marasi se moveu antes que tivesse tempo de pensar. Com seu rifle já em posição, atirou em Elegante. O que quer que estivesse acontecendo, matá-lo não podia fazer mal.

Infelizmente, sua bala também foi desviada, errando Edwarn. Depois, ela voou para trás de suas mãos. Elegante sorriu para ela com uma despreocupação capaz de enfurecer.

No pedestal, Waxillium cambaleou para trás. Fora atingido exatamente onde a clavícula chegava ao pescoço. Tentou permanecer de pé, mas Telsin o baleou uma *segunda* vez, no abdome. Waxillium caiu, rolou pelos degraus até a base da plataforma e gemeu.

Edwarn era alomântico.

Telsin estava no Grupo.

Novamente, Marasi reagiu antes de saber o que estava fazendo. Wayne saltou na direção de Elegante, que recebeu um golpe dos bastões de duelo sem se encolher e usou sua própria bengala, que era envolta em metal, *empurrando-a* contra Wayne.

Wayne foi arremessado sobre Marasi, e os bastões retiniram no chão. Ele grunhiu, caindo enquanto Marasi tentava pular sobre Elegante. Talvez se o prendesse sozinho com ela numa bolha, Wayne poderia...

Suas reservas de metal desapareceram. Wayne se ergueu cambaleante atrás dela, parecendo igualmente confuso. Telsin jogara algo entre os dois.

Um pequeno cubo de metal. Outra granada alomântica. Ela também era alomântica. Jogou uma bolsa com algo para Elegante. Moedas.

Wayne se recuperou da surpresa, pulando novamente sobre Edwarn, mas o homem *empurrou* um punhado de moedas. Wayne xingou, encolhendo-se em pleno ar quando as moedas rasgaram seu corpo. Marasi observou, horrorizada, e, ali perto, alguém berrou.

Choque. Não. Ela não se permitiria ficar chocada. Avançou na direção de Elegante, mas ele a *empurrou* de lado sem esforço. Ela conseguiu segurar brevemente a camisa dele ao cair, mas então seus dedos escorregaram. Sua cabeça bateu nas pedras ao cair.

Tonta, ela conseguiu ver Waxillium se erguer, cambaleando e sangrando, e Telsin atirou novamente

nele. Depois, ele investiu, mas não na direção da porta ou de Elegante. Foi na direção da lateral da sala, para longe de tudo o que acontecia. Naquela direção havia apenas um canto, que certamente o prenderia...

O piso desabou, jogando Waxillium no buraco.

Perto dali, Wayne se colocou de pé.

— Acabe com ele! — gritou Elegante, lançando moedas em Wayne.

Telsin, no alto da plataforma, atirou em Wayne. Sua pontaria não era muito boa, mas ela e Edwarn conseguiram atingi-lo diversas vezes.

Aquilo não o derrubou, não com a mente de metal de ouro. Ele fez um gesto grosseiro e passou correndo pela porta, curando-se dos ferimentos quase ao mesmo tempo que era atingido.

Elegante rosnou quando a arma de Telsin estalou, sem balas. Marasi tentou agarrar Elegante pelas pernas e talvez derrubá-lo, mas ele a chutou no peito. Ela grunhiu, sem fôlego, e Elegante colocou o pé na sua garganta.

— Wayne! — gritou Elegante. — Volte ou eu matarei os outros!

Sem resposta. Aparentemente, Wayne aproveitara a chance para escapar pelo corredor. Isso era bom. Ele não iria abandoná-los; compreendera corretamente que suas chances seriam maiores se escapasse.

— Vou fazer isso! — gritou Elegante. — Vou matá-la!

— Você acha que ele liga para isso? — perguntou Telsin.

— Sinceramente, com aquele eu não sei — disse Elegante. Esperou um momento para ver se Wayne respondia, mas depois suspirou, tirando o pé do pescoço de Marasi.

Tonta, ainda com dificuldade para respirar, ela avaliou a situação. MeLaan se contorcia no chão. Quando aquilo acontecera? Allik e Steris estavam paralisados, de olhos arregalados. Tudo aquilo acontecera em um instante. Alguns anos antes, Marasi teria ficado como aqueles dois, chocada e confusa. De certo modo, ela estava impressionada por ter sido capaz de reagir rápido.

Sua evolução não fora suficiente. Edwarn pegou seu rifle, apontando para ela.

— Vá para lá — disse, mostrando com a arma que Marasi deveria engatinhar até Steris e Allik, para que ele pudesse vigiar todos ao mesmo tempo. Ela pensou em tentar alguma coisa, mas o quê? Suas reservas de metal estavam esgotadas, e a importância do que acontecera começava a assentar nela.

Waxillium talvez estivesse sangrando até a morte no fundo daquele poço. Wayne escapara, mas não tinha curvaliga. MeLaan fora abatida.

Ela poderia ter que fazer algo sozinha para salvá-los.

— Por favor — disse Allik, agarrando Marasi pelo braço freneticamente enquanto se juntava aos outros dois. — Por favor.

Ele estava em pânico, mas ela não podia culpá-lo. Ele vira Waxillium, um homem que venerava, tombar, e estava mais uma vez nas mãos de Elegante. Steris apertou os olhos para Telsin.

Waxillium descobrira a verdade. Contudo, demorou demais. Não a revistara e hesitara em disparar. Apesar de toda a sua inteligência, Waxillium tinha uma falha de julgamento em relação a Elegante e Telsin. Sempre tivera.

Não que você tenha se saído melhor, pensou Marasi.

Telsin desceu calmamente os degraus, segurando a arma à frente do corpo.

— Isso foi um fiasco.

— Fiasco? — reagiu Edwarn. — Acho que foi bom.

— Deixei Waxillium escapar.

— Você o acertou três vezes — argumentou Edwarn. — Certamente está morto.

— E você vai confiar nisso? — perguntou Telsin.

Edwarn suspirou.

— Não.

Telsin anuiu. Sua expressão era calma enquanto deslizava uma faca para fora do bolso, ajoelhava-se e cravava-a em MeLaan. Steris gritou, dando um passo na direção deles.

— O que vocês fizeram a ela? — perguntou Marasi.

Eles não responderam, mas Marasi desconfiou. Havia líquidos que, quando injetados num kandra, imobilizava-o e fazia-o começar a perder a forma. Era temporário, mas Marasi só podia imaginar que, enquanto ela se concentrara em Elegante, Telsin de algum modo usara um desses líquidos em MeLaan. Com braços retorcidos e pernas quebradas, o esqueleto da kandra não estava em forma para conseguir resistir.

Telsin trabalhou por um momento horrendo e tirou uma estaca. Enfiou-a no bolso e continuou a trabalhar. Elegante foi até Marasi, e, através da camisa rasgada dele, Marasi teve um vislumbre de um metal se projetando entre duas costelas. Não uma estaca grande como as que o Olhos de Ferro tinha. Algo mais sutil.

Eles não estavam apenas fazendo experiências com Hemalurgia, mas usando estacas para dar poder a si mesmos.

Telsin finalmente tirou a segunda estaca da pobre MeLaan e a embolsou. A kandra derreteu, um monte de carne e músculos verde-amarronzados sem nada a que se aferrar, vazando para fora de suas roupas, deixando seus ossos e seu crânio de cristal verde olhando vazios para o teto.

Telsin apontou para o poço em que Waxillium caíra.

— Cace-o lá.

— Eu? — reagiu Edwarn. — Certamente podemos esperar por...

— Nada de espera — cortou Telsin. — Você o conhece melhor. Você o caça. Ele ainda está vivo. Já encontrei pedras menos duráveis que meu irmão.

Elegante suspirou novamente, mas dessa vez anuiu, trocando sua arma com Telsin para ficar com a pistola de alumínio, que depois recarregou. Andou na direção do poço. Marasi olhou de relance para Telsin, que observava os restos de MeLaan, mas mantinha o rifle a postos.

Será que Marasi devia atacá-la? Elegante obedeceu a *ela*. Telsin não era simplesmente uma integrante do Grupo, mas alguém acima do tio de Waxillium. E obviamente era alomântica; o modo como usara a granada provava isso.

Elegante desceu usando uma corda. Pouco depois, Marasi ouviu passos do lado de fora, e logo um grupo de soldados uniformizados como aqueles que guardavam o galpão chegou na sala.

— O baixo — disse Telsin, num tom urgente. — Wayne. Vocês passaram por ele?

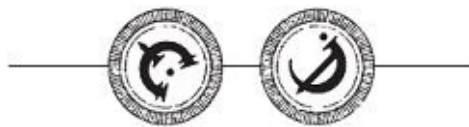
— Senhora? — perguntou um dos soldados. — Não, não o vimos.

— Maldição — disse Telsin. — Para onde aquele rato foi? Preciso do maior número de homens vasculhando o corredor e o platô lá fora. Ele é *extremamente* perigoso, particularmente se tiver outro frasco de curvaliga.

Marasi se virou para Steris, que ainda estava atônita, com os olhos arregalados, ainda olhando para o buraco onde Waxillium caíra. Allik segurava o braço de Marasi. Apenas os olhos eram visíveis atrás da máscara.

— Vou nos tirar daqui — sussurrou para eles.

De algum modo.



“Ele vai nos delatar... Você sabe que sim.”

Wax rolou para apoiar as costas no chão, olhando para cima. Escuridão. O poço se torcia ao longo da queda — ele se lembrava de ter batido numa de suas curvas — e o jogara ali.

Ferrugem... Como sua visão podia girar quando ele não conseguia *ver* nada? Mexeu no cinturão e pegou um frasco, que conseguiu engolir, refazendo suas reservas de metal.

“Você vem? Claro que não. Você nunca quer correr o risco de ter problemas.”

Não. Ele *conseguia* ver algo. Uma vela solitária numa sala negra. Piscou os olhos, mas ela tinha sumido. Uma visão do passado. Uma lembrança...

Luz numa sala escura. Colocada ali para distrair...

Era o que a plataforma na sala acima tinha sido. Os Braceletes *nunca* estiveram lá. As pessoas que tinham construído aquele lugar deixaram o vidro quebrado, a prateleira vazia, a plataforma e o pedestal como um estratagema. Mas tinham cometido um erro.

A caixa de vidro que tinham quebrado era grande demais para caber no pedestal.

Luz numa sala escura..., pensou Wax. Isso significava que os Braceletes estavam em algum outro lugar. Ele piscou e, à medida que seus olhos de acostumavam, achou que realmente conseguia ver luz.

Não estava num poço apertado. Aquele buraco o jogara em algum outro lugar. Ele se ergueu, girando, ficou de joelhos e tocou a barriga. Sangue. Um tiro feio, que atravessou a carne, a julgar pela umidade que sentia escorrendo atrás da coxa. Também levara um tiro na perna, mas isso não importava. De qualquer modo, tinha quebrado aquela perna na queda.

O tiro perto do pescoço era o pior. Sabia mesmo sem tocar, sabia pelo modo como seu corpo funcionava, pelo modo como alguns pedaços estavam ficando insensíveis, pelo modo como certos músculos não reagiam direito.

Aquela luz. Um azul suave. Não uma vela, mas uma das luzes embutidas espalhadas pela construção. Ele engatinhou na direção da luz, arrastando a perna quebrada, raspando na pedra, suor escorrendo pelas faces e misturando-se ao sangue que ele derramava no chão.

— Harmonia — sussurrou. — Harmonia.

Sem resposta. E agora ele rezava? E quanto ao seu ódio?

Durante um tempo, aquela luz foi tudo para ele. Uma hora podia ter passado enquanto engatinhava, ou talvez tivesse sido apenas um minuto. À medida que se aproximava, viu sentinelas na escuridão. Pessoas sentadas ordeiramente diante da luz, lançando longas sombras nas profundezas da sala. O teto era baixo, pouco mais alto do que um homem. Por isso que... que as pessoas tinham que se sentar.

Concentre-se, pensou, queimando metal. As sentinelas tinham metal com elas. E... Sim, havia outra linha fraca, apontando para um ponto no chão à frente. Outra armadilha.

O metal queimado pareceu lhe dar clareza, ajudando a afastar a sensação de confusão. Perda de sangue. Ele estava apagando rapidamente. Ainda assim, um pouco mais alerta, viu o que eram aquelas sentinelas. Cadáveres. Sentados, de algum modo, envoltos em roupas quentes. Passou pela primeira fila e olhou seus rostos congelados, enrugados com o passar do tempo, mas impressionantemente bem preservados. Cada um tinha uma máscara no colo. Estavam sentados em quatro círculos concêntricos, olhando para a luz à frente.

Aqueles que haviam construído aquele lugar tinham morrido ali. Então como... Como a informação sobre o segredo da porta foi passada...

Wax engatinhou entre os mortos agrupados, congelados apesar das roupas quentes. Conseguia imaginá-los sentados ali, esperando o fim, enquanto o calor em suas mentes de metal diminuía. O frio, avançando como a noite avança após o pôr do sol, uma escuridão final, devoradora.

E, à frente, outro pedestal. Menor, esculpido em pedra branca. Uma luz simples brilhando no topo revelava um conjunto de braceletes de metal. Não havia ornamentação elegante ali, apenas a reverência silenciosa dos mortos.

Algo soou atrás dele, botas raspando na pedra, e depois uma luz banhou a sala, vinda de lá.

— Waxillium? — chamou Edwarn.

Wax se encolheu.

— Sei que você está aqui, filho — disse Edwarn. — Está deixando uma forte trilha de sangue. É o fim, como deve compreender.

Ele agora é alomântico, pensou Wax, lembrando o que Edwarn fizera com a arma de Marasi. O homem carregava a pistola de alumínio que Telsin usara.

Telsin... Havia quanto tempo ela estava trabalhando com eles? Ele odiava ter descoberto, odiava que seu primeiro instinto, mesmo estando certo, tivesse sido sacar uma arma para sua única irmã. Simplesmente fazia muito sentido. Ela fizera Wayne derrubar a mochila pela abertura da nave. Matara o bruto no galpão quando ele estava prestes a falar, potencialmente se dirigindo a ela, revelando que Telsin era integrante do Grupo.

Elegante não teria... Não teria entrado no templo com eles a não ser que tivesse uma vantagem...

Ele precisava permanecer concentrado. Edwarn estava se aproximando. Wax se sentiu tentado a *empurrar* uma bala na direção do homem, mas se segurou. Edwarn ergueu a luz, iluminando o amplo vazio e olhando lentamente ao redor. Não parecia ter localizado Wax, e todos os corpos tinham algum metal, de modo que a visão de aço não revelaria Wax. Mas a trilha de sangue logo o trairia.

Ainda assim, Wax esperou. Curvou-se, colocando-se na fila de figuras, imitando suas posturas curvadas.

Tenho que pegar aqueles braceletes...

Ele seria baleado antes de conseguir chegar a eles. Mesmo se conseguisse cobrir aquela distância sem desmaiar.

— Eu *tentei* proteger você — disse Elegante.

— O que você fez à minha irmã? — cobrou Wax, sua voz ecoando na escuridão.

Elegante sorriu, seguindo em frente e observando os corpos. Se ele conseguisse atrair o homem para mais perto...

— Não fiz nada a ela — disse Elegante. — Filho, *ela me* recrutou.

— Mentira — sibilou Wax.

— O velho mundo está morrendo, Waxillium! — disse Edwarn. — Eu lhe disse que um novo logo nascerá, um mundo onde homens como você não terão lugar.

— Posso encontrar meu lugar num mundo de aeronaves.

— Não é disso que estou falando — corrigiu Elegante. — Estou falando dos segredos, Waxillium. Um mundo em que policiais existem apenas para fazer com que as pessoas se sintam seguras. Será um mundo de sombras, de governo oculto. A mudança já está acontecendo. Aqueles que governam atualmente não são os homens que sorriem para multidões e fazem discursos.

Edwarn contornou um cadáver e seguiu com os olhos a trilha de sangue de Wax. Apenas mais alguns passos.

— O tempo dos reis acabou — disse Edwarn. — O tempo dos homens poderosos a serem idolatrados terminou, e, com ele, o direito dos alomânticos ao poder. Seus dons não dependerão mais dos caprichos do destino. Em vez disso, os poderes serão dados àqueles que os merecem. Que podem *usá-los*.

Ele ergueu o pé para dar o próximo passo, mas hesitou, olhando para baixo. Sorriu, recuando e acabando com as esperanças de Waxillium.

— Tentando me levar a pisar numa armadilha? Um plano tão imprudente, Waxillium. — Ele olhou para cima. — Parece que foi preparada para derrubar toda essa parte do teto. Você também seria pego.

Edwarn se virou e olhou diretamente para onde Wax estava sentado, tentando esconder-se em meio aos cadáveres.

Wax ergueu a cabeça.

— Teria valido a pena — disse. Ainda tinha sua escopeta, mas duvidava que tivesse força para usá-la. Em vez disso, ajoelhando-se, estendeu uma mão ensanguentada, agarrando uma bala. — Vamos ver quanto bom você é, tio?

Um duelo. Talvez ele pudesse vencer um duelo.

Edwarn o encarou. Depois, balançou a cabeça.

— Acho que não.

Ele pisou na placa de pressão, disparando a armadilha.

Telsin levou Marasi e os outros para fora do templo. Assim que estavam do lado de fora, ela levou a mão ao braço de Marasi e arrancou o medalhão.

Marasi perdeu o ar, agarrando a bolsa quando o frio se lançou sobre ela como um enxame de insetos, mordendo cada área de pele exposta. Seu vestido de repente pareceu fino, inútil. Poderia muito bem estar nua. Telsin repetiu o processo com Steris e depois esticou a mão para o braço de Allik.

— Por favor — disse Marasi. — Ele...

Telsin agarrou o medalhão. Allik tentou se afastar, mas um dos guardas deu um tapa em seu rosto, rachando a máscara e jogando-o no chão coberto de neve. O guarda estendeu a mão, arrancando o medalhão.

Allik engasgou ruidosamente, encolhendo-se na pedra fria. Além dele, o campo estava agitado. Barracas adejavam ao vento e homens circulavam rapidamente ao redor da nave caída dos caçadores. Um grupo de pessoas mascaradas era levado pelo campo na direção de uma barraca particularmente grande. Então os tripulantes de Allik continuavam vivos.

Um homem usando uniforme vermelho sob o casaco grosso subiu os degraus.

— Lady Sequência — disse a Telsin ao chegar ao alto —, localizamos o que achamos ser a arma.

— Os Braceletes? — perguntou Marasi.

Telsin olhou para ela, divertida.

— Os Braceletes eram uma possibilidade. Fascinante, sim, e não nego estar decepcionado. Irich ficará particularmente insatisfeito. Mas não viemos aqui por causa deles.

A aeronave, entendeu Marasi, olhando para ela. *Levando uma bomba para destruir o templo.*

Uma bomba que não havia sido usada. Homens se moviam ao redor da grande aeronave, investigando. Era por isso que Elegante e os outros tinham vindo.

Marasi adiantou-se, mas um dos guardas a agarrou enquanto outro revistava sua bolsa em busca de algo perigoso. Outro arrancou o caderno de Steris e começou a revistá-la sem muita gentileza.

— A nave está em bom estado, a despeito do clima, Sequência — contou o soldado a Telsin enquanto Marasi olhava, desamparada. — Não caiu como a outra.

— Excelente — disse Telsin. — Vamos ver se aquela coisa ainda tem algum daqueles metais.

Ela começou a descer os degraus; seu medalhão de aquecimento permitia que ignorasse o frio congelante. Parecia um espírito em seu vestido fino e diáfano ao lado de homens em trajes de inverno completos. Hesitou, olhando para Marasi e os outros.

— Reviste-os atentamente — disse aos homens. — Senti um metal fraco na mulher mais velha, mas agora sumiu. Seu caderno deve ter presilhas de metal. Não acredito que tenham armas de alumínio além daquela que Waxillium tinha. Seja como for, vigie-os. São uma proteção contra o baixinho, que ainda está por aí em algum lugar.

O teto desabou sobre eles.

Wax gritou, saltando na direção do pedestal e dos dois braceletes simples. Elegante usou uma tática diferente, *empurrando-se* para trás a partir dos braceletes, para fora do desabamento.

Pedras atingiram Wax como um punho o apertando contra o chão. Ossos quebraram dentro dele. Ele engasgou, e sua boca se encheu de pó.

Soube o quanto estava mal quando a dor diminuiu. Quando o pó assentou, notou que não conseguia mover nenhuma parte do corpo. Havia um peso nas costas, pressionando-o com a cabeça para o lado. Uma das mãos pendia diante dos seus olhos, com os dedos esmagados. Não conseguia senti-los. Nada. Apenas o rosto. Suficiente para sentir as lágrimas de dor e fracasso nas faces.

Aço. Tentou queimar o metal.

Havia algumas raspas dentro do corpo, gerando um calor que se tornou a única coisa que ele conseguia sentir.

Pedras e entulhos foram movidos ali perto. Um segundo depois, Elegante apareceu. Tinha um corte no braço, mas já cicatrizava. Ele se espanou e olhou para Wax.

— O problema da Hemalurgia está em suas limitações — disse ele. — Se você mata um homem e rouba suas habilidades metálicas, o dom resultante é enfraquecido. Você sabia disso? Mais ainda, se você enfia estacas demais em si, torna-se sujeito à... interferência de Harmonia. De fato, segundo as histórias, você pode ficar exposto à interferência de qualquer Abrandador ou Tumultuador idiota com suficiente talento — contou ele, balançando a cabeça. — Estou limitado a três bênçãos, mesmo que tenhamos descoberto como tornar outra pessoa fraca enquanto ganhamos o benefício.

Ele olhou para os braceletes.

— Mas se houvesse uma forma de ganhar mais poderes e não estar sujeito a Harmonia... Isso seria interessante. Entendo por que Telsin estava tão ansiosa.

Ele deixou Wax, passando pelos cadáveres congelados, cujos pedaços se projetavam sob rochas caídas. Esmagados. Alguns pareciam ter sido até estilhaçados.

Elegante subiu ao pedestal.

— Olhe para mim, Waxillium. Hoje me torno um deus.

Wax tentou gritar, mas seus pulmões não tinham ar suficiente. Tentou se livrar das pedras, mas seu corpo não funcionava mais. Ele estava morrendo. Embora continuasse a queimar aço, estava morrendo.

Não. Ele já estava morto. Seu corpo apenas não havia se dado conta.

Elegante ergueu os Braceletes. Wax virou a cabeça o máximo que pôde, preso como estava ao chão, para ver. O homem barbado deu um largo sorriso, esperando.

Nada aconteceu.

Elegante fez uma careta, com uma expressão fechada. Depois virou os braceletes, examinando-os. Colocou-os.

Mas nada aconteceu.

— Esgotadas — disse ele, desgostoso. — Depois de tudo isso, nós as encontramos *despidas* de atributos. Que desperdício — disse. Ele suspirou e foi até Wax, sacando a arma de alumínio que trazia no bolso. — Não tenho dúvida de que os cientistas de Irich serão capazes de descobrir como os Braceletes foram feitos. Leve esse pensamento consigo para a eternidade, Waxillium. Esteja certo de apertar a mão do Olhos de Ferro por mim. Pretendo nunca o encontrar.

Ele pressionou a arma contra a cabeça de Wax.

E então algo bateu em Elegante. O homem gritou, e uma luta se seguiu, juntamente com o disparo de uma arma. Elegante xingou. Passos sobre pedras.

Um segundo depois, Wayne apareceu. Ajoelhou ao lado de Wax e examinou-o, parecendo horrorizado.

— Wayne — grunhiu Wax. — Como...

— Não foi nada — disse seu parceiro. — Deslizei e caí por um daqueles buracos. Um que terminava em estacas, infelizmente. Mas consegui me curar e subir assim que os soldados passaram e depois deslizei por este poço. Você com certeza escolheu um buraco melhor para cair.

— Elegante...

— Correu — contou Wayne. — Não quis me encarar sozinho, não sabendo que posso me curar. Muito covarde aquele... — Ele se interrompeu, olhando para o corpo de Wax, perfurado pela pedra. — Eu...

— Encontre Steris e Marasi — guinchou Wax. — Ajude-as a escapar.

— Wax — disse ele, balançando a cabeça. — Não. Não. Não posso fazer isso sem você.

— Sim, você pode. Lute.

— Não essa parte — disse Wayne. — O resto. Viver. Nós... Nós vamos tirar você daqui — disse, esfregando os olhos com a base das mãos. Depois, olhou para a pedra em cima de Wax e para o sangue se acumulando abaixo.

Sentou-se, passando as mãos pelo cabelo, com os olhos arregalados, como se em choque. Wax tentou animá-lo, mas seus lábios não se moveram.

Não tinha força suficiente.

Marasi se encolheu no chão frio com Steris e Allik, cercados por homens armados que reviraram suas coisas. Ainda era noite, mas o nascer do sol tinha que estar perto.

Waxillium teria encontrado uma saída.

Pare de se comparar a ele, pensou ela. *É alguma surpresa que fique à sombra dele quando isso é tudo o que consegue se imaginar fazendo?*

Ela precisava resolver aquilo. Dezenas de planos passaram pela sua cabeça, todos idiotas. O guarda mais próximo ainda estava com sua bolsa.

A estaca de ReLuur ainda podia estar lá e, como era investida por Hemalurgia, podia não ter sido registrada pelos olhos de um alomântico procurando metais nela. O guarda jogou a bolsa fora, espalhando o conteúdo na pedra fria.

Nada da estaca. Em vez disso, uma cunha de metal do tamanho de um palmo rolou entre seus cadernos e lenços. A ponta de lança da estátua.

Wayne, eu vou... Ela trincou os dentes. Quando ele a tinha trocado pela estaca? Aquele homem!

— Já revistei aquela bolsa — informou outro guarda. — Nada de armas.

— Bem, então o que é isto? — perguntou o primeiro guarda, pegando o pedaço de alumínio em forma de cunha.

O segundo guarda bufou.

— Fique à vontade para tentar matar alguém com isso se quiser. Não é afiado.

Marasi murchou, sentindo-se idiota. Mesmo que ela tivesse a estaca, o que faria? Não conseguiria subjugar guardas armados.

Então o que ela *podia* fazer?

Alguém caiu do céu e pousou com um baque ali perto. Ela se animou, imaginando que devia ser Waxillium. Em vez dele, era Elegante, com a roupa rasgada e empoeirada, carregando uma arma. Os guardas bateram continência, aquele com a bolsa largou-a, assim como a cunha de metal. Um de seus frascos de vidro de maquiagem rolou para longe.

O pobre Allik se aninhou a Steris. Parara de tremer e sua pele estava ficando azul. Steris olhou para ele e pareceu resignada.

Elegante passou por eles. Parecia mais intimidador ao cair do ar usando habilidades alomânticas do que parecera todo coberto por causa do frio e de pé nos degraus do templo.

— Meu irmão está morto? — cobrou Telsin, dando as costas ao seu grupo de engenheiros ali perto.

— Sim — disse Elegante. — E eu encontrei o baixinho.

— Você o matou?

— Eu lhe dei uma distração — respondeu Elegante. — Achei que você iria querer ver o que encontrei. — Ele ergueu algo que cintilou às luzes fortes que a equipe instalara. Dois braceletes prateados, cada um do tamanho de um antebraço. — Havia uma câmara escondida lá embaixo, Sequência. E que segredo ela continha!

Telsin passou pelos cientistas e foi rapidamente até Elegante.

Pegou os braceletes, assombrada.

— Eles não funcionam — comentou Elegante.

— O que quer dizer?

— Estão sem atributos, creio. Reservas esgotadas.

— Mas eles também deveriam dar Alomancia — disse Telsin, colocando-os e acenando para um dos guardas, que lhe jogou um frasco de metais. Ela o virou, ansiosa.

— Bem? — perguntou Elegante.

— Nada.

Um engodo, pensou Marasi. Como a caixa de vidro e o pedestal vazio... Sim, aquilo também fora uma farsa. Ela agora entendia por que Waxillium estava observando os cacos de vidro.

Waxillium. Ele não podia realmente estar...

Não. O que ela podia fazer? Não podia lutar. Mas podia pensar. Aqueles Braceletes eram um engodo. Uma segunda falsificação para confundir invasores.

Então onde estavam os verdadeiros?

* * *

Velas numa sala escura.

Eles são mais um engodo, pensou Wax, confuso. *Aqueles braceletes eram perfeitos demais, exatamente como apareciam nas histórias. Foram deixados para nos enganar.*

Como a marca de um antigo inimigo de Wax pintada na porta de uma mansão. Como o objetivo de distrair. Atrasar.

Este lugar foi feito para o Senhor Soberano, pensou Wax. *Aquelas armadilhas... Aquelas armadilhas são idiotas. E se uma de fato o pegasse? A coisa inteira tinha que ser uma farsa.*

E então? Havia outro templo lá fora? Talvez eles *tivessem* escondido os Braceletes numa caverna?

Ele mal conseguia ver. Wayne segurou sua mão enquanto lágrimas corriam pelas suas faces. Tudo estava apagando, o frio... chegando... como a escuridão.

Não, não estaria em algum outro lugar, pensou Wax. *Ele precisaria ser capaz de encontrá-las. Ele as reconheceria.*

Estava...

Estava ali!

Wax engasgou e tentou formar as palavras, com os olhos arregalados. Wayne agarrou sua mão com força.

Ele não conseguia sentir.

A escuridão chegou, e Wax morreu.



Wax ficou imóvel.

Wayne deixou sua mão cair, flácida. Só queria ficar sentado ali. Olhar para o nada como aqueles sujeitos mortos em filas ali perto, aqueles que não foram esmagados. Continuar sentado ali e tornar-se nada.

Por toda a sua vida, apenas um homem acreditara nele. Apenas um homem o perdoara, o encorajara. Para ele, o resto daquela maldita raça podia arder e se tornar cinzas. Ele odiava todos eles.

Mas... o que Wax diria?

Ele me deixou, o desgraçado, pensou Wayne, secando os olhos. Naquele momento, ele também odiou Wax. Mas Wayne o amava mais do que o ódio. Ele grunhiu e colocou-se de pé. Não tinha armas; havia deixado os bastões de duelo no alto.

Olhou para o corpo de Wax, ajoelhou-se e revistou as pernas do homem. Sentiu algo e puxou. A escopeta.

As mãos de Wayne começaram a tremer imediatamente.

— Parem com isso — sibilou para elas. — Já chega disso.

Engatilhou a escopeta e foi procurar uma saída daquela tumba.

O templo inteiro é um engodo, pensou Marasi, tremendo de frio. *Então onde estão os verdadeiros braceletes?*

O lugar foi construído para o Senhor Soberano, que supostamente voltaria para pegar sua arma. Onde você colocaria aquela arma?

Ele conheceria sua aparência, pensou Marasi. *Ele construíra os Braceletes. Acharmos que tinham essa forma, mas não precisavam ter. Podiam ser qualquer coisa.*

Aquilo seria esperto caso você estivesse fazendo uma arma. Aquelas mentes de metal, você precisava saber o que faziam antes que funcionassem. Você poderia se proteger, de modo que apenas alguém que soubesse o que procurar pudesse usar sua arma.

E, nesse caso, as pessoas que construíram o templo podiam ter deixado a arma onde o Senhor Soberano a visse, mas na forma de um objeto pelo qual todos os outros passassem direto, penetrando mais no templo para encontrar armadilhas, poços e engodos, todos concebidos para matá-los ou convencê-los de que haviam roubado os Braceletes com sucesso.

Onde você colocaria essa arma? No umbral, sob o próprio Supremo, em sua própria mão. Marasi se virou, agitada, procurando a ponta de lança exagerada.

Estava caída bem ao seu lado, onde o guarda a largara. Waxillium dissera que era feita de alumínio porque não conseguira senti-la, mas não olhara com atenção.

Se tivesse feito isso, veria que era feita de diferentes metais entrelaçados, ondulados, como as dobras forjadas na lâmina de uma espada. Ele não conseguira *empurrá-la*, mas não por ser alumínio.

Mas por ser uma mente de metal com mais poder estocado do que qualquer uma que já tivessem visto.

Ao redor de Wax, tudo ficou enevoado e indistinto. A caverna, as pedras, o próprio chão eram apenas brumas. Ele, de algum modo, conseguia ficar de pé sobre elas.

Harmonia se colocou ao seu lado na escuridão enevoadas. Eles assumiram essa posição, caminhando lado a lado, como era natural para os homens. Deus se parecia muito com a ideia que Wax sempre fizera Dele. Alto, pacífico, mãos trançadas à frente do corpo. Rosto comprido e oval, sereno e humano, embora Ele arrastasse atrás de Si um manto de atemporalidade. Wax conseguia *ver* o manto, acompanhando Harmonia. Tempestades e ventos, nuvens e chuvas, desertos e florestas, tudo, de algum modo, estava refletido na esteira daquela criatura. Sua túnica seguia o padrão terrisano, mas cada V era não uma cor, mas uma era. Um *estrato* do tempo, como aqueles numa rocha profunda descoberta.

— Dizem que o Senhor aparece a todas as pessoas quando morrem — disse Wax suavemente.

— Considero um dos meus deveres mais sagrados — disse Harmonia. — Mesmo com os outros assuntos prementes, encontro tempo para dar esta caminhada.

Ele tinha uma voz baixa, familiar a Wax, como a de um amigo esquecido.

— Então estou morto.

— Sim — confirmou Harmonia. — Seu corpo, sua mente e sua alma se separaram. Logo um voltará à terra, outra ao Cosmere, e a terceira... Nem mesmo eu sei.

Wax continuou a andar. A caverna ensombrecida desapareceu, e ele teve uma sensação de *borrão*. As brumas se tornaram escuridão, e tudo o que conseguia ver era uma luz distante, como o sol abaixo do horizonte.

— Se o Senhor pode encontrar tempo para caminhar conosco, por que não vir um pouco mais cedo? — perguntou Wax, com amargura. — Por que não *deter* a caminhada antes que ela precise começar?

— Devo impedir todo o sofrimento, Waxillium?

— Eu sei aonde isso vai chegar — disse Wax. — Sei o que o Senhor vai dizer. O Senhor valoriza a escolha. Todos teorizam sobre isso. Mas o Senhor *pode* ajudar. Já fez isso antes, colocando-me onde eu precisava estar. O Senhor interfere. Então, por que não interferir mais? Impedir que crianças sejam mortas. Garantir que policiais cheguem a tempo para impedir mortes. O Senhor não precisa eliminar o poder de escolha, mas *poderia* fazer mais. Eu sei que poderia.

Ele não disse a última parte.

O Senhor poderia tê-la salvado. Ou pelo menos me dito o que eu estava fazendo.

Harmonia anuiu. Parecia bizarro estar exigindo coisas Dele, mas, ferrugem... Se aquele era o fim, Wax queria algumas respostas.

— O que é ser Deus, Waxillium? — perguntou Harmonia.

— Não acho que seja uma pergunta a que eu possa responder.

— Também não é uma que achei que um dia teria de responder — disse Harmonia. — Mas, evidentemente, isso me foi imposto. Você gostaria que eu interferisse e impedisse o assassinato de inocentes. Eu poderia fazer isso. Avaliei isso. E se eu impedisse todos eles, então? Também impeço mutilações?

— Claro — respondeu Wax.

— E em que ponto eu paro, Waxillium? Devo impedir todos os ferimentos ou apenas aqueles causados por pessoas más? Devo impedir um homem de adormecer para que não derrube uma vela e incendeie sua casa? Devo impedir qualquer mal que possa ocorrer a uma pessoa?

— Talvez.

— E assim que ninguém mais se ferir, as pessoas ficarão satisfeitas? — prosseguiu Harmonia. — Não rezarão a mim pedindo mais? Algumas pessoas ainda vão xingar e cuspir ao som do meu nome porque são pobres enquanto outras são ricas? Devo mitigar isso, tornar todos iguais, Waxillium?

— Não vou cair nessa armadilha — disse Wax. — O Senhor é o Deus, não eu. O Senhor pode encontrar um limite para impedir o pior. *O Senhor* pode encontrar um limite razoável para impedir o pior, ainda nos permitindo viver nossas vidas.

A luz à frente de repente rolou para fora, e Wax descobriu que eles estavam contornando um *planeta*. Estavam bem acima dele e tinham passado da escuridão para a luz do sol, deixando que Wax visse o mundo abaixo, banhado numa serena luz suave.

Além daquilo pairava uma névoa vermelha, ao redor, pressionando o mundo. Ele podia sentir aquilo o sufocando, um miasma de medo e destruição.

— Talvez eu já tenha feito exatamente o que você sugere — disse Harmonia suavemente. — Vocês não veem porque o pior nunca chega a vocês.

— O que é isso? — perguntou Wax, tentando compreender aquela vasta vermelhidão. Pulsava para dentro, mas ele conseguia ver algo, uma fina tira de luz, como uma bolha ao redor do mundo, detendo-a.

— Uma representação — respondeu Harmonia. — Grosseira, talvez.

Ele olhou para Wax e sorriu, como um pai para uma criança de olhos arregalados.

— Não terminamos a nossa conversa — disse Wax. — O Senhor a deixou morrer. *Deixou que eu a matasse*.

— E durante quanto tempo você precisa se odiar por isso? — perguntou Harmonia.

Wax trincou os dentes, mas não conseguiu conter o tremor que tomou conta dele. Ele reviveu a cena novamente, segurando-a enquanto ela morria. Sabendo que a matara.

Aquele ódio *fervilhava* dentro dele. Ódio contra Harmonia. Ódio contra o mundo.

E, sim, ódio contra si mesmo.

— Por quê? — perguntou Wax.

— Porque você exigiu isso de mim.

— Eu não fiz isso!

— Sim. Uma parte de você fez. Uma eventualidade que consigo ver, um dos muitos Waxilliums possíveis, todos você, mas não fixos. Conheça a si mesmo, Waxillium. Você preferiria que outro a matasse? Alguém que ela não conhecia?

— Não — sussurrou ele.

— Você a teria deixado viver como uma escrava? Corrompida por aquela estaca *amaldiçoada* que a deixaria marcada para sempre, mesmo se substituída?

— Não — disse ele. Estava chorando.

— E se você tivesse sabido que nunca seria capaz de puxar aquele gatilho a não ser que seus olhos estivessem vendados? — perguntou Harmonia, sustentando o olhar dele. — E se você tivesse se dado conta de o que saber a verdade lhe faria, detendo sua mão e prendendo-a numa interminável prisão de

loucura, o que teria me pedido?

— Não me diga — sussurrou Wax, apertando os olhos com força.

O silêncio pareceu se estender até a eternidade.

— Lamento por sua dor — disse Harmonia, com uma voz gentil. — Lamento pelo que você fez, pelo que tivemos que fazer, mas não lamento por levá-lo a fazer o que tinha que ser feito.

Wax abriu os olhos.

— E quando me contendo, impedindo minhas mãos de protegerem aqueles abaixo, devo fazer isso confiando no que as pessoas podem fazer sozinhas — continuou Harmonia. Ele olhou na direção da névoa vermelha. — E porque tenho outros problemas com os quais me ocupar.

— O Senhor não me disse o que era aquilo — lembrou Wax.

— É porque não sei.

— Isso... me assusta.

Harmonia o encarou.

— Deveria assustar.

Abaixo, uma pequena faísca cintilou numa das massas terrestres. Wax piscou. Ele tinha visto, a despeito da distância inacreditável.

— O que foi aquilo? — perguntou.

Harmonia sorriu.

— Confiança.

Marasi agarrou a ponta de lança com as duas mãos.

E drenou *tudo*.

O poder a inundou, acendendo-a como um inferno. A neve pairou imóvel no ar. Ela se levantou e levou a mão ao cinturão de um de seus captores, retirando um de seus frascos de metal. Pegou todos, vários de cada guarda, e bebeu-os. Estava usando uma mente de metal, permitindo-se mover-se a uma velocidade tão grande que, quando ergueu a mão, conseguiu ver rapidamente o bolsão de vácuo deixado para trás. Sorriu.

Então queimou seus metais. Todos.

Nesse momento transcendente, ela se sentiu mudar, expandir. Sentiu o poder do próprio Senhor Soberano estocado nos Braceletes da Perdição, a ponta de lança presa em seus dedos, fluir por ela e achou que ia explodir. Era como se um oceano de luz tivesse sido bombeado para suas artérias e veias.

Linhas azuis explodiram de seu corpo, primeiramente apontando para metais, mas depois se multiplicando, mudando, *transformando-se*. Ela viu através de tudo, tudo em azul. Não havia pessoas ou objetos, apenas energia concentrada. Os metais brilhavam com força, como se fossem buracos levando para algum lugar diferente. Essência concentrada, fornecendo uma trilha para o poder.

Ela estava usando as reservas com uma rapidez chocante. Reduziu a velocidade, e, por alguma razão, as pessoas ao seu lado saltaram, tampando os ouvidos. Ela inclinou a cabeça de lado e *EMPURROU*.

O *empurrão* lançou os soldados ao redor a bons quinze metros. Isso a deixou encarando Elegante e Telsin, que a olhavam com expressões horrorizadas. Eram focos de energia brilhante, mas ela os reconheceu. Tinham estacas dentro de si.

Conveniente. Aquelas estacas resistiam a *empurrões*, mas não o suficiente para incomodar Marasi

agora. Ela ergueu a mão e lançou os dois para longe usando os próprios metais.

Ao redor, guardas agarraram armas e viraram-se para ela. Ela os varreu para trás e levantou-se do chão, *empurrando* os vestígios minerais na pedra abaixo.

Pairou ali, surpresa ao ver algo girando ao seu redor. Brumas? De onde elas vinham?

De mim, percebeu.

Ela pairou no céu, inundada de poder. Naquele momento, ela *era* a Guerreira Ascendente. Tinha a plenitude de algo que Waxillium mal provara durante sua vida inteira. Ela podia ser ele, eclipsá-lo. Podia levar a justiça a povos inteiros. Mantendo tudo dentro de si, tendo aquele poder e avaliando-o, ela finalmente admitiu a verdade para si mesma.

Não é isso o que quero.

Ela não permitiria que seus sonhos de infância a controlassem mais. Sorriu, depois se lançou pelo ar num *empurrão* na direção do templo.

Steris viu sua irmã *voar*.

— Inesperado — disse ela. E imaginara que estava preparada para qualquer coisa. Marasi começara a brilhar, arremessando pessoas ao redor com Alomancia como se fossem bonecos e saindo em disparada, deixando uma trilha de brumas... Bem, isso não estava na lista. Não estava sequer no *apêndice*.

Ela baixou os olhos para o pobre Allik, tão frio que parara de tremer.

— Terei que ampliar minhas projeções do que é possível acontecer durante essas atividades, não acha?

Ele murmurou algo em seu idioma.

— Foralate men! — falou, gesticulando com a mão. — Forsalvin!

— Está me mandando fugir sem você? — perguntou Steris, andando um pouco e recuperando seu caderno. — Sim, sair correndo enquanto todos estão confusos seria sábio, mas ainda não pretendo partir — disse ela, abrindo o caderno, que escavara com a faca de Wax nos fundos do deslizador enquanto Marasi conversava com Allik e os outros dormiam. — Você sabia que quando avaliei a utilidade de cada um nesta expedição me dei nota sete em cem? Não é muito elevado, sim, mas eu sinceramente não consegui me dar a menor nota possível. Tenho minha utilidade.

Ela virou o grande caderno, mostrando um medalhão extra, tirado do estoque de emergência do deslizador, aninhado em segurança na área que ela escavara.

Ela sorriu para Allik, soltou-o e enfiou-o em sua mão. Ele deu um longo suspiro aliviado. A neve soprada pelo vento, que colara em seu rosto, derreteu.

Perto, soldados estavam levantando e gritando uns com os outros.

— Agora acho que sua sugestão anterior tem méritos — disse Steris.

— E agora? — perguntou Wax a Harmonia. — Desapareço no nada?

— Não acredito que seja nada — disse Deus. — Há algo além. Embora talvez minha crença seja meramente meu próprio desejo de que seja assim.

— O Senhor não está me encorajando. Não é onipotente?

— Dificilmente — disse Harmonia, sorrindo. — Mas acredito que partes de mim *poderiam* ser.

— Isso não tem nenhum sentido.

— Não terá até que eu faça com que tenha — disse Harmonia, estendendo as mãos para os dois lados.
— Contudo, em resposta à sua pergunta, você não desaparece agora. Logo, porém. Neste instante, você faz uma escolha.

Wax olhou de uma das mãos da divindade para a outra.

— Todos têm essa escolha?

— As escolhas dos outros são diferentes — respondeu. Estendeu as mãos para Wax, como se oferecendo para que as tomasse.

— Não vejo a escolha.

— Minha mão direita é liberdade — disse Harmonia. — Você pode senti-la, creio.

E ele podia. Subindo pelo ar, libertado de todos os laços, cavalcando linhas de luz azul. Aventura rumo ao desconhecido, buscando apenas matar sua própria curiosidade. Era glorioso. Era o que sempre quisera, e esse apelo vibrava dentro dele.

Liberdade.

Wax perdeu o ar.

— O que... O que há na outra?

Harmonia ergueu a mão esquerda, e Wax ouviu algo. Uma voz?

— Wax? — dizia ela.

Sim, uma voz agitada. Feminina.

— Wax, você tem que saber o que isto faz. Isso vai curá-lo, Wax. Waxillium! Por favor...

— Aquela mão — disse Wax, olhando para ela. — Aquela mão é o dever, não é?

— Não, Waxillium — disse Harmonia gentilmente. — Embora seja como você sempre viu. Dever ou liberdade. Fardo ou aventura. Sempre foi você quem fez a escolha *certa* enquanto os outros brincavam. Por isso você se ressentia.

— Não é verdade — disse Wax.

Harmonia sorriu. A compreensão em Seu rosto era ultrajante.

— Esta mão não é dever — disse Harmonia. — É apenas uma aventura diferente.

— Wax... — disse a outra voz, engasgada de emoção. Pertencia a Marasi. — Você *tem que* usar a mente de metal.

Wax moveu-se na direção da mão esquerda, mas Harmonia, de modo chocante, afastou-a.

— Tem certeza?

— Eu preciso.

— Precisa mesmo?

— Eu *preciso*. É quem eu sou.

— Então talvez devesse parar de odiar isso, meu filho — disse Harmonia. Estendeu a mão.

Wax hesitou.

— Primeiro me diga uma coisa.

— Se estiver ao meu alcance.

— Ela veio aqui? Quando morreu?

Harmonia sorriu.

— Ela me pediu para cuidar de você.

Wax segurou a mão esquerda. Foi imediatamente puxado na direção de algo, como ar sendo sugado por um buraco. O calor o banhou; depois, tornou-se um *fogo*. Levando ar aos pulmões, ele berrou, arfando, arremessando uma enorme pedra. Ela caiu para o lado, e ele se viu na câmara de teto baixo sob o templo.

Quanta força! Ele não lançara aquela rocha com músculos, mas com *aço*. Seu corpo se curou ao mesmo tempo em que ele se lançava e ficava de pé, *empurrando* pequenos vestígios de metal no solo abaixo. Pousou e olhou para a mão esquerda. Aquela que estivera pendendo, quebrada, diante do seu rosto enquanto ele morria.

Ela segurava uma ponta de lança exagerada, feita de dezesseis metais fundidos. Ergueu o olhar para Marasi, que o observava com olhos cheios de lágrimas, mas também com um grande sorriso.

— Você encontrou — disse Wax.

Ela anuiu, ansiosa.

— Só foi preciso um pouco de trabalho investigativo antiquado.

— Você me salvou — disse Wax.

Ferrugem e Ruína... Quanto *poder*. Ele se sentia como se pudesse arrasar cidades e reconstruí-las.

— Elegante e sua irmã ainda estão do lado de fora — disse Marasi. — Deixei os outros lá. Eu não... Bem, eu não estava pensando direito. Ou talvez eu estivesse pensando demais. Aqui — disse ela, dando a ele um frasco de metais.

Wax o tomou e ergueu os Braceletes.

— Você poderia ter feito isso sozinha.

— Não. Não poderia.

— Mas...

— Não poderia — insistiu Marasi. — Simplesmente... não sou assim — disse ela, dando de ombros. — Isso faz sentido?

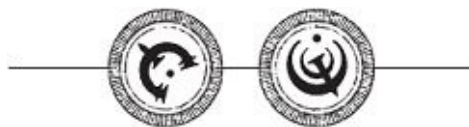
— Surpreendentemente, sim — disse ele, flexionando a mão ao redor dos Braceletes.

— Vá — disse Marasi. — Faça o que você faz melhor, Waxillium Ladrian.

— O quê? Quebrar coisas?

— Quebrar coisas *com estilo* — acrescentou Marasi.

Ele sorriu e virou o frasco de metais.



— Os seguidores de Waxillium estão com os Braceletes! — sussurrou Elegante para si mesmo ao cruzar o escuro campo de pedra. Começara a nevar, uma neve cortante e gelada, nada como os flocos macios que ele ocasionalmente vira na Bacia oriental. — Isso é grave. Eles virão atrás de nós. Temos que acelerar nosso cronograma!

Ele refletiu sobre as palavras, remoendo-as enquanto fechava o casaco. Mesmo com o equipamento de aquecimento, aquele vento era *irritante*.

Será que eles acreditariam no seu argumento? Não, não era trágico e suficiente.

— Waxillium e seu pessoal estão com os Braceletes! — murmurou consigo mesmo. — Isso sem dúvida permitirá que os kandra concebam os meios para criar mentes de metal que qualquer um possa usar. Precisamos acelerar nosso cronograma e tomar Elendel agora ou nos veremos superados tecnologicamente!

Sim. Sim, essa era a ideia. Mesmo o mais cuidadoso dos Séries ficaria perturbado com a perspectiva de ser superado tecnologicamente. Isso os convenceria a lhe dar a margem de manobra que desejava.

Qualquer coisa podia ser uma vantagem. Ele quisera os Braceletes para si mesmo, mas, na falta deles, encontraria alguma outra coisa.

Elegante *sempre* encontrava uma vantagem.

Ele passou por soldados que corriam e descarregavam armas no platô de pedra congelado. Tinham feito preparativos para uma possível luta ali, já que ele temera que pudessem encontrar mais dos selvagens mascarados.

— Senhor! — chamou um dos homens. — Ordens?

Ele apontou para o céu.

— Se alguém, que não Sequência, descer do ar ou se aproximar de sua posição, *atire*. E continue atirando, mesmo depois de caído.

— Sim, senhor! — disse o soldado, acenando para um grupo de seus homens. Virou-se para um suporte vazio e parou. — Meu rifle? Quem pegou meu rifle?!

Elegante seguiu em frente, jogando os Braceletes da Perdição falsos na neve e deixando que as tropas, com sorte, atrasassem os comparsas de Waxillium. Entrou, ansioso, na nova aeronave. Aquele aparelho... *Aquilo*, sim, era uma vantagem. Os Braceletes podiam servir a um homem, fazer dele uma divindade. Uma frota de naves como aquela podia deificar todo um exército.

O corredor de madeira ali dentro tinha luminárias a gás com estruturas metálicas austeras. Tudo era claramente mais simples que na nave que caíra em Dulsing; a madeira ali não era decorada nem envernizada. A outra nave parecia decorada como um escritório. Aquela era um armazém.

Provavelmente é mais barato construir assim, pensou, anuindo em aprovação.

Passos soaram acima enquanto homens avançavam por um dos corredores de outro convés. Elegante

espanou a neve dos braços enquanto um técnico corria até ele, usando o uniforme vermelho da Guarda Secreta do Grupo.

— Milorde — disse o homem, estendendo um dos medalhões. — Vai precisar disto.

Elegante o pegou e enrolou a manga para prendê-lo no braço.

— A nave funciona?

Os olhos do homem brilharam.

— Sim, senhor! O maquinário funciona, tendo ficado protegido do clima. Senhor... É *impressionante*. É possível *sentir* a energia pulsando daquele metal. Tivemos que mandar homens lá fora para destravar os ventiladores, e alguns dos Lançamoedas ajudaram, e as pás agora se movem. Fed está lá embaixo, carregando as máquinas de mudança de peso com sua Feruquemia para tornar a nave mais leve. Esse deve ser o último passo!

— Então nos levante — disse Elegante, caminhando até onde achava que estaria a ponte.

— Milorde Elegante? — chamou o homem. — Não vamos esperar por Sequência?

Ele hesitou brevemente. Para onde ela fora?

Outra vantagem?, pensou. Ele suportaria ser Sequência.

— Ela se juntará a nós no alto se puder — respondeu. — Nossa prioridade é levar esta nave, e seus segredos, até um local seguro.

Enquanto o técnico batia continência e corria para obedecer, Elegante enchia seu medalhão, ficando mais leve. Tão mais fácil do que tinha sido conseguir suas estacas. Era duro não achar que suas experiências com Hemalurgia haviam sido um desperdício, um beco sem saída.

A nave deu um solavanco, e os ventiladores começaram a girar, fazendo um som muito mais alto do que ele esperara. Antes que chegasse à ponte, a coisa sacudiu, e ele ouviu sons de gelo partindo mais altos que o ruído dos ventiladores. Inclinou-se numa escotilha, olhando para fora enquanto o solo ficava mais distante.

Funcionava. Imediatamente as implicações tomaram sua mente. Viagem. Transporte. Guerra. Novas regiões poderiam ser ocupadas. Novos tipos de prédios e cais seriam necessários.

E tudo passaria por ele.

Ele conteve um sorriso, pensando que era melhor celebrar *depois* que estivesse em segurança, mas não conseguiu afastar a empolgação. O Grupo planejava acontecimentos para um século ou mais à frente, colocando em ação planos cuidadosos conforme suas sugestões. Ele se orgulhava disso, mas, verdade seja dita, preferiria que eles pudessem governar durante a *sua* vida.

E com aquela nave ele poderia fazer isso.

Jordis encolheu-se na barraca, vendo sua tripulação morrer.

Ela se aproximava havia muito tempo, essa morte. A última brasa do fogo, recusando-se a apagar. Durante a terrível marcha em meio à chuva, seu pessoal havia recebido pequenas porções de calor dadas por uma mente de metal. O suficiente para mantê-los vivos, como plantas trancadas num espaço escuro durante a maior parte do dia.

Mas agora, naquele lugar, o frio era penetrante demais e a dureza da marcha, devastadora demais. Ela engatinhava em meio aos tripulantes e sussurrava palavras de encorajamento, embora não conseguisse mais sentir os dedos das mãos e dos pés. A maioria dos homens e mulheres da nave não conseguia sequer anuir. Alguns poucos tinham começado a retirar as roupas, reclamando do calor. A febre do frio os

acometera.

Não faltava muito. Os demônios sem máscaras pareciam saber disso; tinham colocado apenas um guarda na barraca. Seu pessoal poderia escapar pelos fundos, talvez, mas para onde escapariam? Para a morte no vento do lado de fora em vez da morte ali dentro?

Como os sem máscaras sobreviviam àquilo?, pensou. De fato, deviam ser demônios, nascidos do próprio frio, para serem tão capazes de suportá-lo.

Jordis ajoelhou-se ao lado de Petrine, a engenheira-mestre e a mais velha da tripulação. Como a mulher sobrevivera tanto? Não era de modo algum frágil, mas já passara da sexta década. Petrine ergueu a mão e agarrou o braço de Jordis. Embora seus olhos enrugados estivessem ensombrecidos pela máscara, Jordis não precisava de gestos ou expressões para perceber as emoções de Petrine.

— Nós atacamos? — perguntou Petrine.

— Com que objetivo?

— Poderíamos morrer pelas armas deles em vez de pelo frio.

Sábias palavras. Talvez eles pudessem...

Um baque alto veio de fora da barraca. Jordis se colocou de pé, surpreendentemente, embora a maioria dos outros permanecesse encolhida onde estava. A frente da barraca se abriu, e um homem usando uma máscara familiar, mas quebrada, apareceu ali.

Impossível. Será que a febre do frio a estava atacando também?

O homem ergueu a máscara e exibiu um rosto jovem e barbado.

— Lamento ter entrado sem me anunciar — disse Allik. — Mas trago presentes, como manda a tradição ao visitar a casa de alguém sem se anunciar, não é?

Ele ergueu um punho que segurava um bocado de medalhões pelos cordões.

Jordis olhou para os medalhões e para o jovem Allik, e de volta para os medalhões. Pela primeira vez, ela nem sequer se importou com a liberdade com a qual ele erguia a máscara. Cambaleou até ele, pegando um, sem conseguir acreditar.

O calor maravilhoso se espalhou por ela, como um sol nascendo dentro de seu corpo. Suspirou de alívio, sentindo a mente clarear. *Era* ele.

— Como? — sussurrou.

— Fiz amizade com alguns dos demônios — proclamou Allik. Fez um gesto, apontando para o lado, e uma mulher sem máscara quase caiu dentro da barraca, usando um dos vestidos compridos que eram populares ali e levando uma braçada de rifles.

Ela disse algo em sua linguagem, largando as armas no chão da barraca e limpando as mãos.

— Acho que ela quer que comecemos a atirar nos outros — disse Allik enquanto Jordis rapidamente agarrava os outros medalhões e começava a distribuí-los para os mais gravemente afetados entre seu pessoal. — Eu, pessoalmente, fico *mais* que feliz em concordar.

Petrine continuou a distribuição dos medalhões enquanto Jordis se armava com um dos rifles. Embora o calor fosse maravilhoso, ela ainda se sentia fraca e não queria olhar dentro das botas para descobrir se os dedos tinham congelado.

— Não sei se conseguiremos levar a cabo muita luta.

— Melhor que nenhuma luta, sim, capitã? — perguntou Allik.

— Isso é verdade — admitiu Jordis, e fez um sinal de respeito, tocando o ombro direito com a mão

esquerda e baixando a mão para tocar o pulso. — Você se saiu bem. Quase o perdoo por dançar pessimamente — falou. Depois, virou-se para Petrine. — Dê estas armas a homens e mulheres. Vamos matar o maior número de demônios que pudermos.

Wax disparou para fora do templo em uma explosão de força e Alomancia. Girou acima do prédio, fazendo pedras arrancadas pela sua saída explosiva rodopiarem no ar ao redor dele, com rastros de brumas. Abaixo, uma tempestade de tiros teve início na encosta antes silenciosa, embora não estivessem atirando nele.

Acima, uma aeronave avançava pelo céu, ventiladores girando poderosamente em seus dois pontões. Era algo assombroso, mas a nave evidentemente não era ágil. Avançava com os movimentos lentos de algo muito grande e pesado, mesmo com a redução de peso oferecida pelos medalhões.

Wax sentiu-se tentado a esmagar a nave. *Empurrar* os pregos de seus furos, fazer a coisa em pedaços numa tempestade de destruição, lançando Elegante e sua irmã traidora no solo congelado abaixo. Ele quase fez isso. Mas... Ferrugem! Ele não era um carrasco. Era um homem da lei. Preferia morrer a trair sua natureza.

Bem, morrer *novamente*.

Ele desceu e usou os vestígios de metal na cantaria do templo como uma âncora para mandá-lo num voo sobre o terreno. Alguns dos soldados abaixo dispararam tiros desanimados na sua direção, mas a maioria parecia envolvida num tiroteio com um grupo de pessoas mascaradas que assumira posição atrás de uma barreira de pedra.

Steris e Allik, pensou Wax, identificando-os. *Bom*.

Pousou em meio aos soldados e lançou-os para o lado. Tomou uma pistola de alumínio de um dos suportes, carregou-a e acenou para os mascarados antes de se lançar no céu atrás da aeronave.

Ele estava forte. Inacreditavelmente forte. Os Braceletes, ainda presos em sua mão esquerda, lhe davam não apenas Alomancia, mas Alomancia *antiga*. O poder daqueles que viveram muito tempo antes, na época do Senhor Soberano. Talvez ainda mais. Seria possível?

O que você criou?, pensou. *E quanto tempo vai durar?*

Seus recursos estavam diminuindo. Não apenas os metais dentro dele, mas as reservas estocadas dentro dos Braceletes. Um estoque que mudara seu grau de investidura.

Ele sabia que deveria se conter e reservar aquilo para estudo ou para uso numa futura emergência, mas, *ferrugem*, a sensação era embriagante. Chegou facilmente à aeronave, embora tivesse apenas algumas cápsulas abaixo nas quais *empurrar*. Ele se ergueu e pousou na proa da nave. Depois, enfiou a mão por uma das janelas da ponte, quaisquer cortes cicatrizando imediatamente.

Dentro, Elegante estava sentado sozinho. Não havia sinal de pilotos, técnicos, empregados. Apenas um amplo convés quase oval, nem ao mesmo acarpetado, e Elegante sentado numa cadeira.

Wax entrou e ergueu a pistola de alumínio. Suas botas soaram na madeira. Ele fez uma rápida inspeção. *Pessoas no corredor*, pensou. *E um pouco de metal na boca de Elegante*. O velho truque da moeda na boca, uma forma de esconder metal de um alomântico. Era muito difícil sentir qualquer coisa dentro do corpo.

A não ser que você estivesse usando os próprios poderes da criação.

— E, então, nosso confronto finalmente tem início — disse Elegante, acendendo o cachimbo.

— Não exatamente um confronto — disse Wax, ainda ardendo de poder. — Eu poderia destruí-lo de

cem modos diferentes neste instante, tio.

— Não duvido que possa — disse Elegante, sacudindo o fósforo e dando baforadas no cachimbo. Tentando esconder a moeda. Falar com um cachimbo na boca lhe daria uma razão para soar estranho. — E aqui eu só posso destruí-lo de *uma* forma.

Wax apontou a pistola.

Elegante olhou para ela e sorriu.

— Sabe por que sempre o derrotei, sobrinho?

— Você não me derrotou — retrucou Wax. — Você se recusou a lutar. É totalmente diferente.

— Às vezes, a única forma de vencer é se recusar a lutar.

Wax caminhou para a frente, atento a armadilhas. Ele pensava mais rápido, movia-se mais rápido que o normal. As linhas azuis se projetavam dele como uma teia brilhante, buscando fontes de metal menores e muito mais distantes do que ele normalmente conseguia sentir. Às vezes, as linhas pareciam tremeluzir, e, por um momento, ele via a *irradiação* dentro de cada pessoa e coisa. Era como se também pudesse mover isso.

Uma voz reverente no fundo de sua cabeça sussurrou: *São a mesma coisa. Metal, mentes, homens, tudo feito da mesma substância.*

— O que você fez, tio? — perguntou Wax suavemente.

— Terei que responder à minha própria pergunta — disse Edwarn, balançando a cabeça e levantando-se. — Eu o derrotei, Waxillium, *não* por causa da preparação, embora seja extensa. Eu o derrotei não por astúcia ou força física, mas por causa de uma característica única minha. Criatividade.

— Você vai me espancar com pinturas?

— Sempre rápido para fazer um comentário sarcástico! — disse Elegante. — Bravo.

— *O que você fez?*

— Armei a bomba — disse Elegante. — Está programada para explodir em instantes. A não ser que eu a detenha.

— Que exploda — disse Wax, erguendo os Braceletes, estrato metálico entremeado por um pedaço de metal triangular. — Estou bastante certo de que sobreviverei a isso.

— E aqueles lá embaixo? — perguntou Elegante. — Seus amigos? Meus prisioneiros? Pelos sons que escuto, eles estão lutando vigorosamente pela liberdade. Que triste será vê-los vaporizados por uma explosão que, segundo me disseram, deve ser suficiente para destruir uma grande cidade...

Wax aumentou a velocidade de seus pensamentos usando zinco. Repassou uma dúzia de cenários. Encontrar os explosivos e *empurrá-los* para fora? Quão longe conseguiria levá-los? E Elegante detonaria a bomba antes que ele conseguisse chegar aos explosivos?

Sua velocidade física quase se esgotara — Marasi devia tê-la usado para chegar até ele —, então, sim, Elegante teria tempo, mas *de fato* faria isso? Ele se explodiria, juntamente com aquela nave, para derrotar Wax?

Se o tio fosse um criminoso comum, Wax teria apostado firmemente que não faria isso. Infelizmente, Elegante e o Grupo em geral já haviam demonstrado um grau de fanatismo que ele não esperara. Como o modo como Miles agira enquanto era executado. Aquelas pessoas não eram apenas capangas e ladrões; eram reformistas políticos, escravos de um ideal.

O que mais? O que mais ele podia fazer? Wax descartou um cenário depois do outro. Colocar Marasi e os outros em segurança: lento demais. Atirar em Elegante agora: o homem podia se curar, e Wax poderia

não ter tempo de chegar até a bomba e retirá-la dali antes da explosão. Empurrar a nave para cima? Não conseguiria fazer isso suficientemente rápido, pois, a não ser que *empurrasse* lentamente, destruiria a nave.

— ...sozinha — disse Elegante.

— O que você quer? — cobrou Wax. — Não vou deixar você escapar.

— Não precisa fazer isso — disse Elegante. — Tenho pouca dúvida de que você me perseguiria ao redor do mundo, Waxillium. Posso ser criativo, mas você... Você é *tenaz*.

— Então o quê?

— Você joga os Braceletes pela janela — disse Elegante. — Eu ordeno que a bomba seja desarmada. Então nós nos enfrentamos como homens, sem vantagens antinaturais.

— Acha que confio em você?

— Não precisa confiar — disse Elegante. — Apenas me dê sua palavra de que vai fazer.

— Feito — disse Wax.

— Desarmem o artefato! — gritou Elegante na direção da porta. Andou até a frente da nave e falou num tubo lá. — Desarmem e recuem.

Pés se afastaram da porta. Wax conseguia vê-los partir — não pelos metais, mas pelas assinaturas que suas almas deixavam. Em instantes, ele não via mais ninguém ali, nem escondido em nenhum ponto da ponte.

Uma voz ecoou pelo tubo. O estanho que Wax queimou o permitiu ouvir.

— Feito, milorde — disse a voz. Houve uma pausa. — Graças a Trell.

A voz pareceu aliviada.

Elegante se virou para Wax.

— Há uma tradição nas Terras Brutas, não é mesmo? Dois homens, uma estrada empoeirada, armas nos quadris. Homem contra homem. Um vive. O outro morre. Uma disputa resolvida — disse ele, dando um tapinha na arma que trazia no quadril. — Não posso lhe dar uma estrada empoeirada, mas talvez possamos apertar os olhos e fingir que o gelo é a nossa estrada.

Wax apertou os lábios, que formaram uma linha. Edwarn pareceu totalmente sincero.

— Não me obrigue a fazer isso, tio.

— Por quê? — perguntou Elegante. — Sei que você está *ansioso* por essa oportunidade! Vejo que você tem uma arma de alumínio. Assim como eu. Nenhum empurrão de aço para interferir. Apenas dois homens e suas armas.

— Tio...

— Você sonhou com isso, filho. Uma chance de atirar em mim, sem perguntas e sem violar a lei. Ademais, para a lei, eu já estou morto! Sua consciência pode ficar em paz. Não vou desistir, e estou armado. A única forma de me deter é atirar em mim. Vamos duelar.

Wax mexeu nos Braceletes da Perdição com os dedos e percebeu que sorria.

— Você não entende, não é mesmo?

— Ah, eu entendo. Vi isso em você! A fome oculta do homem da lei, desejando ser libertado para poder matar. É o que define você e seu tipo.

— Não — disse Wax.

Ele soltou o coldre de perna, aquele que costumava segurar sua escopeta, e deslizou os Braceletes

para a bolsa de couro. As balas remanescentes e seus frascos de metal foram em seguida, deixando-o sem metais a não ser a arma de alumínio.

— Talvez eu tenha sentido uma fome oculta — disse Wax. — Mas não é isso o que me define.

— Ah, e o que o define?

Wax jogou a bolsa de couro contendo os Braceletes pela janela quebrada e enfiou a arma no coldre lateral.

— Vou lhe mostrar.

Telsin se apressou na neve, escalando-a, agitada.

Elegante era um idiota. Ela sempre soubera, mas aquele dia deixara isso evidente. Fugir na nave? Era o *primeiro* lugar onde o caçariam. Ele certamente estava morto.

O dia tinha sido um desastre. Um desastre sem paralelos. Waxillium descobriu seu subterfúgio. O Grupo foi exposto. Seus planos estavam desmoronando.

Algo tinha que ser salvo. Cambaleou até uma pequena clareira na neve, perto da entrada do templo, onde seu pessoal tinha colocado o deslizador no qual ela e Waxillium chegaram. Ainda funcionaria, com sorte. Ela sabia como funcionava, observara cuidadosamente durante a viagem. Só precisava...

Algo *bateu* atrás dela.

Ela piscou, vendo o repentino jato vermelho atingir a neve ao seu redor. Flocos vermelhos.

Seu sangue.

— Você matou um dos meus amigos hoje — disse uma voz rouca atrás dela. — Não vou deixar que leve outro.

Ela caiu de joelhos diante do deslizador e virou a cabeça. Wayne estava de pé na neve, com o rosto ainda arrasado, segurando uma escopeta.

— Você... — sussurrou Telsin. — Você não pode... Armas...

— É — disse Wayne, engatilhando a escopeta. — Falando nisso.

Apontou o cano para o rosto dela e disparou.

Marasi subiu os degraus antes ocultos que levavam à sala com o vidro quebrado e o pedestal decorado. Não sabia o que tinha aberto aquele caminho escondido, mas estava contente por isso. Sempre rude, Waxillium simplesmente abrira um buraco para sair das catacumbas, passando diretamente pela pedra e fazendo metade daquela câmara desabar, mas seguir o caminho dele teria exigido uma escalada árdua.

O poder terminara. Ela o dera a Waxillium, mas, em vez de se sentir desolada, ela se sentia... em paz. Tinha a serenidade de uma mulher que ficara deitada ao ar livre num dia perfeito de verão, sentindo o calor enquanto o sol se punha lentamente. Sim, a luz acabara agora, mas, *ah*, que prazer tinha sido.

A pobre MeLaan ainda estava lá, e sua forma começara a incorporar os ossos, montando-os lentamente em uma configuração estranha. Sem estacas, ela se tornara um espectro da bruma. Marasi se ajoelhou ao lado dela, mas não estava certa de qual consolo poderia oferecer. Ao menos, MeLaan ainda parecia estar viva.

Marasi se levantou e seguiu pelo corredor com as armadilhas, chegando à entrada com os muros. Do lado de fora acontecia uma guerra, centenas de tiros ecoando na noite fria tomada de neve. Ela ficou surpresa ao ver que as pessoas mascaradas pareciam estar vencendo. Os soldados haviam sido

empurrados até o limite do campo de pedra, de costas para uma série de abismos e penhascos. Não tinham para onde recuar mais, e muitos deles estavam caídos, mortos ou feridos.

Ela pensou ver a influência de Waxillium no modo como alguns daqueles corpos haviam tombado, como se jogados pelo ar e deformados pela queda. Marasi balançou a cabeça, satisfeita. Que ele fizesse o trabalho que tinha vindo fazer.

Ela ainda precisava concluir o seu. Saiu do templo e desceu os degraus, passando pela estátua do Senhor Soberano segurando algo que agora, com a ponta de lança removida, parecia ser apenas um cajado.

Onde ela iria encontrar...

Um tiro alto foi disparado bem perto. Ela virou a cabeça, procurando a fonte. Um segundo tiro soou.

Um momento depois, Wayne surgiu em meio à nevasca, de cabeça baixa e expressão soturna. Carregava uma escopeta no ombro e segurava não uma, mas *três* pequenas estacas de metal na outra mão.

Wax ficou em silêncio na ponte da nave, esperando algum movimento do tio.

Aquilo não funcionava como nas histórias. Ninguém vencia um homem no saque da arma; não podia acontecer, não sem velocidade feruquêmica. Se você esperasse até ele começar a se mover, seria lento demais. Ele tentara isso, usando tiros de festim, com o homem mais rápido que conhecia.

O homem que sacava primeiro dava o primeiro tiro. Simples assim.

Elegante sacou.

Wax *empurrou* a moldura metálica de uma janela atrás dele. Cruzou a distância entre eles num instante enquanto Elegante disparava. A bala atingiu Wax no ombro, mas ele se chocou contra o surpreso Elegante, jogando os dois no piso na ponte.

Elegante agarrou seu braço. As reservas de metal de Wax desapareceram.

— Arrá! — exclamou Elegante. — Eu me tornei um Sugador! Posso drenar metais de qualquer um que me toque, Waxillium. Você está morto. Sem Braceletes. Sem Alomancia. Eu venço.

Wax grunhiu, aferrando-se a Elegante enquanto rolavam.

— Você se esquece de algo — disse ele. — Mas não me surpreendo. Você sempre odiou isso. Eu sou *terrisano*, tio.

Ele aumentou seu peso muitas vezes.

Drenou tudo que tinha em seu bracelete, centenas de horas passadas mais leve do que deveria ser. Usou tudo num momento de desespero.

A aeronave sacudiu. E então o piso partiu.

Wax agarrou Elegante enquanto caíam, segurando-o com força, embora uma das mãos estivesse enfraquecida por causa do tiro. Atravessaram dois níveis da nave. O corpo de Elegante, que usava cura, suportou o peso dos danos antes de ambos despencarem pelo fundo, surrados, sangrando e feridos por pedaços de madeira lascada.

Elegante parecia horrorizado.

— Seu idiota! Você...

Wax os girou no ar, apontando Elegante para baixo enquanto despencavam. O ar cheio de neve criava um vento que rugia ao redor, com flocos em disparada.

Elegante berrou.

E então *empurrou*.

Ele soltou a moeda que levava na boca e usou sua Alomancia para *empurrá-la* para baixo num disparo em linha reta. Ela atingiu o solo que se aproximava e desacelerou os dois com um solavanco.

Wax reduziu seu peso apenas o suficiente para que o *empurrão* de Elegante os mantivesse vivos. Bateram na neve, a alguma distância do platô com o templo.

Wax se recuperou primeiro. Ficou de pé e levantou Elegante com uma das mãos, os dois sozinhos num campo nevado. Elegante o encarou, tonto por causa da queda e do impacto.

— O que define um homem da lei, *tio*, é simples — disse Wax, sentindo o sangue de uma dúzia de cortes escorrer por seu rosto. Ergueu Elegante pelas roupas, trazendo-o para perto. — Ele é o homem que leva o tiro para que ninguém mais precise.

Com isso, Wax o acertou no rosto e jogou-o na neve, inconsciente.

MeLaan nadava num mar de terror. Terror dentro de sua própria mente, um pedaço dela sabendo que aquilo não era certo. Ser movida pelo instinto, aquele conjunto covarde de impulsos.

Mas foi isso o que ela fez. Comida. Ela precisava de comida.

Não. Primeiramente, um lugar para se esconder. Dos sons que tremiam. Esconder-se, encontrar uma fenda. Continuou a construir um corpo que a permitisse andar. Fugir.

Muito frio. Ela não entendia o frio. Não deveria ser frio. E ela não conseguia sentir o gosto de terra, apenas de pedra. Pedra por toda parte.

Pedra congelada.

Ela sentiu vontade de gritar. Algo estava faltando. Não era comida. Não era um lugar para se esconder, mas... alguma coisa. Algo estava terrivelmente, terrivelmente, terrivelmente errado.

Um objeto caiu em cima dela. Era frio, mas não era pedra. Não era comida. Ela o envolveu e tentou expeli-lo, mas então algo aconteceu.

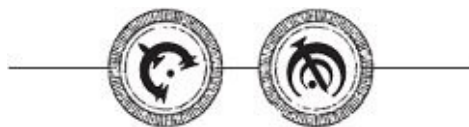
Algo maravilhoso. Ela engoliu um segundo objeto jogado e começou a ondular, agitada. *Tinha voltado*. Memória. Conhecimento. Racionalidade.

Identidade.

Ela exultou com aquilo, ignorando os pequenos buracos em sua memória. Lembrava-se da maior parte da viagem para lá, mas algo havia acontecido na sala com os Braceletes... Não, os Braceletes não estavam lá e...

Ela primeiro formou os olhos, sabendo o que veria quando os abrisse. Já o tinha sentido no ar e conhecia o sabor dele.

— Seja bem-vinda de volta — disse Wayne, sorrindo. — Acho que vencemos.



Marasi aceitou o cantil de Allik. A bebida quente soltava vapor, embora o cantil só estivesse morno ao toque. Estava sentada nos degraus do templo, envolta em cerca de quarenta cobertores. Dera seu medalhão a um indivíduo do povo malwish até que outros pudessem ser apanhados na aeronave.

E a recuperação da nave foi uma cena interessante, para dizer o mínimo: Waxillium de pé na área de pedra diante de platô, com as duas mãos erguidas, *puxando* algo que não era visível. Acima, a aeronave fugida descia lentamente pelo céu tomado de neve, arrastada na direção de Waxillium como se puxada por uma corda invisível.

— Ela vai se romper? — perguntou Allik.

Marasi olhou para ele, surpresa, e depois para seu medalhão de linguagem.

— *Choc* quente e um cobertor serão suficientes por um minuto — disse ele, sentando-se e ajeitando o cobertor ao redor do corpo. — Outros precisam mais, né? A nave. Ela vai quebrar?

Marasi olhou para cima. Podia imaginar o pessoal de Elegante a bordo, tentando desesperadamente fazer com que os motores funcionassem com mais força, os ventiladores soprassem com mais potência. Ainda assim, ela baixava. Waxillium Ladrian, usando os Braceletes da Perdição e absurdamente aborrecido, era como uma força da natureza.

Ela sorriu e tomou sua bebida.

— Ferrugem! — disse ela, olhando para o cantil. — O que é isto?

Era doce, denso, quente, achocolatado e *maravilhoso*.

— *Choc* — disse ele. — Às vezes, é o único alívio de um homem neste mundo congelado e solitário, né?

— Vocês *bebem chocolate*?

— Claro. Vocês não?

Ela nunca tinha bebido. Além disso, aquilo era muito mais doce do que o chocolate a que estava acostumada. Nada amargo. Tomou um longo e prazeroso gole.

— Allik, esta é a coisa mais maravilhosa que já experimentei. E acabei de deter em mim os próprios poderes da criação.

Ele sorriu.

— Acho que sua nave não corre perigo — disse Marasi. — Ele a está *puxando* lentamente e de forma equilibrada. Ele é um homem cuidadoso.

— Cuidadoso? A mim parece que ele é muito eficiente em quebrar coisas. Isso não soa como alguém especialmente cuidadoso, né?

— Bem, ele faz isso com impressionante precisão — disse Marasi, tomando sua bebida.

De fato, não demorou para que a aeronave pousasse nas pedras ainda inteira. Waxillium a manteve no

lugar e depois ergueu os Braceletes da Perdição numa das mãos. Ventos, neve e mesmo traços de brumas giravam ao redor.

Os ventiladores pararam lentamente. Pouco tempo depois, soldados saíram com braços levantados. Wayne e MeLaan foram rapidamente até eles, reunindo suas armas enquanto o povo de Allik entrava na nave para tomá-la e buscar qualquer um ainda escondido ali.

Marasi esperou, bebendo seu chocolate derretido e pensando. A estaca de ReLuur estava seguramente envolta num lenço e enfiada em seu bolso. Com os olhos da mente, ela viu Wayne novamente arrastando-se pela neve, arma no ombro, um padrão de sangue congelado salpicando sua pele. Junto com essa imagem havia o encanto com que Waxillium se lançara no céu para caçar o tio.

Havia naqueles homens uma escuridão que as histórias não tinham transmitido. Marasi ficava contente por isso, mas tinha subido até aquele patamar e voltado. Embora estivesse orgulhosa de ter cumprido sua missão para o kandra, ela decidira que as coisas seriam diferentes no futuro. Estava bem com isso.

Era o que tinha escolhido.

— Gelo! — disse Allik após algum tempo. — Melhor irmos fazer alguma coisa, né?

Ela ergueu os olhos de seu cantil agora vazio e seguiu o gesto de Allik. A tripulação da aeronave malwish voltara da inspeção, e os soldados inimigos tinham sido levados embora — para serem trancados com segurança nas celas na nave, Marasi acreditava.

Elegante ainda estava onde Waxillium o colocara: amarrado ao alto da lança do Senhor Soberano, os pés balançando no ar. Havia sido amordaçado e despido das mentes de mental, e Waxillium usara Alomancia para sugar seus metais. E isso *ainda* parecia não ser cautela suficiente. Ainda tinha suas estacas, já que não sabiam ao certo como removê-las sem matá-lo. Ele não poderia fazer nada sem metais, mas ela não conseguia deixar de se preocupar.

Steris se juntara a Waxillium no campo de pedra, e ele passara um braço sobre seus ombros. Marasi sorriu. *Aquela* era uma cena que ela nunca achara que a reconfortaria. Mas eles ficariam bem juntos.

Infelizmente, problemas se aproximaram de Waxillium e Steris na forma da capitã de Allik e alguns de seus aeronautas. Os dois grupos se encararam. MeLaan e Wayne se colocaram ao lado de Waxillium, Wayne carregando aquela escopeta de maneira relaxada e MeLaan uns bons cinco centímetros mais alta que qualquer outro, com os braços cruzados e postura inabalável.

Certo.

— Vamos lá — disse Marasi a Allik

A capitã de Allik, Jordis, usava um dos medalhões de linguagem e não se encolheu diante da rajada de vento que acompanhou a chegada de Marasi.

— Agradecemos por sua ajuda — dizia Jordis, com o mesmo sotaque de Allik. — Mas nosso agradecimento não nos permite ignorar roubo. Esperamos que nossa propriedade nos seja devolvida.

— Não vejo nenhuma propriedade sua aqui — retrucou Waxillium friamente. — Vejo apenas um artefato que *nós* recuperamos. Bem, isso e minha aeronave.

— Sua... — começou Jordis, mas parou de falar. Ela avançou. — Desde que caiu em suas terras, minha tripulação foi encarcerada, torturada e *assassinada*. Você parece estar ansioso por uma guerra, alomântico.

Droga. Marasi tinha esperado que ela partilhasse a reverência de Allik a Waxillium. De fato, grande parte da tripulação parecia nervosa quanto a ele, mas a capitã evidentemente não pretendia recuar.

— Se haverá uma guerra, dar-lhe uma arma poderosa não parece o método certo de salvar meu povo

— disse Waxillium. — Não posso desfazer o que Elegante e seu pessoal fizeram a vocês. Eles são fora da lei, e o que fizeram foi deplorável. Eu os levarei à justiça.

— E ainda assim você nos rouba.

— Você nega que este templo estava *vazio* quando cheguei? — perguntou Waxillium. — Nega que esta aeronave era de outra nação que não a sua? Não posso roubar o que não tem dono, capitã. Pelo direito de salvação, reivindico esta relíquia e aquela nave. Você pode...

Marasi estava prestes a se colocar entre eles quando, curiosamente, Steris falou, interrompendo Wax.

— Lorde Waxillium, acho prudente deixar que eles fiquem com a nave.

— O quê? Não vou mesmo deixar que...

— Waxillium — disse Steris suavemente. — Eles estão cansados, infelizes e muito longe de casa. Como você sugere que eles retornem aos seus entes queridos? Isso é justiça?

Os lábios dele ficaram apertados.

— O Grupo tem uma dessas naves para estudar, Steris.

— Então — disse Steris, olhando para Jordis —, pediremos, em troca da generosidade deste presente, que o povo malwish comercie conosco. Desconfio que podemos comprar naves mais rapidamente do que o Grupo pode construir uma.

Marasi anuiu. *Nada mal, Steris.*

— Se eles aceitarem vender — alertou Waxillium.

— Acho que farão isso — disse Steris, olhando para Jordis. — Porque sua boa capitã vai persuadi-los de que ter acesso a nossos alomânticos compensa abrir mão de um monopólio tecnológico.

— Isso é verdade — disse Marasi, juntando-se aos outros e tendo Allik com ela. — Nós somos raros entre vocês, não somos?

— Nós? — perguntou Allik quando a capitã olhou para ela.

— Também sou alomântica — disse ela, divertindo-se. — Você não me viu dando carga ao cubo no galpão?

— Eu estava... um pouco distraído? — disse ele, soando confuso. — Ah, bem, hum, ó Grande.

Marasi suspirou, olhando para Jordis.

— Não posso lhe prometer nada — disse a capitã a Steris, parecendo relutante. — Os malwish são um povo entre muitos. Outra nação entre nós pode vê-los como fracos e decidir atacar.

— Então *pode* ser bom informar a eles que os Braceletes da Perdição estão aqui, prontos para punir quem atacar — disse Steris.

Jordis sibilou. Marasi não podia ver seus traços atrás da máscara, mas o gesto de mão que ela fez não parecia demonstrar satisfação.

— Impossível. Vocês estão me dando o prêmio menor para me distrair do maior, né? Não lhe daremos a arma do Supremo.

— Você não está *nos* dando — disse Steris. Olhou para MeLaan, que observava, com os braços cruzados. — Allik, seu povo tem histórias sobre criaturas como ela, não tem?

— Conte aos outros — disse Marasi a Allik. — Por favor.

Ele retirou o medalhão e iniciou uma furiosa explicação em seu idioma, agitando as mãos e apontando para MeLaan. Ela ergueu uma sobrancelha e tornou sua pele translúcida, revelando um esqueleto que estava tão quebrado e arruinado que Marasi ficou momentaneamente chocada. Como MeLaan continuava

de pé?

A capitã absorveu aquilo.

— Daremos os Braceletes à kandra imortal — disse Steris. — Os kandra são sábios e imparciais e têm o dever de servir a todos os povos. Eles prometerão que não nos deixarão usar os Braceletes a não ser que sejamos atacados pelos seus.

Não havia como saber o que a capitã Jordis estava pensando, tendo a expressão oculta atrás daquela máscara. Quando ela falou, fez alguns gestos secos. *Esses gestos podem ser simulados muito mais facilmente do que expressões faciais*, pensou Marasi. O que pensar de uma sociedade na qual todos escondiam seus verdadeiros sentimentos por trás de uma máscara, só revelando reações calculadas?

— É uma solução desagradável — disse Jordis. — Significa que me arrastarei de volta ao meu povo com metade da minha tripulação e minha nave trocada por outra ultrapassada em décadas.

— Verdade — continuou Steris, ao lado de Waxillium, que simplesmente ficava ali de pé, de braços cruzados, *grandioso*, como ele era tão bom em fazer. — Mas, capitã, você voltará com algo mais valioso que uma velha relíquia ou mesmo sua nave caída. Terá novos parceiros comerciais numa terra repleta de Nascidos do Metal. Já foi mencionado que milorde Waxillium tem uma posição importante em nosso governo? Que ele tem uma enorme influência sobre comércio, tarifas e impostos? Aqueles entre vocês que assegurarem tratados favoráveis conosco podem ficar bastante ricos.

Jordis os observou e cruzou os braços, encarando Waxillium.

— Ainda é desagradável.

Jordis era muito menor, mas também conseguia se impor muito bem. De fato, Marasi teve a clara impressão de que aquela mulher queria gritar com eles, atacar em fúria, buscar vingança pelo que tinha sido feito a ela e aos seus. Qualquer coisa, menos simplesmente fazer comércio.

Talvez algumas emoções fossem fortes demais para ser ruim escondidas mesmo por uma máscara.

Jordis finalmente anuiu.

— Muito bem. Que seja feito. Mas não vou partir sem um esboço de um acordo; no mínimo, uma carta de intenções.

Marasi soltou um suspiro de alívio, lançando a Steris um gesto de apreço. Ainda assim, ela não deixou de notar a rigidez na postura de Jordis quando ela e Waxillium trocaram um aperto de mãos. A Bacia não tinha feito uma amizade naquele dia. Com sorte, um esforço de última hora os tinha impedido de fazer uma inimiga.

— Tenho mais um pedido — disse Waxillium a ela.

— O quê? — perguntou Jordis, desconfiada.

— Nada terrível ou custoso — disse Waxillium. — Sinceramente, eu só queria uma carona.

* * *

Os sulistas concordaram, felizmente. Eles não estavam particularmente interessados em carregar uma prisão cheia de soldados inimigos até o Sul. Wax tivera que deixar muito claro que eles não poderiam ficar com Elegante, e a capitã concordou quase sem reclamar. Parecia se dar conta de que sua melhor chance de ter justiça para todos aqueles que haviam agredido sua tripulação era deixar que Wax fizesse interrogatórios completos.

Ele manteve em segredo seus laços com o homem.

Enquanto a tripulação malwish preparava a nave para a viagem, Wax colocou-se diante da estátua do Senhor Soberano, com aquela única estaca no olho. Conferiu o cinto, que era feito de alumínio. Nenhum tipo de carga. Se houve dois braceletes, ele precisava supor que tinham sido transformados naquela ponta de lança.

Marasi passou atrás dele.

— Vou examinar nosso deslizador para checar se deixamos suprimentos para trás.

Wax anuiu. *Tive o seu poder*, pensou, olhando para a estátua. *Mesmo que apenas uma parte mínima dele. Ferrugem... Acho que entendo.*

Ele tinha dado os Braceletes a MeLaan, que as fizera desaparecer em sua carne. Ele estava *feliz* em saber que estavam efetivamente fora do seu alcance. Poder demais.

Ergueu o dedo em despedida para o Senhor Soberano e correu atrás de Marasi.

— Aradel e o Senado não gostarão deste acordo — comentou ao chegar a ela. — Principalmente a parte sobre abirmos mão dos Braceletes.

— Eu sei — disse Marasi.

— Desde que eu possa dizer que não foi minha ideia.

Ela lançou um olhar para ele.

— Você não parece muito arrasado por ter perdido os Braceletes.

— Não estou — reconheceu Wax. — Para ser sincero, eu estava preocupado. Os Braceletes estão em grande medida esgotados, mas provavelmente poderíamos recarregá-los por Composição. O poder que eles oferecem é algo...

— Sublime e devastador ao mesmo tempo? — sugeriu Marasi. — Perigoso por causa do que poderia fazer nas mãos erradas, mas, de algum modo, ainda *mais* perigoso nas nossas mãos?

— Sim.

Naquele momento, eles partilharam algo, açoitados pelo vento. Algo em que tinham tocado, algo que, com sorte, apenas eles conheceriam.

Eles se viraram juntos, sem dizer uma palavra, procurando o deslizador. Jordis ia querer levá-lo na nave, mas primeiramente havia um cadáver que Wax precisava ver. Ele não culpava Wayne pelo que tinha feito a Telsin. Sim, levá-la a Elendel para um julgamento — e um interrogatório — teria sido melhor. E, sim, ele descobrira que preferiria ter puxado o gatilho por si mesmo. Harmonia estava certo sobre isso.

Mas, de qualquer modo, Telsin estava morta. Isso significava...

Sangue na neve.

Nenhum deslizador.

Mais importante, nenhum corpo.

Marasi ficou paralisada, mas Wax se aproximou da área vazia. Ela escapulira novamente. Descobriu que não estava surpreso, embora estivesse impressionado. Ela decolara no deslizador e partira durante a luta, escapando em meio ao caos.

Wayne devia saber que ela poderia se curar, pensou Wax, ajoelhando-se ao lado do sinistro padrão de gotas de sangue que parecia delinear um corpo.

— Então não está encerrado — disse Marasi.

Wax limpou as gotas de sangue congeladas no chão. Ele passara os dezoito meses anteriores tentando salvar aquela mulher. E quando finalmente conseguira, ela o matara.

— Não está encerrado — disse ele. — Mas, em certos sentidos, isso é melhor.

— Porque sua irmã não está morta?

Ele se virou para Marasi. Parecia que, a despeito de ter passado horas naquele lugar congelado, o frio só agora chegara dentro dele.

— Não — respondeu. — Porque agora tenho alguém para caçar.



— Wax, você *tem* que ver isso!

Wax inclinou a cabeça para trás, com os olhos remelentos. Aqueles catres não eram exatamente agradáveis, mas pelo menos a aeronave voava de modo sereno e suave. Isso era bom, já que o deslizador sempre parecia estar a uma rajada de vento de se lançar numa encosta.

Wayne tinha metade do corpo pendurada para fora da grande janela do quarto.

— Essa janela abre? — perguntou Wax, surpreso.

— Qualquer janela abre se você a empurrar com força suficiente — disse Wayne. — Olhe, você *tem* que ver isso.

Wax suspirou, levantando-se e curvando-se para fora da janela ao lado de Wayne. Abaixo, Elendel se espalhava como um vasto mar de luzes.

— Como rios de fogo — murmurou Wayne. — Olhe como segue padrões. Áreas ricas mais iluminadas, estradas em linhas. Lindo.

Wax grunhiu.

— Isso é tudo que você pode dizer, meu chapa?

— Wayne, eu vejo isso basicamente toda noite.

— Agora, isso não é justo. Você deveria se sentir culpado.

— Por ser um Lançamoedas?

— Por usar truques na vida, Wax.

— Que tal eu me sentir grato?

— Acho que vai ter que servir.

Wax se acomodou em seu catre e colocou as botas, dando os laços. Ele sentia dor como um homem que tivesse levado uma surra. Gostaria de poder colocar a culpa no esforço dos últimos dias, mas ele tivera os Braceletes da Perdição e havia sido completamente curado.

Isso significava que as dores eram apenas resultado de dormir algumas horas naquele catre. Ferrugem! Ele *estava* ficando velho. Contudo, descobriu que a mortalidade não o assustava mais como antes.

— Deveríamos ir à ponte — sugeriu ele, levantando-se.

Um dia inteiro se passara desde que tinham deixado as montanhas. Havia parado numa cidade para telegrafar, por insistência de Wax, e depois esperaram até a noite para voar até Elendel. Ele não tinha nenhuma intenção de fazer uma enorme nave de guerra voadora sobrevoar perto da cidade sem ao menos dar um alerta antes.

Jordis havia passado a cooperar assim que ele lhe prometera suprimentos para sua viagem de volta como pagamento. Ele sabia que Marasi se preocupava com a capitã, mas olhara nos olhos da mulher por trás da máscara. Ela era um soldado, uma assassina, a despeito de alegar que sua nave era apenas

comercial.

Ela sabia. Wax tivera os Braceletes. Poderia ter eliminado os malwish e roubado sua nave sem pensar duas vezes. Em vez disso, cedera ao acordo de Steris. A despeito das palavras duras, Jordis se deu conta de que conseguira mais naquele acordo do que tinha qualquer motivo para esperar.

Wayne se juntou a ele fora do quarto e os dois se colocaram de lado quando alguns aeronautas cansados passaram. Ele não podia ver seus rostos, mas podia ler um mundo de emoções nas suas costas curvadas e fala contida.

— Eles estão arrasados — suspirou Wayne, olhando por cima do ombro enquanto os aeronautas avançavam. — Não foi justo o que aconteceu a esse pessoal, Wax.

— E a vida é justa?

— Ela foi comigo — retrucou Wayne. — Mais que justa, creio. Considerando o que eu mereço.

— Quer falar sobre o que aconteceu? — perguntou Wax.

— O quê?

— Você usou uma arma, Wayne.

— Ah, era uma escopeta. Isso quase não conta.

Wax apoiou a mão no ombro do amigo.

Wayne deu de ombros.

— Acho que meu corpo se perguntou “por que não?”.

— Achei que significava que você tinha se perdoado.

— Não — negou Wayne. — Eu apenas estava mesmo furioso com a sua irmã.

— Você sabia, não é? — perguntou Wax, franzindo a testa. — Que ela iria se curar?

— Bem, eu não queria matar alguém a sangue frio...

— Imagino que isso seja bom.

— Mas não havia fogo por perto para esquentar o sangue dela antes.

— Wayne...

O homem mais baixo suspirou.

— Vi as mentes de metal saindo debaixo das mangas. Imaginei que qualquer um que pudesse ter um poder de um feruquemista escolheria o poder de cura. Eu não ia matar a sua irmã, meu chapa. Mas não me importei de dar um susto nela, e eu precisava das estacas de MeLaan.

O olhar de Wayne ficou distante.

— Deveria ter ficado ali, suponho. Para impedi-la de fugir, sabe? Mas não estava com a cabeça boa, por assim dizer. Achei que você estava *morto*, meu chapa. Realmente achei. E não parava de pensar: “Será que Wax realmente mataria Telsin? Ou lhe daria outra chance, como me deu?” Então deixei ela sozinha para se curar. Eu me segurei, porque era a última coisa que podia fazer por você. Isso faz sentido?

Wax apertou o ombro de Wayne.

— Obrigado. Fico contente que esteja aprendendo.

Parecia falsidade dizer isso quando, no fundo, ele queria que Wayne tivesse tirado as mentes de metal e deixado Telsin como um cadáver congelado.

Wayne sorriu. Wax apontou com o queixo na direção em que os aeronautas tinham ido.

— Encontro você lá em cima.

— Vai pegar sua mulher? — perguntou Wayne. — Ela vai ter dificuldade em se adaptar à vida aqui, longe de seu habitat natural dos desertos de neve congelados e desolados lá em cima...

— Wayne — interrompeu Wax, suave, mas com firmeza.

— Sim?

— Chega.

— Eu só estava...

— *Chega*.

Wayne parou, com a boca aberta. Depois, lambeu os lábios e anuiu.

— Certo, então, vejo você lá em cima daqui a pouco, meu chapa?

— Estaremos lá.

Wayne afastou-se na direção da ponte. Wax seguiu pelo corredor, passando por várias portas até o quarto que Steris e Marasi dividiam. Ergueu a mão para bater, mas a porta estava entreaberta, então espiou. Steris estava deitada num catre, enrolada num cobertor, dormindo serenamente. Não havia sinal de Marasi; ela mencionara que queria ver a aproximação da cidade a partir da ponte.

Ele hesitou à porta, observando Steris dormir. Quase foi embora; ela tinha passado por muita coisa nos últimos dias. Devia estar exausta. Assim que chegassem a Elendel, ainda teriam que desembarcar os prisioneiros e colocar suprimentos a bordo — talvez levassem horas até a nave partir. Ela poderia dormir um pouco mais, não podia?

A porta rangeu quando ele se apoiou, e Steris acordou assustada. Seus olhos o viram imediatamente. Então, sorriu, relaxando, e recostou-se no travesseiro. Ela usava um vestido de viagem sob o cobertor.

Wax entrou no quarto e se acomodou no catre em frente a Steris; havia tão pouco espaço no aposento que seus joelhos tocaram o outro catre ao se sentar. E aqueles eram os quartos que os aeronautas consideravam grandes. Inclinou-se para a frente, tomando a mão de Steris.

Ela as apertou, com os olhos fechados novamente, e os dois ficaram sentados ali. Imóveis. Todos os outros podiam esperar alguns minutos.

— Obrigado — disse Wax suavemente.

— Pelo quê? — perguntou ela.

— Por vir comigo.

— Não fiz muito.

— Você foi extremamente útil na festa — disse Wax. — E suas negociações com os malwish... Steris, aquilo foi incrível.

— Talvez — disse ela. — Mas ainda sinto que fui basicamente um peso na maior parte da viagem.

Ele deu de ombros.

— Steris, acho que somos todos assim. Levados de um lugar ao outro pelo dever, ou pela sociedade, ou pelo próprio Deus. Parece que estamos apenas seguindo em frente, mesmo em nossas próprias vidas, mas de vez em quando nós *realmente* enfrentamos uma escolha. Uma escolha de verdade. Podemos não ser capazes de escolher o que nos acontece, ou onde iremos parar, mas escolhemos ir numa direção — disse, apertando a mão dela. — Você escolheu ir na minha direção.

— Bem, o lugar mais seguro geralmente é perto de você... — disse ela, sorrindo.

Ele embalou o rosto dela com a mão áspera e calosa. *Outra aventura*.

Finalmente, um aeronauta foi procurar por eles, e Wax relutantemente se levantou, ajudando Steris. Então caminharam de braços dados pelos corredores da nave até a ponte, onde os outros aguardavam.

Ali, Wax pôde apreciar o que Wayne tinha visto. Com a vista panorâmica da ponte, a cidade realmente era grandiosa à noite. *Será que essa visão se tornará comum?*, perguntou-se Wax enquanto Steris apertava seu braço, sorrindo com a vista. A tecnologia aeronáutica era nova, mas não tinham se passado muitos anos desde que ele vira o primeiro carro motorizado na rua.

Marasi estava orientando a capitã Jordis pela cidade. Wax não conseguia ler nada na postura da capitã ou de sua tripulação. Estariam impressionados com o tamanho da cidade e a altura dos arranha-céus? Ou essas coisas eram comuns no Sul?

Eles se aproximaram da Torre Ahlstrom, e Wax só podia imaginar as histórias que apareceriam nos jornais na manhã seguinte. Ótimo. Ele odiava subterfúgios; que todas as pessoas em Elendel soubessem que o mundo acabara de se tornar um lugar muito maior.

A Torre Ahlstrom, da qual Wax era em parte proprietário, tinha um teto reto. A capitã lhe assegurara que podia pousar sua nave “num prego, desde que a cabeça seja lisa o suficiente”. Cumprindo a palavra, eles baixaram a aeronave.

— Tem certeza de que não quer ficar? — perguntou Marasi a Jordis. — Visitar nossa cidade, descobrir como *realmente* somos?

— Não. Obrigada — respondeu ela. As palavras soaram forçadas a Wax. Mas como saber com o sotaque dificultando as coisas? — Aceitaremos sua oferta de suprimentos e partiremos esta noite.

Hora de desembarcar. Juntos, seguidos pelos outros, Wax e Steris passaram novamente pelos corredores.

— Quase parece que toda essa experiência foi um sonho — disse Steris suavemente. — Preciso escrever tudo rápido, antes que desapareça.

Wax se viu concordando enquanto pensava em seu encontro com Harmonia. O corredor levava a um ponto em que a parede se abria e uma comprida ponte de atracação fora colocada, levando ao teto da torre. Lá, Wax identificou diversas pessoas curvando o pescoço para olhar para a nave. O governador Aradel estava ali.

Allik ficou junto à porta e ergueu a máscara quando Wax se aproximou. Não fez mesura ou gesto de cabeça, mas manteve a máscara erguida. Talvez fosse a mesma coisa entre seu povo, já que os outros aeronautas fizeram o mesmo.

— Poderoso — disse Allik a Wax. — Que seu próximo fogo lhe seja conhecido.

— A você também, Allik.

— Ah, ele é — respondeu, com um sorriso. — Pois o *meu* próximo fogo é minha casa, né?

Ele olhou para Marasi e, então, ergueu a mão e retirou a máscara quebrada, que tinha colado. Estendeu-a com as duas mãos, o que causou alguns sustos atrás dele.

— *Por favor* — disse, com mais sotaque do que quando estivera falando antes.

A capitã, que não tinha erguido sua máscara para Wax, ficou rígida com o gesto. Marasi hesitou, mas depois aceitou a máscara.

— Obrigada.

— Obrigado, srta. Marasi. Por toda a vida — disse Allik. Ele pegou uma máscara simples e sem adornos que trazia na cintura e a prendeu com a tira de couro. Não era realmente nada mais que um pedaço de madeira curvo com buracos para os olhos. — Anseio por voltar para casa, mas meu fogo

seguinte pode ser aqui novamente. Planejo aceitar sua oferta de visitar esta cidade.

— Desde que você traga mais *choc*, pode vir sempre que desejar — respondeu Marasi.

Wax sorriu, e então os cinco devolveram os medalhões de peso à capitã, uma formalidade que haviam lhes dito ser costumeira. Jordis já presenteara Wax com um de cada, linguagem e acumulação de calor. Wayne provavelmente roubara outro conjunto, embora Wax pretendesse deixar para perguntar isso a ele depois que estivessem fora da nave.

Wax os guiou rampa abaixo, de braços dados com Steris.

— Falando sério, Waxillium — disse Marasi, andando ao lado deles —, você precisa importar aquele chocolate. Não sei o que eles colocam, mas é impressionante. Você acha que as aeronaves serão algo grandioso? Espere até *provar* aquela coisa.

— Ei — disse Wayne, colocando-se do outro lado, mas torcendo o pescoço para olhar para as pessoas na nave atrás deles. — Marasi, acho que aquele tal piloto *gosta* de você.

— Obrigada por partilhar conosco seus brilhantes poderes de observação, Wayne — respondeu ela.

— Isso poderia ser politicamente útil — comentou Steris.

— Por favor — reclamou Marasi. — Ele é praticamente uma *criança* quando comparado comigo. E não ria.

— Eu não ousaria — disse Wax, olhando para a frente. Contudo, não deixou de notar a reverência com que Marasi carregava a máscara.

À frente, um grupo de assistentes e guardas do governador se apertava numa bolha de proteção, como se pudessem repelir a bizarrice diante deles — e o que aquilo representava — com calor corporal coletivo. O próprio Aradel estava afastado, como se tivesse sido expulso do grupo.

Wax caminhou até ele, acompanhado de Steris, e esperou.

— Maldição — disse Aradel finalmente.

— Eu o *alertei* — retrucou Wax.

Aradel balançou a cabeça, assombrado, com os olhos arregalados.

— Bem, talvez isso distraia as pessoas do desastre que vocês iniciaram em Nova Seran.

— Muito ruim? — perguntou Steris.

Aradel grunhiu.

— O Senado tem grelhado minhas bolas no fogo há dois dias, gritando sobre guerra e uma liderança irresponsável. Como se *um dia* eu tivesse tido alguma influência sobre vocês — começou ele, finalmente desviando os olhos da aeronave. Então, tossiu, como se percebendo o que acabara de dizer e a quem dissera.

Wax sorriu. Aradel era direto, mas normalmente tinha mais tato do que aquilo. Não se ia longe como policial sem *alguma* compreensão de como lidar com o ego das pessoas.

— Minhas desculpas, Lady Harms — disse ele. — Ladrian, preciso ouvir o que aconteceu em Nova Seran. A pura verdade, de sua própria boca.

— Você a terá — prometeu Wax. — Amanhã.

— Mas...

— Governador — interrompeu Wax. — Compreendo sua situação, mas você não tem *ideia* do que nós passamos nos últimos dias. Meu pessoal precisa descansar. Amanhã. Por favor...

Aradel grunhiu.

— Certo.

— Preparou aquilo que lhe pedi? — perguntou Wax.

— Está lá embaixo — respondeu Aradel, voltando a olhar para a aeronave. — Na cobertura.

O governador respirou fundo. O comissário-geral Reddi tinha liderado um grupo de policiais para aceitar a transferência de prisioneiros.

Wax agora podia ver que a nave pousara no prédio apenas *parcialmente*. Um ventilador girava preguiçosamente, mantendo a nave no lugar. É provável que tenha sido *feito de propósito como uma mensagem*, pensou sobre o pouso. *A tripulação quer nos lembrar de que embora possamos ter essa tecnologia em breve, ainda estaremos muitos anos atrasados em sua utilização.*

— Acho que ficaremos bem — disse Wax a Aradel. — Se as cidades externas estavam pensando em nos atacar, desconfio que isso as deterá. Espalhe a notícia de que uma *aeronave* voou pelo centro de Elendel e me desembarcou, partindo em paz em seguida.

— Estabelecemos tratados iniciais, senhor governador — acrescentou Steris. — Favoráveis a nós no comércio. Isso deverá deter os falcões e nos dar tempo para ajustar as coisas.

— Sim, talvez — disse Aradel. — Mas vai ser um metal duro de engolir para o Senado, Ladrian. Não a aeronave em si, mas o fato de que eu, aparentemente, estou deixando que ela parta — começou. Depois, hesitou. — Não contei a eles o que você disse sobre o outro item.

— Os Braceletes da Perdição? — perguntou Wax.

Aradel anuiu, político demais para dizer o que Wax tinha certeza que estava pensando. *O que você fez comigo desta vez, Ladrian?*

— MeLaan — chamou Wax. — Você se incomoda de cuidar disso?

— Certamente — disse ela, andando até eles. Usava um traje emprestado pelos sulistas, composto por calças masculinas e botas que iam até a metade das canelas. Apoiou um braço no ombro do governador.

— Santificada — disse Aradel, com a voz tensa, mas reverente. Olhou para Wax. — Você percebe o quanto exatamente é injusto lidar com você quando pode apelar para mensageiros celestiais para tirá-lo de apuros?

— Isso não é nada — disse Wax, guiando Steris para descerem a escada. — Um dia me pergunte sobre a conversa que tive com Deus na última vez que morri.

— Isso foi maldoso — disse Steris enquanto chegavam aos degraus.

— Absurdo — disse Wax. — Ele agora é um político. Precisa praticar ter conversas que o abalarão. Isso o ajuda a se preparar para debates e tudo mais.

Ela o encarou.

— Vou me comportar melhor — prometeu ele, segurando a porta aberta para ela. Marasi caminhou para se juntar a eles, mas Wayne a segurou pelo braço e balançou a cabeça.

— Melhor? — perguntou Steris. — Então isso significa não reclamar mais de festas?

— Claro que vou resmungar — disse Wax, seguindo-a para a escadaria e deixando os outros para trás. — É um traço de caráter definidor. Mas vou tentar limitar o pior a você e Wayne.

— E eu prometo ficar devidamente impressionada com seus feitos ao salvar todos de tudo — disse Steris, sorrindo para ele. — E sempre levar alguns frascos de metal, por garantia. Por falar nisso, para onde estamos indo? Ele sorriu, guiando-a até o último andar do arranha-céu, uma cobertura magnífica que, no momento, estava desocupada, já que os moradores tinham se mudado para Elmsdel, onde passariam longas férias. Sentado em uma cadeira no salão do lado de fora do apartamento estava um

homem de aparência cansada, usando os trajes de um sacerdote sobrevivencialista, incluindo a capa de bruma formal — na verdade, era mais um xale — sobre túnicas adornadas com costuras nas mangas para representar as cicatrizes.

Steris olhou para Wax, curiosa.

— Steris, eu estava me perguntando se estaria disposta a ser minha esposa — disse Wax.

— Eu já concordei...

— Sim, mas, na última vez, perguntei na expectativa de obter um contrato — disse Wax. — Eu era o lorde de uma casa pedindo em união uma mulher de recursos. Bem, esse pedido permanece, e agradeço, mas estou pedindo novamente. É importante para mim. Quer se casar comigo? Quero me casar com você. Neste instante, diante do Sobrevivente e desse sacerdote. Não porque palavras num papel dizem que temos que fazer isso, mas porque queremos — disse ele, pegando-a pela mão e falando mais suavemente. — Estou dolorosamente cansado de ficar sozinho, Steris. É hora de admitir isso. E você... Bem, você é incrível. Realmente é.

Steris começou a fungar. Soltoou a mão e limpou os olhos.

— Esse é... um choro bom ou ruim? — perguntou Wax. Tantos anos lidando com mulheres e às vezes ele ainda não sabia a diferença.

— Bem, isso não estava em nenhuma das minhas listas, entende?

— Ah — reagiu, sentindo o coração pesado.

— Não acho que já tenha deixado algo fora das minhas listas que fosse tão maravilhoso. — Ela concordou, com o nariz vermelho e fungando. — E isso é maravilhoso. Obrigada, Lorde Waxillium. Mas esta noite? Tão cedo? Os outros não merecem ir ao casamento?

— Eles *foram* a um — disse Wax. — Não temos culpa se não houve um casamento. Então... O que me diz? Quer dizer, se você estiver cansada da viagem, não deixe que eu a pressione. Só pensei que...

Em resposta, ela o beijou.

EPÍLOGO



Marasi achava revigorante trabalhar à luz de velas. Talvez fosse o perigo primordial que havia nisso. Luzes elétricas pareciam seguras, contidas, refreadas, mas uma chama aberta, bem, isso era algo cru. Vivo. Uma pequena centelha de fúria que, se livre, podia destruí-la e tudo em que trabalhava.

Ela trabalhava com muitas dessas centelhas naquela época.

Sua escrivania no quartel-general da polícia do oitante estava coberta de anotações, arquivos, entrevistas. Estivera presente na maioria dos interrogatórios feitos nas duas últimas semanas, aconselhando o comissário-geral Reddi. Os dois agora trabalhavam tão próximos que às vezes era difícil lembrar o quanto ele fora difícil nos primeiros meses de Marasi na delegacia.

Embora o próprio Elegante não tivesse dado qualquer informação, muitos de seus homens falaram. Sabiam apenas o bastante para ser irritante. Tinham sido recrutados entre os jovens dissidentes das cidades externas e seus ouvidos foram enchidos de histórias sobre o Sobrevivente e sua luta contra o governo imperial. Tinham sido treinados em cidades como Rashekin e Bilming, longe do governo central, em complexos fechados que eram muito maiores do que qualquer um sabia.

Aradel e os outros tinham se concentrado nesses detalhes. Tropas, cronogramas, tecnologia, como o aparelho de fala à distância que Waxillium roubara da mansão de Lady Kelesina. Eles se preparavam para a guerra enquanto falavam de paz.

Estavam assustados, e com todo o direito. Décadas de negligência não tão benigna tinham criado aquela situação grave. Com sorte, as coisas ainda podiam ser solucionadas pacificamente. Marasi deixava isso a cargo dos políticos. Ignorou o nacionalismo radical, a retórica, e voltou sua atenção para outra coisa. Histórias entre os homens sobre algo incomum, algo além dos boatos de aeronaves e novos metais alomânticos.

Ergueu uma folha coberta de anotações. Referências parciais, admissões feitas com olhares de soslaio, sempre aos sussurros. Relatos de homens de olhos vermelhos que apareciam à noite. Ela acrescentou as histórias aos seus arquivos de pesquisa sobre Trel, o antigo deus que as pessoas, de algum modo, tinham voltado a venerar. Um deus que tinha criado estacas para corromper a kandra Paalm e cujo nome estava nos lábios de muitos dos prisioneiros.

Ela passara meses pesquisando e ainda não sabia nada. Mas *iria* encontrar respostas, de um modo ou de outro.

Os captores de Elegante tinham pensado em chocá-lo com a austeridade de seus aposentos. Uma cela comum no subsolo da prisão, com um balde para necessidades e um único cobertor na cama. Uma tática velha e sem sentido. Como se ele só tivesse conhecido pétalas de rosas e camas de plumas em sua vida, como se nunca tivesse dormido num bloco de pedra.

Bem, eles iriam ver. Qualquer coisa podia ser uma vantagem. Naquele caso, era uma chance de provar

sua força. Não diria nada, e eles veriam.

Então, não ficou nada surpreso quando, após duas semanas de cativeiro, a porta do corredor estalou durante certa noite e um estranho entrou. Dessa vez, um homem, com barba malcuidada e cabelo desgrenhado. Um pedinte tirado das ruas, imaginou Elegante.

Dava para dizer pelo modo como eles andavam. Nunca uma caminhada, nunca relaxados. Sempre rápidos, determinados. Objetivos.

Claro que os olhos vermelhos brilhando suavemente eram outro indício. Pelo que Elegante conseguira determinar, Waxillium e seus idiotas ainda não tinham conhecimento daquelas criaturas. Eles não entendiam, não podiam entender.

O Grupo tinha seus próprios Imortais sem Rosto.

Elegante levantou-se, baixando as mangas de seu macacão de prisioneiro e alisando as dobras nos ombros.

— Duas semanas é mais tempo do que eu esperava.

— Nosso cronograma não é o seu.

— Eu não estava me queixando — comentou Elegante. — Apenas fazendo uma observação. Estou totalmente disposto a esperar à disposição de Trell.

— Está? — perguntou o imortal. — Nosso entendimento é que você pressiona por uma aceleração.

— Eu estava simplesmente apresentando meu ponto de vista — esclareceu Elegante. — Para que o devido diálogo possa ser iniciado.

A criatura o estudou por entre as grades.

— Você não falou nem contou segredos?

— Não.

— Estamos impressionados.

— Obrigado.

Vantagem. Mesmo duas semanas na prisão podiam ser usadas para provar algo.

— O cronograma será acelerado, como você pediu — disse o imortal.

— Excelente!

A criatura enfiou a mão no bolso e retirou um aparelho que parecia um pequeno pacote envolto em fios. Uma das primeiras tentativas de Irich de criar um equipamento explosivo a partir do metal que fazia as aeronaves funcionarem. Ele se mostrara ineficaz, pouco mais explosivo que dinamite, quando eles precisavam de algo que pudesse eliminar cidades.

— O que é isso? — perguntou Elegante, ficando nervoso.

— Nosso ritmo acelerado não exige mais que o Grupo tenha toda a sua hierarquia.

— Mas você precisa de nós! — disse Elegante. — Para governar, para administrar a civilização em...

— Não mais. Avanços recentes tornaram a civilização aqui perigosa demais. Permitir que ela continue é arriscar outros avanços que não podemos controlar, então decidimos, em vez disso, remover a vida desta esfera. Obrigado por seus serviços. Eles foram aceitos. Você será autorizado a servir em outro reino.

— Mas...

A criatura acionou o equipamento explosivo, fazendo a si mesmo, e a Elegante, em pedaços.

Wax acordou assustado. Aquilo tinha sido uma explosão?

Olhou ao redor, dentro da suíte silenciosa da cobertura na torre. Steris estava encolhida na cama, dormindo ao seu lado, totalmente imóvel, embora segurasse seu braço fracamente. Costumava fazer isso. Como se tivesse medo de soltar e colocar em risco aquele final.

Olhando para ela à luz das estrelas, ele ficou chocado com o profundo afeto que sentia por ela. Sua surpresa não o preocupou. Conseguia se lembrar de muitas manhãs em que sentira essa mesma surpresa ao acordar junto a Lessie. Assombro com sua sorte, espanto com a profundidade de sua própria emoção.

Ele afastou a mão dela delicadamente e arrumou o lençol sobre ela antes de sair da cama e caminhar sem camisa pelo quarto na direção da varanda.

Eles tinham passado a lua de mel ali, na cobertura, em vez de retornar à mansão. Parecia um bom modo de ter um novo começo, e Wax estava começando a pensar em se mudar para lá de modo permanente. Ele se sentia uma nova pessoa pelo que parecia ser a centésima vez em sua vida, e aquela era uma nova era. Não mais uma era de mansões silenciosas e conversas na sala de fumar, mas uma era de ousados arranha-céus e política vibrante no centro da cidade.

Havia brumas contorcendo-se do lado de fora, embora o arranha-céu fosse alto o suficiente para ele achar que podia ver estrelas e a Fenda Vermelha através das brumas. Pensou em abrir as portas e sair para a varanda, mas se deteve, notando sua penteadeira, onde Drewton colocara uma série de objetos. O laçao tinha arrumado as coisas de Wax, tiradas de seus bolsos e recuperadas no hotel de Nova Seran. Drewton provavelmente queria saber o que deveria ser guardado e o que deveria ser jogado fora.

Wax sorriu, passando os dedos sobre a gravata amassada que usara na festa com Steris. Lembrou-se de tê-la jogado no chão ao vestir calças e o casaco de bruma em seu quarto antes da fuga apressada. Drewton a colocara junto com um guardanapo da festa, com monograma, e até mesmo uma tampa de garrafa que ele guardara para o caso de precisar de algo para *empurrar*. Mas Drewton a colocara sobre um paninho, como se pudesse ser a coisa mais importante do mundo.

Wax balançou cabeça, pousando a mão na porta da varanda. Então, ficou paralisado e olhou novamente para a penteadeira.

Estava bem ali. A moeda que lhe fora dada pelo mendigo, reluzindo à luz fraca das estrelas. Drewton devia tê-la encontrado em seu bolso. Wax esticou a mão, hesitou um momento e então a pegou antes de sair para as brumas.

Será que podia ser?, pensou ele, erguendo a moeda. Dois metais diferentes. Um era prateado. Poderia ser nicrosil? O outro era cobre. Um metal feruquêmico. Embora o padrão gravado não fosse o mesmo, e a própria moeda fosse menor, não parecia assim tão diferente dos medalhões dos sulistas.

Assim que pensou nessa possibilidade, assim que soube o que aquilo poderia fazer, a mente de metal começou a funcionar, e ele encontrou um estoque dentro, uma reserva que podia acessar. Wax perdeu o ar.

Eles as chamavam de mentes de cobre. Um tipo muito especial de acumulação feruquêmica. Um que estocava lembranças.

Ele acessou.

Imediatamente, Wax estava num lugar diferente. Uma terra nua, sem ninguém à vista, apenas poeira soprando ao redor. Era difícil experimentar aquela perspectiva, pois apenas metade da visão do usuário daquela mente de cobre era normal.

A outra era toda em azul, com linhas por toda parte. A visão de um homem com uma estaca no olho.

A figura cruzou aquela terra desolada, passando por plantações malcuidadas e abandonadas para

morrer e agitar-se ao vento. À frente havia uma cidade, ou os restos de uma.

Ele ouviu suas próprias botas na pedra suja, o sopro do vento, e sentiu frio. Continuou a entrar na cidade, passando por fundações marcadas por velhas fogueiras esgotadas. De algum modo, ele soube que os habitantes dali — assim como os de outras aldeias e cidades pelas quais passara — tinham derrubado as próprias paredes em busca de lenha, desesperados para sobreviver.

Havia corpos nas ruas, nus. Suas roupas haviam sido usadas para fazer fogueiras depois que eles congelaram no que a maioria dos homens consideraria apenas um clima levemente frio.

À frente erguia-se uma habitação de pedra semelhante a um bunker. Comprida e estreita, ela lembrava a ele alguma coisa — não algo que Wax conhecia, mas uma lembrança na mente do homem que estocara aquela experiência. Uma lembrança de algo muito anterior, que passou por sua consciência e sumiu em um instante.

O viajante prosseguiu, chegando à passagem, que estava aberta. Tinham queimado a porta.

Dentro, uma massa de pessoas encolhidas juntas para se esquentarem, inutilmente envoltas em cobertores. Não restavam fogueiras.

Elas tinham queimado até mesmo suas máscaras.

O viajante se moveu entre elas, despertando alguma preocupação, embora a maioria das pessoas o observasse com olhos vazios. Esperando a morte. Encontrou os líderes perto do centro, os anciões, envelhecidos e usando máscaras de pano no rosto, as únicas coisas que lhes restavam. Uma mulher idosa ergueu os olhos para ele e levantou a máscara.

Ele a viu normalmente num mundo, e perfilada em azul em outro. O viajante estendeu a mão, segurou a mulher pelo ombro, ajoelhou-se e sussurrou uma única palavra.

Wax despertou daquela lembrança com um choque, derrubando a moeda e recuando.

A moeda bateu na varanda e parou perto do seu pé.

Aquele braço... Aquele *braço*. Marcado por uma rede de cicatrizes acumuladas umas sobre as outras, como se feitas por raspar a pele repetidamente. A palavra assombrosa que ele dissera ecoava na mente de Wax.

— *Sobreviva.*

POST-SCRIPTUM

Marasi, Wax e Wayne retornarão em *The Lost Metal*, o final épico da série Mistborn: Segunda Era. Planejo lançá-lo depois de *Oathbringer*, o terceiro volume de “Stormlight Archive”, que estou dando duro para escrever neste momento.

Para sustentá-los até *Oathbringer*, acabei de lançar uma novela, publicada exclusivamente em meio digital, que deve ser lida depois de *Os Braceletes da Perdição*, embora aconteça durante os acontecimentos da trilogia original. Com dez anos de desenvolvimento, *Mistborn: Secret History* talvez responda a algumas de suas perguntas.

Sempre há um novo segredo.

BRANDON SANDERSON
Janeiro de 2016

ARS ARCANUM

SOBRE AS TRÊS ARTES METÁLICAS

Em Scadrial, existem três manifestações principais de investidura. Localmente, elas são chamadas de artes metálicas, embora haja outros nomes para elas.

A Alomancia é a mais comum das três. É uma arte de fim positivo, de acordo com minha terminologia, ou seja, o praticante retira poder de uma fonte externa. Então, o corpo usa esse poder de várias formas. O efeito do poder não é escolhido pelo praticante, mas, em vez disso, é gravado em sua Teia-Espiritual. A chave para extrair esse poder vêm na forma de diversos tipos de metais, exigindo composições específicas. Embora o metal seja consumido no processo, o poder em si não vem de fato do metal. O metal é um catalisador, pode-se dizer, que inicia uma investidura e a mantém em marcha.

Na verdade, não é muito diferente das investiduras baseadas em formas que se encontra , onde formatos específicos são as chaves — aqui, no entanto, as interações são mais limitadas. Ainda assim, não se pode negar o poder da Alomancia. Ela é instintiva e intuitiva para o praticante, sem exigir uma grande quantidade de estudo e exatidão, como se encontra nas investiduras de Sel baseadas em formas.

A Alomancia é brutal, crua e poderosa. É acessada por dezesseis metais-base, embora dois outros, chamados localmente de Metais Divinos, possam ser usados para formar outro conjunto de dezesseis ligas cada um. No entanto, como esses Metais de Deus não estão mais disponíveis, os outros metais não são amplamente usados.

A Feruquemia ainda é amplamente conhecida e usada nesse momento em Scadrial. De fato, talvez seja possível dizer que é mais presente hoje em dia do que foi em muitas eras no passado, quando estava confinada à distante Terris ou escondida pelos Guardadores.

A Feruquemia é uma arte de fim neutro, ou seja, não se ganha nem se perde nesse poder. Essa arte também exige metais como ponto focal, mas, em vez de ser consumido, o metal funciona como um meio de armazenar capacidades dentro do praticante. Investe-se naquele metal num dia e retira-se poder dele em outro dia. É uma arte diversificada, com algumas sondagens no Físico, algumas no Cognitivo e até mesmo algumas no Espiritual. Esses últimos poderes estão sob extensa experimentação pela comunidade terrisana e não são divulgados a estrangeiros.

Deve-se observar que a reprodução entre feruquemistas e a população geral diluiu o poder em alguns aspectos. Atualmente, é comum as pessoas nascerem com acesso a apenas uma das dezesseis capacidades feruquêmicas. Levanta-se a hipótese de que, se alguém pudesse fazer mentes de metal a partir das ligas com os Metais Divinos, outras capacidades poderiam ser descobertas.

A Hemalurgia é bastante desconhecida no mundo moderno de Scadrial. Seus segredos foram mantidos por aqueles que sobreviveram ao renascimento do mundo, e os únicos praticantes conhecidos agora são os kandra, que, na maior parte das vezes, servem a Harmonia.

A hemalurgia é uma arte de fim negativo, pois um tanto do poder se perde na sua prática. Embora muitos através da história a tenham demonizado como uma arte maligna, nenhuma das investiduras é realmente maligna. Em sua essência, a hemalurgia lida com capacidades — ou atributos — retiradas de

uma pessoa e concedidas a outras. Seu foco principal são elementos do reino Espiritual, o que atrai muito do meu interesse. Se uma das três artes é de grande interesse para a Cosmere, é esta. Acredito que existem grandes possibilidades para seu uso.

COMBINAÇÕES

Em Scadrial, é possível nascer com habilidades de acessar tanto a Alomancia como a Feruquemia. Isso tem sido de grande interesse para mim ultimamente, já que as misturas dos diferentes tipos de investaduras têm efeitos curiosos. Basta olhar para o ocorrido em Roshar para percebê-lo — dois poderes combinados com frequência causam uma reação quase química. Em vez de ter exatamente o que foi colocado, consegue-se algo novo.

Em Scadrial, alguém com um poder alomântico e um poder feruquêmico é chamado “Duplonato”. Os efeitos aqui são mais sutis do que em Roshar, mas estou convencido de que cada combinação também cria algo distinto. Não só dois poderes, pode-se dizer, mas dois poderes... e um efeito. Isso exige mais estudos.

TABELA DE REFERÊNCIA RÁPIDA DE METAIS

METAL	PODER ALOMÂNTICO	PODER FERUQUÊMICO
 <i>Ferro</i>	<i>Puxa fontes de metais próximas</i>	<i>Armazena peso físico</i>
 <i>Aço</i>	<i>Empurra fontes de metais próximas</i>	<i>Armazena velocidade física</i>
 <i>Estanho</i>	<i>Amplia sentidos</i>	<i>Armazena sentidos</i>
 <i>Peltre</i>	<i>Amplia habilidades físicas</i>	<i>Armazena força física</i>
 <i>Zinco</i>	<i>Tumultua (inflama) emoções</i>	<i>Armazena velocidade mental</i>
 <i>Latão</i>	<i>Abranda (atenua) emoções</i>	<i>Armazena calor</i>
 <i>Cobre</i>	<i>Esconde pulsos alomânticos</i>	<i>Armazena memórias</i>
 <i>Bronze</i>	<i>Permite ouvir pulsos alomânticos</i>	<i>Armazena prontidão</i>
 <i>Cádmio</i>	<i>Reduz a velocidade do tempo</i>	<i>Armazena fôlego</i>
 <i>Curvaliga</i>	<i>Aumenta a velocidade do tempo</i>	<i>Armazena energia</i>
 <i>Ouro</i>	<i>Revela o eu passado</i>	<i>Armazena saúde</i>
 <i>Electrum</i>	<i>Revela o eu futuro</i>	<i>Armazena determinação</i>
 <i>Cromo</i>	<i>Esvazia as reservas alomânticas do alvo</i>	<i>Armazena sorte</i>

 Nicrosil	Fortalece o consumo alomântico do alvo	Armazena investidura
 Alumínio	Esvazia as reservas alomânticas internas	Armazena identidade espiritual
 Duralumínio	Fortalece o próximo metal queimado	Armazena conexão espiritual

LISTA DE METAIS

AÇO: *Brumosos Lançamoedas* queimam aço e podem empurrar fontes de metais próximas. Os empurrões precisam ser para longe do centro de gravidade do Lançamoedas. *Ferumosos Corredores de Aço* podem armazenar velocidade física numa mente de metal de aço, tornando-os mais lentos enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua velocidade.

ALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima alumínio instantaneamente metaboliza todos os seus metais sem nenhum efeito, esvaziando suas reservas alomânticas. *Brumosos* que queimam alumínio são chamados de *Mosquitos de Alumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Verdadeiros* podem armazenar sua noção espiritual de identidade numa mente de metal de alumínio. Essa é uma arte raramente comentada fora das comunidades terrisanas e, mesmo entre elas, ainda não é bem compreendida. O alumínio e algumas de suas ligas são inertes alomanticamente; não podem ser empurrados ou puxados e podem ser usados para proteger um indivíduo de Alomancia emocional.

BRONZE: *Brumosos Buscadores* queimam bronze para “ouvir” os pulsos emitidos por outros alomânticos que estejam queimando metais. Diferentes metais produzem diferentes pulsos. *Ferumosos Sentinelas* podem armazenar prontidão numa mente de metal de bronze, o que os deixa sonolentos enquanto armazenam. Podem drenar a mente de metal mais tarde para reduzir a sonolência ou aumentar sua percepção.

CÁDMIO: *Brumosos Pulsadores* queimam cádmio para alterar a passagem do tempo em uma bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais devagar dentro da bolha. Isso faz com que os eventos fora da bolha ocorram a uma velocidade estonteante do ponto de vista do Pulsador. *Ferumosos Ofegantes* podem armazenar fôlego dentro de uma mente de metal de cádmio; durante a armazenagem, precisam hiperventilar para seus corpos conseguirem ar suficiente. O fôlego pode ser recuperado mais tarde, eliminando ou reduzindo a necessidade de respirar pelos pulmões enquanto drenam suas mentes de metal. Também podem oxigenar muito seu sangue.

COBRE: *Brumosos Nuvens de Cobre*, também conhecidos como *Esfumaçadores*, queimam cobre para criar uma nuvem invisível ao redor de si, impedindo que os alomânticos próximos sejam detectados por um Buscador e protegendo indivíduos próximos dos efeitos da Alomancia emocional. *Ferumosos Arquivistas* podem armazenar lembranças numa mente de metal (mente de cobre); a lembrança desaparece da cabeça enquanto estiver em armazenagem e pode ser recuperada com perfeição mais tarde.

CROMO: *Brumosos Sugadores* que queimam cromo enquanto tocam em outro alomântico limpam as reservas desse alomântico. *Ferumosos Fiandeiros* podem armazenar sorte numa mente de metal de cromo, deixando-os sem sorte durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para aumentá-la.

CURVALIGA: *Brumosos Deslizantes* queimam curvaliga para comprimir o tempo em uma bolha ao redor de si, fazendo com que ele avance mais rapidamente dentro da bolha. Isso faz com que os eventos

fora da bolha aconteçam lentamente do ponto de vista do Deslizante. *Ferumosos Absorvedores* podem armazenar nutrientes e calorias numa mente de metal de curvaliga; podem comer grandes quantidades de comida durante a armazenagem sem se sentirem cheios ou ganhar peso e não precisam comer ao drenar a mente de metal. Uma mente de metal de curvaliga pode ser usada para regular ingestão de fluidos da mesma maneira.

DURALUMÍNIO: um Nascido da Bruma que queima duralumínio instantaneamente queima quaisquer outros metais que estejam sendo usados no momento, liberando uma enorme explosão de poder. Brumosos que queimam duralumínio são chamados de *Mosquitos de Duralumínio*, pela ineficácia de sua capacidade. *Ferumosos Conectores* podem armazenar conexão espiritual numa mente de metal de duralumínio, reduzindo sua consciência do próximo e capacidade de amizade durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para estabelecer relacionamentos de confiança rapidamente com outras pessoas.

ELECTRUM: *Brumosos Oráculos* queimam electrum para ter uma visão de possíveis futuros. Em geral, o efeito é limitado a apenas poucos segundos. *Ferumosos Pináculos* podem armazenar determinação numa mente de metal de electrum, entrando num estado depressivo durante a armazenagem, e drená-la mais tarde para entrar em uma fase maníaca.

ESTANHO: *Brumosos Olhos de Estanho* queimam estanho para aumentar a sensibilidade dos seus cinco sentidos. Todos são fortalecidos ao mesmo tempo. *Ferumosos Sussurradores de Vento* podem armazenar a sensibilidade de um dos cinco sentidos numa mente de metal de estanho; deve ser usada uma mente de metal de estanho diferente para cada sentido. Enquanto o ferumoso armazena, a sensibilidade daquele sentido fica reduzida, e, quando a mente de metal é drenada, esse sentido se fortalece.

FERRO: *Brumosos Atraidores* que queimam ferro podem puxar fontes de metais próximas. Os puxões devem ser direcionados para o centro de gravidade do Atraidor. *Ferumosos Depuradores* podem armazenar peso físico em uma mente de metal de ferro, reduzindo seu peso efetivo enquanto armazenam ativamente, e podem drená-la mais tarde para aumentar seu peso efetivo.

LATÃO: *Brumosos Abrandadores* queimam latão para abrandar (atenuar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Abrandador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Almaquente* podem armazenar calor numa mente de metal de latão, resfriando-se enquanto armazenam. Eles podem drenar a mente de metal mais tarde para se aquecer.

NICROSIL: *Brumosos Nicroestouro* que queimam nicrosil enquanto tocam em outro alomântico instantaneamente exaurem quaisquer metais que estejam sendo queimados por aquele alomântico, liberando uma explosão enorme (e talvez inesperada) do poder daqueles metais. *Ferumosos Portadores de Alma* podem armazenar investidura numa mente de metal de nicrosil. Esse é um poder que poucos conhecem; de fato, tenho certeza de que o povo terrisano não sabe realmente o que está fazendo quando usa esse poder.

OURO: *Brumosos Adivinhos* queimam ouro para ter uma visão do próprio passado ou de quem seriam se tivessem feito escolhas diferentes. *Ferumosos Criassangue* podem armazenar saúde numa mente de metal de ouro, reduzindo sua saúde enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para se curar rapidamente ou além das capacidades normais do corpo.

PELTRE: *Brumosos Braços de Peltre*, também conhecidos como *Brutamontes*, queimam peltre para aumentar força física, velocidade e resistência, também fortalecendo a capacidade de cura do corpo. *Ferumosos Brutos* podem armazenar força física numa mente de metal de peltre, reduzindo sua força enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para aumentar sua força.

ZINCO: *Brumosos Tumultuadores* queimam zinco para tumultuar (inflamar) as emoções de indivíduos próximos. Esse efeito pode ser direcionado a um único indivíduo ou a vários, e o Tumultuador pode se concentrar em emoções específicas. *Ferumosos Faiscadores* podem armazenar velocidade mental numa mente de metal de zinco, embotando sua capacidade de pensar e raciocinar enquanto armazenam, e drená-la mais tarde para pensar e raciocinar mais rapidamente.

1ª edição
papel de miolo
papel de capa
tipografia
gráfica

Novembro de 2017
Pólen Soft 70g/m²
Cartão Supremo 250g/m²
Minion Pro

BRANDON SANDERSON

creceu em Lincoln, Nebraska. Atualmente mora em Utah com a esposa e os filhos e dá aula de escrita criativa na Brigham Young University. Além de ter concluído a série "A Roda do Tempo", de Robert Jordan, ele inovou a literatura fantástica ao criar a Cosmere, a galáxia onde se passam muitos de seus livros – entre eles, a série "Mistborn", no planeta Scadrial. Em 2013, Sanderson ganhou o Hugo Awards por "The Emperor's Soul", um conto passado em Sel, o mesmo planeta de *Elantris*, seu aclamado primeiro livro – também publicado pela editora LeYa.

www.brandonsanderson.com



Buscar mitos não é trabalho para um homem da lei, mas Wax terá de enfrentá-los se quiser manter Scadrial em harmonia

Trezentos anos se passaram e Scadrial se modernizou: ferrovias foram construídas, a eletricidade chegou e as brumas agora passeiam por uma nova paisagem, coberta por aranha e céus de aço.

Nesse novo cenário, Kelsier, Vin, Fantasma, Brisa e todos os outros personagens de *"Mistborn – Nascidos da Bruma"* se tornaram lendas, mitos e até mesmo objetos de veneração. Embora a ciência e a tecnologia tenham atingido novos patamares, a Alomancia e a Feritagem ainda são ferramentas cruciais nesse mundo – sobretudo para aqueles que desejam estabelecer ordem e justiça.

Em *Os Braçeteiros da Penitência*, uma onda de protestos das cidades externas contra a corrupção e a opressão de Elendel promete descambar para a guerra civil, e Wax se vê obrigado a encontrar as míticas mentes de metal do Senhor Soberano para impedir que esse poder caia em mãos erradas e Scadrial seja governado novamente por um tirano imortal.

"Sanderson está criando uma saga muito bem pensada com *'Mistborn'*. Seu sistema de magia é muito detalhado, e o mundo, embora ainda não tenha sido completamente revelado, tem uma lógica real. Os personagens são um reflexo de ambos."
– *SFF World*

"Altamente recomendável para qualquer pessoa ávida por uma boa leitura."
Robin Hobb



omelete.com.br



Índice

[CAPA PÁGINA](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[PÁGINA DIREITOS AUTORAIS](#)

[SUMÁRIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

EPÍLOGO

POST-SCRIPTUM

ARS ARCANUM

Índice

[CAPA PÁGINA](#)

[PÁGINA DE TÍTULO](#)

[PÁGINA DIREITOS AUTORAIS](#)

[SUMÁRIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

EPÍLOGO

POST-SCRIPTUM

ARS ARCANUM